

WILBUR
SMITH



O DESTINO DO
CAÇADOR

 Planeta



WILBUR SMITH



O DESTINO DO CAÇADOR

 Planeta

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



*Dedico este livro a minha mulher, Mokhiniso,
o que de melhor já me aconteceu.*

Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)



Dia 9 de agosto de 1906 foi a data do quarto aniversário da coroação de Eduardo VII como rei do Reino Unido e dos Domínios Britânicos e imperador da Índia. Por coincidência, era também o décimo nono aniversário de um dos súditos mais leais de Sua Majestade real, o segundo tenente Leon Courtney, da Companhia C, 3 Batalhão, 1 Regimento — os Rifles Africanos do Rei, ou KAR, como era mais conhecido. Leon passava seu aniversário caçando rebeldes nandis ao longo da escarpa do vale da Grande Fenda Africana¹, bem no interior da joia do império, a África Oriental Britânica.

Os nandis eram um povo belicoso, acostumado a se insurgir contra a autoridade. Nos últimos dez anos haviam se envolvido em rebeliões esporádicas, desde que seu feiticeiro e curandeiro profetizara que uma grande cobra negra atravessaria suas terras soprando fogo e fumaça e levando a morte a toda a tribo. Quando a administração britânica da colônia começou a construir a estrada de ferro, projetada para se estender do porto de Mombaça, no oceano Índico, às margens do lago Vitória, a mais de mil quilômetros da costa, os nandis viram nisso o cumprimento da terrível profecia, e a chama da insurreição voltou a se acender. E mais se inflamava à medida que os trilhos se aproximavam de Nairóbi, para daí se estender para oeste pelo vale da Grande Fenda, atravessando as terras dos nandis em direção ao lago Vitória.

Quando o coronel Penrod Ballantyne, o oficial que comandava o regimento KAR, recebeu o despacho do administrador da colônia informando — o de que a tribo se rebelara outra vez e estava atacando postos avançados do governo ao longo da projetada estrada, comentou, exasperado:

— Bem, acho que simplesmente teremos de dar-lhes outra boa surra.

— E ordenou que o 3º Batalhão deixasse suas barracas no quartel em Nairóbi e fizesse exatamente isso.

Se tivesse escolha, Leon Courtney se dedicaria a outros afazeres nesse dia. Ele conhecia uma jovem senhora cujo marido recentemente havia sido morto por um leão selvagem em sua barraca nas colinas Ngong, a poucos quilômetros da nova capital, Nairóbi. Por ser exímio cavaleiro e excelente batedor, Leon fora convidado a ser o jogador número um do time de polo do marido. Naturalmente, dada sua patente de subalterno, não tinha condições de bancar vários cavalos, mas alguns membros do clube mais abonados estavam contentes por patrociná-lo. Como membro da equipe do falecido marido da jovem, Leon tinha certos privilégios, ou assim pensava.

Passado um tempo conveniente, depois que a jovem viúva já se havia recuperado dos momentos mais difíceis, ele foi até sua barraca para apresentar-lhe suas condolências e respeito. Ficou satisfeito ao constatar que ela havia superado muito bem a perda. Mesmo na viuvez, Leon a achou mais atraente do que qualquer mulher que conheceria.

⁽¹⁾A Grande Fenda Africana (em inglês, Great Rift Valley) é uma imensa sucessão de falhas tectônicas criada há cerca de 35 milhões de anos com a separação das placas tectônicas africana e arábica. No sentido norte-sul, estende-se por 6.400 quilômetros, a partir do Oriente Próximo (vale do Jordão, entre a Síria e Israel, na Ásia), percorrendo boa parte do leste do continente africano, do Egito, ao norte, até o centro de Moçambique. Tem entre 30 e 100 quilômetros de largura, e sua profundidade varia de algumas centenas a milhares de metros. Em meio ao complexo do vale da Grande Fenda está situado o lago Vitória, o segundo maior reservatório natural de água potável do mundo, cujas águas banham o Quênia, Uganda e a Tanzânia, e que constitui uma das nascentes do rio Nilo. (N. E.)

Quando Verity O'Hearne — era esse seu nome — olhou para aquele rapaz forte, usando seu melhor uniforme, o chapéu com a insígnia do leão e a presa de elefante do regimento e as botas de cavalgar brilhantes, viu em seu rosto agradável e no olhar meigo uma inocência e vivacidade que despertaram nela certo instinto feminino que, a princípio, considerou maternal. Na ampla e fresca varanda da fazenda, ela lhe serviu chá e torradas com patê de fina qualidade. No início, Leon estava se sentindo meio acanhado e tímido, mas ela, gentil e hábil, o fez ficar à vontade, falando com um sotaque irlandês que o encantou. O tempo passou com incrível rapidez. Quando ele se levantou para sair, ela o acompanhou até os degraus da entrada da casa e estendeu-lhe a mão em despedida.

— Por favor, tenente Courtney, quando estiver pelas imediações, venha me visitar novamente. Às vezes acho a solidão uma carga pesada. — Sua voz era baixa e delicada, e sua mão pequena, suave como seda.

As obrigações de Leon, como o oficial mais jovem do batalhão, eram muitas e árduas, por isso passaram-se quase duas semanas até que ele pudesse aceitar o convite. Depois do chá, ela o levou para o interior da casa para lhe mostrar os rifles de caça do marido, que pretendia vender.

— Meu marido me deixou com pouco dinheiro, por isso — disse com tristeza — me sinto forçada a achar um comprador para eles. Espero que você, como militar, possa me dar alguma ideia de seu valor.

— Apreciaria muito ajudá-la naquilo que puder, senhora O'Hearne.

— Você é muito gentil. Sinto que é meu amigo e que posso confiar inteiramente em você.

Ele não conseguiu encontrar palavras para lhe responder. Em vez disso, olhou

submisso para seus grandes olhos azuis, porque a essa altura já estava sob o domínio dela.

— Posso chamá-lo de Leon? — perguntou e, antes que ele pudesse responder, explodiu em fortes soluços. — Oh, Leon, estou desolada e tão sozinha! — queixou-se e caiu nos braços dele.

Ele a segurava junto ao peito. Parecia ser esse o único jeito de consolá-la. Tão leve quanto uma boneca, ela encostou a bela cabeça em seus ombros, retribuindo seu abraço com entusiasmo. Mais tarde, ele tentou relembrar exatamente o que se passara em seguida, mas tudo o que lhe vinha à mente era uma névoa de enlevo. Não conseguia se lembrar de como haviam chegado ao quarto dela. A cama enorme era de metal bem trabalhado, e, enquanto estavam ali deitados juntos no colchão de penas, a jovem viúva lhe deu uma visão do paraíso, mudando para sempre o eixo em torno do qual girava sua vida.

Agora, passados muitos meses, no calor estonteante do vale da Grande Fenda, enquanto ele conduzia seu destacamento de sete ascaris, tropa recrutada nas tribos locais, em formação aberta à baioneta calada, através da exuberante plantação de bananas que circundava os edifícios do quartel-general do comissário do distrito de Niombi, Leon pensava menos em seus deveres do que nos seios de Verity O'Hearne.

A seu lado esquerdo, o sargento Manyoro estalou a língua. Leon bruscamente saltou dos aposentos de Verity para o presente e enrijeceu-se diante do aviso disfarçado. Sua mente estava vagando, e ele descuidara de seu dever. Cada nervo de seu corpo ficou tenso como se fosse uma linha de pescar puxada por um pesado marlim nas águas de um azul profundo do canal de Pemba. Levantou a mão direita ordenando uma parada, e a fila de ascaris se deteve. Olhou com o canto dos olhos para o sargento.

Manyoro era um morani do povo massai. Um belo membro dessa tribo, media mais de um metro e oitenta de altura e, ao mesmo tempo, era tão magro e elegante como um toureiro, ostentando com elegância seu uniforme cáqui e o fez com penacho: um guerreiro africano de cima a baixo. Ao sentir os olhos de Leon em si, levantou o queixo.

Leon acompanhou o gesto e viu os abutres. Havia apenas dois, de asas estendidas acima dos telhados da boma, o escritório da administração governamental de Niombi.

— Merda! Droga! — sussurrou Leon. Por ora, não esperava enfrentar problemas, já que a área da insurreição fora referida a mais de cem quilômetros a oeste. Os postos avançados do governo estavam fora dos limites tradicionais das terras dos nandis. Aquilo era território massai. As ordens que recebera eram para simplesmente reforçar a boma do governo com os poucos homens de que dispunha, para evitar que a insurreição pudesse ultrapassar os limites das terras da tribo. E parecia ser isso

que estava acontecendo.

O comissário do distrito de Niombi era Hugh Turvey, que Leon conhecera no Natal anterior, acompanhado da esposa, no baile do Clube dos Colonos de Nairóbi. Ele era apenas quatro ou cinco anos mais jovem que Leon, mas sozinho tomava conta de um território do tamanho da Escócia. Já conquistara a reputação de homem durão e não ia permitir que sua boma fosse surpreendida por um grupo de rebeldes selvagens. Mas as aves sobrevoando em círculo eram mau agouro, um prenúncio de morte.

Leon acenou com a mão para que seus ascaris carregassem as armas, o que eles fizeram quase sem ruído, enquanto os projéteis .303 eram introduzidos nas culatras dos Lee-Enfields de cano longo. A outro sinal de mão, todos avançaram, cautelosamente, em formação de escaramuça.

Apenas duas aves, pensou Leon. Poderia haver mais se... Leon ouviu um forte bater de asas, e outro abutre se elevou de trás da cortina de bananeiras. Um arrepio de medo o perpassou. Se as aves haviam descido ali, era porque havia carne em algum lugar. E carne morta.

De novo fez sinal de alto. Cutucou Manyoro de leve e se adiantou alguns passos, enquanto o outro o seguia. Embora seus movimentos fossem cuidadosos e silenciosos, assustaram aqueles comedores de carniça. Sozinhos e em grupos, eles subiam, açoitando com as asas o céu azul, para se juntar à nuvem formada pelos outros que voavam em círculo.

Leon seguiu até um pouco depois da última bananeira e parou novamente à margem do pátio de manobras a céu aberto. Mais à frente, as paredes de barro seco da boma brilhavam com sua cobertura de cal. A porta da frente do edifício principal estava inteiramente aberta. Na varanda e no chão de argila do pátio endurecido pelo calor, esparramavam-se móveis quebrados e documentos oficiais do governo. A boma fora saqueada.

⁽²⁾ Lança curta e delgada usada como arma de arremesso. (N. E.)

Hugh Turvey e a mulher, Helen, jaziam estendidos ali, de braços e pernas abertos. Estavam nus, e o cadáver de sua filha de cinco anos estava a poucos passos deles. Fora apunhalada no peito com uma assegai nandi de lâmina larga⁽²⁾. O corpo frágil sangrara através do ferimento profundo, fazendo que sua pele branca como o sal brilhasse à luz do sol. Os pais haviam sido crucificados. Seus pés e mãos haviam sido atravessados por estacas de madeira afiadas, cravadas no chão de barro.

Então os nandis acabaram aprendendo algo com os missionários, pensou Leon com amargura. Olhou atenta e demoradamente em torno do pátio, procurando algum sinal de que os atacantes ainda poderiam estar por perto. Depois de constatar que já não estavam por ali, adiantou-se, caminhando com cuidado por entre os restos do saque. Ao chegar mais perto dos corpos, viu que Hugh havia sido cruelmente emasculado e que os seios de Helen haviam sido cortados fora. Os abutres haviam alargado os ferimentos. As mandíbulas de ambos os cadáveres estavam bem abertas, forçadas por pedaços de madeira. Leon parou ao se aproximar, fixando neles os olhos.

— Por que os forçaram a abrir a boca? — perguntou em suaíli, quando o sargento se aproximou por trás dele.

— Eles os afogaram — respondeu Manyoro no mesmo idioma. Leon viu então que o chão sob a cabeça de ambos estava mais escuro, como se algum líquido tivesse se derramado ali e secado. Em seguida, notou que suas narinas haviam sido tampadas com bolinhas de barro... Deviam ter sido forçados a dar os últimos alentos pela boca.

— Afogaram? — disse Leon, sacudindo a cabeça, sem entender. De repente, percebeu o forte cheiro de amoníaco da urina. — Não!

— Sim — confirmou Manyoro. — É isso que os nandis fazem com os inimigos. Urinam em sua boca até que se afoguem. Os nandis não são homens. São macacos — disse, sem disfarçar o desprezo tribal.

— Gostaria de achar quem fez isso — acrescentou Leon, enquanto o nojo era substituído pela cólera.

— Vou encontrá-los. Não devem estar longe.

Afastando os olhos da repugnante carnificina, Leon dirigiu o olhar para o alto, na direção da escharpa que se elevava uns trezentos metros acima deles. Levantou o chapéu e enxugou o suor da testa com as costas da mão que segurava o revólver. Controlando a emoção com esforço visível, olhou novamente para baixo.

— Primeiro precisamos enterrar essas pessoas — disse a Manyoro. — Não podemos deixar que sejam comidas pelos corvos.

Com cuidado, inspecionaram os prédios e descobriram que estavam vazios, indicando que o pessoal do governo havia fugido ao primeiro indício de problema. Depois Leon mandou que Manyoro e três ascaris verificassem cuidadosamente a plantação de bananas e garantissem o perímetro em torno da boma.

Enquanto se ocupavam disso, ele foi aos aposentos particulares dos Turveys, uma cabana pequena atrás do bloco dos escritórios. O local também havia sido saqueado, mas ele encontrou uma pilha de lençóis num balcão que passara despercebido aos saqueadores. Pegou alguns e levou-os para fora. Retirou as estacas com que haviam cravado os Turveys no chão e depois tirou-lhes as cunhas da boca. Alguns dentes

estavam quebrados, e os lábios, esmagados. Leon molhou o lenço com a água do cantil e limpou-lhes o sangue e a urina seca do rosto. Tentou trazer os braços para a posição normal, mas a rigidez cadavérica os deixara endurecidos. Envolveu então os corpos nos lençóis.

A terra do bananal era mole e estava úmida por causa da recente chuva. Enquanto ele e alguns ascaris montavam guarda para impedir um novo ataque, outros quatro foram cavar uma cova única para enterrar a família.

No alto da escarpa, bem abaixo da linha do horizonte e escondidos da vista por trás de alguns arbustos, três homens se apoiavam em lanças de guerra, equilibrando-se numa perna só, em pose de cegonha descansando. A sua frente, o fundo do vale da Grande Fenda era uma imensa planície, um extenso campo marrom salpicado de moitas de arbustos e acácias. Apesar de sua aparência seca, a vegetação local era um alimento agradável para os massais, que levavam o gado de longos chifres e corcova para ali pastar. No entanto, desde a rebelião dos nandis, passaram a levar o gado para outro local mais seguro, bem mais distante, ao sul. Os nandis eram famosos ladrões de gado.

Haviam deixado essa parte do vale para os animais selvagens, que se juntavam em grandes grupos pela planície, até onde a vista podia alcançar. A certa distância, as zebras eram tão cinzentas quanto a nuvem de pó que levantavam ao galopar nervosamente ao pressentir algum perigo; os antílopes kongonis, os gnus e os búfalos eram manchas escuras sobre a paisagem dourada. Os longos pescoços das girafas elevavam-se como postes de telégrafo acima das copas achatadas das acácias, enquanto os antílopes eram etéreas manchas cremosas que dançavam e brilhavam ao calor. Aqui e ali montes do que parecia rocha vulcânica preta se movimentavam por entre os animais de menor porte, como barcos no mar atravessando um cardume de sardinhas. Eram os poderosos paquidermes — rinocerontes e elefantes.

A cena, tão primitiva quanto impressionante, era uma visão habitual para aqueles três que a observavam das alturas. Seu interesse se concentrava no pequeno conjunto de prédios bem abaixo deles. Um riozinho que nascia ao pé da elevação mantinha viva a vegetação que circundava os edifícios da boma do governo.

O mais velho deles usava um saiote feito de rabos de leopardo e um gorro da mesma pele preta com reflexos dourados. Esse era o traje do feiticeiro principal da tribo dos nandis. Arap Samoei era seu nome, e por dez anos ele liderara a rebelião contra os invasores brancos e suas máquinas infernais, que ameaçavam as terras sagradas de seu povo. O rosto e o corpo dos homens que o acompanhavam estavam pintados para a guerra: os olhos pintados de ocre avermelhado, um risco ao longo do nariz e as faces da mesma cor. O peito nu, pintado com cal queimada, tinha um desenho imitando a plumagem de uma galinha-d'angola. A saia era feita de couro de gazela, e os enfeites de cabeça, de pele de ginetá e de macaco.

— O mzungu e os massais, aqueles malditos cães sem dono, caíram na armadilha — disse Samoei. — Esperava mais, mas sete massais e um mzungu já são uma boa presa.

— O que estão fazendo? — perguntou a seu lado o capitão nandi, cobrindo os olhos para evitar a claridade intensa, enquanto espiava pela íngreme escarpa.

— Estão cavando um buraco para enterrar o lixo branco que deixamos para eles.

— Já é hora de levar a lança até eles? — quis saber o terceiro guerreiro.

— Este é o momento — respondeu o feiticeiro principal — mas reservem o mzungu para mim. Quero cortar suas bolas com minha própria arma. E com elas farei um remédio poderoso. — Tocou o cabo da machadinha escondida em seu cinturão de pelo de leopardo. Era uma faca com lâmina pequena e pesada, a arma favorita dos nandis no corpo a corpo. — Quando tirar sua virilidade, quero ouvi-lo uivar como um javali verruguento nas garras de um leopardo. Quanto mais alto gritar, mais forte será o remédio.

Voltou para o alto da enrugada parede de pedra e olhou para baixo. Seus guerreiros esperavam pacientemente, de cócoras, sobre a grama curta, várias fileiras deles. Samoei levantou o punho fechado, e os ímpis que estavam à espera se puseram de pé num salto, sem fazer o menor ruído que pudesse ser ouvido por sua presa.

— A fruta está madura! — gritou Samoei.

— Está pronta para o corte! — concordaram os guerreiros em uníssono.

— Vamos para a colheita!

A tumba estava pronta, só esperando para receber a oferenda. Leon inclinou a cabeça na direção de Manyoro, que por sua vez deu uma ordem silenciosa a seus homens. Dois deles pularam para dentro do buraco, e os outros lhes passaram os volumes embrulhados. Colocaram os dois maiores e de forma estranha no fundo da cova, com o menor encaixado entre eles, um reduzido e patético grupo unido para sempre na morte.

Leon tirou o chapéu de aba mole e caiu sobre um joelho à beira da tumba. Manyoro ordenou ao pequeno grupo de homens que se alinhassem atrás dele com os rifles inclinados. Leon começou a rezar o pai-nosso. Os ascaris não entendiam as palavras, mas conheciam seu significado, pois já as haviam ouvido muitas vezes diante de outros túmulos.

— Mas livrai-nos do mal, amém. — Ao terminar, Leon começou a se levantar, mas antes de ficar de pé o silêncio da quente tarde africana foi rompido pelo ruído ensurdecador de alarido e gritos. Agarrou a culatra do revólver Webley enfiado no largo cinturão militar de couro preso a uma correia de couro em diagonal e olhou rapidamente ao redor.

Da densa folhagem do bananal saiu uma multidão de corpos brilhando de suor.

Vinham de todo lado, correndo e saltando, brandindo as armas. A luz do sol lançava reflexos nas lâminas das lanças e das pangas. Faziam os escudos de couro soarem como tambores, batendo neles com os cacetetes, dando grandes saltos no ar enquanto corriam na direção do pequeno grupo de soldados.

— Aqui, perto de mim! — gritou Leon. — Fiquem perto de mim! Ataquem! Ataquem! Ataquem!

Os ascaris reagiram com precisão treinada, formando imediatamente um círculo fechado em volta de si, com os rifles prontos e as baionetas viradas para fora. Ao avaliar a situação, Leon viu que seu grupo estava totalmente cercado, exceto pelo lado mais próximo do prédio principal da boma. A formação nandi devia ter-se dividido ao cercá-los, deixando uma estreita brecha em sua linha.

— Comecem a disparar! — gritou Leon, e o ruído dos sete rifles quase foi abafado pelos golpes que davam nos escudos. Ele viu cair apenas um dos nandis, um chefe que vestia saiote e adorno de cabeça de pele de macaco. Sua cabeça caiu para trás, empurrada pela pesada bala de chumbo, e o impacto produziu uma nuvem de sangue na parte posterior de seu crânio. Leon sabia quem havia disparado aquele tiro. Manyoro era um atirador experiente, e Leon viu quando ele escolheu a vítima e depois deliberadamente apontou.

O ataque se descoordenou quando caiu o chefe, mas, depois de um zunido de raiva lançado da retaguarda por um feiticeiro vestido com pele de leopardo, os guerreiros se reorganizaram e voltaram ao ataque. Leon percebeu que esse feiticeiro talvez fosse o famoso líder da insurreição, Arap Samoei, em pessoa. Deu dois rápidos disparos, mas havia uma distância de mais de cinquenta metros, e o Webley de cano curto era uma arma de pequena distância. Nenhuma das balas teve efeito.

— Aqui! — gritou Leon de novo. — Cerrem fileiras! Sigamme! — Correndo, ele os conduziu direto para a estreita brecha na linha nandi, para dirigir-se ao prédio principal. O pequeno grupo de homens vestidos de uniforme cáqui já havia quase cruzado a linha antes que os nandis avançassem em tropel outra vez e os detivessem. Os dois grupos num instante se viram envolvidos num choque corpo a corpo.

— Ataquem com as baionetas! — berrou Leon, disparando o Webley no rosto que fazia caretas diante dele. Quando o homem caiu, apareceu outro imediatamente atrás dele. Manyoro afundou no peito dele sua longa baioneta prateada até a empunhadura e saltou por cima do corpo, arrancando-a ao continuar avançando. Leon o seguia de perto, e os dois mataram mais três com a lâmina e balas antes de fugir da multidão para alcançar as escadas da varanda. A essa altura, eram os únicos membros do grupo que ainda estavam de pé. Todos os demais haviam sido atravessados pelas lanças.

Leon subiu de três em três os degraus da varanda e entrou pela porta aberta no aposento principal. Manyoro fechou com força a porta atrás deles. Cada um ocupou

uma janela e continuaram disparando na direção dos nandis que os seguiam. Seus disparos foram tão letalmente precisos que em poucos segundos os degraus se cobriram de corpos. Abatidos, os que restaram retrocederam, para em seguida dar a volta e dispersar-se na plantação.

Leon continuava junto da janela recarregando o revólver enquanto os via distanciar-se.

— Quanta munição ainda lhe resta, sargento? — gritou para Manyoro, que também ficara na outra janela.

A manga da túnica de Manyoro fora rasgada por uma panga nandi, mas o ferimento era leve, tanto que ele nem lhe deu importância. A trava da culatra de seu rifle estava aberta, e ele a carregava.

— Estas são minhas últimas duas cargas, buana — respondeu ele — mas há muitas mais jogadas por aí — disse, olhando pela janela na direção das bandoleiras dos ascaris tombados no pátio de manobras. Estavam cercados de nandis seminus caídos.

— Temos de sair e recolhê-las antes que os nandis possam se reagrupar — disse Leon.

Manyoro fechou com um único movimento a trava da culatra do rifle e o apoiou no peitoril da janela.

Leon enfiou o revólver no coldre e foi se juntar a ele na entrada. Ficaram ali, tomando fôlego para recuperar as forças. Manyoro olhava para o rosto de Leon, que sorria. Era bom ter o alto massai a seu lado. Estavam juntos desde que Leon saíra da Inglaterra para ingressar no regimento. Isso se dera pouco mais de um ano antes, mas eles haviam estabelecido um relacionamento muito sólido.

— Está pronto, sargento? — perguntou.

— Sim, buana, estou.

— Rifles ao alto! — foi o grito de guerra do regimento lançado por Leon, abrindo a porta com ímpeto. Atravessaram-na correndo. Os degraus estavam escorregadios e cheios de cadáveres, por isso Leon saltou o muro baixo, caindo de pé, e continuou correndo.

Ao chegar perto do primeiro ascarí caído que encontrou, ele se ajoelhou. Rapidamente, desafivelou as correias da pesada bandoleira carregada de munição e a dependurou no ombro. De um salto, pôs-se então de pé e se encaminhou até o segundo homem. Antes de chegar junto dele, ouviu um forte e enfurecido murmúrio vindo da plantação de bananas. Leon o ignorou e se ajoelhou ao lado do segundo cadáver. Nem levantou a vista, até conseguir pendurar no ombro mais uma bandoleira. Incontinentemente, pôs-se de pé, enquanto os nandis voltavam a tomar o pátio de manobras.

— Volte — gritou para Manyoro, que também estava carregado de bandoleiras

cheias de munição. Leon se deteve por um instante para se apoderar do rifle de um ascari tombado, antes de correr para a parede da varanda, onde parou para olhar para trás por cima do ombro.

Manyoro estava alguns metros atrás dele, enquanto os nandis, a uns cinquenta metros, se aproximavam com rapidez.

— Quase me pisando nos calcanhares — grunhiu Leon. Então viu que um dos perseguidores preparava o pesado arco que trazia no ombro. Tratava-se de uma arma que usavam para caçar elefantes. Ele sentiu um arrepio na nuca. Os nandis eram arqueiros experientes. — Corra, maldição! Corra! — gritou para Manyoro ao ver o nandi tirar uma flecha longa, levantar o arco e levar aos lábios as penas da flecha. Em seguida, atirou-a, e ela voou para o alto e caiu, fazendo um arco silencioso. — Cuidado! — gritou Leon, mas o alerta foi inútil e a flecha, muito ligeira. Sem nada poder fazer, viu-a seguir certa na direção de Manyoro. — Meu Deus! — sussurrou Leon. — Por favor, meu Deus! —

Por um momento achou que a flecha não alcançara o alvo, pois caíra num ângulo muito inclinado, mas depois viu que ela ia atingir seu objetivo. Deu um passo para trás na direção de Manyoro e em seguida parou para olhar, impotente. Não viu onde penetrara a flecha, mas ouviu o som surdo da carne ao ser atravessada pela ponta de ferro. Manyoro se virou, com a flecha enterrada na parte superior da coxa. Ele tentou dar mais um passo, porém não conseguiu. Leon tirou do pescoço as bandoleiras e jogou-as, com o rifle que carregava, por cima do muro e pela porta aberta. Depois voltou. Manyoro se aproximava dele saltando num pé só, com a perna ferida pendurada e a haste da flecha balançando. Outra flecha foi lançada na direção deles, e Leon estremeceu quando o zumbido passou a poucos centímetros de sua orelha, para em seguida ir de encontro à parede da varanda.

Esticou os braços na direção de Manyoro e passou o braço direito em volta do torso do sargento, por baixo das axilas. Levantou-o e correu com ele, de costas para a parede. Leon se surpreendeu ao verificar que, apesar de tão alto, o massai era leve. Ele próprio era uns dez quilos de músculos mais pesado. Nesse momento, cada grama de seu corpo forte estava carregado com a força do medo e do desespero. Chegou à parede e fez que Manyoro passasse por ela, deixando que caísse do outro lado. Depois, de um salto, ele a pulou. As flechas continuaram zunindo e voando ao redor deles, mas Leon as ignorou, pegou Manyoro nos braços como se ele fosse um menino e passou pela porta aberta no exato momento em que o primeiro dos nandis que os perseguiam chegava à parede atrás deles.

Pôs Manyoro no chão e recolheu o rifle que havia recuperado do ascari morto. Enquanto voltava para a entrada, introduziu uma nova carga na culatra e com um tiro matou um nandi que estava se preparando para pular a parede. Rapidamente voltou a carregar e atirou outra vez. Quando o rifle se esvaziou, ele o deixou de lado e bateu

a porta. Ela era feita de painéis de mogno, com o sólido batente incrustado nas grossas paredes. Leon começou a tremer quando os nandis se jogaram contra ela. Tirou a pistola do coldre e deu dois disparos, que atravessaram os painéis. Um gemido de dor soou do outro lado e, em seguida, fez-se silêncio. Leon esperou que eles atacassem de novo. Podia ouvir os sussurros e sons de passos. Nesse instante, um rosto pintado apareceu em uma das janelas laterais. Leon fez pontaria, mas, antes que pudesse apertar o gatilho, de trás dele soou um tiro. A cabeça desapareceu.

Manyoro havia se arrastado pelo chão até onde estava o rifle que ele deixara junto da janela. Apoiado na perna boa, segurou-se no batente para se levantar. Disparou novamente pela janela, e Leon ouviu o ruído surdo de uma bala atingindo alguém e depois o som de outro corpo caindo na varanda.

— Morani! Guerreiro! — disse, quase sem fôlego, e Manyoro sorriu ante o próprio feito.

— Não deixe todo o trabalho para mim, buana. Vá para a outra janela!

Leon guardou a pistola no coldre, pegou o rifle vazio e correu com ele na direção da janela aberta, carregando-o... duas cargas, dez tiros. O Lee-Enfield era uma linda arma. Sentia-se à vontade com ela nas mãos.

Chegou à janela e disparou uma rajada de fogo rápido. Os disparos varreram o pátio completamente, fazendo que os nandis corressem para o bananal em busca de proteção. Manyoro foi deslizando devagar pela parede e se apoiou nela, com as pernas estendidas a sua frente; a perna ferida estava sobre a outra, para evitar que a haste da flecha encostasse no chão.

Depois de um último olhar para o pátio de manobras a fim de confirmar que nenhum inimigo estava voltando à socapa, Leon deixou a janela em que estava e aproximou-se do sargento. Ficou de cócoras diante dele e segurou a haste da flecha com cuidado. Manyoro fez uma careta de dor. Leon fez um pouco mais de pressão, mas a ponta de ferro permaneceu imóvel. Embora não emitisse nenhum som, o suor escorria pelo rosto do companheiro e pingava no peito de sua túnica de guerra.

— Não consigo tirá-la, por isso vou quebrar a haste e amarrá-la com uma correia — explicou Leon.

Manyoro olhou-o de modo inexpressivo por um bom tempo, depois sorriu, exibindo os dentes grandes, alinhados e brancos. Suas orelhas haviam sido furadas na infância, e os buracos distendidos, dos quais pendiam argolas de marfim, lhe davam um ar travesso.

— Rifles ao alto! — exclamou Manyoro, e sua imitação com sotaque da expressão preferida de Leon foi tão surpreendente, dadas as circunstâncias, que Leon deixou escapar uma gargalhada e, no mesmo instante, a haste da flecha se quebrou bem junto do ferimento aberto. Manyoro fechou os olhos, mas não deixou escapar dos lábios o menor som.

Leon encontrou ataduras de emergência no bolso da cartucheira que ele havia tirado do ascari e com elas enfaixou o toco de haste para impedir que se movimentasse. Em seguida voltou a se apoiar nos calcanhares para apreciar sua obra. Desenganchou o cantil do cinto, desenroscou a tampa e deu um grande gole; depois passou-o para Manyoro. O massai hesitou com delicadeza, já que um ascari não bebia do cantil de um oficial. Franzindo o cenho, Leon o empurrou para suas mãos.

— Beba — disse. — É uma ordem!

Manyoro inclinou a cabeça para trás e segurou o cantil no alto. Derramou a água diretamente na boca, sem tocá-lo com os lábios. Seu pomo de adão subia e descia ao engolir. Depois fechou o cantil e o devolveu a Leon.

— Doce como mel — disse.

— Sairemos assim que escurecer — informou Leon.

Manyoro ficou pensando nessas palavras por um momento.

— Por onde vamos?

— Pelo mesmo caminho pelo qual viemos — respondeu Leon, enfatizando o plural. — Temos de voltar para a linha férrea.

Manyoro estalou a língua.

— Do que está rindo, morani? — perguntou Leon.

— São quase dois dias de caminhada até a linha férrea — lembrou-lhe Manyoro. Sorrindo, sacudiu a cabeça e tocou a perna ferida num gesto significativo. — Quando tiver de ir, buana, irá sozinho.

— Está pensando em desertar, Manyoro? Você sabe que esse é um delito que se castiga com fuzilamento. — Parou de falar quando um movimento do outro lado da janela atraiu seu olhar. Pegou o rifle e deu três disparos na direção do pátio de manobras. Uma bala devia ter atingido alguém, porque imediatamente se ouviu um grito de dor e fúria. — Mandris e filhos de mandris — grunhiu Leon. Em suaíli o insulto soava bem. Pôs o rifle no colo para carregá-lo de novo. Sem levantar a vista, disse: — Eu o levarei.

Manyoro exibiu seu sorriso mais jocoso e perguntou cortesmente:

— Vai me levar durante dois dias, buana, com meia tribo nandi atrás de nós? Foi isso que o ouvi dizer?

— Quem sabe o engenhoso sargento tem um plano melhor — desafiou-o Leon.

— Dois dias! — admirou-se Manyoro. — Deveria chamá-lo de "Cavalo".

Ficaram em silêncio por um instante, depois Leon disse:

— Fale, sábio! Aconselhe-me.

Manyoro fez uma pausa e depois explicou:

— Estas terras não pertencem aos nandis. São terras de pastagem de meu povo. Esses traidores cães sarnentos invadem as terras dos massais.

Leon fez que sim com a cabeça. Seu mapa de campanha não mostrava nenhum desses limites. As ordens que recebera não deixavam claras essas divisões. Seus superiores talvez ignorassem os matizes das demarcações territoriais tribais, mas Leon havia feito com Manyoro longas patrulhas a pé por essas terras antes da eclosão dessa última rebelião.

— Já sei. Você me explicou isso. Agora me fale mais de seu plano, Manyoro.

— Se o senhor for à direção da estrada de ferro...

Leon o interrompeu:

— Você quer dizer se nós formos nessa direção.

Manyoro inclinou ligeiramente a cabeça em sinal de concordância.

— Se formos à direção da estrada de ferro, estaremos indo para as terras dos nandis. Vão se sentir mais fortes e nos fustigarão como uma manada de hienas. No entanto, se descermos pelo vale... — Manyoro, com o queixo, indicou o sul — estaremos entrando no território massai. Cada passo que deem para nos perseguir encherá de medo as tripas dos nandis. Não nos seguirão até muito longe.

Leon pôs-se a pensar nisso, mas depois balançou a cabeça com receio.

— No rumo sul só há terras desabitadas, e tenho de levá-lo a um médico antes que o ferimento da perna supure e seja preciso cortá-la.

— A menos de um dia de marcha moderada para o sul fica a manyatta de minha mãe — disse Manyoro.

Leon piscou, surpreso. De certo modo, nunca havia pensado em Manyoro como alguém que tivesse pais. Imediatamente se recompôs.

— Não está me ouvindo. Você precisa de um médico, de alguém que possa tirar essa flecha de sua perna, antes que ela o mate.

— Minha mãe é a médica mais famosa de toda esta região. Sua fama como feiticeira principal é conhecida do oceano aos grandes lagos. Salvou centenas de nossos moranis feridos de lança e flecha ou selvagememente atacados por leões. Ela tem remédios que os médicos brancos de Nairóbi nem imaginam. — Manyoro se recostou de novo na parede. Sua pele já estava com um brilho acinzentado, e o cheiro de seu suor, rançoso. Ficaram se olhando por um momento, após o qual Leon assentiu com um gesto.

— Muito bem. Iremos para o sul pelo Rift. Partiremos quando estiver escuro, antes que saia a lua.

Mas Manyoro se empertigou de novo e pôs-se a cheirar o ar sufocante, como um cão de caça reconhecendo um cheiro ao longe.

— Não, buana. Se formos, devemos ir imediatamente. Não está sentindo o cheiro?

— Fumaça! — sussurrou Leon. — Esses porcos vão nos forçar a sair com fogo. — Voltou a olhar pela janela. O pátio de manobras estava vazio, mas ele sabia que não apareceriam de novo por essa via. Não havia nenhuma janela na parede de trás

do prédio. Iam se aproximar por ali. Estudou as folhas das bananeiras mais próximas. Uma ligeira brisa fazia que balançassem. — Vento do leste — murmurou. — Isso nos convém. — Olhou para Manyoro. — Temos de levar pouca carga. Cada grama a mais contará. Vamos deixar os rifles e as bandoleiras. Levaremos uma baioneta e um cantil com água cada um. Isso é tudo. — Enquanto falava, pegou uma pilha de sacolas de lona que haviam salvado. Abotoou três cinturões para formar uma só alça, passou-a pela cabeça e ajeitou-a no ombro direito. Ia até abaixo de seu quadril esquerdo. Levou o cantil até o ouvido e o balançou. — Menos de metade. — Despejou em seu cantil o que havia de água nos outros que recolhera e depois encheu o de Manyoro. — A que não pudermos levar beberemos aqui.

Esvaziaram então o restante da água que havia nos outros frascos.

— Vamos, sargento, levante-se. — Leon pôs a mão sob a axila de Manyoro para ajudá-lo a se levantar.

O sargento manteve o equilíbrio sobre a perna saudável enquanto segurava o cantil e a baioneta na cintura. Nesse momento, alguma coisa pesada caiu com um ruído abafado no teto de palha acima de sua cabeça.

— Tochas! — Leon reconheceu-as imediatamente. — Chegaram à parte de trás do prédio e estão lançando fogo no telhado.

Ouviu-se outro ruído surdo no telhado, e o cheiro de queimado no local ficou mais forte.

— Temos de sair daqui — murmurou Leon, enquanto um escuro fio de fumaça se infiltrava através da janela; depois a brisa o levou em diagonal pelo pátio de manobras até a linha de árvores. Ouviam os distantes cantos e gritos excitados dos nandis, quando de repente a cortina de fumaça se espalhou, invadindo todo o aposento, de modo que não conseguiam ver mais nada além das mãos diante de si. O crepitar das chamas foi se transformando num rugido surdo que abafou a voz dos nandis, e a fumaça era quente e sufocante. Leon arrancou um pedaço da fralda de sua camisa e passou-a para Manyoro, ordenando: — Cubra o rosto! — Amarrou o lenço sobre o nariz e a boca. Em seguida, passou Manyoro por cima do batente da janela e o seguiu.

Manyoro se apoiou no ombro de Leon e num pé só saltava ao lado dele enquanto se aproximavam do muro. Leon o usou para se orientar na direção da varanda. Caíram nela e pararam para abrir caminho na densa fumaça. As labaredas do telhado giravam ao redor deles, queimando-lhes a pele exposta dos braços e pernas. Avançaram novamente, o mais rápido que podiam com Manyoro movendo-se numa perna só. Leon o seguia de perto. Ambos estavam se asfixiando com a fumaça, seus olhos ardiam, e as lágrimas escorriam por seu rosto. Refreavam o impulso de tossir, abafando-o com o pano que lhes cobria a boca. Logo, de repente, estavam entre as primeiras árvores do bananal.

A fumaça continuava densa, e eles seguiam às cegas seu caminho para diante, de baionetas prontas, esperando tropeçar no inimigo de um momento para outro. Leon percebeu que Manyoro já estava quase desmaiando. Desde que haviam deixado a boma, tinham avançado numa marcha de ritmo furioso que Manyoro, numa perna só, não conseguia manter. Já estava apoiando a maior parte de seu peso no ombro de Leon.

— Não podemos parar antes de estarmos suficientemente longe — sussurrou Leon.

— Numa perna só irei tão longe e rápido como o senhor em duas — disse Manyoro, gracejando.

— Será que o grande fanfarrão está disposto a apostar cem xelins nisso? — Mas, antes que o sargento pudesse responder, Leon apertou seu braço num aviso silencioso. Pararam, tentando ver além da fumaça, de ouvidos atentos. De novo ouviram o ruído. Mais à frente, alguém tossiu, uma tosse rouca. Leon tirou a mão de Manyoro de seu ombro e sussurrou: — Espere aqui.

Agachado, avançou, de baioneta no punho direito. Nunca matara um homem com uma lâmina, mas nos treinamentos o instrutor os havia feito exercitar os movimentos. Uma forma humana saltou à frente dele. Leon pulou para frente e usou o cabo da baioneta como manopla, golpeando o sujeito de um lado da cabeça com tal força que o homem caiu de joelhos. Com um braço, agarrou o nandi pelo pescoço, impedindo que qualquer som chegasse a seus lábios. Mas o nandi havia coberto todo o corpo com óleo de palmeira. Estava escorregadio como um peixe e lutava com selvageria. Quase conseguiu se livrar do braço de Leon, mas ele envolveu o corpo do nandi com a mão que segurava a baioneta e cravou a ponta dela abaixo de suas costelas, surpreso com a facilidade com que o aço entrava.

O nandi redobrou os esforços e tentou gritar, mas Leon apertou mais um pouco a sua garganta, amortecendo os ruídos que ele tentava emitir. A violenta resistência do moribundo fez que a lâmina se movesse dentro de sua cavidade torácica enquanto Leon a retorcia e empurrava. Não tardou para que o nandi tivesse uma convulsão, e de sua boca saía um jato de sangue vermelho-escuro, que salpicou o braço de Leon e fez que algumas gotas atingissem seu rosto. O nandi ainda fez um último esforço, mas logo seu corpo se afrouxou.

Leon o segurou por mais alguns segundos, para ter certeza de que estava morto, depois largou o corpo, empurrou-o e voltou ao local onde havia deixado Manyoro.

— Vamos — disse, com voz rouca, e recomeçaram a andar, com Manyoro agarrado nele, cambaleando e tropeçando.

De repente o chão afundou sob seus pés, e eles rolaram por um barranco íngreme até um riozinho pouco profundo. Ali a fumaça estava menos densa. Com certo alívio, Leon se deu conta de que eles haviam caminhado na direção certa: tinham

chegado à corrente de água que saía do manancial e corria para o sul da boma.

Ajoelhou-se na água e molhou o rosto, lavando os olhos, que ardiam, e o sangue do nandi que grudara em suas mãos. Em seguida, com muita sede, bebeu um pouco de água, assim como Manyoro. Leon enxaguou a boca e cuspiu o último gole. Sua garganta estava irritada por causa da fumaça.

Afastou-se de Manyoro e subiu até a parte mais alta da encosta, para tentar enxergar através da fumaça. Ouviu vozes, mas o som estava muito baixo, por causa da distância. Esperou alguns instantes até recuperar as forças e assegurar-se de que nenhum nandi se aproximava, seguindo suas pegadas; depois deslizou pela encosta até onde Manyoro estava sentado na água pouco profunda.

— Deixe-me ver sua perna. — Sentou-se junto do sargento e pôs a perna dele em seu colo. As ataduras de emergência estavam empapadas e cheias de barro. Tirou-as e imediatamente viu que a intensa atividade da fuga havia produzido danos. A coxa de Manyoro estava completamente inchada, a carne em volta do ferimento, dilacerada e escura, devido ao movimento da haste da flecha de um lado para outro. E continuava sangrando. — Que bela visão — murmurou entredentes, tocando de leve a parte de trás do joelho. Manyoro não se queixou, mas suas pupilas estavam dilatadas devido à dor que sentia enquanto Leon tocava a haste enfiada em sua carne.

Então Leon assoviou baixinho.

— O que há aqui? — No músculo fraco da coxa de Manyoro, bem acima do joelho, um corpo estranho estava alojado sob a pele. Leon explorou-o com o dedo indicador, e Manyoro estremeceu. — É a ponta da flecha! — exclamou em inglês, para depois voltar ao suaíli. Seguiu tocando a perna, de trás para frente.

Era difícil imaginar a imensa dor que Manyoro devia estar aguentando, e diante de tanto sofrimento Leon sentiu que não estava à altura das circunstâncias. Olhou para o céu. A densa fumaça estava se dissipando na brisa da tarde, e através dela ele podia ver a parte mais alta da escharpa refletindo os intensos raios do sol poente.

— Acho que nos livramos deles por ora, e logo vai escurecer — disse, sem olhar para o rosto de Manyoro. — Pode descansar um pouco. Vai precisar de força para a noite que nos aguarda. — Os olhos de Leon ainda ardiam por causa da fumaça. Fechou-os e apertou as pálpebras com força. Mas logo os abriu de novo. Ouviu vozes que vinham da direção da boma.

— Estão seguindo nossas pegadas! — sussurrou Manyoro, e eles se abaixaram na margem do rio. No bananal, os nandis falavam em voz baixa, como rastreadores de sangue, e Leon percebeu que seu otimismo de antes era infundado. Os perseguidores estavam seguindo as pegadas de suas botas. O peso duplo havia deixado um sinal bem visível na terra mole. Não havia nenhum lugar onde ele e Manyoro pudessem se esconder no leito do rio, de modo que Leon tirou do cinturão a baioneta e,

arrastando-se, subiu pela encosta até uma reentrância bem abaixo da borda, onde se escondeu. Se seus perseguidores olhassem para o rio lá embaixo e os descobrissem, estaria suficientemente perto para saltar sobre eles. Dependendo de quantos fossem, poderia silenciá-los antes que dessem um alarma geral e atraíssem o restante do grupo até eles. As vozes foram se aproximando. Parecia que eles estavam à beira da escarpa. Leon se encolheu, mas nesse momento ouviu-se um coro de gritos ao longe, vindos da direção da boma. Os homens que estavam ali em cima gritaram excitados, e Leon ouviu quando corriam de volta pelo mesmo caminho que os levara lá.

Leon deslizou pela escarpa até o local onde estava Manyoro.

— Esse foi quase o último lance do jogo — disse ele, enquanto enfaixava a perna ferida de novo.

— O que os teria feito voltar?

— Devem ter encontrado o cadáver do homem que matei. Mas isso não os deterá por muito tempo. Eles voltarão.

Ergueu Manyoro, pôs o braço direito dele sobre seu ombro e, erguendo-o um pouco e arrastando-o, levou-o até a outra margem do rio.

Aquela parada no leito da corrente de água havia melhorado o estado geral de Manyoro. A inatividade havia estreitado o ferimento e os músculos em torno dele. Quando Manyoro tentou sobrecarregá-los com seu peso, sua perna se dobrou, e ele teria caído se Leon não o tivesse segurado.

— A partir de agora, sim, você pode me chamar de "Cavalo" de fato. — Deu as costas a Manyoro, abaixou-se para que ele subisse nelas e o carregou. O sargento lançou um gemido de dor quando sua perna balançou livremente e se dobrou no joelho; depois se controlou e não emitiu mais nenhum som. Leon ajustou as correias das sacolas para adaptar um assento a tiracolo para ele, depois se endireitou, com Manyoro instalado no alto de suas costas, com as pernas para fora, como um macaco num pau. Leon se agarrou nelas como se fossem os braços de um carrinho de mão, para impedir qualquer movimento desnecessário; depois seguiu firme na direção do pé da escarpa. Ao sair da plantação irrigada para entrar no mato, a fumaça, que até esse momento os escondera, se dissipava em pálidas faixas cinza. De todo modo, o sol já estava baixo, mantendo o equilíbrio como uma bola de fogo acima do alto da escarpa, e a escuridão aumentava ao redor deles.

— Quinze minutos – sussurrou com voz rouca. — É tudo de que precisamos.

A essa altura já estavam no meio do mato que se estendia ao longo do pé da parede da escarpa, suficientemente espesso para proporcionar-lhes alguma proteção. O terreno tinha saliências e reentrâncias que não eram visíveis de longe. Com instinto e olhos de caçador e soldado, Leon as escolhia e usava para proteger seu difícil avanço. Quando a escuridão caiu sobre eles de modo reconfortante e o entorno imediato desapareceu nas trevas, sentiu que seu otimismo crescia. Parecia

que estavam livres de perseguidores, embora ainda fosse muito cedo para ter certeza disso. Deixou-se cair de joelhos no chão e depois girou para um lado, de modo a evitar movimentos bruscos para Manyoro. Durante algum tempo, nenhum dos dois falou nem se mexeu; depois, Leon lentamente se endireitou e desabotoou as correias para que Manyoro pudesse endireitar a perna ferida. Destampou o cantil e o passou para ele. Assim que ambos beberam, ele se estirou em toda a sua extensão. Cada músculo e tendão de suas costas e pernas parecia implorar por repouso.

— Isto é só o começo — disse para si mesmo de modo implacável — amanhã de manhã vamos realmente nos divertir.

Fechou os olhos, mas abriu-os de novo quando o músculo de sua panturrilha travou, numa dolorosa câibra. Endireitou-se e massageou a perna energicamente.

Manyoro tocou-lhe o braço.

— Eu o admiro, buana. O senhor é um homem de ferro. Mas não é estúpido, e seria uma grande estupidez se ambos morrêssemos aqui. Deixe-me o revólver e siga seu caminho. Eu ficarei aqui e matarei qualquer nandi que tente segui-lo.

— Olha o choramingo do sujeito! — grunhiu Leon. — Que tipo de donzela é você? Mal começamos e já quer se render. Suba nas minhas costas de novo, antes que cuspa em você aí mesmo onde está. — Sabia que sua raiva era exagero, mas estava assustado e dolorido.

Dessa vez levou mais tempo para instalar Manyoro no assento de correias. Durante mais ou menos os primeiros cem passos, Leon achou que suas pernas o haviam abandonado completamente. Em silêncio repetiu os insultos que dirigiu a Manyoro, só que agora os proferia para si mesmo. "Quem é o bastardo que está gemendo agora, Courtney?" Com toda a força da mente e da vontade, ignorou a dor e sentiu que as forças pouco a pouco lhe voltavam às pernas. "Um passo de cada vez", exortava-a a continuar em movimento. "Só mais um. Isso! Agora outro! E mais outro."

Sabia que se parasse para descansar nunca voltaria a recomeçar, e assim continuou, até que viu a lua crescente aparecer a leste do vale da Grande Fenda. Observou sua incrível caminhada pelo céu. Ela lhe indicava a passagem das horas com a clareza do som de um sino. As suas costas, Manyoro estava tão quieto quanto um homem morto, mas Leon sabia que ele estava vivo. Podia sentir o calor de seu corpo febril contra a própria pele empapada de suor.

Quando a lua se dirigiu para a alta parede escura da escarpa ocidental a sua direita, várias sombras surgiram sob as árvores. A mente de Leon começava a lhe pregar peças. Um leão de cabeleira escura saltou do mato direto para seu chapéu. Ele procurou o Webley e o apontou para o animal, mas, antes que fizesse pontaria com o cano curto, o leão já se havia transformado num montículo de térmitas. Inseguro, riu.

— Sujeito estúpido! Logo vai começar a ver duendes e fantasmas — exclamou.

Com o revólver na mão direita, avançava com dificuldade, enquanto os fantasmas apareciam e sumiam diante dele. Com a lua pendurada a meio caminho do céu, o que restava de sua força desapareceu como água por entre os dedos de uma mão aberta. Cambaleou e quase caiu. Precisou fazer um esforço muito grande para se sustentar de pé e recuperar o equilíbrio. Parou, com as pernas muito abertas e a cabeça pendendo. Estava exausto, no limite das forças.

Sentiu Manyoro se mexer em suas costas, e em seguida o massai começou a cantar. No início, Leon não conseguiu reconhecer as palavras, pois a voz de Manyoro era um suspiro entrecortado, leve como o amanhecer na pastagem da savana. Depois sua mente embotada pelo cansaço se lembrou das palavras da "Canção do leão". Leon pouco conhecia de maa, a língua dos massais. Manyoro lhe ensinara o pouco que sabia. Era uma língua difícil, sutil e complicada, muito diferente de qualquer outra. No entanto, Manyoro havia sido paciente, e Leon tinha aptidão para idiomas. A "Canção do leão" era ensinada aos jovens moranis massais durante a preparação para a circuncisão. Os iniciados a acompanhavam com uma dança sobre uma perna rígida, saltando a grande altura pelo ar, e faziam isso sem esforço, como um bando de aves levantando voo com sua shuka, uma espécie de capa vermelha que se abria em volta deles como asas.

Nós somos os jovens leões.

Quando bramimos, a terra treme. Nossas lanças são nossas presas. Nossas lanças são nossas garras. Temei-nos, bestas. Temei-nos, desconhecidos. Afastai vossos olhos de nosso rosto, mulheres. Não vos atreveis a olhar a beleza de nosso rosto. Somos os irmãos do orgulho do leão. Nós somos os jovens leões. Somos os massais.

Essa era a canção que os massais cantavam quando saíam para roubar gado e mulheres de tribos menores. Era a canção que cantavam quando saíam para demonstrar coragem caçando um leão apenas com uma afiada assegai nas mãos. Era a canção que lhes dava força na batalha. Era o hino de guerra dos massais. Manyoro recomeçou a cantar, e dessa vez Leon o acompanhou, tartamudeando baixo quando não conseguia se lembrar das palavras. Manyoro apertou seu ombro e sussurrou em seu ouvido:

— Cante! O senhor é um dos nossos. O senhor tem um coração de leão e a força de uma grande cabeleira negra. O senhor tem o estômago e o coração de um massai.

Prosseguiram cambaleando em direção ao sul. As pernas de Leon continuavam a se mexer, pois a canção era hipnotizante. Sua mente se movia, enlouquecida, entre a realidade e a fantasia. Sentiu que Manyoro, em suas costas, entrava em estado de coma. Continuou, aos tropeções, mas não estava só. Rostos amados e bem lembrados saíam da escuridão. O pai e os quatro irmãos estavam ali, impulsionando-

o para frente, mas quando se aproximava eles retrocediam e sua voz sumia. Cada passo lento e pesado reverberava até dentro de seu crânio, e às vezes esse era o único som. Em outros momentos, ouvia milhares de vozes que gritavam e ululavam, ao som de música de tambores e violinos. Tentou evitar a cacofonia, que o estava levando à beira da loucura.

Gritou para afugentar os fantasmas:

— Deixem-me em paz! Deixem-me passar!

E eles desapareceram. Leon seguiu em frente até que o sol começou a despontar acima da escarpa. De repente, suas pernas sumiram de baixo dele, e ele desabou como se tivesse levado um tiro na cabeça.

O calor do sol na parte de trás de sua camisa o picava, até que ele acordou, mas quando tentou levantar a cabeça ela se dissolveu numa vertigem, e ele não conseguia se lembrar de onde estava e nem de como havia chegado ali. Seus sentidos do olfato e audição o estavam enganando nesse momento. Achou que conseguia detectar o cheiro de vacas domésticas, o ruído de suas patas contra o solo duro, seus rugidos tristes. Depois ouviu vozes de rapazes chamando uns aos outros aos gritos. Quando um deles sorriu, o som era muito real para ser imaginação. Girou, separando-se de Manyoro, e, com enorme esforço, ergueu-se sobre um cotovelo. Sua visão estava nublada, e ele cerrou os olhos devido à luz intensa do sol brilhante e do pó.

Viu um grande rebanho de gado de várias cores, com corcova e grandes chifres. Os animais se locomoviam não longe do lugar onde ele e Manyoro estavam estendidos. Os rapazes também eram de verdade. Três juvenzinhos nus portando um bastão com o qual tocavam o gado. Eram cincuncidados, portanto deviam ser mais velhos do que aparentavam – teriam talvez entre treze e quinze anos. Gritavam uns com os outros na língua maa, mas ele não conseguia entender o que diziam. Fazendo outro esforço enorme, Leon se sentou. O rapaz mais alto viu esse movimento e parou de repente. Consternado, claramente a ponto de fugir, observou Leon, mas controlou o medo, como devia fazer um massai que já era quase um morani.

— Quem é você? — perguntou, brandindo o cajado de modo ameaçador, mas sua voz trêmula falhou.

Leon compreendeu as palavras simples e o desafio.

— Não sou um inimigo — respondeu com voz rouca — mas um amigo que está precisando de ajuda.

Os outros dois rapazes ouviram a voz estranha e pararam para examinar atentamente a aparição que se erguia do chão diante deles. O maior e mais valente deles deu um passo na direção de Leon; em seguida se deteve para olhá-lo com expressão séria. Fez outra pergunta em maa, mas Leon não entendeu. Como resposta, ele estendeu a mão para baixo e ajudou Manyoro a se sentar perto dele.

— Irmão! — disse. — Este homem é seu irmão!

O rapaz deu uns passos rápidos na direção deles e olhou atentamente para Manyoro. Depois virou-se para os companheiros e deu-lhes uma série de instruções, acompanhadas de gestos largos, que os fez disparar correndo pela savana. A única palavra que Leon entendeu foi "Manyoro!".

Os garotos se encaminharam para um conjunto de palhoças a menos de um quilômetro de distância. Tinham telhado de palha, no estilo massai, e em volta uma cerca de arbustos espinhosos. Era uma aldeia manyatta, um povo massai. A paliçada de troncos localizada a certa distância era o kraal, local onde era recolhido o gado à noite. O mais velho dos rapazes se aproximou então de Leon e ficou de cócoras diante dele. Apontou Manyoro e disse, com admiração e surpresa:

— Manyoro!

— Sim, Manyoro — confirmou Leon, enquanto sua cabeça girava sem parar.

O rapaz deixou escapar uma exclamação de alegria e começou a falar com entusiasmo. Leon reconheceu a palavra que significava "tio", mas não entendeu o resto. Cerrou os olhos, cobrindo-os com o braço para protegê-los da luz do sol, e se recostou.

— Cansado — murmurou. — Muito cansado.

Caiu profundamente no sono e, ao acordar, viu-se cercado por um pequeno grupo de gente do local. Eram massais, não tinha dúvida quanto a isso. Eram homens altos. Traziam nas orelhas furadas grandes enfeites circulares ou estojinhos de rapé feitos de osso entalhado. Estavam nus sob a capa vermelha, exibindo orgulhosamente a genitália. As mulheres também eram altas. O crânio raspado era liso como casca de ovo, e elas se enfeitavam com várias camadas de complicados colares de contas que caíam sobre os seios nus. O avental minúsculo, bordado com contas, mal cobria as partes pudendas.

Leon teve de se esforçar muito para se erguer um pouco, enquanto todos o olhavam com interesse. As mulheres mais novas deixavam escapar risinhos e se cutucavam ao ver uma criatura tão estranha entre eles. Provavelmente nenhuma delas jamais havia visto um homem branco.

Para atrair sua atenção, Leon levantou a voz a ponto de gritar.

— Manyoro! — exclamou, apontando com um dedo o companheiro. — Mãe? Mãe de Manyoro? — perguntou. Eles continuavam a olhá-lo, espantados.

Então, uma das garotas mais novas e bonitas compreendeu o que ele estava tentando lhes dizer.

— Lusima! — gritou e apontou para o leste, na direção do distante perfil azul da encosta da escarpa. Os outros começaram a gritar também, com muita alegria:

— Lusima Mama!

Evidentemente era esse o nome da mãe de Manyoro. Todos estavam encantados por haver entendido a situação.

Leon fez menção de se levantar e levar Manyoro; depois indicou o leste.

— Levem Manyoro até Lusima. — Isso provocou uma pausa no entusiasmo e todos se olharam, perplexos.

Outra vez a garota adivinhou o que ele queria dizer. Bateu o pé no chão e chamou a atenção dos homens. Ao ver sua hesitação, atacou os temidos e bravos guerreiros de mãos nuas, esbofeteandoos, e chegou a puxar as tranças bem elaboradas de um deles, até que se mobilizaram para fazer o que ela queria, rindo meio sem jeito. Dois deles voltaram correndo para a aldeia e retornaram com um pau comprido e forte. Adaptaram nele uma rede feita com suas capas de couro emendadas com nós. Era uma mushila. Instantes depois colocaram nela Manyoro, já inconsciente. Quatro dos presentes a levantaram, e todo o grupo seguiu para o leste, deixando Leon estirado na planície empoeirada. O canto dos homens e o som estridente produzido pelas mulheres foram desaparecendo.

Leon fechou os olhos, tentando reunir o que lhe restava de força para se levantar e segui-los. Quando os abriu, descobriu que não estava sozinho. Os três rapazes pastores que os haviam descoberto estavam ali de pé, em fila, encarando-o com ar solene. O mais velho disse algo e fez um gesto imperioso. Obedientemente, Leon ficou de joelhos e pouco depois se levantou, cambaleando. O rapaz se aproximou, parou ao lado dele, pegou sua mão e pôs-se a puxá-lo possessivamente.

— Lusima — disse.

— Muito bem. Parece que não há alternativa — reconheceu Leon. — Vamos ver Lusima. — Pôs o dedo no peito do rapaz e disse: — Nome. Como se chama? — perguntou em maa. Essa era uma das expressões que Manyoro lhe ensinara.

— Loikot — respondeu o rapaz com orgulho.

— Loikot, vamos ver Mama Lusima. Mostre-me o caminho.

Com Leon mancando entre eles, dirigiram-se às longínquas colinas azuis, seguindo o grupo que levava Manyoro na improvisada maca.

Conforme avançavam pelo vale, Leon notou a existência de uma montanha isolada que se elevava abruptamente do amplo solo da planície. No início ela parecia apenas um contraforte da escarpa a leste, sem nenhuma importância na imensidão do vale da Grande Fenda, mas à medida que se aproximavam ele se deu conta de que ela se erguia sozinha, sem nenhuma relação com outro acidente geográfico. E à medida que caminhavam ela começou a adquirir uma grandiosidade imperceptível a distância. Era mais alta e empinada do que a parede do vale da Grande Fenda. As elevações mais baixas eram cobertas por majestosas acácias em forma de guarda-chuva, mas a uma altura maior elas davam lugar a uma densa floresta de montanha, que indicava que o topo estava acima das nuvens, cercado por uma imponente parede de pedra cinza, como se fosse o declive de uma fortaleza feita pelo homem.

À medida que se aproximavam desse grande bastião natural, Leon reparou que o

cume da montanha era mesmo coberto por uma densa floresta. Era evidente que seu crescimento fora favorecido pela umidade das nuvens que o circundavam. Mesmo a distância se podia ver que os longos galhos no alto das árvores estavam enfeitados com orquídeas desabrochadas. A folhagem das árvores mais altas estava decorada com flores tão vívidas que pareciam um buquê de noiva. As águias e outras aves de rapina haviam construído ninhos abaixo do topo e planavam com suas grandes asas no espaço azul do céu.



Já se passara quase meia tarde quando Leon e os três rapazes chegaram ao pé da montanha. Haviam se distanciado muito de Manyoro e do grupo que o acompanhava, que já estavam na metade da trilha que levava ao alto da íngreme escarpa, numa série de zigue-zagues. Leon só conseguiu aguentar os primeiros sessenta metros da subida, antes de cair exausto à sombra de uma acácia junto do caminho. Seus pés não aguentavam mais levá-lo um único passo adiante por aquele caminho pedregoso. Pondo um deles sobre o joelho, desamarrou os cadarços da bota. Ao tirá-la, gemeu de dor. Sua meia de lã estava dura e escura por causa do sangue seco. Com muito cuidado, tirou-a e olhou consternado para o pé. Com a meia, várias camadas de pele haviam se soltado, e seu calcanhar estava em carne viva. Na planta do pé, várias bolhas haviam estourado, e os dedos pareciam ter sido mordidos por chacais. Formando um semicírculo, os três rapazes se agacharam perto dele, observando os ferimentos e falando deles com um gosto mórbido.

Então Loikot assumiu o comando de novo e gritou uma série de ordens categóricas que fizeram que os outros dois corressem na direção de uns arbustos onde um pequeno rebanho de gado massai de longos chifres mordiscava uma vegetação cinza-esverdeada que crescia sob as acácias. Em poucos minutos voltaram com punhados de excremento úmido. Quando Leon descobriu que estavam pensando em fazer com ele cataplasma para suas bolhas arreventadas, deixou bem claro que não ia se submeter mais uma vez à prepotência de Loikot. Mas os rapazes eram insistentes e continuavam a importuná-lo enquanto ele rasgava as mangas da camisa em tiras para com elas envolver os pés ensanguentados. Depois amarrou os cordões das botas um no outro e as pendurou no pescoço. Loikot lhe ofereceu seu cajado para que se apoiasse. Leon aceitou e se pôs a caminho, mancando. A cada passo a trilha parecia mais íngreme, e ele começou a cambalear outra vez. Loikot virou-se para os companheiros e deu outra série de instruções em tom duro, fazendo que eles disparassem caminho acima. Loikot e Leon os seguiram, subindo a um passo cada vez mais lento, deixando nas pedras do caminho manchas de sangue dos pés de Leon. Um pouco depois ele se recostou numa pedra e olhou para as alturas, que estavam claramente muito além de seu alcance. Loikot se sentou a seu lado e começou a contar-lhe uma longa e complicada história. Leon compreendia algumas palavras, mas o outro demonstrou ser um bom ator. Ficou de pé e fez uma mímica de uma cena de guerra. Leon imaginou que se tratasse do relato de como ele defendera os rebanhos do pai dos leões que os atacavam. A cena incluía muitos ruídos

medonhos, saltos e golpes no ar com seu bastão. Depois dos esforços dos últimos dias, aquela distração era bem-vinda. Leon quase esqueceu os pés machucados e riu das palhaçadas do rapaz. Estava escurecendo quando ouviram vozes no caminho, acima de onde estavam. Loikot gritou um desafio, que foi respondido por um grupo de uma meia dúzia de moranis que desciam rápido ao encontro deles. Traziam consigo a mushila na qual haviam levado Manyoro. A um sinal deles, Leon subiu na rede e, mal se acomodou, quatro homens levantaram o pau e puseram-no nos ombros. Em seguida, rapidamente partiram de volta caminho acima pela montanha empinada.

Na beira mais alta do despenhadeiro, no topo plano da montanha, não longe dali, o fogo brilhava sob as enormes árvores. Os carregadores da mushila o levaram até lá rapidamente, entrando numa zareba de paus e galhos espinhosos que ia dar num enorme curral aberto para o gado. Em um círculo sobre o terreno aberto, mais de vinte choças grandes, cobertas de palha, se levantavam em volta de uma enorme figueira silvestre. A qualidade da construção era superior a qualquer outra coisa que Leon já vira em suas passagens por terras dos massais. Os animais do curral eram grandes e tinham boa aparência; os chifres enormes e o couro brilhavam à luz das chamas.

Vários homens e mulheres que estavam junto ao fogo se adiantaram em grupo para observar o desconhecido. As shukas dos homens eram de boa qualidade, e os enfeites e joias das mulheres, de marfim e contas valiosas, eram muito benfeitos. Não havia dúvida de que se tratava de uma comunidade próspera. Rindo e dirigindo a Leon perguntas aos gritos, juntaram-se em torno da mushila, e muitas das mulheres mais jovens e audaciosas esticavam a mão para tocar seu rosto e puxar seu uniforme esfarrapado. As mulheres massais não faziam esforço algum para dissimular sua predileção pelo sexo oposto.

De repente, fez-se silêncio entre o ruidoso grupo. Uma figura feminina de porte real se dirigia até eles vinda das choças. Os habitantes do local se afastaram para dar-lhe passagem, e ela se aproximou da mushila. Duas jovens criadas a seguiam com tochas acesas que lançavam uma luz dourada sobre a figura alta e imponente da mulher, enquanto ela deslizava na direção de Leon. O pessoal da aldeia se inclinava como um campo de capim alto ao vento, deixando escapar murmúrios suaves e cheios de respeito e reverência a sua passagem.

— Lusima! — sussurravam e aplaudiam quase sem fazer alarde, desviando os olhos de sua beleza deslumbrante. Leon se levantou da mushila, fazendo um grande esforço para saudá-la. Ela parou diante dele e o fitou com um olhar sombrio e hipnótico.

— Salve, Lusima — disse em cumprimento, mas por um instante ela não deu sinal de tê-lo ouvido. Era quase tão alta quanto ele. À luz das tochas, sua pele era da cor

de mel defumado, acetinada e sem rugas. Se ela era de fato a mãe de Manyoro, devia ter mais de cinquenta anos, mas parecia pelo menos uns vinte anos mais nova. Seus seios nus eram firmes e redondos. O ventre tatuado não tinha marca alguma de idade ou de maternidade. Seus traços eram delicadamente esculpidos, e os olhos escuros, tão penetrantes que pareciam chegar sem esforço até os lugares mais secretos de sua mente.

— Ndio. — Assentiu com a cabeça. — Sim, sou Lusima. Aguardava sua chegada. Estive observando, a você e a Manyoro, em sua caminhada noturna desde Niombi.

Leon ficou aliviado pelo fato de ela falar suaíli e não maa. A comunicação entre eles seria mais fácil. Mas suas palavras não tinham sentido. Como ela podia saber que tinham vindo de Niombi? A menos que Manyoro houvesse recuperado a consciência e contado a ela.

— Manyoro não falou desde que chegou aqui. Ainda está nas profundezas da terra das sombras — assegurou-lhe Lusima.

Ele se sobressaltou. Ela havia respondido à pergunta que ele não formulara como se tivesse ouvido as palavras.

— Fiquei velando por vocês — repetiu, e ele, apesar de si mesmo, acreditou. — Eu o vi resgatar meu filho da morte certa e trazê-lo para mim. Por isso você se transformou em outro filho para mim. — Cumprimentou-o com um aperto de mão frio e duro como osso. — Venha, vou cuidar de seus pés.

— Onde está Manyoro? — quis saber Leon. — Disse que está vivo, mas ele sobreviverá?

— Foi dominado, e os demônios estão em seu sangue. Será uma luta difícil, e o resultado é incerto.

— Preciso vê-lo — insistiu Leon.

— Vou levá-lo, mas depois, agora ele está dormindo. Precisa reunir forças para a prova que o espera. Não posso tirar a flecha se não tiver a luz do dia para trabalhar. Depois precisarei da ajuda de um homem forte. Mas você também deve descansar, pois deixou que sua força, que é muita, chegasse ao limite. Vamos necessitar dela depois.

Levou-o a uma das choças, e ele teve de se agachar para passar pela entrada baixa e entrar no local, mal iluminado e enfumaçado. Lusima lhe apontou uma pilha de mantas de pele de macaco em cima de uma divisória. Ele pegou uma delas e se acomodou sobre a pele suave. Ela se acorou diante dele e retirou os trapos de seus pés. Enquanto se ocupava disso, suas jovens criadas fizeram um preparado de ervas numa panela de ferro preta, de três pernas, que estava sobre o fogo no centro da choça. Provavelmente haviam sido capturadas em alguma tribo dependente e eram escravas em tudo, menos no nome. Os massais tomavam o que queriam, gado e

mulheres, e nenhuma outra tribo ousava desafiá-los.

Depois de pronto o preparado, as jovens o levaram até onde Leon estava sentado. Lusima verificou a temperatura e depois acrescentou um líquido frio mas igualmente malcheiroso de outro recipiente. Depois pegou cada um dos pés e os mergulhou na mistura.

Leon precisou de todo o autocontrole para não gritar, pois o líquido parecia estar fervendo, e o suco das ervas era ácido e cáustico. As três mulheres observavam atentamente sua reação e trocavam olhares de aprovação quando ele conseguiu manter a expressão impassível e um silêncio estoico. Lusima levantou um pé, depois o outro e os enrolou em tiras de pano.

— Agora você precisa comer e dormir — disse, fazendo um aceno com a cabeça para uma das jovens, que lhe trouxe uma cuia, ajoelhando-se respeitosamente para oferecê-la com ambas as mãos. Leon percebeu o cheiro do conteúdo. Era uma comida típica dos massais, que ele não se atreveu a recusar. Se fizesse isso, ofenderia sua anfitriã. Reuniu forças e levou a cuia aos lábios. — Acabou de ser feito — garantiu Lusima. — Eu mesma o preparei. Vai lhe devolver as forças e ajudar a curar rapidamente seus pés feridos.

Ele bebeu um gole, e seu estômago estremeceu. Estava morno, mas o sangue fresco de boi misturado com leite adquirira uma consistência pegajosa parecida com gelatina que lhe cobriu a garganta. Continuou bebendo, até que a cuia ficou vazia. Colocou-a de lado e arrotou ruidosamente. As jovens escravas deixaram escapar exclamações de prazer, e até Lusima sorriu.

— Os demônios estão fugindo de seu ventre — disse ela em tom de aprovação. — Agora você deve dormir. — Ajudou-o a se acomodar na manta de pele e estendeu outra para cobri-lo. Um grande peso o fez cerrar as pálpebras.

Quando abriu os olhos, o sol da manhã brilhava através da entrada da choça. Loikot o esperava de cócoras junto à porta, mas pôs-se imediatamente de pé assim que Leon se mexeu. Aproximou-se dele imediatamente e lhe fez uma pergunta, apontando para seus pés.

— É muito cedo para saber — respondeu Leon. Todos os músculos do corpo ainda lhe doíam, mas a cabeça estava lúcida. Soergueu-se e abriu as bandagens. Surpreendeu-se ao ver que a maior parte do inchaço desaparecera. — O óleo de cobra da doutora Lusima — disse, sorrindo. Estava de bom humor, até que se lembrou de Manyoro.

Rapidamente voltou a enfaixar os pés e mancou até o grande recipiente de barro com água que estava lá fora, perto da porta. Tirou o que sobrara da camisa e lavou o rosto e o cabelo para se livrar do pó e do suor seco. Quando se endireitou, viu que muitas mulheres da aldeia, velhas e jovens, estavam sentadas em círculo ao redor dele, observando cada um de seus movimentos com muita atenção.

— Senhoras — disse, — estou a ponto de urinar, e não estão convidadas a observar o procedimento. — Apoiando-se no ombro de Loikot, dirigiu-se à entrada do curral.

Quando voltou, Lusima estava esperando por ele.

— Venha — ordenou. — É hora de começar.

Levou-o a uma choça que ficava ao lado, cujo interior era escuro, em contraste com a luz brilhante do sol, e seus olhos precisaram de um minuto para se adaptar. O ar estava saturado de fumaça de madeira queimando e de um cheiro mais sutil, doce e nauseabundo, de carne apodrecendo. Manyoro, estendido de bruços sobre uma manta de couro perto do fogo, parecia um homem morto. Sua pele perdera o brilho. Os grandes músculos de suas costas pareciam ter murchado. Sua cabeça, virada de lado, deixava ver os olhos fundos nas órbitas. Por trás das pálpebras entreabertas, eles estavam opacos como pedras de quartzo em leito de rio. A perna estava totalmente inchada por cima do joelho, e o mau cheiro do pus amarelo que manava do entorno da flecha quebrada enchia a choça.

Lusima bateu palmas, e quatro homens entraram. Pegaram as extremidades da rede em que Manyoro estava estendido e o levaram para fora, atravessando o terreno aberto do curral até o enorme mukuyu, a única árvore que havia no centro. Colocaram-no na sombra, enquanto Lusima tirava a capa e se punha de pé, com o peito descoberto, ao lado dele. Falou com Leon em voz baixa.

— A ponta da flecha não pode sair do modo como entrou. Devo puxá-la pelo outro lado. O ferimento está péssimo. Pode-se sentir o cheiro. Mesmo assim, a flecha não sairá com facilidade.

Uma das jovens escravas entregou-lhe uma faca com cabo de chifre de rinoceronte e outra passou-lhe um pote de barro com fogo, balançando-o em volta de sua cabeça, seguro pelas asas de corda, para produzir vento e atizar as brasas até acendê-las. No momento em que começaram a brilhar, ela pôs o pote diante da ama. Lusima manteve a lâmina sobre as chamas, fazendo-a girar lentamente, até que o metal também começasse a brilhar. Depois colocou-a em outro recipiente, com um líquido nauseabundo como a mistura com que ela tratara os pés de Leon. O líquido borbulhava e soltava vapor à medida que o metal esfriava.

Segurando a faca, Lusima ficou de cócoras ao lado do filho. Os quatro moranis que o haviam retirado da choça se ajoelharam com ela, dois junto à cabeça de Manyoro e dois a seus pés. Ela olhou para Leon e disse em voz baixa:

— Você vai fazer isto — e explicou em detalhes o que esperava dele. — Mesmo sendo você o mais forte de nós, vai precisar de toda a sua força. As linguetas da ponta da flecha estão entranhadas em sua carne. — Olhou-o nos olhos e perguntou: — Você entendeu, meu filho?

— Sim, Mama, entendi.

Ela abriu a bolsa de couro que trazia pendurada à cintura e pegou uma meada de fino fio branco.

— É esta corda que você vai usar — e deu-a a ele. — Eu a fiz com o intestino de um leopardo. É resistente. Não há fio mais forte.

Enfiou outra vez a mão na bolsa e encontrou uma grossa tira de couro de elefante. Com delicadeza, abriu a boca de Manyoro. Pôs o couro entre as mandíbulas e o amarrou com um pedaço de tripa de impala, para evitar que ele o cuspsisse.

— Isso evitará que ele quebre os dentes quando a dor atingir o ponto máximo — explicou.

Leon fez que sim com a cabeça, mas ele sabia que a principal razão para o uso da mordaca era impedir que o filho gritasse e a desonrasse.

— Coloquem-no deitado de costas — ordenou Lusima aos quatro moranis —, mas façam isso com suavidade. — Enquanto mudavam Manyoro de posição, ela mexeu no fragmento da haste da flecha para que não se enganchasse nas mantas. Em seguida, pôs um bloco de madeira de cada lado dela, para mantê-la longe do chão e proporcionar uma base firme para a perna. — Segurem-no — ordenou aos moranis.

Colocou-se por cima da perna ferida e pôs ambas as mãos sobre ela. Com cuidado, apalpou a parte da frente da coxa de Manyoro em busca de onde, sob a pele daquela carne quente e inchada, estava alojada a ponta da flecha. Manyoro se mexeu inquieto quando seus dedos, tateando, descobriram a forma da ponta da flecha ali metida. Lusima pôs a lâmina da faca de cabo de chifre precisamente nesse lugar e começou a cantar um feitiço em língua maa. Depois de algum tempo, pareceu que Manyoro sucumbia ao monótono estribilho. Seu corpo retesado relaxou, enquanto ele roncava levemente através da mordaca de couro.

De repente, sem interromper o canto, Lusima empurrou a ponta da lâmina para baixo. Quase sem parar, ela a afundou na carne escura. Manyoro ficou tenso, e cada músculo de suas costas se crispou. A lâmina rangeu de encontro ao metal, e o pus brotou do ferimento aberto pela faca. Lusima retirou a faca e apertou de ambos os lados do corte. A ponta afiada da flecha foi empurrada para fora pelo ferimento aumentado, e a primeira fileira de linguetas apareceu.

Leon tivera oportunidade de examinar várias armas nandis capturadas durante a campanha, por isso não se surpreendeu ao ver que a ponta da flecha tinha um desenho pouco convencional. Havia sido forjada com um pé de panela de ferro da grossura do dedo mínimo de Lusima. Fora projetada para penetrar profundamente no enorme corpo de um elefante, por isso não tinha só uma lingueta grande, como se via na ponta das flechas que os arqueiros ingleses medievais usavam contra os cavaleiros franceses fortemente cobertos por armaduras. Em vez disso, tinha fileira após fileira de minúsculas pontas não maiores do que escamas de peixe comum, que deslizavam através da carne com pouca resistência. No entanto, devido ao elevado

número e ao ângulo dirigido para trás, era impossível retirar a ponta da flecha por onde ela havia entrado.

— Rápido — sussurrou Lusima para Leon — amarre-a!

Como ele já tinha o nó corrediço de tripa pronto, enlaçou a ponta da flecha, exatamente atrás da primeira fileira de pontas.

— Peguei-a — disse ele, enquanto ajustava o laço.

— Segurem-no bem agora. Não deixem que ele se mova e retorça o fio, pois as pontas das linguetas o cortarão — recomendou Lusima aos moranis. Juntos, puseram todo o seu peso sobre o corpo inerte de Manyoro. — Puxe! — disse Lusima a Leon, em tom de urgência. — Puxe com toda a sua força, meu filho. Tire essa coisa maligna dele.

Leon deu três voltas da tripa em torno do pulso e a esticou com firmeza. Lusima começou a cantar novamente enquanto ele aplicava toda a força do braço direito no fino fio. Tomou todo o cuidado para não puxá-lo ou torcê-lo sobre as pontas afiadas. Lentamente, foi aumentando a pressão sobre o laço. Sentiu que ele se esticava um pouco, mas a ponta da flecha continuava firme no lugar. Deu outra volta do fio em torno do outro pulso e se mexeu de modo a fazer que seus ombros ficassem de frente para o ângulo de entrada da flecha. Com ambos os braços, puxou de novo, não se importando com a intensa dor provocada pelo fio que lhe cortava a carne. Os músculos de seus ombros sob a camisa rasgada sobressaíam, enormes.

— Puxe! — exclamou Lusima. — E que Mikuba Mikuba, o maior dos grandes deuses, ponha força em seus braços!

Nesse momento, Manyoro se mexia tão desesperadamente que os quatro homens não conseguiam mantê-lo quieto. Deixava escapar por entre a mordança um ruído parecido com um lamento, e seus olhos, muito abertos, estavam a ponto de sair das profundas órbitas, injetados de sangue e com uma expressão selvagem. A ponta da flecha enterrada havia levantado a carne dilacerada e inchada, até formar um pico, mas as linguetas, firmes, continuavam resistindo.

— Puxe! — insistia Lusima, dirigindo-se a Leon. — Sua força supera a do leão. É a força de M'bogo, o grande búfalo macho.

Então a ponta da flecha se mexeu. Com um suave ruído, como de algo se rasgando, apareceu uma segunda fileira de diminutas pontas por trás da primeira, depois uma terceira. Por fim, cinco centímetros de metal com manchas escuras sobressaíam do ferimento. Leon descansou por um instante, preparando-se para o esforço final. Apertou os dentes com tanta força que sua mandíbula se retesou, e então puxou mais uma vez. Outros dois centímetros a muito custo se fizeram notar. Logo se viu um jorro de sangue escuro meio coagulado e pus arroxeados. O mau cheiro fez que Lusima deixasse escapar um grito abafado, mas os fluidos pareciam lubrificar a haste da flecha, que imediatamente deslizou para fora do ferimento,

como um feto maligno no momento do nascimento.

Leon deu um passo atrás, sem fôlego, e ficou olhando horrorizado o dano que havia provocado. O ferimento se abria como uma boca escura, enquanto sangue e sujeira manavam da carne rasgada. Em seu sofrimento, Manyoro havia conseguido atravessar a mordança de couro com os dentes e mordera os lábios. De seu queixo caíam gotas de sangue fresco. Ele ainda se mexia descontroladamente, e os moranis tiveram de usar toda a sua força e peso para segurá-lo.

— Mantenha a perna imóvel, M'bogo — gritou Lusima para Leon.

Uma de suas criadas lhe passou um chifre fino de antílope, que havia sido cortado para servir de funil. Enfiou a ponta aguda bem fundo no ferimento, e Manyoro voltou a resistir com todas as forças. A jovem segurou uma jarra junto aos lábios de Lusima e despejou-lhe na boca todo o seu conteúdo. Algumas gotas mancharam seu queixo, e Leon notou o cheiro adstringente. Lusima pôs os lábios em volta da parte mais larga do chifre, como um trompetista, e soprou a substância para dentro dele, que passou pela parte mais fina e penetrou profundamente no ferimento. Outro gole seguiu-se ao primeiro. O líquido borbulhou no ferimento aberto, expulsando de lá de dentro o sangue podre e outros dejetos.

— Virem-no — ordenou aos moranis.

Embora Manyoro opusesse resistência a eles, viraram-no de bruços e Leon montou em suas costas, usando todo o seu peso para mantê-lo imóvel. Lusima fez que a ponta do chifre alcançasse a parte do ferimento por onde a flecha entrara, na região atrás da perna, e depois soprou mais líquido para dentro da carne supurada.

— Basta — disse finalmente. — Lavei os venenos.

Deixou o chifre de lado, pôs chumaços de ervas secas sobre os ferimentos e os fixou com largas tiras de tecido rústico. Pouco a pouco os movimentos de Manyoro se acalmaram, até que ele acabou desabando para trás, numa espécie de coma mortal.

— Está feito. Nada há mais a fazer — garantiu ela. — Agora é uma luta entre os deuses de seus ancestrais e os demônios obscuros. Dentro de três dias saberemos o resultado. Levem-no para sua choça. — Olhando para Leon, disse: — Você e eu, M'bogo, deveremos nos revezar junto dele, dando-lhe força para enfrentar a luta.

Durante os dias que se seguiram, Manyoro flutuou no vácuo. Em alguns momentos mergulhava num coma tão profundo que Leon tinha de aproximar o ouvido de seu peito para ouvir se respirava. Em outros, gemia, retorcia-se e gritava, suave e trincava os dentes em meio à febre. Lusima e Leon estavam sentados um de cada lado dele, segurando-o quando parecia estar correndo risco de se machucar, devido a suas incontrolláveis convulsões. As noites eram longas, e ninguém dormia. Falavam em voz baixa durante o passar das horas, com o fogo aceso entre eles.

— Tenho a intuição de que você não nasceu em alguma ilha distante no mar, como

a maioria de seus compatriotas, mas sim na África — disse Lusima. Para Leon, não era surpresa a espantosa percepção dela. Ele não lhe respondeu imediatamente, e ela continuou: — Você nasceu longe, no norte, às margens de um grande rio.

— Sim — confirmou ele. — Tem razão. Esse lugar é o Cairo, e o rio é o Nilo.

— Você é desta terra e nunca a abandonará.

— Nunca pensei em fazer isso — afirmou ele.

Ela estendeu a mão, tomou a dele, fechou os olhos e ficou assim por algum tempo.

— Vejo sua mãe — disse. — É muito compreensiva. Vocês estão muito próximos espiritualmente. Ela não queria que você a deixasse.

Os olhos de Leon se toldaram com as sombras escuras do pesar.

— Também vejo seu pai. Foi por causa dele que você fugiu.

— Ele me tratava como um menino. Tentou me obrigar a fazer coisas contra minha vontade, e não concordei. Discutimos, e isso deixou minha mãe infeliz.

— O que ele queria que você fizesse? — perguntou, com ar de quem já sabia a resposta.

— Meu pai tem como ocupação fazer dinheiro. Nada mais tem importância em sua vida; nem a mulher, nem os filhos. É um homem duro, e não nos damos bem. Acho que lhe tenho respeito, mas não o admiro. Ele queria que trabalhasse com ele, exercendo a mesma atividade dele. Essa era uma perspectiva sombria.

— E por isso você fugiu dele, não foi?

— Não fugi, mas me afastei.

— O que você procurava? — perguntou ela.

Ele ficou pensativo.

— Realmente não sei, Mama Lusima.

— E não encontrou o que queria? — quis saber.

Com ar hesitante, ele sacudiu a cabeça. Depois pensou em Verity O'Hearne.

— Talvez — disse. — Talvez tenha encontrado alguém.

— Não. Não a mulher em quem você está pensando. Ela é apenas uma mulher entre muitas.

A pergunta escapou antes que ele pudesse controlá-la.

— Como soube dela? — Em seguida, ele próprio respondeu: — É claro, a senhora estava lá. E sabe muitas coisas.

Rindo, ela estalou a língua, e eles permaneceram em silêncio durante um bom tempo — um silêncio cálido e reconfortante. Ele sentiu um vínculo estranho com ela, uma proximidade tal que era como se ela fosse realmente sua mãe.

— Não me agrada o que estou fazendo com minha vida agora — disse afinal. Não havia pensado nisso até aquele momento, mas quando disse sabia que era verdade.

— Por ser um soldado, você não pode fazer o que manda seu coração —

acrescentou ela. — Deve fazer o que os mais velhos mandam.

— A senhora entende — disse. — Perseguir e matar gente que nem sequer conheço me desagrada.

— Quer que lhe indique o caminho, M'bogo?

— Confio na senhora. Preciso de sua orientação.

Ela permaneceu em silêncio durante tanto tempo que Leon estava a ponto de falar. Então viu que seus olhos, muito abertos, giravam de um modo que à luz do fogo só se via a parte branca. Mexia ritmicamente as pernas dobradas e depois de um tempo começou a falar, mas sua voz adquirira um tom baixo, monótono e irritante.

— Há dois homens. Nenhum deles é seu pai, mas ambos serão mais do que isso — disse. — Há outro caminho. Você deve seguir o caminho dos grandes homens cinzentos que não são homens. — Respirou lenta e profundamente, como se fosse asmática. — Aprenda os costumes secretos dos seres selvagens, e os outros homens o homenagearão por esse conhecimento e compreensão. Você vai andar com homens muito fortes e poderosos e será considerado um igual. Haverá muitas mulheres, mas só uma que será muitas mulheres. Ela virá até você das nuvens. Como eles, vai lhe mostrar muitas faces. — Interrompeu-se e fez um ruído como de estrangulamento no fundo da garganta. Com um frio sobrenatural, ele se deu conta de que ela estava em pleno transe de adivinhação. Finalmente, Lusima se sacudiu com violência e piscou. Seus olhos voltaram ao lugar, e então ele pôde vê-los como eram quando ela olhou para seu rosto. — Preste atenção no que lhe disse, meu filho — recomendou em voz baixa. — O momento em que deve fazer sua escolha logo chegará.

— Não entendi o que a senhora estava me dizendo.

— No momento certo, tudo ficará claro para você — garantiu ela. — Quando precisar de mim, estarei sempre aqui. Não sou sua mãe, mas me transformei em algo mais que sua mãe.

— A senhora está me falando em mistérios, Mama — disse ele, e ela lhe dirigiu um carinhoso e enigmático sorriso.

Na manhã seguinte, Manyoro recuperou a consciência, mas estava muito enfraquecido e confuso. Tentou se sentar, porém não tinha força para isso. Olhou-os com olhos lacrimejantes.

— O que aconteceu? Que lugar é este? — Então reconheceu a mãe. — Mama, é realmente você? Achei que era um sonho. Estava sonhando.

— Você está em segurança em minha manyatta no monte Lonsonyo — respondeu ela. — Retiramos a flecha nandi de sua perna.

— A flecha? Sim, me lembro... Os nandis?

As jovens escravas lhe trouxeram uma caneca grande de sangue de boi e leite, que ele bebeu com gosto, derramando um pouco no peito. Recostou-se, suspirando. Depois, pela primeira vez viu Leon agachado na escuridão da choça.

— Buana! — disse, ajeitando-se para se soerguer. — Ainda está comigo?

— Estou aqui — respondeu Leon, aproximando-se dele em silêncio.

— Quanto tempo? Quantos dias faz que saímos de Niombi?

— Sete dias.

— No quartel-general de Nairóbi vão pensar que o senhor morreu ou desertou. — Agarrou Leon pela camisa e o sacudiu, agitado. — Deve comunicar ao quartel-general, buana. Não deve descuidar de suas obrigações por minha causa.

— Iremos a Nairóbi quando você estiver pronto para andar.

— Não, buana, não. O senhor deve ir imediatamente. Sabe que o comandante não é seu amigo. Vai lhe criar problemas. Deve partir imediatamente. Eu o seguirei assim que estiver em condições.

— Manyoro tem razão — interveio Lusima. — Você já não tem nada a fazer aqui. Deve ir ter com seu chefe em Nairóbi. — Leon havia perdido a noção de tempo, e nesse momento se deu conta, com uma sensação de culpa, de que devia fazer mais de três semanas que entrara em contato com o quartel-general de seu batalhão. — Loikot vai guiá-lo até a estrada de ferro. Ele conhece bem esta parte do país. Vá com ele — sugeriu Lusima com certa insistência.

— Farei isso — aceitou Leon, levantando-se. Não precisava fazer nenhum preparativo para a viagem. Não tinha armas nem bagagem, apenas alguma roupa além das calças rasgadas.

Lusima providenciou para ele uma shuka massai.

— É a melhor proteção que posso lhe dar. Ela o resguardará do sol e do frio. Os nandis têm medo da shuka vermelha. Até os leões fogem dela.

— Os leões também? — Leon reprimiu um sorriso, que ela lhe devolveu dizendo:

— Você vai ver.

Uma hora depois de tomada a decisão, ele e Loikot partiram. Durante as chuvas da estação passada, o rapaz havia levado os animais do pai para o norte, até a estrada de ferro, e conhecia bem a região.

Os pés de Leon estavam suficientemente curados para ele calçar e amarrar as botas. Claudicando, seguiu com cuidado Loikot montanha abaixo em direção à grande planície. Ao chegar lá embaixo, parou para amarrar de novo os cadarços das botas. Ao se pôr de pé, levantou a vista e viu a inconfundível e pequenina silhueta de Lusima parada à beira da escarpa. Ele levantou o braço para se despedir, mas ela não devolveu o cumprimento. Em vez disso, deu meia-volta e desapareceu.

Depois que seus pés ficaram curados e firmes, ele conseguiu aumentar a velocidade e acompanhar o ritmo de Loikot. O rapaz avançava a passos largos e harmoniosos, característicos de seu povo. Enquanto caminhava, não deixava de fazer comentários sobre tudo o que chamava sua atenção. Nada escapava a seus olhos jovens e brilhantes, que podiam detectar a forma cinza etérea de um macho de

antílope kudu mergulhada numa moita espinhosa a trezentos metros de distância.

A planície pela qual transitavam abrigava grande quantidade de seres. Loikot nem se importava com as manadas de antílopes menores que passavam perto, quase tocando neles, mas apontava qualquer coisa que achasse interessante. A essa altura, com seu ouvido bom para idiomas, Leon aprendera o suficiente de maa para acompanhar o tagarelar do rapaz sem muita dificuldade.

Não haviam levado nada de comer quando deixaram Lonsonyo, e Leon se perguntava como iam fazer, mas não precisava ter se preocupado. Loikot dispunha de uma estranha variedade de alimentos, que incluía aves pequenas e ovos, gafanhotos e outros insetos, frutas e raízes silvestres, uma codorna, que derrubou no ar quando ela levantou voo junto a seus pés, e um lagarto, que perseguiu na planície durante uns trezentos metros, antes de matá-lo com uma cacetada. A carne do lagarto tinha gosto de frango, e era para alimentá-los por uns três dias, embora a essa altura o que sobrara dela já estivesse tomado por enxames de moscas azuis com suas gordas crias brancas.

Leon e Loikot dormiam todas as noites ao lado de uma pequena fogueira, protegidos do frio pelas shukas, e se punham a caminho quando a luz do amanhecer estava alta e brilhante no céu. Na terceira manhã, quando o sol ainda se escondia por trás do horizonte e havia pouca claridade, Loikot parou de repente e apontou na direção de uma acácia de copa achatada, a apenas uns cinquenta metros.

— Ah, é você, assassino de gado, como vai? — gritou.

— O que é isso? — quis saber Leon.

— Não está vendo? Abra os olhos, M'bogo. — Loikot apontou com seu bastão. Só então Leon conseguiu distinguir dois pequenos tufo de pelo escuro no mato marrom entre eles e a árvore. A um rápido movimento, a imagem inteira entrou em foco. Um enorme leão macho esparramado sobre o mato fitava-os com seus implacáveis olhos amarelos. Os delatores tufo de pelo eram as pontas escuras de suas orelhas redondas.

— Santo Deus! — exclamou Leon, dando um passo atrás.

Loikot riu.

— Ele sabe que sou massai e vai fugir se o desafiar — disse, brandindo o bastão. — Ei, velho, o dia de minha prova chegará logo. Então vamos nos encontrar, e veremos qual de nós é o melhor. — Estava se referindo ao ritual da prova de coragem. Antes de poder ser considerado homem e ter o direito de fincar sua lança na porta de qualquer mulher pela qual se sentisse atraído, o jovem morani precisava enfrentar um leão e matá-lo com sua assegai de lâmina larga.

— Você devia ter medo de mim, seu ladrão de gado. Deve temer, porque sou sua morte. — Loikot levantou o bastão, segurou-o como se fosse uma lança afiada e avançou para o leão com um ondulante passo de dança.

Leon se surpreendeu quando o leão se levantou e abriu a boca, lançando um grunhido ameaçador, para depois afastar-se e desaparecer no mato.

— Viu, M'bogo? — jactou-se Loikot. — Viu como simba tem medo de mim? Viu como fugiu de mim? Sabe que sou um morani. Sabe que sou massai.

— Rapaz maluco! — exclamou Leon, relaxando os punhos. — Vai conseguir que ele coma nós dois. — Riu, aliviado. Lembrou-se das palavras de Lusima e lhe ocorreu que durante as centenas de anos em que os massais haviam caçado implacavelmente os leões, geração após geração, essa perseguição havia conseguido arraigar uma lembrança profunda na memória dos animais. Havia chegado a reconhecer como uma ameaça mortal uma figura alta envolta numa capa vermelha.

Loikot deu saltos no ar, fez piruetas em sinal de triunfo e o levou para o norte. Durante o percurso, Loikot continuou lhe ensinando coisas. Sem desacelerar o passo, apontava pegadas de grandes presas quando as via e descrevia o animal que as deixara. Leon estava fascinado pela profundidade de seus conhecimentos sobre a natureza e suas criaturas. Na verdade, não era difícil compreender como o rapaz se tornara tão hábil. Quase desde que dera os primeiros passos se ocupara dos rebanhos da tribo. Manyoro lhe contara que até o mais novo dos meninos pastores conseguia seguir um animal perdido durante dias nos mais difíceis terrenos. Mas ficou mesmo fascinado quando Loikot parou e, com a ponta do bastão, seguiu uma pegada redonda, grande, que mal se via. A terra estava endurecida, queimada pelo sol e coberta com lascas de xisto e pedras. Leon jamais teria descoberto a pegada de um elefante macho sem a ajuda do rapaz, mas Loikot conseguia ler cada detalhe e matiz dela.

— Este eu conheço. Já o vi várias vezes. Seus dentes são grandes assim... — Fez uma marca no chão; depois deu três longas passadas e fez uma segunda marca. — É um grande chefe cinzento de sua tribo.

Lusima havia feito a mesma descrição:

— Siga os grandes homens cinzentos que não são homens. — Naquele momento Leon ficara desconcertado, mas agora se dava conta de que ela estava falando dos elefantes. Ficou refletindo sobre seu conselho enquanto se dirigiam para o norte. Sempre fora fascinado por caça a animais de grande porte. Na biblioteca do pai havia lido todos os livros escritos pelos grandes caçadores. Havia acompanhado as aventuras de Baker, Selous, Gordon-Gumming, Cornwallis Harris e outros. A atração pela vida selvagem era uma das razões mais fortes de ter-se alistado nos RAR em vez de entrar para o negócio do pai. Para o pai, qualquer atividade que não tivesse ligação com a acumulação de dinheiro era qualificada especificamente de "trabalho mole". Mas Leon ouvira dizer que os altos comandos do exército estimulavam os jovens oficiais a desenvolver atividades viris, como, por exemplo, a caça a animais de grande porte. O capitão Cornwallis Harris tivera permissão para ausentar-se por

um ano inteiro de seu regimento na Índia para viajar à África do Sul a fim de caçar em terra virgem, inexplorada. Leon ansiava poder imitar seus heróis, mas até então havia se decepcionado.

Desde que ingressara nos RAR, havia solicitado, mais de uma vez, licença de alguns dias para realizar sua primeira experiência de caça grande. O major Snell, seu oficial de comando, havia descartado seus pedidos na mesma hora.

— Se você acha que ingressou no regimento para participar de um glorioso safári de caça, está muito enganado, Courtney — dissera ele. — Volte a suas obrigações. E não quero ouvir mais nada sobre essa bobagem.

Até esse momento, sua atividade cinegética se restringira a alguns antílopes pequenos, as gazelas Grant e Thomson — que todos chamavam de Tommies — que ele caçava para alimentar seus ascaris quando estavam patrulhando. Mas seu coração estremecia quando via a quantidade daqueles magníficos animais que circulavam a sua volta. Ansiava por uma oportunidade de sair atrás deles.

Perguntava-se se ao aconselhá-lo a seguir os grandes homens Lusima não estaria sugerindo que devia dedicar a vida a ser um caçador de marfim. Essa era uma perspectiva fascinante. Continuou andando mais alegre atrás de Loikot. A vida parecia bela e cheia de promessas. Comportara-se de maneira honrada durante sua primeira ação militar. Manyoro estava vivo. Uma nova carreira abria-se a sua frente. E o melhor de tudo: Verity O'Hearne o esperava em Nairóbi. Sim, a vida era bela, realmente bela.

Cinco dias depois de ter deixado o monte Lonsonyo, Loikot virou para leste e o levou para o alto da escarpa da Grande Fenda Africana, em direção às colinas sinuosas e arborizadas do altiplano. Chegando ao alto das colinas, olharam para o vale pouco profundo mais além. A distância, algo brilhou à luz do último raio de sol da tarde. Leon protegeu os olhos.

— Sim, M'bogo, lá está sua serpente de ferro.

Ele olhou então para a fumaça da locomotiva que saía em pequenas nuvens regulares acima das copas das árvores e ouviu o gemido triste de um apito de vapor.

— Vou deixá-lo agora. Nem você é capaz de se perder daqui até lá — disse Loikot com ar superior. — Preciso voltar para cuidar do gado.

Foi com certa tristeza que Leon o viu partir. Havia desfrutado a companhia alegre do rapaz. Logo o tirou da cabeça e desceu a colina.

O condutor da locomotiva apareceu na janela lateral da cabine e viu a figura alta mais adiante, perto da via férrea. Imediatamente percebeu que era um massai, pela shuka vermelha. Foi só quando a máquina se aproximou mais que o homem abriu a capa e ele percebeu que se tratava de um homem branco com restos esfarrapados de um uniforme cáqui. Puxou a alavanca do freio, e as rodas rilharam sobre a via de aço, até parar, numa nuvem de vapor.

O major Frederick Snell, oficial que comandava o 3 Batalhão do 1 Regimento dos Rifles Africanos do Rei, não levantou a vista do documento que estava lendo quando o tenente Leon Courtney foi introduzido sob escolta armada em seu escritório no quartel-general do batalhão.

Snell era velho para esse cargo. Havia lutado contra Mahdi no Sudão sem se destacar de modo especial, e outra vez, na África do Sul, contra os astutos bôeres. Estava com idade próxima da aposentadoria e temia o momento de sua chegada. Com a pensão que receberia do exército só poderia se permitir um pequeno apartamento em uma cidade como Brighton ou Bournemouth, onde viveria com a esposa, com quem se casara quarenta anos antes, pelo resto de seus dias. Maggie Snell havia passado a vida nos quartéis do exército em regiões de clima tropical, o que dera a sua pele um tom amarelado, amargurara seu caráter e lhe afiara a língua.

Snell era um homem pequeno. O reluzente cabelo cor de gengibre de outrora havia perdido a cor e caído, até restar uma rala faixa branca em volta da calva precoce. Sua boca era larga, mas os lábios, finos. Os olhos redondos, saltados, de um azul-pálido, justificavam seu apelido de "Freddie, a Rã".

Voltou a levar o cachimbo aos lábios e o sugou ruidosamente. Tinha o cenho franzido quando terminou de ler a folha de papel manuscrita. De todo modo, sem levantar a vista, tirou o cachimbo da boca e o sacudiu sobre a parede do escritório, salpicando gotas de nicotina amarela na pintura de cal. Colocou-o novamente na boca e voltou à primeira página do documento. Leu-o novamente com atenção, pousou-o a sua frente e depois levantou a cabeça.

— Prisioneiro! Atenção! — vociferou o sargento-mor M'fefe, que estava no comando do destacamento de guarda. Leon golpeou com as botas arruinadas o piso de cimento e permaneceu de pé.

Snell olhou-o com desagrado. Leon havia sido preso três dias antes, quando se apresentara na entrada principal do quartel-general do batalhão. Desde então, havia permanecido no barracão de detenção por ordens do major Snell. Não pudera barbear-se nem mudar de uniforme. A barba crescida no queixo era escura e espessa. O que sobrara de sua túnica não passava de farrapos sujos. As mangas haviam sido arrancadas. As pernas e braços nus estavam cheios de arranhões de espinhos. Mas, apesar dessas circunstâncias, fazia que Snell não se sentisse a sua altura. Mesmo coberto de andrajos, Leon Courtney era alto e forte e irradiava um ar de ingênua confiança em si mesmo. A esposa de Snell, que raramente manifestava aprovação a respeito de alguém ou alguma coisa, havia comentado certa vez, com nostalgia, como era atraente e bonito o jovem Courtney.

— Fez palpar muitos corações por aqui, posso lhe garantir — dissera ao marido.

"Sem corações palpitando por algum tempo. Já me encarreguei disso", pensou Snell com desgosto. Finalmente disse em voz alta:

— Bem, Courtney, desta vez você se superou. — Deu um soco num monte de papéis a sua frente. — Li seu relatório com nada menos que assombro.

— Senhor! — respondeu Leon.

— Desafia toda credibilidade — disse Snell, balançando a cabeça. — Até para alguém como você, os fatos que descreve não são verossímeis. — Suspirou, mas por trás da expressão de desaprovação estava eufórico. Afinal, esse juvenzinho presunçoso fora longe demais. Queria desfrutar esse momento. Esperara quase um ano por ele. — Eu me pergunto como seu tio vai interpretar este extraordinário relatório quando o ler.

O tio de Leon era o coronel Penrod Ballantyne, o comandante do regimento. Era muito mais novo que Snell, mas já tinha um grau hierárquico muito mais elevado que o dele. Snell sabia que, mesmo antes que ele se aposentasse, Ballantyne seria promovido a general e talvez viesse a receber o comando de uma divisão inteira em alguma localidade agradável do império. Naturalmente, a isso se seguiria o título de cavaleiro.

"Maldito Sir Penrod Ballantyne", pensou Snell. Odiava esse homem e o maldito sobrinho, que nesse momento tinha diante de si. Durante toda a vida havia sido preterido enquanto homens como Ballantyne subiam na carreira sem esforço, passando por cima dele. "Bem, não posso fazer grande coisa em relação ao cão maior", pensou sombriamente, "mas com este filhote o assunto é bem diferente."

Coçou a cabeça com a ponta do cachimbo.

— Diga-me, Courtney, você sabe por que mandei prendê-lo desde que voltou ao quartel?

— Senhor! — disse Leon, com o olhar fixo na parede, acima de sua cabeça.

— Caso tenha a intenção de dizer "Não, senhor", gostaria de reler os fatos que o senhor descreve neste relatório e apontar-lhe os que me deixaram preocupado. Faz alguma objeção a isso?

— Senhor! Não, senhor.

— Obrigado, tenente. Em 16 de julho lhe ordenaram que comandasse um destacamento de sete homens até os escritórios centrais do comissariado do distrito de Niombi, onde deveria exercer a função de guarda, para proteger o lugar de possíveis incursões de rebeldes nandis. Está correto?

— Senhor! Sim, senhor!

— Conforme lhe foi ordenado, saiu deste quartel no dia 16, mas o senhor e seu destacamento não chegaram a Niombi senão doze dias depois e ainda viajaram de trem até Mashi. Com isso, só teriam de percorrer sessenta quilômetros até Niombi, mas parece que o senhor cobriu essa distância a um ritmo de menos de cinco quilômetros por dia. — Snell levantou a vista do relatório. — Isso dificilmente poderia ser descrito como marcha forçada. O senhor está de acordo?

— Senhor, expliquei a razão disso no relatório. — Leon continuava em posição de sentido e olhando fixamente para a parede manchada de nicotina, acima da cabeça de Snell.

— Ah, é? O senhor encontrou as pegadas de um grande grupo de rebeldes nandis em pé de guerra e decidiu, em sua infinita sabedoria, ignorar as ordens de continuar até Niombi e, em vez disso, seguiu os rebeldes para enfrentá-los. Espero ter lido sua explicação corretamente.

— Sim, senhor.

— Por favor, explique-me, tenente. Como soube que as pegadas eram de um grupo em pé de guerra e não de caçadores de uma tribo diferente dos nandis ou de refugiados que fugiam da zona do levante?

— Senhor, meu sargento me informou que se tratava de rebeldes nandis.

— E o senhor aceitou essa interpretação?

— Sim, senhor. O sargento Manyoro é um rastreador experiente.

— Então o senhor passou seis dias seguindo esses insurgentes imaginários?

— Senhor, eles iam diretamente para a missão em Nakuru. Parecia que estavam decididos a atacar e destruir o estabelecimento. Considerei que meu dever era impedir isso.

— Seu dever era obedecer às ordens. Seja como for, o senhor nunca conseguiu alcançá-los.

— Senhor, os nandis perceberam que estávamos em seus calcanhares, separaram-se em pequenos grupos e se dispersaram na selva. Dei a volta e me dirigi a Niombi.

— Como lhe fora ordenado?

— Sim, senhor.

— É evidente que o sargento Manyoro não está em condições de corroborar sua versão dos fatos, não? Só tenho sua palavra — continuou Snell.

— Senhor!

— Então, prosseguindo — continuou Snell olhando para o relatório —, o senhor interrompeu a perseguição e finalmente se dirigiu a Niombi.

— Senhor!

— Quando chegou à boma, descobriu que, enquanto passeava pelo campo, o comissário do distrito e sua família haviam sido massacrados. Imediatamente depois dessa descoberta, então, se deu conta de que negligentemente havia conduzido o destacamento a uma emboscada nandi. O senhor deu meia-volta e fugiu, deixando que seus homens se arranjassem por sua conta.

— Não foi isso que aconteceu, senhor — disse Leon, não conseguindo dissimular a honra atingida.

— Esse arrebatamento é insubordinação, tenente. — Snell adorava essa palavra e fazia-a rodar na boca como se estivesse provando um fino bordeaux.

— Desculpe-me, senhor. Não foi essa minha intenção.

— Garanto-lhe, tenente Courtney, que entendi assim. No entanto, o senhor não está de acordo com minha avaliação dos fatos acontecidos em Niombi. Tem testemunhas que possam confirmar sua versão?

— O sargento Manyoro, senhor.

— É claro. Tinha me esquecido de que quando abandonou Niombi carregou o sargento nas costas e, adiantando-se ao exército rebelde, levou-o para o sul, à terra dos massais. — Snell olhou-o com extremo desdém. — Aqui é preciso destacar que o senhor o levou na direção oposta a Nairóbi e depois o deixou com sua mãe. Sua mãe, certamente! — zombou, estalando a língua. — Que comovente! — Acendeu o cachimbo e levou-o à boca. — O destacamento de socorro que chegou à boma de Niombi muitos dias depois do massacre descobriu que todos os cadáveres de seus homens haviam sido tão mutilados pelos rebeldes que era impossível identificá-los com alguma certeza, especialmente porque boa parte dos que não haviam sido decapitados foi devorada pelos abutres e hienas. Creio que o senhor deixou seu sargento entre esses cadáveres, em vez de levá-lo, como afirma, até sua mãe. Acredito que depois que abandonou o campo de batalha ficou dando voltas por essas terras até conseguir recuperar a calma suficiente para voltar a Nairóbi com essa fábula chinesa.

— Não, senhor. — Leon estava tremendo de raiva e apertava tanto os pulsos nas costas que os nós dos dedos ficaram brancos como osso.

— Desde que se juntou ao batalhão, o senhor tem dado mostras de um sutil desprezo pela disciplina militar e pela autoridade. Mostrou muito mais interesse em dedicar-se a atividades tão frívolas como o polo e a caça do que a suas tarefas de oficial subalterno. É evidente que acha que esses serviços estão abaixo de sua dignidade. Além disso, o senhor ignorou as exigências de decoro impostas pela convenção social. Assumiu o papel de um lascivo Dom Juan, despertando a indignação de pessoas decentes da colônia.

— Senhor major, não sei de que modo o senhor pode provar suas acusações.

— Provar? Muito bem, vou provar. Talvez o senhor ignore que durante sua longa ausência na terra dos massais o governador da colônia achou conveniente repatriar para a Inglaterra uma jovem viúva, para protegê-la de seu assédio. Toda a comunidade de Nairóbi está indignada com seu comportamento. O senhor é um abominável embusteiro, que não respeita nada nem ninguém.

— Repatriada! — Leon ficou cinza debaixo do pó e da pele bronzeada. — Mandaram Verity para casa?

— Ah, então o senhor conhece a identidade da pobre mulher. Sim, a senhora O'Hearne foi para a Inglaterra. Partiu há uma semana. — Snell fez uma pausa para que a ideia chegasse ao destino.

Regozijava-se com o fato de ele próprio ter levado o sórdido assunto ao governador. Sempre achara Verity O'Hearne muito atraente. Depois da morte de seu marido, vivia fantasiando que podia consolá-la de sua perda e protegê-la. Olhava-a com desejo a distância, quando ela se sentava no jardim do Clube dos Colonos para tomar chá com sua esposa e as outras senhoras do Instituto de Mulheres. Era tão jovem, tão encantadora e alegre, enquanto Maggie Snell, sentada a seu lado, era velha, feia e rabugenta. Quando chegaram a seus ouvidos comentários sobre o relacionamento dela com um de seus subalternos, ficou arrasado e depois com muita raiva. A honra e a reputação de Valery O'Hearne estavam em perigo, e era seu dever protegê-la. Por isso fora ao governador.

— Bem, Courtney, não cogito apresentar mais provas de minhas acusações. Tudo será decidido em uma corte marcial. Seu expediente foi entregue ao capitão Roberts, do 2 Batalhão. Aceitei atuar como oficial acusador. — Eddy Roberts era um dos favoritos de Snell. — O senhor será acusado de deserção, covardia, negligência no cumprimento do dever e desobediência às ordens de um oficial superior. O segundo-tenente Sampson, do mesmo batalhão, aceitou defendê-lo. Sei que vocês dois são amigos, portanto espero que não se oponha a minha escolha. Tem havido certa dificuldade para encontrar três pessoas para compor o tribunal. Naturalmente, não posso fazer parte dele, pois me pedirão que apresente provas durante o decorrer da corte marcial, e a maioria dos oficiais está em campo lutando contra os inimigos rebeldes. Por sorte, um navio atracou em Mombaça este fim de semana, conduzindo um grupo em licença da Índia a Southampton. Consegui que um coronel e dois capitães peguem um trem em Mombaça e viagem até Nairóbi para completar o grupo de juizes. Devem chegar hoje mesmo, às seis da tarde. Deverão voltar para Mombaça antes de sexta-feira, para continuar sua viagem, portanto o processo deverá começar amanhã de manhã. Mandarei que o tenente Sampson o procure para conversar com o senhor e preparar sua defesa. O senhor está num estado lamentável. Posso sentir seu mau cheiro daqui de minha cadeira. Vá tomar um banho e se arrumar para comparecer diante do tribunal amanhã, à primeira hora da manhã. Até então, ficará confinado em seu alojamento.

— Solicito uma entrevista com o coronel Ballantyne, senhor. Preciso de um tempo maior para preparar minha defesa.

— Lamentavelmente, o coronel Ballantyne não está em Nairóbi neste momento. Está nas terras dos nandis, com o 1 Batalhão, numa ação de represália pelo massacre de Niombi e para arrasar o que resta da resistência rebelde. Seu retorno a Nairóbi não é esperado senão para daqui a várias semanas. Quando estiver de volta, estou certo de que vai ouvir seu pedido. — Snell deu um sorriso frio. — Isso é tudo. Prisioneiro, retire-se!

— Destacamento de guarda, atenção! — gritou o oficial M'fefe. — Meia-volta!

Marcha rápida! Esquerda, direita, esquerda...

Leon se viu sob o sol brilhante no pátio de manobras, levado a passo ligeiro até o alojamento dos oficiais. Tudo estava acontecendo tão rapidamente que ele tinha dificuldade para concatenar as ideias.

O alojamento de Leon consistia numa construção redonda de barro de apenas um ambiente, e o telhado era coberto de palha. Ficava no centro de uma fileira de cabanas idênticas. Cada uma era ocupada por um oficial solteiro. Ao chegar à porta do alojamento, o suboficial M'fefe saudou Leon da maneira correta e disse em voz baixa, num suaíli meio atrapalhado:

— Lamento que isso esteja acontecendo, tenente. Sei que o senhor não é covarde.
— Em vinte e cinco anos de serviço, M'fefe nunca tivera de prender e pôr sob custódia um de seus oficiais. Estava envergonhado e humilhado.

Mesmo quando a maior parte da companhia de Leon o aplaudia depois de sua atuação em qualquer partida de críquete ou polo, sempre cumprimentando-o com um sorriso franco e brilhante, Leon tinha apenas uma leve noção de sua popularidade, por isso ficou comovido com as palavras do sargento.

M'fefe continuou, falando apressadamente para esconder a vergonha:

— Depois que o senhor partiu com a patrulha, uma senhora veio até a porta principal e deixou uma caixa para o senhor, buana. Disse-me para garantir que o senhor a receberia. Coloquei-a em seu quarto, perto da cama.

— Obrigado, sargento — disse Leon, sentindo-se também pouco à vontade. Deu meia-volta e entrou na cabana mal mobiliada. Havia uma cama de ferro com um mosquiteiro suspenso no alto de uma viga, uma estante e um guarda-roupa feito com uma caixa velha. O cômodo estava perfeitamente limpo e em ordem. As paredes haviam sido caiadas recentemente, e o piso encerado brilhava. Seus poucos pertences estavam arrumados com precisão geométrica na única estante, que ficava sobre a cama. Durante sua ausência, Ishmael, seu criado, continuou meticoloso como sempre. O único objeto fora de lugar era um estojo grande de couro que estava encostado na parede.

Leon caminhou até a cama e se sentou. Estava próximo do desespero. Era muita coisa ruim acontecendo ao mesmo tempo. Quase mecanicamente, pegou o estojo de couro que M'fefe havia deixado para ele e o colocou nos joelhos. Era uma mala de viagem, mas das caras, cheia de etiquetas de barcos, com três fechos de bronze, cujas chaves pendiam de uma correia amarrada na alça. Abriu-a, levantou a tampa e olhou espantado para seu conteúdo. Embalados em pedaços de pano verde e encaixados em compartimentos próprios, ali estavam os componentes de um rifle pesado: a vareta, a lata de óleo e outros acessórios. Na parte interna da tampa, uma etiqueta grande trazia o nome do fabricante de armas impresso em letras trabalhadas:

HOLLAND & HOLLAND.

Fabricantes de armas de fogo, rifles, pistolas e todo tipo de armas de fogo com carga de culatra 98 New Bond Street, London W.

Com uma atitude de reverência, Leon montou o rifle, pondo cada peça em seu lugar, e ajustou o gatilho. Acariciou a madeira polida com o óleo da culatra, sentiu sua suavidade sob a ponta dos dedos. Levantou o rifle e o apontou para uma pequena lagartixa que estava de cabeça para baixo na parede mais distante. A culatra se ajustava perfeitamente em seu ombro, e os canos estavam alinhados sob seu olho. Manteve o centro da mira na cabeça da lagartixa.

— Pum, pum... você está morta — disse, e riu pela primeira vez desde que voltara ao quartel. Abaixou a arma e leu a gravação feita sob os canos: "H & H Royal .470 Nitro Express". Em seguida, a incrustação ovalada de ouro puro na culatra de nogueira lhe atraiu o olhar. Nela estavam gravadas as iniciais do proprietário original: PO'H. — Patrick O'Hearne... — sussurrou.

A magnífica arma pertencera ao falecido marido de Verity. Ao lado da etiqueta do fabricante havia um envelope preso ao pano verde da tampa. Com cuidado, colocou o rifle sobre o travesseiro na cabeceira da cama e o pegou. Rompeu o lacre com a unha do polegar e retirou dele duas folhas de papel dobradas. A primeira era um recibo datado de 29 de agosto de 1906.

A quem interessar. Nesta data, vendi o rifle H&H .470 ao tenente Leon Courtney e recebi dele a soma de vinte e cinco guinéus como pagamento total e definitivo. Assinado: Verity Abigail O'Hearne.

Com esse documento, Verity havia transferido legalmente o rifle para seu nome, a fim de que ninguém pudesse pôr em dúvida sua propriedade. Dobrou o recibo e voltou a colocá-lo no envelope. Em seguida, abriu a outra folha de papel. Não tinha data, e a letra era ilegível e irregular, diferente da que aparecia no recibo. Por duas vezes a pena deixara manchas de tinta no papel. Era evidente que ela estava muito nervosa quando a escrevera.

Meu querido Leon,

Quando você estiver lendo isto, já estarei de volta à Irlanda. Não queria ir, mas não me deram nenhuma opção. No fundo de meu coração, sei que a pessoa que está me mandando de volta tem razão e está fazendo isso para meu bem. No próximo ano vou fazer trinta anos, e você só tem dezenove e é um oficial subalterno muito jovem. Estou certa de que um dia você será um general famoso, coberto de medalhas e glória, mas então já serei uma solteirona. Preciso ir. Este presente que lhe deixo é uma amostra de meu carinho por você. Siga em frente e esqueça-me. Encontre a felicidade em outro lugar. Sempre o terei na memória, como o tive algumas vezes em meus braços.

Estava assinado "V". Enquanto lia a carta, sua vista ficou nublada e a respiração, irregular.

Antes que lesse a última linha, ouviu uma batida leve na porta.

— Quem é? — perguntou.

— Sou eu, efêndi.

— Um momento, Ishmael.

Rapidamente enxugou os olhos com as costas das mãos, pôs a carta sob o travesseiro e voltou a pôr o rifle na caixa, empurrando-a para baixo da cama. Depois gritou:

— Entre, amado pelo Profeta.

Ishmael, um devoto suaíli do litoral, entrou com uma banheira de zinco equilibrada na cabeça.

— Bem-vindo, efêndi. O senhor traz o sol a meu coração. — Deixou a banheira no centro do quarto e começou a enchê-la com baldes de água fumegante aquecida no fogo atrás da cabana. Enquanto a água esfriava até atingir uma temperatura suportável, Ishmael lançou para o alto um lençol e o colocou em volta do pescoço de Leon. Depois, de pente e tesoura na mão, pôs-se atrás dele e começou a cortar o cabelo duro de pó e suor. Trabalhou com habilidade e destreza; ao terminar deu um passo para trás e, satisfeito, acenou afirmativamente com a cabeça. Em seguida, foi buscar o pote e o pincel de barba. Aplicou uma espuma cremosa sobre a barba crescida de Leon, afiou a lâmina longa da navalha e começou a passá-la no rosto do amo. Segurou o pequeno espelho de mão enquanto Leon limpava o rosto e depois retirou o lençol.

— Como estou? – perguntou Leon.

— Sua beleza cegaria as huris do Paraíso, efêndi — respondeu Ishmael, muito sério, verificando a temperatura da água da banheira. — Está boa.

Leon tirou os horríveis andrajos e os jogou longe; depois foi para a banheira de água quente e se enfiou nela, suspirando de prazer. A banheira só tinha espaço para ele se sentar com as pernas tocando o queixo. Ishmael recolheu a roupa suja, segurando-a ostensivamente a distância, e levou-a embora, deixando a porta aberta ao sair. Sem bater, Bobby Sampson entrou.

– Um belo objeto é sempre um prazer – disse, com um sorriso desconfiado. Bobby era apenas um ano mais velho que Leon. Era um jovem corpulento e nada garboso, mas afável, e, por ser um dos oficiais mais jovens do regimento, ele e Leon haviam feito uma amizade que se apoiava principalmente no instinto de sobrevivência. Havia selado essa amizade comprando de um hindu que cultivava café um velho automóvel Vauxhall pela soma de três libras e dez xelins, quase o total das economias de ambos. Trabalhando até altas horas da noite, conseguiram restaurá-lo até deixá-lo perto de sua antiga glória.

Bobby foi até a cama e se deixou cair, pôs as mãos atrás da cabeça, cruzou os tornozelos e contemplou a lagartixa, que havia subido até as vigas e pendia de cabeça para baixo acima dele.

– Bem, meu velho, parece que você se meteu num sério problema, hein? Estou

certo de que você já sabe que Freddy, a Rã, o está acusando de todo tipo de malfeito e coisas ruins. Por pura acusando de todo tipo de malfeito e coisas ruins. Por pura casualidade, tenho em meu poder uma cópia dessa lista de acusações.

— Enfiou a mão no enorme bolso lateral da jaqueta do uniforme e tirou dele uma bolota de papéis amassados. Alisou-os no peito e depois os suspendeu no ar, para que Leon os visse. — Há umas coisas bem coloridas aqui. Estou espantado com seu mau Segundo o Corão, jovens belíssimas que se encontram no paraíso para recompensar os fiéis mulçumanos. (N.T.)

comportamento. O problema é que me ordenaram que o defenda. E então? O que você acha, hein?

— Pelo amor de Deus, Bobby, pare de dizer "hein?". Você sabe como isso é irritante.

Bob fez cara de arrependido.

— Sinto muito, velho. A verdade é que não tenho a menor ideia do que esperam que eu faça.

— Bobby, você é um idiota.

— Não posso evitar isso, meu belo amigo. Minha mãe deve ter me deixado cair de cabeça, não acha? De qualquer modo, voltemos ao tema central desta agenda. Você tem alguma ideia do que devo fazer?

— Supõe-se que você deva deslumbrar os juízes com seu engenho e erudição. — Leon estava começando a se sentir mais alegre. Divertia-se com a maneira como Bobby escondia a mente sagaz atrás de uma fachada de homem desajeitado.

— No momento, estou um tanto em baixa no departamento de engenho e erudição — admitiu Bobby. — Há mais alguma coisa?

Leon se levantou na banheira, espirrando água com sabão no chão. Bobby fez uma bola com a toalha que Ishmael deixara no pé da cama e jogou-a na cabeça do amigo.

— Para começar, vamos ler juntos todas às acusações — sugeriu Leon enquanto se enxugava com a toalha.

O rosto de Bobby se iluminou.

— Brilhante ideia. Sempre suspeitei que você fosse um gênio.

Leon vestiu uma calça cáqui.

— Estamos com falta de assentos por aqui — disse. — Mexa esse traseiro gordo.

Agora sério, Bobby endireitou o corpo. Abriu espaço para o amigo se sentar na cama ao lado dele. Os dois começaram então a examinar demoradamente a lista de acusações.

Quando a luz na cabana esmaeceu, Ishmael trouxe um lampião redondo e o pendurou num gancho. Trabalharam sob a fraca luz amarela até que Bobby esfregou os olhos e bocejou; a seguir, tirou o relógio do bolso e lhe deu corda com energia.

— Faz tempo que passou da meia-noite, e ambos devemos estar no tribunal às

nove horas. Temos de dar por finda a jornada. A propósito, quer saber o que penso de suas chances de absolvição?

— Na verdade, não – respondeu Leon.

— Se você quisesse apostar um contra mil, eu não arriscaria nem um décimo de xelim — disse Bobby. — Se pudéssemos encontrar esse seu sargento, a história poderia ter um final diferente.

— São poucas as possibilidades de conseguir isso até as nove de amanhã. Manyoro está lá no alto de uma montanha, em território massai, a centenas de quilômetros daqui.



O cassino dos oficiais havia sido transformado em sala do tribunal para a realização da corte marcial. Os três juízes estavam sentados à mesa principal, colocada sobre um estrado. Havia duas mesas em um nível abaixo dele, uma para a defesa e outra para a acusação. Fazia calor na pequena sala. Na galeria externa, um punkah-wallah puxava ritmadamente uma corda que desaparecia por um buraco no teto e dali por uma série de polias até o ventilador pendurado acima da mesa dos juízes. Suas pás zumbiam monotonamente, movimentando o ar lânguido para criar uma ilusão de frescor.

Sentado junto de Bobby Sampson à mesa da defesa, Leon estudava o rosto dos juízes. Covardia, deserção, negligência no cumprimento do dever e desobediência às ordens de um oficial superior, todos eles delitos dos quais o acusava, tinham como castigo a pena máxima — execução pelo pelotão de fuzilamento. A pele de seus antebraços pinicava. Aqueles homens tinham sobre ele o poder da vida e da morte.

— Olhe-os nos olhos e fale com firmeza — sussurrou-lhe Bobby, levantando o bloco de anotações para cobrir os lábios. — Era isso que meu velho pai sempre me dizia.

Nem todos os juízes pareciam humanos e compassivos. O mais antigo era o coronel do exército indiano que viera de Mombaça de trem. Parecia que a viagem não lhe fizera bem. Sua expressão era ácida e dispéptica. Vestia o chamativo uniforme do 11 Regimento de Lanceiros de Bengala (e do próprio príncipe de Gales). Exibia no peito duas fileiras de condecorações, as botas de equitação brilhavam e o rabo de seu turbante de seda multicolorida lhe caía sobre um ombro. Seu rosto estava queimado por causa do sol e do uísque, os olhos eram tão ferozes como os de um leopardo, e as pontas do bigode, enceradas, formavam pontas agudas.

— Parece um autêntico devorador de homens — sussurrou Bobby. Havia acompanhado o olhar de Leon. — Acredite-me, é esse que temos de convencer, e não vai ser fácil.

— Cavalheiros, estamos prontos para começar? — disse o juiz mais antigo, dirigindo os olhos frios, ligeiramente injetados de sangue, para Eddy Roberts, na mesa da acusação.

— Sim, meu coronel. — Roberts ficara respeitosamente de pé para responder. Era o predileto da Rã Snell, razão por que fora escolhido.

O presidente olhou para a mesa da defesa.

— E o senhor, o que diz? — perguntou, e Bobby se pôs de pé com tal rapidez que

fez que sua pilha de papéis cuidadosamente organizada caísse em cascata no chão. — Oh, que barbaridade! — tartamudeou, e caiu de joelhos para recolhê-los. — Peço-lhe que me perdoe, senhor.

— O senhor está pronto? — A voz do coronel Wallace era tão forte que parecia uma sirene dentro da pequena sala.

— Sim. Estou pronto, senhor. — Bobby o olhava agachado no chão, segurando os papéis junto ao peito. Ficara completamente vermelho.

— Não temos toda a semana. Começemos, juvenzinho.

O ajudante, que se dividia nas tarefas de secretário e taquígrafo do tribunal, leu a lista de acusações, depois Eddy Roberts se levantou para abrir o caso em nome da acusação. Sua maneira de falar era tranquila, e ele se expressava com clareza e convicção. Os juízes acompanharam seu discurso com atenção.

— Que me condenem, mas Eddy é muito bom, não? — disse Bobby, preocupado.

Depois de sua introdução, Eddy chamou ao estrado o major Snell, sua primeira testemunha. Conduziu-o pela folha de acusações e o fez confirmar os detalhes incluídos no documento. Então, interrogou-o sobre a folha de serviços do acusado e o desempenho de suas funções até o momento em que fora enviado para proteger a boma de Niombi. Snell era astuto o bastante para não deixar que sua declaração parecesse parcial e preconceituosa em relação a Leon. No entanto, deu um jeito de fazer que suas qualificadas e frágeis avaliações parecessem fortemente condenatórias.

— Responderia a essa pergunta dizendo que o tenente Courtney é um jogador de polo experiente. Também mostra paixão pela caça de animais de grande porte. Essas atividades ocupam grande parte de seu tempo, que poderia ser mais bem empregado em outro lugar.

— E quanto a seu comportamento? O senhor sabe de algum escândalo social ligado a seu nome?

Bobby pôs-se de pé num salto.

— Protesto, senhor presidente! — gritou. — Isso é recorrer a conjecturas e falatórios. A conduta de meu cliente quando está fora de serviço não tem relação com as acusações feitas perante este tribunal.

— O que o senhor diz a isso? — O coronel Wallace dirigiu o olhar penetrante para Eddy Roberts.

— Creio que a integridade e o caráter moral do acusado têm relação direta com este caso, senhor.

— A objeção é indeferida. A testemunha pode responder à pergunta.

— A pergunta era... — Eddy fez que consultava suas anotações... — O senhor sabe de algum escândalo social relacionado com o nome do acusado?

Era isso que Snell estava esperando.

— De fato, recentemente ocorreu um incidente pouco feliz. O acusado se viu envolvido com uma jovem de boa família, uma viúva. Seu comportamento foi tão descarado e escandaloso que pôs em questão a honra de seu regimento e enfureceu a comunidade local. O governador da colônia, Sir Charles Eliot, não teve alternativa senão fazer que a dama em questão fosse repatriada.

Os três juízes voltaram a cabeça para Leon; sua expressão era de repulsa. Poucos anos haviam se passado desde a morte da velha rainha, e, apesar da reputação extravagante de seu filho, o soberano reinante, as gerações mais velhas ainda eram influenciadas pelos rígidos costumes de Vitória.

Bobby escarafunchou algo em seu caderno de anotações, depois girou-o para que Leon pudesse ler o que estava escrito: "Não vou reperguntar sobre esse assunto. De acordo?".

Leon fez que sim com a cabeça, pouco contente com a ideia.

Depois de uma longa pausa, para fazer que a importância desse testemunho ficasse na memória dos juízes, Eddy Roberts pegou um livro grosso que tinha diante de si.

— Major Snell, o senhor reconhece este livro?

— Claro que o reconheço. É o livro de ordens do batalhão.

Eddy o abriu numa página que estava marcada e leu em voz alta o trecho que se referia a ordens dadas a Leon para que levasse seu destacamento à boma de Niombi. Quando terminou, perguntou:

— Major Snell, essas foram suas ordens ao acusado?

— Sim.

Eddy leu outra vez a página aberta do livro de ordens:

— "Ordena-se que parta com a maior celeridade..." — Olhou para Snell. — "Com a maior celeridade" — repetiu. — Essas foram suas instruções precisas?

— Exatamente.

— Tendo o acusado levado oito dias para realizar a viagem, o senhor acha que ele agiu "com a maior celeridade"? — Olhou para Snell e repetiu: — "Com a maior celeridade".

— Não. Não penso assim.

— O acusado apresentou como justificativa para sua demora o fato de, enquanto se dirigia a Niombi, ter encontrado pegadas de um grupo rebelde em pé de guerra e achado que era seu dever segui-lo. O senhor concordaria com ele que esse era seu dever?

— Absolutamente não! Seu dever era seguir para Niombi e encarregar-se da proteção dos habitantes, como lhe fora ordenado.

— O senhor acredita que o acusado teria sido capaz de reconhecer com segurança que as pegadas que estava seguindo haviam sido feitas por rebeldes nandis?

— Não, não creio nisso. Sinto-me fortemente inclinado a duvidar da afirmação de que essas pegadas haviam sido deixadas por seres humanos. Dada a predileção do tenente Courtney pela caça, o mais provável é que elas pertencessem a algum animal, um elefante, por exemplo, o que chamou sua atenção.

— Protesto, Excelência! — gritou Bobby. — Isso é apenas uma conjectura da testemunha.

Antes que o juiz pudesse decidir, Eddy interveio, com voz calma:

— Retiro a pergunta, senhor. — O que dissera havia bastado para plantar a ideia na mente dos juizes. Repassou com Snell todo o relatório de Leon. — O acusado afirmou que, com quase todos os seus homens mortos e o sargento gravemente ferido, empreendeu uma corajosa defesa sem quase nenhuma possibilidade de sucesso, e só foi forçado a sair da boma de Niombi quando os rebeldes puseram fogo no prédio. — Bateu com o dedo na página do documento, dizendo: — Quando isso se deu, pôs o homem ferido nas costas e, usando a fumaça como proteção, tirou-o de lá. Pode-se crer nisso?

Snell sorriu, incrédulo.

— O sargento Manyoro era um homem grande. Media mais de um metro e oitenta e cinco.

— Tenho aqui uma cópia de seu relatório médico. O homem tinha um metro e noventa e dois, descalço. Um homem de porte grande, o senhor concordará.

— Certamente. — Snell assentiu com a cabeça. — E o acusado garante que o levou por uns quarenta e cinco quilômetros sem ser alcançado pelos rebeldes. — Sacudiu a cabeça. — Duvido que mesmo um homem forte como o tenente Courtney seja capaz de semelhante façanha.

— Então, o que acha o senhor que ocorreu com o sargento?

— Acredito que o acusado o abandonou em Niombi com o resto de seu destacamento e fugiu sozinho.

— Protesto! — disse Bobby bem alto, levantando-se de um salto. — Conjectura!

— Protesto aceito. Que sejam eliminadas do registro do tribunal a pergunta e a resposta da testemunha — disse o coronel de turbante, que apesar disso lançou um olhar de desaprovação na direção de Leon.

Eddy Roberts consultou suas anotações.

— Ouvimos provas de que a coluna de reforço não conseguiu encontrar o corpo do sargento. Como se explica isso?

— Devo corrigi-lo quanto a esse particular, capitão Roberts. As provas indicam que não conseguiram identificar o corpo do sargento entre os mortos, o que é totalmente diferente. Encontraram corpos no prédio incendiado, mas eles estavam carbonizados, sendo impossível seu reconhecimento. Os outros corpos haviam sido decapitados pelos rebeldes ou estavam tão desfigurados pela ação dos abutres e

hienas que também estavam irreconhecíveis. O sargento Manyoro podia ser qualquer um desses corpos.

Bobby cobriu o rosto com as mãos e disse, com expressão cansada:

— Protesto. São suposições.

— Protesto aceito. Por favor, restrinja-se a provas concretas, major. — Snell e o oficial de sua predileção trocaram um olhar petulante.

Eddy continuou, num tom de indiferença:

— Se o sargento Manyoro tivesse escapado de Niombi com a ajuda do acusado, o senhor poderia indicar onde ele está neste momento?

— Não, não posso.

— Na manyatta de sua família, talvez? Visitando a mãe, como disse o acusado em seu relatório?

— Em minha opinião, isso é pouco provável — respondeu Snell. — Duvido que algum dia voltemos a ver o sargento.

Os juízes fizeram uma interrupção para almoço na ampla galeria do cassino dos oficiais, onde comeram carne assada fria de galinha-d'angola e beberam champanhe. Quando voltaram, Eddy Roberts prosseguiu com suas perguntas a Snell, até o meio da tarde, momento em que ele se virou para o juiz mais velho, dizendo:

— Não tenho mais perguntas, Excelência. Terminei com essa testemunha. — Sentia muita satisfação e não escondia isso.

— O tenente deseja se manifestar? — quis saber o presidente do júri, enquanto consultava o relógio de bolso. — Gostaria de concluir amanhã, no mais tardar até o final da manhã. Preciso tomar o barco em Mombaça na sexta-feira à noite. — Dava a impressão de que o veredicto já estava decidido.

Bobby fez todo o possível para abalar a atitude de autoconfiança de Snell, mas tinha tão poucos elementos em que se apoiar que o homem conseguiu responder às perguntas num tom indulgente e condescendente, como se estivesse falando com uma criança. Uma ou duas vezes lançou um olhar de cumplicidade na direção dos juízes.

Finalmente, o coronel tirou o relógio do bolso outra vez e anunciou:

— Senhores, damos por terminada a jornada. Amanhã de manhã nos reuniremos novamente. — Levantou-se e conduziu os colegas juízes ao bar, na parte de trás do cassino.

— Receio não ter conduzido as coisas muito bem — confessou Bobby quando ele e Leon saíam da galeria. — Tudo vai depender das provas que você apresentar amanhã.

Ishmael levou-lhes o jantar e duas garrafas de cerveja da cozinha externa semicoberta, na parte dos fundos da cabana redonda de Leon. Não havia nenhuma cadeira, por isso os dois se ajeitaram no chão de terra enquanto comiam com pouco apetite, repassando pouco entusiasmados sua estratégia para a manhã seguinte.

— Pergunto-me se as damas de Nairóbi vão achá-lo tão elegante e bonito quando você estiver de costas para uma parede de tijolos e com os olhos vendados — ironizou Bobby.

— Xô, pássaro de mau agouro — disse Leon. — Quero dormir um pouco.

Mas o sono não veio, e ele ficou dando voltas na cama e suando até as primeiras horas da manhã. Afinal, levantou-se e acendeu o lampião. Então, vestido só de cuecas, dirigiu-se para a porta e foi até o sanitário comum no final da fileira de cabanas. Quando voltou, encontrou um pequeno grupo de homens agachados junto a sua porta. Leon, assustado, deu um passo atrás e levantou o lampião.

— Quem está aí? — perguntou em voz alta. Então viu que eram cinco homens, todos vestidos com as shukras ocreavermelhadas dos massais.

Um deles se levantou.

— Estou vendo o senhor, M'bogo — disse, e a luz se refletiu nos pingentes de marfim de suas orelhas, quase tão brilhantes quanto seus dentes.

— Manyoro! Que diabos está fazendo aqui? — disse Leon quase aos gritos, com alegria e alívio cada vez maiores.

— Lusima Mama me mandou. Disse que o senhor precisava de mim.

— Que raios o fizeram demorar tanto? — Leon queria abraçá-lo.

— Vim o mais rápido que pude, com a ajuda desses meus irmãos — disse, apontando para os homens atrás deles. — Chegamos ao desvio do trem em Naro Moru depois de dois dias de caminhada do monte Lonsonyo até aqui. O maquinista do trem nos deixou viajar sobre o teto do trem e nos trouxe até aqui a grande velocidade.

— Mama tem razão. Tenho muita necessidade de sua ajuda, meu irmão.

— Lusima Mama sempre tem razão — disse Manyoro com firmeza. — Qual é o grande problema que o aflige? Vamos de novo para a guerra?

— Sim — respondeu Leon. — Uma grande guerra! — Os cinco massais sorriram felizes ante essa perspectiva.

Ishmael acordara com o vozerio e apareceu, cambaleante, sonolento, vindo de sua choça atrás da cabana para saber a razão daquilo.

— Esses massais infiéis estão causando algum problema, efêndi? Quer que os tire daqui? — Não reconhecera o sargento Manyoro com seu traje tribal.

— Não, Ishmael! Corra o mais rápido que puder para dizer ao tenente Bobby que venha para cá imediatamente. Ocorreu algo maravilhoso. Nossas orações foram atendidas.

— Alá é grande! Sua caridade está além de toda compreensão — salmodiou Ishmael e em seguida se dirigiu à cabana de Bobby, trotando com grande dignidade.

— Chamo o sargento Manyoro para testemunhar — disse Bobby Sampson com voz forte e confiante.

Um silêncio espantoso tomou conta do cassino dos oficiais. Os juízes levantaram a vista de suas anotações com súbito interesse quando Manyoro atravessou a soleira da porta coxeando, apoiado numa tosca muleta. Vestia seu uniforme de gala número um, com polainas reluzentes em volta das pernas, mas de pés descalços. As insígnias do regimento, estampadas na parte dianteira de seu fez vermelho e na fivela de seu cinturão, haviam sido polidas com esmero, até ficarem brilhando como estrelas. O primeiro-sargento M'fefe vinha atrás dele, tentando sem sucesso esconder o sorriso. Ambos pararam diante da mesa elevada e saudaram os juízes com um floreio.

— O primeiro-sargento M'fefe atuará como intérprete para aqueles de nós que tenham conhecimento limitado do suaíli — explicou Bobby. Após o juramento da testemunha, Bobby olhou para o intérprete e disse: — Sargento, por favor, peça à testemunha que diga seu nome e patente.

— Sou o sargento Manyoro, da Companhia C, 3 Batalhão, 1 Regimento dos Rifles Africanos do Rei — respondeu Manyoro com orgulho.

O rosto do major Snell se enrugou, consternado. Até aquele momento não havia reconhecido Manyoro. Leon já o ouvira dizer mais de uma vez no bar do cassino, depois do terceiro ou quarto uísque: "Esses malditos negros são todos iguais para mim". Tais comentários pejorativos eram próprios da atitude predominantemente desdenhosa de Snell. Nenhum outro oficial teria feito uma referência como essa a homens sob seu comando.

"Olhe bem para este maldito negro, Rãzinha", pensou Leon com alegria. "Não vai se esquecer facilmente de seu rosto."

— Excelência — disse Bobby, dirigindo-se ao juiz principal — é possível permitir que a testemunha responda sentada às perguntas que lhe forem feitas? O sargento foi atingido na perna direita por uma flecha nandi. Como o senhor pode ver, ele ainda não se restabeleceu completamente.

Todos os olhares na sala se dirigiram para a coxa de Manyoro, que naquela manhã havia sido enfaixada com bandagens novas pelo médico do regimento. Uma mancha de sangue fresco atravessara a gaze branca.

— Evidentemente — disse o presidente do júri. — Que lhe tragam uma cadeira.

Todos estavam inclinados para frente, em expectativa. O major Snell e Eddy Roberts trocavam sussurros nervosos. Eddy não parava de balançar a cabeça.

— Sargento, este homem é oficial chefe de sua companhia? — disse Bobby, apontando para Leon, a seu lado.

— Sim, buana tenente.

— Sargento Manyoro, não é preciso que o senhor continue me chamando de "buana tenente" — disse Bobby em suaíli fluente.

— Ndio, buana tenente — respondeu Manyoro.

E Bobby, em atenção aos juízes, voltou a falar em inglês:

— Durante a caminhada, o senhor encontrou pegadas suspeitas?

— Sim, nós as encontramos na encosta por onde um grupo de vinte e seis guerreiros nandis havia descido pela encosta do vale da Grande Fenda, vindo de Gelai Lumbwa.

— Vinte e seis? O senhor está certo disso?

— É claro que sim, buana tenente — respondeu Manyoro, ressentindo-se da pergunta desnecessária.

— Como soube que se tratava de um grupo de guerreiros?

— Não traziam consigo mulheres nem filhos.

— Como soube que eram nandis e não massais?

— Seus pés são menores que os nossos, e eles caminham de modo diferente.

— Como diferente?

— Seus passos são curtos... São anões. Eles não apoiam primeiro o calcanhar e não pressionam o chão com o dedo grande do pé, como fazem os verdadeiros guerreiros. Eles batem os pés no chão como fêmeas de mandris prenhes.

— Portanto, estava certo de que era um grupo de guerra nandi?

— Só um tolo ou uma criança pequena poderia ter duvidado.

— Para onde se dirigiam?

— Para a sede da missão em Nakuru.

— Em sua opinião, eles iam atacar a missão?

— Não pensei que fossem beber cerveja com os sacerdotes — respondeu Manyoro altivamente, e, quando o primeiro-sargento traduziu suas palavras, o juiz principal reprimiu uma gargalhada. Os outros juízes sorriram e balançaram a cabeça em concordância.

Eddy estava sombrio nesse momento.

— O senhor disse tudo isso a seu tenente? Conversou com ele?

— É claro que sim.

— Ele ordenou a perseguição desse grupo de guerra?

Manyoro fez que sim com a cabeça.

— Nós os seguimos durante dois dias, até que nos aproximamos muito e eles perceberam que estávamos atrás deles.

— Como chegaram a essa conclusão?

— Os arbustos iam se tornando mais raros nessa região, e até os nandis têm olhos na cabeça — explicou Manyoro pacientemente.

— Então seu oficial ordenou que suspendessem a perseguição, e foram para Niombi. O senhor sabe por que ele decidiu não enfrentar o inimigo?

— Vinte e seis nandis saíram em vinte e seis direções diferentes. Meu tenente não é tonto. Sabia que podíamos agarrar um se corrésemos muito e tivéssemos sorte. Ele também sabia que os tínhamos espantado, de modo que não iam continuar

seguindo para Nakuru. Meu buana havia salvado a missão daquele ataque e não queria perder mais tempo.

— Mas já haviam perdido quase quatro dias, não?

— Ndio, buana tenente.

— Quando chegaram a Niombi, o que encontraram?

— Outro grupo de guerra nandi havia atacado a boma. Havia matado o comissário do distrito, sua mulher e a filha. Atravessaram o bebê com uma lança e afogaram o homem e a mulher urinando em sua boca.

Inclinados para frente, os juízes acompanhavam com muita atenção o depoimento da testemunha. Bobby pediu a Manyoro que descrevesse a emboscada nandi e a luta desesperada que se seguira.

Sem nenhuma emoção visível, Manyoro contou como o restante da tropa fora eliminado e como ele e Leon abriram caminho lutando em direção à boma, para combater os atacantes.

— Durante a luta seu tenente se comportou como homem?

— Lutou como um guerreiro.

— O senhor o viu matar algum inimigo?

— Eu o vi matar oito nandis, mas talvez fossem mais. Eu também estava ocupado.

— Então o senhor foi ferido. Conte-nos como foi isso.

— Nossa munição quase havia terminado. Saímos para pegar os cartuchos de nossos ascaris caídos no pátio de manobras.

— O tenente Courtney foi com o senhor?

— Ele ia à frente.

— O que aconteceu então?

— Um dos cachorros nandis atirou em mim uma flecha que me acertou aqui. — Manyoro levantou a calça curta e mostrou a perna enfaixada.

— O senhor podia correr com esse ferimento?

— Não.

— Como escapou?

— Quando viu que eu havia sido atingido, buana Courtney voltou até onde eu estava e me levou para a boma.

— O senhor é um homem grande. Ele o carregou?

— Sou grande porque sou massai. Mas buana Courtney é forte. Seu nome massai é Búfalo.

— O que houve depois?

Manyoro descreveu em detalhes o modo como haviam resistido, até que os nandis puseram fogo no prédio e eles foram obrigados a abandoná-lo, usando a proteção da fumaça do teto em chamas para fugir para a plantação de bananas.

— O que o senhor fez então?

— Quando chegamos a um espaço aberto além da plantação, pedi a meu buana que me deixasse com seu revólver e continuasse sozinho.

— O senhor pensou em se matar porque estava ferido e não queria ser preso pelos nandis e ser afogado do mesmo modo que o comissário do distrito e sua mulher?

— Eu me mataria antes de morrer nas mãos dos nandis, mas não sem levar comigo alguns desses chacais — concordou Manyoro.

— Seu oficial se negou a deixá-lo para trás?

— Ele decidiu me carregar nas costas até a linha férrea. Disselhe que eram quatro dias de caminhada através das terras tribais dos nandis que sabíamos que a área estava cheia de grupos deles em pé de guerra. Disse-lhe que a manyatta de minha mãe estava a quarenta e cinco quilômetros de distância e já dentro do território massai, onde esses cães sarnentos dos nandis nunca se atreveriam a nos seguir. Disse-lhe que, se estava decidido a me levar com ele, devíamos fazer esse caminho.

— E ele aceitou sua sugestão?

— Sim.

— Quarenta e cinco quilômetros?

— Talvez um pouco mais que isso. Ele é um homem forte.

— Quando os dois chegaram à aldeia de sua mãe, por que ele não o deixou lá e voltou imediatamente para Nairóbi?

— Seus pés estavam arrebatados por causa da caminhada de Niombi até lá. Não conseguia continuar andando. Minha mãe é uma conhecida curandeira de grande poder. Tratou seus pés com seus remédios. Buana Courtney deixou a manyatta assim que conseguiu andar.

Bobby fez uma pausa e olhou para os três juízes. Em seguida, perguntou:

— Sargento Manyoro, quais são seus sentimentos em relação ao tenente Courtney?

Manyoro respondeu com serena dignidade:

— Meu buana e eu somos guerreiros irmãos de sangue.

— Obrigado, sargento. Não tenho mais perguntas para o senhor.

Por um longo momento, fez-se um silêncio de admiração no tribunal. Em seguida, o coronel Wallace se levantou.

— Tenente Roberts, o senhor deseja fazer alguma pergunta a este homem?

Eddy falou rapidamente com o major Snell, depois se pôs de pé de má vontade.

— Não, senhor. Não tenho nenhuma pergunta a lhe fazer.

— Há outras testemunhas? Tenente Sampson, pode chamar seu cliente? — disse o coronel Wallace. Tirou do bolso o relógio e o olhou ostensivamente.

— Com a indulgência do tribunal, chamarei o tenente Courtney. No entanto, já estou terminando e não reterei o tribunal por muito mais tempo.

— Fico tranquilo ao ouvir isso. Prossiga.

Quando Leon subiu ao estrado, Bobby lhe passou um monte de papéis e lhe perguntou:

— Tenente Courtney, esse é seu relatório oficial sobre a expedição a Niombi, que o senhor entregou a seu oficial no comando?

Leon folheou-o rapidamente.

— Sim, este é meu relatório.

— Há nele algo que o senhor deseje corrigir? Algo que queira acrescentar?

— Não, não desejo acrescentar nada.

— O senhor afirma, sob juramento, que esse relatório é verdadeiro e está correto em todos os seus detalhes?

— Sim.

Bobby voltou a pegar o documento e o colocou diante dos juízes.

— Desejo que este documento seja incluído nas provas.

— Já está incluído – informou o coronel Wallace, de mau humor. — Todos já o lemos. Faça suas perguntas, tenente, e terminemos com isto.

— Não tenho mais perguntas, Excelência. A defesa já terminou.

— Muito bem. — O coronel estava agradavelmente surpreso. Não esperava que a intervenção de Bobby fosse tão rápida. Olhou de cenho franzido para Eddy Roberts e perguntou: — O senhor tem alguma pergunta a fazer?

— Não, Excelência, não tenho mais nenhuma pergunta a fazer ao acusado.

— Ótimo. — Wallace sorriu pela primeira vez. — A testemunha pode descer, e a acusação pode dar início a suas conclusões.

Eddy se levantou, tentando mostrar uma confiança que não sentia.

— Peço ao tribunal que concentre sua atenção no relatório escrito pelo acusado, que foi ratificado sob juramento como correto em todos os seus detalhes, e também na prova que o corrobora, apresentada pelo sargento Manyoro. Ambos confirmam que o acusado deliberadamente desconsiderou suas ordens de seguir com toda a celeridade à estação de Niombi, decidindo em vez disso perseguir o grupo guerreiro nandi que ele achava que estava se dirigindo à missão de Nakuru. Afirmando que o acusado admitiu que é culpado da acusação de deliberadamente ter se negado a cumprir as ordens de um oficial superior diante do inimigo. Não há a menor dúvida quanto a isso.

Eddy fez uma pausa para tomar fôlego. Respirou fundo, como se estivesse para mergulhar num lago de água gelada.

— Quanto à servil confirmação das ações posteriores do acusado por parte do sargento Manyoro, quero voltar à atenção para sua declaração infantil e emocional de que ele e o acusado são "guerreiros irmãos de sangue". — O coronel Wallace franziu o cenho, e seus colegas juízes se mexeram inquietos em seus assentos. Não

era a reação que Eddy esperara, e ele continuou rapidamente: — Mantenho que a testemunha foi preparada pela defesa e que está totalmente submetida à vontade do acusado. Sugiro que tenha repetido como um papagaio todas as palavras que foram postas em sua boca.

— Capitão Roberts, o senhor está sugerindo que a testemunha disparou a flecha em sua própria perna para encobrir a covardia de seu chefe de pelotão? — perguntou o coronel Wallace.

Eddy se sentou quando a sala do tribunal explodiu em gargalhadas.

— Silêncio na sala do tribunal! Por favor, cavalheiros, por favor! — protestou o meirinho.

— Essas são suas conclusões, capitão? Terminou? — perguntou Wallace.

— Terminei, Excelência.

— Tenente Sampson, pode refutar o que foi dito pela acusação?

Bobby se levantou e disse:

— Excelência, não só rejeitamos integralmente as conclusões da acusação, como nos sentimos ofendidos pela calúnia acerca da honestidade do sargento Manyoro. Temos plena confiança em que o tribunal aceitará as provas de um soldado sincero, corajoso e leal, cuja dedicação ao dever e respeito a seus oficiais são a própria essência de que é feito o exército britânico. — Olhou cada juiz, um por um. — Cavalheiros, a defesa terminou.

— O tribunal se levanta para elaborar seu veredicto. Voltaremos a nos reunir ao meio-dia para declará-lo. — Wallace se pôs de pé e disse aos outros dois juízes, em voz baixa mas perfeitamente audível: — Bem, colegas, parece que ainda podemos alcançar aquele navio.

Enquanto se retiravam da sala do tribunal, Leon disse baixinho a Bobby:

— "A própria essência de que é feito o exército britânico." Isso foi magistral!

— Foi bom, não foi?

— Convido-o para uma cerveja.

— Não me ofenderei com isso.

Uma hora depois, o coronel Wallace estava sentado à mesa, remexendo em seus papéis. Limpou a garganta e começou:

— Antes de expressar nossa decisão, desejo manifestar que este tribunal ficou impressionado com o comportamento do sargento Manyoro e as provas por ele apresentadas. Nós o consideramos um soldado confiável, sincero e corajoso. — Bobby sorriu, radiante, ao ouvir que Wallace repetia fielmente sua própria descrição a respeito do soldado. — Esta declaração deve ser acrescentada à folha de serviços do sargento Manyoro.

Wallace girou na cadeira e olhou firme para Leon.

— O julgamento deste tribunal é o seguinte: pelas acusações de covardia,

deserção e negligência no cumprimento do dever, consideramos o acusado inocente. — Ouviram-se murmúrios de alívio por parte da defesa. Bobby deu um leve tapa no joelho de Leon por baixo da mesa. Wallace, sério, continuou a falar: — Embora o tribunal compreenda e compartilhe o instinto do acusado de enfrentar o inimigo em qualquer ocasião, na tradição do exército britânico, entendemos que, quando ele decidiu perseguir o grupo de guerreiros rebeldes apesar das ordens de dirigir-se com a maior pressa à estação de Niombi, transgrediu os artigos de guerra, que exigem obediência estrita às ordens de um oficial superior. Portanto, não temos alternativa senão considerá-lo culpado de desobedecer às ordens estritas de seu oficial superior.

Bobby e Leon olharam-se consternados, enquanto Snell cruzava os braços sobre o peito e se recostava na cadeira com um irreprimível sorriso na boca larga.

— Agora, vamos à sentença. Que o acusado se levante. — Leon se pôs de pé e se empertigou, rígido, em posição de sentido, olhando fixamente para a parede atrás da cabeça de Wallace. — O veredicto de culpado será incluído na folha de serviços do acusado. Ele ficará detido até que este tribunal suspenda a sessão e, a seguir, deverá voltar imediatamente a suas funções, com todas as responsabilidades e privilégios de sua patente. Deus salve o rei! Dá-se por concluído este processo. — Wallace se levantou, cumprimentou com uma ligeira inclinação os homens que estavam no nível mais baixo e levou os colegas juízes ao bar. — Há tempo para um drinque antes que saia o trem. Eu vou tomar um uísque. E os senhores?

Enquanto Leon e Bobby se dirigiam para a porta da sala do tribunal, que voltava a sua função de cassino dos oficiais, eles passaram diante da mesa em que Snell continuava sentado. Ele se levantou e pôs o quepe na cabeça, obrigando-os a parar em posição de sentido e bater continência.

— Terei novas ordens para você amanhã de manhã, Courtney. Apresente-se em meu escritório às oito em ponto. Até lá, pode continuar — fustigou-o.

— Duvido muito que tenha conseguido tornar a Rã seu amigo para toda a vida — gracejou Bobby enquanto saíam à calçada do pátio de manobras. — Vai tornar sua vida extremamente interessante a partir de agora. Imagino que suas novas ordens o levarão em patrulha a pé até o lago Natron ou a algum outro lugar abandonado pelas mãos de Deus. Não vamos vê-lo muito frequentemente por aqui durante um mês ou mais, mas pelo menos você vai conhecer melhor o país.

Os ascaris de Leon se amontoaram em volta dele para cumprimentá-lo.

— Jambo, buana. Bem-vindo!

— Pelo menos lhe restaram alguns amigos — consolou-o Bobby. — Posso usar este calhambeque enquanto você estiver passando uma temporada na selva?



Alguns meses depois, dois cavaleiros cavalgavam lado a lado ao longo da margem do rio Athi. Os ajudantes de quadra os seguiam a distância, levando os cavalos de reposição. Os cavaleiros usavam chapéu de aba larga e mantinham as lanças guardadas.

Diante deles, a ampla e verde planície de Athi se estendia até o horizonte, salpicada e coberta de manadas de cabras, avestruzes, impalas e antílopes. Um par de girafas olhava para eles com seus grandes olhos escuros, quando passavam a uns cem metros delas.

— Senhor, não vou conseguir suportar por muito mais tempo — disse Leon a seu tio favorito —, vou ter de pedir transferência para outro regimento.

— Duvido que algum vá aceitá-lo, meu rapaz. Você tem uma mancha negra em sua folha de serviços — replicou o coronel Penrod Ballantyne, oficial comandante do 1 Regimento dos Rifles Africanos do Rei. — O que você acha da Índia? Poderia recomendá-lo a alguns amigos que estiveram comigo na África do Sul — sugeriu Penrod, testando-o.

— Obrigado, senhor, mas jamais sonharia ir-me embora da África — respondeu Leon. — Quando alguém foi desmamado com água do Nilo, não consegue cortar as amarras.

Penrod assentiu com a cabeça. Era a resposta que esperava. Pegou uma cigarreira de prata do bolso interno e tirou dela um Player's Gold Leaf. Colocou o cigarro nos lábios e ofereceu um a Leon.

— Obrigado, senhor, mas não fumo. — Leon leu as palavras gravadas na parte interna da tampa antes que o tio fechasse a cigarreira. "Para Two Pence, feliz 50 aniversário, de sua esposa que o adora, Saffron." A tia de Leon tinha um humor peculiar. No início, apelidara o marido de Penny, moeda inglesa que vale um centésimo da libra esterlina, mas, depois de tantos anos de casamento, dobrara seu valor, passando a chamá-lo de Pence, plural de penny.

— Bem, senhor, se ninguém me quiser, suponho que não terei outra opção senão apresentar meus papéis e renunciar a minha carreira... Já mal empreguei três anos caminhando em círculo, sem chegar a parte alguma, seguindo as ordens do major Snell. Não o suporto mais.

Penrod pensou no assunto, mas, antes que pudesse se decidir pela resposta apropriada, um movimento mais à frente na beira do rio atraiu seu olhar. Um javali-africano macho saiu pulando de um denso grupo de arbustos perto do rio. As presas

brancas, de tão curvas, quase se tocavam acima de sua cara horrível e ao mesmo tempo engraçada, toda empelotada de verrugas pretas, razão pela qual também era chamado de porco de verrugas. O rabo, reto como uma régua, apontava para o céu.

— Lá vamos nós! — gritou Penrod. — Para frente! — Cutucou a barriga de sua égua com os saltos da bota e partiu.

Leon correu atrás dele, inclinado sobre o cangote de seu cavalo de polo, ao mesmo tempo que preparava a lança comprida de caçar porcos.

— Nossa, é um animal enorme. Olhe suas presas! Para cima dele, tio!

A égua de Penrod era veloz e aproximou-se rapidamente da presa, mas o cavalo baio castrado de Leon ia meio corpo atrás do ondulante rabo do animal. O javali ouviu as patadas no chão, parou e olhou para trás. Surpreso, observou os cavalos que atacavam; depois, deu a volta com muita agilidade e correu pela planície, levantando nuvenzinhas de pó com cada movimento das patas pequenas e afiadas, mas não conseguia correr mais que a égua.

Penrod se inclinou, levantando-se da sela, e alinhou a ponta da lança, apontando para a mancha pelada de pele cinza entre as omoplatas em forma de corcova do animal.

— Atravesse-o, Two Pence! — No entusiasmo, Leon usou o nome com que só a tia o chamava. Penrod não deu sinal de que o ouvira. Avançou no ataque, com a lança apontada diretamente para as omoplatas do javali. Mas no último instante o animal mudou de direção, voltou e se enfiou por entre as patas dianteiras da égua. Tendo sido criada e treinada para seguir a bola de madeira em movimento no jogo de polo, ela não conseguiu corresponder à manobra e ultrapassou a presa. A ponta da lança bateu no couro duro do javali e saltou, sem o ferir. Penrod puxou a rédea e fez girar rapidamente a cabeça da égua, que deu um salto e mordeu o freio, com os olhos brilhando ante a emoção da perseguição.

— Vamos, minha cara! A toda! — dizia Penrod para a égua, tocando suas costelas com as esporas. Preparou-se para a próxima investida, mas Leon cruzou seu caminho, e seu cavalo se enredou nos quartos traseiros do javali-africano como se estivesse amarrado a ele com uma correia. Cavalo e cavaleiro continuavam atrás do javali, que dava voltas sobre si mesmo, desesperado. Giravam em círculo, enquanto Penrod ria e lhe dava conselhos aos gritos:

— Siga-o! Cuidado com as presas... quase te pega ali! — O javali girou outra vez por uma parte onde Leon não podia vê-lo e quase conseguiu se refugiar na densa mata de que havia saído, mas Leon, bem empertigado nos estribos, habilmente passou a lança para a mão esquerda e enfiou sua ponta entre as omoplatas do javali, atravessando seu coração. Leon disparou a flecha quando o cavalo passou sobre o animal moribundo. O aço brilhante e sessenta centímetros da haste atrás dele brilharam com o sangue do coração do javali. Ele guinchou mais uma vez e dobrou

as patas dianteiras sob o próprio corpo. Então caiu, deslizou sobre o focinho e tombou de lado, deu três sacudidelas com as patas traseiras e morreu.

— Oh, muito bem, senhor! Uma caçada perfeita! — Penrod freou ao lado do sobrinho. Ambos riram até ficar sem fôlego. — Como foi que me chamou há pouco?

— Me desculpe, tio. No entusiasmo do momento, me escapou.

— Bem, pois volte a guardá-lo, jovem insolente. Não me surpreende que Rã Snell não lhe tenha simpatia. No fundo, entendo e tenho pena dele.

— A caçada me deu sede. Que tal uma xícara de chá, senhor? — disse Leon, mudando de assunto calmamente.

Assim que Ishmael viu que haviam matado o javali, levou o carro com a comida para a sombra e começou a fazer fogo.

— É o mínimo que pode fazer como compensação. Two Pence! Onde vai parar a nova geração? — resmungou Penrod.

Quando acabaram de desmontar, a água da chaleira já estava fervendo.

— Três colherinhas de açúcar, Ishmael, e alguns de seus biscoitos de gengibre — disse Penrod, enquanto se sentava em uma das cadeiras de lona à sombra.

— Sua honorável e estimada esposa não ia gostar disso, efêndi.

— Minha honorável e estimada esposa está no Cairo. Não vai tomar chá conosco — lembrou-lhe Penrod, servindo-se de um biscoito quando Ishmael pôs o prato diante dele. Mastigou com prazer, engoliu as migalhas com um gole de chá e alisou o bigode. — Então, o que vai fazer depois que deixar o serviço militar se não for para a Índia?

— Vou ficar na África. — Leon bebeu um pouco de chá e depois disse, em tom de reflexão: — Acho que poderia tentar alguma coisa caçando elefantes.

— Caçando elefantes? — Penrod parecia não acreditar. — Como profissão? Como fizeram Selous e Bell?

— Bem, sempre fui fascinado por isso, desde que li os livros sobre suas aventuras.

— É um disparate romântico! Você está chegando trinta anos atrasado. Aqueles rapazes tinham toda a África para si. Iam aonde tinham vontade e faziam o que queriam. Agora estamos na idade moderna. As coisas mudaram. Agora há estradas e via férrea por toda parte. Nenhum país da África continua dando licença para a caça indiscriminada de elefantes, que permite o massacre de milhares desses grandes animais. Tudo isso acabou, e felizmente em boa hora. De qualquer modo, era uma vida dura, além de solitária e perigosa; um ano atrás do outro vagando por essas terras virgens, sem ninguém com quem falar na própria língua da gente. Tire essa ideia da cabeça.

Leon ficou desanimado. Ficou olhando para sua xícara enquanto Penrod tirava outro cigarro e o acendia.

— Bem, ainda não sei o que vou fazer — acabou admitindo.

— Coragem, rapaz! — disse Penrod, suavizando o tom. — Quer ser caçador? Bem, alguns homens estão ganhando a vida muito bem fazendo exatamente isso. São contratados para guiar visitantes estrangeiros em um safári. Na Europa e na América, há homens ricos, gente da realeza, aristocratas e milionários, que estão dispostos a pagar uma fortuna pela oportunidade de abater um ou dois elefantes. Hoje, a caça a animais de grande porte na África virou moda na alta sociedade.

— Caçadores brancos? Como Tarlton e Cunninghame? — perguntou Leon, com os olhos brilhando. — Que vida maravilhosa deve ser essa! — Em seguida sua expressão voltou a ficar sombria. — Mas como começar? Não tenho dinheiro e não vou pedir ajuda a meu pai. Ele ia rir de mim, de todo modo. E não conheço ninguém. Por que esses duques, príncipes e empresários magnatas iam querer vir da Europa para caçar comigo?

— Eu poderia levá-lo até um homem que conheço. Talvez ele se dispusesse a ajudá-lo.

— Quando podemos ir?

— Amanhã. Sua base de operações fica a curta distância de Nairóbi.

— O major Snell me ordenou que levasse uma patrulha ao lago Turkana. Tenho de encontrar um local para nele construir um forte.

— Turkana? — Penrod caiu na risada. — Por que íamos precisar de um forte lá?

— É assim que ele se diverte. Quando lhe apresento os informes que me pede, ele os devolve com comentários jocosos à margem.

— Vou falar com ele. Pedirei que o libere por algum tempo para uma tarefa especial.

— Obrigado, senhor. Muito obrigado.

Saíram pelos portões do quartel e seguiram pela rua principal de Nairóbi. Embora fosse cedo, o largo caminho sem calçamento estava cheio de gente e em plena atividade, como se tratasse de uma cidade no auge da febre do ouro. Sir Charles, o governador da colônia, estimulara os colonos a deixar o velho país, oferecendo concessões de terra de milhares de hectares a um preço simbólico, e eles afluíam aos magotes. O caminho estava quase bloqueado por suas carroças, carregadas até o alto com suas escassas posses e tristes famílias, em viagem para tomar conta de seus pedaços de terra em territórios virgens. Hindus, goenses e comerciantes e lojistas judeus os seguiam. Suas lojas de adobe se alinhavam ao longo do caminho, com cartazes pintados à mão nas fachadas, oferecendo de tudo, de champanhe e dinamite a picaretas, pás e cartuchos para espingardas.

Penrod e Leon avançaram com cuidado em meio às carroças puxadas por bois e às tropas de mulas, até que Penrod se deteve diante do Hotel Norfolk para cumprimentar um homem baixo, usando um capacete de cortiça para se proteger do

sol, empoleirado como um duende na parte de trás de uma carruagem puxada por um par de zebras-de-burchell.

— Bom dia, milorde – cumprimentou-o Penrod.

O homenzinho ajeitou os óculos de aros de metal na ponta do nariz.

— Ah, coronel. Que alegria vê-lo! Aonde vai?

— Vamos visitar Sir Percy Williams.

— O caro velho Percy — disse ele, balançando a cabeça afirmativamente. — Grande amigo meu. Saí para caçar com ele no primeiro ano em que fiquei fora de casa. Passamos seis meses juntos, perambulando entre a fronteira norte da África Oriental Britânica e o Sudão. Ele me guiou até dois elefantes enormes. Homem encantador. Ensinou-me tudo o que sei sobre caça de grande porte.

— E isso é muito. Suas proezas com seu rifle .577 são quase tão legendárias quanto as dele.

— É muita gentileza de sua parte, embora eu pressinta um toque de hipérbole nesse seu cumprimento. — Voltou os olhos claros e inquisitivos para Leon. — E quem é esse jovem?

— Permita-me que lhe apresente meu sobrinho, o tenente Leon Courtney. Leon, este é lorde Delamere.

— Muita honra em conhecê-lo, milorde.

— Sei quem é o senhor. — Os olhos do homenzinho brilharam, divertidos.

Aparentemente, o homem não fingia seguir os mesmos padrões éticos de comportamento da sociedade local. Leon imaginou que seu próximo comentário seria alguma referência a Verity O'Hearne e, assim, apressou-se a acrescentar:

— Os animais de sua carruagem me chamaram a atenção, milorde.

— Apreendidas e treinadas com minhas próprias mãos. — Delamere fixou nele um último olhar. "Posso entender por que Verity estava tão encantada com ele", pensou, "e por que todas as galinhas velhas do galinheiro cacarejavam indignadas e ciumentas. Esse rapaz esperto é a resposta às orações de qualquer donzela."

Tocou a aba do capacete com o chicote.

— Desejo-lhe muito bom dia, coronel. Transmita meus cumprimentos a Percy. — Fustigou a zebra e se foi.

— Lorde Delamere já foi um grande shikar, mas agora se tornou um ardente conservador de animais selvagens — explicou Penrod. — Ele tem uma propriedade de mais de cinquenta mil hectares em Soysambu, do lado oeste do vale da Grande Fenda, que ele está transformando numa reserva de animais selvagens. Hipotecou todas as propriedades da família na Inglaterra para fazer isso. Os melhores caçadores são quase todos assim. Quando se cansam de matar, acabam se tornando os mais fiéis protetores das antigas presas.

Deixaram a cidade e seguiram pelas colinas de Ngong, até que depararam com um

acampamento na floresta. Barracas, choças de galhos e cabanas redondas com teto de palha estendiam-se sob as árvores sem nenhuma ordem.

— Esta é à base de operações de Percy, o Acampamento Tandala. — Em suaíli, tandala era o nome do maior antílope da África, o cudo. — Ele traz seus clientes do litoral pela estrada de ferro, pois daqui pode-se partir a pé, a cavalo ou de carro puxado por bois.

Seguiram em frente colina abaixo, mas antes de chegar ao acampamento principal passaram pelo local onde eram preparados e conservados os troféus de caça. Ali, os galhos mais altos das árvores estavam cheios de abutres e das carnívoras cegonhas marabus. O mau cheiro das peles e cabeças secando ao sol era muito forte.

Pararam os cavalos para observar dois anciãos ndorobos que, com suas machadinhas, trabalhavam na caveira fresca de um elefante macho, separando o osso para deixar à vista as raízes das presas. Enquanto olhavam, um dos homens extraiu uma delas. Pegaram-na e saíram cambaleando com ela nas costas, com as pernas fracas dobrando-se sob o peso. Sem sucesso, esforçavam-se para levantar a enorme peça de marfim a fim de colocá-la numa lona pendurada no gancho de uma balança romana. Leon desceu da sela e tirou-lhes o peso das costas. Sem esforço a levantou, pondo-a na lona. O enorme peso fez que a agulha percorresse quase a metade do disco numerado da balança.

— Obrigado pela ajuda, juvenzinho.

Ao se virar, Leon viu um homem alto, de pé. Suas feições lembravam as de um patrício romano. A barba, curta e basta, era cinza-prateada, e os olhos azuis, firmes. Não podia haver a menor dúvida sobre quem era ele. Leon sabia que o nome suaíli de Percy Phillips era buana Samawati, o homem de olhos cor do céu.

— Olá, Percy – disse Penrod, reconhecendo-o assim que ele chegou e desmontou.

— Penrod, você está em forma. — Trocaram um aperto de mão.

— Você também, Percy. Mal envelheceu um dia desde a última vez que nos vimos.

— Deve estar precisando de um favor, não? Esse é seu sobrinho? — Percy não esperou a resposta. — O que acha dessa presa, meu jovem?

— Magnífica, senhor. Nunca vi nada igual.

— Sessenta e um quilos. — Percy Phillips leu o peso na balança e sorriu. — A melhor peça de marfim que consegui nestes últimos anos. Já não há muitas dessas por aqui. — Satisfeito, balançou a cabeça. — Boa demais para o miserável gringo italiano que o atingiu. Um descarado! Reclamou, dizendo que era muito pouco para as meras quinhentas libras que pagou. E no final do safári nem queria pagar. Tive de falar duro com ele — disse, soprando de leve os nós machucados dos dedos do punho direito, e depois virou-se para Penrod: — Pedi a meu cozinheiro que preparasse uns biscoitinhos de gengibre para você. Lembro que você os apreciava

muito. — Pegou Penrod pelo braço e, mancando um pouco, levou-o na direção da barraca-refeitório, no centro do acampamento.

— Como machucou a perna, senhor? — perguntou Leon enquanto os seguia.

Percy riu.

— Um enorme e velho búfalo saltou sobre ela, mas isso foi há trinta anos, quando eu ainda era novo. Ensinou-me uma lição que nunca esqueci.

Percy e Penrod se instalaram nas cadeiras dobráveis junto à entrada do refeitório para trocar notícias de conhecidos comuns e pôr-se em dia em relação aos acontecimentos da colônia. Enquanto isso, Leon olhava o acampamento com interesse. Apesar de não ter sido planejado, eram evidentes a conveniência e a comodidade de sua organização. O chão estava limpo, e todas as cabanas, em bom estado. Na lateral do acampamento principal, na ladeira da colina que o dominava, havia um pequeno bangalô caiado de branco, que obviamente era a casa de Percy. Havia apenas uma exceção quanto à ordem do acampamento que chamou a atenção de Leon.

Atrás de uma das cabanas estava estacionado um Vauxhall, um veículo clássico como o que ele e Bobby possuíam, só que estava em péssimas condições. Faltava uma das rodas dianteiras, o parabrisa estava quebrado e coberto de sujeira, o capô, levantado e sustentado por um tronco, e o motor fora parar numa mesa de trabalho à sombra de uma árvore próxima. Alguém havia começado a desmontá-lo, mas talvez tivesse perdido o interesse e o abandonara. Havia peças do motor espalhadas e amontoadas no banco do motorista. Algumas galinhas haviam tomado conta da carroceria, e as manchas de seu excremento branco cobriam quase inteiramente a pintura original.

— Seu tio me disse que quer ser caçador. É mesmo?

Leon virou-se para Percy Phillips ao perceber que era a ele que se dirigia.

— Sim, senhor.

Percy passou a mão pela barba branca e ficou a observá-lo pensativamente, apreciando o fato de Leon não desviar o olhar. "Educado e respeitoso, mas seguro de si", pensou.

— Alguma vez já atirou num elefante?

— Não, senhor.

— E num leão?

— Não, senhor.

— E num rinoceronte, búfalo ou leopardo?

— Receio que não, senhor.

— O que você já caçou, então?

— Só umas poucas coisas para a panela, senhor, mas posso aprender. Foi por isso que vim procurá-lo, senhor.

— Pelo menos é honesto. Se nunca caçou uma peça perigosa, o que vai poder fazer? Dê-me uma boa razão para oferecer-lhe um emprego.

— Bem, senhor, sei montar.

— Está se referindo a cavalos ou a fêmeas humanas?

Leon enrubesceu muito. Abriu a boca para responder, mas fechou-a em seguida.

— Sim, meu jovem, as notícias voam. Mas, agora, ouça-me. Muitos de meus clientes trazem a família consigo para um safári. Geralmente a esposa e as filhas. Como vou saber se você não vai atacá-las na primeira oportunidade?

— Seja o que for que lhe tenham dito a meu respeito, não é verdade, senhor — protestou Leon. — Não sou assim, absolutamente.

— Pois vai manter a braguilha fechada aqui — disse Percy, meio resmungando. — Além de montar, o que mais sabe fazer?

— Poderia arrumar aquilo. — Leon apontou para os restos do carro.

Imediatamente Percy se interessou.

— Tenho um da mesma marca e modelo — continuou Leon. — Quando o comprei, estava nas mesmas condições desse. Eu o consertei, e agora funciona como um relógio suíço.

— Faça isso, pelo amor de Deus! Os motores são um mistério total para mim. Muito bem, então você sabe montar e consertar veículos. Já é um começo. O que mais? Sabe atirar?

— Sim, senhor.

— No início do ano, Leon venceu a Copa do Governador na categoria rifle do regimento — disse Penrod. — Sabe atirar, posso confirmar.

— Os alvos de papel não são animais vivos. Não mordem nem saltam em cima de uma pessoa se ela errar — observou Percy. — Se você quer ser caçador, vai precisar de um rifle. Não estou falando do pequeno Enfield usado no exército... uma zarabatana não é muito útil numa discussão com um búfalo zangado. Você possui um rifle de verdade?

— Sim, senhor.

— E qual?

— Um Holland & Holland .470 Nitro Express.

Os olhos azuis de Percy se arregalaram.

— Muito bem — reconheceu — trata-se de um rifle de verdade. Não há melhor. Mas também vai precisar de um rastreador. Pode encontrar um bom?

— Sim, senhor. — Estava pensando em Manyoro, mas no mesmo instante se lembrou de Loikot. — Na verdade, tenho dois.

Percy ficou observando um brilhante suimanga, um passarinho dourado e verde que revolteava sobre os galhos acima da barraca. Depois pareceu decidir-se.

— Você tem sorte. Acontece que vou precisar de ajuda. Vou conduzir um safári

no início do próximo ano. O cliente é uma pessoa extremamente importante.

— Esse seu cliente, calculo, seria Theodore Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos da América? — perguntou Penrod inocentemente.

Percy, espantado, disse:

— Por todos os santos, Penrod, como descobriu isso? Supunha que ninguém soubesse.

— O Departamento de Estado dos Estados Unidos enviou um telegrama ao comandante em chefe do exército britânico, lorde Kitchener, em Londres. Queriam mais informações sobre você antes que o presidente o contratasse. Durante a guerra, estive no estadao maior de Kitchener na África do Sul, e foi ele que me telegrafou — admitiu Penrod.

Percy caiu na risada.

— Você é um sujeito esperto, Ballantyne. E eu aqui pensando que a visita de Teddy Roosevelt fosse um segredo de Estado. Então você deu boas referências a meu respeito. Parece que estou ainda mais em dívida com você. — Virou-se então para Leon: — Eis o que farei com você. Quero que me demonstre seu valor. Primeiro, quero que arrume esse montão de lixo e o faça funcionar — disse, apontando para o automóvel em pedaços. — Quero que mostre o que afirmou. Entendeu?

— Sim, senhor — respondeu Leon, sorrindo.

— Você tem dinheiro suficiente para comprar uma licença de caça? Vai lhe custar dez libras.

— Não, senhor.

— Eu lhe emprestarei — disse Percy — mas o marfim será meu.

— Senhor, empreste-me o dinheiro, e o senhor poderá escolher sua presa. Eu ficarei com a outra.

Percy estalou a língua. O rapaz sabia se defender. Não era nenhum incauto. Estava começando a gostar dele.

— É justo, rapaz.

— Se o senhor me contratar, quanto vai me pagar?

— Pagar a você? Estou fazendo um favor a seu tio. Você é que deveria me pagar.

— O que acha de cinco xelins por dia? — sugeriu Leon.

— Que tal um xelim? — respondeu Percy.

— Dois?

— Você está fazendo um bom negócio. — Percy balançou a cabeça, não muito satisfeito, mas estendeu a mão.

Leon a sacudiu com energia.

— Não vai se arrepender, senhor, prometo.

— O senhor mudou minha vida. Jamais conseguirei pagarlhe pelo que fez por mim

hoje. — Leon estava eufórico enquanto ele e o tio caminhavam de volta a Nairóbi pelas colinas de Ngong.

— Não se preocupe muito com isso. Não está pensando nem por um minuto que estou fazendo isso por ser um tio condescendente, não é?

— Eu o julguei mal, senhor.

— É do seguinte modo que você vai me pagar. Em primeiro lugar, não vou aceitar que você dê baixa no regimento. Em vez disso, vou transferi-lo para a reserva, para mais tarde incorporá-lo ao serviço militar de informações, para trabalhar sob minhas ordens diretas.

O rosto de Leon mostrava sua contrariedade. Até alguns momentos atrás, sentira-se um homem livre, mas de repente estava de volta aos braços sufocantes do exército.

— Senhor — disse ele cuidadosamente.

— Tempos difíceis se aproximam. O cáiser Guilherme da Alemanha mais que duplicou a força de seu exército permanente nos últimos anos. Ele não é um estadista nem um diplomata, mas um militar, por treinamento e instinto. Passou a vida toda treinando para a guerra. Todos os seus conselheiros são homens do exército. Sua ambição pela expansão imperial é ilimitada. Ele possui imensas colônias na África, mas elas não lhe bastam. Posso lhe garantir que teremos problemas com esse homem. Pense bem, a África Oriental Alemã está bem em nossa fronteira sul. Dar-es-Salaam é seu porto. Um navio de guerra pode chegar lá muito rápido. Já há um regimento inteiro de ascaris, comandado por oficiais regulares alemães, estabelecido em Arusha. Von Lettow Vorbeck, o oficial no comando, é um velho soldado forte e astuto. Em dez dias de marcha poderia estar em Nairóbi. Informei isso à Secretaria de Guerra em Londres, mas eles estão com a atenção voltada para outro lugar e não querem gastar dinheiro para reforçar uma localidade do império remota e sem importância.

— Isso é um choque para mim, senhor. Nunca pensei na situação dessa forma. Os alemães de lá sempre foram muito amistosos conosco. Eles têm muita coisa em comum com nossos próprios colonos em Nairóbi, compartilham os mesmos problemas.

— Sim, há entre eles algumas pessoas boas. Gosto de Von Lettow Vorbeck, mas suas ordens vêm de Berlim e do cáiser.

— O cáiser é neto da rainha Vitória. Nosso rei atual é seu tio. O cáiser é almirante honorário da Real Marinha inglesa. Não consigo acreditar que possamos querer um dia entrar em guerra com ele — disse Leon.

— Confie no instinto de um velho cavalo de batalha. — Penrod deu um sorriso de quem sabe mais do que está dizendo. — De qualquer modo, aconteça o que acontecer, não me pegarão desprevenido. Mantereí um olho aberto sobre nossos

encantadores vizinhos do sul.

— E como farei parte desse plano?

— Neste momento, nossas fronteiras com a África Oriental Alemã estão completamente abertas. Não há nenhuma restrição de movimento em nenhuma direção. Os massais e outras tribos levam suas manadas para pastar no norte e no sul sem nenhuma preocupação com os limites traçados por nossos topógrafos. Quero que você organize uma rede de informantes, homens da tribo que circulem regularmente dentro e fora da África Oriental Alemã. Suas funções serão clandestinas. Nem mesmo Percy Phillips deve saber que você está envolvido. Sua atividade visível será convincente. Como caçador, você terá uma desculpa perfeita para circular livremente pela região, de ambos os lados da fronteira. Você passará as informações diretamente a mim. Quero que você seja meus olhos em toda a fronteira.

— Se fizerem perguntas, posso fazer que todos saibam que os informantes são meus exploradores de caça de grande porte, que os uso para me manter informado sobre os movimentos das manadas de animais, em especial as de elefantes machos, para que eu saiba sua localização exata a qualquer momento, a fim de poder levar meus clientes diretamente onde estiverem — sugeriu Leon. Nesse momento lhe pareceu que o jogo poderia ser excitante e muito divertido.

Penrod, com um aceno de cabeça, indicou que estava de acordo.

— Isso deixará tranquilo não apenas Percy, mas qualquer pessoa que pergunte. Mas não mencione minha participação nisso ou todo mundo ficará sabendo assim que ele for tomar umas cervejas no clube. Não se pode afirmar que Percy seja um modelo de discrição.

Algumas semanas depois, Leon passava quase todas as horas em que estava acordado debaixo do automóvel de Percy, com os braços cobertos de graxa preta até os cotovelos. Havia subestimado a enorme tarefa e os danos ocasionados pelos esforços feitos por Percy para consertá-lo. Havia poucas peças de reposição disponíveis em Nairóbi, e Leon se viu forçado a pensar na possibilidade de reutilizar algumas do veículo que ele e Bobby possuíam. Bobby resistiu firmemente à ideia, mas acabou aceitando vender sua parte do veículo a Leon por quinze guinéus, pagos a um guinéu por mês.

Leon retirou imediatamente uma roda dianteira, o carburador e outras peças e levou tudo para o Acampamento Tandala.

Já trabalhara no motor durante uns dez dias, quando certa manhã despertou e encontrou o sargento Manyoro de cócoras diante de sua barraca. Em vez do uniforme cáqui e do fez, usava uma shuka ocre-avermelhada e tinha consigo uma lança de leão.

— Eu vim — anunciou ele.

— Estou vendo — disse Leon, mal conseguindo disfarçar sua alegria. — Mas por que você não está no quartel? Vão fuzilá-lo por deserção.

— Tenho o papel. — Manyoro tirou um envelope amassado de sua shuka. Leon o abriu e rapidamente leu o que nele estava escrito. Por razões médicas, Manyoro tinha dado baixa com honras no regimento dos RAR. Embora o ferimento da perna já estivesse curado, ele ficara com um defeito que o tornava inapto para funções militares.

— Por que veio me procurar? — perguntou Leon. — Por que não voltou para sua manyatta?

— Pertença ao senhor — respondeu rapidamente.

— Não posso lhe pagar.

— Não pedi que fizesse isso — respondeu Manyoro. — O que o senhor quer que eu faça?

— Primeiro vamos arrumar este enchini. — Por um instante, contemplou a lamentável cena. Manyoro havia ajudado a recuperar o primeiro veículo, portanto sabia muito bem o que o futuro lhe reservava. — Depois vamos matar um elefante — acrescentou Leon.

— Será mais fácil do que consertar isso — disse Manyoro.

Quase três semanas depois, Leon estava sentado atrás do volante, enquanto, com ar resignado, Manyoro assumia seu posto na frente do automóvel, de pé e alerta. Havia perdido toda a confiança num possível sucesso das manobras que havia realizado repetidamente nos últimos três dias. No primeiro dia, Percy Phillips e todo o pessoal do acampamento, inclusive o cozinheiro e os velhos esfoladores, formavam uma audiência atenta. Mas pouco a pouco foram perdendo o interesse, saindo um por um, até que só permaneceram os esfoladores, agachados sobre os calcanhares, seguindo cada movimento com atenção concentrada.

— Retarde a chispa! — disse Leon, numa invocação aos deuses do motor de combustão interna.

Os dois velhos repetiam o conjuro em coro, com seu sotaque estranho.

Leon movimentou a alavanca de controle de acendimento, à direita do volante, para a posição vertical.

— Acelerador de mão!

Isso era exigir muito da pronúncia dos esfoladores, e "aceleradô demã" foi o melhor que eles conseguiram dizer.

— Freio de mão pronto! — Leon o puxou. — Combustível de alta octanagem! — Girou o botão do controle até o indicador apontar diretamente à frente. — Afogador — Leon desceu rápido, foi até a frente do carro, puxou o anel do afogador e voltou correndo para o banco do motorista. — Manyoro, prepare o carburador.

Manyoro parou e girou a manivela mais duas vezes.

— Basta! — Leon avisou-o. Saiu correndo do carro, voltou para frente, puxou o anel do afogador e retornou ao veículo. — Mais duas voltas!

Manyoro se agachou de novo e fez girar a manivela.

— Carburador pronto! Ligar! — Leon girou o controle de partida para "bateria" e virou os olhos para o céu. — Manyoro, girea de novo. — Ele então cuspiu na palma da mão direita, agarrou a manivela e a fez girar.

Houve uma explosão enorme, como um disparo de canhão, e um jato de fumaça azul saiu do cano de escapamento. A manivela girou para trás com tal violência que derrubou Manyoro. Os dois esfoladores ficaram perplexos. Não esperavam nada tão espetacular como aquilo. Berrando de pavor, saíram correndo pelo meio dos arbustos para fugir dali. Ouviu-se então um grito vindo da direção do bangalô de teto de palha de Percy, localizado na primeira ladeira da colina, dentro dos limites do acampamento, e ele saiu de lá de dentro aos tropeções, só de calça de pijama, com a barba em desalinho e os olhos sonolentos. Momentaneamente confuso, encarou Leon, que sorria triunfante atrás do volante. O carro estrondeou, tremeu e produziu explosões, depois se acomodou num som forte e barulhento.

Percy riu.

— Vou vestir a calça e depois você pode me levar ao clube. Vou lhe pagar quantas cervejas você conseguir beber. Depois pode sair por aí e achar aquele elefante. Não o quero de volta ao acampamento enquanto não o encontrar.

Leon parou debaixo do monte Lonsonyo. Jogou para trás o chapéu de aba flexível e passou o pesado rifle de um ombro para o outro. Olhou para a montanha lá no alto. Só tendo uma vista jovem e aguda para ver a silhueta da figura solitária recortada contra o céu.

— Ela está nos esperando — exclamou, surpreso. — Como soube que viríamos?

— Lusima Mama sabe tudo — lembrou-lhe Manyoro e começou a subir pelo caminho íngreme até o topo. Ele carregava os cantis, a mochila de lona, o rifle rápido Lee-Enfield .303 de Leon e quatro bandoleiras com munições. Leon vinha atrás dele e Ishmael fechava a coluna, com a saia do longo kanza branco adejando entre as pernas. Equilibrava um enorme volume na cabeça. Antes de deixar o Acampamento Tandala, Leon o pesara. Chegou aos trinta quilos e continha o material de cozinha de Ishmael, tudo de que precisava, de panelas e frigideiras a sal, pimenta e sua mistura secreta de especiarias. Com Leon proporcionando diariamente a carne tenra das chuletas e as habilidades culinárias de Ishmael, comiam como príncipes desde que haviam deixado a linha da estrada de ferro no desvio de Naro Moru.

Quando chegaram ao cume, Lusima os esperava à sombra de uma gigantesca seringueira em flor. Ela se levantou, alta e escultural como uma rainha, e deu-lhes as boas-vindas.

— Eu os vejo, meus filhos, e meus olhos se alegram.

— Mama, viemos em busca de suas bênçãos para nossas armas e sua orientação para nossa caçada — disse Manyoro quando se ajoelhou diante dela.

Na manhã seguinte, todo o povo se reuniu em círculo em volta da figueira silvestre, a árvore da assembleia, no curral do gado, para presenciar a bênção das armas. Leon e Manyoro estavam de cócoras com eles. Ishmael se negara a participar desse ritual pagão e fazia barulho com suas panelas, ostensivamente postas no fogo atrás da cabana mais próxima. Os dois rifles de Leon estavam colocados juntos sobre uma pele de leão cor de bronze. Junto deles havia, além de cabaças cheias de sangue e leite de vaca frescos, outros recipientes de barro cozido contendo sal, rapé e brilhantes contas de vidro. Finalmente Lusima saiu pela porta baixa de sua cabana. Todos a aplaudiram e começaram a cantar em sua honra.

— É a grande vaca negra que nos alimenta com o leite de seus úberes. É aquela que vê todas as coisas. É a sábia que tudo sabe. É a mãe da tribo.

Lusima estava usando suas vestes de gala cerimoniais. Sobre o colo trazia um pendente de marfim entalhado com figuras de animais. Sua shuka era bordada com uma cortina de contas e conchas de cauri. De seu pescoço pendiam pesadas voltas de colares de contas. Tinha a pele coberta de óleo e pintada com uma cor ocreavermelhada que brilhava à luz do sol e trazia na mão uma espécie de vara feita com o rabo de uma girafa. Caminhava em círculos com passos majestosos em torno das armas expostas e das oferendas de sacrifício.

— Que a presa não escape do guerreiro que empunhar estas armas — recitou, enquanto espalhava uma pitada de rapé sobre elas. — Que o sangue flua em abundância dos ferimentos que elas causem. — Abaixou o hissope até as vasilhas e salpicou os rifles com sangue e leite. Em seguida, caminhou até onde estava Leon e aspergiu a mistura sobre sua cabeça e ombros. — Que você tenha a força e a determinação para seguir a presa. Que seus olhos de caçador brilhem para que vejam a presa de muito longe. Que nenhuma criatura resista a seu poder. Que o elefante mais forte caia diante da voz de seu bunduki, seu rifle.

Os presentes aplaudiam, acompanhando o ritmo, e respondiam a suas exortações.

— Que entre os caçadores seja o rei. Concede-lhe o poder do caçador.

Ela começou a dançar num círculo estreito, girando cada vez mais rápido, até que o suor e um fio ocre-avermelhado começaram a escorrer por entre seus seios nus. Quando se deitou de bruços sobre a pele de leão diante de Leon, seus olhos viraram para cima, enquanto uma espuma branca saía pelos cantos de sua boca. Seu corpo inteiro começou a estremecer, ao mesmo tempo que as pernas tremiam espasmodicamente. Rilhava os dentes, e a difícil respiração produzia um som áspero em sua garganta.

— O espírito entrou em seu corpo — sussurrou Manyoro. — Ela está pronta para falar com sua voz. Faça-lhe a pergunta.

— Lusima, favorita do Grande Espírito, seus filhos procuram um chefe entre os elefantes. Onde o encontraremos? Mostre-nos o caminho até o grande macho.

A cabeça de Lusima rolava de um lado a outro, e sua respiração foi ficando forçada, até que ela finalmente falou, de dentes cerrados, numa voz rouca e não natural:

— Sigam o vento e ouçam a doce voz do cantor. — Deu um suspiro profundo e se sentou. Com os olhos de volta à condição normal, ela olhou para Leon como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Isso é tudo? — perguntou ele.

— Não há mais nada — foi sua resposta.

— Não compreendo — insistia Leon. — Quem é o doce cantor?

— Essa é a mensagem que tenho para você — disse ela. — Se os deuses favorecerem sua caçada, no momento certo o sentido ficará claro para você.

Desde que Leon chegara à montanha, Loikot o seguia de perto, a curta distância. Nesse momento, enquanto Leon estava sentado junto ao fogo com uma dúzia de anciãos do lugar, Loikot se mantinha na sombra, atrás dele, ouvindo atentamente a conversa; movimentava a cabeça de um rosto a outro, fixando-se naquele que estava falando.

— Quero conhecer os movimentos dos homens e dos animais em todo o território massai e ao longo de todo o vale da Grande Fenda, inclusive nas terras além das grandes montanhas do Kilimanjaro e do Meru. Quero que obtenham essa informação e a enviem a mim o mais rápido possível.

Os anciãos da aldeia ouviram seu pedido e depois o discutiram animadamente entre si, cada um manifestando uma opinião diferente. O conhecimento que Leon tinha da língua maa ainda não era suficiente para acompanhar a rápida troca de argumentos a favor e contra. Sussurrando, Manyoro ia traduzindo o que diziam.

— Há muitos homens nas terras dos massais. O senhor quer saber tudo sobre cada um deles? — perguntaram a Leon.

— Não quero que me informem sobre sua gente, os massais. Quero estar informado dos movimentos dos desconhecidos, dos homens brancos e em especial dos bula mataris. — Esse era o nome dado aos alemães, e significava "os que quebram pedras", porque os primeiros colonos alemães eram geólogos que extraíam pedaços das formações minerais à superfície com seus martelos. — Quero saber dos movimentos dos bula mataris e de seus soldados ascaris, onde eles levantam paredes ou cavam buracos nos quais guardam seus bunduki mkubas, os grandes canhões.

A discussão prosseguiu até tarde da noite sem que se tivesse resolvido grande coisa. Finalmente, o autoproclamado porta-voz do grupo, um velho sem dentes, encerrou a reunião com palavras fatídicas.

— Vamos pensar em todas essas coisas. — Levantaram-se e foi cada um para sua

choça.

Quando já haviam partido, uma voz soou, vinda da escuridão atrás de Leon.

— Vão falar, e depois falarão ainda mais. Tudo o que ouvirá deles será o som de sua voz. Seria melhor ouvir o vento nas copas das árvores.

— Isso é uma grande falta de respeito com os mais velhos, Loikot — repreendeu o Manyoro.

— Sou um morani e escolho cuidadosamente aqueles a quem dou meu respeito.

Leon entendeu o que ele disse e riu.

— Saia da escuridão, meu grande guerreiro amigo, e mostrenos seu rosto de homem valente.

Loikot se aproximou até que a luz do fogo o iluminasse e se sentou entre Leon e Manyoro.

— Loikot, quando viajamos juntos até a linha férrea, você me mostrou pegadas de um elefante de grande porte.

— Eu me lembro — respondeu Loikot.

— Voltou a ver esse elefante depois daquele dia?

— Na lua cheia, eu o vi mordiscando as árvores perto do lugar onde eu estava acampado com meus irmãos.

— E onde fica esse lugar?

— Estávamos reunindo o gado perto da montanha fumegante dos deuses; fica a três dias inteiros de viagem daqui.

— Tem chovido muito desde então — disse Manyoro. — As pegadas devem ter-se apagado. Além disso, já passou muito tempo depois da lua cheia. A esta altura, esse macho já pode estar muito longe, no sul, no lago Manyara.

— Onde deveríamos começar a busca senão a partir do ponto onde Loikot o viu da última vez? — perguntou Leon.

— Devemos seguir o conselho de Lusima e seguir o vento — respondeu Manyoro.

Na manhã seguinte, enquanto caminhavam montanha abaixo, a brisa vinha do oeste. Soprava um vento suave sobre a encosta do vale da Grande Fenda e através da savana massai. Nuvens muito altas navegavam acima deles como uma frota de enormes galeões de deslumbrantes velas brancas. Quando chegaram ao fundo do vale, mudaram de direção e avançaram com o vento, movimentando-se com rapidez pela floresta aberta, trotando numa cadência uniforme. Manyoro e Loikot iam na frente, escolhendo o rumo entre os milhares de trilhas de animais, parando de vez em quando para indicar a Leon aquelas que mereciam atenção especial. Pouco a pouco Ishmael foi se distanciando sob a enorme carga que levava, até ficar bem atrás.

O vento levava seu cheiro para diante, e os animais das manadas que pastavam por ali, ao sentir sua presença, levantavam a cabeça para olhá-los.

Então abriam espaço, e eles passavam a uma distância segura.

Naquela manhã, encontraram por três vezes pegadas de elefantes. As marcas deixadas pelos animais nas árvores onde haviam quebrado grandes galhos eram bem visíveis. Nuvens de borboletas flutuavam sobre montes de excremento fresco. Os dois rastreadores não perderam tempo com essa indicação.

— Dois machos muito novos — explicou Manyoro. — Não nos interessam.

Seguiram adiante, até que Loikot descobriu outro sinal.

— Uma fêmea muito velha — disse. — Tão velha que seus cascos estão quase lisos.

Uma hora depois Manyoro apontou para uma pegada fresca.

— Por aqui passaram cinco fêmeas que estão criando. Três delas com crias não desmamadas pisando em seus calcanhares.

Exatamente antes que o sol ficasse a pino, Loikot, que ia na frente, se deteve de repente e apontou para uma forma cinza e volumosa num espaço agradável, cheio de acácias espinhosas. Algo se mexeu, e Leon reconheceu o preguiçoso adejar das imensas orelhas. Seu coração se acelerou quando viraram de lado para se posicionar na direção do vento antes de se aproximar mais. Perceberam, pelo tamanho, que se tratava de um macho muito grande. Estava comendo um arbusto de costas para eles, por isso não podiam ver suas presas. O vento continuava soprando na mesma direção, e sem fazer nenhum ruído eles se aproximaram por trás, quando Leon conseguiu enxergar muito bem os pelos duros de seu rabo gasto e as colônias de carrapatos vermelhos que pendiam como cachos de uvas maduras de seu ânus franzido. Manyoro fez sinal a Leon para se preparar. Ele então tirou o enorme rifle do ombro e o segurou com o polegar na alavanca de segurança enquanto esperavam que o macho se movesse, para que pudessem ver suas presas.

Aquela era a distância mais próxima a que Leon chegara de um elefante, e ele estava espantado com seu tamanho impressionante. Parecia esconder a metade do céu, e ele se sentiu como se estivesse sob um despenhadeiro de pedra cinza. De repente o macho deu meia-volta e abriu completamente as orelhas. Olhou diretamente para Leon de uma distância de uns doze passos. Os olhos de grossos cílios estavam úmidos, e as lágrimas haviam deixado marcas escuras de ambos os lados de sua cara. Ele estava tão perto que Leon podia ver a luz refletida em suas pupilas, como se fossem duas brilhantes contas de âmbar. Lentamente levantou o rifle para atirar, mas Manyoro lhe deu um toque no ombro sugerindo que não disparasse.

Uma das presas do macho estava cortada na altura da boca, e a outra, tão lascada e desgastada que já nem tinha ponta. Leon pensou que Percy Phillips caçoaria dele se voltasse com elas ao Acampamento Tandala. Mas o macho parecia disposto a atacar, e então ele seria obrigado a atirar. Noite após noite Percy se sentara com ele

à luz do lampião, dando-lhe lições sobre as habilidades requeridas para matar um desses animais gigantescos com uma única bala. Juntos, haviam revisado detidamente sua autobiografia, intitulada Nuvens de monção sobre a África. Dedicara um capítulo inteiro à localização do tiro e o ilustrara com seus próprios desenhos de animais africanos de caça.

— O elefante é um animal particularmente difícil de enfrentar. É preciso lembrar que o cérebro é um alvo diminuto. A pessoa tem de saber exatamente onde ele está a partir de qualquer ângulo possível. Se ele se vira ou levanta a cabeça, o local para onde apontar muda. Se está diante da pessoa e vira de lado ou se afasta, a imagem muda de novo. É preciso olhar além da cortina cinza que é seu couro para ver os órgãos vitais escondidos dentro de sua grande cabeça e do corpo enorme.

Nesse momento Leon se deu conta, assustado, de que o que estava ali diante dele não era uma ilustração num livro. Era uma criatura que podia acachapá-lo, transformá-lo em papinha ou quebrar-lhe todos os ossos do corpo com um só golpe da tromba, e só precisava de duas passadas longas para chegar até ele. Se o macho se lançasse de encontro a ele, teria de tentar matá-lo. A voz de Percy ressoou em sua cabeça. "Se ele for na sua direção, fixe a linha entre seus olhos e siga-a até chegar à primeira ruga de sua tromba. Se ele levantar a cabeça ou estiver muito perto, ainda deve continuar seguindo para baixo. O erro que leva o principiante à morte é disparar muito alto e a bala passar por cima da parte superior do cérebro."

Leon fixou o olhar na base da tromba. As dobras laterais da grossa pele cinza entre os olhos cor de âmbar estavam profundamente marcadas. Mas ele não conseguia visualizar o que havia além. Será que o macho estava muito perto? Deveria disparar na segunda ou terceira dobra em vez de atirar na primeira? Estava em dúvida.

De repente, o macho balançou a cabeça com tanta violência que suas orelhas bateram estrondosamente nas laterais do corpo, levantando uma nuvem de pó do barro seco que o cobria. Leon apoiou o rifle no ombro, mas o animal saiu correndo e desapareceu em desabalada carreira por entre as acácias espinhosas.

Leon tinha as pernas bambas, e as mãos, que seguravam o rifle, tremiam. A compreensão de sua própria inexperiência subitamente tomou conta dele. Nesse momento percebeu que Percy o enviara à savana para ser iniciado. Aquela era uma habilidade que não se podia adquirir num livro e com algumas horas de instrução. Tratava-se de uma prova com arma, e o erro levava à morte. Manyoro voltou para o lado dele e lhe ofereceu o cantil com água. Só então ele se deu conta de que tinha a boca e a garganta secas, além da língua, que parecia inchada devido à sede. Bebeu três grandes goles de água, sem notar que os dois massais estavam observando seu rosto. Tirou o cantil da boca e sorriu de modo pouco convincente.

— Até o mais valente dos homens se assusta da primeira vez — disse Manyoro.

— Mas o senhor não correu.

Em pleno meio-dia ardente, pararam à sombra de uma acácia espinhosa que encontraram e ficaram esperando que Ishmael os alcançasse e lhes preparasse o almoço. Ele estava a uns setecentos metros de distância, em meio à planície, e sua figura parecia vibrar ao longe como uma miragem provocada pelo calor. Loikot, de cenho franzido, se pôs de cócoras diante de Leon, o que indicava que tinha algo importante a dizer e que se tratava de conversa de homem para homem.

— M'bogo, o que vou lhe dizer é realmente verdade — começou.

— Estou ouvindo, Loikot. Fale, que estou ouvindo — garantiu-lhe Leon, supondo que um ar de seriedade lhe daria ânimo.

— Não vale a pena falar com esses anciãos como o senhor fez há duas noites. Sua mente se transformou em massa de mandioca de tanto beber cerveja. Esqueceram como se rastreia um animal. A única coisa que ouvem é a tagarelice das mulheres. Não veem nada além das paredes de sua manyatta. A única coisa que fazem é contar o gado e encher a barriga.

— É assim que vivem os anciãos. — Leon estava bem consciente de que, aos olhos de Loikot, ele próprio estava à beira da caduquice.

— Se o senhor quiser saber o que está se passando no mundo, deve perguntar a nós.

— Diga-me, Loikot, a quem você se refere quando diz "nós"?

— "Nós" somos os guardiões do gado, os chungajis. Enquanto os velhos se sentam ao sol para beber cerveja e falar de feitos heroicos de outros tempos, nós, os chungajis, percorremos todo o território com o gado. Vemos tudo. Ouvimos tudo.

— Mas diga-me, Loikot, como você sabe o que os outros chungajis veem e ouvem, se estão há vários dias de distância um do outro?

— Eles são meus irmãos de faca. Muitos de nós somos do mesmo ano de circuncisão. Compartilhamos as cerimônias de iniciação.

— É possível que você consiga se inteirar do que os chungajis viram ontem nas planícies além do Kilimanjaro? Estão a dez dias de caminhada daqui.

— É possível — confirmou Loikot. — Nós nos falamos.

Leon duvidou disso.



— Depois que o sol se puser esta noite, falarei com eles, e o senhor nos ouvirá — assegurou Loikot, mas, antes que Leon pudesse perguntar-lhe mais alguma coisa, ouviram gritos aterrorizados vindos da planície. Leon e Manyoro pegaram o rifle e se puseram de pé num salto. Olharam para a figura distante de Ishmael, que vinha correndo na direção deles, segurando com ambas as mãos o volume que tinha na cabeça. Não muito longe, atrás dele, vinha um enorme avestruz macho também correndo.

Com suas longas pernas rosadas, ele se aproximava rapidamente. Mesmo a essa distância Leon conseguiu ver sua rica plumagem. O corpo era de um preto profundo como ônix, e as nuvens de penas do rabo e as extremidades das asas eram de um branco brilhante. Nesse momento, todas as suas penas estavam enfunadas pela fúria. As patas e o bico estavam vermelhos pelo frenesi sexual. O animal estava decidido a proteger seu território do invasor vestido de branco.

Leon levou consigo dois massais para salvá-lo. Eles gritavam e agitavam violentamente os braços para distrair a ave, mas ela nem se incomodou com eles e continuou correndo atrás de Ishmael. Quando se aproximou dele, esticou o longo pescoço e bicou o embrulho dos trens de cozinha com tanta força que ele caiu, em meio a uma nuvem de pó. O embrulho se abriu, e as panelas e vasilhas saíram rodando e fazendo barulho. O avestruz saltou em cima de Ishmael, pisoteando-o e cravando nele as patas. Então se abaixou para bicar-lhe os braços e as pernas. Ishmael gritou quando viu o sangue brotar dos ferimentos.

Ágil como uma lebre, Loikot deixou para trás os dois homens mais velhos, gritando com o avestruz e desafiando-o à medida que se aproximava. A ave se afastou de um salto da figura prostrada de Ishmael e avançou em atitude belicosa para Loikot. Com as asas abertas, começou uma dança em volta dele, dando grandes saltos, levantando e abaixando a cabeça de modo ameaçador, grasnando furiosamente.

Loikot parou e começou a adejar a borda de sua capa como se fossem asas. Começou então uma imitação perfeita da dança do avestruz, com os mesmos grandes saltos e o movimento ritual da cabeça. Estava tentando provocá-lo para que atacasse. A ave e o rapaz giravam um em volta do outro.

O avestruz estava sendo enfrentado em seu próprio território de acasalamento, e finalmente sua sensação de ultraje e afronta foi mais forte que seu instinto de sobrevivência. Lançou-se então ao ataque de cabeça, com o comprido pescoço

esticado ao máximo. Atacou Loikot no rosto, mas o rapaz conseguiu retirá-lo a tempo, e Leon percebeu que ele devia ter feito isso muitas vezes antes. Com grande coragem, Loikot deu um salto para enfrentar a enorme ave e entrelaçou as mãos em volta de seu pescoço, bem atrás da cabeça. Então, levantou os pés do chão e atirou todo o seu peso no pescoço do animal, arrastando sua cabeça até o chão. O avestruz perdeu o equilíbrio e ficou impotente. Não conseguia levantar a cabeça. Ficou dando voltas sobre si mesmo, tentando ficar de pé. Leon se aproximou correndo e levantou o rifle. Girou em volta deles, para conseguir o melhor ângulo para atirar.

— Não, efêndi, não! Não dispare! — gritou Ishmael. — Deixe esse filho do grande shaitan para mim. — Engatinhando, o homem pôs-se a procurar algo entre suas coisas esparramadas no chão. Finalmente, levantou-se com uma faca de trinchar brilhando na mão direita e correu até o par de lutadores com a arma em punho. — Vire a cabeça dele para trás — gritou para Loikot.

Nesse momento, o pescoço da ave ficou exposto, e, com a destreza de um mestre açougueiro, Ishmael fez deslizar a afiadíssima lâmina de um lado a outro do pescoço, cortando para baixo, até as costelas da ave, de um só golpe.

— Solte-o — gritou Ishmael, e Loikot obedeceu.

Ambos saltaram para bem longe das patas de afiadas garras, que ainda se mexiam. A ave continuava dando saltos, mas um longo fio de sangue se elevava no ar devido ao corte das artérias do pescoço. Perdeu o sentido e cambaleou; suas longas pernas rosadas e escamosas estavam ficando sem energia, e seu pescoço estava caído como o talo de uma rosa murcha. Desabou e, estendida no chão, continuou lutando quase sem forças para se levantar, mas os jorros interrompidos de sangue brilhante continuavam caindo na terra ressecada pelo sol.

— Alá é grande! — regozijava-se Ishmael, lançando-se sobre o corpo do animal ainda com vida. — Não há nenhum Deus além de Deus. — Então abriu o corpo da ave e retirou-lhe o fígado. — Esta criatura foi morta por minha faca, e consagrei sua morte ao nome de Deus. Retirei seu sangue. Declaro que esta carne é halal. — Segurou o fígado no alto. — Eis aqui a melhor carne de toda a criação: o fígado de avestruz tirado da ave ainda viva.

Comeram kebab de fígado de avestruz e gordura da barriga assada na brasa de acácia espinhosa. Depois, de barriga cheia, dormiram durante uma hora na sombra. Quando acordaram, a brisa que desaparecera ao meio-dia começou a soprar de novo, sem parar, pela extensa savana. Puseram nos ombros os rifles e as demais coisas e seguiram a direção do vento, até que o sol já estava quase se pondo no horizonte.

— Devemos ir até o alto dessa colina — disse Loikot a Leon, apontando para uma rocha vulcânica que se elevava precisamente em seu caminho e se destacava no brilho cor de sangue do sol poente. O rapaz subiu ao topo e observou o vale. À sombra azulada produzida pela distância, três enormes saliências de rocha se

elevavam no céu azul. — Loolmassin, a montanha dos deuses. — Loikot apontou na direção do pico mais a oeste, depois que Leon acabou de subir e chegou perto dele. Então se virou para o outro lado, indicando os picos maiores: — Meru e Kilimanjaro, o lar das nuvens. Essas montanhas ficam em territórios que os bula mataris chamam de seus, mas que pertenciam a meu povo desde o início dos tempos. — Os picos ficavam a mais de cinquenta quilômetros sobre o lado mais distante da fronteira, bem dentro da África Oriental Alemã.

Admirado e em silêncio, Leon observou a luz do sol cobrindo as extensões de neve no arredondado cume do Kilimanjaro; depois virou-se na direção da extensa coluna de fumaça da cratera vulcânica do Loolmassin que se deslocava com o vento. Perguntouse se haveria um espetáculo mais maravilhoso em todo o mundo.

— Agora vou falar com meus irmãos chungajis. Escute-me! — anunciou Loikot. Então encheu os pulmões de ar, pôs as mãos em forma de concha em torno da boca e lançou um lamento agudo e tão alto que assustou Leon. O volume e o tom eram tão penetrantes que ele, instintivamente, tapou os ouvidos. Loikot fez isso três vezes; depois se sentou ao lado de Leon e envolveu-se em sua shuka.

— Há uma manyatta depois do rio — disse, apontando para uma linha mais escura de árvores que acompanhava o leito de um rio.

Leon calculou que ficava a vários quilômetros dali.

— Será que o ouvirão a essa distância?

— O senhor já vai ver — respondeu Loikot. O vento havia parado, e o ar estava silencioso e fresco. — Quando uso minha voz especial, ela chega lá e até mais longe.

Ficaram esperando. Abaixo deles, uma pequena manada de cudos se movia entre as acácias espinhosas. Três graciosas fêmeas cinzentas guiavam o macho de longos chifres em espiral. Suas formas eram etéreas como as nuvens de fumaça quando se esfumavam silenciosamente por entre a vegetação.

— Ainda acha que o ouviram? — perguntou Leon.

O rapaz não se dignou de responder imediatamente, mas ficou mastigando por mais um tempo a raiz do arbusto tinha que os massais usam para branquear os dentes. Depois cuspiu uma bola de fibras úmidas e dirigiu a Leon um brilhante sorriso.

— Eles me ouviram — disse — mas estão indo para um lugar mais alto para me responder. — Ficaram em silêncio de novo.

Ao pé da pequena colina, Ishmael havia acendido um fogo não muito grande e estava preparando chá numa pequena chaleira preta de fumaça. Leon olhou para ele, sedento.

— Ouça! — disse Loikot e jogou para trás a capa, levantandose de um salto.

Então ouviu algo vindo da direção do rio. Soava como um eco distante da

chamada de Loikot. O rapaz inclinou a cabeça para situá-lo e em seguida, com as mãos em concha perto da boca, emitiu um grito agudo e longo que ressoou pela planície. Outra vez ouviu a resposta, e o intercâmbio continuou até quase a entrada a noite.

— Acabou. Conversamos — disse finalmente e lançou-se colina abaixo, na direção do local onde Ishmael havia preparado o acampamento para passarem a noite. Quando se sentaram junto ao fogo, ele passou um bule grande de louça para Leon. Enquanto jantavam filé de avestruz e broas de milho, Loikot transmitiu a Leon o que ouvira na longa conversa com os chungajis. — Há duas noites um leão matou um de seus animais, um lindo touro preto de bons chifres. Esta manhã, um morani seguiu o leão com suas lanças e o cercou. Quando o atacou, ele escolheu Singidi como vítima e foi para cima dele. Matou-o com uma só lançada, o que lhe rendeu grande honra. Agora pode pôr sua lança diante da porta de qualquer mulher nas terras dos massais. — Loikot se pôs a pensar por um momento, melancólico, depois prosseguiu: — Algum dia eu farei o mesmo, e então as moças não vão mais rir de mim nem dirão que sou um bebê.

— Benditos sejam seus pequenos sonhos sensuais — disse Leon em inglês, e em seguida voltou a falar em maa: — O que mais você soube? — Loikot começou um discurso que durou vários minutos: um catálogo de partos, casamentos, animais perdidos e outros assuntos semelhantes. — Você perguntou se havia homens brancos viajando pelas terras dos massais? Alguns soldados bula mataris com ascaris?

— O comissário alemão de Arusha está em viagem com seis ascaris. Estão indo para Monduli pelo vale. Não há mais soldados no vale.

— Nenhum outro homem branco?

— Dois caçadores alemães acompanhados das mulheres estão acampados, com seus carros, nas colinas Meto.

As colinas Meto ficavam a menos de quarenta quilômetros de distância, e Leon estava espantado com a quantidade de informação que o rapaz havia recolhido a respeito de uma extensão tão vasta. Já lera sobre a capacidade de informação dos massais, mas não dera atenção a isso. Essa rede devia cobrir o território massai inteiro. Sorriu, olhando para o bule. Seu tio Penrod já tinha olhos ao longo da fronteira.

— E sobre o elefante? Perguntou a seus irmãos se viu algum macho grande nessa área?

— Há muitos elefantes, principalmente fêmeas e crias. Nesta estação os machos estão lá em cima nas montanhas ou nas encostas das crateras de Ngorongoro e Empakaai. Mas isso todo mundo sabe.

— Não há nenhum macho no vale?

— O chungaji viu um perto de Namanga, um macho muito grande, mas isso foi há

muitos dias, e ninguém voltou a vê-lo desde então. Acham que pode ter ido para o deserto de Nyiri, onde não há pasto para o gado, de modo que não há lá ninguém de meu povo.

— Devemos seguir o vento — disse Manyoro.

— Ou você deve aprender a cantar docemente para nós — sugeriu Leon.

Antes do amanhecer, Leon acordou e se afastou para, sozinho, bem longe de onde os outros estavam dormindo, se esconder atrás do tronco de uma árvore grande. Desceu as calças, ficou de cócoras e deixou sair seus próprios ventos. Aliás, o seu era o único vento que soprava nessa manhã, pensou. A selva a sua volta estava silenciosa, tranquila. As folhas dos galhos pendiam imóveis sob a pálida promessa do amanhecer. Quando voltou ao acampamento, viu que Ishmael já estava com a leiteira no fogo, e os dois massais começavam a se mexer. Agachou-se junto ao fogo para se aquecer. A manhã nascia fria.

— Não há vento — disse a Manyoro.

— Quem sabe ele virá com o sol.

— Devemos seguir sem ele?

— Por onde? Não sabemos — disse Manyoro. — Viemos para cá com o vento de minha mãe. Temos de esperar que ele volte para continuar a nos guiar.

Leon estava impaciente e descontente. Suportara bastante o palavrório de Lusima. Sentia uma dor constante atrás dos olhos. O frio da noite não o deixara dormir direito. Quando conseguiu pegar no sono, teve pesadelos nos quais via Hugh Turvey e a mulher crucificados. Ishmael passou-lhe uma caneca de café, mas nem isso produziu o efeito terapêutico costumeiro. Numa moita próxima, um tordo começou a entoar uma melodiosa saudação matinal. Ao longe um leão rugiu, e outro, mais distante ainda, lhe respondeu. Depois tudo silenciou de novo.

Leon tomou outra caneca de café e finalmente sentiu que suas propriedades curativas estavam fazendo efeito. Estava a ponto de dizer alguma coisa a Manyoro quando foi distraído por um ruído forte, como de uma cascavel, um som parecido com o chacoalhar de uma caixa de pedrinhas. Todos levantaram a vista com interesse. Sabiam muito bem que ave havia produzido o som. Era um pássaro-do-mel, que os convidava a ir até uma colmeia silvestre. Quando a encontraram, era de esperar que dividissem o achado com ele, mas os homens ficaram com o mel e deixaram a cera e as larvas para o passarinho. Era um acordo que, ao longo dos tempos, vinha sendo respeitado fielmente tanto pelos homens quanto pelas aves. Dizia-se que se o pássaro-do-mel não recebesse sua parte, da vez seguinte ele os levaria até uma serpente venenosa ou a um leão devorador de homens. Só uma pessoa estúpida se atreveria a enganá-lo.

Leon se levantou, e o pássaro marrom-claro e amarelo saiu voando, pondo-se a fazer suas exhibições. Batia as asas ruidosamente e depois subia, para depois descer

de novo.

— Mel! — exclamou Manyoro, guloso. Nenhum africano conseguia resistir a esse convite.

— Mel, doce mel! — gritou Loikot.

O último vestígio de dor de cabeça de Leon desapareceu como por milagre e ele agarrou o rifle.

— Depressa, vamos! — Percebendo que o seguiam, o pássaro voou mais rápido, zunindo enquanto lançava ao ar seu chamado.

Durante a hora seguinte, Leon cavalgou regularmente atrás do pássaro. Não disse nada, mas não podia tirar da cabeça a ideia fixa de que ele era o doce cantor a que Lusima se referira. No entanto, suas dúvidas eram mais fortes que sua fé, por isso se preparou para uma decepção. Manyoro ia cantando para animar o pássaro, e Loikot, que corria ao lado de Leon, juntou-se ao coro:

Leva-nos até a colmeia das pequeninas que picam,

E te agasalharemos com um festim sobre cera dourada.

Já não estás sentindo o sabor das larvas doces e gordas?

Voa, pequeno amigo! Voa veloz, e te seguiremos!

O passarinho revolteava pela selva, saltando de árvore em árvore, gorjeando e dançando nos galhos altos, até que eles o alcançavam, e então saía voando de novo. Um pouco antes do meio-dia chegaram a um rio de leito seco. A mata ao longo de ambas as margens era mais basta, e as árvores mais altas se nutriam da água subterrânea. Antes de chegar ao curso d'água visível, o pássarodomele voou até a parte de cima das árvores mais altas e ficou ali a esperá-los. Quando se aproximaram, Manyoro gritou, maravilhado, apontando para o tronco da árvore.

— Lá está!

Como partículas de pó douradas voando à luz do sol, Leon viu o voo das abelhas em direção da colmeia. Três quartos acima do chão, o tronco se abria numa forquilha de dois pesados galhos, e no ângulo entre eles havia uma fenda estreita e vertical. Um fino fio de seiva da árvore escorria por ela, formando pequenas bolinhas translúcidas sobre a casca. As abelhas que voltavam revolteavam em torno dela, enquanto as que vinham de dentro da colmeia caminhavam até a beira da abertura e saíam voando. Com profunda nostalgia erótica, essa imagem trouxe Verity O'Hearne à mente de Leon. Em vários dias, era a primeira vez que pensava nela.

Os outros se livraram da carga e prepararam-se para a colheita na colmeia. Manyoro cortou um quadrado com a casca do tronco de outra árvore próxima, enrolou-o e o amarrou com a fibra da própria casca para formar um tubo. Depois preparou uma espécie de cabo com outro pedaço de casca. Ishmael começara a preparar um fogo pequeno, alimentando-o com galhos secos. Loikot enrolou sua shuka em volta da cintura, deixando descobertas as partes baixas do corpo e as

pernas. Em seguida foi até o pé da árvore e avaliou a textura da casca e a medida do tronco com os braços, enquanto olhava para cima, onde estava a colmeia, preparando-se mentalmente para subir.

Ishmael pôs pedacinhos de madeira verde no fogo e começou a soprá-los até que começaram a brilhar, produzindo densas nuvens de fumaça branca. Com a larga folha de sua panga, Manyoro retirou algumas brasas, colocou-as no tubo de cortiça e levou-o a Loikot, que usou o cabo feito com a casca da árvore para pendurar o tubo no ombro; depois enfiou a panga nas dobras da shuka. Cuspiu na palma das mãos e sorriu para Leon.

— Olhe para mim, M'bogo. Ninguém consegue fazer isso como eu.

— Não me surpreende que você seja irmão dos mandris — respondeu Leon, e Loikot riu antes de saltar para o tronco da árvore. Agarrando-se a ela tanto com as mãos quanto com os pés descalços, subiu pelo tronco com espantosa agilidade, chegando à forquilha da árvore sem parar. Montou nela e ficou quieto ali, com um enxame de abelhas zangadas zumbindo em volta de sua cabeça. Pegou o tubo de cortiça do ombro e, como um trompetista, soprou numa das extremidades. Pela outra saiu um jorro de fumaça, que foi envolvendo as abelhas, até que elas se dispersaram.

Loikot parou para retirar uns ferrões dos braços e pernas. Em seguida pegou a panga e, mantendo com facilidade o equilíbrio, ignorou o espaço livre abaixo, agachou-se e bateu com a pesada lâmina na fenda entre seus pés. A cada golpe sonoro que dava, fazia voar montes de pedacinhos brancos de madeira. Depois disso, espiou pela abertura aumentada.

— Posso sentir o cheiro doce — gritou para os rostos que o olhavam lá de baixo. Meteu a mão na colmeia e retirou dela um grande favo de mel. Segurou-o de modo que eles o vissem. — Graças à destreza de Loikot, vocês vão ter o que comer hoje, meus amigos.

Todos riram.

— Muito bem, macaquinho! — gritou Leon.

Loikot retirou mais cinco favos, com cada célula hexagonal cheia até a borda de mel marrom escuro e fechada com uma camada de cera. Embrulhou-os com cuidado nas dobras de sua shuka.

— Não tire tudo — aconselhou-o Manyoro. — Deixe um pouco para nossas pequenas amigas aladas, senão elas morrerão. — Loikot sabia disso desde que era menino, mas nada respondeu.

Agora era um morani e conhecia as tradições da selva. Deixou cair ao pé da árvore o tubo de casca e a panga, deslizou pelo tronco e saltou a dois metros do chão, caindo em pé.

Sentados em círculo, dividiram os favos. Nos galhos de cima, o pássaro-do-mel

saltou e gorjeou para lembrar-lhes sua presença e a dívida que tinham com ele. Manyoro rompeu as bordas dos favos, onde as células estavam cheias de larvas brancas de abelha, e colocou os pedaços sobre uma folha verde grande. Olhou para o pássaro, que se mantinha lá no alto.

— Venha, irmão menor, aqui está sua recompensa. — Levou os pedaços de favo a alguma distância de onde estavam, colocando a folha num espaço claro no meio do mato. Mal se virou, o pássaro deu uma bicada para participar do banquete.

Observados os costumes e a tradição, os homens ficaram à vontade para desfrutar o butim. Sentados em volta do monte de favos dourados, arrancavam pedaços menores e os punham na boca, deixando escapar murmúrios de prazer enquanto sugavam o mel das células para depois cuspir a cera e lambe-los dedos melados.

Leon nunca havia experimentado esse mel escuro, defumado, obtido do néctar das flores de acácia. Cobriu a língua e o fundo da garganta com um sabor tão intenso e doce que teve vontade de tossir, enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. Ele os fechou com força. O aroma silvestre penetrante tomou conta de sua cabeça e quase o dominou. Sua língua formigava. Ao respirar, sentiu que o sabor mergulhava dentro de sua garganta. Engoliu e soltou o ar com brusquidão, como se tivesse tomado uma dose de uísque escocês.

Meio favo foi suficiente para ele. Tanto açúcar o saciou. Sentou-se nos calcanhares e ficou observando os demais companheiros por um instante. Finalmente se levantou e os deixou com sua gula. Eles não se deram conta de seu afastamento. Recolheu o rifle e caminhou sem pressa por entre os arbustos, indo até onde achava que podia estar o leito do rio. A vegetação ia ficando cada vez mais densa à medida que se internava no mato, até que conseguiu abrir caminho através da última barreira de arbustos e chegou à margem. Ela fora transformada pela água das enchentes em uma parede abrupta que descia por dois metros na vertical até um leito de fina areia branca de uns cem metros de largura, pisoteado pelos cascos e patas dos animais que o usavam como via principal.

Na outra margem, as raízes de uma figueira silvestre enorme haviam ficado expostas pela falta de água. Estavam enroscadas e retorcidas como serpentes se acasalando, e os galhos que se estendiam sobre o leito seco do rio estavam carregados de cachos de pequenos figos amarelos. Um bando de pombas verdes que se fartavam de fruta saiu voando, assustado pela aparição repentina de Leon. O bater de suas asas rompeu o silêncio quando elas voaram, seguindo o curso d'água.

Sob os galhos de figos silvestres, a areia branca se acumulara em vários montes. Em volta deles, vários montículos de excremento de elefante se amontoavam, o que chamou a atenção de Leon. Segurou o rifle a um braço de distância do corpo e saltou do alto do barranco. A areia mole amorteceu a queda, e ele afundou nela até os tornozelos, mas logo recuperou o equilíbrio e caminhou para o outro lado do leito

seco do rio. Quando se aproximou, percebeu que os elefantes haviam estado ali cavando em busca de água. Batiam as patas dianteiras na areia até chegar a uma camada úmida mas firme. Depois usavam a tromba para escavar até alcançar a camada freática subterrânea. As pegadas de suas patas no lugar onde haviam parado, perto dos buracos em que havia aparecido água, estavam perfeitamente visíveis. Ali, sugavam com a tromba a água, que penetrava nas cavidades esponjosas do crânio enorme, até se fartarem. Em seguida, levantavam a cabeça para enfiar a tromba no fundo da garganta e enviar a água para o estômago.

Havia oito buracos abertos nos quais a água se infiltrara. Leon verificou um por um, inspecionando as pegadas deixadas pelos sedentos animais. Depois de ter recebido lições de três mestres nesse ofício – Percy Phillips, Manyoro e Loikot –, ele adquirira suficientes noções para ler com precisão essas marcas. A forma e o tamanho das pisadas que os elefantes haviam deixado em volta dos primeiros quatro buracos mostravam que se tratava de fêmeas.

No quinto, só havia pegadas de um animal. Elas eram tão grandes que, ao vê-las, ele teve de parar. Sua respiração se acelerou, entrecortada pela emoção; em seguida ele apressou o passo e caiu de joelhos junto às pegadas das patas dianteiras, muito profundas na beira do buraco no qual o animal devia ter ficado durante horas sugando a água.

Leon olhou-as, incrédulo. Eram enormes. O animal que as deixara devia ser um macho grande e velho, pois as plantas de suas patas estavam gastas e alisadas pelos anos. Um lado da pegada que ele estava examinando apresentava uma escorregadela para um lado, e, como a terra não tivera tempo de voltar ao lugar, isso significava que não fazia muito tempo que o macho deixara o leito do rio. Talvez o animal tivesse se assustado com o barulho produzido por Loikot ao abrir a colmeia.

Leon assentou os canos gêmeos do rifle sobre a pegada para medir o tamanho e deixou escapar um assovio. Os canos mediam sessenta centímetros de comprimento, e o diâmetro da pegada era só cinco centímetros mais curto. Ao aplicar a fórmula que Percy Phillips lhe havia ensinado, calculou que esse macho devia medir quase três metros e meio de altura até o ombro: um gigante numa raça de gigantes.

Leon se levantou de um salto e voltou correndo para o outro lado do leito do rio. Subiu pela margem e abriu caminho por entre os arbustos até onde os três companheiros estavam inclinados sobre o resto dos favos de mel.

— Lusima Mama e seu doce cantor nos mostraram o caminho — disse ele. — Encontrei a pegada de um grande elefante macho no leito do rio. — Os rastreadores recolheram rapidamente as coisas e correram atrás dele, mas Ishmael colocou o que havia sobrado dos favos de mel em uma das panelas antes de levantar o volume e ajeitá-lo na cabeça. Só depois os seguiu.

— M'bogo, esse é exatamente aquele macho que lhe mostrei da primeira vez que

viajamos juntos — exclamou Loikot assim que viu a pegada, dançando, emocionado. — Eu o reconheço. Ele é o chefe maior de todos os elefantes.

Manyoro balançou a cabeça.

— É tão velho que deve estar perto de morrer. Com certeza o marfim deve estar estropiado e desgastado.

— Não! Não! — negou Loikot com veemência. — Vi suas presas com meus próprios olhos. São tão grandes quanto você, Manyoro, e mais grossas que sua cabeça! — Fez um círculo com os braços.

Manyoro riu.

— Meu pobre pequeno Loikot! Você foi mordido por moscas azuis, que encheram sua cabeça de vermes. Pedirei a minha mãe que lhe prepare uma poção que acalme seus intestinos e apague de seus olhos esses sonhos.

Loikot se ofendeu e o olhou, furioso.

— E talvez não seja o elefante, mas você quem ficou velho e senil. Devíamos ter deixado você no monte Lonsonyo, bebendo cerveja com seus decrepitos companheiros.

— Enquanto vocês dois trocam elogios, o macho está se afastando de nós — interveio Leon. — Vamos seguir o rastro e resolver essa questão vendo suas presas e não apenas as pegadas de suas patas.

Mal saíram do leito do rio, onde seguiam as pegadas, e entraram na savana aberta, ficou evidente que o elefante macho havia se assustado com o barulho dos golpes de machado e as vozes no momento em que atacavam a colmeia.

— Está em plena correria — disse Manyoro, apontando para o tamanho dos passos do macho.

Havia estabelecido um ritmo de passos que equivalia ao de um homem correndo. Todos sabiam que ele podia manter essa velocidade do amanhecer ao anoitecer, sem parar para descansar.

— Está indo para o leste, ao que me parece para o deserto Nyiri, aquela terra seca onde não há homens e só ele sabe onde cavar para conseguir água — comentou Manyoro depois da primeira hora. — A esse passo, ao amanhecer já terá subido a encosta e estará em pleno deserto.

— Não dê ouvidos a ele, M'bogo — aconselhou Loikot. — Os velhos costumam ser negativos. Costumam sentir cheiro de merda no perfume de uma flor.

Depois de mais uma hora, pararam para beber um pouco de água do cantil.

— O macho não se desviou do caminho que escolheu — observou Manyoro. — Não parou nem uma vez para comer nem diminuiu a velocidade. Já leva sobre nós uma vantagem de muitas horas.

— Esse velho não só pode sentir cheiro de merda numa flor, como até numa flor entre as coxas da virgem mais doce — disse Loikot, olhando de modo atrevido para

Leon. — Não ligue para ele, M'bogo. Siga-me, e antes que anoiteça lhe mostrarei umas presas que espantarão seus olhos e encherão de alegria seu coração.

Mas a pegada permanecia reta, inalterada. Outra hora se passou, e até Loikot começou a duvidar. Quando pararam por uns instantes para beber água e descansar à sombra, estavam silenciosos e desanimados. Embora tivessem se esforçado ao máximo desde que haviam deixado o leito seco do rio, sabiam quão distantes estavam do elefante macho. Leon fechou o cantil e se levantou. Sem uma palavra, os outros também se ergueram e continuaram a marcha.

No meio da tarde, pararam de novo para descansar.

— Se minha mãe estivesse conosco, faria um encantamento para que o macho parasse para comer — disse Manyoro —, mas infelizmente ela não está.

— Quem sabe está velando por nós, porque ela é uma grande feiticeira — disse Loikot com entusiasmo. — Talvez possa me escutar, se eu a chamar. — Pôs-se de pé num salto e começou uma dança ritual, saltando no ar a grande altura com as pernas finas. — Ouçame, Grande Vaca Preta, ouça meu chamado. — Leon riu, e até Manyoro sorriu e começou a bater palmas, marcando o ritmo da dança.

— Ouça-o, Mama! Ouça o nosso pequeno mandril!

— Ouça-me, Mãe da Tribo! Você nos mostrou as marcas de suas patas, agora não o deixe afastar-se de nós. Diminua a velocidade de suas grandes patas. Encha seu estômago de fome. Faça-o parar para comer.

— Isso já é suficiente magia por um dia. Seguramente, o macho já não conseguirá escapar de nós — interveio Leon. — Em frente, Manyoro! Vamos prosseguir.

As pegadas continuavam. O macho se movimentava tão rápido que quando atravessava trechos de terra solta pisoteava nuvens de pó com sua longa passada. Quando Leon olhou para o sol, seu coração estremeceu. Só restava uma hora de luz do dia. Não havia nenhuma possibilidade de alcançarem o elefante antes que a escuridão impedisse a visão das pegadas, obrigando-os a suspender a perseguição até o amanhecer do dia seguinte. A essa altura, o animal já estaria uns trinta quilômetros adiante deles.

Ainda estava olhando para o céu quando tropeçou em Manyoro, que parara de repente. Ambos os massais estavam examinando minuciosamente a terra. Olharam para Leon, fazendolhe sinais com as mãos para que não fizesse barulho. Ambos sorriam, e seus olhos brilhavam. Estavam revitalizados e já não havia neles sinais de fadiga. Manyoro apontou para as pegadas modificadas com um gesto eloquente e elegante.

Leon compreendeu que ocorrera um pequeno milagre. O macho diminuía a velocidade, seu passo estava mais curto e, ao que parecia, desistira de ir na direção da escarpa ocidental do vale. Manyoro apontou para um grupo de nogueiras, árvores de copa arredondada, mais altas e verdes que as que as circundavam, a uns

quatrocentos metros à direita de onde estavam. Inclinou-se e cochichou no ouvido de Leon:

— Nesta estação, os frutos amadurecem nas árvores. Ele deve ter sentido o cheiro das nozes maduras e não consegue resistir a elas. Com certeza vamos encontrá-lo perto das árvores. — Pegou um punhado de terra e deixou que ela deslizesse por entre os dedos. — Ainda não há vento. Podemos ir direto até ele. — Olhou para trás e fez sinal para que Ishmael ficasse onde estava. O cozinheiro então pôs o volume que carregava no chão e, agradecido, sentou-se junto dele.

Com os dois massais ainda na frente, avançaram em silêncio, escondendo-se a cada trecho percorrido e examinando a selva a sua frente antes de seguir adiante. Chegaram à primeira nogueira e viram o solo sob a árvore forrado de nozes, embora os galhos mais altos ainda estivessem cheios de frutos ainda não totalmente maduros. O macho devia ter ficado debaixo dessa árvore por muito tempo, recolhendo as nozes que haviam caído. Depois mudara de lugar. Seguiram as pegadas de suas imensas patas até outra árvore do nogal, onde devia ter comido de novo. Dali havia passado para outra, e mais outra, indo depois até uma depressão pouco profunda, acima da qual se viam apenas as copas das nogueiras. Continuaram avançando em silêncio, até que conseguiram uma visão melhor e olharam para baixo.

No mesmo instante, os três viram uma enorme massa preta, o elefante macho. Estava a uns trezentos metros de distância, parado à sombra de uma das nogueiras maiores, proporcionando-lhes um ângulo de visão de meio corpo. Equilibrava-se com suavidade, mudando de uma pata dianteira para a outra, abanando as orelhas preguiçosamente, com a tromba pendurada sossegadamente sobre a curva da presa visível. A outra estava escondida por seu enorme volume, mas Leon se fixou na que estava visível, incapaz de acreditar que tivesse aquele comprimento e grossura. Pareceu-lhe que era do tamanho de uma coluna de mármore de um templo grego.

— O vento? — sussurrou para Manyoro. — Como está o vento?

Manyoro pegou outro punhado de terra, que deixou escorrer por entre os dedos. Depois limpou o pó da mão na perna e fez um sinal tão claro como se tivesse dito: "Nenhum vento. Nada".

Leon abriu os canos do rifle e tirou os grossos cartuchos de bronze dos carregadores, um de cada vez. Examinou-os, buscando manchas, e lustrou-os com a camisa antes de colocá-los no lugar. Fechou o rifle e enfiou o cabo da arma carregada debaixo da axila direita. Depois fez com a cabeça um sinal para Manyoro, e, quando avançaram, Leon tomou a dianteira. Seguiu o ângulo em direção ao macho, até que o tronco da árvore cobrisse seu avanço. Depois foi direto para ele.

A árvore tapava a cabeça do elefante, mas seu corpo era visível de um dos lados, enquanto a curva da presa mais próxima saía pelo outro. Um raio de luz do sol perfurava o dossel de folhas acima de sua cabeça e caía sobre o marfim como um

feixe de luz iluminando o centro de um cenário. Leon aproximou-se ainda mais, dando cada passo com extremo cuidado e segurando firme o pesado rifle, pronto, junto ao peito.

O Holland era essencialmente uma arma de curto alcance. Leon havia disparado com ele várias vezes no alvo antes de partir do Acampamento Tandala e havia descoberto que os canos gêmeos estavam preparados para disparar no alvo a precisamente trinta metros. A qualquer distância maior, as balas se dispersavam de maneira imprevisível. Sabia que, para ter segurança absoluta quanto a seu disparo, tinha de estar mais perto. Queria alcançar o tronco da noqueira e disparar protegido por ela. Já estava tão perto que podia ver os passarinhos que subiam por toda parte pela pele enrugada do elefante. Havia cinco ou seis desses pequenos pássaros amarelos equilibrando-se com o rabo enquanto com os afiados bicos vermelhos buscavam alimento entre as dobras de sua pele: carrapatos, moscas e outros insetos chupadores de sangue. Um deles se meteu na orelha, e o elefante a movimentou com força, para afastá-lo. Outros se penduravam embaixo, na barriga do animal ou entre suas pernas, bicando com prazer entre as pregas de couro cinza. Então, percebendo subitamente a presença de Leon, subiram pelas laterais às costas do elefante, enfileirando-se ao longo de sua espinha dorsal, olhando atentamente para o intruso.

Manyoro tentou avisar Leon do que estava para acontecer, mas não se atreveu a falar, porque ele estava tão concentrado que não viu os sinais desesperados atrás dele. Ainda estava a uns doze metros do tronco da noqueira quando a fileira de passarinhos levantou voo com um gorjeio frenético, um sinal de alarma. O animal entendeu o aviso muito bem, pois as aves não só ajudavam a limpá-lo, como também eram seus vigias.

Da tranquila sonolência passou a se movimentar para frente, atingindo sua velocidade máxima com meia dúzia de passos. Não tinha ideia de onde estava o perigo, mas confiava nas aves, e então simplesmente correu na direção para a qual estava olhando. Afastava-se de Leon movendo-se num ângulo de trinta graus. Por um segundo, Leon ficou atônito com a rapidez e a agilidade da enorme criatura. Em seguida, lançou-se para frente em sua perseguição, com a intenção de adiantar-se a ele, antes que pudesse escapar. Por uma curta distância ele ganhou terreno, aproximandose a pouco menos de trinta metros. Fixou o olhar na cabeça do elefante. As grandes orelhas estavam recolhidas para trás, de modo que ele conseguiu ver a fenda longa e vertical de seu ouvido. Mas a cabeça se movia com força de um lado a outro a cada passada. Os passarinhos piavam alto e, atrás de Leon, os dois massais gritavam de modo ininteligível. Por todo lado havia uma movimentação confusa e selvagem, e o elefante se afastava rapidamente. Mais algumas passadas e ele estaria fora de seu alcance.

Leon parou de chofre. Toda a sua visão e atenção estavam concentradas na fenda

longa do ouvido, no centro da enorme cabeça, que balançava sem parar. Pôs o rifle no ombro e fez pontaria por cima dos canos, embora mal os visse, de tão concentrado que estava. O tempo e o movimento pareciam reduzir a velocidade a algo irreal, um sonho. Sua visão era tão aguda como uma broca de diamante. Ele via o couro e as largas orelhas. Via o cérebro. Era uma sensação rara. Percy Phillips a havia chamado de "olho de caçador". Com o olho de caçador podia ver através do couro e dos ossos e discernir a posição exata do cérebro. Ele tinha o tamanho de uma bola de futebol, localizado atrás da linha do buraco do ouvido.

O rifle disparou, e mesmo à luz do sol ele viu a chama saindo da boca do cano. Levou um susto. Não tinha consciência de ter apertado o gatilho e mal sentiu o coice violento do rifle em seu ombro. Sua visão não se desviou por isso: ele viu a bala atingir o elefante cinco centímetros atrás do buraco do ouvido, precisamente aonde ela devia ir. Viu o olho do elefante se fechar, ouviu a pesada bala atingir o osso com um som como o de um machado de um lenhador batendo no tronco de uma árvore de madeira dura. Com seu novo dom do olho de caçador, podia imaginar a bala abrindo caminho através dos ossos e dos tecidos, avançando para chegar ao cérebro.

O elefante deitou a cabeça para trás, com as longas presas apontando por um instante para o céu. Depois suas patas dianteiras se dobraram, e ele desabou pesadamente sobre os joelhos. A força do impacto levantou uma nuvem de pó, enquanto o chão tremia sob os pés de Leon. O animal ficou caído sobre as pernas dianteiras dobradas como se estivesse esperando que alguém o montasse, com a cabeça sustentada pelas partes curvas das presas e os olhos já sem vida abertos. O rabo se mexeu rapidamente uma vez; depois, tudo ficou imóvel. Os ecos do disparo ressoavam na cabeça de Leon, mas tudo em volta era só um profundo silêncio.

"É o elefante morto que mata." Leon se lembrava das palavras de advertência de Percy. "É sempre preciso dar o tiro de misericórdia." Leon levantou de novo o rifle e apontou para a axila do animal. Outra vez o rifle retumbou, mas o elefante nem sequer tremeu quando a segunda bala lhe atravessou o coração.

Leon avançou lentamente e estendeu a mão para tocar com um dedo o olho cor de âmbar que permanecia fixo. Ele não piscou. Leon estava com as pernas moles como espaguete cozido. Relaxou, apoiou as costas no ombro do elefante e fechou os olhos. Não sentia nada. Estava vazio por dentro. Não experimentava nenhuma sensação de triunfo ou alegria, nenhum remorso ou pena pela morte de uma criatura tão magnífica. Tudo isso viria depois. Naquele momento, só havia um doloroso vazio, como se tivesse acabado de fazer amor com uma mulher bonita.

Leon mandou que Manyoro e Loikot fossem até algumas aldeias distantes, fora dos confins dos territórios massais, com a tarefa de recrutar carregadores para levar o marfim até a via férrea. Tinham de ser de alguma tribo que não fosse massai, pois os moranis não se rebaixavam a executar tarefas servis. Leon e Ishmael

acamparam durante os cinco dias seguintes contra o vento, a boa distância do corpo do animal, que apodrecia e cujo ventre se avolumava por causa da formação de gás. Tomavam conta das presas enquanto esperavam que amolecessem, quando então os canais ósseos apodreceriam.

As noites eram turbulentas, devido à presença dos animais que se aproximavam em busca de carniça. Os chacais ladravam, e manadas de hienas riam, guinchavam e lutavam entre si. Na terceira noite chegaram os leões e acrescentaram seu rugido imperial à cacofonia geral. Ishmael passava as horas de escuridão trepado nos galhos mais altos de uma das nogueiras, recitando versos do Corão em suaíli e pedindo a Alá proteção contra os demônios.

No sexto dia, Manyoro e Loikot voltaram, seguidos por um grupo de leais carregadores luos que Manyoro contratara por dez xelins.

— Dez xelins por dia para cada um? — Leon estava espantado com tamanha prodigalidade. Dez xelins eram quase o total de sua fortuna neste mundo.

— Não, buana, para todos.

— Dez xelins por dia para os seis? — perguntou Leon um pouco mais tranquilo.

— Não, buana. É para que os seis levem as presas até a estrada de ferro, não importa quantos dias isso leve.

— Manyoro, sua mãe deve estar orgulhosa de você — disse Leon. — É evidente que eu estou.

Ele levou os carregadores ao lugar onde estavam os restos do animal. Só os grandes ossos e o couro não haviam sido arrastados e devorados pelos comedores de carniça. A cabeça, no entanto, ainda estava apoiada reta nas duas curvas do marfim. Leon fez um laço com um pedaço de corda de casca de árvore ao redor de uma das presas, e enquanto puxavam a corda os carregadores luos entoavam um canto de trabalho. A extremidade mais grossa da presa, que ficava incrustada no crânio, deslizou para fora quase sem resistência. Até então, praticamente a metade de seu comprimento havia ficado escondida, e sua verdadeira dimensão só pôde ser vista nessa hora. Quando colocaram as duas presas juntas sobre uma cama de folhas verdes frescas, Leon ficou assombrado com seu tamanho e incrível simetria. Mais uma vez usou os canos do rifle para medi-las. A mais longa tinha a largura de um palmo e mais de três metros de comprimento, e a menor, quase exatamente três metros.

Sob a orientação de Manyoro, os luos cortaram dois paus compridos de acácia e amarraram uma presa em cada um. Com um carregador em cada extremidade, levantaram os paus e seguiram para a estrada de ferro, enquanto os outros do grupo iam atrás deles, prontos para substituí-los quando se cansassem.

Leon já não tinha direito a passe militar para viajar, de modo que, num trecho mais elevado da ferrovia, onde subia a escarpa a partir do fundo do vale da Grande

Fenda, esperaram o trem noturno que vinha do lago Vitória. Ali, até a dupla de locomotivas reduzia a velocidade. Protegidos pela escuridão, eles correram ao lado dos vagões de mercadorias, e conseguiram se agarrar na escada de aço e subir ao teto. Os carregadores luos lhes passaram as presas e o volume de Ishmael. Leon lançou um moedeiro de lona com os dez xelins para o chefe, e os homens gritaram agradecendo e se despedindo, até que foram engolidos pela escuridão. As locomotivas, soprando corajosamente, subiram até o alto da encosta. O vagão a que haviam subido estava carregado de caixas de peixes secos do lago, mas quando o trem aumentou a velocidade o ar levou o mau cheiro.

Ainda estava escuro quando deixaram cair as presas e suas coisas de um lado do vagão e saltaram do trem andando quando ele diminuiu a velocidade, antes de entrar soltando vapor na estação de Nairóbi.

Percy Phillips estava tomando o café da manhã na barraca do refeitório quando eles entraram cambaleando no Acampamento Tandala, curvados ao peso das presas.

— Santo Deus! — disse ele, levantando-se abruptamente e derrubando a cadeira. — Essas não são as suas, são?

— Uma delas é — respondeu Leon, de cara séria. — Lamentavelmente, senhor, a outra é sua.

— Leveas à balança romana. Vamos ver o que temos aqui.

Todo o pessoal do acampamento saiu correndo atrás deles à barraca onde se preparavam os troféus, e todos ficaram em volta da balança quando Leon pôs a presa menor no gancho.

— Sessenta e quatro quilos — disse Percy simplesmente. — Vamos agora ver a outra.

Leon colocou a outra no gancho, e Percy piscou.

— Sessenta e nove quilos. — Sua voz fraquejou. Era a maior presa que já haviam levado ao Acampamento Tandala. No entanto, não conseguiu pensar numa boa razão para dizer isso ao jovem. "Não quero que isso lhe suba à cabeça", pensou, enquanto coçava a barba. Em seguida, disse a Manyoro: — Amarre as duas presas no carro. — Finalmente olhou para Leon, e seus olhos brilharam. — Muito bem, meu jovem, pode me levar ao clube. Estou quase convidando você para tomar alguma coisa.

Com o veículo pulando e dando estouros pelo caminho, Percy teve de falar alto para encobrir o barulho do motor.

— Muito bem, conte-me como foi. Comece do início. Não deixe nada de fora. De quantas balas precisou para derrubá-lo?

— Esse não é o início, senhor — disse Leon.

— Servirá como ponto de partida. Você pode retroceder daí. Quantos tiros?

— Um tiro no cérebro. E depois me lembrei de seu conselho e dei mais um para garantir, quando ele já havia caído.

Percy assentiu com ar de aprovação.

— Conte-me o resto, agora.

Ouvindo-o, Percy se espantou com a descrição da caçada feita por Leon. Fazia que parecesse fascinante, inclusive para Percy, que vivera isso centenas de vezes. Uma das obrigações mais importantes de um caçador branco era entreter seus clientes. Eles desejavam algo mais do que simplesmente derrubar alguns animais. Pagavam uma fortuna para participar de uma aventura inesquecível e queriam se afastar de sua confortável existência urbana para voltar às mais remotas origens, levados por alguém em quem pudessem confiar e a quem pudessem admirar. Percy conhecia diversos indivíduos muito bons e experimentados nas artes da selva e nas tradições da vida em terras virgens, mas faltavam-lhes charme e simpatia. Eram sérios e taciturnos. Intimamente entendiam os encantos da selva, mas não conseguiam explicar a outras pessoas o que sentiam. Seus clientes não voltavam a procurá-los. Seu nome não era mencionado nos palácios europeus ou em clubes exclusivos de Londres, Nova York e Berlim. Ninguém ia atrás de seus serviços.

Esse rapaz não se incluía nessa categoria. Mostrava disposição e desejo de agradar. Era moderado, simpático e tinha tato. Era eloquente. Tinha um senso de humor seco e peculiar. Era atraente, e todo mundo o achava agradável. Percy sorriu internamente. "Diabos, até eu gosto dele."

Quando chegaram ao clube, Percy o fez estacionar o carro bem na frente da porta principal. Levou Leon ao bar, onde uma dúzia de clientes habituais, a maioria vivendo do dinheiro enviado da Inglaterra pela família, já havia ocupado todos os assentos.

— Cavalheiros — disse Percy, dirigindo-se aos presentes no local — quero que conheçam meu novo aprendiz e depois vou levá-los lá fora para lhes mostrar um par de presas. E que par de presas!

A notícia já correria a cidade como um raio, e havia uma pequena multidão em volta do carro. Percy convidou todo mundo para ir até o bar.

No momento em que Hugh Delamere entrou no bar, mancando de uma perna, mastigada por um leão havia muitos anos, a reunião estava animada. Aquela era uma situação que muito lhe agradava. Como ocorria com muitos alunos das melhores escolas inglesas, Delamere apreciava as reuniões barulhentas que terminavam com móveis quebrados e outros prejuízos. Nessa noite, estava acompanhado do coronel Penrod Ballantyne. Cumprimentaram Leon por sua destreza como caçador, e Delamere lhe serviu uma dose de uísque Talister, de sua reserva particular, que guardava sob o bar. Depois desafiou tio e sobrinho para uma corrida aérea, que consistia em correr ao redor da enorme sala sem tocar no chão. Mas, depois de um tempo, as estantes atrás do bar não conseguiram aguentar o peso de milorde e caíram, fazendo um forte barulho de garrafas quebradas. Pouco antes da meia-noite,

um dos residentes do clube entrou no bar para reclamar do barulho. Milorde o fechou na adega pelo resto da noite.

Horas depois, Percy foi carregado para a sala de bilhar e depositado no pano verde da mesa. Leon conseguiu chegar ao assento dianteiro do carro, onde passou o resto da noite.

Acordou com uma terrível dor de cabeça.

— Bom dia, efêndi. — Ishmael estava de pé ao lado da caminhonete, com uma caneca de café fumegante na mão. — Desejolie um dia perfumado de jasmims. — O café o reanimou o suficiente para que mandasse chamar Manyoro. Os dois conseguiram fazer o carro andar e tomaram a rua principal até chegar às oficinas centrais da Companhia de Comércio Grande Lago Vitória. Sob esse nome, por ordem de Sua Excelência, o governador, recentemente haviam apagado o que estava escrito. No entanto, sob a única mão de tinta que supostamente deveria tê-lo encoberto, ainda se podia ler: "Nomeado por Sua Majestade, o rei da Inglaterra, fornecedor de artigos raros e de alta qualidade". O texto atual, não censurado, dizia: "Comerciante de ouro, diamantes, peças de marfim, curiosidades e todo tipo de produtos naturais. Venda de artigos de todo tipo. Proprietário: Sr. Goolam Vilabjhi".

O proprietário foi ao encontro de Leon para recebê-lo na porta principal, por onde ele entrara com a presa menor. O Sr. Goolam Vilabjhi era um homenzinho bem nutrido e exibia um brilhante sorriso.

— Por tudo o que é sagrado, tenente Courtney, esta é uma honra muito grande para mim e para meu humilde estabelecimento!

— Bom dia, Sr. Vilabjhi, mas já não sou tenente — disse Leon, enquanto colocava a presa de elefante sobre o balcão.

— Mas o senhor ainda é o maior jogador de polo da África, e disseram-me que se tornou um importante shikari. E pelo visto o senhor traz uma prova disso. — Chamou a Sra. Vilabjhi, que estava no fundo da loja, pedindo-lhe que trouxesse café e frutas confeitadas; depois conduziu Leon por entre fileiras de estantes sobrecarregadas até o cubículo que era seu escritório. Uma biblioteca que ocupava uma parede inteira estava repleta com os vinte e quatro volumes do Complete Oxford English Dictionary, a coleção completa da Encyclopedia Britannica, o Guia da nobreza e pequena aristocracia de Burke e várias dúzias de histórias dos reis da Inglaterra, de seu povo, de sua língua. O Sr. Vilabjhi era um grande anglófilo, monarquista e defensor da língua inglesa.

— Por favor, sente-se, distinto senhor — disse a Sra. Vilabjhi, entrando apressadamente com a bandeja de café. Ela era ainda mais roliça que o marido e igualmente amável. Depois de encher os copos com o escuro e espesso líquido, o marido a fez sair e voltou-se para Leon, perguntando: — Agora diga-me, sahib, o que o senhor deseja?

— Quero lhe vender esta presa.

O Sr. Vilabjhi ficou pensando no assunto durante tanto tempo que Leon começou a ficar preocupado. Afinal ele disse:

— Ai, ai, ai, meu estimado sahib, não vou comprar do senhor esse marfim.

Surpreso, Leon perguntou:

— Por que raios não vai comprá-lo? Por acaso o senhor não é comerciante de marfim?

— Já lhe contei, sahib, que fui cavalição, ou, como se diz na Índia, um syce, nas quadras do marajá de Cooch Behar? Sou o maior e mais profundo conhecedor do real jogo de polo e dos homens que o jogam.

— E essa é a razão pela qual o senhor não vai comprar a presa? — perguntou Leon.

O Sr. Vilabjhi riu.

— Essa é uma boa piada, sahib. A razão é que, se a comprar, vou mandá-la para a Inglaterra, onde a transformarão em teclas de piano ou a cortarão para fabricar bolas de bilhar de lindas cores. Então, o senhor vai me odiar. Algum dia, quando o senhor estiver velho, vai se lembrar do que fiz com seu troféu e dirá a si mesmo: "Dez mil maldições caiam na cabeça daquele vilão infame e sem-vergonha, aquele Sr. Goolam Vilabjhi".

— Por outro lado, se o senhor não o comprar, invocarei cem mil maldições sobre sua cabeça agora mesmo — advertiu-o Leon. — Sr. Vilabjhi, estou precisando de dinheiro, e tenho urgência.

— Ah! O dinheiro é como a marca dos oceanos. Vai e vem. Mas uma presa como esta o senhor nunca mais voltará a ver em toda a sua existência.

— Neste momento, minha marca está muito longe, bem além do horizonte.

— Então, sahib, teremos de fazer algum truque ou, como gostávamos de dizer em Cooch Behar, usar de um estratagema para satisfazer nossos desejos distintos. — Fez outra pausa por mais alguns instantes, em atitude de profunda reflexão; depois levantou um dedo e tocou a testa. — Eureka! Achei! O senhor deixará a presa comigo como garantia, e lhe emprestarei o dinheiro de que precisa.

Vai me pagar juros de vinte por cento ao ano. Mais tarde, um dia, quando o senhor for o shikari mais famoso e respeitado da África, vai me procurar e dizer: "Goolam Vilabjhi, meu amigo querido e de confiança, voltei para pagar a dívida que tenho com o senhor". Então, eu lhe devolverei a esplêndida e maravilhosa presa, e seremos amigos para toda a vida, até o momento em que deixemos este mundo.

— Meu amigo querido e de confiança, Sr. Goolam Vilabjhi, invoco dez mil bênçãos sobre sua cabeça — disse Leon, rindo. — Quando poderá me dar o dinheiro?

— Soube que a presa pesa sessenta e quatro quilos.

— Nossa! Como soube?

— Todo ser vivente em Nairóbi já sabe disso. — O Sr. Vilabjhi inclinou a cabeça para um lado. — A trinta e seis xelins o quilo, acho que posso lhe adiantar a substancial soma de noventa e seis libras esterlinas em soberanos de ouro. — Leon piscou. Nunca tivera nas mãos essa soma em dinheiro.

Antes de deixar a loja do Sr. Vilabjhi, Leon fez sua primeira compra. Numa das estantes atrás do balcão, havia visto uma pilha de caixas de papelão vermelho e amarelo impressas com uma cabeça de leão, marca característica da Knoch, a maior fabricante de cartuchos da Grã-Bretanha. Quando examinou as caixas, viu com satisfação que estavam identificadas como "H & H .470 Royal Nitro Express. 32,5 g. Sólido". Dos dez cartuchos que Verity O'Hearne lhe havia deixado como parte de seu presente, só restavam três. Tinha dado cinco tiros para controlar a mira do rifle e mais dois para matar o elefante macho.

— Quanto custam essas balas, Sr. Vilabjhi? — perguntou, em dúvida, engolindo saliva à espera da resposta.

— Para o senhor, sahib, e somente para o senhor, farei meu melhor preço especial. — Olhou para cima, como se estivesse pedindo inspiração a Kali, Ganesha e todos os demais deuses hindus. Depois disse: — Para o senhor, sahib, o preço é de cinco xelins cada bala.

Havia dez caixas, cada uma com cinco projéteis. Leon fez um cálculo mental rápido, e o resultado o deixou horrorizado: doze libras e dez xelins! Tocou o pesado volume que colocara no bolso interno superior. "Não posso me permitir isso", disse a si mesmo, respondendo: "Por outro lado, que tipo de profissional vai para a selva com apenas três balas no cinturão?". De má vontade, enfiou a mão no bolso e tirou a bolsinha de lona do banco que acabara de guardar ali.

A marca de sua sorte havia voltado, muito bem, mas com a mesma velocidade podia começar a ir embora, como dissera o Sr. Vilabjhi.

Manyoro e Ishmael continuavam a esperá-lo na frente da loja.

Leon lhes pagou o salário que devia.

— O que você vai fazer com todo esse dinheiro? — perguntou a Manyoro.

— Comprarei três vacas. O que mais, buana? — disse Manyoro, sacudindo a cabeça diante de pergunta tão boba. Para um massai, o gado era a única riqueza de verdade.

— E você, Ishmael?

— Vou enviá-lo a minhas esposas em Mombaça, efêndi. — Ishmael tinha seis esposas, o máximo permitido pelo Profeta, e elas eram tão vorazes quanto um enxame de gafanhotos.

Leon foi de carro até o quartel dos RAR, levando consigo Manyoro e Ishmael. Encontrou Bobby Sampson deprimido sobre um copo de cerveja no cassino dos

oficiais. O amigo melhorou quando o viu e ficou muito mais alegre quando Leon lhe pagou os quinze guinéus que lhe devia pelo Vauxhall, tanto que lhe ofereceu uma cerveja.

Do quartel, Leon foi aos currais, fora da cidade.

— Manyoro, quero dar uma vaca de presente a Lusima Mama, para agradecer sua ajuda na caçada ao elefante.

— Esse é o costume, buana – concordou Manyoro.

— Ninguém conhece gado vacuum como você, Manyoro.

— Isso é verdade, buana.

— Quando você for escolher seus animais, separe um para Lusima Mama e acerte o preço com o vendedor.

Isso custou mais quinze libras a Leon, pois Manyoro escolheu o melhor animal do curral.

Antes que Manyoro partisse de volta ao monte Lonsonyo, Leon entregou-lhe uma bolsa de lona com xelins de prata.

— Isto é para Loikot. Se continuar falando com seus amigos e nos trazer boas notícias, haverá muito mais bolsas de xelins. Digalhe que economize o dinheiro, que logo terá o suficiente para comprar uma boa vaca. Agora vá, Manyoro, e volte logo. Buana Samawati tem muito trabalho para nós.

Conduzindo as vacas a sua frente, Manyoro tomou o rumo que o levaria encosta abaixo para o vale da Grande Fenda Africana. Quando chegou à primeira curva, virou-se e gritou para Leon:

— Me espere, irmão, que voltarei em dez dias.

Leon voltou ao clube para buscar Percy Phillips. Encontrou-o esparramado em uma das poltronas do amplo terraço que dava para o jardim ensolarado. Parecia estar de péssimo humor. Seus olhos estavam injetados, a barba desalinhada e o rosto tão enrugado quanto a jaqueta cáqui com que passara a noite.

— Onde diabos você estava? — gritou para Leon e, sem esperar resposta, desceu os degraus que levavam ao local onde estava o carro, que rugia e soltava uma fumaça azulada. Sua expressão mudou quando ele viu a presa, onde Ishmael estava sentado. — Bem, graças a Deus que ainda tem essa. Onde está a outra?

— Nós a vendemos ao infiel Vilabjhi, efêndi — disse Ishmael, usando o plural majestático com que se dirigia ao patrão.

— Aquele velhaco! Aposto que ele o enganou — disse Percy, sentando-se no assento dianteiro. Não voltou a falar até que chegaram ao pior trecho do caminho para o Acampamento Tandala. — Consegui falar um pouco com seu tio Penrod à noite. Havia recebido um telegrama do Departamento de Estado dos Estados Unidos. O presidente e todo o seu séquito chegarão a Mombaça daqui a dois meses, a bordo do navio alemão de luxo Admiral, para começar o grande safári. Devemos nos

preparar para isso.

Quando estacionaram em frente à barraca do refeitório, Percy gritou pedindo que lhe trouxessem chá. Duas xícaras da infusão lhe devolveram a sensação de bem-estar e o bom humor.

— Pegue seu lápis e o bloco de anotações — ordenou a Leon.

— Não tenho nada disso.

— No futuro, serão os artigos mais essenciais de seu equipamento, mais que o rifle e o frasco de quinino. Tenho alguns na biblioteca. Você pode pegá-los lá e repor da próxima vez que for à cidade. — Mandou que um dos criados fosse buscá-los, e logo o lápis de Leon estava pronto na primeira página. — Bem, vou lhe dar uma visão geral do que envolverá esse safári. Além do presidente, virão seu filho, um rapaz mais ou menos da mesma idade que você, e seus convidados, o senhor Alfred Pease, lorde Ranworth e Frederick Selous.

— Selous! — exclamou Leon. — Ele é uma lenda africana. Fui criado com seus livros. Mas já deve ser um ancião.

— De jeito nenhum — replicou Percy. — Acho que ainda nem chegou aos sessenta e cinco anos.

Leon quase disse que com sessenta e cinco anos era mais que ancião, mas percebeu o olhar ameaçador de Percy. Entendeu que para Percy Phillips a idade era um assunto sensível e se desviou daquele campo minado em que quase se metera.

— Ah, então ainda é muito jovem! — disse prontamente.

Percy assentiu com a cabeça e continuou:

— O presidente contratou outros cinco caçadores brancos além de mim. Conheço bem alguns deles: Judd, Cunninghame e Tarlton, excelentes pessoas. Creio que trarão seus aprendizes consigo. Compreendo, pelo que disse Penrod, que haverá mais de vinte naturalistas e taxidermistas do Smithsonian Institute, o museu que patrocina em parte o safári. Perguntei a Penrod sobre repórteres e outros membros da imprensa, mas ele me disse que o presidente proibiu sua presença. Depois de dois períodos completos no poder, ele dá muito valor à privacidade.

— Então não haverá nenhum jornalista? — perguntou Leon, levantando os olhos do papel.

— Não se preocupe. Ninguém medianamente conhecido consegue escapar disso. A American Associated Press enviará um monte deles, mas estarão em outro safári, que ficará atento ao nosso durante todo o tempo, enviando material a Nova York sempre que conseguirem. Uma peste em todos os lares.

— Isso significa que nosso safári será composto por mais de trinta pessoas. Haverá um monte de bagagem, equipamento e provisões.

— Certamente — concordou Percy com sarcasmo. — O cálculo aproximado inicial de Nova York é que embarcarão cerca de noventa e seis toneladas. O restante

será adquirido aqui. Isso incluirá cinco toneladas de sal para proteger os espécimes e os troféus, além de forragem para os cavalos. Tudo será enviado dos Estados Unidos antes da chegada do grupo principal, o que nos dará tempo para trazer as coisas do litoral para cá e dividir em volumes de trinta quilos para transporte pelos carregadores.

— De quantas montarias eles vão precisar? — perguntou Leon com interesse.

— Pensam fazer grande parte da caçada a cavalo. O presidente quer pelo menos trinta animais — respondeu Percy. — Essa é uma área em que você tem experiência, por isso, entre suas outras tarefas, deixo a seu cargo os cavalos. Vai ter de recrutar uma equipe de syces confiáveis para cuidar deles. — Fez uma pausa. — E evidentemente as duas caminhonetes também serão responsabilidade sua. Quero usá-las para reabastecer com comida e outras coisas os lugares em que o presidente estiver acampado, a qualquer momento.

— Duas caminhonetes? O senhor só tem uma.

— Estou requisitando outra, a sua, enquanto durar o safári. É melhor que você garanta que as duas funcionem perfeitamente. — Percy não mencionou nenhuma remuneração pelo uso do carro de Leon ou pelo custo do conserto para voltar a colocá-lo sobre quatro rodas e fazê-lo andar. — Lorde Delamere vai nos emprestar seu chef, o do Hotel Norfolk. Haverá quatro ou cinco cozinheiros abaixo dele. Vou incluir seu serviçal, Ishmael, para trabalhar nas cozinhas do acampamento. Ah, a propósito, Cunninghame vai recrutar uns mil carregadores nativos para que levem as bagagens e as provisões para o safári. Ontem à noite disse a ele que você fala bem o suaíli e que ficaria feliz em ajudá-lo nessa tarefa.

— O senhor mencionou que eu também ficaria muito contente de ajudar na própria caçada? — perguntou Leon com ar inocente.

Percy levantou a basta sobancelha.

— É mesmo? Dada sua grande experiência, estou certo de que o presidente se sentiria honrado de tê-lo como guia. No entanto, você terá muitas outras tarefas importantes com que se entreter, meu jovem. — Esse modo especial de tratá-lo estava começando a irritar Leon, mas ele percebeu que era exatamente por isso que Percy o usava com tanta frequência.

— O senhor tem toda a razão. Não havia pensado nisso. — E dispensou seu melhor sorriso a Percy, que, por sua vez, se conteve para não rir. Gostava cada vez mais que o rapaz aceitasse suas recomendações sem reclamar. Então abrandou-se.

— Haverá cerca de mil bocas para alimentar. Segundo as leis de caça da colônia, os búfalos são considerados praga. Não há limite sobre o número que se pode abater. Uma de suas tarefas será manter o safári abastecido de carne. Você poderá caçar quanto desejar. Isso eu lhe prometo.



Dois meses e seis dias depois, o Admiral, o navio alemão de passageiros, entrou na laguna Kilindini, nas águas profundas da enseada que servia de porto para a cidade litorânea de Mombaça. O cordame da embarcação brilhava com bandeirinhas coloridas. No topo do mastro principal se via a bandeira dos Estados Unidos e, no da proa, as águias negras do cáiser da Alemanha. Na coberta da proa, a banda tocava o hino dos Estados Unidos e "Deus salve o rei". A praia estava tomada por espectadores e dignitários do governo, a começar pelo governador do território e pelo comandante do exército de Sua Majestade na África Oriental Britânica, todos usando uniforme de gala, que incluía o chapéu de três bicos com plumas e espada no cinto.

Parada nas águas profundas, uma flotilha de barcaças e sólidos barcos a remo esperava para transportar os passageiros até a praia. O presidente coronel Teddy Roosevelt e seu filho foram os primeiros a entrar num dos barcos. Enquanto os ilustres viajantes ocupavam seus lugares e os remadores levavam o barco para a praia, as nuvens escuras que estavam ameaçando chuva a fizeram desabar com relâmpagos e trovões. Roosevelt chegou à praia levado pelas águas pouco profundas nas costas de um carregador seminu. Sua jaqueta de caça estava empapada de água, e ele não parava de rir. Aquele era o tipo de aventura que lhe agradava.

O governador se aproximou apressado para cumprimentá-lo, segurando em uma das mãos o penacho branco de penas de avestruz de seu chapéu de três bicos, enquanto com a outra mão tentava desvencilhar de suas pernas a espada. Havia posto seu trem particular à disposição do presidente e de seu séquito. Assim que todos estavam a salvo a bordo, as nuvens desapareceram, e o sol voltou a brilhar sobre as agitadas águas da laguna. A grande multidão explodiu num coro, cantando o refrão "Porque ele é um bom camarada...". O roliço Ted Roosevelt estava de pé, sorrindo radiante, apoiado no gradil do vagão principal, e agradecia as aclamações enquanto o maquinista fazia soar o apito e o trem arrancava, dando início à viagem para o interior, até Nairóbi.

Cento e cinquenta quilômetros terra adentro, o trem parou no desvio Voi, no extremo sul das vastas planícies que se estendiam entre os rios Tsavo e Athi. Um banco de madeira fora instalado à guisa de plataforma de observação acima do para-choque da locomotiva. O presidente e Frederick Selous subiram e se acomodaram no banco. Selous era o mais admirado dos caçadores africanos, autor de muitos livros de viagens e aventuras e um naturalista que dedicara a vida a estudar e

apreciar os animais do grande continente. Famoso por sua força e determinação, dele se dizia que, "enquanto todos vão ficando à beira do caminho, Selous segue em frente até o fim". Tinha um físico avantajado, barba cinza brilhante como o aço, um olhar firme que enxergava longe, e sua expressão era delicada e piedosa. Selous e Roosevelt, embora tão diferentes na aparência, eram almas gêmeas ao ar livre em terras selvagens.

Enquanto o trem ia soltando fumaça pelas planícies de Tsavo, cheias de manadas de antílopes até onde se podia ver no horizonte, os dois homens não deixavam de trocar impressões sobre as maravilhas que os rodeavam. Ao anoitecer, retiraram-se para a comodidade do vagão do governador. Quando o trem chegou à estação de Nairóbi de manhã bem cedo no dia seguinte, toda a população estava na plataforma para ver o presidente, ainda que fosse por um instante.

Como entretenimento para os dias seguintes, foi organizado um programa de recepções, bailes e encontros esportivos que incluíam polo e corrida de cavalos. Terminadas as obrigações sociais, uma semana depois, o safári estava pronto para partir. De novo tomaram um trem até o distante desvio em plena montanha, nas planícies de Kapiti. Quando chegaram, como um pequeno exército, o safári estava formado à espera deles.

Na manhã seguinte, quando começou a caminhada, o presidente, com Selous de um lado e o filho do outro, cavalgava à frente da coluna. Atrás deles, levada por um ascari uniformizado, a bandeira dos Estados Unidos tremulava ao vento. Logo em seguida, vinha a banda dos RAR, executando uma versão aproximada de "Dixie". O restante do grupo estendia-se por um quilômetro pela pradaria.

Leon Courtney não fazia parte dessa multidão. Passara as últimas seis semanas instalando montanhas de provisão nos poços d'água ao longo da rota a ser seguida pelo safári.

Com certa relutância, Percy Phillips arranhou um ajudante para Leon. No início, ele ficou horrorizado.

— Hennie du Rand? — protestou. — Eu o conheço. É um africânder da África do Sul. O sujeito lutou contra nós na guerra. Agia sob o comando do famoso Koos de la Rey. Só Deus sabe quantos ingleses ele matou.

— A Guerra do Bôeres terminou há vários anos — observou Percy. — Hennie pode ser uma pessoa dura, mas no fundo é um bom sujeito. Como a maioria dos bôeres, é um profundo conhecedor da vida selvagem, e já matou mais elefantes e búfalos do que qualquer homem que eu conheça. Também é um bom mecânico de carros. Pode ajudá-lo a manter os veículos em bom estado e guiar um deles. Você vai precisar de alguém para ajudá-lo a matar uma quantidade suficiente de búfalos para manter o safári bem provido de carne fresca, e para isso não há ninguém melhor que ele. Se souber ouvir, poderá aprender muito com ele. Mas sua recomendação

principal é que vai trabalhar em troca de comida e alguns xelins por dia.

— Mas... — disse Leon.

— Não há mas. Hennie é seu ajudante, e é melhor que se acostume com isso, meu jovem.

Logo nas primeiras semanas Leon descobriu que Hennie não só era um trabalhador incansável, como também sabia muito mais sobre manutenção de motores e a vida na montanha do que ele, e estava mais que disposto a compartilhar esses conhecimentos. Suas relações com o pessoal eram excelentes. Tinha vivido com gente das tribos africanas durante toda a vida e compreendia seus hábitos e costumes. Tratava a todos com bom humor e respeito. Até Manyoro e Ishmael gostavam dele. Leon encontrou nele uma boa companhia para se sentar ao redor de uma fogueira à noite. E ele era um fascinante contador de histórias. Tinha mais de quarenta anos e era magro e musculoso. Sua barba era grisalha, e os braços, bronzeados. Falava com forte sotaque africânder.

— Ja, my jong Boet — disse ele a Leon, depois de ter seguido a pé uma manada de búfalos, matando oito fêmeas jovens e gordas com a mesma quantidade de disparos. — Sim, meu jovem amigo, parece que vamos fazer de você um caçador.

Com a ajuda de Manyoro e outros quatro homens, eles tiraram a pele, estriparam e cortaram a caça em quartos para transportá-los nas caminhonetes e entregá-los a menos de um quilômetro do enorme acampamento principal do safári presidencial. Era o mais perto que Percy permitia que chegassem. Não queria que o presidente e Selous fossem incomodados pelo ruído dos motores. Outro grupo de carregadores do acampamento foi se encontrar com eles para levar a carne.

Quando ficaram sozinhos, Leon e Hennie deixaram o veículo mais velho debaixo de uma árvore, amarraram em seu tronco principal uma correia, levantaram a parte traseira do veículo e retiraram o diferencial, que estava fazendo um forte ruído metálico. Começaram a desmontar a peça e estavam colocando as partes retiradas sobre um gasto pedaço quadrado de lona quando ouviram o som de um cavalo se aproximando. O cavaleiro era um jovem de calças de cavalgar e chapéu de aba larga. Desmontou, amarrou o cavalo e depois foi até eles.

— Olá! O que vocês estão fazendo? — perguntou, com um inconfundível sotaque americano.

Antes de responder, Leon o olhou de cima a baixo. Sua botas de equitação eram caras, e as calças, impecáveis. Tinha um rosto agradável, embora não fosse atraente. Quando tirou o chapéu, deixou à mostra um cabelo castanho indefinido. Seu sorriso era amistoso. Leon teve a impressão de que ambos tinham a mesma idade. O rapaz devia ter no máximo uns vinte e cinco anos.

— Estamos com um probleminha nesta velha charanga — respondeu Leon, e o desconhecido sorriu.

— Estão com um probleminha nesta velha charanga — repetiu. — Nossa, adoro esse sotaque inglês. Poderia ouvi-lo o dia todo!

— Que sotaque? — disse Leon. — Não tenho nenhum sotaque. Você, sim, fala de um jeito engraçado. — E começaram a rir.

O desconhecido estendeu a mão e disse:

— Meu nome é Kermit. — Leon olhou para as mãos cheias de graxa preta. — Não tem problema — afirmou Kermit. — Gosto de mexer em carros. Em casa tenho um Cadillac.

Leon limpou as mãos na calça e estendeu-a a ele.

— Eu sou Leon, e esse sujeito mal-ajambrado é Hennie.

— Incomodam-se que me sente um pouco?

— Se for um bom mecânico, pode nos dar uma mão. O que acha de tirarmos essa corrente e o pinhão? Tome uma chave inglesa.

Trabalharam concentrados e em silêncio durante vários minutos, mas tanto Leon quanto Hennie observavam de esguelha o recém-chegado. Finalmente, Hennie deu sua opinião em voz baixa:

— Hy weet wat hy doen.

— Que língua é essa? O que Hennie disse?

— É africânder, uma versão africana do holandês. Ele disse que você sabe o que faz.

— Vocês também, amigos.

Continuaram trabalhando por um tempo, depois Leon perguntou:

— Você é do Circo Barnum e Bailey?

Kermit riu, divertido.

— Sim, suponho que sim.

— Em que você trabalha? É do Smithsonian Institute?

— Acho que se poderia dizer que sim, embora a maior parte do tempo fique por aí ouvindo um grupo de anciãos dizendo montanhas de coisas sobre como tudo era melhor no tempo deles — respondeu Kermit.

— Isso parece divertido.

— Foram vocês que caçaram todos aqueles búfalos que levaram para o acampamento esta manhã?

— Faz parte de nosso trabalho manter em dia a provisão de carne para o acampamento.

— Isso, sim, é que é divertido. Importam-se se eu for com vocês da próxima vez que forem caçar?

Leon e Hennie se entreolharam. Depois, com cuidado, Leon perguntou:

— Qual o calibre do rifle que você usa?

Kermit foi até o cavalo e pegou a arma debaixo da aba da sela. Tirou o rifle da

capa e o passou para Leon, que acionou a alavanca manual para verificar se a culatra estava vazia e depois o colocou no ombro.

— Um Winchester .405. Ouvi dizer que é um bom rifle para búfalos, mas que dá socos como os de Bob Fitzsimmons — disse. — Você sabe lidar com ele?

— Acho que sim. — Kermit pegou a arma de volta. — Eu o chamo de Grande Remédio.

— Muito bem. Depois de amanhã nos encontraremos aqui às quatro da manhã.

— Por que não me pegam no acampamento principal?

— É proibido — disse Leon. — Nós, formas inferiores de vida animal, não temos permissão para incomodar os grandes e poderosos.

Ainda estava escuro às quatro da manhã do dia seguinte quando Leon e Hennie foram nas caminhonetes ao local do encontro, seguidos pelos esfoladores e rastreadores com uma tropa de mulas; lá estava Kermit esperando-os. Leon ficou surpreso, pois duvidava que ele fosse aparecer. Seguiram um rastro de presas enquanto ainda estava escuro. Manyoro ia na frente para alertar sobre a existência de tocos de árvore e buracos. Fazia frio, e Kermit se encolhia sob uma capa de lona impermeável para se proteger do vento. Quando o rastro chegou ao leito de um rio seco, um obstáculo intransponível para os veículos, eles pararam debaixo de uma árvore e desceram. Quando pegaram os rifles, Kermit observou com atenção o de Leon.

— Essa arma tem uma vida longa.

— Já viu alguma ação — concordou Leon. Percy lhe emprestara um Jeffreys .404 bem velho e maltratado de sua própria coleção de armas, porque o preço de sua munição era um quarto mais barato que o do Holland .470 e mais fácil de encontrar. Apesar do aspecto, a arma era precisa e confiável, mas Leon não se sentia orgulhoso dela.

— Você sabe lidar com ela? — perguntou Kermit num leve gracejo.

— Num bom dia — respondeu Leon.

— Tomara que hoje seja um bom dia — brincou Kermit.

— Vamos ver.

— Para onde estamos indo? — disse Kermit, mudando de assunto.

— Ontem, já tarde, Manyoro descobriu uma manada grande que seguia nessa direção. Está nos levando para lá.

Desceram ao leito do rio e passaram por um enorme charco verde cuja água ainda não secara desde a última estação de chuva. As bordas haviam sido pisoteadas por muitos animais, inclusive manadas de búfalos, que iam beber ali com regularidade. Subiram pela outra margem por uma área de acácias em flor e clareiras abertas cobertas de capim verde novo.

O alvorecer chegou esplendoroso, com o ar fresco e suave. Os habitantes da selva

despertavam para a vida. Os homens pararam por vários minutos numa clareira para observar um grupo de mandris à procura de insetos e raízes para se alimentar. Eram liderados por machos jovens, em alerta e atentos ao perigo. Atrás deles seguiam as fêmeas, de rabo levantado, exibindo as partes íntimas rosadas, anunciando que estavam maduras e disponíveis. Algumas carregavam as crias nas costas, como ginetes. Os filhotes mais crescidos, brincalhões, corriam uns atrás dos outros. Atrás deles vinham os machos adultos, arrogantes e cheios de si, prontos para correr para diante e enfrentar qualquer ameaça com que os machos mais jovens deparassem. Uma pequena manada de antílopes de corpo delicado com manchas creme e chifres em espiral acompanhava o grupo. Estavam aproveitando-se do avanço dos mandris como sentinelas e vigilantes para evitar leopardos e outros predadores.

Depois que o desfile de animais passou, os homens prosseguiram, mas pararam de novo atrás de Manyoro, quando ele apontou com a lança a terra mole do outro lado da clareira, que fora pisoteada pela passagem de patas grandes.

— É a manada.

— Quantos são, Manyoro?

— Uns duzentos, talvez trezentos.

— Quando?

Manyoro traçou no céu do amanhecer um ligeiro arco e respondeu:

— Menos de uma hora — traduziu Leon para Kermit. — Estão se alimentando devagar enquanto se dirigem para um refúgio mais denso sob as colinas, onde descansarão durante o calor do meio-dia. Lembre-se do que lhe disse. Só atiramos nas fêmeas de três, quatro anos.

— E por que não podemos atirar nos machos grandes? — perguntou Kermit.

— Porque sua carne é dura como pneu e tem um gosto muito pior. Nem mesmo um ndorobo faminto tocaria nela.

Kermit, um tanto desapontado, fez que sim com a cabeça.

Leon olhou de novo para Manyoro.

— Siga as pegadas — disse ele.

Não haviam andado nem um quilômetro e meio quando o mato aberto ficou muito mais denso. Pouca distância além ele se tornou tão espesso que só podiam enxergar poucos metros adiante.

De repente Manyoro levantou a mão e eles pararam para ouvir. Lá da frente vinha um som de corpos grandes atravessando o mato, e logo ouviram o berro lamentoso de um bezerro desmamado querendo a teta da mãe.

Leon se inclinou na direção de Kermit e disse:

— Bem, lá vamos nós! Não dispare até que um de nós o faça. Temos de nos aproximar o suficiente para poder atingi-los nos miolos. Não atire no corpo. Não queremos estragar a carne, e não será nada bom para nossa saúde seguir um búfalo

ferido através deste matagal. — Fez então um sinal para Manyoro, e continuaram. Entraram numa área com mato novo crescendo, que devido a um incêndio na temporada anterior ficara toda queimada. O mato estava baixo o suficiente para permitir a visão de centenas de lombos bovinos escuros, mas cobria-lhes o resto do corpo. A manada estava comendo quando eles se aproximaram, por isso estavam de cabeça baixa. Então, um deles se levantou e fez pontaria direta neles. A base dos chifres se juntava no alto da cabeça num vulto arredondado, e as pontas se curvavam para baixo de cada lado, o que dava ao animal um ar de tristeza. Imediatamente ficaram imóveis; o búfalo parecia não tê-los reconhecido como seres humanos. Continuou mastigando um monte de capim áspero e, depois de um instante, bufou e baixou a cabeça para continuar comendo.

— Manyoro, o mato está muito fechado, mas eles mudaram de direção. Parece que não pretendem ficar por aqui até o final do dia. Agora estão voltando para o rio que atravessamos hoje de manhã. Acho que vão beber naquele charco.

— Ndio, buana. Eles nos fizeram andar em círculo. O rio corre exatamente para este lado da colina pequena. — Manyoro apontou para uma elevação rochosa a menos de dois quilômetros à frente.

— Precisamos adiantar-nos à manada para esperá-los, abaixados, do outro lado do charco — disse Leon.

Em fila indiana, Manyoro os conduziu em trote rápido em volta da manada, que se movia devagar, mantendo-se no vento a favor. Tendo se adiantado, galoparam a toda a velocidade pelo amplo leito arenoso do rio e tomaram posição entre as árvores no lado mais distante.

Não tiveram de esperar muito tempo que os búfalos descessem todos juntos ao leito do rio. Bufando e mugindo de sede, chegaram ao charco, e, quando os animais dianteiros estavam com a água até a barriga, baixaram a cabeça e começaram a beber avidamente. O barulho que faziam era tão forte que abafaram o sussurro de Leon a Kermit.

— Escolha uma fêmea no lado da manada mais próximo de você. O alcance é de trinta metros. Lembre bem: aponte na cabeça. Se você errar, saberei como apoiar seu disparo.

— Não errarei — respondeu Kermit, sussurrando também, e levantou o Winchester. Preocupado, Leon viu que o americano estava tremendo. A boca do rifle tremia.

Febre de novato! Ele reconhecia os sintomas da emoção incontrolável que pode dominar um principiante quando ele depara pela primeira vez com uma caça de grande porte. Abriu a boca para lhe pedir que não disparasse, mas o rifle rugiu, e o cano se elevou bem alto no ar. Leon viu a bala rebotar no lombo de um macho enorme na beira do charco, para logo voar até o quarto de uma fêmea que estava

atrás dele. Percebeu que o forte coice do Winchester fizera Kermit perder o equilíbrio, e por um instante ele ficou fora de vista. Antes que pudesse se recuperar, Leon deu dois tiros rápidos, voltando a armar o ferrolho do Jeffreys suavemente, sem tirar a coronha do ombro. O primeiro deles acertou o macho ferido justo na região da junção dos chifres, e o animal morreu antes de tombar no chão. O segundo atingiu a fêmea ferida bem no momento em que ela se preparava para voltar correndo para o alto do barranco. Atingiu a base do crânio, na junção com a coluna vertebral. O animal caiu imóvel sobre a areia branca, com o focinho para frente, e ali ficou, imóvel.

À esquerda de Leon, Hennie trabalhava com a rapidez de uma máquina, atirando na manada de animais apinhados e aterrorizados. A cada disparo, caía um. Kermit se recuperou do coice do rifle e viu que o macho no qual havia disparado estava morto, assim como a fêmea que estava atrás dele. Deixou então escapar um grito selvagem de vaqueiro:

— Yeeha! Derrubei dois com um só tiro!

Levantou o rifle outra vez, mas Leon gritou para ele:

— Basta! Não dispare.

Kermit parecia não ter ouvido. Disparou de novo. Leon deu meia-volta para seguir a trajetória de sua bala, pronto para acabar com qualquer animal que ele ferisse. Mas dessa vez Kermit conseguiu um disparo perfeito no cérebro de outro búfalo macho, que caiu.

— Basta! — gritou Leon. — Pare de atirar! — Empurrou para baixo o cano do rifle de Kermit quando ele tentou levantá-lo de novo. Abaixo deles, a manada subiu ruidosamente a margem oposta do leito seco e enveredou pelo mato, deixando para trás nove búfalos estendidos em volta do charco.

Kermit ainda estava tremendo de emoção.

— Mãe do céu! — exclamou quase sem fôlego. — Esta foi a melhor diversão que já tive. Consegui três búfalos com dois tiros! Deve ser uma espécie de recorde.

Leon estava se divertindo com essa alegria infantil. Não se animava a dizer a Kermit o que realmente ocorrera para não estragar sua emoção. Ao contrário, riu com ele.

— Muito bem, Kermit! — disse Leon, com um tapa amistoso em seu ombro. — Que belo tiro! Nunca vi nada igual. — Kermit sorriu para ele, muito entusiasmado. Nem por um momento Leon suspeitou que essa mentirinha branca mudaria sua vida para sempre .

Quando acabaram de esquartejar os corpos enormes, já estava escuro. Em vez de aventurar-se a viajar à noite pelas trilhas dos animais, cheias de galhos de árvore secos e grandes formigueiros que poderiam arruinar a suspensão dos carros, acamparam no barranco do leito seco do rio. Ishmael preparou língua de búfalo para

o jantar, e depois tomaram café ao redor do fogo, ouvindo as hienas, que, atraídas pelo cheiro de sangue e das vísceras dos búfalos, uivavam e gritavam no meio do mato escuro em volta do acampamento. Hennie revirou sua mochila e encontrou uma garrafa, da qual arrancou a rolha, e ofereceu-a a Kermit, que a segurou contra o fogo. Estava cheia até a metade com um líquido marrom-claro.

— O presidente não permite bebida forte no acampamento. Há um mês que não tomo um trago de verdade. Que tipo de veneno é este? — perguntou com cuidado.

— Minha querida tia de Malmesbury, que vive para lá da Cidade do Cabo, o faz com pêssegos. Seu nome é mampoer. Ele faz nascer pelo em seu peito e carrega sua arma de brinquedo de chumbo grosso.

Kermit tomou um gole. Seus olhos se arregalaram quando o engoliu.

— Você pode chamá-lo de mam... qualquer coisa. Para mim, é um licor destilado de contrabando... álcool puro. — Enxugou a boca com as costas da mão e passou a garrafa a Leon, dizendo: — Beba um gole disto, companheiro! — Continuava eufórico, e Leon estava ainda mais contente por ter deixado que ele acreditasse que era o autor da morte dos búfalos.

A garrafa deu duas voltas ao redor do fogo antes de ficar vazia. Os três estavam de muito bom humor.

— Então, Hennie, você é da África do Sul. Estava lá durante a guerra? — perguntou Kermit.

Hennie pensou um instante antes de responder:

— Ja, eu estive lá.

— Lemos bastante sobre o assunto nos Estados Unidos. Os jornais diziam que era uma guerra como a nossa contra o Sul. Muito dura e amarga.

— Para alguns de nós foi pior do que isso.

— Você fala como se tivesse se envolvido na luta.

— Estive com De la Rey.

— Li sobre ele — disse Kermit. — Era o maior comandante de todos. Conte-nos alguma coisa sobre isso.

O mampoer já havia soltado a língua do habitualmente taciturno bôer. Ficou quase eloquente ao descrever a luta nos campos da África do Sul, onde trinta mil agricultores bôeres levaram quase até o limite o poderio militar do maior império que o mundo já tinha visto.

— Jamais nos teriam obrigado a nos render, se esse maldito Kitchener não tivesse se voltado contra as mulheres e crianças, que havíamos deixado em casa. Queimou as fazendas e matou o gado. Reuniu todas as mulheres e crianças em seus campos de concentração e pôs anzóis de pesca em sua comida para que cuspissem sangue antes de morrer. — Uma lágrima solitária rolou de uma face de seu curtido rosto marrom. Secou-a com a mão e, gaguejando, desculpou-se: — Sinto muito. É o

mampoer, mas são tantas lembranças... Minha mulher, Annetjie, morreu nos campos — disse, levantando-se. — Vou me deitar. Boa noite. — Recolheu a manta enrolada e se afastou rumo à escuridão. Depois que se foi, Kermit e Leon ficaram sentados em silêncio por algum tempo. Nesse momento, seu estado de ânimo era melancólico.

Leon falou em voz baixa:

— Não eram anzóis. Foi a difteria que os matou. Hennie não consegue compreender que não fomos os responsáveis por isso, mas as mulheres bôeres sempre viveram em campo aberto. Quando as juntaram todas num lugar, não tinham a menor noção de higiene. Nem sabiam como manter os acampamentos limpos. Eles acabaram se transformando em buracos imundos e focos de doenças — contou, suspirando. — Depois da guerra o governo britânico tentou recompensá-los. Gastaram milhões de libras no país para reconstruir as fazendas. No ano passado permitiram eleições livres. Agora, um governo liderado pelos generais bôeres Louis Botha e Jannie Smuts administra o país. Nunca um vencedor tratou o vencido com tanta magnanimidade nem foi tão generoso quanto a Grã-Bretanha.

— Mas compreendo os sentimentos de Hennie — disse Kermit. — Há muitas pessoas no Sul de nosso país que, mesmo depois de quarenta anos, não conseguem se esquecer e perdoar.

Na manhã seguinte, Hennie agiu como se a conversa da noite anterior não tivesse existido. Depois de tomar café com as sobras da língua frita, foram para o carro. Os rastreadores e esfoladores ajeitaram os pedaços ensanguentados dos búfalos nas mulas de carga. Kermit conseguiu que Leon o deixasse dirigir o veículo, e Hennie os seguiu no segundo carro.

O humor de Hennie estava de novo alegre e despreocupado. Leon o achava uma companhia agradável. Ambos tinham muito em comum. Eram apaixonados por cavalos, automóveis e caça e tinham muito assunto para conversar. Embora Kermit não tivesse dado detalhes, deu a entender que tinha um pai rico e poderoso que dirigia sua vida.

— Meu pai era igual — disse Leon.

— E o que você fez?

— Disse-lhe que o respeitava, mas não podia viver de acordo com as regras dele. Então, saí de casa e fui para o exército. Isso faz quatro anos, e desde então não voltei.

— Que safado! Isso não deve ter sido fácil. Sempre quis fazer isso, mas sei que não conseguiria.

Leon percebeu que, quanto mais conhecia Kermit, mais o apreciava. "Que diabo!", pensou. "Atira como um doido, mas ninguém é perfeito." Durante suas conversas, soube que Kermit se interessava por naturalismo e ornitologia. Claro, se estava no Smithsonian, pensou Leon. Então disse a ele que parasse o carro toda vez que

descobrisse algum inseto, ave ou animal pequeno interessante e lhe mostrasse. Hennie continuou em frente e acabou desaparecendo a distância.

Não estavam longe do local onde Kermit deixara seu cavalo na noite anterior, a apenas alguns quilômetros do acampamento presidencial, quando de repente dois homens brancos saíram de entre os arbustos e se puseram no caminho diante deles. Vestiam roupa de safári, mas nenhum dos dois carregava rifle. No entanto, um deles estava armado com uma câmera e um tripé.

— Que vão para o inferno! Os cavalheiros do quarto poder – resmungou Kermit. — Não consigo me livrar deles. — Freou o carro e parou. — Acho que não há outro jeito senão sermos simpáticos e gentis com eles, ou vão acabar conosco.

O mais alto dos dois se aproximou da janela do motorista.

— Desculpem, cavalheiros — disse, sorrindo, para tentar um contato amigável. — Posso abusar de sua boa vontade e fazer-lhes algumas perguntas? Por acaso vocês têm algo a ver com o safári do presidente Roosevelt?

— O senhor Andrew Fagan, da Associated Press, suponho, parafraseando as palavras imortais do doutor David Livingstone — disse Kermit, jogando o chapéu para trás e devolvendo o sorriso.

O jornalista se afastou, assustado, depois o olhou com mais atenção.

— Sr. Roosevelt filho! — exclamou. — Por favor, desculpeme. Não o reconheci com essa roupa. — Tinha os olhos fixos na roupa suja e manchada de sangue de Kermit.

— Filho de quem? — perguntou Leon.

Kermit se sentiu incomodado, mas Fagan se apressou em responder:

— Você não sabe com quem está viajando? Esse é Kermit Roosevelt, o filho do presidente dos Estados Unidos da América.

Leon se voltou para o novo amigo com um olhar de acusação.

— Você não me disse!

— Não me perguntou!

— Mas você podia ter mencionado — insistiu Leon.

— Isso teria mudado as coisas entre nós. Sempre acontece isso.

— Quem é esse seu jovem amigo, senhor Roosevelt? — quis saber Andrew Fagan, tirando o bloquinho de anotações do bolso traseiro.

— Este é meu caçador, o senhor Leon Courtney.

— Parece muito jovem – observou Fagan, receoso.

— Não é preciso ter uma longa barba cinza para ser um dos melhores caçadores da África – respondeu Kermit.

— ... Um dos melhores caçadores da África! — rabiscou Fagan em seu bloquinho. — Como se escreve seu nome, senhor Courtney? Com um "e" ou dois?

— Só um. — Leon se sentia incomodado, e olhou furioso para Kermit. — No que

você me meteu agora!

— Suponho que vocês tenham saído para caçar. — Fagan apontou a cabeça do búfalo que estava na carroceria. — Quem atirou nesse animal?

— O Sr. Roosevelt.

— O quê?

— É um búfalo-africano, *Syncerus caffer*.

— Deus meu! É imenso! Podemos tirar algumas fotografias, por favor, Sr. Roosevelt?

— Só se o senhor nos der duas cópias, uma para Leon e outra para mim.

— Mas é claro. Tragam as armas. Tiraremos uma de cada um ao lado dos chifres. — O fotógrafo armou o tripé e preparou a máquina. Kermit estava sereno e elegante, e Leon parecia estar diante de um pelotão de fuzilamento. O flash explodiu numa nuvem de fumaça, assustando os esfoladores e outras pessoas do acampamento que haviam parado perto do carro. — Ótimo! Perfeito! Agora podemos fotografar esse nativo de túnica vermelha? Peça-lhe que segure a lança mais no alto. Assim. Quem é ele? Uma espécie de chefe?

— É o rei dos massais.

— É mesmo? Diga-lhe para fazer uma expressão feroz.

— Esse idiota está pensando que você está vestido de mulher — disse Leon a Manyoro em maa, ante o que ele lançou um olhar furioso de cenho franzido para o fotógrafo.

— Perfeito! Meu Deus! Isso é fantástico!

Só meia hora depois eles puderam prosseguir.

— Isso acontece sempre? — perguntou Leon.

— A gente se acostuma. Temos de ser amáveis com eles, senão escrevem todo tipo de bobagem sobre a gente.

— Continuo achando que você devia ter me contado que seu pai é o bendito presidente.

— Podemos caçar juntos de novo? Arranjaram-me como caçador um velho chamado Mellow, que me dá sermões como se eu fosse um menininho e não me deixa atirar.

Leon se pôs a pensar nisso.

— Daqui a dois dias o acampamento vai se deslocar até o rio Ewaso Ng'iro. Tenho de levar as barracas e o equipamento até lá antes que cheguem, mas gostaria de caçar de novo com você, se meu chefe permitir. Você não é má pessoa, apesar de seus pobres antecedentes.

— Quem é seu chefe?

— Um velho cavalheiro chamado Percy Phillips, mas é melhor não o chamar de velho.

— Eu o conheço. Janta quase sempre com meu pai e o senhor Selous. Vou tentar. Não creio que vá aprender muito mais com o senhor Mellow.

A sorte favoreceu Kermit. Duas noites depois que o grande safári se deslocou para a margem sul do rio Ng'iro, o chef que lorde Delamere havia emprestado para o presidente preparou um banquete para celebrar o Dia de Ação de Graças americano. Como não havia perus, o próprio presidente caçou uma gigantesca abetarda Kori. O chef assou a ave e inventou um recheio feito com fígado de búfalo e especiarias.

Na manhã seguinte, metade dos homens do acampamento estava com uma violenta diarreia. Provavelmente o fígado de búfalo se deteriorara com o calor. Inclusive Roosevelt, que tinha uma saúde de ferro, estava descomposto. Frank Mellow, que havia sido designado como caçador para Kermit, foi um dos mais afetados, tendo sido mandado pelo médico do acampamento para o hospital em Nairóbi.

Kermit, que não comera o recheio, aproveitou a situação e negociou com o pai a substituição de seu caçador. Teve de se entender com ele através da porta do rudimentar sanitário externo em que o presidente estava devido à forte indisposição. Ele propôs somente uma ligeira resistência simbólica à proposta do filho, e Kermit pôde se dirigir a Percy Phillips como portador da ordem presidencial. Naquela noite, Leon teve permissão para entrar na barraca de Percy.

— Não sei o que você pretende fazer, mas as coisas se complicaram. Kermit Roosevelt quer que você seja nomeado seu caçador no lugar de Frank Mellow e convenceu o pai a autorizar isso. Não me consultaram, portanto não tive outra opção senão aceitar — disse, olhando furioso para Leon. — Você ainda usa fraldas. Nem enfrentou ainda um leão, um leopardo ou um rinoceronte, e eu disse isso ao presidente. Mas ele está doente e não quis me ouvir. Kermit Roosevelt é um moleque selvagem e imprudente, como você. Se acontecer alguma coisa com ele, se for ferido, você e eu estaremos acabados. Nunca mais vou conseguir outro cliente, e você, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos. Está me entendendo?

— Sim, senhor. Estou entendendo muito bem.

— Então está certo. Vá e assuma seu cargo.

— Obrigado, senhor — disse Leon, começando a se retirar, mas Percy o deteve.

— Leon!

Ele se virou, surpreso, pois Percy nunca o havia chamado pelo nome. Em seguida, com uma surpresa ainda maior, viu que Percy estava sorrindo.

— Esta é sua grande oportunidade. Não terá outra igual. Se tiver sorte e souber aproveitá-la, dará um grande passo em direção ao topo da carreira. Boa sorte!

No dia seguinte, Leon e Kermit saíram sem destino certo. Não estavam atrás de nenhuma presa em particular, mas sim prontos para enfrentar o que o dia lhes trouxesse.

— Se encontrássemos um leão, um macho velho de cabeleira preta, meu sonho se

tornaria realidade. Nem meu pai caçou um desses.

— Talvez você tenha de esperar até que deixemos o território massai — disse Leon. — Este país é muito pouco saudável para os grandes leões de cabeleira preta.

— Por quê? — perguntou Kermit, intrigado.

— Todo jovem morani anseia ter oportunidade de matar um leão e mostrar sua virilidade. Todos os moranis do mesmo ano de circuncisão saem em grupo de guerra. Caçam um leão e o cercam. Quando ele se dá conta de que não vai poder escapar, escolhe um deles e o ataca. O morani deve continuar de pé e enfrentar o ataque com o escudo e sua assegai. Quando consegue matá-lo, tem o direito de fazer com a cabeleira um gorro de pele e usá-lo com honra. Também pode escolher qualquer moça da tribo. Esse costume reduz bastante a população leonina.

— Eu certamente, antes do gorro, ficaria com a moça — disse Kermit, rindo. — Mas no mínimo temos de admirar essa coragem. São um povo magnífico. Veja esse seu ajudante, Manyoro. Ele se move com a graça de uma pantera.

Manyoro seguia adiante dos cavalos, mas nesse momento parou e se apoiou na lança, esperando que os cavaleiros o alcançassem. Apontou para a imensa forma escura que estava na planície aberta, junto a um grupo de arbustos. Estava a quase um quilômetro e meio de distância, e sua silhueta parecia etérea através do reflexo trêmulo do ar aquecido.

— Rinoceronte. Daqui parece um macho grande. — Leon procurou no alforje de sua sela o binóculo Carl Zeiss que Percy lhe tinha dado por ocasião de sua ascensão de aprendiz a caçador oficial. Acertou o foco e pôs-se a estudar a forma distante. — É um rinoceronte, não há dúvida, e o maior que já vi. Um chifre incrível.

— Maior que o que meu pai caçou há cinco dias?

— Diria que é muito, muito maior.

— Eu o quero — disse Kermit, com veemência.

— Eu também — acrescentou Leon por sua vez. — Vamos ficar contra o vento e nos aproximar dele por aqueles arbustos. Teremos de dar um jeito de você conseguir dar um tiro limpo de trinta a quarenta metros.

— Você é igual ao Frank Mellow. Quer que eu engatinhe ou me arraste de barriga para baixo como uma cascavel. Estou farto disso. — Kermit já estava tremendo ante aquela perspectiva de caça. — Vou lhe mostrar como os velhos pioneiros do oeste americano costumavam caçar bisões. Siga -me, companheiro — disse e, apertando com os saltos da bota os flancos da égua, partiu a galope pela planície diretamente para o animal distante.

— Kermit, espere! — gritou Leon atrás dele. — Não seja estúpido! — Mas Kermit nem sequer olhou para trás. Tirou seu Grande Remédio de dentro da capa e brandiu-o acima da cabeça. — Percy tem razão. Você é um moleque selvagem e imprudente — queixou-se Leon, lançando o cavalo atrás dele.

O rinoceronte ouviu que se aproximavam, mas, com sua vista fraca, não conseguiu localizá-los imediatamente. Deu uma volta completa com o corpanzil, levantando poeira com as pesadas patas e resfolegando com força, olhando para todo lado com os olhinhos míopes de porco.

— Yeeha! — Kermit lançou no ar seu grito de vaqueiro.

Orientado pelo barulho, o rinoceronte se concentrou na forma de cavalo e cavaleiro e incontinentemente se lançou ao ataque. Kermit, que estava de pé nos estribos, levantou o rifle e da parte de trás do cavalo a galope atirou. Sua primeira bala voou a grande altura sobre o lombo do rinoceronte e foi levantar poeira na planície a duzentos metros dele. Com um rápido movimento da alavanca, voltou a carregar e atirou novamente. Leon ouviu o ruído surdo da bala penetrando na carne do animal, mas não conseguiu ver onde ela havia entrado. O rinoceronte nem se abalou com esse tiro e disparou precipitadamente na direção do cavalo.

Kermit errou outra vez em seu segundo tiro ao acaso, e o pó voou entre as patas dianteiras do rinoceronte. Atirou mais uma vez, e Leon percebeu que esse disparo acertara as dobras do couro cinza. O enorme macho corcoveou, em agonia, depois levantou o chifre e logo o abaixou, preparando-se para atacar o cavalo assim que se aproximasse.

Mas Kermit foi muito rápido. Com a destreza de um experiente jogador de polo, usou os joelhos para fazer o cavalo girar e sair da linha de ataque. Cavalo e rinoceronte passaram um junto do outro em direções opostas, e, embora o comprido chifre apontasse para Kermit bem de perto, sua ponta passou veloz a um palmo de seu joelho. Ao mesmo tempo, Kermit se inclinou para fora da sela e atirou, com a boca da arma quase tocando o couro cinza entre os ombros afundados do enorme macho. Quando o rinoceronte recebeu a bala, curvou os ombros e corcoveou. Deu a volta para perseguir o cavalo, mas agora seus passos estavam mais curtos, e ele se movia com dificuldade. De sua boca aberta escapava espuma misturada com sangue. Kermit freou o cavalo enquanto recarregava o rifle; depois disparou mais duas vezes. Ao receber essas últimas balas, o corpo do rinoceronte sofreu uma convulsão e ele diminuiu a velocidade quase ao ritmo de marcha. A enorme cabeça pendia para baixo, e o animal cambaleava de um lado para outro.

Aproximando-se a galope, Leon estava horrorizado com aquela brutal exibição. Contrariava tudo o que ele pensava a respeito de caçada limpa e de matar de maneira humanitária. Até esse momento não tinha podido intervir na carnificina por receio de ferir Kermit ou danificar sua montaria, mas nesse momento seu campo de fogo estava claro. O rinoceronte ferido estava a menos de trinta passos, e Kermit, meio de lado na sela, recarregava o rifle. Leon fez que seu cavalo freasse com as patas traseiras e patinasse até parar. Tirou rápido os pés do estribo e saltou para o chão, levando consigo o Holland. Apontou para o ponto no qual a espinha dorsal do

rinoceronte se unia ao crânio, atirou, e a bala partiu as vértebras como a lâmina do machado de um carrasco.

Kermit foi trotando até junto ao corpo do animal e desmontou. Seu rosto estava vermelho, e os olhos cintilavam.

— Obrigado pela ajuda, sócio — disse, rindo. — Por Deus! Isso, sim, foi emocionante! O que achou do estilo do Velho Oeste para caça? Grandioso, não? — Não demonstrava a menor culpa ou remorso pelo que acabara de ocorrer.

Leon teve de respirar fundo para se controlar.

— Foi selvagem, é o que tenho a dizer. Não estou tão certo quanto a ter sido grandioso — disse, sem mudar o tom de voz. — Meu chapéu caiu. — Montou de um salto e voltou para ir buscá-lo.

"O que faço agora?", perguntou a si mesmo. "Enfrento-o? Digo-lhe para procurar outro caçador?" Viu o chapéu mais adiante, cavalgou até ele e desmontou. Pegou-o, bateu-o na perna para tirar a poeira e o pôs na cabeça. "Seja sensato, Courtney! Se for embora, estará acabado. Seria a mesma coisa que voltar para o Egito e trabalhar com seu pai."

Voltou a montar e cavalgou devagar até onde estava Kermit, parado junto ao rinoceronte morto, acariciando o longo chifre preto. Levantou a vista com ar pensativo quando Leon desmontou.

— Você está aborrecido com alguma coisa? — perguntou em voz baixa.

— Estava preocupado, pensando em como o presidente vai se sentir quando vir esse chifre. Deve ter perto de um metro e meio de comprimento. Espero que não fique verde-brilhante — disse Leon, continuando a sorrir com naturalidade, em sinal de reconciliação.

Kermit ficou visivelmente descontraído e disse:

— Essa cor lhe cairia muito bem. Não vejo a hora de mostrá-lo a ele.

Leon olhou para o sol.

— É tarde. Não poderemos voltar ao acampamento principal agora. Vamos passar a noite aqui.

Ishmael os seguira, montado numa mula e puxando outra que transportava as panelas e demais utensílios de cozinha. Assim que chegou, começou a improvisar um acampamento para passarem a noite.

Antes de escurecer completamente, levou-lhes o jantar. Eles se encostaram nas selas, equilibrando o prato nos joelhos, e puseram-se a comer o guisado de carne de veado com arroz amarelo.

— Ishmael é um mágico — disse Kermit, de boca cheia. — Sua comida é melhor do que a de muitos restaurantes de Nova York. Diga isso a ele, por favor.

Ishmael recebeu o cumprimento, sério.

Leon limpou o prato, pondo a última colherada na boca. Ainda mastigando, enfiou

a mão no alforje de sua sela e tirou de lá uma garrafa. Mostrou o rótulo a Kermit.

— Uísque Bunnahabhain de um único malte. — Kermit deu um sorriso alegre. — Onde diabos achou isso?

— Com os cumprimentos de Percy, mesmo que ele não tenha consciência de sua generosidade.

— Meu Deus, Courtney, você também é um mago!

Leon serviu uma dose para cada um, e ambos beberam suspirando de prazer.

— Vamos supor, por um momento, que sou sua fada madrinha — propôs Leon — e posso lhe conceder qualquer desejo. O que você pediria?

— Além de uma jovem bela e bem disposta?

— Além disso.

Ambos estalaram a língua, e Kermit se pôs a pensar durante alguns segundos.

— Qual o tamanho do elefante que meu pai caçou há poucos dias?

— Dois metros e sessenta, setenta, por aí. Não chegou ao número mágico de três metros.

— Quero superá-lo.

— Você se preocupa muito em superá-lo. Por quê? É concorrência?

— Meu pai sempre teve sucesso em tudo o que decidiu fazer. Veja só, foi herói de guerra, governador de estado, caçador e esportista; tudo antes dos quarenta anos, e, como se isso não bastasse, tornou-se o presidente mais jovem e bem-sucedido dos Estados Unidos. Respeita os vencedores e despreza os perdedores — disse Kermit e depois tomou um gole. — Pelo que me disse, você e eu passamos pela mesma situação, por isso deve entender.

— Você acha que seu pai o despreza?

— Não. Ele me ama, mas não me respeita. E eu, acima de qualquer outra coisa no mundo, quero seu respeito.

— Você acaba de caçar um rinoceronte maior que o caçado por ele.

Ambos olharam para o corpo enorme do animal, cujo chifre brilhava à luz do fogo.

— Isso é o início — disse Kermit, balançando a cabeça. — No entanto, conhecendo meu pai, sei que daria mais valor a um elefante ou a um leão. Encontre um deles para mim, fada madrinha.

Manyoro estava sentado com Ishmael junto ao fogo. Leon o chamou.

— Venha cá, meu irmão. Precisamos conversar sobre uma coisa importante.

Manyoro se levantou, aproximou-se e se pôs de cócoras do outro lado do fogo.

— Temos de encontrar um elefante grande para esse buana.

— Nós lhe demos um nome em suaíli — disse Manyoro. — Nós o chamamos de buana Popoo Huma.

Leon riu.

— Estão rindo de quê? — perguntou Kermit.

— Você foi homenageado — explicou Leon. — Pelo menos Manyoro o respeita. Deu-lhe um nome em suaíli.

— Que nome? — perguntou Kermit.

— Buana Popoo Hima.

— Soa muito mal — disse Kermit, desconfiado.

— Significa "Senhor Bala Veloz".

— Popoo Hima! Bem, diga-lhe que gostei. — Kermit estava contente. — Por que escolheram esse nome?

— Estão muito impressionados com o modo como você atira. — Leon se virou para Manyoro e disse: — Buana Popoo Hima quer um elefante bem grande.

— Todo homem branco quer um elefante muito grande. Mas antes devemos ir até o monte Lonsonyo para buscar conselho com nossa mãe.

— Kermit, Manyoro nos aconselha a consultar uma feiticeira massai que é curandeira e vive lá no alto da montanha. Ela nos dirá onde encontrar seu elefante.

— Você realmente acredita nesse tipo de coisa? — perguntou Kermit.

— Sim.

— Bem, pois eu também acredito — admitiu Kermit, confirmando o que dissera com a cabeça. — Nas colinas, ao lado de nosso rancho, nas terras desabitadas de Dakota, vive um velho índio pajé. Nunca saio para a caça sem antes ir falar com ele. Todo caçador de verdade tem suas superstições, inclusive meu pai, que é o sujeito mais duro que você possa imaginar. Sempre leva consigo uma pata de coelho quando sai para caçar.

— Vale a pena dar uma piscadela e abaixar a cabeça para Dona Sorte — concordou Leon. — Essa senhora que quero lhe apresentar é a irmã gêmea dela. E também é minha mãe adotiva.

— Então acho que podemos confiar nela. Quando partimos?

— Estamos a mais de trinta quilômetros do acampamento principal. Perderemos uns dois dias se formos primeiro lá para levar a cabeça do rinoceronte. O melhor será deixá-la guardada aqui, para que Manyoro a venha buscar depois. Assim, podemos sair para a montanha imediatamente.

— A que distância estamos de lá?

— Se nos apressarmos, dois dias.

Na manhã seguinte, colocaram a cabeça do rinoceronte numa forquilha entre os galhos mais altos de uma árvore, fora do alcance das hienas e de outros animais carnívoros. Depois rumaram para o leste e acamparam só quando já estava muito escuro para ver o caminho à frente. Leon não queria arriscar que um dos cavalos machucasse a pata num dos buracos de porco-formigueiro. Acordou durante a noite e continuou deitado, atento a algo que os havia perturbado. Um dos cavalos havia relinchado e dera patadas no chão.

"Leões", pensou, "atrás dos cavalos." Tirou a manta, endireitou-se e pegou o rifle. Depois viu uma figura estranha sentada junto às brasas apagadas do fogo. Estava envolta numa shuka ocre-avermelhada.

— Quem está aí? — perguntou.

— Sou eu, Loikot. Eu vim.

Levantou-se, e Leon o reconheceu imediatamente, embora estivesse alguns centímetros mais alto do que da última vez em que se tinham encontrado, apenas seis meses antes. Nesse tempo a voz também havia mudado; ele já era um homem.

— Como você me encontrou, Loikot?

— Lusima Mama me disse onde você estava. Mandou-me vir para dar-lhe as boas-vindas.

A voz deles acordou Kermit, que se sentou, perguntando:

— O que está acontecendo? Quem é esse rapaz magro?

— É um mensageiro da dama a quem vamos visitar. Enviou a nosso encontro para levar-nos à montanha.

— Como, diabos, ela soube que estávamos a caminho? Nem nós sabíamos, até ontem à noite.

— Acorde, buana Popoo Hima. Pense um pouco. A dama é uma feiticeira. Tem sempre um olho no caminho e um pé no acelerador. Não queira jogar pôquer com ela.



No meio da manhã, divisaram o topo plano do monte Lonsonyo acima do horizonte azul de sonho, mas o dia já havia avançado muito quando se aproximaram do pé da imponente elevação, e escureceu antes que eles chegassem com seus cavalos à manyatta e desmontassem diante da choça de Lusima. Ela ouvira os cavalos e estava de pé na entrada, com a silhueta recortada pelo fogo atrás dela. Estava nua, usava apenas o saiote de contas em volta da cintura. Sua pele, tingida de ocre, fora ungida recentemente com gordura e brilhava.

Leon se aproximou dela e dobrou um dos joelhos.

— Sua bênção, Mama – pediu.

— Eu o abençoo, meu filho — disse ela, tocando-lhe a cabeça. — Meu amor de mãe também é seu.

— Eu lhe trouxe outro suplicante. — Leon se levantou e fez sinal para que Kermit se aproximasse. — Seu nome suaíli é buana Popoo Hima.

— Então esse é o príncipe, o filho de um grande rei branco. — Lusima olhou atentamente para o rosto de Kermit. — É um pequeno galho de uma árvore muito forte, mas nunca crescerá tão alto quanto a árvore da qual veio. Sempre há no bosque uma árvore que cresce mais que qualquer outra, uma águia que voa mais alto que outra. — Sorriu para Kermit com doçura. — Ele sabe de tudo isso em seu coração, o que o fazem sentir-se pequeno e infeliz.

Até Leon estava espantado por sua capacidade de ver além do visível.

— Ele anseia profundamente ganhar o respeito do pai — explicou.

— Então, veio até mim para que lhe consiga um elefante — disse Lusima, assentindo com a cabeça. — Pela manhã vou consagrar seu bunduki e lhe indicarei o caminho do caçador. Mas agora vocês vão comer comigo. Matei uma cabra jovem para você e esse mzungu, que não bebe sangue e leite, preferindo carne cozida.

Reuniram-se no dia seguinte, ao meio-dia, sob a árvore do conselho, no curral do gado. O Grande Remédio estava estendido sobre uma pele bronzeada de leão. O metal azulado estava recém lubrificado, e a parte de madeira brilhava. Ali estavam prontas também as oferendas de sangue, leite fresco de vaca, sal, rapé e contas de vidro para o sacrifício. Leon e Kermit ficaram de cócoras, juntos, diante da cabeça da pele de leão, com Manyoro e Loikot atrás deles.

Lusima emergiu de sua choça, magnífica e engalanada. Com seus passos de rainha, aproximou-se da árvore do conselho, com as jovens escravas seguindo-a de perto. Os homens a aplaudiram com respeito e lhe dirigiram elogios.

— É a grande vaca negra que nos alimenta com o leite de seus úberes. É a que vê todas as coisas. É a sábia que tudo sabe. É a mãe da tribo. É a sábia que conhece todas as coisas da terra. Ore por nós, Lusima Mama.

Pôs-se de cócoras diante dos homens e fez-lhes as perguntas rituais:

— Por que veio a minha montanha? O que você quer de mim?

— Pedimos-lhe que abençoe nossas armas — respondeu Leon. — Viemos incomodá-la para que adivinhe o caminho que os grandes homens cinzentos seguem pelas terras selvagens.

Lusima ficou de pé e salpicou o rifle com sangue e leite, rapé e sal.

— Faça que esta arma seja terrível e que possa matar aquilo que olhar para o olho do caçador. Que sua popoo voe direto como a abelha que volta à colmeia!

Depois foi até onde estava Kermit e, com seu hissope de rabo de girafa, salpicou com sangue e leite sua cabeça, que estava inclinada.

— A presa nunca lhe escapará, porque você tem o coração do caçador. Que você siga sua presa sem falhar. Que você nunca fuja do olhar de seu caçador!

Leon sussurrou a tradução para Kermit. Depois de cada frase que ela dizia, todos aplaudiam e repetiam o estribilho de sua prece:

— Quando a grande vaca negra fala, que assim seja.

Lusima começou a dançar, dando pequenas voltas, de pés descalços como os de uma juvenzinha, e o suor se misturou com o óleo e o ocre, até sua pele ficar brilhando como se ela fosse uma valiosa escultura de âmbar. Finalmente se deixou cair sobre a pele de leão, e seu rosto se contraiu. Mordeu os lábios tão fortemente que o sangue escorreu por seu queixo. Todo seu corpo tremeu e se agitou; a respiração era um ronco escapando de sua garganta; seus lábios estavam cobertos de espuma, que se misturava com o sangue e adquiria um tom rosado. Quando falou, sua voz estava tão grossa e rouca como a de um homem.

— O caçador vai na direção de seu lar. O caçador inteligente ouve o piar das pequenas aves negras ao amanhecer — disse com voz áspera. — Se esperar lá no alto da colina, o caçador será abençoado três vezes. — Tossiu e se sacudiu como fazem os cães de caça quando saem da água na beira do rio.

— Bem, as pistas de sua mãe foram bastante enigmáticas — comentou secamente Kermit, enquanto jantavam o porco-espinho assado, tão tenro e succulento como um leitão, que Ishmael havia preparado. — Você acha que ela estava me dizendo para abandonar tudo e voltar para casa?

— Seu pajé índio não lhe ensinou que quando se trata de predições, de coisas ocultas, é preciso prestar atenção em cada palavra e em suas possíveis associações? Não se pode considerar nada de modo literal. Para lhe dar um exemplo, da última vez que lhe pedi ajuda, Lusima me disse que seguisse o doce cantor. Isso queria dizer o pássaro-do-mel.

— Ela parece ter algo de ornitóloga, mas dessa vez nos falou de aves negras em vez de pássaros do mel.

— Começemos do princípio. Disse-lhe que voltasse para casa ou que fosse na direção do lar?

— Na direção do lar! Meu lar é em Nova York, nos Estados Unidos.

— Bem, isso nos indicaria uma direção noroeste, e um pouco ao norte, calculo.

— Na ausência de outras sugestões, teremos de deixar que seja assim — concordou Kermit.

Leon se orientava com uma bússola do exército que levara consigo quando deixara os RAR. Na primeira noite acamparam no abrigo de uma pequena elevação rochosa. Pouco antes do amanhecer, estavam tomando café enquanto esperavam que saísse o sol. De repente Loikot inclinou a cabeça e levantou a mão pedindo silêncio. Deixaram de falar e ficaram escutando. O som era tão fraco que só se podia ouvir quando a brisa da manhã se acalmava um pouco ou virava na direção favorável.

— O que foi, Loikot?

— Os chungajis estão se comunicando. — Ficou de pé e recolheu a lança. — Tenho de subir a colina para poder ouvir o que estão dizendo.

Desapareceu na escuridão, enquanto os outros prestavam atenção nos sons ao longe.

— Não soam como vozes humanas — disse Kermit —, parecem mais assovios de gorriões.

— Pios de pássaros-pretos? — perguntou Leon. — Os pequenos pássaros-pretos de Lusima Mama?

Ambos caíram na risada.

— Acho que você já entendeu. Loikot nos trará notícias quando voltar lá de cima.

Ouviam seus gritos, mais próximos e claros que as outras vozes, e a troca de notícias na rede não oficial de comunicações dos massais prosseguiu até o sol estar bem separado do horizonte. Em seguida, finalmente se calaram quando o vento e o calor cada vez mais forte fizeram que qualquer intercâmbio fosse ininteligível. Pouco depois, Loikot voltou. Vinha todo cheio de importância. Era evidente que não ia ficar calado, só esperava que alguém lhe suplicasse para falar.

Leon lhe deu esse gosto.

— Diga-me, Loikot, do que você e seus irmãos falaram durante a conversa sobre a faca de circuncisão?

— Falou-se muito do safári de dez mil carregadores e muitos wazungus acampados junto ao rio Ewaso Ng'iro, e da grande matança de animais pelo rei de uma terra chamada Emelika.

— E depois disso, do que falaram?

— Houve um surto da doença da água vermelha no gado perto de Arusha. Dez

animais morreram.

— É possível que tenham falado também do movimento de elefantes no vale da Grande Fenda?

— Sim, falamos disso — respondeu Loikot. — Todos concordamos que esta é a estação em que os grandes machos descem para o vale da Grande Fenda. Nos últimos dias os chungajis viram muitos na região entre Maralai e Kamnoru. Falouse de três que seguiam para leste juntos, todos muito grandes. — Então, finalmente, exibiu um grande sorriso e sua voz assumiu um tom de urgência. — Se vamos apanhá-los, M'bogo, devemos ir rapidamente para o norte, para lhes cortar o passo antes que sigam para os territórios dos samburus e dos turkanas.

Manyoro e Loikot corriam à frente dos cavalos com longas passadas rítmicas, que eles chamavam de "devorar a terra gulosamente". Os dois cavaleiros trotavam atrás deles; em seguida Ishmael, mais atrás, montava uma mula e puxava outra carregada de panelas e provisões.

Kermit continuava com seu costumeiro humor à solta.

— Um bom cavalo entre as pernas, um rifle na mão e a promessa de presas mais adiante! Isso, sim, é que é vida de homem!

— Não consigo pensar em nada que prefira a isso — concordou Leon.

Kermit parou subitamente e fez sombra nos olhos com o chapéu, a fim de olhar para um lado, na direção de um monte cinzento de arbustos espinhosos.

— Aquilo ali é um grande macho cudo — disse. — Maior do que qualquer um dos que Mellow arranhou para mim.

— Você quer o cudo ou o gigante de centenas de quilos? Decida-se, amigo. Não pode ter ambas as coisas.

— Por que não? — perguntou Kermit.

— O enorme elefante macho com seu nome marcado a ferro no lombo pode estar precisamente atrás da próxima colina. Se disparar uma bala daqui, ele sairá correndo a muitos quilômetros por hora. Não vai parar de correr até chegar ao outro lado do Nilo.

— Desmancha-prazeres! Você é tão mau quanto o maldito Frank Mellow. — Kermit picou o cavalo para levá-lo a meio galope e assim alcançar os dois massais que haviam se adiantado muito.

No meio da tarde, uma linha de colinas baixas mostrava os cumes sobre o horizonte plano, como os nós de um punho cerrado. Nessa noite acamparam abaixo da mais alta. Antes do amanhecer da manhã seguinte, tomaram café em volta do fogo; depois deixaram Ishmael com os cavalos para que levantasse acampamento e carregasse sua mula enquanto eles subiam ao alto da colina. Lá em cima, Loikot gritou por sobre o vale. Recebeu a resposta quase imediatamente; era um grito semelhante, mas distante, que saía das sombras que restavam da noite. A

comunicação durou mais um tempinho, até que ele se voltou para Leon.

— Esse com quem eu estava falando não é massai. Esta é a fronteira entre nossos territórios e os dos samburus — explicou Loikot. — Ele é metade samburu, a tribo de nossos primos bastardos. Falam um maa diferente do nosso. Falam de um modo gracioso, assim. — Revirou os olhos e deu uns zurros estranhos, como os de um burro louco. Manyoro achou isso muito engraçado e começou a saltar em círculos, batendo nas faces e repetindo a imitação de um samburu falando maa.

— Agora que os dois palhaços já fizeram sua gracinha, será que podia nos contar o que seu primo bastardo, o samburu, tinha para dizer?

Ainda agitado e com a voz entrecortada pelo riso, Loikot respondeu:

— O burro do samburu disse que à noite, quando levavam o gado para a manyatta, viram os três machos. Acrescentou que cada um deles tem dentes brancos muito compridos.

— Para onde iam? — perguntou Leon, ansioso.

— Vinham direto para este vale, para este local onde estamos agora.

Rapidamente Leon traduziu essas notícias para Kermit, cujos olhos brilharam.

— Então, se eu tivesse deixado que você atirasse naquele cudo ontem, você teria posto fim à possibilidade de apanhá-los.

— Estou coberto de vergonha e remorso. No futuro, prometo ouvir as palavras do Grande que sabe tudo — disse Kermit com um gesto brincalhão.

— Vá para o inferno, Roosevelt! — reagiu Leon, sorrindo. — Mandarei Manyoro e Loikot até o vale para confirmar se não o abandonaram durante a noite. Mas, como estamos na lua nova, duvido que tenham continuado a seguir em frente depois do anoitecer. Apostaria muito dinheiro em que descansaram durante as horas mais escuras e que só agora estão começando a se mexer. — Sentaram-se e ficaram observando os dois massais, que desciam a ladeira e desapareciam entre as árvores no fundo do vale.

— Até agora seguimos o conselho de Lusima sobre os pássaros-pretos que piam ao amanhecer. Qual foi a outra sugestão? — perguntou logo Kermit.

— Falou do caçador que espera no alto e é abençoado três vezes. Estamos aqui em cima. Vamos ver se suas três bênçãos estão a caminho.

Assim que o sol apontou no horizonte, Leon retirou as correias do binóculo do ombro e se recostou no tronco de uma árvore. Calmamente, percorreu com as lentes todo o vale lá embaixo. Uma hora depois descobriu as silhuetas de Manyoro e Loikot, que vinham de volta colina acima, caminhando tranquilamente, a passo lento, conversando. Descansou o binóculo.

— Estão voltando sem pressa, o que significa que não tiveram sorte. Os machos não passaram por aqui. Pelo menos ainda não.

Os dois massais chegaram e ficaram de cócoras perto deles. Leon olhou para

Manyoro com ar de interrogação, mas ele sacudiu a cabeça.

— Hapana. Nada. — Pegou a caixa de rapé e ofereceu-a a Loikot, antes de pegar um pouco para si. Inspiraram e em seguida espirraram, fechando os olhos, depois começaram a falar em voz baixa, para evitar que fossem ouvidos lá embaixo no vale. Kermit se estendeu no solo pedregoso, pôs a aba do chapéu sobre os olhos e, minutos depois, ressonava suavemente. Leon continuou movimentando o binóculo pelo vale, baixando-o de vez em quando para descansar os olhos e limpar as lentes com a fralda da camisa.

Ao longo do tempo, muitas rochas grandes e redondas haviam se desprendido, rolando ladeira abaixo até o fundo do vale. Algumas eram parecidas com a parte traseira de um elefante, e mais de uma vez o coração de Leon se sobressaltou ao ver uma forma cinza enorme dentro do campo de visão do binóculo, até se dar conta de que o que estava vendo era uma pedra cinza e não couro de elefante. Depois de baixar o binóculo mais uma vez, disse a Manyoro em voz baixa:

— Por quanto tempo ainda vamos esperar aqui?

— Até que o sol chegue ali. — Manyoro apontou um ponto no horizonte. — Se não aparecerem, pode ser que tenham mudado de rota. Nesse caso, devemos ir a cavalo até a manyatta onde o samburu os viu ontem. Dali podemos seguir as pegadas até encontrá-los.

Kermit afastou o chapéu dos olhos e perguntou:

— O que Manyoro disse? — Leon lhe disse, e ele se sentou. — Estou ficando aborrecido. Parece um jogo de apressar-se e esperar.

Leon não se deu ao trabalho de responder. Levantou o binóculo e recomeçou a busca.

A menos de um quilômetro abaixo no vale, havia um trecho de plantas mais verdes que ele não vira antes. Sabia pela cor e densidade da folhagem que se tratava de um grupo de árvores de bagas de macaco. Os frutos são avermelhados e amargos para o gosto humano, mas atraem todo tipo de animal selvagem, grande ou pequeno. No centro do pequeno bosque havia uma dessas grandes pedras redondas cuja linha curva superior sobressaía no meio das árvores. Olhou mais uma vez e já estava quase para mudar para outro ponto quando seus nervos se tencionaram de repente. Parecia que a pedra havia mudado de forma e ficara maior. Seus olhos se fixaram ali tão firmemente que chegaram a umedecer. Em seguida, a pedra mudou de forma de novo. Leon prendeu a respiração. Um elefante estava se levantando de trás da pedra, meio oculto por ela, de modo que só suas nádegas e a curva de sua espinha dorsal ficavam à vista. O fato de o animal ficar naquela posição sem que ninguém o tivesse notado era outro indício de quão silenciosa e furtivamente uma criatura tão grande se movimentava. Sentiu que o peito se fechava, até que começou a respirar como um asmático. Continuou olhando o elefante, mas ele não se mexeu mais. "Há só um,

portanto não pode ser a manada que estamos procurando. Talvez seja uma fêmea perdida ou um macho jovem." Procurou se fortalecer ante a decepção.

Depois seus olhos se deslocaram rapidamente para a direita, ao perceber outro movimento. A cabeça de um segundo elefante apareceu por entre a tela de galhos de bagas. A respiração de Leon se alterou outra vez. Aquele era um macho. Na enorme cabeça, a testa sobressaía de modo notável, e as orelhas estavam estendidas como as velas de uma escuna. A tromba dependurada era ladeada por um par de presas longas e curvas de marfim grosso e brilhante.

— Manyoro — sussurrou Leon, excitado.

— Estou vendo, M'bogo!

Leon olhou para ele e viu que os dois massais estavam de pé, com o olhar fixo no bosquezinho de árvores de bagas.

— Quantos? — perguntou.

— Três — respondeu Loikot. — Um deles está atrás da pedra. O segundo está olhando para nós, e o terceiro, parado entre eles, está escondido entre as árvores. Só consigo ver suas patas.

— O que foi? O que viram?

— Não muita coisa. — Leon estava tremendo. — Só algumas centenas de quilos, talvez dois, ou quem sabe três. Mas acho que você está muito aborrecido para se importar.

Kermit se pôs rapidamente de pé, ainda meio aturdido pelo sono.

— Onde? Onde?

Leon apontou com o dedo. Então Kermit os viu.

— Nossa, acho que... Bata na minha cabeça! Sacuda-me para que eu acorde. Isso é verdade? Diga-me que não estou sonhando. Diga-me que essas presas são reais.

— Sabe de uma coisa, meu amigo? Daqui elas me parecem bem reais.

— Pegue seu rifle. Vamos atrás deles — Kermit disse alto, quase gritando.

— Que plano excelente, Sr. Roosevelt! Não vejo nenhuma falha nele. — Enquanto olhavam, os três elefantes saíram do arvoredor e começaram a se deslocar pelo vale na direção deles. Em fila, um atrás do outro, seguiram por uma larga trilha de animais que passava perto do pé da colina em que eles estavam.

— Quantos elefantes tenho em minha licença? — perguntou Kermit. — Três?

— Você sabe muito bem quantos. Está pensando em caçar todos? Garoto cobiçoso!

— Qual deles tem as presas maiores? — Kermit estava pondo os cartuchos no carregador do Winchester.

— É difícil distinguir daqui. Os três são grandes. Teremos de nos aproximar mais para escolher o maior. Mas é melhor que nos apressemos. Eles se movem muito rápido.

Lançaram-se colina abaixo pela encosta, com as pedras soltas rodando sob as botas. Perderam de vista os machos, que se mantinham fora de vista por causa das árvores e da linha alta da encosta. Chegaram ao fundo do vale, com Leon à frente. Ele virou à esquerda pela base da colina, correndo velozmente para ocupar uma posição da qual pudessem interceptar os elefantes.

Alcançou a trilha dos animais, que era larga e havia sido suavizada por cascos, patas e garras, e seguiu por aí. Kermit estava em seus calcanhares, e os dois massais, apenas alguns passos atrás. Leon viu que mais adiante a trilha estava interrompida por uma vala pouco profunda que descia da colina, formada pela água de chuva forte. Antes de se aproximarem dela, várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Leon viu o macho líder saindo de entre as árvores pelo lado mais distante da vala, uns quatrocentos ou quinhentos metros adiante, seguido de perto pelos outros dois, todos indo em fila indiana direto até eles.

Então, um grito cada vez mais forte ecoou da parte alta da colina, à esquerda. Era o chamado de alarma de um mandril vigilante que avisava os outros animais do perigo. Havia descoberto os homens no vale abaixo de onde estava. Imediatamente o grito alertou todos os animais. Os três elefantes pararam de repente. Mantiveram-se num grupo apertado, mexendo-se, com ar vacilante, levantando a tromba para explorar o ar em busca do cheiro de perigo, mexendo a cabeça de um lado para outro, com as orelhas levantadas para ouvir.

— Que ninguém se mexa! — disse Leon a todos. — Eles conseguem perceber o menor movimento. — Ficou parado no lugar, olhando-os atentamente. "Para onde vão correr?", perguntou a si mesmo. Seu coração batia forte de encontro ao peito, devido ao esforço da corrida colina abaixo e à emoção. Os três elefantes carregavam pelo menos cinquenta quilos de marfim de cada lado da cabeça.

"Por onde devemos ir?", pensou. Então decidiu-se.

— Temos de entrar na vala antes que nos descubram — disse, sem fôlego, e começou a andar para frente outra vez. Chegaram à

vala antes que os elefantes os tivessem localizado e se deixaram cair por um íngreme barranco para dar no meio de uma manada de impalas que estavam mordiscando os galhos baixos dos arbustos que fechavam o leito seco da vala. A manada explodiu numa apavorada corrida de animais, que, pulando e resfolegando, subiram pelo outro lado da vala e escaparam com estrépito pela trilha, indo no rumo dos três elefantes.

O líder, ao ver que se lançavam em sua direção, deu meiovoltas e correu direto para a íngreme subida da colina. Os outros dois o seguiram.

Leon olhou por cima do barranco e viu o que estava acontecendo.

— Malditos impalas! — disse, de dentes cerrados. Os três elefantes corriam desabalados pela primeira encosta que havia na base da colina, afastando-se dela na

diagonal, direto para cima. — Vamos, Kermit — gritou, desesperado. — Se não conseguirmos impedi-los de chegar lá em cima, nunca mais voltaremos a vê-los.

Cruzaram correndo a estreita faixa de terra horizontal e chegaram à base da colina. A essa altura já estavam duzentos metros atrás dos elefantes. Leon foi direto para a ladeira, dando grandes passadas, saltando por cima das pedras menores.

Os elefantes não conseguiam subir por esse declive, de tão íngreme que era. O líder virou para o outro lado e começou a dar muitas voltas, com curvas fechadas, tentando subir. Enquanto isso, Leon e Kermit continuavam seguindo direto para cima, atravessando, sem se desviar, cada uma das voltas que os machos eram obrigados a dar. A cada avanço destes, iam ficando mais próximos das presas.

— Não consigo continuar — disse Kermit, sem fôlego. — Não dá mais.

— Continue, amigo. — Leon estendeu a mão para trás e agarrou-o pelo pulso. — Vamos, estamos quase chegando. — Assim o arrastou para cima. — Estamos na frente deles agora. Não falta muito.

Finalmente chegaram cambaleando ao alto da colina, e Kermit se apoiou num tronco de árvore. Sua camisa estava empapada de suor, o peito arfava e o ar sibilava em sua garganta. As pernas estavam bambas, como se estivesse tendo uma convulsão. Leon olhou para trás, ladeira abaixo. O macho líder estava uns trinta metros abaixo, mas aproximava-se rapidamente, fazendo todo o contorno de cada curva. Leon calculou que ele ia passar a menos de trinta metros do lugar onde estavam, na linha da colina contra o céu, mas o animal parecia não perceber sua presença.

— Prepare-se, amigo. Embaixo. Faça um disparo firme. Rápido agora. Vão estar sobre nós em segundos — sussurrou para Kermit. — Só lhe darão uma oportunidade. Pegue o líder. Atire na axila, bem atrás do ombro. Mire em seu coração. Não tente disparar no cérebro.

De repente o macho líder viu as figuras agachadas e recortadas contra o céu acima dele e parou outra vez, balançando a tromba com ar vacilante. Começou a se virar para voltar ladeira abaixo, mas Manyoro e Loikot se aproximavam por trás dele. Gritaram e agitaram os braços, tentando fazer que voltasse na direção dos dois ladeira acima.

O macho vacilou outra vez, balançando a cabeça de um lado para outro. Seus companheiros se aproximavam, vindo atrás dele. Os dois massais correram na direção deles, gritando como demônios e agitando a shuka. Os caçadores, lá no topo, ao contrário, esperavam imóveis e em silêncio. Para o macho líder, eles pareciam ser a ameaça menor. Virou-se de novo e seguiu colina acima, direto para onde estavam Leon e Kermit. Os outros dois vinham atrás dele.

— Lá vêm eles. Prepare-se — disse Leon em voz baixa. Kermit estava agachado, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Mas ainda lhe faltava fôlego, e Leon,

consternado, viu que o cano de seu Winchester se mexia. Teve medo de que Kermit estivesse a ponto de oferecer uma de suas excêntricas demonstrações de pontaria, mas o momento era aquele. — Agora, Kermit, dispare!

Por sua vez, Leon levantou o Holland, pronto para apoiá-lo se Kermit errasse, como seguramente ia ocorrer. Ouviu-se o som do Winchester, que saltou nas mãos de Kermit. Leon engoliu em seco e baixou o rifle. A bala não acertara o macho líder no ombro, mas sim no buraco do ouvido. O elefante caiu de joelhos, instantaneamente morto. Leon deu um salto quando ouviu outro ruído do Winchester. O segundo macho, que vinha atrás do líder que tombara, caiu sem vida depois de outro tiro certo no cérebro. Mas caiu na encosta empinada e começou a rolar ladeira abaixo. O corpo morto do animal foi aumentando de velocidade à medida que descia ruidosamente, provocando uma avalanche de pedras soltas e pedregulho. Manyoro e Loikot quase foram arrastados por ela. No último instante, jogaram-se para um lado, e o corpo do animal passou, quase resvalando neles.

O terceiro macho ficou na ladeira aberta, encurralado entre os dois grupos de homens. Manyoro se levantou de um salto e foi na direção dele, gritando e agitando sua shuka. O macho cedeu e fugiu para cima. Leon e Kermit estavam exatamente em seu caminho. A fuga do animal se transformou numa pura e violenta investida. Na metade do caminho, deitou as orelhas para trás e correu direto para eles, guinchando de raiva.

— Mais uma vez! — gritou Leon. — Faça outra vez! Atire! — Preparou o Holland, mas, antes que pudesse disparar, o Winchester soou pela terceira vez. Esse elefante estava abaixo do nível em que Kermit se achava, mas de frente, de modo que o ponto onde ele devia disparar estava enganosamente mais alto. No entanto, Kermit calculou com precisão, e sua pontaria atingiu o alvo com perfeição. O último macho lançou a tromba acima da cabeça e morreu tão rapidamente e sem sofrimento quanto seus companheiros. Também rolou colina abaixo pela encosta, resvalando nos últimos cinquenta metros, até que seu corpo parou no tronco de uma das árvores maiores da base da colina. Do primeiro disparo ao último, só haviam transcorrido dois ou três minutos. Leon não havia disparado uma única vez.

O eco dos disparos foi sumindo de encontro às colinas do outro lado do vale, e um silêncio profundo desceu sobre o lugar.

Nenhuma ave cantou, nenhum símio gritou. Toda a natureza parecia estar contendo a respiração e ouvindo.

Finalmente, Leon rompeu o silêncio.

— Quando digo para você atirar na cabeça, você atira no corpo. Quando digo que atire no corpo, você atira na cabeça. Quando lhe dou uma presa fácil, você a destroça. Quando lhe dou um tiro impossível, você acerta o alvo com perfeição. Que diabos, Roosevelt, realmente não sei para que precisa de mim aqui.

Kermit não parecia ouvi-lo. Estava sentado, olhando fixamente para o rifle em seu colo, com uma expressão atônita no rosto suado.

— Deus me ama! — sussurrou. — Nunca disparei tão bem. — Levantou a cabeça e olhou para os três corpos enormes lá embaixo. Pôs-se de pé devagar e caminhou até o elefante mais próximo. Agachou-se e pôs a mão direita com reverência numa das presas longas e brilhantes. — Não posso acreditar no que aconteceu. O Grande Remédio parecia me dominar. Foi como se eu estivesse fora de mim, observando tudo o que se passava de certa distância. — Levantou o Winchester até os lábios como um cálice de comunhão e beijou a peça de metal azul na recâmara. — Ei, Grande Remédio, Lusima Mama pôs em você um feitiço e tanto, não?

Seis dias se passaram até que as presas foram separadas da carne em decomposição, e nesse tempo Manyoro reuniu um grupo de carregadores das aldeias próximas para levá-los ao acampamento principal, à margem do rio Ewaso Ng'iro. Na viagem de volta, fizeram um desvio para recolher a cabeça do rinoceronte que haviam deixado para trás. A longa fila de carregadores, ao se aproximar do acampamento, levava uma impressionante coleção de troféus de caça de grande porte. Ainda estavam a alguns quilômetros de distância do rio quando viram um pequeno grupo de cavaleiros indo do acampamento em sua direção.

— Aposto que é meu pai que está vindo ver o que andei fazendo — disse Kermit, exibindo um grande sorriso ante essa expectativa. — Mal posso esperar para ver sua cara quando vir o que estou trazendo.

Enquanto aguardavam que os cavaleiros se aproximassem, Leon pegou o binóculo e os observou.

— Espere! Mas não é seu pai. — Olhou mais um pouco. — São aquele jornalista e seu fotógrafo. Como, diabos, sabiam como nos encontrar?

— Creio que devem ter um informante em nosso acampamento. Além disso, têm olhos de abutre em busca de carniça — respondeu Kermit. — Nada lhes escapa. De qualquer modo, não podemos deixar de falar com eles.

Andrew Fagan se aproximou e levantou o chapéu.

— Boa tarde, Sr. Roosevelt — disse bem alto. — Isso que seus homens estão levando são presas de elefantes? Não tinha ideia de que ficassem desse tamanho. São gigantescas. Estão realizando um safári muito bem-sucedido. Dou-lhes meus sinceros parabéns. Poderia olhar mais de perto seus troféus?

Leon deu ordens aos carregadores que arriassem a carga. Fagan desmontou e foi inspecioná-la, dizendo, assombrado:

— Gostaria muito de ouvir seu relato dessa caçada, Sr. Roosevelt, se o senhor pudesse me conceder tempo para isso. E, é claro, ficaria sumamente grato se o senhor e o Sr. Courtney tivessem a gentileza de posar para mais uma ou duas fotografias. Meus leitores vão ficar fascinados ao saber de suas aventuras. Como o

senhor sabe, meus artigos são publicados em quase todos os jornais do mundo civilizado, de Moscou a Manhattan.

Uma hora depois, Fagan e seu fotógrafo haviam terminado. Fagan encheu meio bloquinho com suas garatujas de taquigrafia, e o fotógrafo havia exposto várias dúzias de placas com flashes dos caçadores e seus troféus. Fagan estava ansioso para voltar à máquina de escrever. Pretendia mandar um mensageiro rápido ao escritório de telégrafo de Nairóbi com o texto e instruções para que fosse enviado urgentemente a seu diretor em Nova York. Quando todos já haviam se cumprimentado, Kermit, inesperadamente, perguntou a Fagan:

— O senhor conhece meu pai?

— Não, senhor, não o conheço, embora deva acrescentar que sou um de seus mais entusiásticos admiradores.

— Venha me ver amanhã no acampamento principal — convidou Kermit. — Vou apresentá-lo ao senhor.

Fagan ficou pasmo com o convite e, quando se foi continuou, agradecendo aos gritos.

— O que houve com você, amigo? — perguntou Leon. — Pensava que você detestasse o quarto poder.

— Odeio, mas é melhor tê-los como amigos do que como inimigos. Talvez algum dia possa ser útil conhecer um homem como Fagan. Agora ele me deve um favor.

No final da tarde, Leon e Kermit entraram no acampamento principal junto ao rio. Ninguém os esperava. Com sua robusta compleição, o presidente havia se recuperado completamente dos efeitos do jantar de Ação de Graças. Estava sentado sob uma árvore, fora de sua barraca, lendo *As aventuras de Mr. Pickwick*, de Charles Dickens, uma edição especial de capa de couro, um de seus eternos favoritos. Com ar preocupado, olhou para a algazarra que a chegada do filho havia provocado. Todo o pessoal do acampamento, quase umas mil pessoas, se aproximava, vindo de todo lado, para dar as boas-vindas aos caçadores que voltavam. Amontoaram-se ao redor deles, esticando o pescoço para ver melhor as presas dos elefantes e a cabeça do rinoceronte.

Teddy Roosevelt deixou de lado o livro, ajustou os óculos de aro de metal no nariz, levantou o encosto da poltrona, enfiou a camisa dentro da calça sobre o abdome proeminente e foi descobrir a causa daquele alvoroço. A multidão se afastou com deferência para deixá-lo passar. Kermit desceu do cavalo de um salto para cumprimentar o pai. Afetuosamente deram-se as mãos, e o presidente tomou o filho pelo braço.

— Bem, meu rapaz, você ficou ausente por quase três semanas. Estava começando a ficar preocupado com você. Agora, é melhor que mostre a seu pai o que trouxe. — E ambos se dirigiram para onde estavam os carregadores, que haviam

posto a carga em ordem para sua inspeção. Leon ainda estava montado e perto do presidente o suficiente para ver com clareza seu rosto, acima da cabeça das demais pessoas. Podia observar cada detalhe de sua expressão.

O moderado e indulgente interesse de Roosevelt deu lugar ao espanto quando ele contou o número de presas estendidas no chão. Depois o espanto foi substituído pela perturbação, quando se deu conta do tamanho das peças de marfim. Soltou o braço de Kermit e pôs-se a andar devagar ao longo da fila de troféus. Estava de costas para o filho, mas Leon viu que a expressão de perturbação se endurecia para se transformar em inveja e indignação. Deu-se conta de que, para chegar àquela posição de máxima importância, o presidente devia ser um dos homens mais competitivos do mundo. Estava acostumado a se destacar em tudo o que empreendesse e a ser o primeiro e mais importante em qualquer coisa. Naquele momento, era obrigado a aceitar o fato de que, dessa vez, havia sido superado pelo filho.

O presidente parou no final da fila e permaneceu ali, com as mãos para trás, entrelaçadas. Passava a língua pelo bigode e franzia o cenho com força. Em seguida sua expressão mudou, e ele estava sorrindo quando se virou para Kermit. Leon ficou admirado ao ver a rapidez com que ele havia conseguido controlar as emoções.

— Magnífico! — exclamou Roosevelt. — Essas presas superam tudo o que já temos e com certeza tudo o que possamos conseguir até o final da expedição. — Apertou novamente a mão de Kermit. — Estou orgulhoso de você, orgulhoso de verdade. Quantos tiros você deu para conseguir esses extraordinários troféus?

— É melhor que o senhor pergunte a meu caçador, papai.

Ainda segurando a mão direita de Kermit, o presidente olhou para Leon.

— Bem, Sr. Courtney, quantos foram? Dez, vinte ou mais? Conte-nos, por favor.

— Seu filho matou os três machos com três balas consecutivas — respondeu Leon. — Três tiros perfeitos no cérebro.

Roosevelt olhou para o rosto do filho por um momento, depois o envolveu nos braços musculosos e o abraçou com muita força.

— Estou orgulhoso de você, Kermit. Não poderia estar mais orgulhoso do que estou neste momento.

Por cima do ombro do presidente, Leon pôde ver a expressão de Kermit. Estava encantado. Nesse momento foi a vez de Leon de sentir emoções misturadas. Regozijava-se pelo amigo, enquanto por si mesmo sentia uma forte dor. "Oxalá meu pai pudesse me dizer algo assim um dia!", pensou, "mas sei que nunca fará isso."

O presidente finalmente relaxou o abraço e manteve o braço no ombro de Kermit, com um sorriso radiante e a cabeça inclinada para ele.

— Que me castiguem se não gerei um campeão — disse. — Quero que você me conte tudo durante o jantar. Mas meu nariz me diz que precisa de um banho antes.

Vá fazer isso então. — Depois olhou para Leon. — Ficarei muito satisfeito se o senhor nos acompanhar no jantar, Sr. Courtney. Digamos entre sete e meia e oito?

Enquanto Leon passava a navalha sobre os pelos escuros e densos que cobriam seu queixo, Ishmael enchia a banheira de metal galvanizado quase até a borda com água quente, que cheirava a fumaça de madeira queimada. Quando Leon saiu do banho com o corpo brilhante e rosado, Ishmael já havia preparado para ele uma toalha grande, aquecida diante do fogo. Sobre a cama de Leon havia um par de calças cáqui meticulosamente passadas, e no chão um par de botas altas bem lustradas.

Pouco depois, de cabelo penteado com fixador, Leon se dirigiu à barraca-restaurante, grande como a tenda de um circo.

Decidido a não se atrasar para o jantar do presidente, chegou meia hora antes. Ao passar pela barraca de Percy Phillips, uma voz familiar o chamou:

— Leon, entre aqui um instante.

Agachou-se para atravessar a portinhola e encontrou Percy sentado, com um copo na mão. Fez sinal para que se sentasse na cadeira vazia a seu lado.

— Tome um drinque. Na mesa do presidente não há álcool. A bebida mais forte que vão lhe oferecer esta noite certamente será xarope de mirtilo. — Fez com a mão um pequeno gesto de repugnância e apontou para a garrafa na mesa ao lado da cadeira de Leon. — É melhor que se fortaleça.

Leon se serviu de dois dedos de uísque Bunnahabhain de um único malte e completou a bebida com água de rio fervida e depois resfriada numa bolsa de água de lona. Então bebeu um gole.

— Um elixir! Poderia me viciar nisso.

— Não pode se permitir isso. Pelo menos ainda não. — Percy estendeu--lhe o próprio copo e pediu: — Sirva-me um pouco também. — Com outra dose no copo, levantou-o na direção de Leon e brindou: — A sua saúde!

— Rifles ao alto! — respondeu Leon.

Beberam e saborearam a fragrante bebida. Em seguida, Percy disse:

— A propósito, já o cumprimentei por seus recentes e espetaculares sucessos?

— Não que me lembre, senhor.

— Que falha a minha! Poderia jurar que o tinha feito. Devo estar ficando velho. — Seus olhos estavam brilhantes. Eram de um azul cintilante e claro, num rosto enrugado e curtido pelo sol. — Muito bem, então, ouça-me bem, pois só vou dizer isso uma vez. Hoje você demonstrou seu valor. Estou muito orgulhoso de você.

— Obrigado, senhor. — Leon estava mais profundamente comovido do que imaginara que pudesse ficar.

— No futuro, não me chame mais de "senhor", mas apenas de Percy.

— Obrigado, senhor.

— Percy. Simplesmente Percy.

— Obrigado, Simplesmente Percy.

Educadamente, beberam em silêncio por um tempo. Depois Percy continuou:

— Suponho que você saiba que vou completar sessenta e cinco anos no próximo mês.

— Nunca pensei que tivesse essa idade!

— Uma ova que não pensou! Talvez achasse que tinha uns noventa. — Leon abriu a boca para protestar cortesmente, mas Percy o fez calar-se com um gesto. — Talvez não seja o momento de trazer este assunto à baila, mas estou me sentindo mais fraco. Estas velhas pernas já não são o que costumavam ser. Agora, cada quilômetro que percorro parecem cinco. Há dois dias não acertei num javali macho a cem metros, embora fosse um alvo perfeito. Estou precisando de alguma ajuda por aqui. Estava pensando em arranjar um sócio. Um sócio jovem. Para dizer a verdade, um sócio bem mais jovem.

Leon assentiu com a cabeça, esperando ouvir mais alguma coisa.

Percy pegou o relógio de prata do bolso do colete e abriu a tampa gravada, olhou para o mostrador, abaixou-a, esvaziou o copo e se levantou.

— Não ficaria bem fazer o presidente dos Estados Unidos ficar à espera para o jantar. Ele aprecia as refeições. Pena que não sinta o mesmo em relação ao vinho. No entanto, não tenho dúvida de que sobreviveremos.

Eram dez as pessoas presentes ao jantar. Freddie Selous e Kermit ocupavam os assentos de honra, um de cada lado do anfitrião. Leon se sentou na outra extremidade da mesa, no lugar mais distante do presidente. Teddy Roosevelt era um contador de histórias nato. Sua língua era de prata, seus conhecimentos, enciclopédicos, seu intelecto, impressionante, seu entusiasmo, contagiante e seu encanto, irresistível. Mantinha os convidados fascinados enquanto os levava de um assunto a outro, da política e da religião à ornitologia e à filosofia, da medicina tropical à antropologia africana. Ouvindo com muita atenção o presidente, que avaliava as tensões internacionais naquele momento na Europa, Leon deixou que o filé de antílope esfriasse no prato. Esse era um tema familiar a ele, pois seu tio Penrod Ballantyne o abordava em profundidade quando se sentavam junto ao fogo em suas incursões para caçar na selva.

De repente, o presidente se dirigiu a ele pessoalmente.

— Qual sua opinião sobre isso, Sr. Courtney?

Leon ficou constrangido quando todas as cabeças se voltaram para ele, em expectativa. Seu primeiro impulso foi não opinar, respondendo que não se interessava muito pelo tema e que não se sentia em condições de discutir o assunto, mas logo mudou de ideia.

— Bem, o senhor vai me desculpar por avaliar essa questão do ponto de vista

britânico. Creio que o perigo está nas aspirações imperiais da Alemanha e da Áustria. Some-se a isso a proliferação de tratados exclusivos entre os numerosos Estados que estão se firmando por toda a Europa. Essas alianças são complexas, mas todas tomam medidas no sentido de se proteger mutuamente, o que apoio no caso de um conflito com um terceiro Estado. Isso poderia provocar um efeito dominó se o parceiro menor dessa aliança se visse envolvido num enfrentamento com um vizinho e chamasse seu aliado mais forte para intervir.

Roosevelt piscou. Não esperava uma resposta tão sólida.

— Dê exemplos, por favor.

— Nós acreditamos que o Império Britânico só poderá se manter unido com uma poderosa força naval. O cáiser Guilherme II não escondeu sua intenção de transformar a marinha alemã na força mais poderosa do mundo. Nosso império está ameaçado por isso. Fomos forçados a assinar tratados com outros países da Europa, como a Bélgica, a França e a Sérvia. A Alemanha tem tratados com a Áustria e a Turquia, um país muçulmano. Em 1905, quando se agravou a tensão entre o Marrocos e a França, nosso novo aliado estratégico, precipitou-se uma crise por todo o norte da África. Devido a sua aliança com a Turquia, a Alemanha se viu forçada a intervir contra a França. A França é nossa aliada, por isso éramos obrigados a intervir em nome de ambos os países. Foi um efeito em cadeia. Só intensas negociações diplomáticas e uma sorte muito grande evitaram a guerra.

Leon viu respeito na expressão dos presentes, e isso o animou a continuar. Com um gesto de desaprovação, disse:

— Para mim, parece que o mundo está se equilibrando na beira do precipício. Há rodas dentro de rodas e inumeráveis fios na rede, e sei, senhor presidente, que o senhor está particularmente muito consciente disso.

Roosevelt cruzou os braços no peito.

— Uma cabeça sábia sobre ombros jovens. O senhor deve jantar conosco de novo amanhã à noite. Gostaria de conhecer suas opiniões sobre as divisões raciais e as tensões na África. Mas agora passemos para assuntos mais importantes. Meu filho gosta de caçar com o senhor. Ele me disse que vocês dois têm planos para ir além de seus recentes triunfos com elefantes e rinocerontes.

— Fico feliz por Kermit querer continuar caçando comigo, senhor. Aprecio muito sua companhia.

— Qual será sua próxima presa?

— Meu rastreador principal descobriu o refúgio de um crocodilo muito grande. Um espécime desses seria de interesse para o Smithsonian?

— É claro. Mas isso não lhes tomará muito tempo, já que sabem onde está escondido o crocodilo. Depois disso, quais são seus planos?

— Kermit quer caçar um bom leão.

— Que jovem endiabrado! — Deu um soco de leve no ombro de Kermit. — Não contente em me vencer com os elefantes e o rinoceronte, agora quer um terceiro triunfo em seguida! — Os comensais riram, e Teddy Roosevelt prosseguiu: — Está bem, amigo, apostamos dez dólares? — Deram um aperto de mãos para selar a aposta, e o presidente continuou: — Já que estamos falando de leões, temos a sorte de ter aqui conosco o maior especialista do mundo nesse assunto. — Virou-se então para o outro lado, para o simpático senhor de barba grisalha. — Talvez Selous possa nos dar algumas pistas sobre como agir com eles. Em particular, estou interessado em que nos fale dos sinais de advertência que um leão dá ao caçador antes de atacar. Poderia descrevê-los para nós e dizer o que se sente ao enfrentar um ataque desses?

Selous descansou no prato o garfo e a faca.

— Coronel, sinto o maior respeito por um leão. Além de se comportar como um rei, sua força é tal que ele é capaz de suportar o peso do corpo de um boi nas mandíbulas ao saltar uma cerca de curral de quase dois metros. Suas mandíbulas são tão fortes que podem triturar o osso mais duro como se fosse argila. É rápido como a morte. Quando ataca, seu primeiro impulso de velocidade chega a cinquenta quilômetros por hora.

Com sua voz suave mas autorizada, Selous manteve todos os presentes cativos durante quase uma hora, até que o presidente o interrompeu:

— Obrigado. Quero me levantar cedo amanhã, de modo que, se os cavalheiros me derem licença, vou para a cama.

Leon caminhou ao lado de Percy ao voltarem para a barraca.

— Estou impressionado, Leon, com sua perspicácia política, embora tenha pressentido tons de seu tio Penrod no que disse esta noite. Creio que Teddy Roosevelt também ficou impressionado. Parece-me que você deu um jeito de pôr ambos os pés bem firmemente na escada que leva às estrelas. Pelo menos enquanto não permitir que o filho dele seja mordido por um leão. Lembre-se do conselho de Frederick Selous. São criaturas diabolicamente perigosas. Quando o leão deita as orelhas para trás e sacode o rabo para deixá-lo levantado, é sinal de que vai atacar, e é melhor que você esteja pronto para atirar direto no alvo. — Chegaram à barraca de Percy. — Boa noite — cumprimentou-o Percy, abaixando-se para atravessar a portinhola e deixando cair a aba de lona.

Leon e Kermit estavam deitados um ao lado do outro na barranca do rio, atrás de uma cortina fina de junco que Manyoro e Loikot haviam preparado na tarde anterior. Os dois rastreadores massais estavam acomodados logo atrás, perto deles. Estavam esperando, desde o amanhecer, que o crocodilo aparecesse. Pelas frestas da cortina de junco podiam ver a água parada, verde por causa das algas. Havia uma distância de quase duzentos metros até a margem do outro lado, que ficava sob a sombra de

um bosque de afzélias, árvores africanas altas, cujos galhos estavam decorados com cipós e ninhos de pássaros de um amarelo brilhante. Os machos se penduravam de cabeça para baixo nos ninhos que haviam feito, batendo as asas e piando excitados, a fim de atrair alguma fêmea que estivesse por ali. Leon passava o tempo olhando aquelas manobras, mas Kermit já estava ficando impaciente.

Manyoro montara o esconderijo sobre o barranco íngreme diretamente sobre a trilha de animais que se estendia através do juncal até a beira d'água. Os caçadores haviam se instalado ali quando ainda estava escuro, e quando a claridade aumentou Manyoro indicou a Leon o lugar onde o crocodilo havia se escondido, debaixo do barranco, enterrando-se no barro mole sob a superfície. Tinha dado voltas em torno de si mesmo, retorcendo-se até transformar aquela lama numa sopa bem grossa; depois ficou imóvel para deixar que o barro fino se assentasse de novo sobre sua cabeça e costas. O único sinal de sua presença era o emaranhado de riscos no barro, com amostras do desenho de seu couro. Leon mal conseguia distinguir a forma da cabeça e as duas proeminências no crânio onde se localizam os olhos.

Ele e Manyoro levaram um bom tempo para apontar a Kermit a forma esquisita do enorme corpo. Quando por fim o percebeu, Kermit, com a costumeira impetuosidade, quis atirar na mesma hora na forma meio indistinta da cabeça. Foram necessários vários minutos de argumentação sussurrada de Leon para convencê-lo de que uma bala, mesmo de um Winchester, apesar da bênção de Lusima, não podia ser disparada através de um metro de água sem ser detida como se ali houvesse uma parede de tijolos.

Já era quase meio-dia, e, no calor, manadas de antílopes e cabras haviam chegado para beber nos outros três pontos de água em volta do charco, mas nenhum se aproximou do lugar onde o crocodilo estava escondido. Kermit estava ficando mais impaciente a cada minuto que passava. Leon achou que ele já estava a ponto de se revoltar e exigir atirar.

Leon continuava com sorte. Percebeu um movimento de seu lado esquerdo. Tocou o braço de Kermit e apontou com o queixo um pequeno grupo de zebras-de-grevy que saíam do meio das árvores e se dirigiam timidamente para a trilha de animais, tomando a direção de um ponto de água. Kermit recuperou o bom humor.

— Talvez tenhamos um pouco de ação, finalmente — murmurou, tocando a culatra do Grande Remédio.

As zebras-de-grevy são os maiores membros da família dos cavalos, maiores até que um cavalo percherão. Essa é uma boa razão para que elas também sejam conhecidas pelo nome de zebrasimperiais. O macho reprodutor que as guiava media um metro e meio de altura até o ombro e pesava talvez uns quinhentos quilos. A manada se movimentava com grande precaução, como fazem alguns animais quando sabem que os predadores podem estar vigiando a água. Deram só alguns passos,

depois pararam, observando tudo em busca de algum sinal de perigo, para em seguida avançar um pouco mais.

Kermit observava seus movimentos com ansiedade. Seu Grande Remédio estava carregado ali a sua frente. Ele estava recostado no alforje de sua montaria, que lhe dava um apoio firme. Por fim, o reprodutor que as guiava entrou com cautela na trilha que havia sido aberta pelas patas dos milhares de animais sedentos que ali haviam chegado antes dele e desceu até a praia estreita. Parou à beira d'água e examinou também os barrancos ao redor.

Finalmente, tomou a decisão fatídica: abaixou a cabeça e enfiou o focinho preto aveludado na água. Assim que começou a beber, os outros animais da manada o seguiram pela trilha, aos empurrões, ansiosos para chegar à água.

Esse era o momento que o crocodilo estava esperando com paciência. Usou a cauda para impulsionar-se para cima e saiu velozmente do barro para a superfície, em meio a uma nuvem de respingos de água brilhantes. Os homens, ali na margem, instintivamente recuaram, surpreendidos pelo tamanho do monstruoso animal, por sua velocidade e pela violência do ataque.

— Santo Deus! Deve medir uns seis metros de comprimento! – exclamou Kermit.

A zebra era pesada, mas o crocodilo era quatro ou cinco vezes maior. Apesar dessa diferença, os cascos da zebra se firmavam no solo firme, e toda a sua força estava nas pernas. As do crocodilo eram pequenas, curvas e fracas. Toda a sua força estava na cauda. Numa disputa de cabo de guerra, a zebra levaria vantagem. O crocodilo tinha de conseguir levá-la mais para o fundo da água, onde seus cascos não teriam apoio. Lá, a cauda do crocodilo lhe daria uma vantagem enorme.

Não tentou agarrar o reprodutor com as mandíbulas para arrastá-lo; em vez disso, moveu a cabeça como se desse um golpe de luta. Com todo o seu peso e força, o golpe foi tão rápido quanto imperceptível. O horrível crânio estalou na lateral da cabeça da zebra, quebrando o osso e deixando-a sem sentido. Ela caiu de lado, com as quatro patas na água, batendo-as convulsivamente e mexendo a cabeça de um lado para outro conforme começava a se afogar. Nesse momento o crocodilo se lançou para frente, pegou o focinho da zebra com as mandíbulas e a arrastou para a parte mais funda da água. Começou a dar uma série de voltas, agitando a água e fazendo espuma, enquanto retorcia o pescoço da zebra como se ela fosse um frango, sacudindo-a e ao mesmo tempo afogando-a. O crocodilo continuou rodando, até que o último sinal de vida se extinguisse no corpo listrado; então, soltou-o e voltou.

A vinte metros da costa, permaneceu à superfície, observando o corpo da zebra morta, à espera de algum sinal de vida. O corpo flutuava, quase totalmente submerso, com apenas uma pata traseira aflorando à superfície, apontando para o céu. O crocodilo estava completamente de lado para os caçadores, só com a parte de cima das costas e a metade superior da cabeça à vista. A cabeça era ainda mais

medonha por causa do que parecia ser um sorriso fixo e zombeteiro.

Kermit estava estirado de bruços sobre o alforje da montaria, com o rifle apoiado no ombro e o rosto apertado contra a curva da culatra. Seu olho esquerdo estava fechado com força, e o direito semicerrado e concentrado, à altura da mira da arma.

Leon se abaixou mais para perto dele.

— Aponte para a comissura do sorriso, exatamente no nível da água, abaixo do olho. — Ainda tinha nos lábios a última palavra quando o Winchester rugiu. Ao olhar com o binóculo, Leon viu os borrifos de água saltando quando a bala sacudiu a superfície diretamente abaixo do pequeno e perverso olho e depois continuou até explodir dentro da cabeça do crocodilo. — Perfeito! — gritou Leon, enquanto se levantava de um salto.

— Piga! — gritou Manyoro. — Bem no alvo!

— Ngwenya kufa! O crocodilo está morto! — guinchou Loikot, rindo, enquanto se punha de pé e começava uma dança desengonçada, dando saltos.

O crocodilo tirou todo o corpo fora da água, açoitando a superfície com a cauda, numa série de gigantescas convulsões. Bateu as mandíbulas, depois deu outro salto grande fora da água e caiu com grande estrépito, salpicando tudo, dando várias voltas sobre si mesmo, com o rabo provocando ondas que quebravam pesadamente na margem.

— Ngwenya kufa! — gritavam, exultantes, os homens à beira d'água, quando o estertor da morte chegou ao fim.

De repente, o enorme corpo ficou paralisado, a cauda se curvou e endureceu, e o crocodilo ficou imóvel na superfície por um momento, afundando em seguida e desaparecendo nas águas verdes.

— Vamos perdê-lo! — gritou Kermit, preocupado, pulando numa perna só enquanto tirava as botas.

— Que diabo acha que está fazendo? — disse Leon, agarrando-o.

— Vou tirá-lo de lá.

Kermit lutou para se libertar, mas Leon o segurou com facilidade.

— Escute aqui, seu idiota, se você entrar nessa água, os avós do crocodilo estarão esperando para se apresentar a você.

— Mas nós vamos perdê-lo! Tenho de pescá-lo!

— Não. Você, não. Manyoro e Loikot esperarão aqui até amanhã, quando o crocodilo ficará cheio de gás e flutuará. Então, você e eu voltaremos para amarrá-lo com cordas.

Kermit se aquietou um pouco.

— E se for levado pela correnteza?

— Não há correnteza aqui. Este é um charco isolado. Seu crocodilo não vai a lugar nenhum.



Era fim de tarde, e eles estavam sentados sob o toldo da barraca de Leon, tomando chá e relembrando detalhes da última caçada, quando uma agitação tomou conta do acampamento, indicando a volta iminente do presidente. Kermit se levantou de um salto.

— Vamos — disse Kermit a Leon. — Vamos ver o que meu pai trouxe. — Afastou-se a passos largos, mas voltou e disse: — Não diga nada sobre o crocodilo. Ele só vai acreditar quando o vir.

Teddy Roosevelt entrou cavalcando no acampamento, e todos estavam ali para saudá-lo quando desmontou e entregou as rédeas a um cuidador. Ele sorriu ao ver Kermit, e por trás dos óculos de aro de metal podia-se notar o brilho de triunfo em seus olhos.

— Olá, papai — gritou Kermit. — Teve um bom dia?

— Nada mal. Abri a conta dos leões.

A expressão de Kermit mudou.

— Caçou um leão?

— É isso aí — confirmou o presidente, sempre sorridente, levantando o polegar para o alto. Kermit viu o grupo de carregadores que se aproximava pelo caminho entre as árvores. Traziam uma carga cor de bronze pendurada num pau. Eles a depositaram na barraca de taxidermia, e três cientistas do Smithsonian também apareceram para ver o que haviam conseguido naquele dia. Os homens cortaram as cordas que amarravam o leão e estenderam o animal no chão para medi-lo e fotografá-lo.

Kermit sorriu de alívio. Até ele, que pouco sabia sobre o assunto, viu que se tratava de uma leoa jovem.

— Ei, papai! — chamou o pai, rindo. — Se chama isso de leão de verdade, eu também poderia dizer que sou o presidente dos Estados Unidos da América. Ela é um bebê!

— Você está certo, filho — concordou, ainda sorrindo, convencido. — Pobrezinha, tive de atirar nela. Não deixava que nos aproximássemos de seu companheiro. Ela o vigiava com ferocidade. Pelo menos podemos exibi-la como parte de um grupo familiar em uma das vitrines da Sala da África no museu. O que você acha? — A pergunta foi dirigida a George Lemmon, chefe da equipe de cientistas.

— Ficaremos muito contentes de possuí-la, senhor. É um belo espécime. Sua pele está intacta, ainda possui as manchas típicas de filhotes jovens, e seus dentes são

perfeitos.

O presidente olhou para trás por cima do ombro e acrescentou, bem à vontade:

— Ah, bom! Já estão trazendo o macho. — Outro grupo de carregadores saía da floresta naquele momento. Quatro homens vinham curvados sob o peso enorme do corpo que carregavam.

— Santo Deus! Para mim, esse, sim, parece ser um leão de verdade — disse Frederick Selous, que vinha de sua barraca em mangas de camisa e com um bloco de desenho na mão. — Façam que esses homens o manipulem com o maior cuidado, para não marcar nem estragar a pele.

Os carregadores se aproximaram com o leão balançando no pau ao ritmo de seus passos e o depositaram no chão, com cuidado, ao lado da leoa. Sammy Edwards, o taxidermista principal, estendeu-o com cuidado e tirou sua trena de medição, colocando-a da ponta do focinho preto como ônix à mecha escura no final do rabo.

— Dois metros e cinquenta centímetros — disse, olhando para o presidente. — É um leão grande, senhor, o maior que já medi.

Depois do jantar daquela noite, Kermit foi à barraca de Leon. Levava consigo uma garrafa de prata contendo uísque Jack Daniel's. Diminuíram a luz, acomodaram-se nas cadeiras de lona sob o mosquiteiro e conversaram em voz baixa.

— Andrew Fagan foi o convidado de honra desta noite — disse Kermit a Leon. Atendendo ao convite de Kermit, Fagan havia chegado ao acampamento à tarde. — Deu-se bem com meu pai. Ele gosta de ter audiência nova.

Permaneceram em silêncio por alguns minutos, e então Kermit continuou:

— Não guardo rancor de meu pai. Ele tem tanto interesse como qualquer um de nós em conseguir bons troféus e se esforça como um homem de metade de sua idade. Você não estava lá, mas posso lhe dizer que ele chegou quase ao exagero no jantar desta noite. Na verdade, não se vangloriou nem tripudiou, enfim, não me provocou, mas chegou perto disso. É claro que Fagan se deliciou com tudo aquilo.

Leon ficou olhando para o líquido âmbar de seu copo, deixando escapar uns murmúrios em concordância.

— O que quero dizer é que era um belo leão, um animal excelente, mas não algo tão especial que ninguém ainda tivesse caçado na África, não? — perguntou Kermit, sério.

— Você está certo. É um leão de corpo avantajado, mas sua juba era só um colar de pelos. Não era maior do que o boá de plumas de avestruz de uma dama — afirmou Leon, e Kermit desatou a rir, tendo de cobrir a boca com a mão. Estavam a mais de cem metros da barraca do presidente, mas o grande homem esperava que se fizesse silêncio no acampamento depois que apagava a luz para dormir.

— O boá de uma dama — repetiu Kermit, rindo e fazendo uma tentativa de falsete feminino. — Vamos ao balé, meus amores? — Divertiram-se com a graça por um

tempo e beberam o uísque.

Depois Kermit disse:

— Às vezes quase odeio meu pai. Isso faz de mim uma pessoa malvada?

— Não, faz de você um ser humano.

— Diga-me com toda a sinceridade, Leon. O que você achou desse leão?

— Podemos fazer melhor.

— Você acha? Acredita mesmo nisso?

— O leão de seu pai não tem um único pelo preto em seu boá. Nenhum – afirmou Leon, e Kermit teve de sufocar outro acesso de riso diante da palavra "boá". O Jack Daniel's lhes aquecia o estômago e os animava.

Quando o amigo conseguiu se controlar, Leon disse:

— Podemos superá-lo, achando um leão maior e mais preto. Manyoro e Loikot são massais. Têm uma afinidade especial com os gatos grandes. Eles afirmam que podemos conseguir algo melhor, e acredito neles.

— Diga-me como vamos fazer isso. — Kermit observava-o com expressão séria.

— Faremos uma coluna rápida e nos adiantaremos ao safári principal para além do território massai, onde os leões não foram perseguidos pelos moranis nos últimos mil anos. Podemos deslocarnos com maior rapidez que os demais, porque eles estão sujeitos ao ritmo dos carregadores. Em poucos dias podemos nos adiantar uns cento e cinquenta quilômetros ou mais. Quando seu pai está pensando em ir para o norte? Você sabe?

— Ele disse durante o jantar que pretende permanecer aqui por algum tempo. Parece que há alguns dias os guias locais levaram o sr. Selous e ele a um grande pântano que fica a uns trinta quilômetros a leste daqui. Encontraram próximo a esse lugar pegadas que o Sr. Selous acredita que sejam de uns antílopes sita tunga machos, mas maiores que a espécie que ele próprio descobriu em 1881, no delta do Okavango, a que deram o nome de *Limnotragus selousi*. Ele convenceu meu pai de que essa poderia ser uma subespécie completamente nova. Para meu pai, é difícil resistir à oportunidade de descobrir uma espécie até agora desconhecida pela ciência. Seu sonho é que haja um sitatunga que venha a se chamar *Limnotragus roosevelti*. Seria capaz de sacrificar seu primogênito para isso – disse ele com um largo sorriso. – E é o primogênito que está falando, é evidente. Espero que queira ficar aqui até que encontre esse macho ou se convença de que ele não existe.

— Entendo seu interesse. O que você sabe sobre o sitatunga?

— Não muita coisa — admitiu Kermit.

— É uma criatura fascinante, muito rara e esquiva. É o único antílope realmente aquático. Suas patas são tão longas e separadas que mal consegue se locomover em terra, mas no barro profundo ou na água é tão ágil quanto um peixe. Quando se sente ameaçado, vai para baixo d'água e pode se manter submerso durante horas, só com a

ponta dos orifícios nasais de fora.

— Diabos! Gostaria muito de conseguir um desses — exclamou Kermit.

— Não se pode ter tudo, amigo. Ou leões ou o sitatunga, você decide. — Leon não esperou que respondesse. — Os planos do presidente vêm a calhar para nós. Podemos deixar que eles sigam os planos e partam depois de amanhã. Agora me diga, acha que pode haver outra dose de uísque no fundo de sua garrafa? Se houver, acho que não devemos desperdiçá-la, não?

Eles passaram o dia seguinte reunindo apressadamente o pessoal e o equipamento para a coluna ligeira. Escolheram um conjunto de seis cavalos e três mulas de carga. Depois, com a alegria de colegas que se livram da vigilância do diretor, cavalgaram para o norte.

Na última hora da tarde do terceiro dia, estavam seguindo o curso de um riozinho não identificado quando ecoou um grito dos rastreadores massais, que iam uns cem metros à frente deles. Gesticularam e apontaram na direção de uma forma de felino que havia saído rápido de um matagal e se afastava veloz pela planície aluvial aberta, procurando refúgio no bosque fechado lá longe.

— O que foi? — perguntou Kermit, ficando de pé no estribo e protegendo os olhos da claridade com o chapéu.

— Um leopardo — explicou Leon. — Um gato enorme.

— Mas não tem manchas — disse Kermit.

— Não dá para vê-las desta distância.

— Posso ir atrás dele e derrubá-lo?

— Os tiros não vão incomodar os leões que os ouvirem — afirmou Leon — tanto quanto incomodam os elefantes. Eles são curiosos como os gatos. Alguns disparos poderiam até atraí-los. — Kermit nem precisou ouvir mais. Solto seu grito de vaqueiro e, batendo no cavalo com o chapéu, saiu a galope, ao mesmo tempo que tirava da capa o rifle, brandindo-o acima da cabeça.

— Lá vamos nós outra vez, amigos — disse Leon, rindo. — Outra tocaia cuidadosamente planejada em segredo com o senhor Bala Veloz. — Fez seu próprio cavalo sair a galope e foi atrás dele. Percebendo aquela movimentação, o leopardo se deteve e se sentou sobre as patas traseiras, olhando imóvel para trás, espantado. Depois se deu conta de sua difícil situação, olhou em volta e se afastou correndo, estirando o corpo a cada salto longo e elegante.

— Yee-ha! Atrás dele! — gritou Kermit, contagiando Leon com seu ímpeto e excitação.

— View helloo! — Com esse velho grito de caça à raposa, ele se inclinou sobre o pescoço do cavalo, fazendo-o correr, segurando as rédeas com ambas as mãos. A sensação do vento no rosto o embriagava. Entregando-se à sensação de liberdade, eles dispararam em seus cavalos, competindo um com o outro nessa corrida pela

planície.

O focinho do cavalo de Leon estava se aproximando da altura das botas de Kermit. Ele olhou para trás por baixo do braço e viu que Leon ganhava terreno. Então bateu no pescoço do cavalo com o chapéu e apertou os saltos das botas em seus flancos.

— Vamos — instigava-o. — Vamos, cavalinho! Vá em frente! — Nesse momento, seu cavalo tropeçou num buraco e a pata dianteira direita se rompeu, com um ruído como o de uma chicotada, e ele caiu como se tivesse levado um tiro no cérebro. Kermit foi jogado para o alto. Caiu de ombro no chão, com o rosto de lado. O rifle voou de sua mão e rodou como uma bola por baixo das patas em movimento do cavalo de Leon. Ele fez a égua girar a cabeça e conseguiu por pouco evitar que ela pisoteasse Kermit. O animal reagia à pressão das rédeas, ao freio e às esporas sacudindo a cabeça violentamente. Voltaram ao lugar onde o amigo havia caído. O cavalo de Kermit estava tentando se levantar, mas a pata dianteira tinha uma fratura exposta bem na junta, e o casco pendia, solto. Kermit estava estendido no chão duro, imóvel.

— Ele se matou! Meu Deus! O que vou dizer ao presidente? — Leon estava desesperado. Tirou os pés do estribo, passou a perna direita por cima do pescoço do cavalo e se deixou cair no chão.

Correu até Kermit, mas, quando chegou perto dele, o amigo já estava se erguendo, aturdido. Seu rosto estava esfolado do lado esquerdo, e a sobrançelha, cortada, meio que caía sobre o olho coberto de pó.

— Foi um erro — disse, gaguejando e cuspiendo sangue e barro. — Foi um grande erro.

Leon riu, aliviado.

— Está querendo dizer que não foi proposital? Achei que estava querendo me impressionar.

Kermit passou a língua pelo interior da boca.

— Não falta nenhum dente — disse, como se tivesse algum ferimento na boca.

— Felizmente você caiu de cabeça, porque senão poderia ter se machucado. — Leon se ajoelhou junto dele, segurou sua cabeça com ambas as mãos e girou-a de um lado e de outro, examinando seu olho. — Tente não ficar piscando, para que o pó não penetre em seus olhos e fira o globo ocular.

— Dizer é fácil. Que tal se sua próxima instrução idiota for "tente não respirar"?

Ishmael se aproximou a galope em sua mula e deu a Leon uma bolsa de água.

— Mantenha o olho dele aberto, Ishmael — disse Leon e despejou água nele, lavando quase todo o barro. Depois passou a bolsa para Kermit. — Enxagúe a boca e lave o rosto. — Os dois massais estavam de cócoras ali perto, vendo muito bem o que estavam fazendo, ao mesmo tempo em que comentavam com prazer o que

acontecera. — Vocês aí, suas hienas, deixem de rir; preparem a barraca portátil e ponham nela a manta de Popoo Hima. Quero tirá-lo do sol.

Enquanto ajudavam Kermit a se acomodar na pequena barraca, Leon tirou o enorme Holland da capa, que estava em sua montaria, e atirou no cavalo ferido. Fez aquilo que devia, mas sua simpatia pelos cavalos era tanta que, embora aquele fosse um ato de piedade, essa morte lhe pesou na consciência.

— Tirem a sela e os arreios dessa pobre criatura — disse a Manyoro, enquanto retirava o cartucho de bronze vazio e punha o rifle de volta na capa. Foi até a pequena barraca e se abaixou para entrar.

— Onde está meu Grande Remédio? — perguntou Kermit, tentando se levantar.

Leon o empurrou para baixo.

— Pedirei a Manyoro que vá buscá-lo. — E então chamou: — Manyoro! Traga o bunduki de buana. — Em seguida, pôs um dedo diante dos olhos de Kermit e disse: — Acompanhe-o. — Movimentou-o lentamente de um lado para o outro; depois, satisfeito, balançou afirmativamente a cabeça. — Apesar de todos os seus esforços, parece que você não conseguiu provocar uma comoção cerebral, graças a Deus. Agora vamos dar uma olhada no lugar onde sua sobrancelha costumava ficar grudada em seu rosto. — Examinou o dano cuidadosamente. — Vou ter de dar uns pontos aqui.

Kermit parecia assustado.

— E o que você sabe a respeito de costurar gente?

— Já costurei muitos cavalos e cães.

— Eu não sou nenhum cavalo nem cão.

— Não. Esses animais são muito inteligentes. — Depois, dirigindo-se a Ishmael, disse: — Traga seu equipamento de costura.

Nesse momento, Manyoro apareceu na entrada da barraca com expressão triste. Tinha em cada mão uma parte do Winchester.

— Está quebrado — disse em suaíli.

Kermit retirou as partes quebradas.

— Maldição! — A culatra havia se partido na volta da empunhadura, e o ponto de mira estava torto. Era óbvio que ele não podia atirar com o rifle. Kermit o segurava como se ele fosse um filho doente. — O que vou fazer? — Olhou para Leon com ar lamentoso. — Você pode consertá-lo?

— Sim, mas só quando voltarmos ao acampamento e eu tiver à mão meu jogo de ferramentas. Terei de ligar a culatra com pele fresca da orelha de um elefante. Quando secar, estará tão dura como o ferro e melhor do que se fosse nova.

— E o ponto de mira?

— Se não conseguir encontrar o original, limarei um pedaço de metal e soldarei no lugar dele.

— Quanto tempo levará tudo isso?

— Cerca de uma semana. — Viu a expressão aflita de Kermit e tentou suavizar um pouco as coisas. — Talvez menos. Depende de quanto tempo vamos levar para encontrar uma orelha de elefante fresca e a culatra para secar. Agora fique quieto enquanto o costuro.

Kermit estava num estado de angústia tal que já parecia estar resignado à cirurgia que Leon realizava nele. Primeiro Leon lavou o ferimento com uma solução líquida de iodo e depois começou a trabalhar com a agulha e a linha. Qualquer dos dois procedimentos era razão mais que suficiente para fazer um homem forte chorar, mas Kermit parecia mais preocupado com o Grande Remédio do que com seu próprio sofrimento.

— E com que vou atirar enquanto isso? — queixou-se, ainda segurando o rifle.

— Por sorte trouxe meu velho Enfield .303 como reforço — respondeu Leon, atravessando uma dobra da pele com a agulha.

Kermit fez uma careta, mas continuou firme no assunto.

— Isso era uma arma de brincadeira — disse num tom ofendido. — Pode servir para animais pequenos, impalas ou até para gente, mas é muito leve para um leão.

— Se você se aproximar o suficiente e puser a bala no lugar apropriado, vai alcançar seu propósito.

— Me aproximar? Já sei o que isso quer dizer para você. Quer que enfie o cano no buraco do ouvido do maldito gato?

— Muito bem. Continue com seu estilo de sempre, atirando a seiscentos metros de distância. Mas não acho que isso dê certo.

Kermit ficou pensativo por um momento, mas não estava muito satisfeito com a ideia.

— O que acha de me emprestar esse seu enorme e velho Holland?

— Gosto de você como se fosse meu irmão, mas seria mais fácil lhe emprestar minha irmã mais nova por uma noite.

— Você tem uma irmã mais nova que você? — perguntou Kermit, subitamente interessado. — É bonita?

— Não tenho irmã nenhuma — mentiu Leon, decidido a proteger seus irmãos das atenções de Kermit — e não vou lhe emprestar meu rifle.

— Se é assim, não quero seu pequeno e patético .303 — reagiu Kermit de mau humor.

— Está bem. Então sugiro que peça a Manyoro que lhe empreste sua lança.

Manyoro sorriu à menção de seu nome.

Kermit balançou a cabeça e empregou todo o suaíli que sabia para falar com ele:

— Mazuri sana, Manyoro. Hacuna matatu! Muito bem, Manyoro. Não se preocupe. — O massai pareceu decepcionado, e Kermit se voltou para Leon: —

Está bem, amigo. Vou experimentar dar alguns tiros com seu rifle de brinquedo.

Kermit acordou no dia seguinte com o olho inchado e fechado e o torso cheio de grandes hematomas. Felizmente, era o olho esquerdo; o outro, usado para atirar, estava bom. Leon retirou uma parte da casca de uma árvore e fez um alvo para que ele atirasse a uma distância de sessenta passos; depois passou-lhe o .303.

— A esta distância, você vai acertar uns dois centímetros mais para cima, portanto mantenha a mira um pouco mais para baixo — disse Leon.

Kermit fez dois disparos, que acertaram bem na marca, um dedo de cada lado.

— Oba! Nada mau para um principiante. — Kermit também ficara impressionado. Estava visivelmente alegre.

— Muito bom até para um bom atirador como Popoo Hima — concordou Leon. — Mas só tem de lembrar que não deve atirar em nada que esteja acima da linha do horizonte.

Kermit não percebeu a piada.

— Vamos atrás de um leão — disse.

Naquela noite acamparam junto a um riacho que ainda tinha alguma água das últimas chuvas. Enfiaram-se embaixo das cobertas assim que comeram e pegaram no sono em poucos minutos.

Durante a madrugada Leon sacudiu Kermit para acordá-lo. Ele se ergueu rápido, meio aturdido.

— O que está acontecendo? Que horas são?

— Esqueça a hora, apenas ouça — disse Leon.

Kermit levantou a vista e viu que os dois massais e Ishmael estavam sentados junto ao fogo. Estavam alimentando-o com pedaços de madeira, e as chamas estavam bem vivas. Sua expressão era de concentração. Estavam de ouvidos atentos. O silêncio se prolongou por vários minutos.

— O que estamos esperando? — perguntou Kermit.

— Paciência. Apenas fique de ouvidos abertos — disse Leon. De repente a noite se encheu de ruído. Era um som baixo, mas que retumbava muito forte, subindo e descendo como ondas impulsioneadas por um furacão. Dava arrepios que percorriam todo o corpo até a nuca. Kermit jogou a manta para o lado e se levantou de um salto. O som foi se apagando com uma série de grunhidos parecidos com soluços. Parecia que o silêncio que se seguiu havia tomado conta de todo homem e animal da criação.

— Que diabo foi isso? — murmurou Kermit.

— Um leão. Um grande leão macho dominador proclamando seu reino — respondeu Leon em voz baixa. Manyoro acrescentou algo em maa; depois ele e Loikot riram do gracejo.

— O que ele disse? — perguntou Kermit.

— Disse que até o homem mais valente é duas vezes assustado por um leão. A primeira vez quando ouve seu rugido, e a segunda e última vez quando fica cara a cara com ele.

— Tem razão sobre a primeira vez – admitiu Kermit. — É um som incrível. Mas como você sabe que é um macho e não uma leoa?

— Como se distingue a voz de Enrico Caruso da de Dame Nellie Melba?

— Vamos atirar nele.

— Belo plano, amigo. Eu seguro a vela e você dispara. Seria fácil.

— Então o que vamos fazer?

— Eu, de minha parte, vou me meter debaixo de minha manta e procurar dormir um pouco. Você deveria fazer o mesmo. Amanhã vai ser um dia agitado. – Deitaram-se novamente ao lado do fogo, mas estavam bem longe de pegar no sono quando outro rugido estrondoso ressoou através da noite.

— Ouça-o! — murmurou Kermit. — O malandro está me convidando a sair para brincar. Como posso dormir com esse barulho? – Os últimos grunhidos, que pareciam o som de uma serra, se perderam no silêncio, e depois chegou outro som, quase um eco do primeiro rugido, distante e fraco. Os dois se sentaram, enquanto os massais diziam alguma coisa.

— Que diabo foi isso? — perguntou Kermit. — Parecia outro leão.

— Era exatamente isso – afirmou Leon.

— É irmão do primeiro?

— De jeito nenhum. É rival do primeiro leão e seu inimigo de morte. — Kermit estava para fazer outra pergunta, mas Leon o deteve. — Deixe-me falar com os massais. — A conversa, em maa falado rápido, não foi longa, e Leon voltou para junto de Kermit. — Muito bem, o que está se passando por aí é o seguinte: o primeiro leão é o macho mais velho e dominante. Este é seu território, e ele deve ter um harém grande de fêmeas com seus filhotes. Mas já está ficando velho e fraco. O segundo macho é jovem e forte, está na flor da idade. Acha que está pronto para desafiar o outro e ficar com seu território e seu harém. Está circulando pelos arredores e reunindo coragem para a luta de morte. O mais velho está tentando assustá-lo e afugentá-lo.

— Manyoro consegue dizer tudo isso depois de ouvir só alguns rugidos?

— Tanto Manyoro quanto Loikot falam a língua dos leões com fluidez – explicou Leon, com expressão séria.

— Nesta noite vou acreditar em qualquer coisa que me disser. Então teremos não apenas um, mas dois leões grandes?

— Sim, e não irão longe. O velho não se atreve a deixar a porta aberta, e o jovem pode sentir o cheiro das tais damas. Ele também não irá a lugar nenhum.

Depois disso, já não importava se iam dormir ou não. Sentaram-se junto ao fogo,

planejando a caçada com os massais e bebendo o melhor café de Ishmael, até que os primeiros raios de sol começaram a dourar as copas das árvores. Depois comeram as famosas omeletes de ovo de avestruz de Ishmael e uma travessa de seus especiais bolinhos de farinha e manteiga recém-saídos do fogo. Um ovo de avestruz equivalia a duas dúzias de ovos de galinha, dos grandes, mas não sobrou nenhum.

Enquanto limpavam o óleo do fundo da panela com pedaços dos bolinhos, Ishmael e os massais levantaram acampamento e carregaram as mulas. O ar ainda estava suave e fresco quando partiram para enfrentar o que lhes reservava o dia.

Uns dois quilômetros pelas barrancas rio abaixo, surpreenderam uma manada de várias centenas de búfalos que retornavam da água. Leon derrubou dois com disparos seguidos do cano esquerdo e depois do direito do Holland. Abriram a barriga dos animais para que o cheiro de carniça fosse transmitido através da brisa sufocante; depois as mulas os levaram a posições mais favoráveis, com terreno aberto em volta deles e sem possibilidade de que um leão ferido se refugiasse em algum matagal espesso próximo dali. Enquanto colocavam a isca, os carregadores cortavam feixes de galhos verdes e cobriam os corpos dos animais para dificultar a investida dos abutres e das hienas.

Cavalgaram rio abaixo até a área na qual os leões haviam rugido durante a noite. A cada dois ou três quilômetros, Leon disparava em qualquer mamífero grande que aparecesse: girafas, rinocerontes ou búfalos. Até o pôr do sol haviam preparado uma série atraente de iscas para leões ao longo de um trecho de uns quinze quilômetros.

Por mais uma noite foram privados de um sono tranquilo pelos rugidos dos dois adversários. Em certo momento o leão mais velho se aproximou tanto do lugar onde estavam deitados que o chão tremeu debaixo deles com o poder de sua voz, mas dessa vez não houve resposta de seu desafiador.

— O leão jovem encontrou uma de nossas iscas — foi como Manyoro interpretou seu silêncio. — Ele a está comendo.

— Achava que os leões nunca comiam carniça — disse Kermit.

— Imagine! São tão folgados quanto os gatos domésticos. Preferem que lhes deem de comer, sem se preocupar se o alimento está cheirando mal ou podre. Só se dão ao trabalho de caçar suas próprias presas quando não há outro jeito.

Duas horas depois da meia-noite, o leão velho deixou de rugir, e a escuridão ficou em silêncio.

— Agora ele encontrou uma isca para si — observou Manyoro. — Teremos os dois amanhã.

— Quantos leões tenho permissão para caçar? — perguntou Kermit.

— Quantos bastem para satisfazer até a você — respondeu Leon. — Os leões são uma praga na África Oriental Britânica. Pode matar quantos quiser.

— Que bom! Quero esses dois grandões. Quero mostrá-los a meu pai.

— Eu também — disse Leon firmemente. — Eu também.

Assim que o dia ficou suficientemente claro, os rastreadores leram os sinais voltando pela cadeia de pistas que haviam plantado. Leon e Kermit usavam jaquetas de abrigo, pois a manhã estava fria e perfumada como um bom chablis.

As três primeiras iscas de carne que verificaram não haviam sido tocadas, embora os abutres esperassem curvados e taciturnos em sua negritude nas copas das árvores, como coveiros. Quando chegaram à quarta, Leon parou a uns cem metros dela e, com o binóculo, examinou minuciosamente a pilha de galhos que a cobriam.

— Amigo, está perdendo seu tempo. Não há nada aí — disse Kermit.

— Ao contrário — respondeu Leon em voz baixa, sem baixar o binóculo.

— O que quer dizer? — perguntou Kermit, mais interessado.

— Quero dizer que há um grande leão macho por ali.

— Mas não vejo nada! Maldição!

— Tome. — Leon passou-lhe o binóculo.

Kermit acertou o foco e pôs-se a observar por um instante, dizendo:

— Continuo não vendo leão nenhum.

— Olhe no lugar onde os galhos estão mais separados. Está vendo as patas de uma zebra perto da abertura?

— Sim, estou vendo.

— Olhe agora acima da zebra. Está vendo dois pequenos vultos escuros do outro lado?

— Sim, mas aquilo não é um leão.

— Aquelas são as pontas de suas orelhas. Está colado no chão atrás da zebra, olhando para cá.

— Santo Deus! Tem razão! Vi uma orelha se mexer — exclamou. — De qual dos leões se trata? O jovem ou o velho?

Leon perguntou rapidamente a Manyoro. Loikot acrescentava suas opiniões a cada momento. Depois, virou-se para Kermit e disse:

— Respire fundo, meu amigo. Tenho boas notícias para você. Aquele é o grande. Manyoro o chama de "o leão de todos os leões".

— O que vamos fazer agora? Viemos até aqui para derrubá-lo?

— Não, viemos para que ele se mostre. — Leon já estava desmontando e tirando o grande Holland da capa. Abriu-o, tirou os cartuchos de bronze do carregador e trocou-os por dois novos. Kermit fez o mesmo com o pequeno Lee-Enfield. Os dois massais se adiantaram e tomaram as rédeas dos cavalos para levá-los para a retaguarda; depois deixaram no chão os cantis e ficaram de cócoras para cheirar um pouco de rapé. Logo se puseram de pé num salto e levantaram a lança de caçar leões, brandindo-a no ar com grunhidos ansiosos e dando grandes saltos a cada movimento da longa haste brilhante, preparando-se para a luta.

Assim que ficaram prontos, Leon instruiu Kermit:

— Você vai na frente. Estarei três passos atrás de você, para não bloquear seu campo de fogo. Ande devagar e num ritmo regular, mas não diretamente para ele. Faça parecer que você vai passar uns vinte passos a sua direita. Não o olhe de frente. Mantenha os olhos no chão, a sua frente. Se o olhar, vai assustá-lo, e ele sairá correndo e o atacará instantaneamente. Quando você estiver a uns cinquenta passos, ele vai lançar um rugido de advertência. Você vai notar que seu rabo começa a se mexer. Não pare nem se apresse. Continue andando. A uns trinta passos ele vai se levantar e olhá-lo de frente. Nesse momento, um leão comum foge ou ataca. Esse é diferente. O fato de estar em disputa com o jovem pretendente o deixou de humor belicoso e temerário. Seu sangue está em ebulição. Ele atacará. Vai lhe dar três ou quatro segundos e depois avançará. Você deve disparar antes que ele comece a se mover; do contrário, antes mesmo que você pisque, ele estará correndo a sessenta quilômetros por hora em sua direção. Quando eu gritar para você disparar, aponte para o meio de seu peito, bem debaixo do queixo. A pele desses bichos não é grossa. Até o .303 o derrubará. De qualquer maneira, continue disparando enquanto ele estiver de pé.

— Você não vai disparar, não é?

— Não até que ele comece a mastigar sua cabeça, meu amigo. Agora, ande! Vá!

Avançaram em formação aberta, com Kermit na frente, Leon alguns passos atrás e os massais depois dele, marchando ombro a ombro, com a assegai pronta.

— Excelente! — sussurrou Leon, encorajando Kermit. — Mantenha essa velocidade e direção. Você está indo bem. — Uns cinquenta passos adiante, Leon viu o leão levantar a cabeça alguns centímetros. A parte de cima já estava visível, mas, quando levantou a juba num gesto ameaçador, ela apareceu inteira. Era como um pequeno monte de palha denso e negro como o inferno. Kermit vacilou na metade de um passo. — Fique firme! Vá em frente.

Continuaram caminhando e já podiam ver os olhos do leão, frios, amarelos e implacáveis, sob a grande floresta da juba. Deram mais uns dez passos lentos, e o leão rugiu. Era um som lento, profundo, incrivelmente ameaçador, como um trovão distante numa tempestade. Ele fez que Kermit parasse para olhar a fera de frente, ao mesmo tempo que começava a levantar o longo rifle. Esse movimento e o olhar direto de Kermit provocaram o leão.

— Veja! Ele vem vindo — disse Leon com voz aguda, mas o leão já estava em pleno ataque na direção de Kermit, emitindo rugidos entrecortados e breves como os pistões de uma locomotiva a vapor em aceleração, com a enorme juba completamente eriçada pela raiva e o rabo balançando de um lado para outro. Ele era enorme, e ficava cada vez maior à medida que diminuía a distância entre eles ao avançar celeremente. — Atire!

A voz de Leon se perdeu em meio ao estalido surdo do .303. Com o tiro apontado às pressas, a bala passou voando por cima das costas do leão, levantando uma nuvem de pó uns duzentos metros atrás dele. Kermit foi rápido ao recarregar. Seu disparo seguinte foi muito baixo e atingiu o chão, entre as pernas dianteiras do animal. Ele continuou avançando – uma mancha amarela a toda a velocidade, rugindo com uma fúria de fazer o coração parar, levantando poeira e balançando o rabo.

"Deus do céu!", pensou Leon. "Ele vai derrubá-lo!" Pôs o Holland em posição, concentrando toda a sua força mental e física na grande cabeça de juba enorme e nas mandíbulas abertas, das quais saíam rugidos assustadores. Tinha consciência apenas de que seu dedo indicador ia puxar o gatilho. Um instante antes que o leão chocasse seus duzentos e cinquenta quilos a sessenta quilômetros por hora contra o peito de Kermit, este disparou a terceira bala.

A boca do Lee-Enfield .303 estava quase tocando o focinho do leão. A bala leve acertou bem na ponta do focinho e penetrou no cérebro. Kermit se lançou para um lado no último instante, e o leão caiu no lugar onde ele estava parado. Kermit olhou para ele com as mãos tremendo e a respiração passando com dificuldade pela garganta. O suor gotejava sobre seus olhos.

— Atire mais uma vez — gritou Leon, mas as pernas de Kermit fraquejaram, e ele se sentou. Leon se aproximou correndo e parou junto do leão, disparando à queima-roupa em seu coração. Depois foi até onde Kermit estava sentado, com a cabeça entre os joelhos. — Você está bem, amigo? — perguntou, realmente preocupado.

Levantando a cabeça lentamente, Kermit o olhou como se não o conhecesse. Balançou a cabeça, confuso. Leon se sentou ao lado dele e pôs o braço musculoso em volta de seus ombros.

— Acalme-se, meu amigo. Você fez um bom trabalho. Manteve-se firme no ataque. Não esmoreceu. Permaneceu ali e o derrubou como um herói. Se seu pai estivesse aqui, ia ficar orgulhoso de você.

Os olhos de Kermit ficaram mais claros. Ele respirou fundo e depois disse com voz rouca:

— Você acha?

— Estou certo disso — garantiu-lhe Leon com convicção.

— Você não disparou, não é? — Kermit ainda estava um pouco trêmulo, como um corredor de fundo recuperando o fôlego depois de uma corrida difícil.

— Não, não disparei. Você o matou sem nenhuma ajuda minha — assegurou-lhe Leon.

Kermit não voltou a falar e continuou sentado, olhando para o corpo magnífico do animal. Leon ficou a seu lado. Manyoro e Loikot começaram a dançar em volta deles arrastando os pés com as pernas retas e dando saltos, mudando de um pé para

o outro e depois com os pés juntos.

— Estão apresentando a dança do leão em sua honra — explicou Leon.

Manyoro começou a cantar com uma voz forte e precisa:

Nós somos os leões jovens.

Quando rugimos, a terra treme.

Nossas lanças são nossa presa,

Nossas lanças são nossas garras.

Depois de cada verso, saltavam muito alto, com a facilidade de aves levantando voo, e Loikot iniciava o estribilho. Terminada a canção, eles se aproximaram do leão morto e molharam os dedos em seu sangue. Em seguida, voltaram para junto de Kermit. Manyoro se agachou junto dele e fez uma risca de sangue em sua testa.

Você é massai.

Você é morani.

Você é um leão guerreiro.

Você é meu irmão.

Foi um pouco para trás, dando lugar a Loikot, que se pôs diante de Kermit, ungindo também o rosto dele, pintando listras vermelhas em ambos os lados de seu rosto, enquanto cantarolava:

Você é massai.

Você é morani.

Você é um leão guerreiro.

Você é meu irmão.

Ficaram de cócoras diante dele e começaram a bater palmas ritmicamente.

— Estão transformando você num massai e irmão de sangue. É a maior honra que podem lhe dar. Deveria agradecer-lhes.

— Vocês também são meus irmãos — disse Kermit. — Mesmo quando estivermos separados pela grande água, vou lembrar-me de vocês por todos os dias de minha vida.

Leon fez a tradução, e os massais murmuraram algo, agradecidos.

— Diga a Popoo Hima que ele nos concede uma grande honra — disse Manyoro.

Kermit se pôs de pé e se aproximou do corpo do leão. Ajoelhou-se diante dele como se estivesse num santuário. Sem tocá-lo imediatamente, pôs-se a observar a enorme cabeça, enquanto seu rosto resplandecia com um brilho especial. A juba começava cinco centímetros acima dos olhos amarelos, agora opacos, estendia-se para trás em várias ondas que cobriam a cabeça e o pescoço, caía sobre os ombros grandes, indo para baixo do peito, e só acabava na metade das costas amplas.

— Deixe-o tranquilo — disse Manyoro a Leon. — Popoo Hima está recolhendo o espírito de seu leão para pô-lo em seu próprio coração. É o correto e apropriado, é o que faz um verdadeiro guerreiro.

O sol já se escondera quando Kermit saiu de perto do leão e se aproximou da pequena fogueira junto à qual Leon estava sentado, sozinho. Ishmael havia posto um tronco de cada lado, para servir de assento, e outro, vertical, sobre o qual colocou duas canecas e uma garrafa. Quando Kermit se sentou diante de Leon, relanceou os olhos para a garrafa.

— Uísque Bunnahabhain envelhecido trinta anos — informou Leon. — Pedi uma garrafa a Percy para que pudéssemos comemorar caso algo assim acontecesse. Infelizmente, ele só me deu meia garrafa. Disse que é bom demais para nós. — Leon pôs um pouco em cada caneca e deu uma para Kermit.

— Estou me sentindo diferente — confessou Kermit, tomando um gole.

— Eu entendo — disse Leon. — Hoje foi seu batismo de fogo.

— Sim — respondeu Kermit com veemência. — É exatamente isso. Foi uma experiência mística, quase religiosa. Algo estranho e maravilhoso aconteceu comigo. Sinto-me como se fosse outra pessoa, melhor do que eu era. — Procurava as palavras adequadas. — Sinto-me como se tivesse voltado a nascer. Antes eu era assustado e inseguro. Hoje já não sinto medo. Agora sei que posso enfrentar o mundo a meu modo.

— Compreendo — confirmou Leon. — Rito de passagem.

— Isso aconteceu com você? — perguntou Kermit.

Leon semicerrou os olhos com dor ao lembrar os corpos pálidos crucificados nus sobre a terra seca pelo sol, ao ouvir novamente as flechas nandis e recordar o peso de Manyoro em suas costas.

— Sim, mas foi algo muito diferente do que houve aqui hoje.

— Conte-me como foi.

Leon balançou a cabeça, dizendo:

— São coisas sobre as quais não se deve falar muito. As palavras só conseguem empanar e diminuir seu significado.

— Certamente. É algo muito privado.

— Precisamente — concordou Leon e levantou a caneca. — Não devemos insistir nisso, mas guardá-lo no coração. Os massais têm uma expressão para descrever essa verdade compartilhada. Dizem só "guerreiros irmãos de sangue".

Permaneceram sentados durante um longo tempo, num silêncio compartilhado. Depois Kermit disse:

— Não creio que possa dormir esta noite.

— Farei vigília com você — dispôs-se Leon.

Passado um tempo, puseram-se a lembrar e falar dos detalhes menores da caçada do dia, de como soara o primeiro rugido, do tamanho do leão quando ele se erguera completamente, da velocidade com que se aproximara. Mas não falaram dos aspectos emocionais. O nível do uísque foi baixando lentamente na garrafa.



Um pouco antes da meia-noite, assustaram-se com um tropel de cavalos aproximando-se do acampamento na escuridão e o som de vozes falando inglês. Kermit se levantou.

— Que diabo, quem pode ser?

— Acho que posso adivinhar. — Leon riu entre dentes quando uma silhueta de calças de equitação e chapéu de lado se aproximou do fogo.

— Boa noite, Sr. Roosevelt, Sr. Courtney. Andava por aqui e resolvi passar para cumprimentá-los.

— Sr. Andrew Fagan, espero que não se importe que lhe diga que o senhor é um maldito mentiroso. Tem nos vigiado noite e dia durante quase duas semanas. Meus rastreadores descobriram suas pegadas todos os dias.

— Mas o que é isso, Sr. Courtney?! — disse Fagan, rindo. — "Vigiar" é uma palavra muito forte. Mas é verdade que tenho um interesse mais que passageiro no que os senhores vêm fazendo, interesse, aliás, compartilhado por todo o mundo. — Tirou o chapéu. — Podemos estender esta visita por algum tempo?

— Receio que tenha chegado um pouco tarde — respondeu Kermit. — Como pode ver, a garrafa está quase vazia.

— Por um incrível golpe do destino, tenho uma de reserva em meu alforje — disse Fagan e chamou seu fotógrafo: — Carl, pode, por favor, pegar para nós a garrafa de Jack Daniels' e vir participar da reunião conosco? — Quando já estavam todos acomodados em volta do fogo e haviam tomado o primeiro gole, Fagan perguntou: — Houve algo interessante por aqui hoje? Ouvimos alguns tiros vindos desta direção.

— Diga-lhe, Leon! — Kermit estava exultante, mas não queria se exhibir.

— Bem, já que menciona, esta tarde o Sr. Roosevelt conseguiu atirar num leão atrás do qual estávamos desde o início de nosso safári.

— Um leão! — Fagan deixou cair umas gotas do uísque. — Essa, sim, é uma verdadeira notícia. Como é ele, em relação ao que o presidente caçou há mais ou menos uma semana?

— Terá de avaliar por si mesmo — afirmou Leon.

— Podemos vê-lo?

— Venha por aqui — disse Kermit, ansioso, e, pegando um galho aceso da fogueira, levou-os ao local onde estava o leão. Até esse momento ele permanecera oculto pela noite. Levantou a chama para iluminar o local.

— Nossa! Mas é um monstro! — exclamou Fagan, voltando-se rapidamente para o

fotógrafo. — Carl, traga a câmera.

Durante quase mais de uma hora, convenceu Kermit e Leon a posar junto ao troféu, embora não tenha precisado insistir muito com Kermit, cuja visão estava alterada devido a tantos flashes disparados. Voltaram para junto do fogo e se serviram de mais bebida, enquanto Fagan pegava o bloco de anotações.

— Bem, diga-nos, Sr. Roosevelt, como se sente depois do que fez hoje?

Kermit ficou pensativo por um instante.

— Sr. Fagan, o senhor é caçador? Se for, será mais fácil explicar.

— Não, senhor, sou golfista, mas não caçador.

— Está bem. Para mim, esse leão foi como se o senhor tivesse feito um buraco de uma tacada no Aberto dos Estados Unidos, num desempate com Willie Anderson pelo título.

— Que descrição maravilhosa! O senhor tem o dom de saber escolher as palavras.

— Fagan escreveu rapidamente. — Agora me conte toda a história, passo a passo, desde que viu essa fera imensa pela primeira vez até o momento em que a matou.

Kermit continuava sob o efeito da emoção e do uísque. Não deixou escapar nenhum detalhe nem abriu mão de exagerar um pouco. Recorreu várias vezes a Leon com "Não foi assim? Não foi exatamente isso o que aconteceu?", para que ele confirmasse alguns detalhes mais precisos. E Leon o apoiava lealmente, como deve fazer um caçador com seu cliente. Finalmente, quando terminou o relato, permaneceram em silêncio, digerindo os detalhes. Quando Leon ia sugerir que fossem se deitar, um rugido ecoou na escuridão.

— O que foi isso? — perguntou Fagan. — Em nome de Deus, o que foi isso?

— É o leão que vamos caçar amanhã — explicou Kermit, sem se abalar.

— Outro leão? Amanhã?

— Sim.

— Incomodá-íamos se acompanhássemos vocês? — perguntou Fagan. Leon estava abrindo a boca para se opor, mas Kermit se adiantou a ele.

— É claro que não!

Logo cedo na manhã do dia seguinte, os esfoladores começaram a trabalhar no leão, cobrindo sua pele com uma camada espessa de sal grosso.

— Depois que terminarem, esperem aqui — disse Leon para os homens —, que vou mandar Loikot buscá-los.

Quando começou a clarear no lado leste, Leon se pôs a observar as copas das árvores do outro lado da clareira. Assim que conseguiu distinguir as folhas contra o céu do amanhecer, afirmou:

— Boa luz para atirar! Vamos montar, cavalheiros, por favor. — Quando já estavam todos a cavalo, Leon fez um sinal com a mão para Manyoro.

Com os dois rastreadores massais à frente, começaram a marcha em formação

fechada. Pouco a pouco, Leon foi fazendo que seu cavalo se atrasasse, até que ficou estribo com estribo com Fagan. Disse em voz baixa, porém firme:

— O Sr. Roosevelt foi muito generoso ao permitir que o senhor se juntasse à caçada. Por mim, não teria permitido. De qualquer modo, o senhor deve ter subestimado o perigo que isso representa. Se as coisas ficarem feias, alguém pode ficar seriamente machucado. Devo insistir que se mantenha bem atrás e longe de onde possa haver perigo.

— Certamente, Sr. Courtney, como achar melhor.

— Com "bem atrás" quero dizer ao menos duzentos metros. Estarei ocupado cuidando de meu cliente. Não poderei tomar conta de vocês também.

— Compreendo. Ficaremos a duzentos metros e tão silenciosos quanto um rato, senhor. O senhor nem vai perceber nossa presença lá.

Manyoro guiou-os até a outra isca para leões. Quando se aproximaram do cadáver inchado da velha girafa, um grupo enorme de abutres que estava se alimentando levantou voo, e um bando de umas doze ou mais hienas fugiu a toda num pânico grotesco, com o rabo enroscado nos quartos traseiros, rindo estridentemente, com as mandíbulas arreganhadas cheias de sangue e outros restos.

— Hapana. — Manyoro, levantando os ombros. — Nada.

— Há mais três iscas. Tem de estar numa delas. Não perca tempo, Manyoro. Leve-nos lá — disse Leon.

O segundo corpo estava no centro de uma clareira aberta de mato queimado havia pouco pelo fogo, cercada quase inteiramente por arbustos verdes kusaka-sakas, cuja folhagem densa caía até o chão e garantia um esconderijo seguro para um animal em fuga. Mas Leon havia conseguido arranjar um espaço de terreno amplo e descoberto em volta do animal morto, no qual eles pudessem operar.

A primeira coisa que chamou a atenção de Leon e mexeu com seus nervos foi que os galhos mais altos das árvores estavam carregados de abutres, e um grupo pequeno de quatro hienas estava junto aos arbustos. Tanto os abutres quanto as hienas se mantinham a boa distância da fêmea de búfalo morta no meio da clareira. Devia haver alguma coisa ali que não lhes agradava. Então, Manyoro, que se adiantara bastante, parou e fez um gesto discreto, mas expressivo, como se ele tivesse falado, prevenindo Leon de que o leão estava ali.

— Tenha cuidado. Ele está aqui — disse Leon para Kermit. — Espere. Manyoro está se aproximando. Deixe que ele trabalhe para nós. — Fagan e seu grupo se aproximaram. — Vocês ficarão aqui.

Não vão além daqui, até que lhes dê um sinal. Poderão ver tudo muito bem desta distância, mas devem ficar longe do perigo.

Manyoro estudava o vento. Era um vento leve e morno, mas soprava diretamente do ponto onde eles estavam para a isca. Manyoro balançou a cabeça e fez outro

gesto.

— Certo, amigo, o leão está sobre a presa — disse Leon para Kermit. — Estamos vendo-o. Mesma manobra que da última vez. Fique calmo. Não se apresse. Mas, faça o que fizer, não encare o maldito leão desta vez.

— Está bem, chefe. — Kermit estava sorrindo com um nervosismo excitado, e sua mão tremia quando tirou o rifle da capa. Leon esperava que o avanço lento lhe desse tempo para conseguir se dominar.

Desmontaram.

— Verifique sua arma. Certifique-se de que há uma bala no carregador. — Kermit fez o que ele lhe dizia, e Leon viu com alívio que suas mãos já não tremiam. Fez sinal para que Manyoro fosse para seu posto atrás deles, e então começaram a lenta e longa caminhada pela área aberta pela queimada.

A cada passo que davam, levantavam pequenas nuvens de cinza fina. Ainda estavam a duzentos e cinquenta metros do corpo do animal quando o leão se ergueu atrás dele. Era muito grande, em tudo tão grande quanto o leão velho. Sua juba estava completa, mas era cor de gengibre, só com as pontas pretas como carvão. Estava em ótimas condições, a pele era lisa e acetinada, sem feias cicatrizes. Quando rugiu, mostrou os dentes brancos e brilhantes, longos e perfeitos. Mas, por ser jovem, era imprevisível.

— Não olhe para ele! — aconselhou Leon, num sussurro. — Continue andando, mas não olhe para ele, pelo amor de Deus. Devemos nos aproximar mais. Muito mais. — Quando ainda estavam a uns cento e cinquenta metros do leão, ele rugiu outra vez e mexeu o rabo com ar hesitante. Virou a cabeça, balançando a grande juba, e deu uma olhada para trás.

"Que merda! Não!", queixou-se Leon consigo mesmo, e disse:

— Acovardou-se. Não vai defender seu terreno. Vai embora.

O leão voltou a olhá-los e rugiu pela terceira vez, mas o som que emitiu não tinha uma intensidade assassina. Então, de repente, girou sobre si mesmo e correu pelo terreno aberto em direção à segurança do matagal.

— Está fugindo! — gritou Kermit; deu três passos rápidos para frente e parou de chofre. Levantou o Lee-Enfield.

— Não! — gritou Leon em tom de urgência. — Não atire!

A distância era muito grande, e o leão, um alvo móvel muito veloz. Leon correu para frente para deter Kermit, mas do Lee-Enfield veio um ruído agudo, enquanto a boca saltava para o alto. Os longos e finos músculos do leão se moviam sob a pele acetinada como os de um atleta em plena forma. Leon viu a bala acertar. No ponto de impacto a pele saltou e se enrugou, como quando se joga uma pedra num lago sereno e profundo. A bala entrou no flanco do leão, dois palmos atrás da última costela, abaixo da linha central do corpo.

— Tiro nas tripas! — reclamou Leon. — Muito atrás.

O leão fugiu ao receber o impacto e lançou-se numa corrida louca. No tempo que Leon levou para pôr o rifle no ombro, o animal já havia chegado à segurança do matagal. Estava muito além da precisão do Holland. De todo modo, Leon se sentia na obrigação de disparar. O leão estava ferido. Era seu dever moral tentar matá-lo, por mais remotas que fossem as possibilidades de sucesso. Disparou o primeiro tiro, mas só para ver a pesada bala cair antes de alcançá-lo, levantando pó sob o peito do leão. O barulho de seu segundo tiro se misturou com o do primeiro, mas ele não viu o impacto, pois o leão desapareceu no meio do matagal. Olhou para trás rapidamente, e Manyoro tocou a perna esquerda.

— Quebrei sua maldita perna traseira — disse Leon com raiva. — Isso não o fará diminuir muito a velocidade. — Retirou os cartuchos usados e recarregou o Holland. — Não fique aí parado olhando a paisagem com o rifle vazio — disse para Kermit, provocando-o. — Recarregue essa porcaria.

— Sinto muito — disse Kermit, envergonhado.

— Eu também sinto — respondeu Leon com severidade.

— Estava fugindo — tentou explicar.

— Pois bem, agora fugiu mesmo, com sua bala no estômago.

Leon fez sinal para Manyoro, chamando-o, e ambos ficaram de cócoras, falando bem próximos um do outro. Conversavam com expressão séria. Depois de algum tempo, Manyoro voltou para junto de Loikot, e os dois massais cheiraram um pouco de rapé. Leon se sentou sobre a terra nua, com o Holland sobre as pernas. Kermit estava sentado um pouco mais longe, observando a expressão de Leon, que o ignorava.

— O que vamos fazer agora? — acabou perguntando.

— Vamos esperar.

— Esperar o quê?

— Que o pobre infeliz sangue e seus ferimentos se fechem.

— E depois?

— Depois, Manyoro e eu iremos até lá e o faremos sair.

— Vou também.

— Não! Decididamente não, diabos! Você já teve sua dose de diversão por hoje.

— Você pode ficar ferido.

— Essa é uma possibilidade óbvia — disse Leon estalando a língua, com ar aborrecido.

— Dê-me outra oportunidade, Leon — pediu Kermit em tom queixoso.

Leon virou a cabeça e olhou diretamente para ele pela primeira vez desde o ocorrido. Seus olhos estavam duros e frios.

— Diga-me por que deveria fazer isso.

— Porque esse magnífico animal está morrendo lenta e dolorosamente, e fui eu que o feri. Devo isso a Deus, ao leão e a minha sagrada honra... ir atrás dele como homem e pôr fim à sua agonia. Você entende isso?

— Sim — respondeu Leon, e sua expressão se suavizou. — Compreendo muito bem e cumprimento-o por isso. Iremos juntos, e considerarei uma honra ter você a meu lado.

Estava para dizer mais alguma coisa, mas ao olhar para a clareira sua expressão se transformou em horror. Levantou-se de um salto.

— Aquele idiota acha que está brincando de quê?

Andrew Fagan cavalgava lentamente ao longo da beira do matagal. Ia direto ao lugar onde o leão ferido desaparecera. Leon desabalou numa corrida para tentar desviá-lo.

— Volte, maldito idiota! Volte! — gritou a plenos pulmões.

Fagan nem sequer se virou. Cavalgava lentamente em direção a um perigo mortal. Leon corria a toda a velocidade, avançando com rapidez, e dessa vez não gritou. Estava guardando fôlego para o momento terrível que ele sabia que viria. Quando se aproximou o suficiente para que Fagan o ouvisse, gritou:

— Fagan, seu idiota! Afaste-se daí! — Leon agitava o rifle acima da cabeça. Dessa vez Fagan se virou para olhá-lo e agitou alegremente seu chicote de equitação, mas não parou o cavalo. — Volte já para cá imediatamente! — A voz de Leon estava no máximo do desespero.

Dessa vez Fagan parou o cavalo, e seu sorriso desapareceu. Virou-se para Leon, e nesse momento o leão irrompeu da densa cortina do matagal a toda, rugindo de fúria. Com a juba arrepiada e os olhos amarelos soltando faíscas, corria na direção de Fagan.

O cavalo do jornalista levantou a cabeça e em seguida se ergueu nas pernas traseiras. Fagan ficou com um só pé no estribo e foi lançado sobre o pescoço do cavalo. O animal disparou, e Fagan se agarrou a ele com os dois braços. Àquela distância, o leão era mais rápido que o cavalo e o cavaleiro e, assim, rapidamente os ultrapassou. Saltou e cravou as grandes garras amarelas das patas dianteiras na garupa da cavalgada.

O cavalo relinchou de dor e corcoveou com violência na tentativa de escapar das terríveis garras. Fagan foi atirado ao chão com um ruído surdo, como um saco de carvão lançado de um caminhão, mas o pé ficou preso no estribo e ele foi sendo arrastado atrás do cavalo, que lutava desesperado sob as patas traseiras do leão. Ele relinchava e escoiceava selvagememente, tentando se livrar do atacante. Seus cascos passavam como um raio ao redor da cabeça de Fagan. Como uma das patas traseiras do leão estava quebrada, ele não podia firmar-se no chão para fazer parar o cavalo. A luta ficou quase completamente escondida pelas nuvens da cinza do mato

queimado levantada pelas patas dos animais. Sem poder ver direito por causa dessa nuvem de pó, Leon não se atrevia a disparar, com medo de atirar no homem em vez de no leão. Então, o couro do estribo a que Fagan estava preso arrebentou devido à tensão, e ele foi lançado longe.

— Fagan, venha para cá! — berrava Leon.

Dessa vez Fagan reagiu rápido. Levantou-se ainda com o estribo de metal no pé direito e se arrastou até ele. Atrás dele, o leão e o cavalo continuavam lutando. O cavalo ainda dava coices com ambas as patas traseiras, arrastando o leão num círculo, enquanto ele rugia, com as garras dianteiras firmes, e tentava morder as altas ancas do cavalo.

O cavalo deu outro coice e atirou ambas as patas com toda a força no peito do leão. O golpe foi tão forte que ele foi lançado para trás, e suas garras soltaram a carne do cavalo. Rodou de costas, mas no mesmo movimento saltou sobre as patas. O cavalo fugiu num galope desenfreado, espirrando sangue dos profundos ferimentos na anca; o leão começou a persegui-lo, mas a figura de Fagan correndo desviou sua atenção. Mudou rapidamente de direção e foi atrás do homem. Fagan olhou para trás e pôs-se a gemer de modo lamentável.

— Venha para cá! — Leon estava correndo para ir ao encontro dele, mas o leão era mais rápido. Ainda não podia disparar, porque Fagan estava exatamente entre ele e a fera. Em um segundo o pegaria. — No chão! — gritou Leon. — Deite-se no chão para que eu possa disparar.

Talvez obedecendo, embora fosse muito provável que suas pernas simplesmente tivessem amolecido, paralisadas de medo, Fagan desabou e, como um tatu, fez de conta que era uma bola sobre a terra seca, com os joelhos no peito e as mãos entrelaçadas atrás da cabeça. Seus olhos estavam fechados com força, e o rosto era uma pálida máscara de terror. Já era quase tarde demais. O leão se aproximou, veloz e silencioso como a morte, já sem rugir nos momentos fatais do ataque, de mandíbulas abertas e dentes à mostra, e esticou o pescoço para morder o corpo indefeso de Fagan.

Leon atirou com o primeiro cano, e a bala se chocou contra a mandíbula inferior do animal. Pedacinhos brancos de dentes voaram como dados saindo de um copo. Depois a bala expandida prosseguiu com grande força ao longo do grande corpo do leão, do peito ao ânus. Isso o fez cair para trás, de pé, balançando-se desequilibradamente, com a cabeça dependurada e o sangue gotejando das mandíbulas abertas. O segundo tiro de Leon acertou seu ombro, estraçalhando o osso e rompendo o coração. O leão caiu para trás numa massa de membros soltos, de olhos fechados. Suas mandíbulas destroçadas e ensanguentadas buscavam o ar inutilmente.

Leon tinha outros dois grossos cartuchos de bronze prontos entre os dedos da mão

esquerda. Com um movimento do polegar na alavanca de cima e um movimento seco do pulso, o Holland se abriu, e, quando os cartuchos vazios saltaram, ele os substituiu com um movimento hábil, veloz como um jogador trapaceiro escondendo um ás na palma da mão. O Holland saltou de novo para o ombro. Leon disparou a bala de segurança no peito do leão, e a pata traseira que estava boa continuou a se mexer, nos espasmos finais da morte, e depois ficou imóvel.

— Obrigado por sua cooperação, Sr. Fagan. Pode se levantar agora — disse Leon educadamente.

Fagan abriu os olhos e olhou como se esperasse estar diante das portas do paraíso. Todo dolorido, ele se pôs de pé.

Seu rosto estava branco como uma máscara de cabúqui, mas brilhante de suor, e o corpo, coberto de cinzas. No entanto, a parte da frente de suas calças de montar de vinte dólares da Brooks Brothers estava empapada. Quando começou a avançar a passo inseguro na direção de Leon, suas botas faziam um estranho ruído, como se estivessem chapinhando na água.

O cavalheiro Andrew Fagan, baluarte do quarto poder, decano da American Associated Press, membro do comitê do New York Racquets Club e capitão com oito de vantagem do Golf Club da Pensilvânia, acabava de urinar copiosamente nas calças.

— Diga-me a verdade, senhor, não acha que isso foi muito mais excitante do que dezoito buracos de golfe? — perguntou Leon com suavidade.

Finalmente, o grande safári presidencial deixou as margens do rio Ewaso Ng'iro e se deslocou para noroeste, atravessando aquela linda região distante e selvagem. Kermit e Leon aproveitavam os dias que lhes restavam, cada vez mais curtos. Cavalgavam por longas distâncias e saíam muito para caçar, quase sempre com sucessos notáveis. Depois que Leon consertou o Grande Remédio, Kermit nunca mais errou outro disparo. Leon se perguntava se isso era devido ao feitiço de Lusima ou ao fato de que ele inculcara em Kermit seu próprio código de ética, conhecimentos e respeito pela presa que ambos perseguiam. Mas a verdadeira magia não estava em nenhum feitiço, e sim no próprio Kermit, que havia amadurecido até se tornar um caçador experiente e responsável, um homem com equilíbrio e autoconfiança. A amizade entre eles, testada e aprovada, assumiu um caráter firme e duradouro.

Quatro meses depois de deixar o Ewaso Ng'iro, o safári chegou à poderosa corrente do Nilo Vitória, num lugar chamado Jinja, na cabeceira desse imenso corpo de água fresca, o lago Vitória. Era aí que iam se separar.

O contrato de Percy Phillips terminava no rio. Na costa oriental do Nilo havia outro grande acampamento. Quentin Grogan estava ali à espera de suceder Percy e acompanhar o presidente Roosevelt até o norte, por Uganda, Sudão e Egito até

Alexandria, no Mediterrâneo. Dali, ele e sua comitiva iam embarcar para Nova York.

Roosevelt ofereceu um almoço de despedida às margens do Nilo. Embora não bebesse álcool, permitiu que fosse servido champanhe a seus convidados. Foi uma reunião cordial, que terminou com um discurso do presidente. Ele ia escolhendo um a um seus convidados e entretinha os outros com algum comentário divertido ou sensível a respeito da pessoa a quem se dirigia. Enquanto isso, ecoavam gritos de "Aqui! Aqui!" e "Porque ele é um bom camarada...".

Por fim, foi a vez de Leon. Ele narrou detalhes da caçada ao leão e do resgate de Andrew Fagan. A plateia ficou muito satisfeita quando ele se referiu a esse infeliz cavalheiro como representante do "jornalismo de pouco peso". Fagan não estava presente, pois deixara de perseguir o safári pouco depois do episódio com o leão. Abalado, voltou para Nairóbi.

— Isso me lembra... quase me esqueço. Ele não havia feito uma aposta com você, Kermit? Algo relacionado com o leão maior? — continuou o presidente, entre risos dos convidados.

— Realmente, papai, e de fato era maior!

— Apostamos cinco dólares, não foi?

— Não, papai, foram dez.

— Cavalheiros – Roosevelt apelou para os comensais. — Foram cinco ou dez?

Ouviram-se muitos gritos divertidos de "Dez! Foram dez! Pague, senhor! Aposta é aposta!".

Ele suspirou e pegou a carteira, tirou uma nota verde e a fez circular por todos, até o lugar onde Kermit estava sentado.

— Pago integralmente — disse. — Todos vocês são testemunhas. — Logo depois, dirigiu-se aos convidados: — Nem todos vocês sabem que meu filho foi nomeado membro honorário da tribo massai por seus dois rastreadores depois do tiro que desferiu naquele esplêndido leão.

Outros gritos de "Bravo!" ecoaram no recinto, com o refrão "Kermit é um bom companheiro...".

O presidente fez um gesto com a mão, pedindo silêncio.

— Creio que seria justo que eu retribuísse essa honra — disse, olhando para Leon. — Por favor, pode chamar Manyoro e Loikot? — Um pouco antes, haviam avisado Leon de que ambos iam ser chamados pelo buana Tumbo, nome suaíli do presidente Roosevelt, que queria dizer "Cavalheiro Grande Pança".

Manyoro e Loikot estavam esperando na parte de trás da barraca e se aproximaram rapidamente. Estavam resplandecentes em suas shukas vermelhas esvoaçantes, de cabelo trançado e pintado de ocre-avermelhado e lustrado com gordura. Levavam consigo a assegai de enfrentar leão.

— Leon, por favor, traduza para os distintos cavalheiros o que vou lhes dizer — pediu o presidente. — Vocês outorgaram a meu filho, buana Popoo Hima, a grande honra de sua tribo. Deram a ele o título de morani dos massais. Agora, eu outorgo a vocês o título de guerreiros de meu país, os Estados Unidos da América. Aqui estão os documentos que provam que vocês se tornaram cidadãos americanos. — Virou-se para seu secretário, que estava atrás de sua cadeira, e pegou os rolos dos certificados de cidadania amarrados com fita vermelha. Entregou-os aos massais, cumprimentando ambos com um aperto de mão. Espontaneamente, Manyoro e Leon começaram a dança do leão em volta da mesa do almoço. Kermit se pôs de pé num salto e se uniu a eles, saltando, mexendo os pés e fazendo gestos. Os convivas aplaudiam e riam, enquanto o presidente se mexia em sua cadeira, rindo, achando graça. Quando a dança terminou, Manyoro e Loikot saíram da barraca com grande dignidade.

O presidente se levantou de novo.

— Agora, para os amigos que nos deixam hoje, tenho algumas lembranças do tempo agradável que passamos juntos. — Seu secretário entrou novamente na barraca, levando uma pilha de pastas contendo desenhos. O presidente as pegou e, caminhando em torno da mesa, entregou uma a cada um dos convidados. Quando Leon abriu a sua, encontrou uma dedicatória pessoal a ele: "Para meu bom amigo e grande caçador Leon Courtney, como lembrança dos felizes dias passados com Kermit e comigo nos Campos Elíseos da África. Teddy Roosevelt".

A pasta continha dezenas de cenas desenhadas à mão. Cada uma delas reproduzia algum fato extraordinário ocorrido nos últimos meses. Uma delas mostrava Kermit sendo lançado do cavalo e se intitulava: "Filho e herdeiro do autor é alvo de piadas engraçadas do poderoso caçador que presenciava a queda". Em outra aparecia Leon matando o leão, e nela Roosevelt escrevera: "Conhecido jornalista salvo de se tornar comida de leão pelo poderoso caçador e expressões de alegria de meu filho e herdeiro ao testemunhar essa façanha".

Leon estava surpreso e comovido pelo presente, cujo valor ele sabia ser incalculável, pois cada linha fora escrita de próprio punho pelo poderoso chefe de governo.

Logo o almoço chegou ao fim. Os barcos estavam de prontidão, esperando para levar a comitiva presidencial até o outro lado do rio. Leon e Kermit caminharam juntos, em silêncio, até o dique. Nem um nem outro conseguia pensar em palavras que não soassem banais ou sentimentais.

— Você leva um presente meu para Lusima, parceiro? — disse Kermit, quebrando o silêncio enquanto caminhavam para a beira d'água. Entregou a Leon um pequeno rolo de cédulas verdes. — São só cem dólares. Ela merece muito mais. Diga-lhe que meu bunduki atirou muito bem, graças a ela.

— É um presente generoso. Com isso vai poder comprar umas dez vacas das boas. Não há nada que um massai deseje mais do que isso — disse Leon, enquanto trocavam um aperto de mão.

— Até logo, companheiro. Como diriam os ingleses, foi uma bela diversão!

— E os americanos diriam que foi superimpressionante. Adeus e boa viagem, meu amigo — disse Leon, estendendo-lhe a mão.

Kermit cumprimentou-o, dizendo:

— Eu lhe escreverei.

— Aposto que é isso que diz a todas as garotas.

— Você vai ver — respondeu Kermit. Tomou o barco que o esperava, e este começou a se afastar da costa para atravessar a vasta extensão de água do Nilo. Quando sua voz já estava quase fora do alcance do amigo, Kermit ficou de pé na popa e gritou alguma coisa. Mas Leon conseguiu entender as palavras acima do troar das quedas d'água a jusante. — Guerreiros irmãos de sangue!

Leon riu, agitou o chapéu e respondeu gritando também:

— Rifles ao alto!

— E agora, meu caro amigo, é hora de descer de volta à terra. Para você, a diversão acabou. Você tem trabalho a fazer. Primeiro, deve ir ver os cavalos e certificar-se de que eles sejam devolvidos em segurança a Nairóbi. Depois vai recolher os troféus que deixamos nos acampamentos ao longo do caminho. Assegure-se de que estão bem secos e salgados, para empacotá-los e levá-los à via férrea, nas planícies de Kapiti. Têm de ser enviados ao Smithsonian, nos Estados Unidos, o mais breve possível, de preferência amanhã. Você deve se encarregar de todos os equipamentos e veículos, inclusive os cinco carros puxados por bois e os dois automóveis. Tudo isso ficou na estrada durante boa parte do ano, e alguns devem estar em péssimas condições. Em seguida, volte ao Acampamento Tandala, a fim de que tudo esteja preparado para nossos próximos clientes. Tenho vários agendados, entre eles lorde Eastmont, que há dois anos contratou o safári comigo. Naturalmente, você pode contar com Hennie Du Rand para ajudá-lo, mas mesmo assim você ficará afastado de qualquer travessura por um bom tempo. Receio que não vai ver tão cedo as damas de Nairóbi.

Percy deu uma piscada para ele.

— Quanto a mim, deixo tudo em suas mãos. Vou voltar para Nairóbi. Minha velha perna de búfalo está doendo como o diabo, e o doutor Thompson é o único que pode dar um jeito nela.

Vários meses depois, Leon pôs todas as ferramentas em um dos carros e foi para Tandala, seguido de perto pelo outro veículo, dirigido por Hennie Du Rand. Desde o amanhecer desse dia, haviam percorrido quase trezentos quilômetros por caminhos empoeirados e cheios de buracos. Leon desligou o motor, que deu uma engasgada

antes de parar. Desceu rápido do carro, tirou o chapéu e bateu-o na perna, tossindo em seguida por causa da nuvem de pó fino como talco.

— Que diabo, por onde você andava? — disse Percy, saindo de sua barraca. — Quase já o tinha dado por morto. Quero falar com você imediatamente.

— Onde é o incêndio? — perguntou Leon. — Estou dirigindo desde as três da manhã. Preciso tomar um banho e me barbear antes de dizer outra palavra, e não estou disposto a ouvir bobagens de ninguém, nem mesmo de você, Percy.

— Está bem, está bem — disse Percy, sorrindo. — Vá tomar seu banho. Está mesmo precisando. Depois gostaria de tomar alguns minutos de seu precioso tempo.

Uma hora depois Leon entrou na barraca-refeitório, onde Percy estava sentado atrás de uma longa mesa, com os óculos na ponta do nariz. Diante dele estava uma pilha de cartas sem responder, contas, livros de contabilidade e outros documentos. Os dedos da mão que usava para escrever estavam pretos de tinta.

— Desculpe-me, Percy. Não devia ter lhe falado daquele modo — disse Leon, arrependido.

— Não foi nada. — Percy deixou de lado a pena e o tinteiro e fez um gesto na direção da cadeira, do outro lado da mesa. — Um homem famoso como você tem direito de ficar de mau humor às vezes.

— O sarcasmo é o mais baixo traço de personalidade — afirmou Leon, ficando irritado de novo. — A única coisa que sou aqui é um famoso serviçal.

— Olhe! — Percy empurrou uma pilha de jornais diários sobre a mesa. — É melhor que leia isso. Vai levantar seu ânimo.

Perplexo, de início, Leon começou a ler os recortes que haviam sido retirados de dezenas de jornais e revistas dos Estados Unidos e da Europa, publicações tão distintas que iam do Los Angeles Times ao Deutsche Allgemeine Zeitung, de Berlim. Havia mais matérias em alemão do que em inglês, o que o deixou surpreso. De todo modo, o alemão que aprendera na escola foi suficiente para entender o principal. Uma delas dizia: "O maior caçador branco da África. Quem afirma isso é o filho do presidente dos Estados Unidos". Abaixo da notícia havia uma foto de Leon com aspecto heroico e galante. Ele deixou esse recorte de lado e pegou o seguinte, que mostrava uma fotografia sua dando a mão a Teddy Roosevelt, que sorria francamente. A legenda dizia: "'Prefiro um caçador de sorte a um esperto', disse o coronel Roosevelt, que cumprimenta Leon Courtney depois de este caçar um imenso leão devorador de carne humana".

A seguinte tinha como protagonista Leon, que estava segurando um par de longas presas de elefante, que de tão curvas formavam um arco acima de sua cabeça. A legenda dizia: "O maior caçador da África, com um par de presas de tamanho inusitado". Outras matérias mostravam Leon apontando um rifle para um animal imaginário fora do quadro ou galopando pela savana entre manadas de animais

selvagens, com uma expressão sempre agradável e cortês. Havia centenas de centímetros de colunas de texto. Leon contou quarenta e sete artigos. O último deles tinha como título: "O homem que salvou minha vida. 'Não acha que isso foi muito mais excitante do que dezoito buracos de golfe?' Autor:

Andrew Fagan, repórter especial, colaborador da American Associated Press".

Quando terminou de ler todas as matérias, Leon empilhou os recortes e os fez deslizar de volta ao longo da mesa, mas Percy imediatamente os mandou de volta para ele, dizendo:

— Não os quero. Não só dizem bobagens como são muito doentios e adutores para meu gosto. Pode queimá-los ou devolvê-los a seu tio Penrod. Foi ele que os colecionou. Por falar nele, seu tio quer vê-lo, mas falaremos disso depois. Primeiro quero que você leia esta correspondência. É muito mais interessante. — Percy passou para Leon uma pilha de envelopes.

Leon examinou um por um e viu que quase todas as cartas haviam sido escritas em papel caro – pergaminho ou pesado papel de linho, com impressões em relevo. A maioria fora escrita à mão, mas algumas haviam sido datilografadas em papel mais barato. Estavam endereçadas de várias maneiras: "Herr Courtney, Glücklicher Jäger, Nairóbi, Afrika"; ou "M. Courtney, Chasseur Extraordinaire, Nairóbi, Afrique de l'Est"; ou, mais simplesmente, "Para o melhor caçador da África, Nairóbi, África".

Leon olhou para Percy.

— O que é isso?

— Consultas de pessoas que leram os artigos de Andrew Fagan e querem vir caçar com você. Pobres almas ignorantes! Não sabem o que fazem – disse Percy secamente.

— Estão endereçadas a mim, mas você as abriu — acusou Leon, muito sério.

— Pensei que fosse querer que eu as lesse. Poderiam conter algo que precisasse de resposta urgente — respondeu Percy, dando de ombros com ar inocente.

— Um cavalheiro não abre correspondência alheia — disse Leon, olhando-o nos olhos.

— Não sou um cavalheiro, mas seu chefe, e não se esqueça disso, rapaz.

— Isso pode mudar com a velocidade de um relâmpago — foi a resposta de Leon, que intuía a autoridade e o novo status que as cartas em sua mão lhe conferiam.

— Vamos lá, meu caro, não nos apressemos. Você tem razão. Eu não devia ter aberto as cartas, e peço desculpas. Foi um deslize terrível de minha parte.

— Meu caro Percy, aceito de modo incondicional suas desculpas sinceras.

Permaneceram em silêncio enquanto Leon lia a última carta.

— Há uma carta de uma princesa alemã, Isabella von Hoherberg ou algo parecido — disse Percy, quebrando o silêncio.

— Já a li.

— Juntou uma fotografia – acrescentou Percy servilmente. — Nada má para um homem de minha idade. Mas você gosta das maduras, não é?

— Cale-se, Percy — acabou dizendo Leon, levantando a vista. — Lerei o resto depois.

— Você acha que este é um bom momento para falarmos sobre minha proposta de formarmos uma sociedade?

— Percy, estou profundamente tocado. Nem por um momento pensei que tivesse falado a sério.

— Absolutamente a sério.

— Muito bem. Vamos conversar.

Já era quase noite quando concluíram a conversa sobre o novo arranjo financeiro.

— Uma última coisa, Leon. Você precisa pagar o uso particular que fizer do carro. Não vou financiar suas incursões amorosas a Nairóbi.

— Acho justo, Percy, mas, se você vai impor essa condição, de minha parte quero propor duas.

Percy se mostrou receoso e incomodado.

— Vejamos do que se trata.

— Do nome de nossa empresa — esclareceu Leon.

— É Phillips & Courtney Safáris, é claro — disse Percy apressadamente.

— Esse não é um nome alfabeticamente correto, Percy. Não deveria ser Courtney & Phillips ou, mais simplesmente, C & P Safáris?

— Esse show é meu! Deveria ser P & C Safáris — protestou Percy.

— Já não é mais o seu show. É o nosso show agora.

— Sujeitinho convencido! Vamos deixar isso por conta da sorte. — Enfiou a mão no bolsinho do colete e tirou dele um xelim de prata. — Cara ou coroa?

— Cara — disse Leon.

Percy jogou a moeda para o alto e a recolheu quando caía, cobrindo-a com a mão direita.

— Está certo de que é cara mesmo que você quer?

— Vamos, Percy! Vamos ver o que deu.

Percy espiou sob a mão e suspirou.

— É o que acontece com o leão mais velho quando o jovem começa a provar sua aveia — lamentou-se.

— Leões não comem aveia. Vamos ver o que está escondido.

Percy lhe mostrou a moeda e disse, rindo:

— Muito bem, você ganhou. Será C & P Safáris. E qual é sua segunda condição?

— Quero que nosso contrato de sociedade tenha a data do primeiro dia do safári de Roosevelt.

— Ei, isso não vale! Na verdade, você está me atirando na cara sua fama! Quer

que eu lhe pague comissão integral por sua caçada com Kermit Roosevelt! — exclamou Percy, exagerando nos gestos para mostrar incredulidade e aborrecimento.

— Chega, Percy, está me cortando o coração! — disse Leon, rindo.

— Seja razoável, Leon. Isso chegará a quase duzentas libras!

— Duzentas e quinze, para sermos exatos.

— Você está se aproveitando de um homem velho e doente.

— Para mim, está com muita saúde e bem-disposto. Estamos de acordo, então?

— Acho que não tenho alternativa, rapaz sem coração.

— Posso considerar isso um "sim"?

Percy assentiu com a cabeça de má vontade, depois esboçou um sorriso e estendeu a mão para Leon, só que agora sorria triunfante.

— Teria subido até os trinta por cento de comissão se você tivesse insistido, em vez dos míseros vinte e cinco por cento que aceitou.

— E eu teria baixado para vinte se você tivesse pressionado um pouco mais. — O sorriso de Leon também estava triunfante.

— Bem-vindo a bordo, sócio. Acho que vamos nos dar muito bem. Suponho que vá querer suas duzentas e quinze libras agora mesmo, não? Suponho que não vai querer, de jeito nenhum, esperar até o final do mês, não?

— Supôs certo. Quero receber agora e não no final do mês. Outra coisa. Faz quase um ano que não tenho um momento para mim. Vou tirar uns dois dias livres e precisarei de um carro. Tenho algumas coisas para resolver em Nairóbi, e talvez também tenha de ir mais longe.

— Apresente à dama, quem quer que seja ela, meus sinceros cumprimentos.

— Percy, devo avisar que sua braguilha está aberta e sua mente está voando.

A primeira parada de Leon em Nairóbi foi nos escritórios centrais da Companhia de Comércio Grande Lago Vitória, na rua principal. O motor do Vauxhall ainda estava gaguejando e soltando fogo ruidosamente pelo escapamento, preparando-se para parar de vez, quando Goolam Vilabjhi saiu precipitadamente de sua loja e foi cumprimentá-lo. A Sra. Vilabjhi o seguia de perto, cercada por uma horda de pequenos anjinhos femininos de pele cor de caramelo, cabelo preto como carvão e enormes e líquidos olhos escuros, todas vestindo brilhantes sáris e chilreando como estorninhos.

O Sr. Vilabjhi tomou a mão de Leon antes mesmo que ele descesse da caminhonete, dizendo:

— O senhor é mil e uma vezes bem-vindo, honorável sahib. Desde que nos visitou a última vez, meus olhos não encontraram nenhum panorama melhor em que pousar do que seu amável rosto.

Levou Leon para dentro da loja sem soltar sua mão direita, enquanto com a outra fazia gestos na direção das crianças, que iam e vinham por ali.

— Vão para fora! Saiam! Meninas malvadas! Perversos e incivilizados personagens do sexo feminino! — gritou, mas elas não lhe deram a menor atenção, a não ser pelo cuidado que tomavam para ficar longe de seu alcance. — Por favor, me desculpe e esqueça, sahib. Ai, ai, ai, a Sra. Vilabjhi só produz personagens do sexo feminino, apesar de meu grande empenho no sentido contrário.

— São todas muito bonitas – disse Leon educadamente. Isso animou a menor a se esgueirar sigilosamente por baixo da mão do pai, que se agitava sem nenhum resultado, e se aproximar nas pontas dos pés para pegar na mão de Leon. E assim ajudou o pai a levá-lo para dentro da loja.

— Entre, entre, por favor, sahib, o senhor é dez mil vezes bem-vindo. – O Sr. Vilabjhi e a menina o levaram até a parede do fundo da loja. As imagens coloridas da deusa Kali, de rosto verde e muitos braços, e de Ganesh, o deus de cabeça de elefante, haviam sido transferidas para a parede de trás para dar lugar à mais recente peça incorporada à galeria: uma grande moldura dourada que enquadrava uma placa de madeira entalhada com ornatos e decorada com lâminas de ouro. Nela se lia a seguinte inscrição:

Respeitosamente dedicado ao cavalheiro Leon Courtney, jogador de polo conhecido em todo o mundo e shikari. Estimado e muito amado amigo e bom companheiro do cel. Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América, e do Sr. Goolam Vilabjhi.

Por trás do vidro estavam colados vários recortes de jornais em língua inglesa, provenientes da American Associated Press.

— Minha família e eu esperamos, e pedimos que assim seja, que o senhor assine uma dessas excelentes publicações, para que ela seja a joia da coroa de minha coleção de preciosos objetos de interesse relacionados com nossa amizade.

— Nada me daria um prazer maior, Sr. Vilabjhi. — Leon estava profundamente comovido. As filhas de Vilabjhi se amontoaram em volta dele quando assinou uma fotografia sua: "A meu bom amigo e benfeitor, senhor Goolam Vilabjhi. Sinceramente, Leon Courtney".

Enquanto soprava a tinta úmida, o Sr. Vilabjhi lhe disse:

— Guardarei este autógrafo como um tesouro pelo resto de meus dias e por todo o tempo que tenha de vida. — Depois suspirou. — Suponho que agora o senhor deseja conversar sobre o resgate de sua presa de genuíno marfim de elefante que continua em meu poder.

Quando Manyoro e Loikot levaram a presa para a caminhonete, Leon os seguiu com algumas das menininhas dependuradas nas mãos e com outras firmemente agarradas nas pernas de suas calças. Depois de muito esforço, conseguiu que se afastassem e subiu no automóvel. Foi para o novo Muthalga Country Club, cujas paredes de tijolos e gesso pintado de rosa haviam substituído as de barro caiado do

velho Clube dos Colonos, num local bem afastado do constante alvoroço da rua principal.

Seu tio Penrod já o esperava no bar dos sócios. A primeira coisa que Leon notou quando o coronel se levantou para cumprimentá-lo foi que estava mais rechonchudo, principalmente na região da cintura. Desde que haviam estado juntos, fazia mais de um ano, Penrod subira da categoria de bem provido à de claramente corpulento. Também havia um pouco mais de cinza em seu bigode. Assim que trocaram um aperto de mão, Penrod sugeriu:

— Vamos almoçar? Hoje o chef vai servir carne recheada e torta de rins. É um de meus pratos favoritos. Não quero que toda essa gentalha chegue lá antes de mim. Podemos conversar enquanto comemos.

Levou Leon para uma mesa no terraço sob uma pérgula de buganvília roxa, localizada discretamente a uma distância a partir da qual os outros comensais não podiam ouvi-los. Assim que Penrod pôs o guardanapo branco no peito, comentou:

— Suponho que Percy tenha lhe mostrado os artigos escritos por aquele ianque, Andrew Fagan, e as cartas de pessoas ilustres que eles inspiraram.

— Sim, senhor. Tenho-os comigo — respondeu Leon. — Na verdade, achei-os um tanto embaraçosos. As pessoas parecem estar fazendo muito barulho por nada. É evidente que não sou o maior caçador da África. Isso foi uma brincadeira provocada pelo peculiar senso de humor de Kermit Roosevelt, que Fagan levou a sério. Na realidade, ainda sou um novato.

— Nunca admita isso, Leon. Deixe que pensem o que quiserem. De todo modo, pelo que ouvi, você está aprendendo rápido. — Penrod sorriu, à vontade. — Para ser franco, tive algo a ver com tudo isso. Com muita habilidade, foi um golpe de mestre.

— Como o senhor se envolveu nisso, tio? — perguntou Leon, surpreso.

— Eu estava em Londres quando foram publicados os primeiros artigos. Eles puseram meu cérebro em ação. Passei um telegrama para o adido militar de nossa embaixada em Berlim e lhe pedi que promovesse os artigos na imprensa alemã, especialmente nas publicações esportivas e de caça que a classe alta lê. Já é um estereótipo o fato de que muitos alemães desse tipo, como seus assemelhados ingleses, são entusiastas desportistas e têm seus próprios redutos de caça. Meu plano era fazer que pessoas importantes entre eles ficassem interessadas em participar de um safári com você. Isso lhe daria oportunidade de reunir informações de todo tipo, que certamente serão inestimáveis quando chegar o momento em que tenhamos de lutar com eles.

— Por que eles confiariam em mim, tio?

— Leon, meu rapaz, não creio que você não tenha consciência de seus traços de vencedor. Todo mundo gosta de você, especialmente as Fräulein e as demoiselles. A vida do safári, que se desenvolve perto da Mãe Natureza e de suas criaturas, tem

algo que induz até a pessoa mais reservada a relaxar, baixar a guarda e falar mais livremente. Para não mencionar o modo como também solta os fios dos corpetes e dos calções do sexo feminino. E por que uma figura de primeiro nível da Alemanha do cáiser, um fabricante de armas muito importante ou alguma de suas consortes haveriam de suspeitar que alguém com um rosto inocente como o seu fosse um temível agente secreto?

Penrod levantou um dedo na direção do chefe dos garçons, que circulava pelas proximidades vestido num kanza branco até os tornozelos, faixa vermelha e fez com borla.

— Malonzi, por favor, traga-nos uma garrafa do Château Margaux 1879 de minha reserva particular.

Malonzi voltou trazendo nas mãos enluvadas de branco a garrafa levemente empoeirada, com a reverência merecida. Penrod o observava enquanto ele realizava o solene ritual de retirar a rolha, cheirá-la e depois decantar o brilhante vinho tinto. Serviu as primeiras gotas num copo de cristal. Penrod balançou-o, fazendo girar o precioso líquido, e aproximou--o do nariz para sentir seu buquê.

— Perfeito! Acho que você vai gostar disto, Leon. O conde Pillet-Will foi agraciado com o Premier Grand Cru dedicado a essa reserva em particular.



Depois que Leon prestou as devidas homenagens ao nobre claret, Penrod fez um gesto com a mão para Malonzi, para que ele trouxesse as travessas fumegantes de carne e torta de rins com a crosta dourada. Então começou a comer com vontade, até falando de boca cheia.

— Tomei a liberdade de verificar sua correspondência, em especial a da Alemanha. Simplesmente não consegui esperar para ver que peixes teríamos na rede. Espero que não se incomode.

— De jeito nenhum, tio. O senhor fez muito bem.

— Escolhi seis cartas que merecem nossa atenção e depois mandei um telegrama ao adido militar na embaixada de Berlim, que me enviou avaliações políticas dos sujeitos selecionados.

Leon, com cuidado, assentiu com a cabeça.

— Quatro são pessoas de especial importância e influentes tanto nos círculos sociais como nos políticos ou militares. Com certeza têm conhecimento de todos os assuntos de Estado e, embora não façam parte de seu conselho particular, certamente são confidentes do cáiser Guilherme. Devem conhecer a fundo quais são suas intenções e preparativos a respeito do resto da Europa, assim como a Grã-Bretanha e nosso império. — Leon novamente fez que sim com a cabeça, e Penrod prosseguiu: — Falei sobre isso com Percy Phillips e disse a ele que você é, acima de todas as suas outras responsabilidades, um oficial em atividade da Inteligência Militar Britânica. Ele concordou em cooperar conosco de todas as maneiras possíveis.

— Compreendo, senhor.

— O possível cliente que escolhemos, acima dos demais, é a princesa Isabella Madeleine Hoherberg von Preussen von und zu Hohenzolern. Ela é prima do cáiser, e seu marido é o marechal de campo Walter Augustus von Hoherberg, do alto-comando alemão.

Como era de esperar, Leon parecia impressionado.

— Falando nisso, como está seu alemão, Leon?

— Houve um tempo em que o falava entre regular e mais ou menos, mas agora meu alemão é só um pouco mais que pobre, tio. Estudei alemão e francês na escola.

— Vi em sua folha de serviços. Parece que você era bom em idiomas. Deve ter bom ouvido para línguas. Percy me disse que você fala suaíli e maa como um nativo. Mas não teve muito contato com falantes de alemão, não é?

— Numas férias, fui com grupos de estudantes a uma excursão a pé à Floresta

Negra. Conheci várias pessoas do lugar e me entendi muito bem com elas. Uma delas era uma garota chamada Ulrike.

— O melhor lugar para aprender uma língua — disse Penrod — é debaixo das cobertas.

— Jamais chegamos a isso, senhor, lamentavelmente.

— Era de esperar que não... um jovem cavalheiro de classe como você... — disse Penrod, sorrindo. — De qualquer maneira, é melhor que você o estude um pouco. Logo vai passar muito tempo na companhia de alemães, e boa parte dele será efetivamente debaixo das cobertas, dadas as predileções das Fräulein da classe alta. Essa possibilidade ofende seus elevados princípios morais?

— Procurarei me adaptar, tio — respondeu Leon, mal se contendo para não rir.

— Bom sujeito! Não esqueça que é tudo pelo rei e pela pátria.

— Quando o dever chama, quem somos nós para dizer não? — disse Leon.

— Exatamente. Eu próprio não me expressaria melhor. E não se preocupe, já encontrei um professor particular para você. O nome dele é Max Rosenthal. Era engenheiro nas Oficinas Meerbach Motor, em Weskirche, antes de se mudar para a África Oriental Alemã. Durante alguns anos depois que chegou lá, administrou um hotel em Dar-es-Salaam. Na ocasião, fez amizade mais do que íntima com a garrafa de conhaque, o que o levou a perder o emprego. De todo modo, só eventualmente é um bêbado. Quando sóbrio, é um trabalhador de primeira. Convenci Percy a empregá-lo para administrar seus acampamentos de safári e aperfeiçoar seu alemão no dia a dia.

Quando se despediram nas escadarias do clube, Penrod tomou o braço de Leon num gesto conspiratório e lhe disse seriamente:

— Sei que para você isso de ser espião é novidade, por isso lhe dou alguns conselhos. Não escreva nada. Não guarde informações de nenhum tipo sobre o que observar. Em vez disso, guarde tudo na cabeça, e transmita-me o que souber a cada encontro que tivermos.

Max Rosenthal era um bávaro corpulento, de mãos e pés enormes, de comportamento franco e jovial. Leon o conheceu no Acampamento Tandala e gostou dele à primeira vista.

— Como está? — cumprimentou-o Leon. — Vamos trabalhar juntos. Estou certo de que vamos nos conhecer muito bem.

Max deixou escapar uma risada descontraída que lhe sacudiu a barriga.

— Ah, sim! Você fala um pouco de alemão. Isso é muito bom.

— O que não é muito bom é meu alemão — disse Leon. — Mas o senhor vai me ajudar a melhorá-lo.

Quase imediatamente, Max demonstrou ser um ajudante inestimável, um professor talentoso e um trabalhador muito eficiente que aliviou Leon de grande parte do

trabalho rotineiro da organização do acampamento e dos suprimentos alimentares. Ele e Hennie du Rand formavam uma boa dupla de trabalhadores incansáveis, liberando Leon para adquirir as habilidades organizacionais e econômicas necessárias que o negócio de safáris exigia. Leon estabeleceu como norma só falar com Max em alemão, o que fez que seu conhecimento dessa língua melhorasse com uma rapidez surpreendente.

Só faltavam algumas semanas para que lorde Eastman chegasse para o safári quando Leon recebeu um telegrama de Berlim informando que a princesa Isabella Madeleine Hoherberg von Preussen von und zu Hohenzollern decidira ir para a África na viagem seguinte do navio de passageiros alemão Admiral, que sairia de Bremerhaven. Suas obrigações eram tantas que ela só podia ficar seis semanas na África, após o que teria de voltar à Alemanha. Exigia que tudo estivesse pronto para quando ela chegasse.

A comunicação imperiosa transformou Tandala num tumulto. Percy se deslocava como louco por todo o acampamento, atrapalhando, em vez de facilitar, os desesperados esforços de Leon e seu pessoal para mudar os arranjos já feitos e prontos para a chegada de Eastmont. Eles tinham agora dois safáris muito importantes para realizar simultaneamente, coisa que nunca haviam feito. Considerando tudo, a única circunstância que aliviava um pouco a situação era o fato de que a princesa ficaria apenas seis semanas, enquanto lorde Eastmont contratara uma aventura de quatro meses. Leon garantiu a Percy que, no dia em que a princesa embarcasse de volta para a Alemanha, ele correria com seu pessoal para ajudá-lo com o que restasse a fazer da expedição dele.

Quando a princesa chegou à laguna de Kilindini a bordo do Admiral, Leon deixou a praia numa lancha para ir recebê-la. Esperou no convés durante quase uma hora até que ela se dignasse sair do camarote. Quando ela finalmente subiu até o convés principal, estava acompanhada do capitão do barco e de quatro de seus oficiais superiores, todos eles adulando-a obsequiosamente. O restante de seu séquito, do qual faziam parte sua secretária e duas camareiras gordinhas e bonitas, a seguia.

A figura da princesa, brilhando à luz do sol, era impressionante. Leon vira fotos dela, mas de modo nenhum estava preparado para o que via em carne e osso. A primeira coisa a chamar sua atenção foi sua estatura elevada em contraste com o corpo magro. Ela era quase tão alta quanto ele, mas Leon poderia facilmente abarcar sua cintura com as mãos. Tinha porte altivo e o busto de uma jovem. Os olhos eram frios como o aço e tão penetrantes quanto um florete, e as feições, duras e afiadas como uma serra. Vestia uma saia de equitação verde, longa, de corte perfeito. As pontas das botas de fino couro, que apareciam sob a barra da saia, brilhavam de tão cuidadosamente lustradas. Surpreendentemente, trazia no cinturão uma pistola Luger 9 mm e na mão um chapéu de safári de aba larga. O cabelo ruivoacinzentado estava

preso em duas tranças no alto da cabeça. Leon soube, por Penrod, que tinha cinquenta e dois anos, embora aparentasse trinta.

— Alteza Real, sou seu servo.

Ela não deu importância a sua reverência e continuou a olhá-lo como se ele tivesse deixado escapar um flato abominável. Finalmente falou, e seu tom era gelado:

— Você é jovem.

— Alteza, essa é uma circunstância lamentável, pela qual devo lhe pedir desculpas. Pretendo corrigir isso no devido tempo.

A princesa não sorriu.

— Eu disse que o senhor era jovem. Não disse que era jovem demais. — Então estendeu-lhe a mão direita.

Quando ele a tomou na sua, achou-a dura e fria como sua expressão. Beijou-a a certa distância, como convinha, sem encostar os lábios nos nós brancos dos dedos. Um leve enrugamento no dorso da mão denunciava sua idade.

— O governador do território da África Oriental Britânica pôs seu trem particular a sua disposição para a viagem até Nairóbi — informou Leon.

— Ja! É o apropriado e o previsto.

— Sua Excelência também solicita sua presença como convidada de honra em um jantar especial na sede do governo, que terá lugar no momento em que lhe for conveniente, princesa.

— Não vim à África para comer na companhia de funcionários subalternos. Vim para matar animais. Muitos animais.

Leon fez outra reverência.

— Imediatamente, senhora. Sua Alteza Real tem alguma preferência especial quanto aos animais que deseja matar?

— Leões — respondeu. — E porcos.

— Que tal alguns elefantes e búfalos?

— Não. Só leões grandes e porcos de presas longas.

Antes de partir para a selva, a princesa experimentou um a um todos os puros-sangues que Leon conseguira para ela, montando-os à maneira masculina. Vendo-a avaliar o primeiro cavalo com expressão de desdém, caminhando em volta dele duas vezes antes de montar elegantemente na sela e manipular o animal à vontade, Leon percebeu que ela era uma excelente amazona. Para dizer a verdade, raramente tinha visto uma mulher como ela.

Quando saíram a cavalo de Tandala e circularam por entre as manadas de animais, ela esqueceu sua exigência quanto a leões e porcos e se tornou muito menos seletiva. Tinha um pequeno e belíssimo rifle Mannlicher 9.3 x 74 fabricado por Joseph Just de Ferlach, com incrustações de ouro feitas por Wilhelm Roöder de cenas silvestres de faunos e ninfas nuas saltitando alegremente.

Ao derrubar três gazelas-de-grant que corriam a uma distância de trezentos metros, disparando três tiros consecutivos sem desmontar, Leon decidiu que ela talvez fosse o atirador mais mortal, homem ou mulher, que ele já conheceria.

— Sim, quero matar muitos animais — afirmou ela, enquanto carregava o Mannlicher. Pela primeira vez desde que chegara à África, deu um sorriso caloroso.

Quando levou a princesa ao monte Lonsonyo para conhecer Lusima, Leon não estava preparado para a maneira como as mulheres reagiram instantaneamente uma à presença da outra.

Figuradamente, arquearam as costas e se arrepiaram como dois gatos.

— M'bogo, esta é uma mulher de paixões profundas e obscuras. Nenhum homem conseguirá chegar ao íntimo dela. É tão mortal quanto uma mamba. Ela não é aquela que lhe prometi. Tenha cuidado — disse Lusima a Leon.

— O que foi que a feiticeira disse? — perguntou a princesa. A hostilidade entre ambas faiscava no ar como eletricidade estática.

— Que a senhora é uma dama de enorme poder, princesa.

— Diga à grande vaca que não se esqueça disso.

Quando chegou o momento da cerimônia da bênção dos rifles, sob a árvore do conselho, Lusima saiu de sua choça vestida com os trajes cerimoniais de gala. Quando ainda estava a dez passos de onde haviam colocado o Mannlicher sobre a pele de leão, ela parou. Seu rosto mudou, e ela ficou da cor de barro seco.

— O que a está preocupando, Mama? — perguntou Leon em voz baixa.

— Este bunduki é uma coisa do mal. A mulher de cabelo claro é uma feiticeira tão poderosa quanto eu. Pôs um feitiço em seu próprio bunduki que me assusta. — Voltou então para sua choça. — Não sairei de minha choça enquanto essa bruxa estiver no monte Lonsonyo — jurou.

— Lusima está se sentindo mal. Precisa descansar.

— Ja, sei muito bem o que a preocupa — disse a princesa, exibindo nos lábios finos um de seus raros sorrisos.

Vinte dias depois, em uma área que Manyoro e Loikot haviam dito que era totalmente isenta de leões, ao amanhecer, eles saíram a cavalo do acampamento, para que a princesa continuasse sua matança de javalis-africanos. Já havia matado mais de cinquenta, três deles com presas incrivelmente longas. Não tinham ido além de um quilômetro fora do acampamento quando toparam com um solitário e enorme leão de juba preta em pé no meio de uma pastagem aberta e pantanosa coberta de grama. Sem vacilar um instante, a princesa levou o pequeno Mannlicher ao ombro e, com a precisão de um cirurgião, meteu uma bala no cérebro do leão.

Os dois massais deviam ter ficado maravilhados com esse fato, mas estavam estranhamente calados quando começaram a tirar a pele do animal. Leon se encarregou de apresentar os cumprimentos, que a princesa ignorou. Ouviu Loikot

murmurar para Manyoro:

— Este leão não devia estar lá. De onde será que ele veio?

— Nywele Meweupe o chamou – disse Manyoro, de humor sombrio. Haviam dado à princesa o nome de "Cabelo Branco". Manyoro não o combinou com nenhum título de respeito, como mensahib ou beibi.

— Manyoro, mesmo vindo de você, isso é uma grande estupidez — cutucou-o Leon. — Este leão foi atraído pelo cheiro de todas essas carcaças de javalis. — Ele sentiu a rebeldia no ar. Lusima obviamente tinha dito algo para Manyoro.

— Buana sabe mais do que eu — disse Manyoro com exagerada cortesia, mas não olhou nem sorriu para Leon. Quando terminaram de retirar a pele do animal, os massais não fizeram a dança do leão para a princesa. Em vez disso, sentaram-se afastados e puseram-se a cheirar rapé juntos. Quando Leon comentou o fato, Manyoro permaneceu calado, mas Loikot disse entredentes:

— Estamos muito cansados para dançar e cantar.

Quando jogou no ombro o embrulho da pele já amarrada e tomou o caminho de volta para o acampamento, a coxeadura de Manyoro por causa da flechada na perna esquerda, que em geral mal se percebia, era muito evidente. Era seu modo de mostrar discordância ou desaprovação.

Quando voltaram ao acampamento, a princesa saltou do cavalo e se dirigiu a grandes passadas para a barraca-refeitório, onde se atirou numa cadeira de lona. Lançou o chicote de equitação na mesa, tirou o chapéu e o lançou para o outro lado da barraca; depois desfez as tranças e ordenou:

— Courtney, diga a esse seu cozinheiro inútil que me traga uma xícara de café.

Leon transmitiu a ordem à barraca da cozinha, e minutos depois Ishmael entrou rapidamente com uma cafeteira de porcelana fumegando sobre a bandeja de prata, que ele colocou na mesa. Pôs a xícara com o café na frente dela. Depois ficou ali de pé, atrás da cadeira, esperando a ordem para se retirar.

A princesa levou a xícara aos lábios e bebeu um gole. Fez uma cara de profundo desagrado e atirou a xícara com o café no outro lado da barraca.

— Você acha que sou uma porca para me servir esta lavagem? — gritou, pegando o chicote de cima da mesa e levantando-se de um — salto. — Vou lhe ensinar a ter mais respeito comigo, seu selvagem. Jogou o braço levantado para trás, a fim de chicotear Ishmael no rosto. Ele não fez o menor gesto para se proteger, mas olhava-a com um ar de enorme espanto.

Leon saltou de sua poltrona, aproximou-se dela por trás e agarrou-lhe o pulso antes que ela abaixasse o braço. Fez que ela se virasse para olhá-lo e disse:

— Alteza, não há nenhum selvagem entre meu pessoal. Se a senhora deseja que este safári continue, terá de entender isso. — Leon a segurou com facilidade até que ela parasse de resistir. Depois continuou: — A senhora deveria ir para sua barraca

agora e descansar até a hora do jantar. Com certeza está muito excitada pela emoção de ter caçado um leão.

Assim que a soltou, ela partiu furiosa em direção a sua barraca. Não apareceu quando Leon tocou o gongo chamando para o jantar, e ele jantou sozinho. Antes de se retirar, verificou discretamente a barraca dela e viu que a luz estava acesa. Foi então para sua própria barraca e começou a escrever o diário do safári. Estava quase registrando o incidente ocorrido na barraca-refeitório, mas lembrou-se do conselho de Penrod e, em vez de aliviar o que sentia, escreveu: "Hoje a princesa demonstrou mais uma vez que é uma amazona extraordinária e grande atiradora. A fria maneira como despachou o magnífico leão foi extraordinária. Quanto mais a observo, mais admiro sua destreza como caçadora".

Secou a tinta da página, pôs o diário do safári em seu escritório de campanha e fechou a gaveta à chave. Depois, durante meia hora, leu o livro que seu tio Penrod escrevera sobre suas experiências durante a Guerra dos Bôeres, Com Kichener para Pretória. Quando suas pálpebras se fecharam, deixou-o de lado, tirou a roupa e se enfiou debaixo do mosquiteiro. Soprou o lampião e se acomodou para desfrutar, satisfeito, uma boa noite de repouso.

Mal havia fechado os olhos quando foi despertado com sobressalto pelo forte barulho de um tiro de pistola que vinha da direção da barraca da princesa. Sua primeira ideia foi que algum animal perigoso, leão ou leopardo, havia entrado nela. Abriu passagem por entre as dobras do mosquiteiro e agarrou o enorme Holland, que estava carregado ao lado da cama, pronto para uma emergência como essa. Vestido só com as calças do pijama, correu para a barraca dela. Viu que seu lampião ainda estava aceso.

— Alteza, está tudo bem? — gritou. Não tendo recebido resposta, abriu a portinhola de lona e se enfiou na barraca com o rifle pronto. Então parou, assombrado. A princesa estava de pé diante dele, no meio do recinto. Seu cabelo cor de prata caía em cascata sobre seus ombros, chegando à cintura. Usava uma camisola rosa quase transparente. O lampião estava atrás dela, de modo que cada linha de seu corpo longo e magro estava à mostra. Tinha os pés descalços, e ele observou que eram pequenos e benfeitos. Segurava o chicote de equitação em uma mão e a pistola Luger 9 mm na outra. O cheiro de pólvora queimada ainda flutuava no ar. Seu rosto estava pálido e exibia uma expressão de cólera, e os olhos brilhavam como safiras ao olhá-lo. Levantou a Luger e disparou uma segunda bala através do teto de lona. Depois jogou a pistola na cama enorme, que ocupava a metade do espaço disponível.

— Seu porco! Acha que pode me tratar como lixo diante de todos os seus criados? — perguntou enquanto dava um passo na direção dele, balançando o chicote de modo ameaçador. — Você não é melhor do que as criaturas que

trabalham para você.

— Peço que se controle, senhora — disse Leon.

— Como se atreve a se dirigir a mim dessa maneira? Sou uma princesa real da Casa de Hohenzollern, e você não passa de um plebeu mestiço. — Sua pronúncia do inglês era perfeita. Ela sorria com frieza. — Ah, sim, finalmente está ficando zangado, servo! Quer se defender, mas não se atreve. Suas entranhas são muito fracas. Você não tem coragem. Embora me odeie, tem de suportar qualquer humilhação que eu queira lhe infligir.

Atirou o chicote aos pés dele.

— Largue esse rifle. Não pode usá-lo para reforçar sua frágil virilidade. Pegue o chicote! — Leon colocou o Holland no piso impermeável, junto à parede de entrada da barraca, e pegou o chicote. Tremia de raiva. Os insultos dela o haviam ferido de modo cruel, fazendo-o chegar ao ponto de desistir de qualquer tentativa de autocontrole. Não sabia o que fazer com o chicote, mas estava gostando de senti-lo na mão direita.

— M'bogo, tudo bem? Ouvimos os disparos. Aconteceu alguma coisa? — Manyoro falava em voz baixa através da parede de lona, e a princesa deu alguns passos para trás.

— Pode ir, Manyoro, e leve os outros com você. Ninguém deve voltar aqui se eu não chamar — respondeu Leon.

— Ndio, buana.

Os passos se afastaram, enquanto a princesa ria na sua cara.

— Devia ter pedido ajuda a eles. Não tem coragem de me enfrentar sozinho. — Continuava rindo. — Ja, agora está zangado de novo. Isso é bom. Está querendo me bater, mas não tem coragem. — Inclinou-se na direção dele, de modo que apenas poucos centímetros separavam o rosto de ambos. — Você tem um chicote na mão. Por que não o usa? Você me odeia, mas tem medo de mim. — De repente, cuspiu no rosto dele. Instintivamente ele deu uma chicotada no ar que a atingiu. Ela cambaleou, levando a mão ao rosto, gemendo de dor. — Sim, eu merecia isso. Você é tão imperioso quando está zangado! — disse ela, atirando-se aos pés dele e agarrando-se a seus joelhos.

Aborrecido consigo mesmo e tremendo, ele jogou o chicote longe.

— Desejo-lhe boa noite, Alteza — disse Leon, tentando dar a volta para sair da barraca, mas, com uma força surpreendente, ela o fez tropeçar. No instante em que ele perdeu o equilíbrio, a princesa se atirou sobre as costas dele com todo o seu peso e o fez cair na cama, jogando o corpo por cima dele. — O que é isso? Está louca? — disse ele.

— Sim — foi sua resposta. — Estou louca por você.

Faltava somente uma hora para o alvorecer quando ela permitiu que ele deixasse

sua barraca. Ao ir para a própria cama, Leon notou que as barracas do pessoal da princesa estavam às escuras, apesar dos gritos dela, que haviam ecoado noite afora. Ao que parecia, todos estavam habituados com os deslizes da princesa.

Na manhã seguinte, no café da manhã, ela se comportou como se nada tivesse havido. Respondia bruscamente às camareiras, foi sarcástica com a secretária e ignorou Leon, sem nem sequer retribuiu seu cumprimento formal até terminar a segunda xícara de café. Depois levantou-se e anunciou:

— Hoje estou com uma grande vontade de matar porcos.

Leon havia programado uma série de percursos de caça, que proporcionavam à princesa prazeres intermináveis. Ele e os rastreadores acantonavam alguns dos melhores javalis-africanos de um grupo da selva fechada, depois localizavam a princesa numa posição estratégica em terreno aberto mais além da mata, e os batedores faziam barulho para empurrar os javalis na direção em que ela estava. Assim que saíam da mata fechada que os protegia, ela arremetia contra eles com seu Mannlicher. Havia treinado Heidi, a mais bonita de suas camareiras, a recarregar os cartuchos vazios. Cada um armazenava seis balas, e num instante a princesa podia substituir o que ficava vazio. Abria a culatra com um movimento rápido e o deixava cair. Imediatamente Heidi o pegava e o recarregava com os dedos hábeis e rosados, treinados desde a infância em intermináveis trabalhos de bordado e costura. Em seguida, a princesa colocava um cartucho cheio na culatra e continuava atirando sem parar. Sua velocidade de fogo era tão surpreendente quanto sua precisão. Consegua fazer doze disparos na mesma quantidade de segundos. Geralmente, os javalis não cooperavam com os batedores, pois, ao deixar o refúgio, costumavam tomar uma direção inesperada ou voltar sobre os próprios passos para atravessar a linha dos batedores, sem dar a Sua Alteza Real uma única oportunidade de disparar. Quando isso acontecia, ela era tomada por uma grande raiva e recriminava Leon e sua equipe ou se recolhia num silêncio gelado do qual só saía diante da possibilidade de derramar mais sangue.

No final da tarde, Leon e seus batedores, mais o reforço de Max Rosenthal, Ishmael e os esfoladores, conseguiram realizar a batida mais espetacular do safári. Encaminharam para a princesa e sua carregadora vinte e quatro javalis-africanos, machos, fêmeas e crias. Ela conseguiu matar vinte e dois. A única que escapou foi uma porca velha e magra, que mudou de direção bem no momento do disparo. A bala partiu, e a porca deu meia-volta, passando por entre as pernas da princesa quando ela menos esperava e mandando-a para o ar. Ela caiu sentada com a saia acima dos joelhos e o chapéu a lhe cobrir os olhos.

— Sua porca ardilosa! — gritou, enquanto a porca desaparecia na mata, de rabo levantado, reto como um pau de bandeira.

No jantar daquela noite, ela estava quase amistosa, embora não completamente, é

claro. Insistiu para que Leon tomasse outro copo de vinho, um excelente Krug, e descascou uma uva com os dedos brancos e longos antes de colocá-la na boca da gorducha Heidi.

— Coma, minha querida! Você fez um belo trabalho hoje — disse. Mas imediatamente depois, com um grito, mandou que ela saísse da mesa devido a suas péssimas maneiras, por pegar uma costeleta de javali com a mão sem lhe pedir licença. Quando terminou, levantou-se sem dizer palavra, indo com passo majestoso para sua barraca.

Fora um dia longo, quente e difícil, e Leon ansiava por uma boa noite de sono. Acabara de escovar os dentes e estava abotoando o pijama quando ouviu o horrível tiro de pistola.

— Pelo rei e pela pátria! — rosnou, enquanto se dirigia para a barraca dela, mas curioso para saber o que ela havia preparado para aquela noite.

A princesa estava estendida languidamente na cama, porém não se encontrava só. Heidi, a camareira, estava ajoelhada no meio da barraca, completamente nua, exceto por uma miniatura de sela que tinha às costas e um freio de ouro na boca. As campainhas das rédeas, também de ouro, tilintavam quando ela balançava a cabeça e relinchava.

— Seu corcel o espera, Courtney. Gostaria de dar um galope nele?

Depois de esgotar a imaginação, a princesa mandou que Heidi se fosse dali, e, quando Leon fez menção de segui-la, ela o deteve, dizendo:

— Não disse que você podia ir, Courtney. — Ela mudou de lugar na cama e, dando umas palmadinhas no colchão, disse: —

Fique um pouco. Vou lhe contar umas histórias interessantes sobre as coisas perversas e maravilhosas que faço com meus amigos em Berlim.

O colchão de pluma de ganso era extraordinariamente macio e cálido. Leon se estendeu nele. No início, estava ouvindo distraído suas histórias, que de tão inverossímeis mais pareciam contos de fadas, do tipo que os demônios devem inventar no inferno para sua prole. Versavam sobre bruxaria e adoração a Satã, sobre rituais obscenos e sacrílegos.

Então, sentindo um calafrio na espinha, começou a perceber que ela estava mencionando nomes de pessoas conhecidas pertencentes à mais alta aristocracia e ao exército alemão. O que ela relatava como casos divertidos era pura dinamite, dinamite política. O que Penrod faria com informações tão explosivas? Acreditaria em alguma palavra daquilo?

Na noite seguinte, enquanto fazia suas anotações no diário do safári depois de um dia de trabalho duro, Leon tentava se lembrar dos nomes que a princesa mencionara. Começou a escrevê-los numa página do final do caderno. Quando terminou e estava para fechar o diário à chave, teve uma sensação estranha. "Ninguém, a não ser

Penrod, deve ler isso." Mas aquela dúvida incômoda teimava em permanecer no fundo de sua mente enquanto ele se preparava para dormir. Finalmente, abriu a gaveta da escrivaninha e foi buscar a navalha. Folheou o diário do safári e cortou a página comprometedoras com cuidado. Segurou-a sobre a chama de uma vela e deixou que se queimasse até se transformar numa substância preta e quebradiça. Em seguida transformou essas cinzas em pó e se enfiou na cama à espera do chamado de sua cliente. Mas à noite não soou nenhum tiro de pistola até que ele caísse no sono.

Acordou com a luz da aurora penetrando na barraca, sentindo-se refeito e disposto depois de sete horas completas de sono.

Antes que todos tivessem terminado o café da manhã, Manyoro se aproximou da barraca-refeitório e se pôs de cócoras perto da porta, num lugar onde só Leon podia vê-lo. Assim que se olharam nos olhos, Manyoro ficou de pé e se afastou. Leon pediu licença e saiu da mesa. Manyoro estava esperando-o na área dos criados.

— O que o preocupa, irmão? — perguntou Leon.

— Swalu foi mordido por uma cobra. — Swalu era o chefe dos esfoladores.

— Você viu que tipo de cobra era? — perguntou Leon, preocupado.

— Era uma fruta, M'bogo.

— Tem certeza? — Apegou-se à esperança de que não fosse de fato uma mamba preta, a serpente mais venenosa da África.

— Ela se meteu em sua cama. Depois de ter sido mordido três vezes, ele a matou com a faca de esfolar. Eu vi a serpente. Era uma futa.

— Swalu morreu?

— Não, senhor. Espera sua bênção antes de ir se encontrar com seus antepassados.

— Rápido, vamos vê-lo. — Correram até uma das choças de galhos do acampamento, e Leon teve de se inclinar para passar pela porta baixa. Swalu estava estendido em sua esteira de dormir. Os outros três esfoladores estavam sentados em volta dele. O corpo da serpente estava ali perto. Havia cortado sua cabeça, mas um simples olhar bastou para confirmar o que dissera Manyoro. Era realmente uma mamba preta, não um exemplar muito grande, já que só media um metro e vinte centímetros, mas uma única mordida dela continha veneno suficiente para matar vinte homens. E Swalu fora mordido três vezes.

Swalu estava deitado de costas, descoberto, usando apenas uma tanga. Sua cabeça se apoiava num pedaço de madeira que fazia as vezes de travesseiro. Tinha duas marcas de dentes no peito e uma na face. Seus olhos estavam muito abertos, mas vidrados, e já não enxergavam. Da boca e das fossas nasais saía uma espuma branca.

Leon se agachou ao lado dele e lhe tomou a mão. Estava fria, mas os dedos tremiam.

— Vá em paz, Swalu — sussurrou Leon em seu ouvido. — Seus antepassados estão a sua espera para lhe dar as boas-vindas. — Muito de leve, os dedos de Swalu apertaram a mão de Leon. Então, ele sorriu fracamente e morreu. Leon ficou sentado junto dele durante um tempo; depois inclinou-se para frente e lhe fechou os olhos. — Cavem uma tumba bem funda — disse Leon aos outros esfoladores. — Ponham pedras sobre o corpo dele, para que as hienas não possam encontrá-lo.

— Por que ela ia querer matar Swalu? — disse Manyoro, sem mencionar um nome em particular. Os esfoladores se mexeram, inquietos.

— Chega disso! — disse Leon, levantando-se. — A futa era uma futa e nada mais. Isso não é coisa de bruxa.

— É como buana diz — concordou Manyoro com estudada cortesia, mas sem olhar para Leon.

Leon se levantou e voltou para a barraca-refeitório. A princesa estava terminando de tomar seu café e recebeu-o friamente.

— Ah, bom! Arranjou tempo para se ocupar das necessidades de sua cliente! Fico contente.

— Desculpe-me, Alteza, um pequeno contratempo exigiu minha atenção. O que posso fazer pela senhora?

— Perdi um de meus medalhões de ouro com uma mecha de cabelo de minha mãe. Ele é muito importante para mim.

— Vamos encontrá-lo, eu lhe garanto. Quando e onde se lembra de tê-lo visto pela última vez?

— Depois da batida de porcos de ontem. Sentei-me debaixo daquela árvore enquanto esperava que você e seus homens esquartejassem os animais. Lembro-me de tê-lo entre os dedos. Deve ter caído por ali.

— Vou recuperá-lo agora mesmo. — Leon se inclinou diante dela. — Voltarei antes do meio-dia. — Ela o despediu com um gesto, e ele saiu da barraca, chamando um cavalição para que lhe trouxesse seu cavalo.

Quando Leon e os rastreadores chegaram à área onde haviam reunido os javalis, encontraram um esplêndido e enorme leopardo mosqueado comendo os restos das carcaças dos animais. O animal saiu correndo e desapareceu no mato alto. Leon e os rastreadores foram até o lugar onde a princesa tinha dito que estivera sentada e procuraram em toda a área.

— Hapana — disse Manyoro, admitindo a derrota. — Não há nada aqui. — Eles então voltaram para o acampamento.

As camareiras da princesa estavam sentadas na barracarefeitório, trabalhando em seus bordados, bebendo café, cochichando e trocando risinhos entre si.

— Onde está sua patroa? — perguntou Leon. Elas se entreolharam e deram de ombros, sem responder. Ele as deixou ali e foi para sua própria barraca. Ao se

inclinou para afastar o mosquiteiro e entrar, encontrou a princesa sentada em sua cama. A gaveta da escrivaninha estava aberta, e seu conteúdo se esparramava em volta dela. O diário do safári estava aberto em seu colo.

— Princesa — disse com séria reverência. — Lamentavelmente, não encontramos sua joia.

Ela então tocou no medalhão, que nesse momento pendia de seu pescoço. O solitário e enorme diamante incrustado na tampa brilhava na penumbra.

— Não importa. Uma de minhas camareiras o encontrou debaixo de minha cama. Deve ter caído lá.

— Fico contente que o tenha achado — afirmou, olhando ostensivamente para o diário. — Sua Alteza está procurando algo em particular?

— Não, na verdade, não procurava nada. Estava aborrecida com sua ausência, por isso apenas deixava passar o tempo. Entretenha-me com seus comentários sobre minha destreza... — fez uma pausa significativa e olhou-o nos olhos. — ... para a caça. — Fechou o diário e se levantou. — Bem, Courtney, o que tem para me divertir hoje? O que há por aí para eu matar?

— Encontrei um leopardo formidável para Sua Alteza.

— Leve-me até ele.

O leopardo estava na flor da idade, bonito até depois de morto. A pelagem das costas era dourado-escuro misturada com cobre, que na barriga assumia um tom de creme batido. Tinha manchas muito pretas agrupadas, como se Diana, a deusa da caça, o tivesse tocado com as pontas dos dedos cheias de tinta. Os pelos do bigode eram duros, de um branco vítreo; os dentes e garras, perfeitos. Havia muito pouco sangue. O único disparo da princesa havia acertado direto em seu coração, quando ele se afastara correndo de uma das carcaças de javali. Quando o estavam levando no lombo de uma mula, Manyoro sussurrou para Loikot, mas num volume que Leon pudesse ouvir:

— Será que vai mandar o companheiro da futa visitar um de nós esta noite?

Leon o ignorou, fingindo que não ouvira. Manyoro acompanhava a mula exagerando dramaticamente a coxeadura.

No jantar daquela noite, a princesa mandou que Leon abrisse uma garrafa de champanhe Louis Roederer Cristal, colheita 1903, de sua adega. Tocou-o intimamente duas vezes por baixo da mesa, o que ainda não havia feito até então. Contra a vontade, o corpo de Leon reagiu à destreza de seus dedos. Quando ela o sentiu, sorriu e soltou-o. Depois sussurrou para Heidi alguma coisa que ele não conseguiu ouvir, mas que provocou risinhos nas criadas.

Mais tarde, na mesma noite, o disparo da Luger através do teto da barraca real chamou Leon antes que ele tivesse acabado de registrar em seu diário a caçada ao leopardo. Quando o deixou de lado, sentiu que sucumbia à excitação sexual

perversa que ela era capaz de provocar nele com facilidade. "Conseguiria corromper São Pedro e todos os anjos do céu", disse a si mesmo, enquanto ia cumprir sua obrigação.

Na manhã do dia seguinte, enquanto cavalgavam para prosseguir na caçada aos javalis-africanos, ela esporeou o cavalo até ficar ao lado de Leon e pôs-se a conversar com ele alegremente, como uma garotinha. Mais uma vez Leon se desconcertou com a mudança de humor e se perguntou o que aquilo prenunciaria. Não teve de esperar muito tempo para saber.

— Ah, como adoro matar porcos! — disse ela. — E estes javalis-africanos são divertidos, mas não podem se comparar ao javali alemão.

— Temos outros porcos maiores e mais perigosos — disse Leon. — O javali-gigante da selva, que vive nas touceiras de bambu das montanhas de Aberdare, pode pesar mais de quinhentos quilos.

— Bah! — exclamou ela, fazendo pouco-caso da afirmação dele com um gesto da mão. — Só há uma variedade de animal de caça que me emociona mais que todas as outras.

— Qual? É uma espécie muito rara? — perguntou Leon com interesse, e ela riu, alegre.

— De jeito nenhum. Nas ilhas Polinésias chamam-no de "porco comprido". — Ele a olhou, sem acreditar no que ouvia. — Ah, bom! Agora, finalmente, parece que está entendendo — disse, rindo. — Matei muitos, mas a emoção nunca desaparece. Quer que lhe fale a respeito do primeiro, Courtney?

— Se quiser... — respondeu ele, num tom grave, horrorizado.

— Era um jovem guarda-florestal numa das propriedades reais. Eu tinha treze anos. Embora ainda fosse virgem, eu o desejava, mas ele era casado e amava a esposa. Ele riu de mim. Quando fiquei sozinha com ele, caçando, mandei-o pegar uma ave que eu havia derrubado.

Quando ele deu dez passos, disparei na parte de trás de suas pernas com minha espingarda. A explosão rompeu-lhe os ossos, e suas pernas ficaram ligadas ao corpo só pelos tendões e por alguma carne. O sangue corria com abundância. Sentei-me a seu lado e fiquei falando enquanto ele permanecia ali estendido, sangrando, quase morto. Expliquei por que tivera de matá-lo. Ele suplicou piedade, não para si, disse, mas para sua esposa porca e para a criatura miserável que trazia na barriga. Chorou e implorou que fosse buscar um médico para salvá-lo. Ri dele do mesmo modo que ele se atrevera a rir de mim antes. Demorou quase uma hora para morrer. — Sua expressão era de devaneio. Cavalgaram em silêncio durante um tempo, após o qual ela perguntou com ar inocente: — Você nunca vai me decepcionar como fez o guarda-florestal, não é, Courtney?

— Espero que não, senhora.

— Eu também espero, Courtney. Bem, agora que nos compreendemos bem, quero que você me consiga porcos de duas pernas para caçar. Fará isso por mim?

Leon, sentindo a garganta se fechar, respondeu com voz trêmula:

— Alteza, isso é algo totalmente inesperado. Precisa me dar algum tempo para pensar no assunto. Sabe que está me pedindo que cometa um crime que é castigado com a pena de morte?

— Sou uma princesa. Eu o protegerei da pena. Ninguém jamais me interrogou pelo que houve com o guarda-florestal nem por coisa alguma. Não sou uma pessoa comum. Tenho o direito divino da realeza. Serei seu escudo. O desaparecimento de alguns selvagens nem será notado. — Inclinou-se para o lado no cavalo e acariciou o antebraço musculoso de Leon. Ele teve de fazer um esforço para resistir ao impulso de empurrá-la para trás e dar-lhe um soco na cara. O tom de voz dela era baixo e sedutor: — Courtney, se a pessoa não experimentar, jamais vai conseguir imaginar o prazer que esse tipo especial de caça proporciona.

Leon respirou fundo para se acalmar, mas seus sentidos estavam perturbados por esse recital de luxúria insensata e brutalidade. Tinha dificuldade de pensar com clareza. Sentia a compulsão irresistível de pôr ambas as mãos em volta de seu pescoço e matá-la. Então se deu conta de que sua reação instintiva ia no sentido diametralmente oposto ao do dever, que era extrair dela o máximo de informações, custasse o que custasse a ele e a quem o rodeava. Depois disso, devia usar as influências dela para obter acesso a outras pessoas de seu nível e fazer a mesma coisa. Ela era a chave para a mais alta hierarquia da sociedade alemã, que por sorte havia sido posta em suas mãos. Ele não era o juiz nem o verdugo. Era simplesmente uma peça pequenina no grande mecanismo do serviço de inteligência militar britânico.

Afinal, o dever prevaleceu. Com enorme força de vontade, conseguiu controlar as mãos. Em vez de pegá-la pelo pescoço, tomou-lhe as mãos e as apertou. Depois sorriu e sussurrou:

— É claro, Alteza, que farei o que me pede. Entretanto, precisa me dar um tempo para preparar os arranjos.

— Este safári vai terminar dentro de dezesseis dias. Depois, devo voltar para a Alemanha. Ficarei muito zangada se você me decepcionar... muito zangada.

Havia uma fria ameaça em seu tom, e a imagem do jovem guarda-florestal alemão voltou-lhe à mente.

Ainda era cedo quando voltaram ao acampamento. A princesa foi tomar um banho em sua barraca, e Leon se apressou na direção da sua a fim de rabiscar uma rápida anotação para Penrod no diário do safári.

Tio, tenho cada história para lhe contar sobre minha nova conhecida e seus velhos amigos da alta aristocracia que vão deixá-lo de cabelo branco. No entanto, agora

estou nas garras desse monstro. Ela exige que eu cometa um ato horripilante para que ela se divirta. Nem minha própria consciência nem a lei permitem que a atenda. Se for forçado a recusar diretamente, ela ficará muito ofendida e interromperá a via de informações da Alemanha para cá que o senhor vem desenvolvendo com tanto cuidado. Imploro-lhe que encontre alguma maneira de afastá-la diplomaticamente da África Oriental Britânica antes que isso aconteça.

Arrancou a página do caderno, dobrou-a e a guardou no bolsinho de botão da frente da jaqueta de caça. Saiu da barraca e voltou para a barraca-refeitório, passando tão perto da barraca real que pôde ouvir a princesa arengando furiosamente com Heidi e os soluços da criada. Seguiu em frente na direção da área dos criados, onde encontrou Manyoro e Loikot sentados diante da choça, cheirando rapé. Ficaram em silêncio ao vê-lo aproximar-se.

Olhando rapidamente ao redor para assegurar-se de que não estava sendo observado, Leon deu a folha dobrada para Manyoro.

— Leve Loikot com você. Vá para Nairóbi imediatamente a toda a velocidade. Entregue este papel a meu tio, o coronel Ballantyne, no quartel-general dos RAR. Não perca tempo no caminho. Vá já. Não fale a respeito disso com ninguém, exceto com meu tio.

Eles se puseram de pé imediatamente, e cada um pegou sua lança. As duas estavam fincadas no chão de cada lado da entrada da choça.

Leon pegou Manyoro pelos ombros para reforçar suas ordens.

— Meu irmão — disse em voz baixa — corra rápido, e a bruxa logo desaparecerá.

— Ndio, M'bogo. — Manyoro sorriu pela primeira vez em semanas e não mais coxeava quando ele e Loikot saíram trotando do acampamento para tomar a direção de Nairóbi.

Naquela noite, quando a princesa o chamou a sua barraca, ele estava em condições de lhe dizer:

— Dei a meus rastreadores a incumbência de fazer os arranjos para caçarmos porcos compridos. Eles conhecem um árabe cujos barcos de vela triangular percorrem o lago Vitória em todas as direções. Seu negócio principal é o marfim e as peles, mas ele comercializa clandestinamente outros artigos.

— Isso é muito excitante. Sabia que podia contar com você, Courtney. — A princesa se mexia nervosamente, cruzando e descruzando as longas pernas, meneando o traseiro no assento como se estivesse com coceira. — Só pensar nisso já me excita. Quando acha que seu pessoal vai voltar?

— Calculo que devam estar de volta em cinco ou seis dias, tempo suficiente para que a senhora me introduza nesse novo esporte antes de partir.

— Até então devemos nos divertir da melhor maneira que pudermos. —

Recostou-se na cadeira e levantou a saia até os joelhos. — Estou certa de que você pode achar algo para me entreter.

Quatro tardes depois, Leon levou a princesa de volta ao acampamento após um dia de perseguição a javalis. Ela estava de péssimo humor, furiosa. Leon havia organizado quatro circuitos para eles, mas nenhum dera certo. De todas as vezes, a presa de repente saía correndo do local para onde a tinham entocado, pegando-os desprevenidos. A princesa não havia atirado uma única vez contra sua presa favorita. No caminho de volta, descarregou um pouco de sua raiva em cima de um grupo de mandris, disparando em cinco deles, que caíram das árvores, enquanto os sobreviventes fugiam, guinchando de pânico.

Ao se aproximar do acampamento, Leon se surpreendeu ao ver dois automóveis Ford no tom cáqui dos veículos militares estacionados junto à área coberta onde eram esfolados os animais. Ao passar por ali, um grupo de ascaris com o uniforme dos RAR entrou em formação, apresentou armas e fez continência. Leon reconheceu o sargento e seus soldados. Eram membros da guarda do quartel-general do regimento. Ao reconhecê-los, ficou muito feliz.

— À vontade, sargento Miomani.

O suboficial sorriu, satisfeito por Leon ter-se lembrado dele, e desceu o braço com energia.

— Abaixem as armas! — gritou para seus homens. — De pé, à vontade! Sair de forma. Um, dois, três.

Entraram no acampamento.

— Quem é essa gente e o que eles estão fazendo aqui, Courtney? — perguntou a princesa.

— São soldados britânicos, Alteza, posso lhe dizer com certeza. Mas com relação ao motivo pelo qual estão aqui, não tenho a menor ideia — mentiu serenamente. — Creio que logo saberemos por quê. — Manyoro e Loikot deviam ter corrido como gazelas, e provavelmente Penrod Ballantyne dirigira como fúria para chegar ali um dia antes do que ele previra.

Leon e a princesa desmontaram diante da barraca-refeitório, e Leon gritou para Ishmael, pedindo que trouxesse café.

— E certifique-se de que esteja bem quente. — Depois acompanhou a princesa até o frescor do interior da barraca.

Penrod se levantou de uma das cadeiras de campanha e se antecipou a qualquer comentário que Leon pudesse fazer.

— Suponho que está surpreso de me ver aqui — disse, estendendo a mão direita para cumprimentar Leon. Depois virou-se para a princesa e prosseguiu: — Faria a gentileza de me apresentar a Sua Alteza Real?

— Alteza, permita que lhe apresente o coronel Penrod Ballantyne — disse Leon, e

então notou a coroa e as três estrelas das insígnias de Penrod. A promoção do tio devia ter saído depois da última vez em que tinham estado juntos. Ele se corrigiu imediatamente: — Mil desculpas, princesa, deveria ter dito general de brigada Penrod Ballantyne, o oficial de comando do exército de Sua Majestade Britânica na África Oriental Britânica.

Penrod cumprimentou Leon e depois, com elegância, deu três passos à frente e ofereceu a ela a mão direita.

A princesa a ignorou e ficou observando o rosto dele friamente.

— Ah, sim — disse ela, passando junto dele e indo sentar-se em seu lugar de costume à mesa. — Courtney, diga a seu cozinheiro que se apresse com meu café. Estou com sede — exigiu ela em alemão. Em seguida olhou para Penrod outra vez e perguntou: — O que quer aqui? Este é um safári particular. Está perturbando meu prazer. — Seu inglês era impecável.

Penrod foi até a cadeira que estava diante dela do outro lado da mesa, sentou-se nela e disse:

— Alteza, peço desculpas por minha intrusão, mas estou aqui como representante de Sua Excelência, o governador da África Oriental Britânica.

— Não o convidei a sentar-se — irritou-se a princesa, e Penrod se levantou imediatamente. Seu rosto estava ruborizado, mas a voz permaneceu inalterada quando disse:

— Mil desculpas, senhora.

— Esses ingleses não têm modos — falou ela para o ar, acima da cabeça dele. — Já, e então? O que seu governador quer de mim?

— Mandou-me aqui para lhe informar que eclodiu uma grave epidemia de raiva no vale da Grande Fenda que está se estendendo por todo o território. Mais de mil habitantes locais já sucumbiram à enfermidade, e a cada dia morrem mais. As últimas mortes de que se tem notícia ocorreram em povoados não longe daqui. Sua Alteza está correndo risco mortal. — A expressão da princesa mudou drasticamente. Olhou para Penrod horrorizada, dizendo:

— Que doença é essa que está grassando no vale da Grande Fenda?

— Creio que seu nome em alemão é Tollwut, senhora.

— Tollwut? Mein Gott!⁴

— Exatamente, Alteza. E trata-se de uma forma virulenta e muito contagiosa. Leva a uma morte extremamente cruel, inevitável, em que a vítima se contorce em convulsões, pedindo água aos gritos inutilmente, porque acaba morrendo asfixiada por sua própria saliva espumosa.

— Meu Deus! — repetiu ela em voz baixa.

⁽⁴⁾Meu Deus (Em alemão no original.) (N. E.)



— O governador se sentiu na obrigação de evitar que a senhora continue correndo risco de contrair a doença, mas, antes de tomar qualquer decisão, mandou um telegrama a Berlim. O secretário de Sua Majestade imperial transmitiu as instruções do cáiser determinando que Sua Alteza dê por finda sua estada aqui e volte para a Alemanha imediatamente. Assim, Sua Excelência reservou-lhe um camarote a bordo do navio italiano Roma. Ele sai da laguna Kilindini no dia 15 deste mês rumo a Gênova.

Lá a senhora poderá tomar o expresso noturno para Berlim. Vim até aqui para acompanhá-la até o navio, que atracará em Kilindini em cinco dias. Temos de nos apressar para chegar a tempo.

— Quando o senhor deseja partir? — perguntou a princesa, pondo-se de pé.

— Poderá estar pronta em uma hora, senhora?

— Jawohl! ⁵ — Ela saiu rapidamente, chamando as criadas aos gritos: — Heidi! Brunhilde! Preparem minhas malas! Não se preocupem com os baús de viagem. Vamos partir dentro de uma hora!

Mal ela se foi dali, Penrod e Leon se entreolharam sorrindo, como dois colegas que tivessem acabado de fazer uma travessura espetacular.

— Raiva no vale da Grande Fenda? Que imaginação! Como teve tal ideia?

— Uma doença absolutamente mortal — disse Penrod, dando uma piscadela quase imperceptível. — E trata-se do primeiro surto desse tipo na história da medicina.

— O que achou de Sua Alteza Real?

— Simpática – respondeu. — Terrivelmente simpática! Gostaria de colocá-la nos joelhos e dar-lhe umas boas palmadas.

— Se fizesse isso, ela se apaixonaria profundamente pelo senhor.

⁽⁵⁾Perfeitamente. (Em alemão no original.) (N. E.)

— Então é assim? — Penrod parou de sorrir. — Você deve ter coisas interessantes para contar.

— Coisas que vão deixar seu cabelo em pé, senhor, pode acreditar. O senhor nunca deve ter ouvido nada semelhante. Mas não aqui, não agora.

Penrod fez que sim com a cabeça.

— Você está aprendendo rapidamente o jogo. Assim que puser a encantadora princesa no barco, em Kilindini, voltarei para ouvir as histórias e convidá-lo para um almoço no Muthaiga Country Club.

— Com uma garrafa de Margaux 79 para acompanhá-lo?

— Duas, se você for homem o bastante — prometeu Penrod.

— O senhor é um grande sujeito, tio!

— Que nada, caro rapaz.

Bem antes da hora marcada, a princesa saiu de sua barraca com a secretária e as criadas atrás, carregadas com seus abrigos e vestidos de seda. Penrod estava com o automóvel pronto e o motor explodindo e rugindo. Leon deu a mão à princesa para que ela entrasse no carro. Ao fazer isso, ela deixou que seus dedos escorregassem pela virilha dele e abaixou a voz para que somente ele pudesse ouvi-la.

— Dê um carinhoso adeus a meu grande amigo.

— Obrigado, senhora. Ele está triste de pensar em sua partida.

— Que sem-vergonha! — Deu-lhe então um beliscão com tanta força que o deixou sem ar e de olhos lacrimejando. — Não seja confiado! Não se esqueça de qual é seu lugar!

— Por favor, perdoe meu atrevimento, Alteza. Estou desolado. Mas diga-me, o que devo fazer com tudo o que está deixando para trás, os móveis, os rifles e o champanhe? Mando embalar e despacho tudo para a senhora?

— Nein. Pode ficar com tudo ou queimar.

— A senhora é muito generosa. Vai voltar para caçar comigo?

— Jamais! — disse com veemência. — Com a raiva? Não, obrigada.

— Vai mandar seus amigos para caçar comigo, princesa?

— Só aqueles a quem realmente odeio. — Ao ver a expressão dele, a dela se suavizou um pouco. — Mas não se preocupe, Courtney. Os amigos que odeio são mais numerosos do que aqueles de quem realmente gosto. — Virou-se para Penrod, sentado atrás dela, e disse: — Mande seu motorista me tirar deste lugar horrível infectado pela raiva.

— Auf wiedersehen⁶, princesa! — despediu-se Leon, tirando o chapéu e acenando com a mão, mas ela não se deu ao trabalho de virar para trás enquanto o veículo seguia aos saltos pelo caminho cheio de buracos.

Duas semanas depois, Penrod foi para o Acampamento Tandala em seu garanhão cinza. Ishmael o esperava com um bule de chá Lapsang Souchong recém-preparado e um prato de biscoitos de gengibre, que ele não servia a qualquer um, apenas a convidados especiais. Depois que Penrod se refez, ele e Leon montaram e seguiram de volta para Muthaiga, a seis quilômetros dali.

— Estava realmente ansiando por uma cavalgada — disse Penrod. — Parece que nunca posso sair do escritório ultimamente. — Olhou para Leon. — Você, no entanto, parece estar em boa forma, meu caro.

— A princesa me deu muito trabalho. Não lhe contou que derrubou mais de cem javalis-africanos, além de um leão de juba preta e de um esplêndido leopardo?

— A graciosa dama e eu mal trocamos uma dúzia de palavras durante todo o trajeto até o litoral. Conto com você para me inteirar de tudo. Foi por isso que vim buscá-lo. Aqui podemos falar sem receio de que nos ouçam — disse, com um gesto na direção da mata que os cercava e das verdes colinas ondulantes. — Não há muitas orelhas e olhos por aqui. Assim, Leon, você agora pode contar tudo a seu bom tio.

— É melhor que se firme nos estribos, senhor, ou poderá ir para os ares ao ouvir as revelações que vou lhe fazer.

— Comece do início e não deixe nada de fora.

A cavalgada sem pressa até o Muthaiga Country Club levou uma hora e meia, tempo suficiente para que Leon lhe relatasse tudo. Penrod não o interrompeu senão para confirmar um nome ou pedir-lhe que se estendesse mais sobre um ou outro detalhe. Mais de uma vez ele respirou fundo enquanto suas feições mostravam profunda desaprovação. Quando estavam quase chegando à entrada do clube, Leon disse:

— Isso é tudo, tio.

— Suficiente, mais do que suficiente — respondeu Penrod, sério. — Se não fosse você que tivesse me contado isso, eu não acreditaria. Algumas dessas coisas são tão bizarras que escapam do entendimento de uma mente racional. Você conseguiu mais do que eu poderia esperar.

— Quer que registre tudo isso por escrito, senhor?

— Não. Se você tivesse feito isso antes, ela o teria descoberto quando revistou sua barraca. Eu me lembrarei; é muito provável que não o esqueça mais pelo resto dos meus dias. — Penrod permaneceu em silêncio até chegarem ao final do caminho da entrada e deixarem os cavalos na frente do edifício principal do clube. Então disse em voz baixa: — Uma dama impressionante essa sua princesa, Leon.

— Minha, não, senhor, eu lhe garanto. No que me diz respeito, as hienas podem ficar com ela.

— Venha, vamos almoçar. O chef incluiu no cardápio de hoje tutano e carne guisada. Espero que seus horríveis relatos não tenham estragado meu apetite.

— Nada conseguiria fazer isso, senhor.

— Cuidado, meu rapaz. Tenha mais respeito por meus cabelos grisalhos e por minhas insígnias.

— Desculpe-me, general. Não tive intenção de ofendê-lo. Só estava querendo dizer que o senhor é uma pessoa de gosto impecável.

Depois que Penrod acabou de cumprimentar a maioria dos presentes no local, parando um instante em cada mesa, chegaram finalmente ao terraço e se sentaram à sombra das buganvílias. Malonzi abriu e serviu o vinho, trouxe o antepasto de tutano sobre torradas e discretamente se retirou.

— Deixe-me inteirá-lo de tudo o que se passou no mundo enquanto você se divertia com a realeza e os javalis na selva. — Penrod tirou um pouco do tutano gorduroso do osso para colocá-lo numa torrada, ao mesmo tempo em que começava um resumo dos acontecimentos da Europa. — O dado mais surpreendente a comentar é que nas últimas eleições o Partido Social-Democrata, pela primeira vez na história, transformou-se no partido da Alemanha. Ele conquistou mais do dobro das cadeiras que tinha nas eleições de 1907, o que significa problemas pela frente. A elite militar alemã que está no poder vai ter de fazer alguma coisa espetacular para manter seu status. Que tal uma pequena guerra? — Levou à boca a torrada com tutano e mastigou-a com prazer. — E com certeza a Sérvia vai querer atacar a Áustria. Outra pequena guerra? E, por falar nisso, a da Turquia continua a toda. Os turcos expulsaram os búlgaros para longe das portas de Constantinopla, o que lhes custou vinte mil baixas... — Devorou o resto do tutano e regou-o com uma taça de Margaux.

Enquanto esperavam que Malonzi servisse a carne, continuou:

— Agora, falando de coisas mais próximas, você recebeu um bocado de cartas, uma dúzia delas requisitando seus serviços de caçador. Peguei-as e as li, para lhe poupar trabalho.

— Já lhe disse isso, tio, mas vou repetir: o senhor é um sujeito formidável!

Penrod agradeceu o cumprimento com um delicado movimento do garfo.

— A maioria dessas cartas não era de ninguém especial, por isso as descartei. No entanto, três delas parecem boas promessas e vieram de nosso país favorito, a Alemanha. Uma é de um atual ministro conservador, a segunda, de um tal conde Bauer, conselheiro do chanceler imperial Theobald von Bethmann Hollweg, e a terceira, de um capitão de indústria que é o maior fornecedor individual do exército. Naturalmente queremos cultivar os três, mas o mais atraente de nosso ponto de vista é o industrial, o Graf Otto Kurt Thomas von Meerbach. Ele é o presidente da Meerbach Motor Works.

— Eu os conheço – disse Leon, impressionado. — Eles desenvolveram o motor rotativo Meerbach para aviões. Estão competindo com o conde Zeppelin para a construção de aeronaves dirigíveis. Minha nossa! Gostaria de conhecer esse sujeito.

Estou fascinado por essa ideia de circular pelo céu, mas até agora não vi nenhuma dessas incríveis máquinas voadoras e nem vislumbro a possibilidade de subir numa delas.

Penrod sorriu diante desse entusiasmo juvenil.

— Se tudo sair como planejado, logo vai poder ter essa chance. Com a aprovação de Percy, mandei por telegrama uma resposta a Meerbach em seu nome. Dei-lhe todos os detalhes do que 7Conde. (Em alemão no original.) (N. E.)

você tem para oferecer, assim como as datas disponíveis e os preços habituais. Mas você ainda não tocou na carne! Está muito boa. Ah, continuando com as cartas, há também uma de seu amigo Kermit Roosevelt.

— Que o senhor abriu para me poupar trabalho?

— Meu Deus, claro que não! — retrucou Penrod, horrorizado. — Imagine fazer tal coisa! Trata-se de sua correspondência particular.

— Diferentemente da outra, que é pública, tio? — perguntou Leon, e Penrod sorriu, sem se incomodar.

— Faz parte de meu trabalho, caro rapaz. — Então mudou de assunto: — Pelo que entendi, agora que você está livre da princesa, vai dar assistência a seu sócio Percy no safári de lorde Eastmont.

— É isso mesmo. Saio amanhã à primeira hora. Percy está caçando no litoral oeste do lago Manyara, em território alemão. Deixou um bilhete para mim em Tandala. Disse que lorde Eastmont quer conseguir um búfalo de pelo menos um metro e vinte, e Manyara é o melhor lugar para achar um.

— Percy me apresentou Eastmont quando passou por Nairóbi. Jantamos juntos aqui, Percy, eu e os dois lordes, Eastmont e Delamere.

— Se me permite perguntar, o que achou de Eastmont, senhor?

— Pode perguntar, não há problema. Para dizer a verdade, estava a ponto de contar-lhes tudo. Você e Percy precisam saber. Desde nosso primeiro encontro, ele me pareceu um bicho raro. Alguma coisa nele me incomodava. Foi só depois que ele e Percy partiram para Manyara que tudo me voltou à mente, de modo intempestivo e ruidoso, se me permite a licença poética.

— Permissão concedida, senhor. Por favor, sou todo ouvidos.

— Lembrei-me de que tinha havido um pequeno mas desagradável incidente na campanha sul-africana nos idos de 1899. Um jovem capitão do Regimento de Cavalaria de Middlesex chamado Bertie Cochrane estava no comando de um pelotão de reconhecimento num lugar chamado Slang Nek quando tropeçaram em um forte contingente bôer. Logo aos primeiros disparos, o jovem Cochrane fugiu. Deixou que seu sargento tentasse fazer recuar os bôeres e fugiu para os braços da mamãe em casa. Foi um massacre. O pelotão teve quinze baixas numa força de vinte homens antes de conseguir se livrar do ataque. Cochrane, levado a conselho de guerra por

covardia diante do inimigo, foi julgado culpado e expulso do exército. Poderiam ter posto uma venda em seus olhos e uma bala .303, se não tivesse amigos em altos postos. Quando me lembrei de tudo isso, mandei um telegrama a alguém que conheço no Ministério da Guerra para verificar se ele se lembrava do fato. A resposta foi afirmativa. Cochrane e Eastmont são uma única e a mesma pessoa, mas havia mais alguns fragmentos de informação. Depois de sua baixa desonrosa, o jovem Bertie Cochrane se casou com uma americana muito rica, herdeira de negócios relacionados com azeite. Menos de dois anos depois, a Sra. Cochrane se afogou num acidente de barco em Ullswater, na Região dos Lagos de Cumberland. Cochrane foi julgado pelos tribunais de Middlesex pelo homicídio da esposa, mas foi beneficiado com absolvição por falta de provas. Herdou sua fortuna e dois anos mais tarde, com a morte de um tio, tornou-se conde de Eastmont, herdando uma propriedade de mais de quatro mil hectares perto de Appleby, em Westmorland. Assim, o simples e velho Bertie Cochrane se transformou em Bertram, conde de Eastmont.

— Santo Deus! Percy sabe disso?

— Não ainda, mas confio em você para levar-lhe as boas novas.

Leon estava pensativo ao voltar a cavalo para Tandala. Manyoro e Loikot estavam a sua espera. Deu-lhes instruções para que logo cedo na manhã seguinte iniciassem viagem para o acampamento de caça de Percy, às margens do lago Manyara; em seguida foi para sua barraca para ler a correspondência.

Havia três cartas muito carinhosas e divertidas de sua mãe. Cada uma tinha mais de vinte páginas, e, embora estivessem datadas com um mês de distância uma da outra, haviam chegado ao correio de Nairóbi juntas. Ficou sabendo que seu pai estava bem e próspero, como sempre. O mais recente livro de sua mãe se intitulava *Reflexões africanas*; seus direitos haviam sido adquiridos, e ele ia ser publicado pela Macmillan de Londres. A irmã mais velha de Leon, Penélope, ia se casar com um noivo de infância em maio, ou seja, seis semanas atrás. Teria de mandar-lhe um presente de casamento atrasado. Deixou de lado as três cartas da mãe para responder logo e em seguida abriu o envelope com o carimbo de Nova York e o lacre de cera vermelho de Kermit no verso.

Kermit cumprira a palavra. Sua carta era alegre e continha muitas notícias. Contava os últimos meses do grande safári com Quentin Grogan pelo Nilo, através do Sudão e do Egito. O Grande Remédio continuava fazendo estragos entre as manadas de animais de caça. Na viagem de Alexandria a Nova York, havia se apaixonado de novo, mas a garota estava comprometida. Parecia ter encarado bem essa rejeição. Depois passou a descrever uma cena na casa de Andrew Carnegie, o multimilionário do aço que havia financiado o grande safári do presidente. Entre outros convidados, estava o industrial alemão de Wieskirche, na Baviera. Seu nome

era Otto von Meerbach. Kermit se sentara à frente dele durante o jantar, e eles logo haviam se entendido muito bem. Depois do jantar, quando as senhoras se retiraram, ficaram tomando porto e fumando charuto juntos. Em sua carta, Kermit escreveu:

Otto é um personagem extraordinário, saído das páginas de um romance barato, com cicatrizes deixadas por duelos a espada e tudo. É um homem alto, cheio de energia e muito seguro de si, e mesmo alguém que não goste dele tem de admirá-lo. Ele é proprietário da Meerbach Motors. Estou certo de que você já ouviu falar dela. Aliás, parece que me lembro de termos conversado sobre isso. É uma das maiores e mais prósperas empresas da Europa e emprega mais de trinta mil pessoas. A Meerbach Motors desenvolveu o motor rotatório para engenhos voadores e aeronaves dirigíveis. Também fabrica carros e caminhões para o exército alemão, assim como aviões para a força aérea. Mas o que é muito interessante a respeito de Otto é que ele é um caçador ávido. Tem enormes propriedades na Baviera, onde caça veados e javalis. No inverno faz reuniões de caça em seu Shloss que são famosas. Não é nada extraordinário que os caçadores matem mais de duzentos javalis num só dia. Ele me convidou para participar dessas caçadas com ele da próxima vez que eu for à Europa. Falei-lhe sobre nosso safári, e ele se mostrou interessado. Disse-me que havia anos vinha pensando fazer um safári africano. Pediu-me seu endereço e, evidentemente, lhe dei. Espero que não se importe.

— Então foi assim que Von Meerbach entrou em contato comigo — disse Leon em voz alta. — Graças a Kermit. — A carta tinha mais umas quatro páginas.

A esposa de Otto, ou amante — não estou certo sobre sua relação — é de fato uma das damas mais bonitas que já vi. Seu nome é Eva von Wellberg. É muito refinada e serena, mas, meu Deus!, quando voltou os olhos para mim, meu coração se derreteu como manteiga no fogo. Para obter seus favores eu me bateria prazerosamente em duelo com Otto, embora ele tenha fama de ser um dos melhores espadachins da Europa. Veja o forte sentimento que a bela consorte dele despertou em mim.

Leon riu. Esse exagero era bem próprio de Kermit. Pela descrição do amigo, pareceu-lhe que era mais provável que Eva fosse razoavelmente atraente. Kermit terminava a carta instando Leon a responder-lhe logo para lhe contar todas as novidades de suas atividades e dos vários amigos que ele havia feito na África Oriental Britânica, em particular Manyoro e Loikot. E a terminava assim: "Salaam y Waidmanns Heil! (Otto me ensinou essa saudação dos caçadores) de seu GIS". Levou alguns instantes para que Leon entendesse o significado das três letras. Então sorriu novamente, dizendo:

— E tudo de melhor para você também, Kermit Roosevelt, Guerreiro Irmão de Sangue.

Abriu seu escritório de campanha para começar a responder às cartas da mãe e de Kermit, mas, antes que tivesse tempo de mergulhar a pena no tinteiro, Ishmael fez

soar o gongo, chamando para o jantar. Leon resmungou. Nem havia se refeito do almoço com o tio. Mas as refeições de Ishmael não eram uma opção, mas uma obrigação.

Na viagem para o sul ao lago Manyara, os caminhos apresentaram muitas dificuldades nos primeiros trezentos quilômetros. O Vauxhall foi cruelmente castigado, e eles foram obrigados a parar para consertar pneus furados pelo menos uma dúzia de vezes. Manyoro e Loikot acabaram se tornando grandes mestres na arte de localizar e retirar os espinhos cravados neles. Nas partes arenosas do caminho, o motor fervia, e eles precisavam esperar que esfriasse antes de voltar a encher o radiador.

O limite entre a África Oriental Britânica e a África Oriental Alemã não era demarcado nem protegido. Não havia postes indicando a rota, a não ser os incêndios de árvores nas margens do caminho e alguns crânios de animais colocados na ponta de paus. Orientando-se mais pelo instinto e pelo céu, chegaram finalmente a um pequeno comércio dirigido por um nativo no rio Makuyuni. Percy havia deixado alguns bons cavalos aos cuidados do dono do local para quando eles chegassem.

Leon parou o carro debaixo de uma figueira, na parte de trás da loja, e encilhou um dos animais. Dali seguiram a cavalo por uns oitenta quilômetros até o acampamento de caça de Percy, que estava instalado sobre um promontório à margem do lago.

No dia seguinte, uma hora depois do anoitecer, Leon e seus massais chegaram ao local. Descobriu que nem Percy nem seus clientes nobres haviam voltado ao acampamento. O cozinheiro de Percy serviu a Leon um jantar de coração de hipopótamo assado na brasa com creme de tapioca, purê de abóbora e um espesso caldo de carne.

Depois Leon se sentou junto ao fogo para observar os flamingos que voavam contra a lua em fileiras escuras e ondulantes. Um incêndio de arbustos ardia a distância, do outro lado do lago. Parecia uma serpente acesa deslizando pelas colinas escuras. Podia-se sentir o cheiro da fumaça. Passava das dez horas quando Leon ouviu os cavalos se aproximando. Foi então à entrada do acampamento para recebê-los.

Quando Percy desmontou da sela, intumescido e dolorido, reconheceu Leon, que os esperava no escuro. Endireitou os ombros, e seu rosto se franziu num sorriso de boas-vindas.

— Seja bem-vindo, Leon! Sua pontualidade é impressionante. Venha para cá que vou apresentá-lo ao conde. Pode ser até que lhe sirva um gole de Talisker.

Eastmont era uma figura alta e desajeitada, de pés e mãos enormes, assim como a cabeça, que parecia uma melancia. Os membros longos e finos não combinavam com o torso volumoso. Percy tinha pouco mais de um metro e oitenta, e seu rastreador

massai era alguns centímetros mais alto, mas Eastmont sobressaía entre eles, e Leon calculou que ele devia medir quase um metro e noventa. Quando trocaram um aperto de mãos, a de Leon sumiu na dele, como se fosse a de um menino. À luz tremulante do fogo, as feições de Eastmont pareciam descarnadas, ossudas, e sua expressão era sombria e taciturna. Falou pouco, deixando a conversa a cargo de Percy. Depois que os copos foram servidos, ele permaneceu sentado, de olhar fixo no fogo, enquanto Percy contava como havia sido a caçada do dia.

— Bem, milorde queria um búfalo realmente monumental, e, por todos os deuses, encontramos um esta manhã. Era um velho solitário, e, juro por tudo o que é sagrado, media quase um metro e quarenta.

— Percy, isso é incrível! Mas eu acredito — disse Leon. — Mostre-me a cabeça. Seu pessoal deverá trazê-la esta noite ou os esfoladores a trarão amanhã de manhã?

Fez-se um incômodo silêncio, e Percy olhou seu cliente por cima do fogo. Eastmont parecia não ter ouvido. Continuava a olhar fixamente para as chamas.

— Bem — disse Percy, interrompendo-se de novo. Depois prosseguiu com uma enxurrada de palavras. — Há um pequeno problema. A cabeça do búfalo ainda está grudada no corpo, e o corpo continua vivo.

Leon sentiu um calafrio na nuca, mas perguntou com cuidado:

— Está ferido?

Percy assentiu de má vontade e em seguida admitiu:

— Sim, mas muito mal ferido, creio.

— Ferido de que forma, Percy? Na cabeça ou nas tripas? Quanto sangue?

— Na pata traseira — respondeu Percy, apressando-se em dizer: — Com o osso longo quebrado, acho. Deve estar rígido e enfurecido amanhã pela manhã.

— Sangue, Percy? Quanto?

— Um pouco.

— Arterial ou venoso?

— Difícil dizer.

— Percy, não é difícil distinguir entre o sangue arterial e o venoso. Você me ensinou a fazer isso, portanto deve saber. Um é vermelho-brilhante; o outro, escuro. Por que foi difícil notar a diferença?

— Não havia muito sangue.

— Até onde o rastrearam?

— Até escurecer.

— Perguntei até onde, Percy, não por quanto tempo.

— Uns três quilômetros.

— Merda! — exclamou Leon, querendo mesmo dizer a palavra.

— A versão educada dessa palavra é merde — comentou Percy, tentando acrescentar um toque de humor ao assunto.

— Fico com a mais comum e expressiva — disse Leon sorrindo.

Permaneceram em silêncio por vários e longos minutos. Então, Leon olhou para Eastmont e perguntou:

— Que calibre estava usando, milorde?

— Três, sete, cinco — respondeu Eastmont sem levantar a vista.

"Merda de novo!", pensou Leon, mas calou-se. "Maldito atirador de meiapataca!"

— É muito fechado o lugar onde ele se escondeu?

— É fechado — admitiu Percy. — Vamos segui-lo assim que amanhecer. Deve estar imóvel e inutilizado. Não levaremos muito tempo para chegar até ele.

— Tenho um plano melhor. Vocês ficarão aqui e tirarão um dia de descanso no acampamento. Repouso para sua perna, Percy. Eu o seguirei e terminarei o assunto — sugeriu Leon.

O conde deu um urro como o de um leão-marinho macho na época de acasalamento.

— Você não fará nada disso, seu sujeitinho insolente. O búfalo é meu, e eu me encarregarei dele.

— Com o devido respeito, milorde, muitas armas de fogo poderão transformar uma situação potencialmente perigosa em um acidente fatal. Permita que eu vá. É para fazer isso que o senhor nos paga tão bem. — Leon sorriu, numa tentativa pouco convincente de diplomacia.

— Que diabo! Eu pago muito bem para que você faça o que quer que eu lhe mande fazer, rapazinho. — Leon ficou calado e olhou para Percy, que balançou a cabeça.

— Leon, tudo vai dar certo — disse. — Provavelmente vamos encontrá-lo amanhã.

Leon se pôs de pé.

— Como queira. Estarei pronto para montar ao clarear o dia. Boa noite, milorde. — Eastmont não respondeu, e Leon se virou para Percy. Ele lhe pareceu velho e doente à luz do fogo. — Boa noite, Percy — disse em tom amável. — Não se preocupe. Tenho o pressentimento de que tudo correrá bem. Nós o encontraremos. Eu sei.

Leon estava à beira do despenhadeiro com Manyoro e Loikot. O sol ainda não havia saído, e a baixa altura se via um banco de neblina sobre a água. O amanhecer não tinha vento, e o lago estava cinzento, cor de estanho-brilhante. Bandos de flamingos rosa voavam em longas e ondulantes fileiras sobre a água cinza e serena, que refletia sua imagem perfeita como um espelho. Era muito bonito.

— Buana Samawati acha que a pata traseira está fraturada — disse Leon, ainda olhando os flamingos. — Talvez isso o faça diminuir um pouco a velocidade.

Loikot deu uma cusparada na areia de lava preta; Manyoro esgaravatou o nariz e

depois examinou a ponta do dedo indicador com atenção. Nenhum dos dois contestou a tola afirmação. Uma pata fraturada não ia fazer que a velocidade de um búfalo macho enraivecido diminuísse.

— Buana Mjiguu quer ir na frente — continuou Leon. — Disse que o búfalo é dele, que ele é que vai atirar. — Os massais se referiam a Eastmont com o nome de Mjiguu, "Senhor dos Pés Grandes", e receberam a última informação com tanto júbilo como se lhes tivessem comunicado a morte de um amigo querido.

— Quem sabe quer atirar na outra pata! Isso, sim, vai fazer que sua velocidade diminua — disse Manyoro, e Loikot dobrou o corpo num ataque de riso. Leon não conseguiu se controlar. Teve de participar da risada, e isso aliviou um pouco a tensão.

Atrás deles, Percy saiu de sua barraca, e Leon afastou-se dos massais para ir cumprimentá-lo. Seu rosto estava tão cinzento quanto a água do lago, e sua coxeadura, mais pronunciada.

— Bom dia, Percy. Teve uma boa noite?

— A maldita perna não me deixou dormir.

— Há café no refeitório — disse Leon, e eles foram para lá. — Encontrei-me com meu tio Penrod em Nairóbi, e ele me pediu que lhe dissesse algo.

— Então diga.

— Eastmont foi destituído do exército na África do Sul. Covardia diante do inimigo. — Percy parou e o olhou nos olhos. — Já de volta ao país, foi julgado inocente da acusação de afogamento da mulher, que era muito rica, por falta de provas.

Percy ficou pensando um instante nisso, depois disse:

— Sabe de uma coisa? Isso não me surpreende nem um pouquinho. Levei-o para perto do búfalo ontem. Vinte metros. Nem um centímetro mais. Atirou na parte traseira do animal porque estava tomado de terror.

— E vai deixá-lo ir na frente hoje?

— Você o ouviu ontem à noite. Não temos alternativa, não é? — Percy parecia desolado.

Leon ficou cheio de remorso.

— Que bobagem! Você continua pura dinamite.

— Obrigado. Precisava ouvir isso. Mas Eastmont continua sendo meu cliente. Eu lhe darei apoio, mas agradeceria se você me cobrisse.

Nesse momento, Eastmont saiu de sua barraca e caminhou na direção deles arrastando os pés. Andava de modo desajeitado, como um urso bailarino preso a uma corrente.

— Bom dia, milorde — cumprimentou-o Percy, animado. — Ansioso para encontrar seu búfalo?

Cavalgaram durante uma hora antes de chegar ao lugar onde Percy havia deixado a pegada de sangue na noite anterior. Era um lugar ruim. O matagal cheio de espinhos era alto e denso até o chão. Havia estreitas passagens através dele, abertas por rinocerontes, elefantes e manadas de búfalos.

O rastreador de Percy, que estava com ele havia trinta anos e se chamava Ko'twa, apontou para a pegada velha que estava quase apagada pela passagem de outros animais de porte durante a noite. Manyoro e Loikot partiram trotando.

Os três caçadores os seguiram a cavalo. Embora o matagal fosse denso, o solo era macio e arenoso, de modo que cobriram os primeiros três quilômetros rapidamente. Depois o tipo de terreno mudou para areia firme, resistente às pegadas das patas do búfalo. Havia pouco sangue, que depois de seco ficou preto, de modo que era quase impossível distinguir as manchas no húmus de folhas mortas e nos galhinhos secos debaixo dos arbustos. Os cavaleiros seguiam bem atrás para permitir que os três rastreadores fizessem seus pequenos milagres de detecção sem interferência. Depois de uma hora, o sol já estava alto e quente como um forno. Não havia nenhuma brisa, e o ar estava sufocante. Até as aves e os insetos estavam sossegados. O silêncio era melancólico e funesto, e o matagal espinhoso ficava cada vez mais fechado, quase sólido. Os rastreadores afundaram nas estreitas trilhas e aberturas entre os galhos pontiagudos. Até de cima dos cavalos a visão do terreno à frente era mínima.

Finalmente, Leon parou o cavalo e sussurrou para Percy:

— Estamos fazendo muito barulho. O búfalo vai nos ouvir a mais de um quilômetro e saberá que estamos nos aproximando. Não queremos obrigá-lo a se deslocar. Isso lhe abrirá o ferimento. Devemos descer dos cavalos. — Desarrearam e amarraram os cavalos, mas puseram neles um embornal com alimento para mantê-los sossegados.

Enquanto bebiam um pouco de água dos cantis, Percy deu as últimas instruções a Eastmont:

— Quando o búfalo avançar, e quero dizer quando ele fizer isso e não se o fizer, ele virá com o focinho para o alto. É provável que avance em zigue-zague em sua direção. Alguém poderia pensar que está se locomovendo lentamente e que não está indo em sua direção. Não se engane. Ele virá muito rápido e disposto a atacá-lo. Você vai ver que ele é tão grande que poderá até se confundir e não saber para onde apontar. Poderá se sentir tentado a atirar no meio do corpo dele. Não faça isso. Só há um lugar no qual disparar se quiser detê-lo. Atire no cérebro. Lembre-se: o focinho estará muito levantado. Mire na ponta dele. Vai estar úmido e brilhante, e será um bom alvo. Continue atirando no focinho até que ele caia. Se não cair e continuar avançando, corra para o lado esquerdo. Eu estarei junto de seu cotovelo direito, e você deve deixar um bom espaço para eu atirar. Para a esquerda! Corra para sua esquerda. Entendeu?

— Não sou um menino, Phillips — disse o conde com certa dureza. — Não fale comigo como se eu fosse.

"O senhor não é um menino", pensou Leon com amargura. "É o cavalheiro valente que deixou seu pelotão ser despedaçado a tiros pelos velhos e bons bôeres. Acho que poderíamos nos divertir um pouco com o senhor hoje, milorde."

— Desculpe-me — respondeu Percy. — Está pronto para seguir adiante? — Dispuseram-se em formação de combate. Eastmont ia na frente, com Percy junto de seu cotovelo direito e Leon na retaguarda. Todos os rifles estavam carregados e travados. Leon levava os cartuchos .470 de reposição entre os dedos da mão esquerda, prontos para uma recarga rápida. Seguiam os rastreadores, que sabiam exatamente o que tinham de fazer sem que ninguém precisasse lhes dizer. Isso era tudo o que iam realizar naquele dia de trabalho. Assim que o búfalo deixasse o refúgio, seu dever era sair da frente e deixar o terreno livre para Eastmont enfrentar o animal. Avançavam lenta e silenciosamente, comunicando-se por sinais.

O sol estava a pino, e o ar, quente como o do inferno. As costas da camisa de Eastmont estavam empapadas de suor. Leon viu gotas deslizando da linha do cabelo por sua nuca. Podia ouvi-lo respirar no silêncio, uma respiração entrecortada, curta e difícil, como a de um asmático. Haviam avançado não mais de duzentos passos lentos na última hora, e a tensão parecia vibrar em volta deles como eletricidade estática.

De repente, ouviu-se um som, vindo diretamente lá da frente, como de galinhos secos se quebrando. Os rastreadores ficaram imóveis. Loikot parou numa perna só, com a outra no ar para dar o passo seguinte.

— O que foi isso? — perguntou Eastmont. No silêncio, sua voz soou como uma sirene de neblina.

Percy pôs a mão em seu ombro e o apertou com força para fazer que se calasse. Depois inclinou-se para frente até seus lábios quase tocarem a orelha de Eastmont.

— O búfalo percebeu nossa aproximação. Ele se levantou, e seu chifre tocou num galho. Ele está perto. Não façam nenhum barulho.

Ninguém mais falou nem se mexeu. Loikot continuava parado numa perna só. Todos estavam imóveis como figuras de cera. Isso pareceu durar uma eternidade. Depois Loikot pôs o pé no chão, e Manyoro virou a cabeça para olhar para trás. Com a mão direita, fez um movimento elegante e eloquente para Leon, que queria dizer: "O búfalo foi para diante. Podemos continuar".

Prosseguiram com todo o cuidado, mas não ouviram nem viram nada. Nesse momento, a tensão era como a vibração de cabos de aço esticados ao máximo. O polegar de Leon estava firme na trava do Holland, com a culatra debaixo de sua axila direita. Podia montar, apontar e disparar instantaneamente. Então o ouviu, suave como chuva caindo na grama, leve como a respiração de um bebê dormindo.

Olhou para a esquerda, e o búfalo vinha vindo à direção dele.

Tinha voltado por onde viera e lhes armara uma emboscada, escondendo-se no denso matagal de espinhos cinzentos. Esperou que os rastreadores passassem e depois saiu, preto como carvão e grande como uma montanha de pedra. Os grandes chifres faziam uma curva enorme, lisa e brilhante, cuja envergadura era maior que a dos braços de um homem alto. As pontas eram agudas como adagas, e a protuberância entre elas era enrugada como a casca de uma noz gigantesca e grande como um monólito de obsidiana.

— Percy! A sua esquerda! Venha! — Leon gritou com toda a força dos pulmões. Deslocou-se para ter um campo de fogo limpo, mas, quando levou o rifle ao ombro, o búfalo correu para trás de um grupo de arbustos espinhentos que havia no meio, e ele não pôde fazer mira.

— É seu, Percy! Agarre-o! — gritou Leon mais uma vez e pelo rabo do olho viu que Percy havia se voltado para a esquerda e se ajeitava para ficar em posição de atirar. Mas sua perna aleijada o incomodava e o fez diminuir a velocidade. Preparou-se, inclinandose sobre seu rifle e nivelando-o para atirar. Leon estava certo de que daquela distância Percy ia disparar no cérebro. Ele era um velho caçador e não ia estropiar a fera nem nesse momento nem nunca.

Mas eles haviam se esquecido de lorde Eastmont. Quando Percy ajustou o indicador no gatilho, os nervos de Eastmont não resistiram, e ele deixou cair o rifle, deu meia-volta e correu em busca de segurança. Voltou correndo pela trilha, com os olhos saltando das órbitas no rosto branco acinzentado pelo pânico. Parecia nem ter visto Percy quando trombou com ele com todo o seu peso. Percy caiu, e o rifle saltou de suas mãos quando ele bateu no chão com os ombros e a parte de trás da cabeça. Eastmont não via o que tinha pela frente e foi diretamente de encontro a Leon. O caminho era muito estreito para que Leon evitasse chocar-se com ele. Virou o rifle e usou a culatra num esforço para fazer Eastmont parar.

Foi inútil. Eastmont era um homem enorme e estava aterrorizado. Nada conseguiria fazê-lo parar. Leon o golpeou no peito com a culatra do rifle. O cabo de noqueira se rompeu na parte mais estreita, mas Eastmont nem piscou. Chocou-se contra Leon como uma avalanche, fazendo-o cair sobre o ombro direito à beira do caminho, e continuou em frente. Segurando na mão esquerda o cabo quebrado do rifle, Leon se apoiou na direita, tentando se pôr de pé. Olhava desesperado pelo caminho para ver onde Percy caíra.

Percy se esforçava para ficar de joelhos. A batida atrás da cabeça o deixara aturdido, e ele perdera o rifle. Leon viu que, atrás dele, o búfalo saíra do matagal e entrava no caminho estreito. Seus olhos pequenos estavam injetados de sangue e fixos em Percy. Abaixou a enorme cabeça e se lançou direto para ele. Sua pata inutilizada ia balançando, pendendo sem vida do osso quebrado, mas o animal corria

com as outras três, rápido e escuro como um ciclone de verão.

Leon levantou o rifle quebrado. A culatra havia desaparecido, mas ele ia disparar com uma só mão. Sabia que o coice poderia lhe quebrar o pulso.

— Percy, agache-se! — gritou. — Deite-se no chão! Deixe que eu atire! — Mas Percy estava de pé em toda a sua altura, obstruindo a linha de tiro. Ele balançava a cabeça, confuso, cambaleando como se estivesse bêbado e olhando vagamente em volta. Leon tentou gritar de novo, mas sua garganta ficou paralisada pelo horror, e ele não conseguiu emitir nenhum som. Observou o búfalo mexendo a cabeça para um lado, enquanto cobria os últimos metros até Percy. Seu pescoço era tão grosso quanto um tronco de árvore e cheio de músculos salientes. Usou toda a sua força contida para mover aqueles chifres em meia-lua.

A ponta de um dos chifres atingiu Percy na parte inferior das costas, na altura dos rins. O búfalo lançou a cabeça para cima e o atravessou. Sem poder acreditar, Leon viu a ponta do longo chifre curvo surgir pela frente no ventre do amigo. O animal sacudiu a cabeça num esforço para se livrar do corpo lânguido. Percy era sacudido de um lado a outro, seus braços e pernas se agitavam sem resistência, mas o chifre continuava atravessado em seu ventre. A pele e os músculos se rompiam com um ruído de seda se rasgando. Percy ficara pendurado sobre a cabeça do búfalo, tapando-lhe a visão. Leon então correu para frente, tirando a trava de segurança do rifle quebrado. Antes que conseguisse chegar até eles, o búfalo abaixou a cabeça e lançou o corpo de Percy contra o chão. Mal se livrou do corpo, de pé por cima dele, começou a esfregar nele a protuberância que tinha entre os chifres e a esmagá-lo no chão. Leon ouviu o ruído das costelas se quebrando como galhos secos. Não podia disparar no crânio do macho porque a bala o atravessaria e pararia no corpo de Percy.

Apoiou-se num joelho junto ao ombro do búfalo e apertou os canos do Holland contra a enorme corcova, na junção da espinha dorsal com o corpo. Tivera receio de que o coice do rifle quebrasse seu pulso, mas sua fúria e concentração eram tão grandes que mal o sentiu, e achou que o cartucho falhara. Mas o macho cambaleou, caiu sentado sobre as patas traseiras, com as dianteiras juntas na frente, e abaixou a cabeça. Foi então que Leon teve condições de atingir seu cérebro. Pôs-se de pé num salto e avançou de novo, procurando ficar longe do movimento amplo daqueles chifres letais. Apertou a boca do cano ainda carregado contra a parte posterior do crânio, atrás da bossa entre os chifres, e disparou com o segundo cano. A bala fez explodir o cérebro da besta dentro de seu estojo de osso. O búfalo caiu para frente e em seguida rolou para um lado. A pata traseira intacta estremeceu convulsivamente, e ele soltou um rugido de morte longo e triste, ficando imóvel afinal.

Leon deixou cair o rifle e voltou para o local onde Percy jazia estendido. Caiu de joelhos junto dele. Percy estava de barriga para cima, de braços abertos, como um

crucifixo. Seus olhos estavam fechados. O ferimento em seu ventre era medonho. Os violentos movimentos do macho o haviam aberto ainda mais, de modo que os intestinos rompidos e entrelaçados escapavam pela abertura, e seu conteúdo jorrava aos borbotões do ferimento. Pela cor escura do sangue, Leon pensou que eram os rins que estavam sangrando.

— Percy — gritou Leon. Temia tocar nele, para evitar-lhe mais dor e dano. — Percy?

O sócio abriu os olhos e com grande esforço fixou-os no rosto de Leon. Sorriu com tristeza.

— Bem, não consegui me salvar da segunda vez. Da primeira foi só minha velha perna, mas agora realmente me mataram.

— Não diga bobagens. — A voz de Leon estava grave, mas sua visão estava ficando empanada. Sentiu a umidade nas faces e esperou que fosse apenas suor. — Assim que tampar o ferimento, vou levá-lo para o acampamento. Você vai ficar bem. — Tirou a camisa e fez uma bolota com ela. — Isto pode ser um tanto incômodo, mas temos de manter tudo aí dentro até chegarmos. — Enfiou a camisa no buraco do abdome de Percy. Ela entrou com facilidade, pois o ferimento era grande e profundo.

— Não sinto nada – disse Percy. — Isto vai ser muito mais fácil do que imaginei.

— Cale-se, meu velho. — Leon não conseguia olhá-lo nos olhos, que começavam a ser tomados pelas sombras. — Agora vamos. Vou levantá-lo e levá-lo até seu cavalo.

— Não — sussurrou Percy. — Deixe que seja aqui. Estou pronto para isso, se você me ajudar.

— Como for melhor para você... — disse Leon. — Faço tudo o que você quiser, Percy. Você sabe disso.

— Então me dê a mão. — Percy procurou-a às tontas, e Leon apertou--lhe a mão com firmeza. Percy fechou os olhos. — Nunca tive um filho – disse ele suavemente. — Queria um, mas não o tive.

— Não sabia — disse Leon.

Percy abriu os olhos.

— Pelo jeito, tenho de me conformar com você. — O brilho antigo voltara a seus olhos.

Leon tentou responder, mas sua garganta estava fechada. Então tossiu e virou a cabeça para o outro lado. Demorou um pouco para recuperar a voz.

— Não sou muito bom nisso, Percy.

— Ninguém nunca chorou por mim. — Na voz de Percy havia admiração.

— Merda! — exclamou Leon.

— Merde — corrigiu-o Percy.

— Merde — repetiu Leon.

— Agora, escute — pediu Percy em tom de urgência. — Eu sabia que isso ia acontecer. Tive um sonho, uma premonição. Deixei algo para você no velho baú de metal debaixo de minha cama em Tandala.

— Amo você, Percy, seu velho bastardo.

— Ninguém nunca me disse isso também. — O brilho dos olhos azuis começava a se desvanecer. — Prepare-se. Vai ser agora. Prepare-se para me dar a mão e me ajudar a atravessar para o outro lado. — Fechou os olhos com força durante um longo minuto, depois os abriu muito. — Aperte, filho. Aperte com força! — Leon lhe apertou a mão e ficou surpreso com a força com que o velho retribuiu o gesto. — Ó Deus, perdoa meus pecados! Ó doce e amoroso Pai! Ah, já vou. — E Percy deu o último suspiro. Seu corpo ficou rígido e, em seguida, a mão presa na de Leon afrouxou.

Leon permaneceu sentado junto dele por um bom tempo. Não havia percebido que os rastreadores tinham voltado e estavam de cócoras atrás dele. Quando estendeu a mão e com delicadeza fechou os olhos de Percy, Ko'twa se pôs de pé num salto e voltou correndo pelo caminho, brandindo a assegai.

Com todo o cuidado, Leon ajeitou os membros de Percy e o levantou nos braços como se ele fosse um menino adormecido. Voltou para o lugar onde haviam amarrado os cavalos, com a cabeça de Percy apoiada em seu ombro. Não tinha dado cinquenta passos quando ouviu gritos descontrolados.

— Buana, venha rápido! Ko'twa vai matar Mjiguu! — Leon reconheceu a voz de Manyoro acima do tumulto e, ainda com Percy nos braços, começou a correr. Ao fazer uma curva no estreito caminho, deparou com uma cena inusitada.

Eastmont estava acocorado em posição fetal no meio do caminho, com os joelhos no peito e as mãos enormes cobrindo a cabeça para se proteger. Ko'twa dançava em cima dele com sua assegai erguida e gritava para o corpo prostrado:

— Porco e filho de porco! Você matou Samawati! Você não é homem! Você deixou que ele morresse. Ele era um homem entre os homens, e você o matou, você, criatura inútil. Agora eu vou matar você. — Tentou cravar a brilhante ponta da assegai nas costas de Eastmont, mas Manyoro e Loikot se dependuraram no braço que segurava a lança para impedir que ela seguisse seu caminho.

— Ko'twa! — A voz de Leon soou como o disparo de um rifle e chegou ao rastreador, apesar de sua extrema dor. Ele olhou para Leon, mas seus olhos continuavam cegos de raiva e dor.

— Ko'twa, seu buana precisa de você. Venha, leve-o de volta — disse Leon, entregando a ele o corpo sem vida de Percy. Ko'twa o olhou nos olhos. Lentamente foi voltando das distantes regiões de sua mente, e as marcas vermelhas da raiva sumiram de seus olhos. Deixou cair a assegai e com um movimento dos ombros livrou-se das mãos dos dois massais que o seguravam. Aproximou-se de Leon com o

rosto banhado em lágrimas, e ele colocou Percy em seus braços. — Leve-o com cuidado, Ko'twa. — Ele fez que sim com a cabeça e sem dizer palavra levou Percy para o local onde estavam os cavalos. Leon voltou para o lugar onde Eastmont estava estendido e o empurrou com a ponta da bota.

— Levante-se. Está tudo terminado. O senhor já não corre perigo. Levante-se. — Eastmont soluçava baixinho. — Levante-se, maldição! Covarde, bastardo! — repetia Leon.

Eastmont ergueu o enorme corpo e olhou para ele sem compreender.

— O que aconteceu? — perguntou, em dúvida.

— O senhor fugiu, milorde.

— Não foi culpa minha.

— Isso deve ser um grande consolo para Percy Phillips e para os soldados que o senhor deixou morrer em Slang Nek. Ou, já que estamos falando disso, para quem o senhor afogou em Ullswater.

Eastmont parecia não se dar conta das acusações.

— Não tive intenção — disse, choramingando. — Queria me testar. Mas não pude evitar que isso ocorresse de novo. Por favor, procure compreender. Por favor.

— Não, milorde, não vou compreender. No entanto, tenho um conselho a lhe dar. Não volte a falar comigo. Nunca mais. Não vou me controlar se continuar ouvindo suas lamúrias. Vou torcer essa cabeçorra grotesca até arrancá-la de seu corpo monstruosamente disforme. — Leon se virou e chamou Manyoro. — Leve esse homem de volta ao acampamento.

Afastou-se deles e voltou ao local onde o búfalo estava caído. Encontrou as partes de seu rifle entre os arbustos ao lado do caminho, onde as havia atirado. Quando chegou aonde estavam os cavalos, Ko'twa esperava por ele. Continuava segurando Percy nos braços.

— Irmão, por favor, deixe-me levar Samawati, porque ele era meu pai. — Leon pegou o corpo de Percy dos braços do rastreador em prantos e levou-o até o cavalo.

Quando Leon chegou ao acampamento junto ao lago, lá estava Max Rosenthal, que chegara de Tandala em outro automóvel. Leon lhe disse que tomasse providências para que a bagagem de Eastmont fosse preparada e levada. Quando Eastmont, guiado por Manyoro, chegou ao acampamento, estava abatido e sombrio.

— Vou mandá-lo para Nairóbi — disse Leon com frieza. — Max o porá no trem para Mombaça e reservará um camarote para o senhor no primeiro barco que saia para a Europa. Mandarei a cabeça de búfalo e seus outros troféus assim que estiverem curados. Vai gostar de saber que seu búfalo mede mais de um metro e vinte. Devo lhe fazer um reembolso pela redução do tempo do safári. Farei uma remessa bancária assim que calcular o valor preciso. Entre no carro agora e mantenha-se longe de minha vista. Tenho de enterrar o homem que o senhor matou.

Cavaram uma tumba bem funda para enterrar o corpo de Percy debaixo de um antigo baobá, no alto do promontório que dava para o lago. Envolveram-no em seu saco de dormir e o colocaram no fundo da cova. Depois cobriram-no com uma camada das maiores pedras que conseguiram carregar até lá e por cima jogaram terra. Leon permaneceu de pé enquanto Manyoro dirigia os outros na dança do leão.

Leon ficou ali depois que todos voltaram ao acampamento. Sentou-se num galho seco que caíra do baobá, com o olhar perdido no lago. Nesse momento o sol se refletia na água, e ela estava azul como eram os olhos de Percy. Fez sua última despedida em silêncio. Se Percy estivesse ali por perto, saberia o que ele estava pensando sem precisar que ele lhe dissesse.

Ao olhar para o lago, Leon ficou satisfeito com o bonito lugar que escolhera para Percy repousar pela eternidade. Pensou que, quando chegasse sua hora, não se importaria de ser enterrado num lugar assim. Quando por fim se afastou da tumba e voltou ao acampamento, descobriu que Max já havia partido para Nairóbi com lorde Eastmont.

"Bem, pelo menos ainda estou bebendo seu uísque", pensou Leon com amargura. Essas palavras teriam sido a síntese de Percy diante de um safári que dera tão errado.

Leon percorreu o difícil caminho até Arusha, o centro administrativo local do governo da África Oriental Alemã. Apresentou-se diante do Amtsrichter do distrito e fez uma declaração sob juramento a respeito das circunstâncias da morte de Percy. O juiz emitiu o certificado de óbito.

Alguns dias depois, quando chegou ao Acampamento Tandala, Max e Hennie du Rand o esperavam, ansiosos, preocupados com sua situação depois da morte de Percy. Leon disse que conversaria com eles assim que se inteirasse da situação da empresa.

Depois de beber uma chaleira inteira, para que o chá lavasse o pó de sua garganta, barbeou-se, tomou banho e vestiu uma roupa recém-passada por Ishmael. Então, teve de reconhecer que estava deliberadamente esticando o tempo, relutando em ir ao bangalô de Percy. Ele havia sido uma pessoa tão discreta a respeito de sua vida que parecia sacrilégio ficar bisbilhotando seus pertences pessoais. No entanto, encorajou-se com a ideia de que era isso que o próprio Percy o teria encarregado de fazer.

Subiu a colina até o bangalô de teto de palha que fora o lar de Percy durante os últimos quarenta anos. Ainda relutava em entrar, e ficou sentado no alpendre por um momento, recordando algumas das piadas com que os dois haviam se divertido sentados nas cômodas poltronas de teca, com seus almofadões de pele de elefante e os porta-copos de uísque entalhados no descanso de braço. Por fim levantou-se e dirigiu-se à porta principal. Empurrou-a, e ela se abriu. Durante todos esses anos,

Percy nunca se incomodara em pôr uma fechadura na porta.

Leon penetrou no interior fresco e às escuras. As paredes do salão eram cobertas de estantes nas quais havia centenas de livros. A biblioteca de Percy era um tesouro de tudo o que se relacionava com a África. Instintivamente, Leon foi à estante central e pegou um exemplar de Sol brilhante e tormenta sobre a África, de Percy "Samawati" Phillips. Era sua autobiografia. Leon a havia lido mais de uma vez. Deixou correr rapidamente as páginas, apreciando algumas das ilustrações. Depois voltou a colocá-lo na estante e entrou no dormitório de Percy. Nunca estivera naquele quarto, e olhava em volta timidamente. De uma parede pendia um crucifixo. Leon sorriu. "Percy, velho cão astuto, sempre acreditei que você fosse um ateu impenitente, mas todo o tempo você era secretamente católico."



Havia outro objeto nas paredes monasticamente austeras. Em frente à cama, uma foto antiga, colorida à mão, mostrava um casal numa pose formal, vestido com as melhores roupas de domingo. A mulher segurava nos braços uma criança de colo. Apesar das costeletas, o homem era uma cópia exata de Percy. Sem dúvida, eram seus pais, e Leon se perguntava se o menino seria Percy ou um de seus irmãos.

Leon se sentou na beira da cama. O colchão era duro como concreto, e as roupas de cama estavam gastas. Enfiou a mão debaixo da cama e arrastou um pesadíssimo baú metálico de viagem. Ao tentar puxá-lo, encontrou alguma resistência. Agachou-se, apoiado num joelho, para ver o que o estava emperrando.

— Deus do céu! — sussurrou entre dentes. — Sempre me perguntava o que você teria feito com isso. — Precisou fazer muita força para arrastar o pesado objeto e deixá-lo à vista. Pôs-se de pé novamente. Diante de seus olhos estava uma grande presa de marfim, par daquela que ele havia empenhado com o cavalheiro Goolam Vilabjhi. — Achei que você a tinha vendido, Percy, mas o tempo todo estava guardada aqui.

Sentou-se de novo na beira da cama e, numa atitude possessiva, pôs ambos os pés em cima da presa; depois abriu o baú. Dentro dele estava todo o tesouro e os objetos de valor de Percy — seu passaporte, suas contas, a carteira de talão de cheques, caixinhas de joias com abotoaduras e prendedores de gravata, e até bilhetes de viagens de barco e fotografias desbotadas. Também havia vários pacotes de documentos amarrados com fitas. Leon sorriu de novo ao ver que se tratava de todos os recortes de jornal sobre o grande safári no qual ele próprio tivera papel tão importante. Por cima desse tesouro, num documento dobrado, lacrado com cera vermelha, estava escrito com letras maiúsculas: "Para ser aberto por Leon Courtney só em caso de minha morte".

Leon o sopesou e desembainhou a faca de seu cinturão. Abriu com cuidado o lacre de cera e desdobrou a folha de papel-manilha grosso. O título era: "Última vontade e testamento". Leon desviou os olhos para o pé da página e viu que o documento estava assinado por Percy, e suas duas testemunhas eram o general de brigada Penrod Ballantyne e Hugh, terceiro barão Delamere.

"Impecável", pensou Leon. Percy não poderia ter encontrado testemunhas mais confiáveis do que aqueles dois. Voltou para o alto da página e leu cuidadosa e completamente o documento manuscrito. A essência de seu conteúdo era clara e simples. Percy deixava todos os seus bens, sem excluir nada, para seu sócio e

querido amigo Leon Ryder Courtney.

Leon não demorou muito para se dar conta da magnitude do último presente de Percy. Teve de ler o documento mais três vezes para assimilá-lo. Ainda não tinha a menor ideia de toda a riqueza de Percy, mas suas armas e equipamentos de safári deviam valer pelo menos quinhentas libras, sem mencionar a enorme presa de marfim em que Leon apoiava os pés. Mas o que preocupava Leon não era o valor intrínseco dos bens, mas sim o presente em si mesmo, a profundidade do carinho e da estima de Percy; esse era o verdadeiro tesouro.

Não tinha pressa em ver o restante do que havia no baú, por isso ficou sentado ali por algum tempo, pensando no testamento. Finalmente, levou o baú para a varanda, onde havia mais claridade, e sentou-se na poltrona favorita de Percy.

— Eu a mantereí aquecida para você, meu velho amigo — murmurou, à guisa de desculpa, e começou a tirar tudo o que havia ali.

Percy fora meticuloso ao manter seus registros em ordem. Leon abriu o livro-caixa e piscou assombrado quando viu os resumos dos depósitos na sucursal de Nairóbi do Barclay Bank para os Domínios, Colônias e Estrangeiro em nome do senhor Percy Phillips. Somavam pouco mais de cinco mil libras esterlinas. Percy o tornara um homem rico.

Mas isso não era tudo. Encontrou títulos de propriedade de terras e casas não só em Nairóbi e Mombaça, mas também na cidade de Bristol, terra natal de Percy, na Inglaterra. Leon não tinha como calcular quanto valia aquilo tudo.

O valor era mais palpável no maço de Consols, os títulos ao portador a cinco por cento constantes fixos, expedidos pelo governo da Grã-Bretanha, o investimento mais seguro e confiável que existia. Seu valor nominal era de doze mil e quinhentas libras. Só sobre isso, os juros eram de mais de seiscentas libras ao ano. Eram uma renda principesca.

— Percy, eu não tinha ideia de nada disso! De onde diabos tirou tudo isso? — Quando escureceu, Leon entrou no salão e acendeu os lampiões. Trabalhou até depois da meia-noite, organizando documentos e olhando contas. Quando seus olhos já estavam se fechando, foi para o pequeno e austero dormitório e se estendeu debaixo do mosquiteiro na cama de Percy. O colchão duro deu as boas-vindas a seu corpo cansado. Foi agradável. Depois de todas as suas andanças, havia encontrado um lugar que parecia um lar.

Acordou com o coro dos tordos abaixo da janela anunciando o amanhecer. Desceu a colina de volta e encontrou Max Rosenthal e Hennie du Rand, que o esperavam na barraca-refeitório, preocupados. Ishmael já havia preparado o café da manhã, mas ninguém tocara nele. Leon se sentou em seu lugar, na cabeceira da mesa.

— Relaxem e fiquem à vontade, nada de continuar sentados na beira da cadeira. Sirvam-se dos ovos e bacon antes que esfriem e Ishmael tenha um acesso de raiva

— disse. — C & P Safáris continua em atividade. Nada mudou. O trabalho de vocês está garantido. Apenas continuem fazendo tudo exatamente como antes.

Assim que terminou o desjejum, foi até o carro. Depois que Manyoro girou a manivela e o motor começou a funcionar, ele e Loikot subiram na carroceria, e Leon foi para a cidade. Sua primeira parada foi no pequeno edifício de teto de palha atrás da Casa do Governo, onde funcionava o Registro de Propriedade. O empregado registrou o certificado de óbito e seu testamento, e Leon assinou as anotações feitas no grande livro de capa de couro.

— Como executor do testamento da herança do Sr. Phillips, o senhor tem trinta dias para apresentar uma declaração detalhada dos bens — informou o empregado. — Depois deve pagar o imposto antes que os demais bens possam ser entregues aos herdeiros designados.

Leon se surpreendeu.

— O que quer dizer? Está me dizendo que é preciso pagar para morrer?

— É isso mesmo, Sr. Courtney. Impostos sobre a herança. Dois e meio por cento.

— Isso é um roubo flagrante, uma extorsão! — exclamou Leon. — E se me negar a pagar?

— Embargaremos seus bens e ainda o mandaremos para a prisão.

Leon ainda estava furioso com tamanha injustiça quando passou com seu veículo através dos portões de entrada do quartel dos RAR. Estacionou o carro diante do edifício do quartel-general e subiu os degraus, respondendo à continência dos sentinelas enquanto passava. O novo ajudante estava sentado na sala da guarda. Para surpresa de Leon, não era outro senão Bobby Sampson. Já trazia as insígnias de capitão em suas dragonas.

— Parece que todo mundo aqui foi promovido, até as formas inferiores de vida animal — comentou Leon da entrada.

Bobby o olhou sem entender por um momento, depois saltou por cima da escrivaninha e se precipitou para apertar efusivamente a mão de Leon.

— Leon, amigo velho! Que bom ver você! Nem sei o que dizer. É mesmo um prazer.

— Você disse tudo, Bobby.

— Diga-me — continuou Bobby —, por onde tem andado desde que nos vimos da última vez?

Ficaram conversando durante algum tempo. Depois Leon disse:

— Bobby, gostaria de falar com o general.

— Não tenho dúvida de que o velho ficará encantado em recebê-lo. Espere aqui, vou falar com ele. — Instantes depois voltou e fez Leon entrar no escritório do comandante.

Penrod se levantou e estendeu o braço por cima da escrivaninha para estreitar a

mão de Leon, depois apontou para a cadeira a sua frente.

— Estou surpreso de vê-lo aqui, Leon. Não o esperava em Nairóbi antes de mais ou menos um mês. O que houve?

— Percy morreu, senhor. — A voz de Leon ficou embargada ao pronunciar abruptamente essas palavras.

Penrod o olhou em silêncio. Em seguida afastou-se da escrivania, foi até a janela e ficou lá olhando para o pátio de manobras, com as mãos cruzadas às costas. Permaneceram em silêncio por um bom tempo, até que afinal Penrod voltou a seu assento.

— Conte-me o que aconteceu — pediu ele.

Leon lhe relatou tudo, e, quando terminou, Penrod disse:

— Percy sabia que esse momento estava próximo. Pediu-me que fosse testemunha de seu testamento antes de deixar a cidade. Você sabia que ele fez um testamento?

— Sim, tio. Ele me disse onde encontrá-lo. Já o registrei.

Penrod se levantou e pôs o quepe na cabeça.

— É um pouco cedo, o sol ainda não chegou ao pátio de manobras, mas temos a obrigação de dar a Percy um adeus decente. Vamos.

Além do barman, o cassino dos oficiais estava vazio. Penrod pediu as bebidas, e eles se sentaram juntos no canto tranquilo tradicionalmente reservado para o oficial no comando e seus convidados. Por algum tempo a conversa girou em torno de Percy e o modo como havia morrido. Finalmente, Penrod perguntou:

— O que você vai fazer agora?

— Percy deixou tudo para mim, senhor, de modo que mantereí a empresa funcionando, se não por outras razões, pelo menos para honrar sua memória.

— Fico contente com isso, por todas as razões que você já conhece muito bem — disse Penrod, aprovando a decisão do sobrinho de todo o coração. — Mas suponho que vai mudar o nome.

— Já fiz isso, tio. Registreí o novo nome esta manhã.

— Safáris Courtney?

— Não, senhor. Phillips e Courtney. P & C Safáris.

— Não tirou o nome dele. Em vez disso, deu a ele prioridade, colocando-o antes do seu, diferentemente do que era.

— O nome anterior foi decidido pela sorte, com uma moeda. Percy o queria então como é agora. Isso é apenas uma maneira de tentar lhe devolver tudo o que ele fez por mim.

— Muito benfeito, meu rapaz. Mas, agora, falemos de outra coisa. Tenho boas notícias para você. P & C Safáris está começando bem. A princesa Isabella Madeleine Hoherberg von Preussen von und zu Hohenzollern deu seu aval a sua empresa. Parece que o Graf Otto von Meerbach, amigo da família da princesa, falou

com ela por ocasião de sua volta à Alemanha, e ela o recomendou sem reservas. Von Meerbach aceitou o preço de Percy que lhe enviei e já fez o depósito em sua conta bancária. Ele confirmou que virá à África Oriental Britânica com todo o seu séquito no início do próximo ano, para um safári de seis meses.

Leon forçou um sorriso e movimentou o gelo em seu copo.

— De algum modo, já não parece tão importante, agora que Percy se foi.

— Ânimo, meu rapaz. Von Meerbach vai trazer dois protótipos de suas máquinas voadoras. Parece que querem testá-las nas condições dos trópicos. Ao que tudo indica, ele as está desenvolvendo como correio aéreo, mas nesse safári pretende usá-las para, do ar, descobrir as presas. Pelo menos é isso o que ele diz, mas, considerando suas conexões com o exército alemão, duvido que essa seja toda a verdade. Creio que ele as usará para explorar o interior ao longo de nossa fronteira com a África Oriental Alemã, com um olho em qualquer ofensiva militar futura contra nós. Seja como for, essa poderia ser sua oportunidade de realizar o sonho de navegar entre as nuvens, ao mesmo tempo que recolhe algumas informações para mim. Agora, termine seu drinque para voltarmos a meu escritório. Vou lhe dar a cópia da confirmação enviada por Von Meerbach. É o mais longo telegrama em que já pus os olhos, vinte e três páginas ao todo, definindo suas exigências para o safári. Seu envio deve ter-lhe custado uma verdadeira fortuna.

Leon estava esperando na praia da lagoa Kilindini quando o navio particular Silbervogel ancorou em lugar protegido. Foi ter com ele na primeira balsa. Quando subiu ao navio, cinco pessoas o esperavam no deque da popa: o engenheiro e os mecânicos da Meerbach Motors, parte da equipe que o Graf Otto von Meerbach havia enviado em primeiro lugar.

O responsável se apresentou como Gustav Kilmer. Era um tipo musculoso, parecia competente, tinha cinquenta e tantos anos, queixo forte e cabelo cinza-azulado cortado rente. Suas mãos estavam manchadas de graxa, e as unhas, maltratadas de tanto lidar com ferramentas pesadas. Convidou Leon para tomar um copo de cerveja com ele no salão de passageiros antes de desembarcar.

Quando estavam sentados, de copo na mão, Gustav repassou o inventário da carga guardada nos compartimentos do Silbervogel, que compreendia cinquenta e seis caixotes imensos, pesando no total vinte e oito toneladas. Também havia sete mil e quinhentos litros de combustível especial para os motores rotatórios dos aviões, em tambores de duzentos litros, e mais uma tonelada de óleo lubrificante e graxa. Além disso, três veículos estavam amarrados com correias sob uma cobertura de lona verde impermeável no deque da popa. Gustav explicou que dois deles eram caminhões de transporte pesado, e o terceiro, um veículo de caça, aberto, que havia sido projetado por ele e pelo Graf Otto e construído na fábrica de Wieskirsche. Era o único já fabricado de seu tipo.

As balsas levaram três dias para transportar essa enorme carga para terra. Max Rosenthal e Hennie du Rand estavam esperando à frente de um grupo de duzentos carregadores negros para passar os tambores e caixotes das balsas para os vagões de carga no desvio da estrada de ferro de Kilindini.

Quando os três veículos já estavam em terra e à vista, sem as pesadas lonas impermeáveis, Gustav os examinou em busca de eventuais danos que pudessem ter sofrido durante a viagem. Leon observava cada movimento, fascinado. Os caminhões eram grandes e potentes, muito mais avançados que qualquer outra coisa que ele já vira. Um deles havia sido equipado com um tanque de quatro mil litros para prover de combustível os veículos terrestres e aviões, e num compartimento separado, entre o tanque de combustível e o assento do motorista, havia uma compacta sala de ferramentas que era ao mesmo tempo uma oficina. Gustav lhe assegurou que dessa oficina ele podia manter em bom estado os três veículos e a aeronave em qualquer lugar em que estivessem no campo.

Leon estava impressionado com tudo isso, mas o veículo aberto de caça foi o que mais o assombrou. Jamais tinha visto uma máquina mais bonita. Dos assentos de couro, do bar embutido e dos suportes de armas ao enorme motor de cem cavalos de força e seis cilindros sob o capô longo e brilhante, aquilo era uma sinfonia de um gênio da engenharia.

Gustav já havia sido conquistado pelo carisma juvenil de Leon e sentiu-se lisonjeado pelo interesse que ele demonstrava por suas criações, assim como por seus desinteressados elogios. Convidou Leon para viajar com ele na longa travessia terra adentro até Nairóbi.

Quando finalmente a carga foi colocada nos vagões da estrada de ferro, Leon mandou que Hennie e Max a acompanhassem até Nairóbi. Quando o trem partiu soltando fumaça em direção às colinas do litoral, Gustav e seus mecânicos subiram nos três veículos da Meerbach e puseram os motores para funcionar. Com Leon sentado no banco de passageiro do veículo de caça, Gustav levou os caminhões até a estrada. A viagem pareceu muito curta para Leon, que desfrutava ao máximo cada quilômetro. O assento de couro em que estava sentado era mais confortável que as poltronas do Muthaiga Club, e ele viajava embalado pela exclusiva suspensão patenteada por Meerbach. Olhou o velocímetro com espanto quando Gustav acelerou sua esplêndida máquina a quase cento e trinta quilômetros por hora num trecho particularmente suave e reto do caminho.

— Não faz muito tempo, houve um grande debate sobre se o corpo humano podia sobreviver ou não a velocidades dessa magnitude — disse Gustav com serenidade.

— Fico sem fôlego — confessou Leon.

— Gostaria de dirigir um pouco? — perguntou Gustav com magnanimidade.

— Seria capaz de matar por metade dessa chance — admitiu Leon. Gustav sorriu e

parou no acostamento para lhe passar o volante.

Chegaram a Nairóbi quase cinco horas antes do trem de carga e já estavam na plataforma para recebê-lo quando ele entrou fazendo aquele seu barulho característico, apitando sem parar. O maquinista levou os dois vagões de carga para um desvio ferroviário, a fim de que fossem descarregados na manhã seguinte.

Leon havia contratado uma empresa especializada que dispunha de uma poderosa máquina de tração a vapor para arrastar a carga até seu destino final.

De acordo com uma das inúmeras instruções que haviam mandado por telegrama dos escritórios centrais da Meerbach em Wieskirche, Leon havia construído um hangar com teto de lona impermeável, sem paredes, para servir de oficina e área de armazenamento. Localizara-o num terreno livre herdado de Percy, vizinho ao campo de polo, que ele estava cogitando usar como campo de pouso para as aeronaves que ainda estavam embaladas, à espera de ser montadas.

Foram dias de grande atividade para Leon. Um dos telegramas do Graf Otto von Meerbach dava instruções detalhadas para que todas as acomodações destinadas a ele e a sua companheira estivessem prontas a sua chegada. Em cada lugar de caça, Leon deveria preparar alojamentos contíguos para o casal, de acordo com as especificações detalhadas que lhe haviam sido transmitidas em relação a essas amplas e luxuosas suítes. Os móveis estavam em um dos caixotes e incluíam camas, guarda-roupas e roupa de cama. Também havia instruções a respeito de como deviam ser organizadas as refeições. O Graf Otto havia enviado jogos completos de louça e prataria, com um par de enormes candelabros de prata maciça – cada um pesando dez quilos – cinzelados com cenas de caça de veados e javalis. O belo serviço de mesa de porcelana branca e as taças de cristal traziam o escudo de armas de Meerbach folheado a ouro: um punho fechado brandindo uma espada e o lema: "Durabo!" sobre um estandarte. "Sobreviverei", traduziu Leon do latim. As toalhas de mesa de fino linho branco traziam o mesmo escudo bordado.

Havia duzentas e vinte caixas dos melhores champanhes, vinhos e licores, e cinquenta caixas de madeira contendo temperos e iguarias enlatadas e engarrafadas: molhos e condimentos, especiarias raras como o açafrão, foie gras de Lyon, presunto de Westfália, ostras defumadas, arenques curtidos da Dinamarca, sardinhas portuguesas em azeite de oliva, vieiras em salmoura e caviar russo. Max Rosenthal ficou encantado ao pousar os olhos pela primeira vez nesse tesouro de sibaritas.

Além de tudo isso, havia seis grandes baús de viagem etiquetados com a indicação: "Fräulein Eva von Wellberg. Não abrir antes da chegada da proprietária". No entanto, um dos maiores se abriu por acidente, esparramando uma rica coleção de roupa feminina, assim como de calçados de todo tipo. Quando Max chamou Leon para resolver o que se faria com a bagagem, ele não pôde deixar de olhar maravilhado para a fina roupa íntima, cada peça envolta individualmente em papel

de seda, o que atraiu sua atenção. Recolheu uma peça delicada como pluma e sentiu a fragrância encantadora e erótica que se desprendia dela. Imagens luxuriantes lhe despertaram a imaginação. Ele as reprimiu severamente e voltou a colocar a peça em seu lugar enquanto ordenava a Max que pusesse tudo de volta no baú, para em seguida consertar a tampa quebrada e voltar a fechá-lo.

Ao longo das semanas seguintes, Leon delegou a Max e Hennie a maior parte dos pequenos detalhes, enquanto ele passava todo o tempo de que dispunha no hangar instalado no campo de polo, vendo Gustav e sua equipe montar as duas aeronaves. Gustav, meticoloso, trabalhava com precisão. Cada caixote estava marcado com a lista de seu conteúdo, de modo que foram abertos e desfeitos na sequência correta. Lentamente, dia após dia, o quebra-cabeça das diversas partes do motor, os fios do aparelho e as barras de resistência, a asa e a fuselagem começaram a tomar a forma identificável de cada aeronave. Quando finalmente Gustav terminou a montagem, Leon ficou espantado com seu tamanho. A fuselagem tinha dezoito metros de comprimento, e as asas mediam incríveis trinta metros de uma ponta à outra. A estrutura estava coberta por uma lona que havia sido tratada com um derivado de celulose, para lhe dar a força e a tensão do aço. Os aviões haviam sido pintados com belos desenhos coloridos, muito chamativos. O primeiro era um tabuleiro de xadrez vermelho-vivo e preto, com o nome Schmetterling (Borboleta) pintado no nariz. O segundo tinha como decoração franjas pretas e douradas. O Graf Otto o havia batizado de Das Hummel (O Besouro).

Depois de montadas, as máquinas estavam prontas para receber os motores. Havia quatro motores Meerbach giratórios de duzentos e cinquenta cavalos, sete cilindros e catorze válvulas cada um. Depois que Gustav os parafusou em bancos de provas feitos com dormentes de teca de estrada de ferro, ele os ligou. Seu rugido podia ser ouvido a quilômetros do Muthaiga Country Club, e não demorou muito para que um monte de gente desocupada de Nairóbi se amontoasse em volta do hangar, como moscas em torno de um cachorro morto. Atrapalhavam seriamente o desenvolvimento dos trabalhos, por isso Leon instruiu Hennie a cercar a propriedade com arame farpado para manter a assombrada multidão a distância.

Gustav acabou de afinar os motores, deixando-os prontos para ser instalados nas asas das aeronaves. Cada aeronave foi levantada por polias de guias colocadas sobre as asas. Depois, ele e seus mecânicos os manipularam habilmente até deixá-los na posição correta e os fixaram nas asas, dois motores em cada uma.

Três semanas depois de iniciados os trabalhos, a montagem das máquinas estava concluída. Gustav disse então a Leon:

— Agora é preciso testá-las.

— Você mesmo será o piloto? — perguntou Leon, contendo com dificuldade a excitação, mas ficando em seguida desapontado quando Gustav balançou a cabeça

com veemência.

— Nein! Não sou louco! Só o Graf Otto voa nessas geringonças. — Ao ver a expressão de Leon, procurou consolá-lo de algum modo. — Só vou posicioná-las corretamente em terra, mas você virá comigo.

Na manhã seguinte, bem cedo, Leon subiu a escadinha para entrar na cabine do piloto do Borboleta. Gustav, de jaqueta longa de couro preto e quepe do mesmo material e cor, com um par de óculos de voo na testa, entrou a seguir e ocupou o assento do piloto na parte de trás da cabine. Em primeiro lugar, mostrou a Leon como fechar o cinto de segurança. Leon olhava cada movimento de Gustav enquanto ele experimentava todos os controles. Vendo que tudo estava em ordem, deu sinal a seus ajudantes em terra, e eles começaram a complicada rotina de partida. Felizmente os quatro motores estavam funcionando como esperado, e Gustav, com os polegares para cima, fez sinal de positivo para seus ajudantes, que retiraram as cunhas que brecavam as rodas.

Enquanto Gustav acionava os aceleradores de mão, como se fossem os registros de um órgão de catedral, o Borboleta deslizou majestosamente para fora do hangar na direção do brilhante sol africano. Uma forte aclamação se elevou dentre as várias centenas de espectadores que observavam tudo do outro lado do arame farpado. Os homens correram para a extremidade das asas, a fim de ajudar a dirigir a aeronave, enquanto o Borboleta, saltando e bamboleando, dava quatro voltas pelo campo de polo.

Gustav percebeu a ansiedade de Leon, e mais uma vez se sensibilizou.

— Venha, assuma os controles! — gritou por cima do estrépito dos motores. — Vamos ver se você consegue fazê-la andar.

Leon, visivelmente alegre, ocupou o lugar do piloto, e Gustav acenou em sinal de aprovação quando ele pegou na alavanca de comandos e no timão, refinando imediatamente seu toque nas alavancas dos quatro aceleradores.

— Ja, meus motores podem sentir que você os respeita e os trata bem. Logo vai aprender a obter o melhor deles.

Finalmente voltaram para o hangar. Ao descer a escadinha, Leon ficou na ponta dos pés e, esticando o braço para acariciar o nariz axadrezado de vermelho e preto da aeronave, sussurrou:

— Um dia vou fazer você voar, beleza! Que me castiguem se não o fizer.

Gustav descia atrás dele, e Leon aproveitou a oportunidade para lhe perguntar sobre algo que o vinha desconcertando havia um tempo. Apontou para a série de ganchos e abraçadeiras sob as asas de cada lado da fuselagem e disse:

— Para que serve tudo isso, Gustav?

— Para as bombas — respondeu ele, inocentemente.

Leon piscou, mas manteve o ar de inocência.

— É claro — disse. — Quantas ela pode carregar?

— Muitas — respondeu Gustav com orgulho. — É uma máquina muito poderosa. Permita que lhe cite as cifras: ela pode levantar mil quilos de bombas, mais uma tripulação de cinco pessoas e os tanques cheios de combustível. Pode voar a uma velocidade de cento e cinquenta quilômetros por hora, a nove mil pés de altitude, por uma distância de setecentos e cinquenta quilômetros, e depois voltar à base.

— É espantoso!

Gustav acariciou a colorida fuselagem como um pai que acariciasse um primogênito.

— Não há no mundo nenhuma outra máquina que se compare a ela — disse, vangloriando-se.

Por volta do meio-dia do dia seguinte, Penrod Ballantyne passou por telegrama esses dados exatos sobre o desempenho do Meerbach Mark III Experimental ao Ministério da Guerra britânico, em Londres.

A tarefa seguinte de Leon foi selecionar quatro pistas de aterrissagem em território selvagem, uma em cada parada do safári, bem distantes uma da outra, áreas a que ele pretendia levar seu cliente para caçar. O Graf Otto lhe enviara por telegrama instruções detalhadas, informando as dimensões requeridas e sua orientação segundo os ventos predominantes na região. Definidos os locais apropriados, Leon fez as medições do terreno com um teodolito e cercou com estacas as pistas de aterrissagem. Enquanto isso, Hennie du Rand recrutava centenas de homens das aldeias vizinhas e os punha para trabalhar cortando árvores e aplainando a terra. Em alguns lugares, foi preciso dinamitar enormes cupinzeiros e, em outros, preencher buracos feitos por porcos-formigueiros e cursos d'água secos. Quando as pistas ficaram prontas, pintou seu perímetro com cal para torná-las visíveis do alto. Depois instalou uma das birutas que Gustav lhe dera. A brisa logo a encheu, e ela começou a balançar orgulhosamente no alto de seu mastro de madeira.

Enquanto Hennie cuidava dos campos de aviação, Max Rosenthal estava encarregado da construção dos elaborados acampamentos determinados pelo Graf Otto. Leon teve de dirigir com firmeza o trabalho dos dois homens, a fim de ter tudo pronto para a iminente chegada de seus convidados. Tiveram sucesso, afinal, mas dispunham de apenas poucos dias livres antes da data prevista para que o barco que trazia o Graf Otto von Meerbach ancorasse no cais de Kilindini.

Leon estava a bordo do barco quando ele zarpou e atravessou a entrada da lagoa Kilindini para se encontrar com o navio de passageiros alemão Admiral de Bremerhaven, que apontava no horizonte. O mar estava calmo, de modo que foi fácil passar do barco para o navio. Quando subia a escadinha, foi detido pelo quarto oficial da nave, mas, quando mencionou o nome de seu cliente, a atitude do homem mudou rapidamente, e ele levou Leon à ponte.

Pela descrição de Kermit, Leon reconheceu o Graf Otto assim que o viu, de pé na extremidade da ponte, fumando um charuto Cohiba. O capitão falava com ele em atitude de deferência. O Graf Otto era o único passageiro autorizado a permanecer na ponte durante a complicada manobra de ancoragem do enorme navio. Leon ficou a observá-lo por vários minutos antes de se aproximar dele e se apresentar.

O Graf Otto vestia um elegante traje tropical cor de creme. Era grande e robusto como um carvalho, conforme dissera Kermit. Dava a impressão de ser todo músculos, mas movimentava-se com o aprumo e a segurança de um homem rico e poderoso. Não era bonito no sentido convencional; ao contrário, suas feições eram duras e determinadas. Tinha a boca larga, e uma cicatriz branca e enrugada, resultante de um duelo, corria do canto dos lábios até abaixo da orelha direita, de modo que ele parecia exibir um eterno ar de zombaria. Seus olhos, de um verde-pálido, tinham um brilho alerta, inteligente. Trazia um panamá branco na mão esquerda, e a cabeça descoberta era bem formada e proporcionada, de cabelos fartos, brilhantes e bem curtos, cor de gengibre.

"Esse é um tremendo safado, um tipo durão!", pensou Leon ao se aproximar dele.

— Tenho a honra de me dirigir ao Graf Otto von Meerbach? — perguntou Leon com uma leve reverência.

— Jawohl! Sim. Posso perguntar quem é o senhor? — Sua voz era retumbante, e seu tom, ditatorial.

— Sou Leon Courtney, senhor, seu caçador. Bem-vindo à África Oriental Britânica.

O Graf Otto sorriu com cordial condescendência e estendeu para cumprimentá-lo a mão forte, de dorso coberto de sardas douradas e pelos encaracolados cor de gengibre. Usava um anel de ouro com um enorme diamante no dedo médio. Leon se preparou para um aperto de mão esmagador.

— Tinha muita vontade de conhecê-lo, Courtney, desde que falei tanto com o senhor Kermit Roosevelt como com a princesa Isabella von und zu Hohenzollern. — Leon constatou que podia igualar a força daquela enorme mão sardenta, mas teve de recorrer a toda a energia de que dispunha. — Ambos têm uma ótima opinião sobre o senhor. Espero que possa me mostrar um pouco do bom esporte, já? — O Graf Otto falava um excelente inglês.

— Certamente, senhor. Assim espero. Consegui uma permissão de caça em seu nome para uma série de espécies. Mas o senhor deve me dizer que presa mais lhe interessa. Leões? Elefantes?

Finalmente, o Graf Otto lhe soltou a mão, e o sangue voltou a circular, mas de modo tão doloroso que Leon teve de se esforçar para não massageá-la. Percebeu um brilho de respeito nos olhos verde-pálidos. Sabia que a mão dele também devia estar intumescida, embora ele não desse o menor sinal de que doera.

— Seu alemão é bom, eu já havia sido informado disso — respondeu Graf Otto em alemão. — Respondendo a sua pergunta, tenho interesse em caçar as duas espécies, mas especialmente leões. Meu pai era embaixador no Cairo na época da guerra de Kitchener com o Mahdi. Isso lhe deu oportunidade de caçar na Abissínia e no Sudão. Tenho muitas de suas peles de leão em meu pavilhão de caça na Floresta Negra, mas já estão velhas, e muitas foram comidas por traças e vermes. Disseram-me que os negros aqui caçam leões com lança. É verdade?

— É, sim. Entre os massais e os samburus, é uma prova de coragem e masculinidade pela qual passam os jovens guerreiros.

— Gostaria de presenciar esse modo de caçar.

— Vou organizar as coisas para que o faça.

— Bem, mas quero também conseguir vários pares de grandes presas de elefantes. Diga-me, Courtney, em sua opinião, qual é o animal selvagem mais perigoso da África? É o leão ou o elefante?

— Graf Otto, os velhos entendidos em África afirmam que o animal mais perigoso é aquele que mata a pessoa.

— Ja, isso eu entendo. É uma típica piada inglesa — disse, rindo entredentes. — Mas diga-me, Sr. Courtney, qual é?

Leon lembrou-se vividamente do chifre preto e curvo atravessado no ventre de Percy Phillips e deixou de sorrir.

— É o búfalo — respondeu seriamente. — Um búfalo ferido escondido num matagal fechado é o que tem meu voto.

— Por sua expressão, vejo que está falando de coração. Já não se trata de uma piada inglesa, não é? — disse o Graf Otto. — Então caçaremos elefantes e leões, mas principalmente búfalos.

— Há de compreender, senhor, que farei todo o possível para ajudá-lo a conseguir troféus, mas trata-se de bestas selvagens, e muita coisa vai depender da sorte.

— Tenho sido um homem de sorte — respondeu o Graf Otto. Era uma afirmação da realidade, não uma ostentação.

— Isso é bastante óbvio, até para uma mente mais simples, senhor.

— E é igualmente óbvio que o senhor não tem uma mente simples, Sr. Courtney.

Como dois boxeadores pesos-pesados ao começar o primeiro round, eles se olhavam nos olhos enquanto sorriam e faziam fintas, mantendo a guarda alta ao se medir, fazendo rápidas avaliações e modificando ligeiramente sua postura para compensar cada nuance na corrente carregada que fluía entre eles.

Então, Leon percebeu um perfume sutil no ar morno e tropical. Era leve, a mesma fragrância delicada que já o havia cativado quando tivera nas mãos aquela peça de seda que caíra do baú. Os olhos do Graf Otto se desviaram rapidamente para olhar por cima de seu ombro, e os de Leon o acompanharam.

Ela estava ali. Desde que recebera a carta de Kermit estivera esperando por esse encontro, mas ainda não estava preparado para ele. Sentiu um leve estremecimento no peito, e sua respiração se acelerou.

A beleza dela superava centenas de vezes a simples descrição feita pelo amigo. Kermit fora preciso apenas num detalhe: seus olhos de um azul-intenso, um tom mais escuro que o violeta e mais suave que o cinza-pérola, levemente puxados para cima, eram bem separados e marcados por longos e densos cílios que se entrelaçavam quando ela piscava. A testa era ampla e profunda, e uma linha fina lhe contornava o queixo. Os lábios carnudos se separavam quando ela sorria, mostrando o brilho dos dentes muito brancos e delicados. O cabelo era brilhante como o pelo de uma marta-zibelina. Penteava-o puxado para trás, deixando livre o rosto sob a aba do chapéu pequeno, levemente inclinado sobre um olho, como ditava a moda. Algumas mechas delicadas haviam escapado dos grampos e caíam cacheadas sobre as orelhas rosadas. Era alta, chegava quase ao ombro de Leon, mas sua cintura era tão fina que ele podia circundá-la com as mãos.

As mangas curtas e franzidas da jaqueta de veludo deixavam nus abaixo dos cotovelos os braços de amazona, benfeitos e ligeiramente musculosos. As mãos eram bonitas, os dedos, longos e finos, as unhas, peroladas – mãos de artista. Sob a barra da saia longa viam-se as pontas finas das botas de montar de couro de cobra. Imaginou que os pés dentro daqueles calçados de couro caro deviam ser tão elegantes quanto as mãos.

— Eva, apresento-lhe Herr Courtney. É o caçador que se ocupará de nós durante nossa pequena aventura africana. Herr Courtney, apresento-lhe a Fräulein von Wellberg – disse Otto.

— Encantado, Fräulein — disse Leon. Ela sorriu e lhe ofereceu a mão direita, cálida e firme, com a palma voltada para baixo. Leon fez uma reverência e a ergueu a cerca de dois centímetros dos lábios, depois a soltou e deu um passo para trás. Ela o olhou nos olhos por um instante mais. Seu olhar era enigmático e cheio de insinuações em variados níveis. Teve a sensação de olhar para um lago cujas profundezas secretas jamais poderiam ser totalmente compreendidas.

Quando ela se virou para falar com o Graf Otto, ele sentiu uma pontada de emoção que lhe era totalmente estranha, diferente de tudo o que ele já experimentara. Era uma mistura de alegria e tristeza, de conquista e de lamentável perda. Num momento parecia ter descoberto algo de valor infinito que, quase no mesmo instante, lhe era tomado. Quando o Graf Otto pôs a enorme mão sardenta na cintura de Eva, atraindo-a para si, e ela sorriu para ele, Leon o odiou com um prazer amargo e um gosto de pólvora queimada no fundo da garganta.

O traslado para terra foi feito com rapidez, pois o Graf Otto e sua encantadora acompanhante traziam consigo pouca bagagem: menos de uma dúzia de baús de

viagem, mais alguns contêineres com os rifles, escopetas e munições do conde. Todo o restante fora enviado na primeira carga, a bordo do Silbervogel. Enquanto essa bagagem era carregada no enorme caminhão Meerbach que estava estacionado na praia justamente para recebê-la, o Graf Otto cumprimentou os empregados de Wieskirche, que haviam formado uma fila para dar-lhe as boas-vindas. Sua atitude para com eles era a de um pai com os filhos pequenos. Cumprimentou-os chamando cada um pelo nome e fazendo alguma referência pessoal. Eles se movimentavam como cachorros irrequietos, sorriam e se atrapalhavam ao falar, satisfeitos com sua condescendência. Leon percebeu que o veneravam como se ele fosse um Deus.

Depois ele se virou para Leon e disse:

— Pode apresentar-me seus ajudantes. — Leon chamou então Hennie e Max, que se aproximaram. O Graf Otto os tratou da mesma forma simples e condescendente, e eles quase imediatamente sucumbiram a seu charme. Sabia como tratar as pessoas, mas Leon percebeu que, se alguém o irritasse ou decepcionasse, ele reagiria contra quem quer que fosse de maneira vingativa e impiedosa.

— Sehr gut, meine Kinder. Muito bem, meninos. Agora podemos ir para Nairóbi — afirmou o conde.

Hennie, Max e Ishmael, com os mecânicos da Meerbach, subiram para a traseira do caminhão; Gustav tomou o volante, e o imenso veículo se foi, rugindo pela estrada em direção a Nairóbi.

— Courtney, o senhor viajará comigo no veículo de caça — disse o Graf Otto a Leon. — Fräulein von Wellberg se sentará a meu lado, e o senhor irá atrás para me indicar o caminho e mostrar-nos os pontos de interesse.

Tratou de acomodá-la no assento da frente, com uma manta de mohair no colo e óculos próprios para proteger os olhos da ação do vento, luvas de pelica para evitar que o sol lhe queimasse as mãos perfeitas e um lenço de seda amarrado sob o belo queixo, para evitar que seu chapéu voasse. Finalmente, conferiu os três rifles no suporte para armas atrás de seu assento, depois sentou-se ao volante, ajustou os óculos de proteção, deu partida no motor e saiu a toda a velocidade, seguindo o caminhão. Dirigia muito rápido, mas com habilidade e sem esforço. Eva apertava a maçaneta da porta a seu lado e os nós de seus dedos ficavam brancos quando ele acelerava em uma curva fechada, corrigia uma derrapada assustadora, as rodas tocavam as bordas do caminho de terra solta e poeirenta ou pulavam ao passar por uma série de irregularidades do terreno, mas sua expressão se mantinha serena.

Depois que o caminho começou a subir, afastando-se da costa, entraram em território de caça e logo estavam passando a toda a velocidade perto de manadas de gazelas e antílopes muito grandes. Isso era uma distração para Eva, sobretudo a rapidez com que se movimentavam esses animais. Ela ria e aplaudia, encantada, diante daquela multidão de animais e de suas manifestações graciosas de susto ante

a passagem do carro rugindo.

— Otto! — gritou Eva. — O que são aqueles simpáticos animaizinhos, aqueles que dançam e saltam com tanta graça?

— Courtney, responda à pergunta de Fräulein — gritou o Graf Otto acima do zumbido do vento.

— Aquelas são gazelas-de-thomson, Fräulein. A senhora vai ver milhares delas nos próximos dias. São a espécie mais comum neste país. Esses saltos diferentes com as patas esticadas que a senhora viu são um alarma visual que adverte outras gazelas de que há uma ameaça de perigo.

— Pare o carro, por favor, Otto. Gostaria de fazer alguns desenhos.

— Como você quiser, minha querida. — Deu de ombros com indulgência e parou. Eva pôs o bloco de desenho no colo. Seu bastãozinho de carvão voava pela página, e Leon, inclinando-se levemente para frente, viu surgir no papel, como num passe de mágica, a imagem perfeita de um animal saltando com as quatro patas esticadas e o lombo arqueado. Eva von Wellberg era uma artista talentosa. Lembrou então o cavalete, as caixas de pastéis e tintas a óleo que haviam sido enviados para bordo do Silbervogel antes de sua chegada. Não lhes dera muita importância no momento, mas agora entendia por que estavam ali.

A partir desse instante, a viagem foi interrompida em várias ocasiões a pedido de Eva, que escolhia os temas que queria desenhar: uma águia em seu ninho nos galhos altos de uma acácia ou um leopardo fêmea, que com suas longas patas caminhava pela savana ressecada pelo sol com os três filhotes seguindo-a em fila indiana. Embora ele sempre quisesse lhe agradar, logo ficou claro que o Graf Otto começava a se aborrecer com aqueles esboços e sua demora. Na parada seguinte, ele desceu e tirou um rifle do suporte de armas. Parado ao lado do automóvel, matou cinco gazelas, cada uma com um tiro, enquanto elas atravessavam a estrada saltando na frente do veículo. Foi uma incrível demonstração de boa pontaria. Embora Leon desgostasse de qualquer tipo de massacre gratuito, manteve um tom de voz correto ao perguntar:

— O que deseja fazer com os animais mortos, senhor?

— Deixe-os — disse o Graf Otto, sem lhes dar a menor importância, enquanto voltava a colocar o rifle no lugar.

— Não quer olhá-los, senhor? Um deles tem um bom par de chifres.

— Nein. O senhor disse que haverá muitos mais. Deixe que alimentem os abutres. Estava apenas verificando a mira do rifle. Vamos em frente.

Quando se puseram em marcha, Leon percebeu que Eva franzia os lábios, pálida. Ele interpretou isso como prova de seu desagrado, e sua opinião sobre ela melhorou.

A atenção do Graf Otto estava concentrada no caminho à frente, e Eva não olhara para Leon diretamente desde seu primeiro encontro na ponte do navio. Nem ele

falara com ela. Todas as suas perguntas e comentários chegavam até ele por intermédio do Graf Otto. Isso lhe chamou a atenção. Quem sabe ela era reservada por natureza ou não gostava de falar com outros homens. Depois se lembrou de que ela se mostrara amistosa com Gustav e havia falado facilmente com Max e Hennie quando eles lhe haviam sido apresentados em Kilindini. Por que parecia tão seca com ele, tão distante? Do assento traseiro conseguia observar dissimuladamente suas feições. Uma ou duas vezes Eva se mexeu inquieta no assento ou colocou uma mecha de cabelo dentro do lenço com gesto contido, e a face que ele conseguia ver se ruborizou ligeiramente, como se ela estivesse totalmente consciente de seu interesse.

Pouco depois do meio-dia, chegaram a outra curva da estrada poeirenta e encontraram Gustav parado, esperando-os à beira do caminho. Fez sinal para que o carro parasse e, quando freou, foi para o lado do motorista.

— Desculpe-me, senhor, mas o almoço foi preparado, se desejar partilhá-lo. — Apontou para o local onde o caminhão estava estacionado, em um bosquezinho de acácias de casca amarela a duzentos metros da estrada.

— Bem, estou morto de fome — respondeu o Graf Otto. — Suba aí no estribo, Gustav, que levamos você até lá. — Com Gustav agarrado em um lado do veículo, seguiram aos trancos pelo terreno irregular até onde estava estacionado o caminhão.

Ishmael havia estendido um toldo entre quatro árvores para obter sombra, e sob ela armara uma mesa sobre cavaletes e cadeiras de campanha. A mesa estava coberta por uma toalha de linho branco como a neve, talheres de prata e louça de porcelana. À medida que saíam intumescidos do automóvel e estiravam as pernas, Ishmael, com seu fez vermelho e o longo kanza branco aproximou-se de cada um com uma tigela de água morna, um sabonete perfumado de lavanda e uma toalha de mão limpa no braço.

De mãos lavadas, Max os conduziu à mesa. Sobre ela havia travessas de presunto fatiado e queijo, cestas de pão preto, manteigueiras e uma enorme travessa de prata cheia de caviar de esturjão russo. Ele retirou a rolha da primeira da fila de garrafas de vinho disposta numa mesa auxiliar e serviu o Gewürztraminer amarelo-claro em taças longas.

Eva comeu com delicadeza. Bebeu alguns goles de vinho e serviu-se de apenas uma torrada com uma colherada de caviar, mas o Graf Otto comeu com um apetite voraz. Quando a refeição terminou, já havia consumido sozinho duas garrafas de vinho Gewürztraminer e quase esvaziara a travessa de caviar, assim como as de presunto e queijo. Não demonstrou nenhum sinal de efeito do vinho quando voltou a ocupar o assento do motorista para dirigir até Nairóbi, mas aumentou consideravelmente a velocidade; sua risada estava solta, e seu senso de humor, menos sério.

Quando chegaram perto de um grupo de mulheres que caminhavam em fila indiana à beira do caminho, equilibrando na cabeça grandes feixes de palha cortada para tetos de choças, o Graf Otto diminuiu a velocidade para observar abertamente os seios descobertos das moças. Depois, quando voltou a acelerar, pôs a mão no colo de Eva de maneira possessiva e familiar. Ela agarrou a mão dele e a recolocou no volante.

— O caminho é perigoso, Otto — disse em tom sereno, e Leon ferveu de indignação diante da humilhação que ele lhe infligira com a maior tranquilidade. Queria intervir para protegê-la de alguma forma, mas intuía que, depois de beber, o Graf Otto devia ser imprevisível e perigoso. Para proteger Eva, conteve-se.

Mas depois sua raiva se voltou contra ela. Por que permitia que ele a transformasse em objeto de tal comportamento? Não era uma puta. Então, comovido, deu-se conta de que era exatamente isso que ela era: uma cortesã de alta classe. Era um joguete para o Graf Otto; havia posto seu corpo à disposição dele em troca de alguns enfeites baratos, algumas quinquilharias e, muito provavelmente, os ganhos de uma rameira. Tentou desprezá-la. Queria odiá-la, mas outra ideia o assustou como um soco entre os olhos. Se ela era uma prostituta, então ele também era. Pensou na princesa e em outras pessoas a quem ele vendera seus serviços e a si mesmo.

"Todos temos de sobreviver do melhor modo que pudermos", pensou, tentando justificar a si mesmo e também a ela. "Se Eva é uma prostituta, então, todos somos." Mas ele sabia que nada disso importava. Era muito tarde para desprezá-la ou odiá-la, porque já estava perdidamente apaixonado por ela.

Chegaram ao Acampamento Tandala quando o sol estava se pondo, e o Graf Otto desapareceu com Eva nos luxuosos alojamentos que estavam prontos para recebê-los. Ishmael e três membros de seu pessoal de cozinha levaram o jantar a sua sala particular. O casal só voltou a se mostrar depois do café da manhã do dia seguinte.

— Guten Tag, Courtney. Faça que estas cartas sejam despachadas imediatamente. — O conde Otto lhe entregou um punhado de envelopes lacrados com cera vermelha e as águias de duas cabeças do Ministério das Relações Exteriores alemão, em Berlim. Estavam endereçados ao governador da colônia e a todas as outras pessoas importantes de Nairóbi, entre elas lorde Delamere e o oficial comandante do exército de Sua Majestade Britânica na África Oriental Britânica, o general de brigada Penrod Ballantyne. — São minhas cartas de apresentação do governo Kaiserliche — explicou — e devem ser entregues hoje, sem falta, já?

— É claro, senhor. Providenciarei isso imediatamente. — Leon mandou que chamassem Max Rosenthal e, na presença do Graf Otto, o encarregou de distribuir as cartas. — Pegue um dos carros, Max. Não retorne até que cada uma tenha sido entregue em mãos.

Enquanto Max se afastava, Eva saiu de seus aposentos para juntar-se a eles. Estava usando roupa de montar e parecia refrescada e descansada, com o cabelo brilhando à luz do sol e a pele reluzente e colorida pelo sangue jovem que corria sob ela.

O Graf Otto a observou com aprovação e depois se voltou para Leon:

— Agora, Courtney, vamos para o campo de aviação. Vou voar em minhas máquinas. — O veículo de caça fora lavado e lustrado durante a noite. Os três subiram e atravessaram o povoado em direção ao campo de polo.

Quando chegaram, Gustav já havia levado o Borboleta e o Besouro para um lado do campo. O Graf Otto deu uma volta em torno de cada aeronave, inspecionando-as cuidadosamente enquanto conversava em tom sério com Gustav. Enfim satisfeito, subiu às asas para verificar a tensão dos cabos do aparelho e os suportes. Abriu as cobertas dos motores e revisou os dutos de combustível e os cabos dos aceleradores. Abriu a tampa dos tanques de combustível e usou uma varinha para verificar o nível.

A manhã já ia ao meio quando ele demonstrou completa satisfação com as duas aeronaves; depois dirigiu-se a uma das escadinhas e subiu à cabine do Besouro. Abotoou a correia do capacete de voar sob o queixo e fez sinal para que Gustav se aproximasse. Ambos murmuraram algumas palavras enquanto Otto apontava o local da caça. Em seguida, Gustav ligou os motores. Assim que aqueceram e já estavam funcionando corretamente, o conde manobrou a aeronave até a extremidade mais distante do campo de polo e fez a imensa máquina virar até que seu nariz ficasse na direção do vento.

O ruído dos motores havia atraído toda a população de Nairóbi, que de novo rodeava o campo em ansiosa expectativa. Os quatro motores explodiram num rugido felino abafado, e o Besouro começou a mover-se, voltando ao local onde Eva e Leon estavam parados diante do hangar. Ele se achava alguns passos atrás dela, evidenciando claramente a posição de alguém que presta um serviço. Rapidamente o Besouro adquiriu velocidade. Levantou a roda da cauda do chão, e Leon conteve a respiração quando o enorme trem de aterrissagem quicou ligeiramente na terra para em seguida fugir da gravidade e levantar voo. A apenas seis metros de altura, a máquina rugiu acima de todos. A multidão se agachou instintivamente, exceto Eva.

Quando Leon se empertigou, ela o olhou dissimuladamente. Sua expressão, um tanto divertida, o fez insinuar um sorriso.

— Santo Deus! — exclamou ela num leve tom de zombaria. — É este o caçador intrépido e o corajoso matador de animais selvagens?

Era a segunda vez, desde que haviam se conhecido, que ela o olhava cara a cara, e a primeira que falava com ele diretamente. Ele ficou surpreso com a maneira como seu comportamento mudava quando o conde não estava presente.

— Fräulein, espero que esta seja a única vez que frustró suas expectativas — disse Leon com uma leve reverência.

Ela se virou, pondo deliberadamente fim ao breve contato, e protegeu os olhos do sol para observar o Besouro, que dava a volta no campo. Apesar da leve rejeição, Leon saboreou a lembrança de seu sorriso, sem se importar que tivesse sido de zombaria e não de amizade. O olhar dela acompanhava o Besouro, que já vinha descendo em direção ao campo para aterrissar.

No chão, o Graf Otto manobrou o avião para voltar ao hangar. Desligou os motores e desceu. A multidão que observava o aclamou freneticamente, e ele agradeceu com um aceno da mão enluvada. Gustav se precipitou ao encontro dele, e os dois homens caminharam até o Borboleta em animada conversa. O Graf Otto o deixou ao pé da escadinha, subiu para a cabine e ligou os motores. Taxiou o avião até a extremidade do campo de polo, deu a volta e virou ruidosamente na direção deles. Novamente Leon se maravilhou com o milagre de voar quando o Borboleta deixou o solo e passou baixo sobre a cabeça de todos lá embaixo. Dessa vez Leon se manteve ereto, imóvel, e Eva mais uma vez olhou para ele, observando sua reação. Tinha a cabeça inclinada, e seus olhos cor de violeta deixavam entrever um brilho pícaro e divertido. Sua voz foi abafada pela gritaria dos espectadores, mas ele conseguiu ler em seus lábios uma única palavra: "Bravo!". A brincadeira vinha suavizada por outro leve sorriso secreto. Depois ela se virou para observar a aeronave, que dava voltas em torno do campo duas vezes antes de posicionar-se favoravelmente em relação ao vento para aterrissar. No chão, rodou até onde eles estavam, diante do hangar.

Leon estava esperando que o piloto desligasse os motores e descesse, mas em vez disso ele se inclinou para um lado da cabine e ficou observando os rostos na multidão lá embaixo. Quando viu Eva, fez-lhe sinal para que se aproximasse. Ela se movimentou rapidamente para fazer o que ele dizia; Gustav e dois de seus homens iam correndo na frente dela com a escadinha. A meio caminho do Borboleta, o vento das hélices a engolfou e fez que sua saia se colasse nas pernas. O chapéu de aba grande voou de sua cabeça, e o longo cabelo escuro dançava em seu rosto. Ela riu e continuou correndo. Seu chapéu voou para o lugar onde Leon esperava, e ele o agarrou quando passou rodando junto dele.

Eva chegou ao pé da escadinha e pôs-se a subir os degraus com facilidade. Era evidente que já fizera isso outras vezes. Leon a viu desaparecer acima da beira da cabine. Depois a cabeça do Graf Otto se virou para ele fazendo sinais. Surpreso, Leon tocou o próprio peito com ar interrogativo. "Quem, eu?" O piloto assentiu com a cabeça, fazendo sinais de novo, dessa vez de modo mais imperioso.

Leon atravessou a corrente de vento das hélices; com o coração batendo forte, subiu pela escadinha. Quando entrou na cabine do piloto, entregou o chapéu a Eva.

Ela apenas virou a cabeça na direção dele para pegá-lo. A troca de gracejos de poucos minutos atrás parecia não ter se realizado. Ela tirou de algum lugar um capacete de couro de avião, que ajustou sob o queixo. Depois cobriu os olhos com os óculos de proteção.

— Levantem a escada! — gritou o piloto, reforçando a ordem com um aceno de mão. Leon se inclinou de lado, levantou-a e a enganchou nas braçadeiras que a sustentavam na fuselagem.

— Bom. Sente-se aqui! — O Graf Otto lhe indicou o assento ao lado dele. Leon se sentou e abotoou o cinto de segurança. O conde pôs as mãos em concha e gritou em seu ouvido: — Você vai pilotar para mim, já?

— Onde estamos indo? — gritou Leon.

— O mais próximo possível de seus locais de caça.

— Isso está a mais de cento e cinquenta quilômetros de distância — protestou Leon.

— Uma viagem curta. Já! Vamos lá. — Acelerou e taxiou outra vez para o lado mais afastado do campo, parou para verificar os instrumentos no painel de controle e depois, lentamente, empurrou as quatro alavancas dos aceleradores para frente, ao máximo. O estrondo dos motores Meerbach era ensurdecedor. O Borboleta começou a se movimentar, pulando a cada irregularidade do terreno; suas asas tremiam e vibravam à medida que ele rapidamente adquiria velocidade.

Leon se agarrou na beira da cabine, olhando com atenção para frente. Seus olhos começaram a se encher de lágrimas quando o vento os atingiu, mas seu coração estava cantando quase tão alto quanto os motores. De repente, todos os solavancos e saltos cessaram com uma rapidez dramática. Leon olhou para um lado e viu que a terra lá embaixo se afastava.

— Estamos voando! — gritou ao vento. — Estamos voando realmente!

Viu a cidade lá embaixo, mas levou algum tempo para reconhecê

-la. Tudo parecia diferente daquele ângulo. Teve de se orientar pelo movimento da linha da estrada de ferro antes de conseguir detectar outras marcas no terreno: as paredes rosadas do Muthaiga Country Club, o teto de chapa de metal ondulada do novo hotel de Delamere, a pintura branca da Casa do Governo e a residência do governador.

— Para onde? — O Graf Otto teve de sacudir o braço de Leon para que ele lhe desse atenção.

— Siga a linha da ferrovia. — Leon apontou para oeste. Com ambas as mãos, estava tentando proteger os olhos do vento de cento e cinquenta quilômetros por hora que lhe batia no rosto. O conde Otto tocou suas costas com o dedo ossudo e apontou para um portaluvas na lateral da cabine. Leon abriu-a e encontrou no fundo outro capacete de voo de couro. Ele o pôs na cabeça, abotoou-o sob o queixo e

colocou os óculos. Agora podia enxergar, e os tampões de orelha do capacete protegiam seus tímpanos do rugido do vento que soprava a toda a velocidade.

Enquanto estava concentrado em colocar direito o capacete, Eva se levantou e foi à parte da frente da cabine, ficando ali parada, segurando-se no corrimão que passava sobre a borda da cabine. Parecia a figura da proa de um navio de guerra, balançando com elegância conforme os movimentos do Borboleta.

Nesse momento, o avião sofreu uma queda de nível desagradável e inesperada. Leon se agarrou na maçaneta mais próxima, em estado de pânico. Tinha absoluta certeza de que estavam a ponto de cair do céu e de que teriam uma morte rápida mas violenta em meio a um monte de destroços na terra lá embaixo. Mas o Borboleta permaneceu imperturbável. Como num gesto de desprezo, movimentou as asas pela força da gravidade e voou serenamente para oeste.

Eva continuava parada ali, e só então Leon viu o cinto de segurança abotoado em sua cintura e o mosquetão na outra extremidade do cordão de aço enfiado num gancho também de aço preso ao solo entre seus pés. Isso havia impedido que ela fosse atirada longe com a queda brusca do avião.

O Graf Otto manejava os controles com delicados movimentos das mãos grandes e sardentas. Sorriu para Leon, com o charuto Cohiba apagado num canto da boca.

— Uma corrente térmica! — gritou acima do vento. — Não é nada.

Leon ficou envergonhado por seu ataque de pânico. Havia lido o suficiente sobre a teoria do voo para saber que o ar agia como a água, com todas as suas correntes e redemoinhos imprevisíveis.

— Vá em frente. — O Graf Otto lhe fez um gesto. — Vá em frente, até onde você possa ver para me guiar.

Leon foi para a parte da frente da cabine. Sem um único olhar na direção dele, Eva se afastou para lhe dar lugar. Ele se sentou ao lado dela. Os dois se seguravam com ambas as mãos no corrimão da borda da cabine. Estavam tão perto um do outro que, apesar do vento, ele sentia um vestígio de seu perfume tão especial. Embora olhasse para frente, ele a observava pelo canto do olho. A corrente de ar lhe colava a blusa e a saia no corpo e nos braços, acentuando cada curva e contorno. Suas pernas eram longas e esbeltas, e os montes gêmeos dos seios se elevavam sob a jaqueta leve – maiores do que ele imaginara, mais redondos e cheios que os de Verity O'Hearne. Leon se obrigou a desviar os olhos para frente.

Já estavam próximos do vale da Grande Fenda e podiam divisar o brilho dos trilhos de aço onde a estrada de ferro começava sua descida pela escarpa em direção à estepe vulcânica do fundo do vale. Leon fez um sinal com a mão para que o conde girasse noventa graus na direção sul. O alemão fez que sim com a cabeça, e o Borboleta deitou uma asa e começou uma tranquila manobra para a esquerda. A força centrífuga empurrou Eva ligeiramente contra ele, e por um longo e delicioso

momento Leon sentiu a parte externa de sua coxa cálida apertada contra a dele. Ela pareceu não perceber e não fez nenhum movimento para se afastar. Então o Graf Otto acionou um controle, e o Borboleta voltou a ficar na horizontal. O contato se desfez.

Diante deles abria-se o vale da Grande Fenda Africana. Daquela altura, era uma visão que não pertencia à insignificante humanidade, mas a Deus e seus anjos. Nesse momento Leon conseguiu apreciar realmente a imensidão da região – as colinas queimadas e rochosas, as planícies cor de leão, salpicadas de manchas escuras de florestas, e as elevações azuis das colinas e montanhas que se estendiam a distância.

De repente, o piso se inclinou sob seus pés quando o Graf Otto abaixou o nariz do Borboleta e mergulhou no vácuo aéreo. Os despenhadeiros da escarpa passavam velozes abaixo deles, tão perto que parecia que as rodas do avião iam saltar nas rochas. O fundo do vale se elevava para se encontrar com eles. Os punhos de Eva estavam fortemente agarrados ao corrimão, e a tensão a fazia inclinar o corpo para trás. Para retribuir suas ironias de antes, Leon se soltou e pôs as mãos nos quadris, mantendo-se firme enquanto o avião descia. Dessa vez ela não conseguiu ignorá-lo e lhe lançou um rápido olhar enquanto ele mantinha o equilíbrio contra as várias forças que arrastavam seu corpo. Então olhou para frente, mas soltou uma das mãos e virou-a de palma para cima, num gesto de resignação.

O Graf Otto endireitou o nariz do Borboleta, evitando o mergulho na encosta do vale. Os joelhos de Leon se dobraram sob a força da gravidade, e Eva foi empurrada para cima dele. Afastou-se cambaleando quando o Borboleta voltou à posição horizontal. Passavam rapidamente pela encosta, tão perto dela que parecia que a extremidade da asa poderia tocá-la a qualquer momento.

De repente, a uma distância de mais ou menos um quilômetro e meio, surgiu um enxame de escaravelhos pretos em movimento. Quando o Borboleta se lançou sobre eles, perceberam que se tratava de uma grande manada de búfalos fugindo aterrorizados do avião que se aproximava. Leon fez outro sinal com a mão para o Graf Otto, e o Borboleta se inclinou rapidamente na direção da manada que fugia. Novamente Eva foi lançada de encontro a ele, só que dessa vez ela deixou que o quadril batesse propositalmente no seu. Com uma sensação de corrente elétrica passando por sua virilha, Leon se deu conta de que Eva queria que ele soubesse que ela tinha plena consciência desses contatos.

O Borboleta passou veloz sobre os lombos amontoados dos búfalos, tão perto que podiam ver cada resíduo de barro grudado nos pelos e o desenho de cicatrizes paralelas nos ombros do macho líder, deixadas pelas garras afiadas de algum leão errante.

Continuaram voando, até que Eva fez um gesto nervoso em direção à fuselagem

de seu lado. O Graf Otto inclinou o avião para o lado que ela indicara. O Borboleta voltou à horizontal e se alinhou com cinco imensos elefantes machos que atravessavam o denso matagal espinhoso, um pouco adiante deles. Embora já não tivesse a desculpa da gravidade, Eva mais uma vez encostou o quadril no de Leon, maliciosamente – um jogo perigoso e excitante, bem debaixo do nariz do Graf Otto von Meerbach. Leon riu ao vento e, sem mover a cabeça, Eva o olhou através dos cílios emicerrados, sorrindo secretamente.

Desceram mais sobre os elefantes, ainda correndo. Eram machos velhos, e pelo menos dois deles tinham presas de mais de cinquenta quilos. Um terceiro tinha uma das presas quebrada na altura da boca, mas a outra era tão grande que fazia as dos companheiros parecerem pequenas em comparação. Otto desceu mais, depois mais ainda; parecia querer lançar-se diretamente sobre a manada. Os elefantes, talvez percebendo que não podiam correr mais rápido que o Borboleta, juntaram-se ombro a ombro, formando uma falange sólida para enfrentar a ameaça que vinha do céu. Trombeteando tão alto que Leon podia ouvi-los acima do barulho dos motores, avançaram precipitadamente em direção ao avião. Quando ele passou, quase roçando neles, os animais se enfureceram, abriram as orelhas e levantaram a tromba, como se quisessem agarrá-lo no ar.

O Graf Otto subiu várias dezenas de metros e voou para o sul. Novos e inesperados panoramas abriram-se diante de seus olhos. Voaram sobre vales escondidos, secretas entradas e saídas nas paredes da escarpa, algumas das quais Leon jamais vira registradas nos mapas. Dois ou três vales eram alimentados por correntes de água junto às quais crescia mato verde e onde se juntavam manadas de grandes mamíferos, de girafas a rinocerontes. Leon tentou memorizar a localização exata de cada um com a intenção de voltar ali para explorá-los, mas eles voavam tão rápido que ficava difícil gravar os detalhes da rota.

Subiram ainda mais até depararem com o enorme maciço do Kilimanjaro, que se elevava sobre o horizonte ao sul, a uns cento e cinquenta quilômetros dali. O topo da montanha estava envolto por uma nuvem prateada através da qual o sol lançava raios de luz. Então o Graf Otto apontou uma montanha mais próxima, a uns trinta ou quarenta quilômetros de distância. O cume plano era inconfundível, e provavelmente fora isso que lhe chamara a atenção.

— É o monte Lonsonyo — gritou Leon, mas sua voz se perdeu entre o rugido do vento e dos motores. — Vamos lá! — Fez insistentes sinais com a mão, e o Graf Otto acelerou ao máximo. O Borboleta subiu ainda mais, mas a mesa do Lonsonyo estava a quase três mil metros acima do nível do mar. No início o avião subiu com rapidez, mas à medida que a altitude aumentava, sua velocidade baixava, e ele ficou tão lento que passaram a apenas quinze metros dos despenhadeiros.

Diante deles estava o gado de Lusima, esparramado, pastando sobre o capim

fresco da alta planície. Mais além, viram o contorno das cabanas e os currais que compunham a manyatta, e por meio de sinais Leon indicou a Otto que virasse na direção do povoado. Cabras, galinhas e crianças pastoras nuas se dispersaram ao vê-los. Era fácil identificar a choça de Lusima entre as demais, pois era a maior e a mais imponente, a mais próxima dos longos galhos da árvore do conselho. Não havia sinal de Lusima, até que ficaram quase diretamente sobre a choça. Então, de repente, ela apareceu, inclinando-se para sair pela porta baixa da cabana e olhando para ele. Estava nua, exceto pela diminuta tanga vermelha, com os coloridos braceletes e colares em volta dos tornozelos, pulsos e pescoço. Olhou para o Borboleta com uma expressão de cômica perplexidade.

— Lusima! — gritou Leon, tirando o capacete e os óculos. — Lusima Mama! Sou eu! M'bogo, seu filho! — Acenava com a mão desesperadamente, até que ela o reconheceu. Seu rosto se iluminou, e ela retribuiu seu cumprimento acenando com ambas as mãos, mas no mesmo instante eles já estavam longe, descendo do outro lado do monte.

Outra vez o Graf Otto gesticulou com as mãos, pedindo a Leon que marcasse o curso que ele deveria seguir para chegar ao acampamento de caça. Ele havia ficado do outro lado do monte Lonsonyo, de modo que Leon o conduziu por um circuito à direita dos despenhadeiros escarpados, abaixo da mesa do topo do monte. Ele nunca tinha visto esse lado da montanha. Até esse momento, sempre subira pelo lado sul.

A rocha era tão vertical e impenetrável quanto a parede externa de uma fortaleza medieval, e os líquens haviam pintado um mosaico de muitas cores sobre ela. Então, inesperadamente, o Borboleta ficou diante de uma fratura na parede, uma chaminé

vertical de rocha que dividia o despenhadeiro do cume ao declive de pedregulho e ia até o pé da montanha. Da beira do despenhadeiro, no alto da chaminé, descia uma brilhante cascata, uma corrente que levava a água da chuva da úmida mesa acima e caía em ondulantes cortinas de renda sobre as pedras enegrecidas pelo musgo. Quando passaram junto dela, o vento lhes soprou no rosto um fino jato de gotículas, salpicando as lentes dos óculos e dando-lhes a sensação de flocos de neve caindo-lhes sobre a cabeça.

A cascata despencava várias centenas de metros até a bacia da base do despenhadeiro. Os raios de sol não chegavam até essa garganta sombria e misteriosa, tão escura quanto um tinteiro e tão perfeitamente circular que poderia ter sido construída por antigos arquitetos egípcios ou romanos. Por breves segundos admiraram essa imagem imponente, até que o Borboleta a ultrapassasse a toda a velocidade; a chaminé de rocha pareceu fechar-se atrás deles com a determinação de uma imensa porta de catedral, tirando de vista qualquer vestígio da cascata.

Quando saíram da sombra da montanha, o sol se punha, atravessando, já vermelho, a neblina de pó e fumaça em suspensão a pouca altura da linha do horizonte. Leon

examinou a planície púrpura, tentando descobrir o acampamento de caça. Finalmente, mais adiante, planando na ponta do mastro, a biruta prateada ficou visível, indicando o lugar da pista de aterrissagem. Logo se aproximaram do grupo de lonas e tetos de palha recém- -construídos do local que Leon havia batizado de Acampamento Percy. Bem atrás dele se elevava uma pequena colina de apenas uns duzentos metros de altura, mas visível a uma distância de vários quilômetros.

O Graf Otto deu a volta no acampamento para verificar a direção do vento e a orientação da pista de aterrissagem. Enquanto se inclinavam pelo lado mais afastado do terreno, Leon olhou para baixo e viu uma área virgem, densa e aparentemente impenetrável de arbustos de acácias espinhentas, que se estendia por muitos quilômetros. No meio deles descobriu outro grupo de formas escuras. Pelo tamanho, eram búfalos machos, três velhos solteiros.

Uma coisa era certa: esses velhos solitários eram ariscos e muito perigosos. Quando levantaram a cabeça e olharam de modo sinistro para a aeronave, Leon fez uma rápida avaliação e murmurou:

— Nem uma cabeça decente entre eles. Todos usam yarmulkas. — Era uma referência irreverente ao solidéu de oração judeu, feita por velhos caçadores para descrever um par de chifres de búfalos tão velhos e gastos que as pontas haviam desaparecido, ficando apenas um solidéu de chifre.

Quando o Borboleta aterrissou, rodando até a extremidade mais distante da pista, uma nuvem de pó se aproximava pela rota cheia de buracos que vinha do acampamento, cercado um automóvel barulhento com Hennie du Rand ao volante e Manyoro e Loikot na parte de trás.

— Desculpe, chefe! — cumprimentou Hennie quando Leon desceu pela escadinha da cabine. — Não esperávamos que chegasse algumas semanas antes. Pegou-nos de surpresa. — Ele estava visivelmente nervoso.

— Estou tão surpreso quanto vocês. O Graf Otto trabalha com seu próprio cronograma. Há comida e bebida no acampamento?

— Ja! — assentiu Hennie. — Max trouxe muita coisa de Tandala.

— Tem água quente no chuveiro? As camas estão feitas e tem papel higiênico no banheiro?

— Terá antes que volte a perguntar — prometeu Hennie.

— Então ficaremos bem. O lema da família do conde é Durabo, que quer dizer "sobreviverei". Nós o poremos à prova esta noite — disse Leon, voltando-se para o Graf Otto enquanto descia pela escadinha.

— Tenho o prazer de lhe dizer que está tudo pronto, senhor — mentiu um pouquinho. Em seguida levou o casal para o alojamento.



De algum modo, Hennie e seu chefe tinham realizado o milagre da improvisação. Haviam preparado uma refeição passável usando o conteúdo dos caixotes de provisão que Max havia trazido de Tandala, e Leon esperava seus hóspedes na barraca-refeitório. Quando Eva entrou, ele ficou sem fôlego. Era a primeira vez que via uma mulher bonita de saia-calça, moda muito audaciosa e atual que ainda não havia chegado às colônias. Pelo corte da roupa, ele se pôs a imaginar o que devia haver sob o fino tecido. Desviou os olhos de Eva exatamente quando o Graf Otto entrava, logo depois dela.

Hennie havia posto para esfriar algumas caixas de cerveja Meerbach Eisbock nas bolsas de lona para água. Essa cerveja já ganhara muitas medalhas de ouro nas Oktober Bierfests anuais de Munique. Era fabricada numa grande cervejaria bávara que fazia parte do império industrial de Meerbach. Como era seu melhor cliente, o Graf bebeu pouco mais de dois litros de cerveja para abrir o apetite antes que servissem o jantar.

Quando ocupou seu lugar na cabeceira da mesa, passou da cerveja ao borgonha, um notável Romanée Conti 1896 que ele havia selecionado pessoalmente de suas adegas em Wieskirche e que combinava perfeitamente com a entrada de peito de pato selvagem sobre fatias de foie gras frito. O Graf Otto completou a refeição com alguns copos de vinho do Porto de cinquenta anos e um charuto cubano Montecristo.

Deu uma baforada no charuto e suspirou de prazer, inclinando-se na cadeira e soltando um pouco o cinto.

— Courtney, você viu aqueles búfalos que sobrevoamos quando estávamos perto de aterrissar, já?

— Sim, senhor.

— Estavam num refúgio denso, nein?

— De fato, muito denso. Mas nenhum deles vale que se gaste um cartucho.

— Ah, é? Então não são perigosos.

— São muito perigosos. E muito mais se estiverem feridos — disse Leon —, mas...

O Graf Otto o interrompeu:

— "Mas" é uma palavra de que não gosto muito, Courtney. — Seu humor havia mudado de repente, de modo dramático. — Em geral, ela é sinal de que alguém está prestes a apresentar uma desculpa para me desobedecer. — Franziu o cenho, e a cicatriz resultante de um duelo que lhe atravessava a face de um branco vítreo mudou para rosa forte.

Leon ainda não havia aprendido que esse era um sinal de perigo. E continuou, apesar disso:

— Eu só ia dizer que...

— Não tenho nenhum interesse no que você ia dizer, Courtney. Prefiro que você escute o que eu vou lhe dizer.

Leon se ruborizou diante da reprimenda, mas logo viu que Eva, que estava sentada fora do campo de visão do conde, franzia os lábios e sacudia a cabeça de forma quase imperceptível. Então respirou fundo e, com esforço, acolheu a advertência dela.

— Deseja caçar esses machos, senhor?

— Ah, Courtney, você não é um Dummkopf tão grande quanto às vezes parece ser! — Riu e voltou a adotar um tom de cordialidade. — Sim, de fato, quero atirar nesses machos. Vou lhes dar a oportunidade de me mostrar como realmente são perigosos, já?

— Não trouxe meu rifle de Tandala.

— Não vai precisar dele. Sou eu que vou atirar.

— O senhor quer que o acompanhe desarmado?

— O molho está muito forte para seu estômago, Courtney? Se estiver, pode ficar na cama amanhã ou debaixo dela, onde se sentir mais confortável e seguro.

8Tolo. (Em alemão no original.) (N. E.)

— Quando o senhor estiver caçando, estarei a seu lado.

— Fico satisfeito de que nos entendamos. Isso torna tudo mais simples, não? — Tirou uma baforada do charuto, até que a ponta brilhou intensamente; então soltou um perfeito anel de fumaça sobre a mesa, na direção do rosto de Leon, que enfiou nele um dedo e o desfez antes que o atingisse.

Eva interveio com delicadeza para apagar as chamas do temperamento de um e outro, que subiam.

— Otto, que montanha era aquela de cume plano, bonita, sobre a qual você nos fez voar esta tarde?

— Diga-nos algo sobre ela, Courtney — ordenou o conde.

— Chama-se monte Lonsonyo. É um lugar sagrado dos massais e lar de um de seus mais poderosos líderes espirituais, uma vidente que pode adivinhar o futuro com uma exatidão espantosa — respondeu Leon, sem olhar na direção de Eva.

— Oh, Otto! — exclamou ela. — Deve ser a mulher que vimos saindo da cabana maior. Como se chama essa profetisa?

— Tontinha, toda essa bobagem de magia a diverte? — perguntou Otto com indulgência.

— Você sabe que adoro que adivinhem minha sorte. — Sorriu com graça, e os últimos vestígios de zanga desapareceram do rosto do conde. — Lembra-se daquela

cigana de Praga? Ela disse que meu coração pertencia de verdade a um homem que me amaria intensamente e que ia cuidar de mim para sempre. É evidente que ela falava de você!

— É claro! De quem mais poderia ser?

— Otto, como se chama essa adivinha?

Ele desviou o olhar do rosto dela e levantou uma sobrancelha na direção de Leon.

— Chama-se Lusima, senhor. — Leon aprendera a fazer esse jogo de perguntas e respostas elípticas.

— Você a conhece bem? — quis saber o Graf Otto.

Leon riu de modo suave.

— Ela me adotou como seu filho, por isso nos conhecemos bem.

— Ja, ja, ja! Se o adotou, não é lá uma mulher de muito juízo. No entanto... — o alemão abriu as mãos num gesto de rendição, olhando para Eva — vejo que não terei sossego se não atender a esse capricho seu. Muito bem, vou levá-la para visitar essa anciã da montanha para que ela adivinhe sua sorte.

— Muito obrigada, Otto. — Eva acariciou a mão dele. Leon sentiu que uma onda ácida de ciúme lhe queimava o estômago. — Está vendo? A cigana de Praga tinha razão. Você é tão amável comigo! Quando vai me levar lá? Depois que caçar aqueles seus búfalos, talvez?

— Vamos ver — disse ele, tergiversando, e mudou de assunto. — Courtney, estarei pronto ao amanhecer. Não são mais de uns poucos quilômetros até o local onde vimos àquela manada. Quero chegar lá antes que o sol esteja alto.

O mundo em silêncio esperava a saída do sol e o frio da noite estava ainda no ar quando o Graf Otto estacionou o veículo de caça junto ao matagal de arbustos espinhentos do outro lado da pista de aterrissagem onde Manyoro e Loikot permaneciam de cócoras diante de uma pequena fogueira de galhos secos, esquentando as mãos. Chutaram terra sobre as chamas e se levantaram quando Leon desceu de um salto e se aproximou.

— O que vocês têm para me dizer?

— Depois que a lua sumiu, nós os ouvimos bebendo no riacho perto do acampamento. Quando encontramos as pegadas esta manhã, nós as seguimos do riacho até aqui. Estão perto deste matagal. Faz pouquinho que os ouvimos andando por aí — informou Manyoro e continuou: — São realmente muito velhos e feios. Kichwa Muzuru está seguro de que deseja caçar um deles? — Havia dado o nome de "Cabeça de Fogo" ao Graf Otto, pela cor de seu cabelo e também por sua evidente falta de medo, algo que os massais admiravam muito.

— Sim, ele está seguro. Não consigo fazê-lo mudar de ideia — disse Leon.

Resignado, Manyoro deu de ombros. Então perguntou:

— Que bunduki o senhor levará, M'bogo? Deixamos sua arma grande em Tandala.

— Hoje não vou levar nenhuma arma. Mas fique tranquilo. Kichwa Muzuru atira como um mago.

Manyoro o olhou com receio.

— E se alguém virar o barril de cerveja, M'bogo, o que acontecerá?

— Então, Manyoro, acertarei o búfalo no olho com isto. — Leon mostrou um pedaço de pau pesado que recolhera de um lado da pista.

— Isso não é uma arma. Não serve nem para coçar piolhos. Tome. — Manyoro pegou uma de suas duas lanças de ponta afiada e a deu para Leon, dizendo: — Uma arma de verdade para o senhor levar.

Era uma bela arma, de cerca de um metro de comprimento, com fio dos dois lados. Leon a experimentou no antebraço. Cortou os pelos tão perfeitamente e sem esforço como se fosse sua navalha.

— Obrigado, meu irmão, mas espero não ter de usá-la. Siga as pegadas de novo, Manyoro, mas esteja pronto para correr se Kichwa Muzuru virar o barril de cerveja.

Leon os deixou e voltou para o veículo de caça, onde o Graf Otto estava tirando o rifle da capa de couro. Leon se sentiu um pouco mais tranquilo quando viu que se tratava de uma arma de dois canos de grande calibre, provavelmente uma Continental 10.75 mm. Tinha força de impacto mais que suficiente para enfrentar um búfalo.

— Então, Courtney, está preparado para um pouco de esporte? — perguntou o Graf Otto enquanto Leon se aproximava dele. Tinha um cigarro apagado entre os lábios e usava um chapéu de caça inclinado para trás. Estava carregando cartuchos cobertos de aço na culatra aberta do rifle.

— Espero que não esteja planejando divertir-se demais, senhor, mas estou preparado, sim.

— Vejo que não está. — Sorriu ao ver a lança na mão de Leon. — Vai caçar coelhos ou búfalos com isso?

— Se for cravada no lugar preciso, servirá.

— Faço-lhe uma pequena promessa, Courtney. Se você matar um búfalo com isso, eu lhe ensinarei a pilotar um avião.

— Fico comovido com sua generosidade, senhor — disse Leon com uma ligeira reverência. — O senhor poderia, por favor, pedir a Fräulein von Wellberg que permaneça no veículo até voltarmos? Esses animais são imprevisíveis, e, assim que se dispara a primeira bala, qualquer coisa pode acontecer.

O Graf Otto retirou o cigarro da boca para se dirigir a Eva.

— Você vai ser uma boa menina hoje, mein Schatz⁹, e fazer o que nosso jovem amigo pede?

— Não sou sempre uma menina obediente, Otto? — perguntou ela de volta, mas algo em seus olhos contrariava a açucarada resposta.

O conde voltou a pôr o cigarro na boca e passou a ela sua caixa de fósforos de prata. Ela a abriu, tirou um fósforo de cabeça vermelha e o raspou de encontro à sola da bota; quando acendeu, esticou o braço para frente, a fim de evitar a fumaça do enxofre, e então levou o fogo à ponta do cigarro. O Graf Otto observava os olhos de Leon enquanto fumava seu Cohiba. Leon sabia que essa pequena demonstração de domínio e servilismo talvez tivesse sido encenada para que ele visse. O outro homem não era nada desatento. Com certeza intuía o trovão emocional suspenso no ar e estava deixando claro seu poder sobre Eva. Leon manteve uma expressão neutra.

Então, Eva interveio novamente com suavidade:

⁽⁹⁾Meu bem. (Em alemão no original.) (N. E.)

— Por favor, tenha cuidado, Otto. Eu não saberia o que fazer sem você.

Leon se perguntou se ela o estaria protegendo da cólera ciumenta do conde. Se sua intenção fosse essa, então estava dando certo.

O Graf Otto estalou a língua. — Preocupe-se com os búfalos, não comigo.

— Jogou o rifle no ombro e seguiu os massais por entre os arbustos de espinhos,

— Preocupe-se com os búfalos, não comigo.

Sem dizer nenhuma palavra. Leon foi atrás dele, e os dois avançaram em silêncio.

Já que estavam protegidos pelo matagal denso, os animais haviam se separado para comer, e suas pegadas iam e vinham para cá e para lá. Era bem possível que, enquanto seguiam as pegadas de um dos três, tropeçassem nas de outro, por isso se moviam lentamente, verificando o movimento a cada momento, depois de uns poucos passos. Não haviam passado de cem quando ouviram próximo de onde estavam o estalido de galhinhos se quebrando, seguido de um leve bufo. Manyoro levantou uma das mãos, sinalizando para que ficassem imóveis e em silêncio. Tudo foi quietude durante um minuto inteiro, que no entanto pareceu muito mais longo. Depois se ouviram estalos de plantas. Alguma coisa grande estava abrindo caminho através do mato espinhento, bem na direção deles. Leon tocou o braço do Graf Otto, que desceu o rifle do ombro para segurá-lo alto sobre o peito.

De repente, a parede de arbustos espinhentos se abriu diretamente diante deles e ali, na abertura, apareceram a cabeça e os ombros de um búfalo. Era um animal velho e cheio de cicatrizes, com um chifre quebrado e transformado num toco irregular e o outro quase totalmente desgastado de tanto ser afiado nos troncos de árvores e montículos de cupins. O pescoço era magro e pelado em algumas partes. Um dos olhos era branco e vítreo, totalmente cego pela oftalmia da mosca. No início

não os viu. Por um momento permaneceu ali mastigando um montão de mato, com palha e fios de saliva escorrendo dos cantos da boca. Agitou a cabeça para espantar as moscas pretas que passeavam pelos cílios do olho cego, alimentando-se do pus que lhe escorria pela cara.

"Pobre velho", pensou Leon, "uma bala em sua cabeça seria um verdadeiro ato de bondade." Tocou o ombro do Graf Otto.

— Dispare! — sussurrou Leon e se preparou para o disparo. Mas nada poderia tê-lo preparado para o que se seguiu.

Otto jogou a cabeça para trás e lançou um grito selvagem.

— Venha, então! Mostre-nos como você pode ser perigoso. — Deu um tiro por cima da cabeça do búfalo. O macho recuou com violência e se virou para enfrentá-los. Olhou-os com o olho bom, deixou escapar um forte bufo de consternação e então se foi. A todo o galope, fugiu diretamente para o matagal espinhento. Um momento antes que desaparecesse, o Graf Otto disparou de novo.

Leon viu que voava pó da pata traseira do búfalo, um palmo à esquerda das vértebras cheias de nós da espinha dorsal que se via sob o couro cinza cheio de cicatrizes. Olhou consternado para o macho que fugia.

— O senhor o feriu deliberadamente! — disse Leon em tom de acusação e completa incredulidade.

— Jawohl! É evidente. Você disse que tinham de estar feridos, se quiséssemos um pouco de diversão. Bem! Agora está ferido, e vou fazer cosquinhas nos outros também. — Antes que Leon pudesse se recuperar da comoção, o Graf Otto lançou outro selvagem grito de guerra e começou a correr, perseguindo o animal ferido. Os dois massais estavam tão aturdidos quanto Leon, e os três, ali de pé, olhavam espantados para o alemão.

— Ele está louco! — exclamou Loikot, num tom de preocupação.

— Sim — concordou Leon, sério. — Está louco. Escutem-no.

Havia uma grande confusão no matagal bem adiante. O tropel de muitos cascos e galhos se quebrando, bufos enraivecidos e de alarma, a detonação de disparos de rifle e o som de pesadas balas perfurando carne e ossos. Leon se deu conta de que o Graf Otto estava disparando nos três machos não para matar, mas para ferilos. Então ele se virou para os massais e disse:

— Não há nada que vocês possam fazer aqui. Kichwa Muzuru arrebentou o barril de cerveja em milhares de pedaços. Voltem para o automóvel — ordenou. — Vão cuidar de memsahib.

— M'bogo, isso é uma grande estupidez. Avançamos todos juntos ou não vamos nos mexer daqui.

Ouviu-se outro tiro, seguido pelo bramido de morte de um dos machos. "Pelo menos um caiu", pensou Leon, mas ainda restavam dois. Não havia tempo para

discussões.

— Vamos, então — disse Leon. Correram para diante e encontraram o Graf Otto parado à beira de uma pequena clareira entre os arbustos espinhentos. A seus pés estava estendido o corpo de um dos machos. Suas patas traseiras ainda esperneavam convulsivamente numa agonia de morte. A besta devia ter-se lançado contra ele quando entrara na clareira. Ele a tinha derrubado com uma bala no cérebro.

— Você estava enganado, Courtney. Não são tão perigosos — comentou o conde friamente, enquanto enfiava outra carga de munição na culatra do rifle.

— Quantos o senhor feriu? — gritou Leon.

— Os dois, é claro. Não se preocupe. Você ainda pode ter uma oportunidade de aprender a pilotar um avião.

— Não há sombra de dúvida de que demonstrou sua coragem, senhor. Agora, dê-me seu rifle e deixe-me terminar o trabalho.

— Nunca mando um menino terminar um trabalho de homem, Courtney. Além disso, você tem sua lança. Para que vai precisar de um rifle?

— O senhor vai conseguir fazer que alguém caia morto.

— Ja, talvez. Mas não creio que seja eu. — Avançou a passos largos na direção da parede de mato espinhento, do lado mais afastado da clareira. — Um deles se meteu ali. Vou tirá-lo de lá pelo rabo.

Era inútil tentar detê-lo. Leon conteve a respiração enquanto o Graf Otto chegava ao outro lado da clareira.

O búfalo esperava por ele na primeira faixa de vegetação. Deixou-o aproximar-se e então se lançou sobre ele de uma distância de apenas cinco metros. O matagal explodiu diante de seu ataque. O Graf Otto levou o rifle ao ombro num instante, e as bocas dos canos quase chegavam a tocar os úmidos orifícios nasais negros do macho quando ele disparou – mais um tiro perfeito no cérebro. As patas dianteiras do búfalo amoleceram, e ele caiu. No entanto, o impulso de seu ataque o tinha levado para frente, e ele escorregou nas pernas de seu torturador como uma avalanche negra. Jogado para trás, o rifle escapou das mãos do conde, e ele foi atirado para o ar, caindo de costas no chão. Com o ar a lhe sair ruidosamente dos pulmões, ele se endireitou, todo dolorido e respirando com dificuldade, enquanto Leon corria para ajudá-lo.

Leon estava no centro da clareira quando Manyoro gritou, advertindo-o de algo que vinha por trás dele:

— A sua esquerda, M'bogo. Lá vem o outro!

Leon se virou bruscamente para a esquerda e viu o terceiro búfalo ferido quase sobre ele, tão perto que o animal já estava abaixando a cabeça para enganchá-lo com os chifres. Viu seu olho cego e supurado. Era o primeiro animal em que o Graf Otto havia disparado. Leon se virou e se firmou no chão, com o corpo em perfeito

equilíbrio, esperando o momento certo. Enquanto o macho se aproximava, ele se deslocou para o lado cego da besta, que deixou de enxergá-lo, chifrando de modo selvagem o lugar onde ele estava um segundo antes. Se seu chifre não estivesse quebrado e gasto, talvez tivesse aberto o ventre de Leon, e, embora ele tenha dado uma pirueta para sair do lugar, a ponta do chifre quebrado se enganchou em sua camisa, que por sorte se rasgou, deixando-o livre. Leon arqueou as costas, e o enorme corpo do macho passou como um raio, quase roçando nele e salpicando as pernas de sua calça de sangue.

— Ei, touro! — gritou o Graf Otto, levantando-se com esforço e encorajando-o com a voz áspera de riso, apesar da dor causada pela falta de ar nos pulmões. — Ei, touro! — Ainda rindo e cambaleando, abaixou-se para pegar o rifle.

— Atire nele! — gritou Leon quando o macho patinou até parar com as patas dianteiras estiradas.

— Nein! — gritou o Graf Otto. — Quero ver você usar essa pequena lança. — Ele mantinha o rifle apontado para o chão. — Quer aprender a voar? Então use a lança.

Sua primeira bala havia quebrado a pata traseira do macho na ligação com a anca, por isso ele havia demorado a se recuperar do ataque frustrado. Mas depois ele se virou com dificuldade e fixou o único olho bom em Leon. Lançou-se ao ataque a todo o galope. Leon já ganhara alguma experiência com a primeira passada do macho. Segurou a lança da maneira clássica dos massais, com a longa lâmina alinhada com o antebraço, como um florete de esgrima, e deixou que o macho se aproximasse, esperando até o último instante para de novo desviar o corpo para fora da linha de carga e na direção do ponto cego do búfalo. O grande corpo escuro passou roçando por suas pernas; ele se inclinou sobre um ombro e pôs a ponta da lança no buraco entre as omoplatas. Não tentou apunhalá-lo com ela. Simplesmente deixou que o impulso do ataque do animal fizesse a lâmina entrar. Ficou espantado com a facilidade com que o afiadíssimo aço deslizou para dentro. Mal sentiu a sacudida quando o metro inteiro de aço desapareceu no corpo preto que empurrava. Solto a empunhadura e deixou que o macho levasse a lança; logo depois ele caía, balançando a cabeça de um lado para outro, lutando contra a dor penetrante da lâmina. Leon notou que esses movimentos violentos faziam que o aço se movesse em seu peito, dilacerando os tecidos do coração e dos pulmões.

Uma vez mais, o macho corcoveou, até parar no lado mais afastado da clareira. Continuava balançando a cabeça, tentando achá-lo. Leon estava imóvel. Finalmente o macho o descobriu e se virou para ele, mas seus movimentos estavam lentos, incertos. Cambaleou, porém seguiu avançando. Antes de alcançá-lo, abriu a boca e deixou escapar um bramido longo e profundo. Uma grossa pelota de sangue dos pulmões saltou de sua boca, e ele caiu de joelhos, rolando lentamente para um lado.

— Olé! — gritou o Graf Otto, só que dessa vez seu tom não era de brincadeira, e quando Leon o olhou viu um novo respeito em seus olhos.

Manyoro foi devagar até o local onde estava caído o búfalo. Agachou-se e com ambas as mãos pegou a empunhadura de sua assegai, que sobressaía por entre as omoplatas do animal. Endireitou o corpo, inclinou-se para trás e arrancou o aço ensanguentado. Então saudou Leon com a lança.

— Eu o admiro. Estou orgulhoso de ser seu irmão.

Quando voltaram para o acampamento, o Graf Otto transformou o café da manhã numa comemoração de sua destreza. Estava sentado à cabeceira da mesa, devorando presunto e ovos e bebendo o café que havia misturado generosamente com conhaque enquanto entretinha Eva com uma descrição muito colorida da caçada. No final do longo relato, fez uma rápida referência a Leon.

— Quando havia só um animal velho e cego ainda de pé, deixei que Courtney lidasse com ele. Evidentemente, eu o havia ferido tão gravemente que não era bem um desafio, mas, devo dizer isso em seu favor, ele se encarregou de matá-lo de uma maneira muito profissional.

Nesse momento sua atenção foi atraída por uma repentina atividade fora da barraca. Hennie du Rand estava com os esfoladores, que subiam na parte traseira do veículo puxado por cavalos. Iam armados com machadinhas e facões de açougueiro.

— O que esse pessoal vai fazer, Courtney?

— Vão buscar seus búfalos mortos.

— Para quê? As cabeças não valem nada, como você já me tinha dito, e a carne com certeza é tão velha e dura que nem vai dar para mastigá-la.

— Quando estiver defumada e seca, os carregadores e outros trabalhadores a comerão com prazer. Neste país, qualquer carne é valorizada.

O Graf Otto limpou a boca com o guardanapo e se pôs de pé.

— Irei com eles para observar.

— É claro. Irei com o senhor.

— Não é preciso, Courtney. Você pode ficar aqui e se encarregar do abastecimento do Borboleta para nosso voo de volta a Nairóbi. Levarei Fräulein von Wallberg comigo. Ela se aborreceria sentada aqui no acampamento.

"Eu faria tudo o que fosse possível para entretê-la, se me desse meia oportunidade", pensou Leon, mas guardou para si o comentário.

— Como queira, senhor conde – disse Leon.

Hennie se sentiu incomodado por ter tão ilustre companhia viajando com ele no velho automóvel no breve trajeto até onde estavam os corpos dos animais. Quando subiu para ocupar o assento do motorista, o Graf Otto o tranquilizou, oferecendo-lhe um cigarro. Depois das primeiras baforadas de fumaça, Hennie já estava relaxado o suficiente para responder de maneira coerente às perguntas do conde e não com um

tímido murmúrio.

— Então, Du Rand, disseram-me que você é sul-africano, ja?

— Não, senhor, sou bôer.

— Isso faz alguma diferença?

— Ja, muita. Os sul-africanos têm sangue britânico. Meu sangue é puro. Sou um dos pertencentes ao Volk escolhido.

— Tenho a impressão de que não gosta muito dos britânicos.

10Povo. (Em alemão no original.) (N. E.)

— Gosto de alguns deles. Gosto de meu chefe, Leon Courtney. É um bom Sout Piel.

— O que é isso?

Hennie olhou incomodado para Eva.

— Trata-se de coisa de homem, senhor. Nada apropriada para ouvidos de senhoras jovens.

— Não se preocupe. Fräulein Von Wellberg não fala inglês. Diga-me o que é.

— Significa "pau salgado", senhor.

O Graf Otto começou a sorrir francamente, prevendo uma boa piada.

— Pau salgado? Explique-me isso.

— Tem um pé na Cidade do Cabo e outro em Londres, com o pênis pendendo no oceano Atlântico – explicou Hennie.

O Graf Otto deu uma sonora gargalhada.

— Sout Piel! Ja. Gostei, é uma boa piada. — Sua risada abafada foi se apagando, e ele retomou a conversa de onde tinham se desviado: — Então você não gosta dos ingleses. Lutou contra eles na guerra, não?

Hennie ficou pensando na pergunta com cuidado, enquanto dirigia o veículo por um trecho particularmente difícil da estrada.

— A guerra acabou — disse finalmente, em tom inexpressivo e evasivo.

— Ja, terminou, mas foi uma guerra horrível. Os ingleses queimaram suas fazendas e mataram seu gado.

Hennie não respondeu, mas seus olhos ficaram meio sombrios.

— Puseram suas mulheres e seus filhos em campos de refugiados. Muitos morreram neles.

— Ja. É verdade — sussurrou Hennie. — Muitos morreram.

— Agora a terra está arruinada, não há comida para as crianças, e seu Volk se transformou em escravo da GrãBretanha, nein? Por isso você foi embora, para livrar-se das lembranças.

Os olhos de Hennie estavam cheios de lágrimas. Ele as secou com o polegar caloso.

— Em que comando você lutou?

Hennie olhou diretamente para ele pela primeira vez.

— Não disse que lutei em nenhum comando.

— Deixe-me adivinhar — sugeriu o Graf Otto. — Talvez você tenha lutado com Smuts.

Hennie sacudiu a cabeça com uma expressão de desagrado.

— Jannie Smuts é um traidor de seu povo. Ele e Louis Botha passaram para o lado dos cáquis. Estão vendendo nosso direito de origem aos britânicos.

— Ah! — exclamou o Graf Otto, com ar de quem já conhecia a resposta a sua pergunta. — Você odeia Smuts e Botha. Então, já sei com quem você lutou. Deve ter sido com Koos de la Rey. — Não esperou resposta. — Diga--me, Du Rand, que tipo de homem era o general Jacobus Herculaas de la Rey? Ouvi dizer que era um grande soldado, melhor que Louis Botha e Jannie Smuts juntos. Isso é verdade?

— Ele não era um homem comum. — Hennie fixou a vista na estrada à frente. — Para nós, era um deus.

— Se houvesse outra guerra, você seguiria De la Rey de novo, Hennie?

— Eu o seguiria até através das portas do inferno.

— Você gostaria de se encontrar com De la Rey outra vez? Gostaria de estreitar a mão dele novamente?

— Isso não é possível — disse Hennie.

— Comigo tudo é possível. Posso fazer que isso aconteça. Não diga nada a ninguém. Nem a seu chefe Sout Piel, de quem você gosta. Isto é só entre você e mim. Um dia, logo, levarei você para ver o general De la Rey.

Eva estava ali, apertada ao lado dele. Sentia-se obviamente incomodada e cada vez mais aborrecida com essa conversa numa língua que ela não entendia. O Graf Otto sabia que os únicos idiomas que ela conhecia eram o alemão e o francês.

Leon encheu o Borboleta de combustível com um dos tambores de duzentos litros que Gustav havia trazido de Nairóbi no enorme caminhão Meerbach. Enquanto fazia isso, mandou que Manyoro e Loikot fossem ao alto da colina próxima ao acampamento para entrar em contato com a rede massai de comunicações e recolher qualquer notícia de interesse que pudesse haver. Uma ou duas vezes levantou a vista do que estava fazendo para ouvir as vozes gritadas e distantes chamando-se nas alturas. Os chungajis usavam uma espécie de taquigrafia verbal, e ele conseguia entender algumas palavras isoladas, embora não desse para captar todo o sentido da conversação.

Não muito depois de haver enchido o último dos quatro tanques de combustível do Borboleta, quando estava lavando as mãos na bacia diante de sua barraca, os dois massais voltaram da colina. Começaram a informá-lo sobre os poucos pontos de interesse que haviam recolhido.

Contaram-lhe que com a próxima lua cheia, como era costume nessa época do

ano, Lusima ia presidir no monte Lonsonyo uma conferência dos anciãos das tribos massais. Ia sacrificar uma vaca branca pelos antepassados. O bem-estar da tribo dependia de que esses rituais fossem respeitados. Dizia-se também que tinha havido uma incursão de um grupo nandi em pé de guerra. Havia fugido com trinta e três cabeças de gado massai da melhor qualidade, mas os moranis encarregados da vingança os alcançaram às margens do rio Tishimi. Tinham recuperado todo o gado perdido e lançado os cadáveres dos ladrões no rio. Os crocodilos haviam se encarregado dessas provas. Nesse momento, o comissário do distrito iniciara uma investigação em Narosuma, mas parecia que toda a área havia sofrido um ataque de amnésia. Ninguém sabia nada a respeito do gado roubado nem de guerreiros nandis desaparecidos.

Além disso, contaram que quatro leões haviam descido ao vale da Grande Fenda. Vinham de Keekorok e eram todos machos jovens. Tinham levado uma surra do enorme macho dominante, que os havia expulsado da manada em que haviam nascido. Ele não ia admitir nenhuma concorrência no acasalamento com suas fêmeas. Duas noites antes, os leões jovens tinham matado seis vaquinhas da manyatta, bem a oeste do monte Lonsonyo. Havia chamado todos os moranis para uma reunião nesse povoado, chamado Sonjo. Eles iam dar uma rápida lição de bons modos a esses quatro assassinos de gado.

Leon estava encantado com essas notícias. O Graf Otto havia expressado grande interesse em presenciar uma caçada cerimonial, e essa era uma feliz coincidência. Enviou Manyoro à manyatta Sonjo, onde estavam os caçadores de leões, com um presente de cem xelins para o chefe local, acompanhado de um pedido: que os wazungus presenciassem sua caçada.

Quando o Graf Otto voltou com Hennie no Vauxhall depois de os homens terem esquartejado os corpos dos búfalos, Leon já mandara selar os cavalos e preparara as mulas de carga com provisões suficientes para a imprevista expedição a Sonjo. Quando seu cliente regressou, mais que depressa ele lhe contou as boas novas.

O Graf Otto ficou entusiasmado.

— Rápido, Eva! Devemos trocar a roupa pela de montar, para partirmos imediatamente. Não quero perder o espetáculo.

Avançaram com os cavalos a meio galope, cobrindo quase trinta quilômetros antes que ficasse muito escuro para visualizar o caminho à frente. Logo desmontaram e desencilharam os cavalos. Jantaram uma comida fria e dormiram ao ar livre. Na manhã seguinte, antes que estivesse completamente claro, puseram-se a caminho novamente.

Um pouco antes do meio-dia do dia seguinte, quando se aproximavam do povoado de Sonjo, ouviram tambores e cantos.

Manyoro, de cócoras à beira do caminho, viera do povoado para esperá-los. Logo

que os viu chegando, aproximou-se para pegar os cavalos.

— Tudo está arranjado, M'bogo. O chefe da manyatta concordou em atrasar a caçada até sua chegada, mas precisam se apressar. Os moranis estão ficando intranquilos. Estão ansiosos para manchar de sangue as lanças e conquistar honra. O chefe não vai conseguir contê-los por muito mais tempo.

Os moranis estavam reunidos no centro do curral do gado. Formavam um grupo de elite, selecionado entre os melhores e mais valentes. Era um grupo de cinquenta jovens, vestidos com saiote de couro vermelho enfeitado com contas de marfim e conchas de cauri. O tronco descoberto brilhava com uma camada de gordura ocreavermelhada. O cabelo estava arrumado num penteado de tranças enroladas. Eram magros, fortes e musculosos, mas elegantes, de feições marcadas, gestos agressivos e olhos brilhantes e cobiçosos, que denotavam seu entusiasmo pela caça que ia começar.

Formavam fila única, ombro com ombro. O cabeça era um morani da maior hierarquia, um guerreiro experiente que trazia cinco rabos de leão no saiote, um para cada nandi que havia matado em combate singular. Seu toucado de guerra era feito de pele de um leão de juba preta, uma prova adicional de sua destreza. Ele havia caçado o leão sozinho com sua assegai. No pescoço trazia pendurado numa correia um berrante feito de chifre de um macho de antílope.

Várias centenas de homens mais velhos, com mulheres e crianças, estavam de pé em volta da paliçada externa para olhar a dança. As mulheres aplaudiam e gritavam. Quando as três pessoas brancas entraram na manyatta, os tambores aceleraram o ritmo, que soou ainda mais selvagem e frenético. Os tocadores batiam nos troncos ocos, levando os guerreiros a uma loucura de combate, até que interromperam a dança do leão, cantando e saltando muito alto com as pernas rígidas, rugindo como leões ao tocar o chão.

Então o chefe fez soar o berrante num tom agudo, e o grupo começou a sair do curral, sempre em fila única. Mantendo um espaço uniforme, formavam uma serpente comprida e sinuosa que se movia morro abaixo por entre o mato, com a luz do sol se refletindo no aço polido das assegais. Levavam nos ombros seus longos escudos de couro cru, todos eles pintados com um só olho grande, preto e ocre, cuja pupila era de um branco deslumbrante.

— Por que têm um olho pintado no escudo, Otto? — perguntou Eva.

— Responda à pergunta, Courtney.

— Os moranis dizem que é uma provocação para que os leões os ataquem. Vamos, não devemos ficar atrás. Quando a caçada começar, será muito rápida. — Os cavaleiros seguiam a longa e serpenteante fila de guerreiros.

— Como eles sabem onde encontrar a presa? — perguntou o Graf Otto.

— Há exploradores observando os leões — respondeu Leon. — Mas eles não

devem ter ido longe. Mataram seis animais e não irão embora até que acabem de comer toda a carne.

Manyoro corria junto ao estribo de Leon. Disse-lhe algo, e ele se abaixou na sela para ouvi-lo. Quando se endireitou, explicou ao Graf Otto:

— Manyoro disse que o gado morto está numa bacia pouco profunda, atrás da próxima elevação. — Apontou para diante. — Se dermos a volta pela direita e nos posicionarmos em terreno alto, teremos uma vista privilegiada. — Levou-os para fora da trilha e seguiram cavalgando a meio galope num amplo círculo, para adiantar-se à fila dos moranis; chegaram ao local de onde poderiam ver melhor exatamente quando a cabeça da longa fila de guerreiros chegava ao alto e começava a descer para a bacia.

Manyoro os aconselhou bem. Quando pararam os cavalos no alto, depararam com uma esplêndida vista do vale coberto de mato. Os corpos dos animais em estado de putrefação estavam bem à vista, com o ventre inchado pela formação de gases. Alguns haviam sido devorados em parte, mas outros pareciam não ter sido tocados.

Nesse momento, a fila única de guerreiros mudou de formação. Ao chegar a um lugar predeterminado, cada morani virou na direção contrária à do guerreiro a sua frente. Como uma fila de bailarinos seguindo uma coreografia, a fila única se dividiu em duas. As filas gêmeas se abriram para formar o laço que ia circundar a depressão coberta de mato. Então, ao agudo toque do berrante, as extremidades das filas de guerreiros começaram a convergir. Logo a manobra estava terminada. Uma parede de escudos e lanças rodeou a bacia.

— Não estou vendo os leões — disse Eva. — Tem certeza de que não fugiram?

Mas, antes que um dos homens pudesse lhe responder, um leão se levantou e ficou completamente à vista. Estava estendido bem junto do chão, e sua pele se fundia perfeitamente com o mato queimado pelo sol. Embora fosse jovem, era grande e tinha porte. Sua juba era curta e escassa, uma simples penugem de pelo avermelhado. Rugiu para os moranis e levantou os beiços, mostrando as presas longas e brilhantes.

Eles lhe devolveram o cumprimento.

— Já estamos vendo você, malvado! Estamos vendo você, assassino de nosso gado.

O som de cinquenta vozes alertou os outros leões, que se levantaram e saíram do esconderijo no mato baixo, agacharam-se e olharam furiosos, com os olhos amarelo-topázio, para o anel dos escudos. Mexiam o rabo com nervosismo; rosnavam e rugiam com medo e fúria. Eram jovens e ainda não tinham vivenciado aquilo.

O som do chifre de antílope ecoou de novo, e os moranis puseram-se a cantar o coro da canção do leão. Então, sempre cantando, avançaram todos juntos, arrastando os pés e batendo-os no chão. Lentamente foram se aproximando dos quatro leões

como uma píton que aperta a presa com seu corpo. Um dos leões fez uma breve ameaça de ataque na direção dessa parede, e os moranis agitaram os escudos ao mesmo tempo em que gritavam:

— Venha! Venha! Estamos prontos pra receber você!

O leão interrompeu o ataque, freando sobre as patas dianteiras rígidas. Olhou furioso para os homens, depois deu meiovoltas e foi correndo se juntar aos irmãos. Eles davam voltas de um lado a outro, inquietos, rosnando, eriçando a juba em atitude ameaçadora, dando rápidas corridas até o muro de escudos, para em seguida parar e voltar.

— O da juba ruiva será o primeiro a atacar. — O Graf Otto fez sua avaliação e, enquanto falava, o maior dos quatro leões se lançou num ataque rápido e decidido, direto contra os escudos. O mais velho dos moranis, com o toucado de juba preta, fez soar o chifre de antílope. Depois, com a lança, apontou para um dos companheiros da fila que estava diretamente na linha de ataque e gritou o nome dele: — Katchikoi!

O guerreiro que havia sido escolhido deu um salto alto para agradecer a honra, saiu da fila e correu em largas e flexíveis passadas na direção do leão que atacava. Seus companheiros o incentivavam com gritos selvagens cada vez mais fortes. O leão o viu aproximar-se e virou-se bruscamente para ele, rosnando a cada avanço: era como uma risca marrom mexendo--se com cuidado, quase grudado no chão, enquanto o rabo com um tufo preto batia de cá para lá em seus flancos. Os olhos amarelo-brilhantes estavam fixos em Katchikoi.

À medida que ele foi se aproximando, o morani modificou o ângulo de seu avanço e se virou para o leão, forçando-o a se aproximar pela direita até seu braço armado. Então, caiu sobre um joelho atrás do escudo, apontando a assegai para o centro do peito do leão, que correu direto para a lança. A longa lâmina prateada desapareceu com rapidez mágica e penetrou em cheio no corpo marrom-claro. Katchikoi soltou a empunhadura e deixou a lança enterrada no peito do animal. Levantou o escudo de couro cru, e o leão se chocou precipitadamente contra ele. Não tentou resistir ao peso e à velocidade do salto do enorme gato, mas rodou para trás e se acocorou como uma bola, segurando o escudo entre ele e a besta. Apesar da assegai atravessada em seu corpo, a força e a raiva do leão não haviam diminuído. Atacou o escudo com as garras dianteiras, e com as unhas amarelas abria grandes buracos nele. Rosnava de modo terrível e tentava morder o escudo, mas o couro seco era duro como ferro, e seus dentes não tinham um ponto de apoio.

O chefe da caçada deu um breve toque com o chifre de antílope, e quatro dos companheiros de Katchikoi saíram da roda de guerreiros e correram para frente, separados, dois de cada lado. O leão concentrava todo o seu esforço em Katchikoi, de modo que só os viu quando estava rodeado por eles. As lanças subiam e desciam

cada vez que eles afundavam as longas lâminas nos órgãos vitais do leão. O animal lançou um tremendo gemido que chegou com clareza até os cavaleiros lá no alto, em seguida desabou e rodou para longe do escudo, estirando-se e ficando imóvel.

Kotchikoi ficou de pé de um salto e, pegando no cabo de sua assegai, pôs um pé sobre o peito do leão e retirou a lança. Brandindo o aço ensanguentado, levou os quatro companheiros de volta a seu lugar no círculo de guerreiros. Eles foram recebidos com gritos e ovações que pareciam bater no céu e com uma saudação de lanças levantadas. Depois o círculo de moranis avançou de novo, fechando-se inexoravelmente em torno dos leões restantes. Enquanto o círculo se tornava menor, os guerreiros se comprimiam num sólido muro no qual as bordas de seus escudos iam se sobrepondo.

No centro, os três leões se mexiam de um lado para outro, procurando um ponto de fuga. Lançavam-se num ataque, mas depois paravam e voltavam com o rabo entre as patas. Finalmente, um deles reuniu toda a sua coragem até o limite fatal e atacou. O morani que o enfrentou enfiou a lâmina da assegai completamente em seu corpo, mas, quando retrocedeu, o leão estava quase em cima dele, e suas garras atingiram a borda do escudo, arrancando-o das mãos do guerreiro e deixando exposta sua cabeça e seu tronco nu. Enquanto as garras rasgavam e abriam o corpo do morani, o leão, ferido de morte, abriu as mandíbulas ao máximo e abocanhou-lhe a cabeça. Mordeu-a até que as longas presas se entrechocaram, esmagando o crânio humano como uma noz num quebrador de nozes. Os companheiros do homem morto atravessaram a fera com suas lanças, numa vingança furiosa.

Em rápida sucessão, os últimos dois leões se lançaram sobre a fila de guerreiros, que se atiraram sobre eles como uma onda do mar que se quebra numa rocha. Morreram sob as lanças, rugindo, arremetendo contra eles com as garras agudas e desesperada inutilidade, enquanto as afiadas lâminas penetravam fundo neles.

Os irmãos de circuncisão levantaram do chão o corpo destroçado do morani e o colocaram sobre um escudo. Então, levantaram-no bem alto, com os braços estendidos, e o levaram de volta, cantando uma canção de louvação. Quando passaram perto dos espectadores lá em cima, o Graf Otto levantou um punho fechado à guisa de saudação ao morto. Os moranis agradeceram com as assegais levantadas e um grito selvagem.

— Eis aqui um homem que morreu como um homem deve morrer — disse o Graf Otto com solene intensidade, num tom que Leon nunca o vira usar, e depois ficou em silêncio. Os três estavam profundamente comovidos pela tragédia. Então o conde voltou a falar: — O que presenciei hoje aqui faz que toda a ética em que eu acreditava pareça ignóbil. Como posso me considerar um verdadeiro caçador se nunca enfrentei uma besta magnífica só com uma lança na mão? — Virou-se no cavalo e lançou um olhar de fúria a Leon. — Isto não é um pedido, Courtney, é uma

ordem. Consiga para mim um leão, um desses de juba preta. Eu o enfrentarei a pé, sem nenhuma arma de fogo. Só a besta e eu.

Nessa noite acamparam na manyatta de Sonjo e permaneceram acordados ouvindo o som dos tambores, o lamento das mulheres e o canto dos homens na homenagem fúnebre pelo morani morto na caçada ao leão.

Na escuridão de antes do amanhecer, puseram-se de novo em marcha. Quando o sol saiu sobre a escarpa do vale da Grande Fenda, o céu a leste foi inundado por uma deslumbrante grandiosidade dourada e vermelha que lhes ofuscou os olhos e lhes aqueceu o corpo, fazendo que despissem os abrigos e cavalgassem em mangas de camisa. De certo modo, esse amanhecer era um epílogo adequado para aquela caçada. Estimulou-lhes os sentidos e aliviou seu humor, permitindo que pudessem ver a beleza de tudo o que os rodeava e maravilhar-se diante das pequenas coisas que podiam ter passado despercebidas antes: a joia azul-celeste do peito de um martim-pescador cruzando seu caminho num voo veloz, a graça de uma águia de asas bem abertas no alto do céu banhado de ouro, a cria de uma gazela ajoelhada sobre as patas dianteiras sob o ventre da mãe e empurrando seu úbere com o focinho, faminta, enquanto o leite jorrava de sua barbicha. A fêmea os viu passar, tranquila, com seus enormes olhos brilhantes de olhar doce.

Eva também estava de bom humor. Apontou algo com o chicote, gritando alegremente:

— Oh, Otto! Olhe essa criaturinha cheirando e bufando ali no mato como um ancião que perdeu os óculos. O que é?

Embora Eva se dirigisse ao Graf Otto, Leon teve a sensação de que ela estava compartilhando aquele momento só com ele e respondeu:

— É um texugo, Fräulein. Embora pareça inofensivo, é uma das criaturas mais ferozes da África. Não sabe o que é medo. É incrivelmente forte. Sua pele é tão dura que resiste aos ferrões das abelhas, assim como às garras e aos dentes de animais muito maiores que ele. Até os leões o evitam. É arriscado entrar em contato com ele.

Eva relanceou os olhos violeta na direção de Leon e depois se virou para o Graf Otto, murmurando entre risinhos:

— Ele se parece com você em tudo. No futuro, vou pensar em você como meu texugo.

"Com qual dos dois estaria falando?", perguntou-se Leon. Com aquela mulher, um homem nunca podia estar seguro de nada. Havia nela algo muito enigmático ou ambíguo.

Antes que ele pudesse decidir isso, ela esporeou o cavalo e avançou. Parada ali, apontou para o horizonte ao sul.

— Olhe aquela montanha! — A distante forma do cume plano se destacava de

maneira teatral ao sol nascente. — Certamente é a montanha sobre a qual voamos, onde vive a profetisa dos massais.

— Sim, Fräulein. Aquele é o monte Lonsonyo — confirmou Leon.

— Oh, Otto, está tão perto! — gritou.

Ele riu entredentes.

— É perto porque você quer ir lá. Para mim está a uma distância de um dia de dura cavalgada.

— Você prometeu me levar lá — disse ela com voz de decepção.

— É verdade, prometi — concordou ele. — Mas não disse quando o faria.

— Então diga agora. Quando? — exigiu ela. — Quando, Otto querido?

— Não agora. Temos de voltar para Nairóbi imediatamente. Essa demora foi uma concessão. Tenho assuntos importantes para resolver. Este safári africano não foi todo por prazer.

— É claro que não — disse ela, fazendo uma careta. — Para você, tudo sempre são negócios!

— De que outro modo poderia me permitir ter você como amiga? — replicou o Graf Otto com humor pesado, e Leon se virou para não revelar seu imediato desagrado diante de um comentário tão grosseiro. Mas Eva pareceu não ouvir e tampouco se importar. Ele continuou: — Talvez compre algumas propriedades por aqui. Parece que há possibilidades de investimento em um país novo com tantos recursos a explorar.

— E quando terminar seus negócios, vai me levar ao monte Lonsonyo? — insistiu Eva.

— Você não se rende facilmente — disse o Graf Otto, balançando a cabeça, num gesto dissimulado de desespero. — Muito bem. Farei um trato com você: depois que matar meu leão com a assegai, eu a levarei para ver essa bruxa.

Outra vez o humor de Eva mudou sutilmente. Seus olhos eram uma máscara; sua expressão, fechada e fria. E, justo quando Leon sentiu que poderia vislumbrar algo além do véu, ela voltou a ficar distante e incompreensível.



Ao meio-dia puseram os cavalos para descansar, desmontando sob uma bela árvore junto a um pequeno remanso cercado por juncos num riacho sem nome.

Depois de uma hora voltaram a montar para prosseguir, mas Eva, parada junto a sua égua, exclamou, irritada:

— O fecho de segurança de meu estribo está travado. Se tivesse caído, eu seria arrastada.

— Encarregue-se disso, Courtney — ordenou o Graf Otto —, e garanta que não ocorra de novo.

Leon passou as rédeas para Loikot e rapidamente se aproximou de Eva, parando a seu lado. Ela se afastou um pouco para permitir que ele mexesse no estribo, mas permaneceu perto de Leon enquanto ele se abaixava para verificar o aço; o corpo do cavalo impedia que o Graf Otto os visse. Leon comprovou que Eva tinha razão: o fecho de segurança estava travado. Mas não estava quando tinham saído da manyatta de Sonjo naquela manhã... Ele mesmo o havia verificado. Então Eva tocou a mão dele, e seu coração disparou. Ela devia ter feito aquilo de propósito para ficar a sós com ele por um momento. Olhou-a de lado. Estava tão perto que ele podia sentir no rosto a respiração dela. Não estava usando perfume, mas tinha um cheiro cálido e doce muito pessoal. Por um instante, olhou nas profundezas cor de violeta de seus olhos e, além do véu, viu a mulher que se escondia atrás da encantadora máscara.

— Preciso ir à montanha. Há alguma coisa lá para mim. — Seu sussurro era tão suave que poderia ter sido imaginação dele. — Ele nunca vai me levar. Você vai ter de fazer isso. — Fez uma ligeira pausa, depois continuou: — Por favor, Texugo. — Seu pedido e o nome com que o havia batizado lhe tiraram o fôlego.

— Qual o problema, Courtney? — gritou o Graf Otto. Sempre alerta, parecia ter intuído algo.

— Estou contrariado porque o fecho está travado. Poderia ter sido perigoso para Fräulein von Wellberg. — Leon tirou a faca do cinturão e usou a lâmina para consertar a peça. — Agora está bem — garantiu a Eva. Continuavam protegidos pela égua, por isso se atreveu a acariciar o dorso de sua mão, que estava apoiada na sela. Ela não a retirou.

— Monte! Devemos seguir adiante — ordenou o Graf Otto. — Já perdemos bastante tempo aqui. Quero voar de volta a Nairóbi hoje. Precisamos chegar à pista de aterrissagem enquanto ainda houver luz suficiente para voar. — avalgavam

rápido, mas o sol vermelho-sangue jazia no horizonte, como um morani moribundo sobre seu escudo, quando finalmente chegaram à escadinha e subiram à cabine do Borboleta. Mesmo sendo inexperiente, Leon sabia que o Graf Otto havia retardado a decolagem além dos limites da prudência. Nessa estação do ano, o entardecer era curto. Escureceria em menos de uma hora.

Quando atravessaram a encosta do vale da Grande Fenda, voavam a uma altura suficiente para receber os últimos raios do sol, mas a terra lá embaixo já estava envolta numa impenetrável sombra violeta. Logo o sol desapareceu, como uma vela que é apagada sem deixar nenhum reflexo posterior.

Continuaram voando na escuridão, até que Leon conseguiu vislumbrar adiante o diminuto grupo de luzes distantes que indicavam a localização da cidade, insignificante como vaga-lumes na imensidão escura da região. Estava totalmente escuro quando por fim começaram a sobrevoar o campo de polo. O Graf Otto acelerou e desacelerou várias vezes os motores enquanto dava voltas. De repente, os faróis dos caminhões Meerbach se acenderam abaixo deles, de cada lado do campo de pouso, iluminando a pista coberta de mato. Gustav Kilmer, ao ouvir os motores do Borboleta, apressou-se a resgatar seu querido patrão.

Guiado pelas luzes, o Graf Otto pousou o Borboleta sobre a relva com a mesma suavidade com que uma galinha choca se deita sobre um monte de ovos.

Leon achou que a visita relâmpago ao Acampamento Percy no vale da Grande Fenda e a desenfreada caçada de búfalos no matagal espinhento marcavam o verdadeiro começo do safári. Também pensou que o Graf Otto afinal estava pronto para adentrar a terra selvagem. Mas tal suposição era incorreta.

Na segunda manhã depois de sua volta do Acampamento Percy e da aterrissagem noturna no campo de polo, o Graf Otto estava sentado à cabeceira da mesa no Acampamento Tandala, durante o café da manhã, com uma dúzia de envelopes a sua frente. Todos continham respostas às cartas oficiais do Ministério de Relações Exteriores em Berlim que Max Rosenthal havia distribuído aos dignitários da África Oriental Britânica.

Estava traduzindo alguns trechos de cada carta para Eva, que permanecia sentada diante dele, mordiscando delicadamente algumas frutas. Parecia que toda a sociedade de Nairóbi morria de curiosidade de ter um homem como o Graf Otto von Meerbach entre eles. Como qualquer outra cidade de fronteira, Nairóbi não precisava de muitas desculpas para dar uma festa, e ele era o melhor pretexto que se apresentava a eles desde a inauguração do Muthaiga Country Club, três anos antes. Cada carta continha um convite.

O governador da colônia ia oferecer um jantar especial em sua honra no Palácio do Governo. Lorde Delamere ia realizar um baile formal em seu novo hotel, o Norfolk, para dar a ele e a Fräulein von Wellberg as boas-vindas ao território. A

comissão do Muthaiga Country Club havia nomeado o Graf Otto membro honorário, e ele, para não ser superado por Delamere, também ia dar um baile para comemorar sua admissão no clube. O oficial que comandava as forças armadas de Sua Majestade Britânica na África Oriental não queria ficar por baixo. O convite do general de brigada Penrod Ballantyne era para um banquete no cassino do regimento. Lorde Charles Warboys havia convidado o casal para passar quatro dias em sua propriedade de vinte mil hectares junto ao vale da Grande Fenda, para uma caçada de porcos. O Clube de Polo de Nairóbi havia admitido o Graf Otto como sócio pleno e lhe pedia que aceitasse jogar em sua equipe principal numa partida contra os Rifles Africanos do Rei, no primeiro sábado do mês seguinte.

O Graf Otto estava encantado com o furor que havia provocado. Ao ouvi-lo falar de cada convite com Eva, Leon se deu conta de que sua partida de Nairóbi havia se transferido para algum tempo no futuro distante. O alemão aceitou todos os convites e em retribuição enviou os seus para jantares espetaculares, banquetes e bailes que ele ia oferecer no Norfolk, no Muthaiga ou no Acampamento Tandala. Leon entendeu então por que ele havia enviado tanta provisão de comida e bebida a bordo do Silbervogel.

No entanto, o golpe de mestre de hospitalidade do Graf Otto, que aqueceu todos os corações da colônia e lhe valeu a reputação instantânea de grande sujeito, foi seu dia ao ar livre. Fez um convite público para um piquenique no campo de polo. Nessa reunião, convidados especiais como o governador, Delamere, Warboys e o general de brigada Ballantyne iam ser agraciados com um voo sobre a cidade em um de seus aviões. Eva exerceu sua influência e o persuadiu a estender o convite a cada criança com idade entre seis e doze anos. Todos fariam um passeio de avião.

A colônia inteira estava em êxtase. As senhoras da sociedade se empenhavam em transformar o dia ao ar livre num equivalente africano de Ascot. O simples piquenique cresceu até se transformar numa oportunidade quase equivalente às oferecidas pela monarquia. Lorde Warboys havia doado três bois para serem assados na brasa. Todas as sócias do Instituto de Mulheres puseram mãos à obra em seus fornos para levar tortas e doces. Lorde Delamere se encarregou do fornecimento de cerveja. Mandou um telegrama urgente para uma cervejaria de Mombaça e obteve a garantia de que uma grande quantidade estaria a caminho em alguns dias. A notícia do convite chegou ao interior, e as famílias de colonos lotaram seus carros preparando-se para a viagem a Nairóbi.

Havia apenas quatro modistas no povoado, e logo os pedidos ultrapassaram a capacidade de atendimento. Na rua principal, os barbeiros ao ar livre não paravam de trabalhar, fazendo barba e cortando cabelo. A escola infantil e o convento de meninas declararam feriado, e espalhou-se a notícia de que o Graf Otto daria a cada criança que fizesse o voo um presente comemorativo da data, uma réplica em

miniatura do Borboleta.

Leon foi absorvido por toda essa atividade febril. O Graf Otto decidiu que ia precisar de um segundo piloto para se ocupar dos bandos de crianças que fariam fila para voar. Ele seria o piloto encarregado dos convidados adultos, mas não tinha a menor vontade de encher a cabine com "a prole deles". Como havia comentado com Eva na presença de Leon, ele preferia as crianças em seu espírito melodioso a sua ruidosa e incômoda realidade de carne e osso.

— Courtney, prometi que lhe ensinaria a voar.

Isso surpreendeu Leon. Era a primeira vez que mencionava o assunto desde a caçada de búfalos, e ele pensara que a promessa havia sido convenientemente esquecida.

— Vamos para o campo de aviação imediatamente, Courtney. Hoje você vai aprender a voar.

Leon estava sentado ao lado do Graf Otto na cabine de comando do Borboleta e atentamente o ouvia descrever as funções e a operação de cada quadrante e instrumento, das chaves e dos interruptores das alavancas e controles. Apesar de sua complexidade, já tinha alguns conhecimentos operacionais da distribuição do painel de comando, adquiridos de acordo com o princípio "o macaco vê, o macaco faz". Quando o Graf Otto ouviu Leon, que repetia tudo o que acabara de aprender, ele deu um meio sorriso e assentiu com a cabeça, dizendo:

— Ja! Andou me observando enquanto eu voava. Você é rápido, Courtney. Isso é bom.

Leon não esperava que o conde fosse um bom professor, e ficou agradavelmente surpreso com a atenção que ele lhe dava em relação a cada detalhe, sem falar de sua paciência. Começaram pelo liga/desliga do motor, depois passaram rapidamente para os movimentos em terra: vento cruzado, vento a favor e vento contra. Leon começou a sentir os controles e as respostas da grande máquina, como as rédeas e os estribos de um cavalo. De todo modo, ficou surpreso quando o Graf Otto lhe atirou um capacete de couro para voar.

— Ponha-o. — Haviam parado numa extremidade do campo de polo, e o conde gritou acima do rugido do motor: — Nariz para o vento! — Leon virou o timão completamente para estibordo e acelerou os dois motores. Já havia aprendido o uso de impulsos opostos para manobrar a máquina. O Besouro fez a volta facilmente e pôs o nariz no vento.

— Você quer voar? Então voe! — gritou o conde em sua orelha.

Leon dirigiu a ele um olhar horrorizado e incrédulo. Achava que era muito cedo. Ainda não estava pronto. Precisava de um pouco mais de tempo de timão.

— Gott em Himmel! — gritou o Graf Otto. — O que está esperando? Levante voo!

Leon respirou fundo, lentamente, e levou a mão ao painel de comando em busca dos aceleradores. Gradualmente começou a abrilhos, atento ao ritmo de cada um dos motores, à espera de que sincronizassem. Como uma senhora de idade que corre para pegar um ônibus, o Besouro se lançou num trote, depois a meio galope e finalmente a uma corrida curta. Leon sentiu que a alavanca adquiria vida em suas mãos. Sentiu a leveza do voo iminente na ponta dos dedos, nos pés sobre as barras do timão e em seu espírito. Era uma sensação de poder e controle absolutos. Seu coração começou a cantar com o zumbido do vento. O nariz do avião se desviou de sua linha, e ele o corrigiu com um toque de timão, recolocando-o no lugar. Sentiu, em seu assento, que o Besouro pulava um pouco. "Quer voar", pensou. "Nós dois queremos voar."

A seu lado, o Graf Otto fez um pequeno gesto, e Leon compreendeu o que ele queria dizer. A alavanca de comando estava trepidando em seus dedos, e ele a empurrou suavemente para frente. Atrás dele, o grande rabo do avião se separou do solo coberto de relva, e o Besouro reagiu agradecido ante a diminuição da fricção. Sentiu que a alavanca se acelerava em suas mãos e, quando o conde fez o sinal seguinte, ele já a estava virando para trás. Uma vez, duas vezes as rodas quicaram, e em seguida o avião começou a voar. Levantou o nariz e o acomodou acima do horizonte à frente, em posição de subida. Subiram e continuaram a subir. Leon lançou um olhar para um lado da cabine e viu o solo ficar cada vez mais distante. Estava voando. Na alavanca só havia suas mãos, e sobre as barras do timão, só seus pés. Estava realmente voando. Alegre, continuou a subir.

A seu lado, o Graf Otto assentiu com a cabeça em aprovação e lhe fez sinal para se endireitar e parar de subir e de se inclinar para a esquerda e para a direita. Alavanca e timão juntos, Leon pôs o Besouro na posição, e ele respondeu docilmente.

O Graf Otto balançou a cabeça em sinal de concordância e disse bem alto para que Leon o ouvisse:

— Alguns de nós nascemos com o vento no cabelo e a luz das estrelas nos olhos. Acho que você poderia ser um de nós, Courtney.

Seguindo as instruções, Leon fez um grande círculo e então se alinhou sobre a pista de aterrissagem. Ainda não aprendera a diminuir a velocidade da máquina e perder altura ao mesmo tempo. Devia ter mantido o nariz levantado e deixar que a aeronave perdesse velocidade, descendo sob seu próprio peso. Em vez disso, ele empurrou o nariz do avião para baixo e mergulhou no campo, aterrissando muito rápido. O Besouro ainda estava voando quando bateu no chão com um estalo e saltou sobre o chão coberto de mato. Leon foi obrigado a acelerar ao máximo e dar outra volta. Ao lado dele, o conde ria.

— Você ainda tem muito que aprender, Courtney. Tente novamente.

Na aterrissagem seguinte ele fez melhor. Com uma área de asa muito grande, o Besouro tinha baixa velocidade de parada. Passou sobre a cerca do campo de polo a dez metros acima do solo, com o vento a uma velocidade de setenta e cinco quilômetros. Leon manteve o nariz do avião no alto e deixou que ele mergulhasse no ar em direção ao chão. Aterrissou com uma sacudidela que o fez trincar os dentes, mas não saltou, e o Graf Otto riu outra vez.

— Muito bem! Muito melhor! Dê mais uma volta.

Leon estava pegando o jeito rapidamente. Cada um dos três pousos foi melhor em relação ao precedente, e o quarto foi um perfeito toque de três pontos no chão, com o trem de aterrissagem e a roda da cauda tocando o solo ao mesmo tempo.

— Excelente! — gritou o Graf Otto. — Leve-o taxiando até o hangar!

Leon estava encantado com o sucesso. Seu primeiro dia de aula tinha sido um triunfo, e ele sabia que nos dias seguintes ia continuar melhorando.

Quando ele virou o Besouro de frente para o hangar, estendeu a mão para fechar os controles de combustível, mas o Graf Otto o deteve.

— Não! Eu desço, você não.

— Não entendo — disse Leon, perplexo. — O que o senhor quer que eu faça?

— Prometi que ensinaria você a voar, e ensinei. Agora voe, Courtney. Ou se mate. Para mim dá no mesmo. — Dito isso, o Graf Otto saiu pelo seu lado da cabine e desapareceu, deixando que Leon, depois de um total de três horas de treinamento, saísse em seu primeiro voo solo.

Ele precisou de um deliberado esforço mental e físico para se obrigar a estender a mão para frente e pegar o manete do acelerador. Sua mente dava voltas. Havia esquecido tudo o que acabara de aprender. Começou a corrida para a decolagem com o vento atrás da cauda. O Besouro correu cada vez mais, deslocando o ar tão gradualmente que Leon só conseguiu que levantasse voo poucos segundos antes de bater contra a cerca que servia de limite para a pista. Passou acima dela apenas um metro, mas pelo menos estava voando. Lançou um olhar para trás por cima do ombro e viu o Graf Otto de pé diante do hangar, com as mãos nos quadris, a cabeça para trás e o corpo se contorcendo de riso.

"Que belo senso de humor tem o senhor, Graf von Meerbach. Fere deliberadamente dois búfalos e manda para a morte um aviador principiante. Tudo por diversão", pensou Leon, irritado. Mas sua raiva não durou nada e quase imediatamente estava esquecida. Estava voando sozinho. A terra e o céu pertenciam somente a ele.

O céu estava brilhante e claro, exceto por uma única nuvem prateada que não parecia muito maior que sua mão. Fez o Besouro subir e o virou para ela. Parecia quase sólida como a terra, e ele voou por cima dela. Então, virou e voltou, dessa vez tocando as bordas prateadas das nuvens com as rodas, como se estivesse

aterrissando.

— Estou brincando com as nuvens! — exclamou, exultante. — É assim que os anjos e os deuses passam o tempo? — Desceu através do banco de nuvens e por uns segundos ficou cego na névoa prateada; então saiu de chofre ao atravessá-las para voltar à luz do sol, rindo de prazer. Lançou-se para baixo e foi descendo, descendo, enquanto a enorme terra marrom subia apressada ao encontro dele. Endireitou o avião, e as rodas passaram raspando pelas copas das árvores. A vasta extensão das planícies de Athi se estendia à frente, e ele deixou que o avião caísse ainda mais baixo. A dez metros do chão e a cento e cinquenta quilômetros por hora, arremeteu através da terra selvagem isenta de árvores. As manadas de animais se dispersaram num pandemônio sob as rodas. Voava tão baixo que teve de levantar a extremidade da asa esquerda para evitar o choque com o pescoço levantado de uma girafa macho a galope.

Subiu novamente e virou para a linha das colinas Ngong. A três quilômetros de distância, conseguiu ver os tetos de palha do Acampamento Tandala. Voava tão baixo que podia reconhecer o rosto das pessoas do acampamento, que olhavam para ele, assombradas. Ali estavam Manyoro e Loikot. Pôs a cabeça para fora da cabine e abanou a mão para cumprimentá-los, e eles, dando piruetas, retribuíram, em selvagem euforia.

Procurou entre eles um rosto branco, não um qualquer, mas aquele especial, e sentiu certa decepção por não o encontrar. Voltou para a pista de aterrissagem e estava quase roçando o alto das colinas Ngong quando viu o cavalo. A égua cinza que ela sempre escolhia estava na linha do céu, bem adiante. Logo a viu parada ao lado do animal. Usava uma blusa num tom amarelo-brilhante e um chapéu de palha de aba larga. Viu o avião se aproximar, mas não fez nenhum movimento.

"Evidentemente não sabe que sou eu. Acha que é o Graf Otto", pensou ele. Leon sorriu e desceu na direção dela. Empurrou os óculos para trás e se inclinou sobre um lado da cabine. Estava tão perto dela que viu o instante em que o reconheceu. Ela jogou a cabeça para trás, e quando riu ele viu o brilho de seus dentes. Tirou rapidamente o chapéu e o agitou quando ele passou acima dela fazendo muito barulho, tão perto que a égua pulou e sacudiu a cabeça, assustada. Imaginou até ter visto a cor dos olhos de Eva.

Enquanto subia, afastando-se, virou-se para olhá-la. Ela ainda estava abanando a mão. Queria que ela estivesse ali, na cabine, com ele. Queria poder estender a mão e tocá-la. Então se lembrou do livrete de sinais no porta-luvas ao lado dele. O Graf Otto usara uma página do livrete para ilustrar um ponto da instrução. Havia um lápis amarrado nele com barbante. Com uma das mãos nos controles, usou a outra para apoiar o livrete nos joelhos e rapidamente garatujou: "Voe comigo para o monte Lonsonyo. Texugo". Arrancou a página e a dobrou num quadrado bem pequeno. No

porta-luvas havia também alguns rolos de fita vermelha para mensagens, cada um com quase dois metros de comprimento. Pegou um. Em uma das extremidades, o rolo tinha um peso de chumbo do tamanho de uma bala de espingarda, e na outra, um bolso com um fecho. Enfiou a página dobrada nele e o fechou. Depois deu a volta com o Besouro. Ela ainda se encontrava no alto da colina, só que agora voltara a montar a égua cinza. Quando viu que o Besouro estava voltando, parou. Ele fez um cálculo apressado de altura e velocidade e deixou cair a fita de sinais pela lateral da cabine do piloto. Ela foi se desenrolando ao vento e desceu balançando.

Eva fez a égua se virar e galopou até o local onde caíra a fita vermelha. Abriu o bolso e tirou o bilhete, leu-o e agitou as mãos no alto, assentindo também com a cabeça. Seus dentes brilhavam enquanto sorria.

O dia ao ar livre no campo de aviação oferecido pelo Graf Otto von Meerbach conquistou elevado status e chegou a eclipsar quase qualquer outro acontecimento da história da colônia, mesmo a chegada do primeiro trem do litoral ou a visita de Theodore Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos da América.

Como comentou um dos bem-humorados frequentadores assíduos do bar do Muthaiga Club, o presidente não havia oferecido viagens de avião grátis.

Ao amanhecer do grande dia, uma pequena cidade formada por barracas circundava o campo de polo. A maior parte delas alojava famílias de colonos vindas das zonas rurais circunvizinhas, mas outras eram postos de refrescos nos quais lorde Delamere distribuía grátis cerveja e limonada, e o Instituto de Mulheres, tortas de chocolate e de maçãs.

O chef do Hotel Norfolk supervisionava a carne dos animais que assava nas brasas. A banda dos RAR afinava os instrumentos, preparando-se para a chegada do governador. Grupos de crianças e de cachorros sem dono perambulavam pelo campo em busca de travessuras e de sobras. As barracas de refrigerantes mantinham uma atividade incessante, e as apostas eram de três para um que a provisão de cerveja seria insuficiente e não chegaria até o final do dia. Os mecânicos de Gustav Kilmer estavam ocupados na preparação dos motores e enchendo os tanques de combustível. Filas de crianças excitadas iam se formando para fazer o prometido voo, gritando de emoção cada vez que um dos motores rugia.

Nesse entretanto, Leon já havia voado no Besouro um total de doze horas, e o Graf Otto assegurava aos preocupados pais que sua prole estava muito segura com um piloto tão experiente no comando. Eva se encarregou do controle das aglomerações de crianças. Obrigou as mães e as senhoras membros da comissão do Clube de Polo a colaborar como ajudantes. Algumas conheciam um pouco de alemão ou francês e pareciam estar se comunicando razoavelmente bem. Durante a manhã, toda vez que Leon a olhava, ela estava com uma criança enganchada na cintura e meia dúzia de outras penduradas em seus braços e na saia. Essa era uma

mulher diferente da enigmática e bela acompanhante do Graf Otto. Seu instinto maternal fora ativado, seu rosto estava radiante, os olhos brilhantes. Ria o tempo todo enquanto levava as crianças até a cabine do Besouro, onde Leon e Hennie du Rand as amarravam aos assentos com correias. Quando a cabine estava repleta de crianças, Leon dava partida nos motores, e elas gritavam de felicidade e de medo. De um lado do campo, a banda dos RAR tocava uma animada marcha militar. Então o Besouro era taxiado para a pista, atrás do Graf Otto, que levava no Borboleta os passageiros distintos e ilustres. As duas aeronaves decolavam em formação, davam duas voltas por cima de toda a cidade e depois voltavam e aterrissavam. Eva estava junto da escadinha para ajudar as crianças a descer. Hennie e Max Rosenthal lhes entregavam a miniatura da aeronave, após o que outra turma subia a bordo.

Leon estava fascinado com esse novo comportamento de Eva. Havia levantado as cortinas para permitir que sua timidez interior e seus atributos femininos de bondade e afeto aflorassem. As crianças percebiam isso e eram atraídas para ela como formigas para uma vasilha de açúcar. Para Leon, parecia que ela própria havia se tornado criança, inteiramente feliz e natural. À medida que o dia passava, as filas de crianças não paravam de crescer, e seus ajudantes desfaleciam de calor, Eva parecia infatigável. Leon a observou quando se ajoelhou no pó, com mechas de cabelo úmido de suor caindo nos olhos, o que a obrigava a soprá-las enquanto limpava uma menininha que havia vomitado de enjoo. Tinha as botas cobertas de pó, e a saia trazia as marcas de muitos dedos sujos, mas seu rosto brilhava de suor e felicidade.

Leon olhou ao redor. O Graf Otto havia decolado no Borboleta para o voo seguinte, que levava o general de brigada Penrod Ballantyne e o diretor do Barclays Bank. Gustav Kilmer estava próximo ao hangar, de costas para eles, retirando a tampa de um tambor de combustível. Naquele momento, não estavam sob vigilância.

— Eva! — chamou Leon.

Ela devolveu as crianças às mães e se aproximou de um lado do avião, onde fingiu se ocupar daqueles que estavam esperando. Falou com Leon sem olhar para ele:

— Você gosta de viver perigosamente, Texugo. Sabe muito bem que não devemos nos falar em público.

— Tenho de aproveitar toda oportunidade em que você estiver sozinha.

— O que você queria me dizer? — perguntou com uma expressão suave, mas afastando a vista rapidamente.

— Você é boa para lidar com crianças — disse. — Não esperava isso de uma grande dama como você.

Outra vez ela o olhou, sorrindo, com seus brilhantes olhos violeta que não escondiam nada.

— Se acha que sou uma grande dama, não me conhece bem.

— Creio que sabe o que sinto por você.

— Sim, Texugo, sei. Você não é bom para guardar segredos — disse, rindo.

— Não há nenhuma possibilidade de ficarmos juntos, a sós? Tenho tantas coisas para lhe dizer...

— Gustav está olhando para nós. Já conversamos por muito tempo. Preciso ir.

No meio da tarde, as filas de crianças chegaram ao fim. Leon estava esgotado. Havia perdido o número de decolagens e aterrissagens que havia feito. Nem todas haviam sido perfeitas, mas não causara nenhum dano evidente ao Besouro nem recebera nenhuma queixa de seus pequenos clientes. Cansado, olhou para a fila. Restavam cinco crianças, portanto esse seria o último voo do dia.

Foi então que algo lhe chamou a atenção. Alguém abanava a mão para ele do outro lado da cerca. Levou algum tempo para reconhecer o rosto do homem, e poderia ter demorado até mais, não fossem as menininhas vestidas com brilhantes sáris que estavam atrás dele.

— Por Deus! — exclamou Leon, reconhecendo-o. — É o senhor Goolam Vilabjhi com seus querubins. — Então viu que a mais nova estava chorando e as demais pareciam estar de coração partido. Ficou de pé na cabine e fez sinal para que se aproximassem. Eles se dirigiram então aos portões do campo, num grupo familiar compacto. Mas um dos membros da comissão do Clube de Polo que estava exercendo a função de guarda impedia a entrada de pessoas não desejadas. Era um homem alto e forte, com uma barriga que parecia um barril de cerveja e um rosto muito vermelho e queimado de sol. Leon sabia que se tratava de um colono que chegara havia pouco, deixando atrás sua terra natal para se ocupar de sua concessão de mil e quinhentos hectares. Com certeza devia ter aproveitado até onde podia a cerveja grátis de lorde Delamere. Havia interrompido os passos do senhor Vilabjhi com movimentos negativos da cabeça. A consternação no rosto das crianças era patética.

Leon desceu de um salto da cabine e foi até o portão, mas chegou tarde. Eva havia se adiantado a ele, correndo para o guarda como um cão de caça atrás de uma ratazana. Ele se desviou apressadamente antes que ela avançasse. Ela pegou as mãos de duas das meninas Vilabjhi, e Leon correu para buscar as outras, aproveitando para falar com ela acima da cabeça das garotas:

— Quando teremos oportunidade de ficar sozinhos?

— Tenha paciência, Texugo. Por favor, agora basta. Gustav está olhando para nós outra vez.

Eva ajudou a última criança a subir a escadinha da cabine e foi até o portão, onde o senhor Vilabjhi os olhava, nervoso. Quando Leon taxiou o Besouro de volta à pista de aterrissagem, depois do voo, ela ainda estava conversando com ele junto ao portão.

"Todos os homens da colônia estão fascinados por ela, e eu sou o último da fila", pensou Leon, surpreendendo-se com a força de seu ciúme.

A Noite das Damas no cassino do regimento dos RAR foi outro enorme sucesso para todos, menos para Leon. Estava no bar e olhava para Penrod, que dançava a valsa com Eva. Seu tio era uma figura imponente, com seu uniforme de gala, e dançava com elegância. Eva parecia leve e estava encantadora nos braços dele, com o cabelo brilhante balançando em seus ombros nus. Seu vestido era de uma tonalidade violeta sutil que combinava com seus olhos e destacava a pele acetinada que aparecia no decote. Tinha seios redondos e benfeitos. Os braços eram longos e elegantes. Sua pele brilhava, e as faces estavam ligeiramente rosadas ao rir de um dos gracejos de Penrod. Ao passar perto dele, enquanto dançavam, Leon pôde ouvir um fragmento de sua conversa. Falavam em francês, e Penrod era todo simpatia e gentileza.

"O velho bastardo!", pensou Leon com amargura. "Tem idade para ser seu avô, mas eu não confiaria nem um pouco nele." Então viu o brilho nos olhos de Eva e nos dentes brancos quando ela sorriu. "Ela não é melhor do que ele. Será que não consegue resistir à tentação de sorrir para cada homem que passe por sua vida?"

A noite se estendia de modo interminável. As piadas de seus irmãos oficiais eram muito velhas, os discursos, aborrecidos, a música soava alto demais e desafinada, e até o uísque tinha gosto ruim. Fazia calor essa noite, e o ar no salão estava sufocante. Ele se sentia enjaulado. A garota que tomara um chá de cadeira e com a qual ele cumpria o dever de dançar tinha halitose, e, logo que a devolveu a sua enorme e esperançosa mãe, fugiu agradecido para o ar fresco da noite.

O ar estava agradável, o céu, claro, e as estrelas, maravilhosas. Um escorpião estava de cabeça para baixo, com o ferrão levantado, pronto para atacar. Leon enfiou as mãos nos bolsos e pôs-se a caminhar pelo pátio de manobras. Quando acabou de completar uma volta e já ia retornar ao cassino, viu um grupo de homens na varanda. Estavam fumando, e Leon ouviu uma gargalhada familiar, que se destacava no meio do grupo. A ela se seguiu outra, que lhe atacou os nervos de modo tão doloroso quanto a primeira. "A Rã Snell e seu puxa-saco Eddy Roberts", pensou, irritado. "Justamente agora, quando estava começando a me sentir melhor, aparecem as duas pessoas que eu menos queria encontrar."

Por sorte, havia uma entrada pelos fundos para o salão de baile, e ele aproveitou e passou junto à parede lateral do edifício, dissimulada por uma trepadeira frondosa.

Quando virou uma esquina, acendeu um fósforo, que brilhou na escuridão, permitindo que ele visse um casal parado entre a discreta cortina de folhas e flores da trepadeira. A mulher, de costas para ele, acendera um fósforo e o segurava diante do rosto do homem, que se inclinou sobre a chama para acender seu cigarro. Ao voltar à posição ereta, Leon viu que o homem era Penrod. Nenhum dos dois notou

sua presença.

— Obrigado, minha querida — disse Penrod em inglês. Então deparou com Leon, e sua expressão mudou para um ar de alarma. — É Leon! — exclamou.

"Estranha observação", pensou Leon. Soava mais como advertência do que como um cumprimento amistoso. A mulher se virou para olhá-lo, ainda segurando o fósforo aceso. Deixou-o cair, pisando nele para apagar a chama, mas ele conseguiu ver a expressão de seu rosto. Ela e Penrod estavam agindo como um par de conspiradores.

— Monsieur Courtney, que susto me deu! Não o ouvi aproximar-se — disse em francês. Mas por que apenas segundos atrás Penrod falara com ela em inglês?

— Perdoem-me. Estou atrapalhando...

— De modo algum — disse Penrod. — O ar no salão estava sufocante. Esses pequenos ventiladores são inúteis. Fräulein von Wellberg se sentiu mal e precisava de um pouco de ar fresco, e eu, de minha parte, precisava fumar. — Falava em francês quando se dirigia a Eva. — Estava dizendo a meu sobrinho que a senhora estava indisposta por causa do calor e do ar viciado.

— Estou me sentindo bem agora — respondeu ela na mesma língua, e, embora Leon não conseguisse ver seu rosto, ele parecia completamente sereno outra vez.

— Falávamos da banda e do repertório musical — explicou Penrod. — Fräulein von Wellberg acha que a interpretação de Strauss se parece com uma dança tribal de guerra e prefere a maneira como se entendem com a polca.

"Tio, acho que o senhor está falando demais. Algo muito estranho está se passando por aqui", pensou Leon com amargura. Ficou mais alguns minutos participando daquela conversa sem sentido, depois inclinou-se diante de Eva.

— Por favor, desculpe-me, Fräulein, mas não sou tão forte quanto os senhores. Preciso ir para casa dormir um pouco. A senhora e o Graf Otto voltarão para o Acampamento Tandala depois do baile ou vão se hospedar no Hotel Norflok?

— Pelo que entendi, Gustav nos levará de volta para o acampamento no veículo de caça — respondeu Eva.

— Muito bem. Dei ordem a meu pessoal para que deixassem tudo pronto para sua volta. Se houver algo de que precise, é só dizer a eles. Imagino que amanhã a senhora e o Graf Otto vão querer dormir até mais tarde. O café da manhã será servido assim que o peça. — Inclinou a cabeça na direção de Penrod. — Embora se tenha de cumprir com o dever, senhor, estou descobrindo que a carne se cansa rápido. Mais uma ou duas danças por obrigação, e serei engolfado por uma nuvem de pó quando for para a cama.

— Com um bom tio, farei uma menção favorável sobre você nos despachos, meu rapaz. Você tem mantido elevada a honra do regimento. O modo como carregou a tocha acesa com a filha de Charles Warboys foi muito agradável de ver. Você foi

avaliado e não fez feio.

— Bondade sua, tio. — Deixou-os ali, mas quando chegou à porta do salão virou-se para olhá-los. Eram duas silhuetas escuras e não dava para ver seu rosto, mas havia algo na maneira como se inclinavam um na direção do outro, uma tensão na posição da cabeça, que o convenceu de que já não estavam falando da interpretação da polca, mas de alguma coisa muito mais importante.

"Em que vocês dois estão metidos? Quem é você realmente, Eva von Wellberg? Quanto mais me aproximo de você, mais escorregadia você fica. Quanto mais sei sobre você, menos a conheço."

Leon foi despertado pelo ruído do veículo de caça Meerbach, que chegava pela estrada da cidade com o conde cantando a plenos pulmões a canção de cervejaria alemã "Perdi meu coração em Heilderberg". Sentou-se na cama, acendeu um fósforo e verificou a hora no relógio de prata de Percy que estava na mesa de cabeceira. Faltavam seis minutos para as quatro da manhã. Ouviu o veículo estacionar no acampamento e o barulho das portas se fechando, a voz do Graf Otto gritando boa-noite para Gustav e o riso de Eva. Leon sentiu uma punhalada de ciúme e murmurou consigo mesmo: "Pelo barulho que está fazendo, deve ter bebido um barril, conde. Deveria ter mais cuidado ao beber com Delamere. Espero que tenha uma ressaca terrível pela manhã. Você merece, cretino!".

Ficou decepcionado, pois o Graf Otto apareceu na barracarefeitório pouco depois das oito com aspecto alegre e descansado. O branco de seus olhos era tão claro quanto o de um bebê. Gritou para Ishmael que lhe trouxesse café, no qual, assim que chegou, derramou um pouco de conhaque.

— Beber me dá muita sede. Esse inglês louco, o Delamere, já não tinha a quem brindar, por isso no final da noite brindávamos a seu cavalo favorito e a seu cão de caça. Esse sujeito é maluco. Deveria ser preso, para seu próprio bem e o de todo mundo.

— Segundo me lembro, não foi lorde Delamere que ficou de cabeça para baixo no meio do salão de baile e bebeu um copo de conhaque nessa posição? — perguntou Leon.

— Não, esse fui eu — admitiu o Graf Otto. — Mas fui desafiado por Delamere. Não pude deixar de fazê-lo. Você sabia que ele foi mordido por um leão quando era mais jovem? É por isso que manca.

— Todo mundo na colônia conhece essa história.

— Estava tentando matá-lo com uma faca — disse o Graf Otto, balançando a cabeça com ar triste. — Que louco! Deviam interná-lo. Realmente!

— Diga-me, Graf Otto, também não é loucura tentar matar um leão com uma assegai?

— Nein! De modo algum! Faca é uma coisa estúpida, mas uma lança é algo

extremamente lógico. — O Graf Otto terminou seu café e bateu a caneca na mesa. — Agradeço que me lembre, Courtney. Já estou farto dessas brincadeiras de estudantes, como diz o louco do Delamere. Brindei a todo mundo e dancei com cada uma das gordas matronas britânicas da colônia. Levei seus filhos maleducados que vomitam para voar em minhas belas máquinas. Em poucas palavras, cumpri todas as exigências requeridas e todas as minhas obrigações sociais para com o governador e os cidadãos desta colônia. Agora quero sair para a terra virgem e dedicar-me um pouco à caçada de verdade.

— Fico satisfeito de ouvi-lo falar assim, senhor. Eu também já tive o suficiente de Nairóbi por um tempo.

— Bem, pode partir imediatamente. Chame esses seus dois pagãos altos e leve o Besouro para as áreas de caça. Faça circular por todas as tribos ao longo e ao largo do vale da Grande Fenda a notícia de que estou procurando o maior leão que já existiu na terra dos massais. Darei uma recompensa de vinte cabeças de gado vacum ao chefe do povo que o encontrar para mim. Agora vá, e não volte sem novidades. Lembre-se, Courtney, ele deve ser grande, e sua juba tão preta quanto o cão do inferno.

— Imediatamente, Graf, mas posso terminar esta xícara de café antes de partir?

— Outra boa piada inglesa. Já é boazinha. Agora vou lhe dizer algo bem alemão: ache meu leão ou vou lhe chutar o traseiro até você começar a claudicar mais que o maldito Delamere. Isso, sim, é engraçado, não?

Quando Eva entrou na barraca-refeitório uma hora depois, o Graf Otto estava sozinho na longa mesa, com um montão de documentos a sua frente. Examinava atentamente um que trazia o escudo da águia preta do Ministério da Guerra alemão e fazia anotações em seu livrete. Deixou-o de lado e levantou a vista quando Eva apareceu na entrada da barraca com a luz da manhã às costas. Estava de sandálias e com um bonito vestido de verão de tecido floral que a deixava muito atraente e jovem. Acabara de lavar e secar o cabelo, que deixara solto, caindo em cascata por suas costas em pequenas ondas, como pele de marta-zibelina. Não estava usando batom. Aproximou-se por trás dele e pôs o braço em seu ombro. Ele tomou sua mão e a virou, beijando-lhe a palma.

— Como você pode ser tão bonita? — perguntou. — Não se sente culpada por fazer qualquer mulher que se compare a você sentir-se sem graça e feia?

— E você não se sente culpado de mentir com tanta facilidade e de maneira tão convincente? — Beijou-o na boca, deixou escapar uns risinhos e então se afastou quando ele estendia a mão para lhe tocar os seios. — Deve me alimentar primeiro, meu querido Graf Otto.

Ishmael já estava preparado para a chegada dela. Usava seu melhor fez vermelho de borla preta; seu kanza fora cuidadosamente lavado e passado para ficar

imaculado como neve. Seus dentes brilhavam quando ele sorria.

— Bom dia, mensahib. Que seu dia se encha do perfume das rosas e tenha o sabor de frutas tão doces como estas! — disse em francês, pondo diante dela uma travessa de fatias de manga, banana e mamão.

— Bom dia, Ishmael. Onde você aprendeu a falar francês tão bem?

— Trabalhei muitos anos para o cônsul em Mombaça — disse Ishmael com um sorriso radiante. Ela havia enfeitado todo o pessoal do Acampamento Tandala.

— Fora daqui, infiel de sorriso falso — interveio o Graf Otto. — Meu café está frio. Traga-me outro. — Assim que Ishmael se retirou, seu estilo mudou e ele se tornou formal e sério. — Bem, consegui me livrar de Courtney. Mande-o às áreas de caça para procurar o leão de que tanto temos falado. Estará bem longe, ocupando-se dessa tarefa. Apesar de seu aspecto honesto e de sua personalidade cativante, não confio nele. É muito sagaz para meu gosto. Ontem à noite estava usando o uniforme do exército. Esse foi o primeiro indício que tive de que está na reserva do exército britânico. Além disso, fiquei sabendo por Delamere que o general de brigada Ballantyne é seu tio. Suas conexões com o exército britânico são fortes. No futuro, devemos ser mais cuidadosos com ele.

— É claro, Otto. — Sentou-se na cadeira ao lado dele e concentrou a atenção na travessa de frutas.

— Ontem chegou um telegrama de Berlim. Agendaram minha reunião com Von Lettow para o dia 17 — continuou. — É um longo voo até Arusha, mas não posso ficar ausente por muito tempo. Há muita gente nos observando. Leve algumas coisas bonitas, Eva. Quero me orgulhar de você.

— Você realmente precisa que eu esteja a seu lado, Otto? Essas conversas de homens são muito aborrecidas. Preferiria ficar aqui e pintar um pouco — disse Eva, espetando uma fatia de manga.

Essa atitude de certo desinteresse por seus assuntos de negócios e suas propriedades era uma pose que ela havia aperfeiçoado ao longo de sua duradoura relação com ele. Proporcionava-lhe muito mais frutos do que se tentasse obter alguma informação dele. Mais uma vez sua paciência fora generosamente recompensada. Pela primeira vez desde que haviam partido de Wieskirche ele havia mencionado Von Lettow Vorbeck. Ela sabia que era esse o verdadeiro motivo de sua expedição à África. Era isso que estava por trás de toda aquela agitação e daquelas falsas demonstrações.

— É claro, Liebling¹¹. Você sabe que sempre preciso de você comigo.

— Tenho a impressão de que não gosta muito dos britânicos.

— Gosto de alguns deles. Gosto de meu chefe, Leon Courtney. É um bom Sout Piel.

— O que é isso?

Hennie olhou incomodado para Eva.

— Trata-se de coisa de homem, senhor. Nada apropriada para ouvidos de senhoras jovens.

— Não se preocupe. Fräulein Von Wellberg não fala inglês. Diga-me o que é.

— Significa "pau salgado", senhor.

O Graf Otto começou a sorrir francamente, prevendo uma boa piada.

— Pau salgado? Explique-me isso.

— Tem um pé na Cidade do Cabo e outro em Londres, com o pênis pendendo no oceano Atlântico — explicou Hennie.

O Graf Otto deu uma sonora gargalhada.

— Sout Piel! Ja. Gostei, é uma boa piada. — Sua risada abafada foi se apagando, e ele retomou a conversa de onde tinham se desviado: — Então você não gosta dos ingleses. Lutou contra eles na guerra, não?

⁽¹¹⁾Querida. (Em alemão no original.) (N. E.)

Hennie ficou pensando na pergunta com cuidado, enquanto dirigia o veículo por um trecho particularmente difícil da estrada.

— A guerra acabou — disse finalmente, em tom inexpressivo e evasivo.

— Ja, terminou, mas foi uma guerra horrível. Os ingleses queimaram suas fazendas e mataram seu gado.

Hennie não respondeu, mas seus olhos ficaram meio sombrios.

— Puseram suas mulheres e seus filhos em campos de refugiados. Muitos morreram neles.

— Ja. É verdade — sussurrou Hennie. — Muitos morreram.

— Agora a terra está arruinada, não há comida para as crianças, e seu Volk se transformou em escravo da GrãBretanha, nein? Por isso você foi embora, para livrar-se das lembranças.

Os olhos de Hennie estavam cheios de lágrimas. Ele as secou com o polegar caloso.

— Em que comando você lutou?

Hennie olhou diretamente para ele pela primeira vez.

— Não disse que lutei em nenhum comando.

— Deixe-me adivinhar — sugeriu o Graf Otto. — Talvez você tenha lutado com Smuts.

Hennie sacudiu a cabeça com uma expressão de desagrado.

— Jannie Smuts é um traidor de seu povo. Ele e Louis Botha passaram para o

lado dos cáquis. Estão vendendo nosso direito de origem aos britânicos.

— Ah! — exclamou o Graf Otto, com ar de quem já conhecia a resposta a sua pergunta. — Você odeia Smuts e Botha. Então, já sei com quem você lutou. Deve ter sido com Koos de la Rey. — Não esperou resposta. — Diga-me, Du Rand, que tipo de homem era o general Jacobus Herculaas de la Rey? Ouvi dizer que era um grande soldado, melhor que Louis Botha e Jannie Smuts juntos. Isso é verdade?

— Ele não era um homem comum. — Hennie fixou a vista na estrada à frente. — Para nós, era um deus.

— Se houvesse outra guerra, você seguiria De la Rey de novo, Hennie?

— Eu o seguiria até através das portas do inferno.

— Você gostaria de se encontrar com De la Rey outra vez? Gostaria de estreitar a mão dele novamente?

— Isso não é possível — disse Hennie.

— Comigo tudo é possível. Posso fazer que isso aconteça. Não diga nada a ninguém. Nem a seu chefe Sout Piel, de quem você gosta. Isto é só entre você e mim. Um dia, logo, levarei você para ver o general De la Rey.

Eva estava ali, apertada ao lado dele. Sentia-se obviamente incomodada e cada vez mais aborrecida com essa conversa numa língua que ela não entendia. O Graf Otto sabia que os únicos idiomas que ela conhecia eram o alemão e o francês.

Leon encheu o Borboleta de combustível com um dos tambores de duzentos litros que Gustav havia trazido de Nairóbi no enorme caminhão Meerbach. Enquanto fazia isso, mandou que Manyoro e Loikot fossem ao alto da colina próxima ao acampamento para entrar em contato com a rede massai de comunicações e recolher qualquer notícia de interesse que pudesse haver. Uma ou duas vezes levantou a vista do que estava fazendo para ouvir as vozes gritadas e distantes chamando-se nas alturas. Os chungajis usavam uma espécie de taquigrafia verbal, e ele conseguia entender algumas palavras isoladas, embora não desse para captar todo o sentido da conversação.

Não muito depois de haver enchido o último dos quatro tanques de combustível do Borboleta, quando estava lavando as mãos na bacia diante de sua barraca, os dois massais voltaram da colina. Começaram a informá-lo sobre os poucos pontos de interesse que haviam recolhido.

Contaram-lhe que com a próxima lua cheia, como era costume nessa época do ano, Lusima ia presidir no monte Lonsonyo uma conferência dos anciãos das tribos massais. Ia sacrificar uma vaca branca pelos antepassados. O bem-estar da tribo dependia de que esses rituais fossem respeitados. Dizia-se também que tinha havido uma incursão de um grupo nandi em pé de guerra. Haviam fugido com trinta e três cabeças de gado massai da melhor qualidade, mas os moranis encarregados da vingança os alcançaram às margens do rio Tishimi. Tinham recuperado todo o gado

perdido e lançado os cadáveres dos ladrões no rio. Os crocodilos haviam se encarregado dessas provas. Nesse momento, o comissário do distrito iniciara uma investigação em Narosuma, mas parecia que toda a área havia sofrido um ataque de amnésia. Ninguém sabia nada a respeito do gado roubado nem de guerreiros nandis desaparecidos.

Além disso, contaram que quatro leões haviam descido ao vale da Grande Fenda. Vinham de Keekorok e eram todos machos jovens. Tinham levado uma surra do enorme macho dominante, que os havia expulsado da manada em que haviam nascido. Ele não ia admitir nenhuma concorrência no acasalamento com suas fêmeas. Duas noites antes, os leões jovens tinham matado seis vaquinhas da manyatta, bem a oeste do monte Lonsonyo. Havia chamado todos os moranis para uma reunião nesse povoado, chamado Sonjo. Eles iam dar uma rápida lição de bons modos a esses quatro assassinos de gado.

Leon estava encantado com essas notícias. O Graf Otto havia expressado grande interesse em presenciar uma caçada cerimonial, e essa era uma feliz coincidência. Enviou Manyoro à manyatta Sonjo, onde estavam os caçadores de leões, com um presente de cem xelins para o chefe local, acompanhado de um pedido: que os wazungus presenciassem sua caçada.

Quando o Graf Otto voltou com Hennie no Vauxhall depois de os homens terem esquartejado os corpos dos búfalos, Leon já mandara selar os cavalos e preparara as mulas de carga com provisões suficientes para a imprevista expedição a Sonjo. Quando seu cliente regressou, mais que depressa ele lhe contou as boas novas.

O Graf Otto ficou entusiasmado.

— Rápido, Eva! Devemos trocar a roupa pela de montar, para partirmos imediatamente. Não quero perder o espetáculo.

Avançaram com os cavalos a meio galope, cobrindo quase trinta quilômetros antes que ficasse muito escuro para visualizar o caminho à frente. Logo desmontaram e desencilharam os cavalos. Jantaram uma comida fria e dormiram ao ar livre. Na manhã seguinte, antes que estivesse completamente claro, puseram-se a caminho novamente.

Um pouco antes do meio-dia do dia seguinte, quando se aproximavam do povoado de Sonjo, ouviram tambores e cantos. Manyoro, de cócoras à beira do caminho, viera do povoado para esperá-los. Logo que os viu chegando, aproximou-se para pegar os cavalos.

— Tudo está arranjado, M'bogo. O chefe da manyatta concordou em atrasar a caçada até sua chegada, mas precisam se apressar. Os moranis estão ficando intranquilos. Estão ansiosos para manchar de sangue as lanças e conquistar honra. O chefe não vai conseguir contê-los por muito mais tempo.

Os moranis estavam reunidos no centro do curral do gado. Formavam um grupo

de elite, selecionado entre os melhores e mais valentes. Era um grupo de cinquenta jovens, vestidos com saiote de couro vermelho enfeitado com contas de marfim e conchas de cauri. O tronco descoberto brilhava com uma camada de gordura ocreavermelhada. O cabelo estava arrumado num penteado de tranças enroladas. Eram magros, fortes e musculosos, mas elegantes, de feições marcadas, gestos agressivos e olhos brilhantes e cobiçosos, que denotavam seu entusiasmo pela caça que ia começar.

Formavam fila única, ombro com ombro. O cabeça era um morani da maior hierarquia, um guerreiro experiente que trazia cinco rabos de leão no saiote, um para cada nandi que havia matado em combate singular. Seu toucado de guerra era feito de pele de um leão de juba preta, uma prova adicional de sua destreza. Ele havia caçado o leão sozinho com sua assegai. No pescoço trazia pendurado numa correia um berrante feito de chifre de um macho de antílope.

Várias centenas de homens mais velhos, com mulheres e crianças, estavam de pé em volta da paliçada externa para olhar a dança. As mulheres aplaudiam e gritavam. Quando as três pessoas brancas entraram na manyatta, os tambores aceleraram o ritmo, que soou ainda mais selvagem e frenético. Os tocadores batiam nos troncos ocos, levando os guerreiros a uma loucura de combate, até que interromperam a dança do leão, cantando e saltando muito alto com as pernas rígidas, rugindo como leões ao tocar o chão.

Então o chefe fez soar o berrante num tom agudo, e o grupo começou a sair do curral, sempre em fila única. Mantendo um espaço uniforme, formavam uma serpente comprida e sinuosa que se movia morro abaixo por entre o mato, com a luz do sol se refletindo no aço polido das assegais. Levavam nos ombros seus longos escudos de couro cru, todos eles pintados com um só olho grande, preto e ocre, cuja pupila era de um branco deslumbrante.

— Por que têm um olho pintado no escudo, Otto? — perguntou Eva.

— Responda à pergunta, Courtney.

— Os moranis dizem que é uma provocação para que os leões os ataquem. Vamos, não devemos ficar atrás. Quando a caçada começar, será muito rápida. — Os cavaleiros seguiam a longa e serpenteante fila de guerreiros.

— Como eles sabem onde encontrar a presa? — perguntou o Graf Otto.

— Há exploradores observando os leões — respondeu Leon. — Mas eles não devem ter ido longe. Mataram seis animais e não irão embora até que acabem de comer toda a carne.

Manyoro corria junto ao estribo de Leon. Disse-lhe algo, e ele se abaixou na sela para ouvi-lo. Quando se endireitou, explicou ao Graf Otto:

— Manyoro disse que o gado morto está numa bacia pouco profunda, atrás da próxima elevação. — Apontou para diante. — Se dermos a volta pela direita e nos

posicionarmos em terreno alto, teremos uma vista privilegiada. — Levou-os para fora da trilha e seguiram cavalgando a meio galope num amplo círculo, para adiantar-se à fila dos moranis; chegaram ao local de onde poderiam ver melhor exatamente quando a cabeça da longa fila de guerreiros chegava ao alto e começava a descer para a bacia.

Manyoro os aconselhou bem. Quando pararam os cavalos no alto, depararam com uma esplêndida vista do vale coberto de mato. Os corpos dos animais em estado de putrefação estavam bem à vista, com o ventre inchado pela formação de gases. Alguns haviam sido devorados em parte, mas outros pareciam não ter sido tocados.

Nesse momento, a fila única de guerreiros mudou de formação. Ao chegar a um lugar predeterminado, cada morani virou na direção contrária à do guerreiro a sua frente. Como uma fila de bailarinos seguindo uma coreografia, a fila única se dividiu em duas. As filas gêmeas se abriram para formar o laço que ia circundar a depressão coberta de mato. Então, ao agudo toque do berrante, as extremidades das filas de guerreiros começaram a convergir. Logo a manobra estava terminada. Uma parede de escudos e lanças rodeou a bacia.

— Não estou vendo os leões — disse Eva. — Tem certeza de que não fugiram?

Mas, antes que um dos homens pudesse lhe responder, um leão se levantou e ficou completamente à vista. Estava estendido bem junto do chão, e sua pele se fundia perfeitamente com o mato queimado pelo sol. Embora fosse jovem, era grande e tinha porte. Sua juba era curta e escassa, uma simples penugem de pelo avermelhado. Rugiu para os moranis e levantou os beiços, mostrando as presas longas e brilhantes.

Eles lhe devolveram o cumprimento.

— Já estamos vendo você, malvado! Estamos vendo você, assassino de nosso gado.

O som de cinquenta vozes alertou os outros leões, que se levantaram e saíram do esconderijo no mato baixo, agacharam-se e olharam furiosos, com os olhos amarelo-topázio, para o anel dos escudos. Mexiam o rabo com nervosismo; rosnavam e rugiam com medo e fúria. Eram jovens e ainda não tinham vivenciado aquilo.

O som do chifre de antílope ecoou de novo, e os moranis puseram-se a cantar o coro da canção do leão. Então, sempre cantando, avançaram todos juntos, arrastando os pés e batendo-os no chão. Lentamente foram se aproximando dos quatro leões como uma píton que aperta a presa com seu corpo. Um dos leões fez uma breve ameaça de ataque na direção dessa parede, e os moranis agitaram os escudos ao mesmo tempo em que gritavam:

— Venha! Venha! Estamos prontos pra receber você!

O leão interrompeu o ataque, freando sobre as patas dianteiras rígidas. Olhou furioso para os homens, depois deu meiavolta e foi correndo se juntar aos irmãos.

Eles davam voltas de um lado a outro, inquietos, rosnando, eriçando a juba em atitude ameaçadora, dando rápidas corridas até o muro de escudos, para em seguida parar e voltar.

— O da juba ruiva será o primeiro a atacar. — O Graf Otto fez sua avaliação e, enquanto falava, o maior dos quatro leões se lançou num ataque rápido e decidido, direto contra os escudos. O mais velho dos moranis, com o toucado de juba preta, fez soar o chifre de antílope. Depois, com a lança, apontou para um dos companheiros da fila que estava diretamente na linha de ataque e gritou o nome dele: — Katchikoi!

O guerreiro que havia sido escolhido deu um salto alto para agradecer a honra, saiu da fila e correu em largas e flexíveis passadas na direção do leão que atacava. Seus companheiros o incentivavam com gritos selvagens cada vez mais fortes. O leão o viu aproximar-se e virou-se bruscamente para ele, rosnando a cada avanço: era como uma risca marrom mexendo--se com cuidado, quase grudado no chão, enquanto o rabo com um tufo preto batia de cá para lá em seus flancos. Os olhos amarelo-brilhantes estavam fixos em Katchikoi.

À medida que ele foi se aproximando, o morani modificou o ângulo de seu avanço e se virou para o leão, forçando-o a se aproximar pela direita até seu braço armado. Então, caiu sobre um joelho atrás do escudo, apontando a assegai para o centro do peito do leão, que correu direto para a lança. A longa lâmina prateada desapareceu com rapidez mágica e penetrou em cheio no corpo marrom-claro. Katchikoi soltou a empunhadura e deixou a lança enterrada no peito do animal. Levantou o escudo de couro cru, e o leão se chocou precipitadamente contra ele. Não tentou resistir ao peso e à velocidade do salto do enorme gato, mas rodou para trás e se acorrou como uma bola, segurando o escudo entre ele e a besta. Apesar da assegai atravessada em seu corpo, a força e a raiva do leão não haviam diminuído. Atacou o escudo com as garras dianteiras, e com as unhas amarelas abria grandes buracos nele. Rosnava de modo terrível e tentava morder o escudo, mas o couro seco era duro como ferro, e seus dentes não tinham um ponto de apoio.

O chefe da caçada deu um breve toque com o chifre de antílope, e quatro dos companheiros de Katchikoi saíram da roda de guerreiros e correram para frente, separados, dois de cada lado. O leão concentrava todo o seu esforço em Katchikoi, de modo que só os viu quando estava rodeado por eles. As lanças subiam e desciam cada vez que eles afundavam as longas lâminas nos órgãos vitais do leão. O animal lançou um tremendo gemido que chegou com clareza até os cavaleiros lá no alto, em seguida desabou e rodou para longe do escudo, estirando-se e ficando imóvel.

Kotchikoi ficou de pé de um salto e, pegando no cabo de sua assegai, pôs um pé sobre o peito do leão e retirou a lança. Brandindo o aço ensanguentado, levou os quatro companheiros de volta a seu lugar no círculo de guerreiros. Eles foram

recebidos com gritos e ovações que pareciam bater no céu e com uma saudação de lanças levantadas. Depois o círculo de moranis avançou de novo, fechando-se inexoravelmente em torno dos leões restantes. Enquanto o círculo se tornava menor, os guerreiros se comprimiam num sólido muro no qual as bordas de seus escudos iam se sobrepondo.

No centro, os três leões se mexiam de um lado para outro, procurando um ponto de fuga. Lançavam-se num ataque, mas depois paravam e voltavam com o rabo entre as patas. Finalmente, um deles reuniu toda a sua coragem até o limite fatal e atacou. O morani que o enfrentou enfiou a lâmina da assegai completamente em seu corpo, mas, quando retrocedeu, o leão estava quase em cima dele, e suas garras atingiram a borda do escudo, arrancando-o das mãos do guerreiro e deixando exposta sua cabeça e seu tronco nu. Enquanto as garras rasgavam e abriam o corpo do morani, o leão, ferido de morte, abriu as mandíbulas ao máximo e abocanhou-lhe a cabeça. Mordeu-a até que as longas presas se entrechocaram, esmagando o crânio humano como uma noz num quebrador de nozes. Os companheiros do homem morto atravessaram a fera com suas lanças, numa vingança furiosa.

Em rápida sucessão, os últimos dois leões se lançaram sobre a fila de guerreiros, que se atiraram sobre eles como uma onda do mar que se quebra numa rocha. Morreram sob as lanças, rugindo, arremetendo contra eles com as garras agudas e desesperada inutilidade, enquanto as afiadas lâminas penetravam fundo neles.

Os irmãos de circuncisão levantaram do chão o corpo destroçado do morani e o colocaram sobre um escudo. Então, levantaram-no bem alto, com os braços estendidos, e o levaram de volta, cantando uma canção de louvação. Quando passaram perto dos espectadores lá em cima, o Graf Otto levantou um punho fechado à guisa de saudação ao morto. Os moranis agradeceram com as assegais levantadas e um grito selvagem.

— Eis aqui um homem que morreu como um homem deve morrer — disse o Graf Otto com solene intensidade, num tom que Leon nunca o vira usar, e depois ficou em silêncio. Os três estavam profundamente comovidos pela tragédia. Então o conde voltou a falar: — O que presenciei hoje aqui faz que toda a ética em que eu acreditava pareça ignóbil. Como posso me considerar um verdadeiro caçador se nunca enfrentei uma besta magnífica só com uma lança na mão? — Virou-se no cavalo e lançou um olhar de fúria a Leon. — Isto não é um pedido, Courtney, é uma ordem. Consiga para mim um leão, um desses de juba preta. Eu o enfrentarei a pé, sem nenhuma arma de fogo. Só a besta e eu.

Nessa noite acamparam na manyatta de Sonjo e permaneceram acordados ouvindo o som dos tambores, o lamento das mulheres e o canto dos homens na homenagem fúnebre pelo morani morto na caçada ao leão.



Na escuridão de antes do amanhecer, puseram-se de novo em marcha. Quando o sol saiu sobre a escarpa do vale da Grande Fenda, o céu a leste foi inundado por uma deslumbrante grandiosidade dourada e vermelha que lhes ofuscou os olhos e lhes aqueceu o corpo, fazendo que despissem os abrigos e cavalgassem em mangas de camisa. De certo modo, esse amanhecer era um epílogo adequado para aquela caçada. Estimulou-lhes os sentidos e aliviou seu humor, permitindo que pudessem ver a beleza de tudo o que os rodeava e maravilhar-se diante das pequenas coisas que podiam ter passado despercebidas antes: a joia azul-celeste do peito de um martim-pescador cruzando seu caminho num voo veloz, a graça de uma águia de asas bem abertas no alto do céu banhado de ouro, a cria de uma gazela ajoelhada sobre as patas dianteiras sob o ventre da mãe e empurrando seu úbere com o focinho, faminta, enquanto o leite jorrava de sua barbicha. A fêmea os viu passar, tranquila, com seus enormes olhos brilhantes de olhar doce.

Eva também estava de bom humor. Apontou algo com o chicote, gritando alegremente:

— Oh, Otto! Olhe essa criaturinha cheirando e bufando ali no mato como um ancião que perdeu os óculos. O que é?

Embora Eva se dirigisse ao Graf Otto, Leon teve a sensação de que ela estava compartilhando aquele momento só com ele e respondeu:

— É um texugo, Fräulein. Embora pareça inofensivo, é uma das criaturas mais ferozes da África. Não sabe o que é medo. É incrivelmente forte. Sua pele é tão dura que resiste aos ferrões das abelhas, assim como às garras e aos dentes de animais muito maiores que ele. Até os leões o evitam. É arriscado entrar em contato com ele.

Eva relanceou os olhos violeta na direção de Leon e depois se virou para o Graf Otto, murmurando entre risinhos:

— Ele se parece com você em tudo. No futuro, vou pensar em você como meu texugo.

"Com qual dos dois estaria falando?", perguntou-se Leon. Com aquela mulher, um homem nunca podia estar seguro de nada. Havia nela algo muito enigmático ou ambíguo.

Antes que ele pudesse decidir isso, ela esporeou o cavalo e avançou. Parada ali, apontou para o horizonte ao sul.

— Olhe aquela montanha! — A distante forma do cume plano se destacava de

maneira teatral ao sol nascente. — Certamente é a montanha sobre a qual voamos, onde vive a profetisa dos massais.

— Sim, Fräulein. Aquele é o monte Lonsonyo — confirmou Leon.

— Oh, Otto, está tão perto! — gritou.

Ele riu entredentes.

— É perto porque você quer ir lá. Para mim está a uma distância de um dia de dura cavalgada.

— Você prometeu me levar lá — disse ela com voz de decepção.

— É verdade, prometi — concordou ele. — Mas não disse quando o faria.

— Então diga agora. Quando? — exigiu ela. — Quando, Otto querido?

— Não agora. Temos de voltar para Nairóbi imediatamente. Essa demora foi uma concessão. Tenho assuntos importantes para resolver. Este safári africano não foi todo por prazer.

— É claro que não — disse ela, fazendo uma careta. — Para você, tudo sempre são negócios!

— De que outro modo poderia me permitir ter você como amiga? — replicou o Graf Otto com humor pesado, e Leon se virou para não revelar seu imediato desagrado diante de um comentário tão grosseiro. Mas Eva pareceu não ouvir e tampouco se importar. Ele continuou: — Talvez compre algumas propriedades por aqui. Parece que há possibilidades de investimento em um país novo com tantos recursos a explorar.

— E quando terminar seus negócios, vai me levar ao monte Lonsonyo? — insistiu Eva.

— Você não se rende facilmente — disse o Graf Otto, balançando a cabeça, num gesto dissimulado de desespero. — Muito bem. Farei um trato com você: depois que matar meu leão com a assegai, eu a levarei para ver essa bruxa.

Outra vez o humor de Eva mudou sutilmente. Seus olhos eram uma máscara; sua expressão, fechada e fria. E, justo quando Leon sentiu que poderia vislumbrar algo além do véu, ela voltou a ficar distante e incompreensível.

Ao meio-dia puseram os cavalos para descansar, desmontando sob uma bela árvore junto a um pequeno remanso cercado por juncos num riacho sem nome.

Depois de uma hora voltaram a montar para prosseguir, mas Eva, parada junto a sua égua, exclamou, irritada:

— O fecho de segurança de meu estribo está travado. Se tivesse caído, eu seria arrastada.

— Encarregue-se disso, Courtney — ordenou o Graf Otto —, e garanta que não ocorra de novo.

Leon passou as rédeas para Loikot e rapidamente se aproximou de Eva, parando a seu lado. Ela se afastou um pouco para permitir que ele mexesse no estribo, mas

permaneceu perto de Leon enquanto ele se abaixava para verificar o aço; o corpo do cavalo impedia que o Graf Otto os visse. Leon comprovou que Eva tinha razão: o fecho de segurança estava travado. Mas não estava quando tinham saído da manyatta de Sonjo naquela manhã... Ele mesmo o havia verificado. Então Eva tocou a mão dele, e seu coração disparou. Ela devia ter feito aquilo de propósito para ficar a sós com ele por um momento. Olhou-a de lado. Estava tão perto que ele podia sentir no rosto a respiração dela. Não estava usando perfume, mas tinha um cheiro cálido e doce muito pessoal. Por um instante, olhou nas profundezas cor de violeta de seus olhos e, além do véu, viu a mulher que se escondia atrás da encantadora máscara.

— Preciso ir à montanha. Há alguma coisa lá para mim. — Seu sussurro era tão suave que poderia ter sido imaginação dele. — Ele nunca vai me levar. Você vai ter de fazer isso. — Fez uma ligeira pausa, depois continuou: — Por favor, Texugo. — Seu pedido e o nome com que o havia batizado lhe tiraram o fôlego.

— Qual o problema, Courtney? — gritou o Graf Otto. Sempre alerta, parecia ter intuído algo.

— Estou contrariado porque o fecho está travado. Poderia ter sido perigoso para Fräulein von Wellberg. — Leon tirou a faca do cinturão e usou a lâmina para consertar a peça. — Agora está bem — garantiu a Eva. Continuavam protegidos pela égua, por isso se atreveu a acariciar o dorso de sua mão, que estava apoiada na sela. Ela não a retirou.

— Monte! Devemos seguir adiante — ordenou o Graf Otto. — Já perdemos bastante tempo aqui. Quero voar de volta a Nairóbi hoje. Precisamos chegar à pista de aterrissagem enquanto ainda houver luz suficiente para voar. — Cavalgavam rápido, mas o sol vermelho-sangue jazia no horizonte, como um morani moribundo sobre seu escudo, quando finalmente chegaram à escadinha e subiram à cabine do Borboleta. Mesmo sendo inexperiente, Leon sabia que o Graf Otto havia retardado a decolagem além dos limites da prudência. Nessa estação do ano, o entardecer era curto. Escureceria em menos de uma hora.

Quando atravessaram a encosta do vale da Grande Fenda, voavam a uma altura suficiente para receber os últimos raios do sol, mas a terra lá embaixo já estava envolta numa impenetrável sombra violeta. Logo o sol desapareceu, como uma vela que é apagada sem deixar nenhum reflexo posterior.

Continuaram voando na escuridão, até que Leon conseguiu vislumbrar adiante o diminuto grupo de luzes distantes que indicavam a localização da cidade, insignificante como vaga-lumes na imensidão escura da região. Estava totalmente escuro quando por fim começaram a sobrevoar o campo de polo. O Graf Otto acelerou e desacelerou várias vezes os motores enquanto dava voltas. De repente, os faróis dos caminhões Meerbach se acenderam abaixo deles, de cada lado do campo

de pouso, iluminando a pista coberta de mato. Gustav Kilmer, ao ouvir os motores do Borboleta, apressou-se a resgatar seu querido patrão.

Guiado pelas luzes, o Graf Otto pousou o Borboleta sobre a relva com a mesma suavidade com que uma galinha choca se deita sobre um monte de ovos.

Leon achou que a visita relâmpago ao Acampamento Percy no vale da Grande Fenda e a desenfreada caçada de búfalos no matagal espinhento marcavam o verdadeiro começo do safári. Também pensou que o Graf Otto afinal estava pronto para adentrar a terra selvagem. Mas tal suposição era incorreta.

Na segunda manhã depois de sua volta do Acampamento Percy e da aterrissagem noturna no campo de polo, o Graf Otto estava sentado à cabeceira da mesa no Acampamento Tandala, durante o café da manhã, com uma dúzia de envelopes a sua frente. Todos continham respostas às cartas oficiais do Ministério de Relações Exteriores em Berlim que Max Rosenthal havia distribuído aos dignitários da África Oriental Britânica.

Estava traduzindo alguns trechos de cada carta para Eva, que permanecia sentada diante dele, mordiscando delicadamente algumas frutas. Parecia que toda a sociedade de Nairóbi morria de curiosidade de ter um homem como o Graf Otto von Meerbach entre eles. Como qualquer outra cidade de fronteira, Nairóbi não precisava de muitas desculpas para dar uma festa, e ele era o melhor pretexto que se apresentava a eles desde a inauguração do Muthaiga Country Club, três anos antes. Cada carta continha um convite.

O governador da colônia ia oferecer um jantar especial em sua honra no Palácio do Governo. Lorde Delamere ia realizar um baile formal em seu novo hotel, o Norfolk, para dar a ele e a Fräulein von Wellberg as boas-vindas ao território. A comissão do Muthaiga Country Club havia nomeado o Graf Otto membro honorário, e ele, para não ser superado por Delamere, também ia dar um baile para comemorar sua admissão no clube. O oficial que comandava as forças armadas de Sua Majestade Britânica na África Oriental não queria ficar por baixo. O convite do general de brigada Penrod Ballantyne era para um banquete no cassino do regimento. Lorde Charles Warboys havia convidado o casal para passar quatro dias em sua propriedade de vinte mil hectares junto ao vale da Grande Fenda, para uma caçada de porcos. O Clube de Polo de Nairóbi havia admitido o Graf Otto como sócio pleno e lhe pedia que aceitasse jogar em sua equipe principal numa partida contra os Rifles Africanos do Rei, no primeiro sábado do mês seguinte.

O Graf Otto estava encantado com o furor que havia provocado. Ao ouvi-lo falar de cada convite com Eva, Leon se deu conta de que sua partida de Nairóbi havia se transferido para algum tempo no futuro distante. O alemão aceitou todos os convites e em retribuição enviou os seus para jantares espetaculares, banquetes e bailes que ele ia oferecer no Norfolk, no Muthaiga ou no Acampamento Tandala. Leon entendeu

então por que ele havia enviado tanta provisão de comida e bebida a bordo do Silbervogel.

No entanto, o golpe de mestre de hospitalidade do Graf Otto, que aqueceu todos os corações da colônia e lhe valeu a reputação instantânea de grande sujeito, foi seu dia ao ar livre. Fez um convite público para um piquenique no campo de polo. Nessa reunião, convidados especiais como o governador, Delamere, Warboys e o general de brigada Ballantyne iam ser agraciados com um voo sobre a cidade em um de seus aviões. Eva exerceu sua influência e o persuadiu a estender o convite a cada criança com idade entre seis e doze anos. Todos fariam um passeio de avião.

A colônia inteira estava em êxtase. As senhoras da sociedade se empenhavam em transformar o dia ao ar livre num equivalente africano de Ascot. O simples piquenique cresceu até se transformar numa oportunidade quase equivalente às oferecidas pela monarquia. Lorde Warboys havia doado três bois para serem assados na brasa. Todas as sócias do Instituto de Mulheres puseram mãos à obra em seus fornos para levar tortas e doces. Lorde Delamere se encarregou do fornecimento de cerveja. Mandou um telegrama urgente para uma cervejaria de Mombaça e obteve a garantia de que uma grande quantidade estaria a caminho em alguns dias. A notícia do convite chegou ao interior, e as famílias de colonos lotaram seus carros preparando-se para a viagem a Nairóbi.

Havia apenas quatro modistas no povoado, e logo os pedidos ultrapassaram a capacidade de atendimento. Na rua principal, os barbeiros ao ar livre não paravam de trabalhar, fazendo barba e cortando cabelo. A escola infantil e o convento de meninas declararam feriado, e espalhou-se a notícia de que o Graf Otto daria a cada criança que fizesse o voo um presente comemorativo da data, uma réplica em miniatura do Borboleta.

Leon foi absorvido por toda essa atividade febril. O Graf Otto decidiu que ia precisar de um segundo piloto para se ocupar dos bandos de crianças que fariam fila para voar. Ele seria o piloto encarregado dos convidados adultos, mas não tinha a menor vontade de encher a cabine com "a prole deles". Como havia comentado com Eva na presença de Leon, ele preferia as crianças em seu espírito melodioso a sua ruidosa e incômoda realidade de carne e osso.

— Courtney, prometi que lhe ensinaria a voar.

Isso surpreendeu Leon. Era a primeira vez que mencionava o assunto desde a caçada de búfalos, e ele pensara que a promessa havia sido convenientemente esquecida.

— Vamos para o campo de aviação imediatamente, Courtney. Hoje você vai aprender a voar.

Leon estava sentado ao lado do Graf Otto na cabine de comando do Borboleta e atentamente o ouvia descrever as funções e a operação de cada quadrante e

instrumento, das chaves e dos interruptores das alavancas e controles. Apesar de sua complexidade, já tinha alguns conhecimentos operacionais da distribuição do painel de comando, adquiridos de acordo com o princípio "o macaco vê, o macaco faz". Quando o Graf Otto ouviu Leon, que repetia tudo o que acabara de aprender, ele deu um meio sorriso e assentiu com a cabeça, dizendo:

— Ja! Andou me observando enquanto eu voava. Você é rápido, Courtney. Isso é bom.

Leon não esperava que o conde fosse um bom professor, e ficou agradavelmente surpreso com a atenção que ele lhe dava em relação a cada detalhe, sem falar de sua paciência. Começaram pelo liga/desliga do motor, depois passaram rapidamente para os movimentos em terra: vento cruzado, vento a favor e vento contra. Leon começou a sentir os controles e as respostas da grande máquina, como as rédeas e os estribos de um cavalo. De todo modo, ficou surpreso quando o Graf Otto lhe atirou um capacete de couro para voar.

— Ponha-o. — Haviam parado numa extremidade do campo de polo, e o conde gritou acima do rugido do motor: — Nariz para o vento! — Leon virou o timão completamente para estibordo e acelerou os dois motores. Já havia aprendido o uso de impulsos opostos para manobrar a máquina. O Besouro fez a volta facilmente e pôs o nariz no vento.

— Você quer voar? Então voe! — gritou o conde em sua orelha.

Leon dirigiu a ele um olhar horrorizado e incrédulo. Achava que era muito cedo. Ainda não estava pronto. Precisava de um pouco mais de tempo de timão.

— Gott em Himmel! — gritou o Graf Otto. — O que está esperando? Levante voo!

Leon respirou fundo, lentamente, e levou a mão ao painel de comando em busca dos aceleradores. Gradualmente começou a abri los, atento ao ritmo de cada um dos motores, à espera de que sincronizassem. Como uma senhora de idade que corre para pegar um ônibus, o Besouro se lançou num trote, depois a meio galope e finalmente a uma corrida curta. Leon sentiu que a alavanca adquiria vida em suas mãos. Sentiu a leveza do voo iminente na ponta dos dedos, nos pés sobre as barras do timão e em seu espírito. Era uma sensação de poder e controle absolutos. Seu coração começou a cantar com o zumbido do vento. O nariz do avião se desviou de sua linha, e ele o corrigiu com um toque de timão, recolocando-o no lugar. Sentiu, em seu assento, que o Besouro pulava um pouco. "Quer voar", pensou. "Nós dois queremos voar."

A seu lado, o Graf Otto fez um pequeno gesto, e Leon compreendeu o que ele queria dizer. A alavanca de comando estava trepidando em seus dedos, e ele a empurrou suavemente para frente. Atrás dele, o grande rabo do avião se separou do solo coberto de relva, e o Besouro reagiu agradecido ante a diminuição da fricção.

Sentiu que a alavanca se acelerava em suas mãos e, quando o conde fez o sinal seguinte, ele já a estava virando para trás. Uma vez, duas vezes as rodas quicaram, e em seguida o avião começou a voar. Levantou o nariz e o acomodou acima do horizonte à frente, em posição de subida. Subiram e continuaram a subir. Leon lançou um olhar para um lado da cabine e viu o solo ficar cada vez mais distante. Estava voando. Na alavanca só havia suas mãos, e sobre as barras do timão, só seus pés. Estava realmente voando. Alegre, continuou a subir.

A seu lado, o Graf Otto assentiu com a cabeça em aprovação e lhe fez sinal para se endireitar e parar de subir e de se inclinar para a esquerda e para a direita. Alavanca e timão juntos, Leon pôs o Besouro na posição, e ele respondeu docilmente.

O Graf Otto balançou a cabeça em sinal de concordância e disse bem alto para que Leon o ouvisse:

— Alguns de nós nascemos com o vento no cabelo e a luz das estrelas nos olhos. Acho que você poderia ser um de nós, Courtney.

Seguindo as instruções, Leon fez um grande círculo e então se alinhou sobre a pista de aterrissagem. Ainda não aprendera a diminuir a velocidade da máquina e perder altura ao mesmo tempo. Devia ter mantido o nariz levantado e deixar que a aeronave perdesse velocidade, descendo sob seu próprio peso. Em vez disso, ele empurrou o nariz do avião para baixo e mergulhou no campo, aterrissando muito rápido. O Besouro ainda estava voando quando bateu no chão com um estalo e saltou sobre o chão coberto de mato. Leon foi obrigado a acelerar ao máximo e dar outra volta. Ao lado dele, o conde ria.

— Você ainda tem muito que aprender, Courtney. Tente novamente.

Na aterrissagem seguinte ele fez melhor. Com uma área de asa muito grande, o Besouro tinha baixa velocidade de parada. Passou sobre a cerca do campo de polo a dez metros acima do solo, com o vento a uma velocidade de setenta e cinco quilômetros. Leon manteve o nariz do avião no alto e deixou que ele mergulhasse no ar em direção ao chão. Aterrissou com uma sacudidela que o fez trincar os dentes, mas não saltou, e o Graf Otto riu outra vez.

— Muito bem! Muito melhor! Dê mais uma volta.

Leon estava pegando o jeito rapidamente. Cada um dos três pousos foi melhor em relação ao precedente, e o quarto foi um perfeito toque de três pontos no chão, com o trem de aterrissagem e a roda da cauda tocando o solo ao mesmo tempo.

— Excelente! — gritou o Graf Otto. — Leve-o taxiando até o hangar!

Leon estava encantado com o sucesso. Seu primeiro dia de aula tinha sido um triunfo, e ele sabia que nos dias seguintes ia continuar melhorando.

Quando ele virou o Besouro de frente para o hangar, estendeu a mão para fechar os controles de combustível, mas o Graf Otto o deteve.

— Não! Eu desço, você não.

— Não entendo – disse Leon, perplexo. — O que o senhor quer que eu faça?

— Prometi que ensinaria você a voar, e ensinei. Agora voe, Courtney. Ou se mate. Para mim dá no mesmo. — Dito isso, o Graf Otto saiu pelo seu lado da cabine e desapareceu, deixando que Leon, depois de um total de três horas de treinamento, saísse em seu primeiro voo solo.

Ele precisou de um deliberado esforço mental e físico para se obrigar a estender a mão para frente e pegar o manete do acelerador. Sua mente dava voltas. Havia esquecido tudo o que acabara de aprender. Começou a corrida para a decolagem com o vento atrás da cauda. O Besouro correu cada vez mais, deslocando o ar tão gradualmente que Leon só conseguiu que levantasse voo poucos segundos antes de bater contra a cerca que servia de limite para a pista. Passou acima dela apenas um metro, mas pelo menos estava voando. Lançou um olhar para trás por cima do ombro e viu o Graf Otto de pé diante do hangar, com as mãos nos quadris, a cabeça para trás e o corpo se contorcendo de riso.

"Que belo senso de humor tem o senhor, Graf von Meerbach. Fere deliberadamente dois búfalos e manda para a morte um aviador principiante. Tudo por diversão", pensou Leon, irritado. Mas sua raiva não durou nada e quase imediatamente estava esquecida. Estava voando sozinho. A terra e o céu pertenciam somente a ele.

O céu estava brilhante e claro, exceto por uma única nuvem prateada que não parecia muito maior que sua mão. Fez o Besouro subir e o virou para ela. Parecia quase sólida como a terra, e ele voou por cima dela. Então, virou e voltou, dessa vez tocando as bordas prateadas das nuvens com as rodas, como se estivesse aterrissando.

— Estou brincando com as nuvens! — exclamou, exultante. — É assim que os anjos e os deuses passam o tempo? — Desceu através do banco de nuvens e por uns segundos ficou cego na névoa prateada; então saiu de chofre ao atravessá-las para voltar à luz do sol, rindo de prazer. Lançou-se para baixo e foi descendo, descendo, enquanto a enorme terra marrom subia apressada ao encontro dele. Endireitou o avião, e as rodas passaram raspando pelas copas das árvores. A vasta extensão das planícies de Athi se estendia à frente, e ele deixou que o avião caísse ainda mais baixo. A dez metros do chão e a cento e cinquenta quilômetros por hora, arremeteu através da terra selvagem isenta de árvores. As manadas de animais se dispersaram num pandemônio sob as rodas. Voava tão baixo que teve de levantar a extremidade da asa esquerda para evitar o choque com o pescoço levantado de uma girafa macho a galope.

Subiu novamente e virou para a linha das colinas Ngong. A três quilômetros de distância, conseguiu ver os tetos de palha do Acampamento Tandala. Voava tão

baixo que podia reconhecer o rosto das pessoas do acampamento, que olhavam para ele, assombradas. Ali estavam Manyoro e Loikot. Pôs a cabeça para fora da cabine e abanou a mão para cumprimentá-los, e eles, dando piruetas, retribuíram, em selvagem euforia.

Procurou entre eles um rosto branco, não um qualquer, mas aquele especial, e sentiu certa decepção por não o encontrar. Voltou para a pista de aterrissagem e estava quase roçando o alto das colinas Ngong quando viu o cavalo. A égua cinza que ela sempre escolhia estava na linha do céu, bem adiante. Logo a viu parada ao lado do animal. Usava uma blusa num tom amarelo-brilhante e um chapéu de palha de aba larga. Viu o avião se aproximar, mas não fez nenhum movimento.

"Evidentemente não sabe que sou eu. Acha que é o Graf Otto", pensou ele. Leon sorriu e desceu na direção dela. Empurrou os óculos para trás e se inclinou sobre um lado da cabine. Estava tão perto dela que viu o instante em que o reconheceu. Ela jogou a cabeça para trás, e quando riu ele viu o brilho de seus dentes. Tirou rapidamente o chapéu e o agitou quando ele passou acima dela fazendo muito barulho, tão perto que a égua pulou e sacudiu a cabeça, assustada. Imaginou até ter visto a cor dos olhos de Eva.

Enquanto subia, afastando-se, virou-se para olhá-la. Ela ainda estava abanando a mão. Queria que ela estivesse ali, na cabine, com ele. Queria poder estender a mão e tocá-la. Então se lembrou do livrete de sinais no porta-luvas ao lado dele. O Graf Otto usara uma página do livrete para ilustrar um ponto da instrução. Havia um lápis amarrado nele com barbante. Com uma das mãos nos controles, usou a outra para apoiar o livrete nos joelhos e rapidamente garatujou: "Voe comigo para o monte Lonsonyo. Texugo". Arrancou a página e a dobrou num quadrado bem pequeno. No porta-luvas havia também alguns rolos de fita vermelha para mensagens, cada um com quase dois metros de comprimento. Pegou um. Em uma das extremidades, o rolo tinha um peso de chumbo do tamanho de uma bala de espingarda, e na outra, um bolso com um fecho. Enfiou a página dobrada nele e o fechou. Depois deu a volta com o Besouro. Ela ainda se encontrava no alto da colina, só que agora voltara a montar a égua cinza. Quando viu que o Besouro estava voltando, parou. Ele fez um cálculo apressado de altura e velocidade e deixou cair a fita de sinais pela lateral da cabine do piloto. Ela foi se desenrolando ao vento e desceu balançando.

Eva fez a égua se virar e galopou até o local onde caíra a fita vermelha. Abriu o bolso e tirou o bilhete, leu-o e agitou as mãos no alto, assentindo também com a cabeça. Seus dentes brilhavam enquanto sorria.

O dia ao ar livre no campo de aviação oferecido pelo Graf Otto von Meerbach conquistou elevado status e chegou a eclipsar quase qualquer outro acontecimento da história da colônia, mesmo a chegada do primeiro trem do litoral ou a visita de Theodore Roosevelt, o presidente dos Estados Unidos da América.

Como comentou um dos bem-humorados frequentadores assíduos do bar do Muthaiga Club, o presidente não havia oferecido viagens de avião grátis.

Ao amanhecer do grande dia, uma pequena cidade formada por barracas circundava o campo de polo. A maior parte delas alojava famílias de colonos vindas das zonas rurais circunvizinhas, mas outras eram postos de refrescos nos quais lorde Delamere distribuía grátis cerveja e limonada, e o Instituto de Mulheres, tortas de chocolate e de maçãs.

O chef do Hotel Norfolk supervisionava a carne dos animais que assava nas brasas. A banda dos RAR afinava os instrumentos, preparando-se para a chegada do governador. Grupos de crianças e de cachorros sem dono perambulavam pelo campo em busca de travessuras e de sobras. As barracas de refrigerantes mantinham uma atividade incessante, e as apostas eram de três para um que a provisão de cerveja seria insuficiente e não chegaria até o final do dia. Os mecânicos de Gustav Kilmer estavam ocupados na preparação dos motores e enchendo os tanques de combustível. Filas de crianças excitadas iam se formando para fazer o prometido voo, gritando de emoção cada vez que um dos motores rugia.

Nesse entretempo, Leon já havia voado no Besouro um total de doze horas, e o Graf Otto assegurava aos preocupados pais que sua prole estava muito segura com um piloto tão experiente no comando. Eva se encarregou do controle das aglomerações de crianças. Obrigou as mães e as senhoras membros da comissão do Clube de Polo a colaborar como ajudantes. Algumas conheciam um pouco de alemão ou francês e pareciam estar se comunicando razoavelmente bem. Durante a manhã, toda vez que Leon a olhava, ela estava com uma criança enganchada na cintura e meia dúzia de outras penduradas em seus braços e na saia. Essa era uma mulher diferente da enigmática e bela acompanhante do Graf Otto. Seu instinto maternal fora ativado, seu rosto estava radiante, os olhos brilhantes. Ria o tempo todo enquanto levava as crianças até a cabine do Besouro, onde Leon e Hennie du Rand as amarravam aos assentos com correias. Quando a cabine estava repleta de crianças, Leon dava partida nos motores, e elas gritavam de felicidade e de medo. De um lado do campo, a banda dos RAR tocava uma animada marcha militar. Então o Besouro era taxiado para a pista, atrás do Graf Otto, que levava no Borboleta os passageiros distintos e ilustres. As duas aeronaves decolavam em formação, davam duas voltas por cima de toda a cidade e depois voltavam e aterrissavam. Eva estava junto da escadinha para ajudar as crianças a descer.

Hennie e Max Rosenthal lhes entregavam a miniatura da aeronave, após o que outra turma subia a bordo.

Leon estava fascinado com esse novo comportamento de Eva. Havia levantado as cortinas para permitir que sua timidez interior e seus atributos femininos de bondade e afeto aflorassem. As crianças percebiam isso e eram atraídas para ela como

formigas para uma vasilha de açúcar. Para Leon, parecia que ela própria havia se tornado criança, inteiramente feliz e natural. À medida que o dia passava, as filas de crianças não paravam de crescer, e seus ajudantes desfaleciam de calor, Eva parecia infatigável. Leon a observou quando se ajoelhou no pó, com mechas de cabelo úmido de suor caindo nos olhos, o que a obrigava a soprá-las enquanto limpava uma menininha que havia vomitado de enjoo. Tinha as botas cobertas de pó, e a saia trazia as marcas de muitos dedos sujos, mas seu rosto brilhava de suor e felicidade.

Leon olhou ao redor. O Graf Otto havia decolado no Borboleta para o voo seguinte, que levava o general de brigada Penrod Ballantyne e o diretor do Barclays Bank. Gustav Kilmer estava próximo ao hangar, de costas para eles, retirando a tampa de um tambor de combustível. Naquele momento, não estavam sob vigilância.

— Eva! — chamou Leon.

Ela devolveu as crianças às mães e se aproximou de um lado do avião, onde fingiu se ocupar daqueles que estavam esperando. Falou com Leon sem olhar para ele:

— Você gosta de viver perigosamente, Texugo. Sabe muito bem que não devemos nos falar em público.

— Tenho de aproveitar toda oportunidade em que você estiver sozinha.

— O que você queria me dizer? — perguntou com uma expressão suave, mas afastando a vista rapidamente.

— Você é boa para lidar com crianças — disse. — Não esperava isso de uma grande dama como você.

Outra vez ela o olhou, sorrindo, com seus brilhantes olhos violeta que não escondiam nada.

— Se acha que sou uma grande dama, não me conhece bem.

— Creio que sabe o que sinto por você.

— Sim, Texugo, sei. Você não é bom para guardar segredos — disse, rindo.

— Não há nenhuma possibilidade de ficarmos juntos, a sós? Tenho tantas coisas para lhe dizer...

— Gustav está olhando para nós. Já conversamos por muito tempo. Preciso ir.

No meio da tarde, as filas de crianças chegaram ao fim. Leon estava esgotado. Havia perdido o número de decolagens e aterrissagens que havia feito. Nem todas haviam sido perfeitas, mas não causara nenhum dano evidente ao Besouro nem recebera nenhuma queixa de seus pequenos clientes. Cansado, olhou para a fila. Restavam cinco crianças, portanto esse seria o último voo do dia.

Foi então que algo lhe chamou a atenção. Alguém abanava a mão para ele do outro lado da cerca. Levou algum tempo para reconhecer o rosto do homem, e poderia ter demorado até mais, não fossem as menininhas vestidas com brilhantes sáris que estavam atrás dele.

— Por Deus! — exclamou Leon, reconhecendo-o. — É o senhor Goolam Vilabjhi com seus querubins. — Então viu que a mais nova estava chorando e as demais pareciam estar de coração partido. Ficou de pé na cabine e fez sinal para que se aproximassem. Eles se dirigiram então aos portões do campo, num grupo familiar compacto. Mas um dos membros da comissão do Clube de Polo que estava exercendo a função de guarda impedia a entrada de pessoas não desejadas. Era um homem alto e forte, com uma barriga que parecia um barril de cerveja e um rosto muito vermelho e queimado de sol. Leon sabia que se tratava de um colono que chegara havia pouco, deixando atrás sua terra natal para se ocupar de sua concessão de mil e quinhentos hectares. Com certeza devia ter aproveitado até onde podia a cerveja grátis de lorde Delamere. Havia interrompido os passos do senhor Vilabjhi com movimentos negativos da cabeça. A consternação no rosto das crianças era patética.

Leon desceu de um salto da cabine e foi até o portão, mas chegou tarde. Eva havia se adiantado a ele, correndo para o guarda como um cão de caça atrás de uma ratazana. Ele se desviou apressadamente antes que ela avançasse. Ela pegou as mãos de duas das meninas Vilabjhi, e Leon correu para buscar as outras, aproveitando para falar com ela acima da cabeça das garotas:

— Quando teremos oportunidade de ficar sozinhos?

— Tenha paciência, Texugo. Por favor, agora basta. Gustav está olhando para nós outra vez.

Eva ajudou a última criança a subir a escadinha da cabine e foi até o portão, onde o senhor Vilabjhi os olhava, nervoso. Quando Leon taxiou o Besouro de volta à pista de aterrissagem, depois do voo, ela ainda estava conversando com ele junto ao portão.

"Todos os homens da colônia estão fascinados por ela, e eu sou o último da fila", pensou Leon, surpreendendo-se com a força de seu ciúme.

A Noite das Damas no cassino do regimento dos RAR foi outro enorme sucesso para todos, menos para Leon. Estava no bar e olhava para Penrod, que dançava a valsa com Eva. Seu tio era uma figura imponente, com seu uniforme de gala, e dançava com elegância. Eva parecia leve e estava encantadora nos braços dele, com o cabelo brilhante balançando em seus ombros nus. Seu vestido era de uma tonalidade violeta sutil que combinava com seus olhos e destacava a pele acetinada que aparecia no decote. Tinha seios redondos e benfeitos. Os braços eram longos e elegantes. Sua pele brilhava, e as faces estavam ligeiramente rosadas ao rir de um dos gracejos de Penrod. Ao passar perto dele, enquanto dançavam, Leon pôde ouvir um fragmento de sua conversa. Falavam em francês, e Penrod era todo simpatia e gentileza.

"O velho bastardo!", pensou Leon com amargura. "Tem idade para ser seu avô,

mas eu não confiaria nem um pouco nele." Então viu o brilho nos olhos de Eva e nos dentes brancos quando ela sorriu. "Ela não é melhor do que ele. Será que não consegue resistir à tentação de sorrir para cada homem que passe por sua vida?"

A noite se estendia de modo interminável. As piadas de seus irmãos oficiais eram muito velhas, os discursos, aborrecidos, a música soava alto demais e desafinada, e até o uísque tinha gosto ruim. Fazia calor essa noite, e o ar no salão estava sufocante. Ele se sentia enjaulado. A garota que tomara um chá de cadeira e com a qual ele cumpria o dever de dançar tinha halitose, e, logo que a devolveu a sua enorme e esperançosa mãe, fugiu agradecido para o ar fresco da noite.

O ar estava agradável, o céu, claro, e as estrelas, maravilhosas. Um escorpião estava de cabeça para baixo, com o ferrão levantado, pronto para atacar. Leon enfiou as mãos nos bolsos e pôs-se a caminhar pelo pátio de manobras. Quando acabou de completar uma volta e já ia retornar ao cassino, viu um grupo de homens na varanda. Estavam fumando, e Leon ouviu uma gargalhada familiar, que se destacava no meio do grupo. A ela se seguiu outra, que lhe atacou os nervos de modo tão doloroso quanto a primeira. "A Rã Snell e seu puxa-saco Eddy Roberts", pensou, irritado. "Justamente agora, quando estava começando a me sentir melhor, aparecem as duas pessoas que eu menos queria encontrar."

Por sorte, havia uma entrada pelos fundos para o salão de baile, e ele aproveitou e passou junto à parede lateral do edifício, dissimulada por uma trepadeira frondosa.

Quando virou uma esquina, acendeu um fósforo, que brilhou na escuridão, permitindo que ele visse um casal parado entre a discreta cortina de folhas e flores da trepadeira. A mulher, de costas para ele, acendera um fósforo e o segurava diante do rosto do homem, que se inclinou sobre a chama para acender seu cigarro. Ao voltar à posição ereta, Leon viu que o homem era Penrod. Nenhum dos dois notou sua presença.

— Obrigado, minha querida — disse Penrod em inglês. Então deparou com Leon, e sua expressão mudou para um ar de alarma. — É Leon! — exclamou.

"Estranha observação", pensou Leon. Soava mais como advertência do que como um cumprimento amistoso. A mulher se virou para olhá-lo, ainda segurando o fósforo aceso. Deixou-o cair, pisando nele para apagar a chama, mas ele conseguiu ver a expressão de seu rosto. Ela e Penrod estavam agindo como um par de conspiradores.

— Monsieur Courtney, que susto me deu! Não o ouvi aproximar-se — disse em francês. Mas por que apenas segundos atrás Penrod falara com ela em inglês?

— Perdoem-me. Estou atrapalhando...

— De modo algum — disse Penrod. — O ar no salão estava sufocante. Esses pequenos ventiladores são inúteis. Fräulein von Wellberg se sentiu mal e precisava de um pouco de ar fresco, e eu, de minha parte, precisava fumar. — Falava em

francês quando se dirigia a Eva. — Estava dizendo a meu sobrinho que a senhora estava indisposta por causa do calor e do ar viciado.

— Estou me sentindo bem agora — respondeu ela na mesma língua, e, embora Leon não conseguisse ver seu rosto, ele parecia completamente sereno outra vez.

— Falávamos da banda e do repertório musical — explicou Penrod. — Fräulein von Wellberg acha que a interpretação de Strauss se parece com uma dança tribal de guerra e prefere a maneira como se entendem com a polca.

"Tio, acho que o senhor está falando demais. Algo muito estranho está se passando por aqui", pensou Leon com amargura. Ficou mais alguns minutos participando daquela conversa sem sentido, depois inclinou-se diante de Eva.

— Por favor, desculpe-me, Fräulein, mas não sou tão forte quanto os senhores. Preciso ir para casa dormir um pouco. A

senhora e o Graf Otto voltarão para o Acampamento Tandala depois do baile ou vão se hospedar no Hotel Norflok?

— Pelo que entendi, Gustav nos levará de volta para o acampamento no veículo de caça — respondeu Eva.

— Muito bem. Dei ordem a meu pessoal para que deixassem tudo pronto para sua volta. Se houver algo de que precise, é só dizer a eles. Imagino que amanhã a senhora e o Graf Otto vão querer dormir até mais tarde. O café da manhã será servido assim que o peça. — Inclinou a cabeça na direção de Penrod. — Embora se tenha de cumprir com o dever, senhor, estou descobrindo que a carne se cansa rápido. Mais uma ou duas danças por obrigação, e serei engolfado por uma nuvem de pó quando for para a cama.

— Com um bom tio, farei uma menção favorável sobre você nos despachos, meu rapaz. Você tem mantido elevada a honra do regimento. O modo como carregou a tocha acesa com a filha de Charles Warboys foi muito agradável de ver. Você foi avaliado e não fez feio.

— Bondade sua, tio. — Deixou-os ali, mas quando chegou à porta do salão virou-se para olhá-los. Eram duas silhuetas escuras e não dava para ver seu rosto, mas havia algo na maneira como se inclinavam um na direção do outro, uma tensão na posição da cabeça, que o convenceu de que já não estavam falando da interpretação da polca, mas de alguma coisa muito mais importante.

"Em que vocês dois estão metidos? Quem é você realmente, Eva von Wellberg? Quanto mais me aproximo de você, mais escorregadia você fica. Quanto mais sei sobre você, menos a conheço."

Leon foi despertado pelo ruído do veículo de caça Meerbach, que chegava pela estrada da cidade com o conde cantando a plenos pulmões a canção de cervejaria alemã "Perdi meu coração em Heilderberg". Sentou-se na cama, acendeu um fósforo e verificou a hora no relógio de prata de Percy que estava na mesa de cabeceira.

Faltavam seis minutos para as quatro da manhã. Ouviu o veículo estacionar no acampamento e o barulho das portas se fechando, a voz do Graf Otto gritando boa-noite para Gustav e o riso de Eva. Leon sentiu uma punhalada de ciúme e murmurou consigo mesmo: "Pelo barulho que está fazendo, deve ter bebido um barril, conde. Deveria ter mais cuidado ao beber com Delamere. Espero que tenha uma ressaca terrível pela manhã. Você merece, cretino!".

Ficou decepcionado, pois o Graf Otto apareceu na barracarefeitório pouco depois das oito com aspecto alegre e descansado. O branco de seus olhos era tão claro quanto o de um bebê. Gritou para Ishmael que lhe trouxesse café, no qual, assim que chegou, derramou um pouco de conhaque.

— Beber me dá muita sede. Esse inglês louco, o Delamere, já não tinha a quem brindar, por isso no final da noite brindávamos a seu cavalo favorito e a seu cão de caça. Esse sujeito é maluco. Deveria ser preso, para seu próprio bem e o de todo mundo.

— Segundo me lembro, não foi lorde Delamere que ficou de cabeça para baixo no meio do salão de baile e bebeu um copo de conhaque nessa posição? — perguntou Leon.

— Não, esse fui eu — admitiu o Graf Otto. — Mas fui desafiado por Delamere. Não pude deixar de fazê-lo. Você sabia que ele foi mordido por um leão quando era mais jovem? É por isso que manca.

— Todo mundo na colônia conhece essa história.

— Estava tentando matá-lo com uma faca — disse o Graf Otto, balançando a cabeça com ar triste. — Que louco! Deviam interná-lo. Realmente!

— Diga-me, Graf Otto, também não é loucura tentar matar um leão com uma assegai?

— Nein! De modo algum! Faca é uma coisa estúpida, mas uma lança é algo extremamente lógico. — O Graf Otto terminou seu café e bateu a caneca na mesa. — Agradeço que me lembre, Courtney. Já estou farto dessas brincadeiras de estudantes, como diz o louco do Delamere. Brindei a todo mundo e dancei com cada uma das gordas matronas britânicas da colônia. Levei seus filhos maleducados que vomitam para voar em minhas belas máquinas. Em poucas palavras, cumpri todas as exigências requeridas e todas as minhas obrigações sociais para com o governador e os cidadãos desta colônia. Agora quero sair para a terra virgem e dedicar-me um pouco à caçada de verdade.

— Fico satisfeito de ouvi-lo falar assim, senhor. Eu também já tive o suficiente de Nairóbi por um tempo.

— Bem, pode partir imediatamente. Chame esses seus dois pagãos altos e leve o Besouro para as áreas de caça. Faça circular por todas as tribos ao longo e ao largo do vale da Grande Fenda a notícia de que estou procurando o maior leão que já

existiu na terra dos massais. Darei uma recompensa de vinte cabeças de gado vacum ao chefe do povo que o encontrar para mim. Agora vá, e não volte sem novidades. Lembre-se, Courtney, ele deve ser grande, e sua juba tão preta quanto o cão do inferno.

— Imediatamente, Graf, mas posso terminar esta xícara de café antes de partir?

— Outra boa piada inglesa. Já é boazinha. Agora vou lhe dizer algo bem alemão: ache meu leão ou vou lhe chutar o traseiro até você começar a claudicar mais que o maldito Delamere. Isso, sim, é engraçado, não?

Quando Eva entrou na barraca-refeitório uma hora depois, o Graf Otto estava sozinho na longa mesa, com um montão de documentos a sua frente. Examinava atentamente um que trazia o escudo da águia preta do Ministério da Guerra alemão e fazia anotações em seu livrete. Deixou-o de lado e levantou a vista quando Eva apareceu na entrada da barraca com a luz da manhã às costas. Estava de sandálias e com um bonito vestido de verão de tecido floral que a deixava muito atraente e jovem. Acabara de lavar e secar o cabelo, que deixara solto, caindo em cascata por suas costas em pequenas ondas, como pele de marta-zibelina. Não estava usando batom. Aproximou-se por trás dele e pôs o braço em seu ombro. Ele tomou sua mão e a virou, beijando-lhe a palma.

— Como você pode ser tão bonita? — perguntou. — Não se sente culpada por fazer qualquer mulher que se compare a você sentir-se sem graça e feia?

— E você não se sente culpado de mentir com tanta facilidade e de maneira tão convincente? — Beijou-o na boca, deixou escapar uns risinhos e então se afastou quando ele estendia a mão para lhe tocar os seios. — Deve me alimentar primeiro, meu querido Graf Otto.

Ishmael já estava preparado para a chegada dela. Usava seu melhor fez vermelho de borla preta; seu kanza fora cuidadosamente lavado e passado para ficar imaculado como neve. Seus dentes brilhavam quando ele sorria.

— Bom dia, mensahib. Que seu dia se encha do perfume das rosas e tenha o sabor de frutas tão doces como estas! — disse em francês, pondo diante dela uma travessa de fatias de manga, banana e mamão.

— Bom dia, Ishmael. Onde você aprendeu a falar francês tão bem?

— Trabalhei muitos anos para o cônsul em Mombaça — disse Ishmael com um sorriso radiante. Ela havia enfeitado todo o pessoal do Acampamento Tandala.

— Fora daqui, infiel de sorriso falso — interveio o Graf Otto. — Meu café está frio. Traga-me outro. — Assim que Ishmael se retirou, seu estilo mudou e ele se tornou formal e sério. — Bem, consegui me livrar de Courtney. Mande-o às áreas de caça para procurar o leão de que tanto temos falado. Estará bem longe, ocupando-se dessa tarefa. Apesar de seu aspecto honesto e de sua personalidade cativante, não confio nele. É muito sagaz para meu gosto. Ontem à noite estava usando o uniforme

do exército. Esse foi o primeiro indício que tive de que está na reserva do exército britânico. Além disso, fiquei sabendo por Delamere que o general de brigada Ballantyne é seu tio. Suas conexões com o exército britânico são fortes. No futuro, devemos ser mais cuidadosos com ele.

— É claro, Otto. — Sentou-se na cadeira ao lado dele e concentrou a atenção na travessa de frutas.

— Ontem chegou um telegrama de Berlim. Agendaram minha reunião com Von Lettow para o dia 17 — continuou. — É um longo voo até Arusha, mas não posso ficar ausente por muito tempo. Há muita gente nos observando. Leve algumas coisas bonitas, Eva. Quero me orgulhar de você.

— Você realmente precisa que eu esteja a seu lado, Otto? Essas conversas de homens são muito aborrecidas. Preferiria ficar aqui e pintar um pouco — disse Eva, espetando uma fatia de manga.

Essa atitude de certo desinteresse por seus assuntos de negócios e suas propriedades era uma pose que ela havia aperfeiçoado ao longo de sua duradoura relação com ele. Proporcionava-lhe muito mais frutos do que se tentasse obter alguma informação dele. Mais uma vez sua paciência fora generosamente recompensada. Pela primeira vez desde que haviam partido de Wieskirche ele havia mencionado Von Lettow Vorbeck. Ela sabia que era esse o verdadeiro motivo de sua expedição à África. Era isso que estava por trás de toda aquela agitação e daquelas falsas demonstrações.

— É claro, Liebling¹². Você sabe que sempre preciso de você comigo.

— Quem vai estar lá além de Von Lettow? Haverá alguma outra mulher?

— Duvido. Von Lettow é solteiro. É possível que o governador Schnee esteja lá, mas ele e Von Lettow não se entendem bem, ou pelo menos assim me parece. Não será uma ocasião social.

⁽¹²⁾Favorito (Em alemão no original.) (N. E.)

A pessoa mais importante será o bôer sul-africano Koos de la Rey. Ele é o eixo em torno do qual tudo gira.

— Talvez eu seja apenas uma menina tonta, como você diz sempre, mas essa não é uma forma muito complicada de se encontrar? Não teria sido mais fácil esse general bôer ter simplesmente viajado para Berlim?... Ou não podíamos ter viajado para a Cidade do Cabo na comodidade de um transatlântico como o Admiral?

— Na África do Sul, De la Rey é um homem marcado. Ele foi um dos líderes bôeres que lutaram duramente contra os britânicos. Desde o armistício, ele não faz

segredo de seus sentimentos antibritânicos. Qualquer contato entre ele e nosso governo levantaria suspeitas em Londres. A reunião tem de ser fora de seu próprio país. Há dez dias, sob grande segredo, ele foi recolhido da costa sul-africana por um de nossos submarinos e trazido para Dares-Salaam. Depois de nossa reunião, voltará pela mesma via.

— Enquanto isso, você está num safári de caça maior em um país vizinho. Não há nada que leve alguém a suspeitar que vocês dois tenham estado em contato. Agora vejo que se trata de uma conspiração bem complicada.

— Fico feliz que aprove — disse ele, sorrindo sarcasticamente.

— Se vai investir tanto tempo nisso quando poderia estar caçando, esse assunto deve ser muito importante para você.

— E é — respondeu ele com expressão séria. — Creia que é.

Instintivamente Eva percebeu que tinha ido longe demais, então suspirou e murmurou:

— Muito importante e mortalmente aborrecido. Já que vou com você, você me compra um bonito presente quando voltarmos à Alemanha? — Ela fez beicinho e bateu os longos cílios, usando os olhos habilmente. Isso tinha muito mais a ver com a personagem que construía para agradar a ele. Era o tipo de resposta que ele esperaria dela. Durante o tempo em que estavam juntos, ela havia descoberto como lidar com cada situação que pudesse surgir entre eles e como satisfazer do melhor modo suas expectativas.

Compreendia precisamente o que ele desejava dela. Otto não queria que ela fosse uma companheira ou alguém que o estimulasse intelectualmente. Havia muita gente que podia fazer isso. Ele a queria como um ornamento, uma beleza pouco complicada e dócil, alguém que pudesse primeiro excitar para depois habilmente satisfazer suas paixões animais. Queria-a como algo agradável que possuía e provocava a inveja e a admiração de outros homens e mulheres, uma condecoração que valorizava sua própria posição e seu prestígio social. Assim que ela se tornasse um incômodo, ele a descartaria com a mesma facilidade com que se tira um par de sapatos que machuca os pés. Ela sabia muito bem que centenas de outras mulheres bonitas ficariam encantadas de tomar seu lugar. Era por suas habilidades como cortesã que ele a vinha conservando por tanto tempo a seu lado.

— Será o presente mais bonito que pudermos encontrar em Berlim — disse ele, concordando facilmente.

— Será que devo levar o vestido da Fortuny que você me comprou em Paris? O que acha que o general Von Lettow Vorbeck vai pensar dele?

— Uma olhada para você nesse vestido, e seus pensamentos fariam que o metessem entre as grades em qualquer sociedade decente — disse o Graf Otto, rindo. Então, levantando a voz, gritou: — Ishmael! — Assim que ele apareceu, ordenou: —

Diga a buana Hennie que venha aqui. Imediatamente.

Em poucos minutos, Hennie du Rand se apresentou na porta da barraca. O ar sério em seu rosto queimado e curtido pelo clima era de preocupação, e ele segurava o chapéu manchado de aba mole sobre o peito, retorcendo-o entre os dedos cheios de graxa.

— Entre, Hennie. Não fique aí parado. — O Graf Otto o recebeu com um sorriso amistoso e em seguida olhou para Eva. — Deve nos desculpar, Liebling. Você sabe que Hennie não fala alemão, por isso vamos falar em inglês.

— Por favor, Graf Otto, não se preocupe comigo. Tenho meu livro de aves e meu binóculo. Ficarei muito bem. — Inclinou-se para beijá-lo e foi se sentar fora da barraca, de onde tinha uma boa vista do bebedouro de pássaros que Leon instalara para que ela se entretivesse. Bandos de pássaros cantores das espécies mais variadas se reuniam ali, fazendo muita algazarra.

Embora estivesse a uma distância de onde podia ouvi-los, ignorou a conversa dos dois homens na barraca-refeitório, concentrando-se em captar em seu caderno de desenho as formas e cores daquelas pequenas criaturas que pareciam joias.

Quase imediatamente, o Graf Otto se esqueceu dela e dedicou toda a atenção a Hennie.

— Você conhece bem Arusha e o campo dessa região, Hennie?

— Trabalhei numa madeireira de lá durante dois anos. Estavam cortando árvores nas encostas baixas do monte Meru. Cheguei a conhecer bem a área.

— Há um forte militar acima do rio Usa, já?

— Ja. É um ponto de referência da região. O pessoal por ali o chama de Castelo Banhado de Açúcar. É pintado de brancobrilhante, e há torres e ameias ao longo das muralha. Parece saído de um livro infantil.

— Vamos voar para esse lugar. Acha que poderá localizá-lo do ar?

— Nunca fui para lá de avião, mas estou certo de que até um cego poderia ver essa construção de uma distância de cem quilômetros.

— Bem. Prepare-se para partir pela manhã ao clarear o dia.

— Mal posso acreditar que vou voar em uma de suas máquinas, senhor – disse Hennie, sorrindo. – Posso ajudar com a manutenção e o abastecimento de combustível.

— Não se preocupe com isso. Gustav cuida desses detalhes. Não é para isso que você irá comigo. Preciso que me apresente a um velho amigo seu.

O sol ainda estava abaixo do horizonte quando o Borboleta levantou voo no campo de polo. O ar da madrugada estava frio, e todos na cabine estavam muito bem agasalhados. O Graf Otto foi direto para o sul a mil metros acima do solo, e o sol apareceu acima do horizonte com surpreendente rapidez, iluminando o grande bastião montanhoso do Kilimanjaro, que, embora estivesse a mais de cento e

cinquenta quilômetros dali, continuava dominando o horizonte ao sul.

Eva ia sozinha no assento traseiro da cabine, fora da vista do Graf Otto, que estava sentado na frente, diante dos controles. Encolhida atrás do para-brisa, usava um pesado abrigo e um capacete, e os olhos estavam protegidos pelas lentes escuras dos óculos de voar. Gustav e Hennie iam na parte da frente da cabine, absortos na vista a sua frente. Ninguém se virou para olhá-la. Geralmente, todos sempre se voltavam para ela, por isso era estranho não estar sendo observada. Pelo menos por uma vez não precisava representar. Por uma vez podia deixar que suas emoções se soltassem do freio que lhes era imposto e ficassem livres.

Olhando para estibordo da cabine, podia ter uma ampla vista da enorme região marrom ao longo e ao largo do vasto vale da Grande Fenda. Aqueles espaços imensos aumentavam sua sensação de solidão. Sentir-se isolada de todo contato humano significativo a intimidava. Ao se dar conta da profundidade de seu desespero, chorou. Era a primeira vez que deixava rolar as lágrimas desde aquele frio dia de novembro de seis longos anos atrás em que, parada junto à tumba do pai, vira o caixão baixar à terra. Desde então, sempre estivera só. Era muito tempo.

Escondida atrás do capacete, chorou em silêncio e em segredo. Essa fraqueza repentina a aterrorizava. Em todos os anos em que fora forçada a viver uma vida de ilusão e desilusão, de fazer o jogo das sombras e dos espelhos, nunca havia sido assaltada por sentimentos como esses. Sempre fora forte. Sempre soubera qual era seu dever, e era firme em sua determinação. Mas nesse momento algo mudara, e ela não sabia o quê.

Então o avião desceu num ângulo pronunciado, e uma montanha apareceu no alto. Ela havia mergulhado tão profundamente dentro de si que acreditou que aquilo fosse um truque de sua imaginação. A montanha era tão etérea que flutuava acima de uma nuvem prateada. Aquela visão podia não ser real. Seria um raio de esperança no meio de sua desolação? Seria seu refúgio no céu, onde podia se esconder das manadas de lobos que a perseguiam? Imagens tão consistentes e extravagantes como essa montanha de sonho lhe passavam fugazmente pela mente.

Então, com um sobressalto, ela se deu conta de que não se tratava de um sonho. Era o Lonsonyo. As nuvens em que o monte parecia flutuar eram um compacto banco de neblina prateada em sua base. De repente, a neblina começou a se dissipar na tibieza do sol nascente, e o monte Lonsonyo ficou à vista.

O desespero lhe abandonou a alma como se fosse uma velha pele, e a força começou a lhe voltar. Eva compreendeu as mudanças que a haviam angustiado de maneira tão repentina e completa. Até esse momento, acreditara que só a força a mantinha no curso traçado, mas agora sabia que era a resignação. Não havia nenhum outro caminho para ela. Mas isso havia mudado. Não era o desespero que tomava conta dela de modo tão repentino, e sim a esperança. Uma esperança tão forte que

superava todo o resto.

"A esperança que nasce do amor", disse para si mesma. Nunca pudera amar um homem. Nunca pudera confiar num homem. Nunca tinha permitido que um homem penetrasse em seus lugares mais secretos e bem protegidos. Por isso o sentimento lhe parecia tão estranho. Por isso não o havia percebido imediatamente. Tinha encontrado um homem que a fazia atrever-se a ter esperança. Até então ela resistira, pois mal o conhecia, nem ele a ela. Mas nesse momento sua resistência desmoronou. Havia deixado que ele entrasse. Apesar de si mesma, Eva se rendera a ele. Pela primeira vez na vida tinha dado a alguém sua confiança e seu amor incondicional.

Sentiu que essa nova esperança lhe segurava as lágrimas e fortalecia sua determinação. "Texugo, oh, Texugo! Sei que o caminho que vamos percorrer juntos vai ser longo e duro. Tantas armadilhas e perigos se põem em nosso caminho! Mas sei com igual certeza que juntos chegaremos ao topo de nossa montanha."

O Graf Otto voava pelos cânions aéreos do céu, com as neves eternas e os brilhantes glaciares do Kilimanjaro, que se elevava a grande altura e projetava sua sombra sobre eles. Os ventos que giravam em torno dos três picos vulcânicos extintos da montanha sacudiam o Borboleta de maneira implacável. Assim que escapou de sua influência, ele voou para a luz do sol. Mas havia outra cordilheira bem diante deles, e o Meru era bem diferente do grande maciço que haviam deixado para trás. Eva imaginou que, se o Kilimanjaro fosse o macho, o Meru seria a fêmea. Era mais baixo e tinha um aspecto mais aprazível, coberto de bosques densos e verdes em vez de ásperas pedras de gelo.

Hennie du Rand fez um gesto para o Graf Otto apontando o novo curso. Ele então entrou num ângulo fechado pelas pendentes mais baixas do Meru e passou voando pela cidade de Arusha, que se aconchegava ao pé da montanha. Logo Hennie apontou para frente, e eles viram o brilho branco das muralhas fortificadas do Forte Usa, que se elevava acima do rio. Quando o avião se aproximou, conseguiram ver a bandeira içada sobre a pequena torre central, que balançava na brisa, com a águia imperial preta de duas cabeças da Alemanha sobre o fundo vermelho, amarelo e preto.



O avião passou voando baixo junto às muralhas brancas, e as figuras uniformizadas postadas na muralha olharam para eles lá no alto. Um automóvel do Estado-Maior saiu pelo portão principal e se dirigiu para o terreno aberto junto às margens do rio Usa, deixando para trás uma nuvem de pó. O Graf Otto fez um gesto de satisfação com a cabeça. O veículo era um dos mais recentes modelos de sua própria fábrica. Havia dois homens no assento traseiro.

Atendendo a um pedido do conde, uma faixa de terra paralela à margem do rio havia sido limpa para sua chegada. A terra parecia tão fresca como um campo arado, e as árvores arrancadas se amontoavam desordenadamente nas laterais. Numa das extremidades, flutuava no ar uma biruta na ponta de um mastro alto. O desenho da pista de pouso era exatamente como ele estipulara que devia ser para o coronel Von Lettow Vorbeck. Aterrisou com suavidade e taxiou o Borboleta até onde estava estacionado o automóvel do Estado-Maior. Um oficial alemão uniformizado estava parado junto à porta dianteira aberta do veículo, com um pé no estribo.

Mal o Graf Otto desceu pela escadinha do avião, o oficial se adiantou para lhe dar as boas-vindas. Era um homem alto, magro mas de ombros largos, com uniforme de campanha cinza e quepe tropical coberto de feltro. Usava as insígnias em vermelho e dourado de oficial do Estado-Maior no colarinho e no pescoço a Cruz de Ferro, primeira classe. Seu vasto bigode estava mesclado de cinza, e o olhar era direto e agudo.

— Conde Otto von Meerbach? — perguntou, enquanto o saudava com elegância.
— Sou o coronel Paul von Lettow Vorbeck. — Tinha a voz clara e precisa das pessoas acostumadas a mandar.

— Sim, coronel. Depois de toda a nossa correspondência, estou encantado por conhecê-lo. — O Graf Otto apertou-lhe a mão e examinou atentamente suas feições. Antes de partir de Berlim havia feito uma visita especial ao quartel-general do exército, na avenida Unter Den Linden, onde tivera acesso à folha de serviços de Von Lettow Vorbeck. Era um documento impressionante. Talvez não houvesse nenhum outro oficial de nível equivalente que tivesse estado no serviço ativo por tanto tempo quanto ele. Na China, havia participado da campanha para aniquilar os bôeres. No sudoeste da África alemã, havia lutado sob as ordens de Von Trotha durante seu impiedoso genocídio dos hererós. Sessenta mil homens, mulheres e crianças haviam sido exterminados, mais de metade da tribo. Depois disso, Von Lettow Vorbeck passara a comandar as Schutztruppe de Camarões, antes de ser

nomeado para a mesma tarefa ali, na África Oriental Alemã.

— Coronel, permita-me que lhe apresente a Fräulein von Wellberg.

— Encantado, Fräulein. — Von Lettow Vorbeck voltou a fazer continência, bateu os saltos das botas e fez uma reverência enquanto mantinha aberta a porta do veículo para que Eva se sentasse no assento traseiro. Deixaram que Gustav e Hennie se ocupassem do Borboleta e partiram para o forte.

O Graf Otto foi direto ao que importava. Sabia que o coronel esperava e ia valorizar um enfoque direto.

— Nosso visitante do sul chegou bem, coronel?

— Está à sua espera no forte.

— O que achou? Está à altura de sua reputação?

— É difícil dizer. Não fala nem alemão nem inglês. Só sua língua nativa. Receio que vá ter alguma dificuldade para se comunicar com ele.

— Já tomei providências a respeito disso. Um dos homens que trouxe comigo é africânder. E tem mais: lutou sob as ordens de De la Rey contra os britânicos na África do Sul. Além disso, fala fluentemente o inglês, e sei que o senhor também, coronel. Não teremos problemas para comunicar-nos.

— Excelente! Isso sem dúvida vai facilitar as coisas — disse Von Lettow Vorbeck, assentindo com a cabeça, enquanto atravessavam os portões para chegar ao pátio interno. — Depois dessa viagem, o senhor e Fräulein von Wellberg certamente vão querer tomar um banho e descansar um pouco. O capitão Reitz os levará aos aposentos que foram preparados para os senhores. Às quatro, ou seja, em duas horas, Reitz voltará e o levará à reunião com De la Rey.

Como Von Lettow Vorbeck prometera, precisamente às quatro horas Reitz estava à porta da suíte de hóspedes.

O Graf Otto consultou o relógio.

— Ele é pontual. Está pronta, Eva? — Pontualidade era algo que ele esperava de todo mundo a sua volta, inclusive dela. Olhou-a do alto de sua brilhante cabeça até os pequenos e delicados pés. Ela havia caprichado na aparência e sabia que estava bem.

— Sim, Otto. Estou pronta.

— Ah, o vestido da Fortuny. Cai maravilhosamente bem em você.

Chamou o capitão Reitz, que entrou e os saudou respeitosamente. Atrás dele vinha Hennie du Rand. Usava uma camisa limpa, havia feito a barba e alisara o cabelo com fixador.

— Está muito elegante, Hennie — elogiou Eva. Ele conhecia alemão o suficiente para compreendê-la e ficou ruborizado de prazer sob a pele bronzeada.

— Se está pronto, por favor, siga-me, senhor — disse Reitz, dirigindo-se ao Graf Otto, e eles o seguiram por um corredor de piso de pedra até a escada circular que

levava às muralhas. Ali, no terraço, o coronel Von Lettow Vorbeck os esperava sob um toldo de lona. Estava sentado a uma pesada mesa de teca sobre a qual havia uma variedade de bebidas e refrescos.

Na outra extremidade das muralhas estava uma figura alta, vestida com uma túnica preta e longa. Estava de costas para eles, com as mãos cruzadas atrás. Olhava para o outro lado do rio, para o monte Meru, que se via na neblina ao longe.

Von Lettow Vorbeck se levantou para dar-lhes as boas-vindas e, mal perguntando educadamente sobre o que haviam achado de suas acomodações, olhou para Hennie com interesse.

— Este é Hennie du Rand, o homem sobre quem lhe falei — disse o Graf Otto, apresentando-os. — Esteve sob as ordens de De la Rey. — Ao ouvir seu nome, a figura vestida de preto que estava na extremidade das muralhas voltou-se para eles. Teria uns sessenta anos, e seu cabelo prateado recuara um pouco, deixando à mostra uma testa ampla e redonda; sua pele era branca e suave na parte protegida do sol pelo chapéu. Os cachos que lhe restavam caíam sobre os ombros, salpicando de caspa o tecido escuro da túnica. Sua barba era densa, basta e rebelde. O nariz era grande; a linha da boca, severa e inflexível. Seus olhos fundos eram agudos e fanáticos como os de um profeta bíblico. E mais: levava uma pequena Bíblia na mão direita, que enfiou no bolso da túnica quando se aproximou do Graf Otto.

— Este é o general Jacobus Herculaas de la Rey — apresentou-o Von Lettow Vorbeck, mas, antes que ele chegasse até onde estavam, Hennie correu e caiu sobre um joelho diante dele.

— General Koos! Rogo que me dê sua bênção.

De la Rey parou e o fitou, dizendo:

— Não se ajoelhe diante de mim. Não sou sacerdote e não sou mais general. Sou agricultor. Levante-se, homem! — Depois olhou para Hennie com mais atenção e prosseguiu: — Conheço seu rosto, mas me esqueci de seu nome.

— Du Rand, general, Hennie du Rand. — Hennie sorriu radiante de prazer ao ver que ele o reconhecera. — Estive com o senhor em Nooitgedacht e em Ysterspruit. — Tratava-se de duas das vitórias notáveis que os bôeres haviam obtido na guerra. Em Ysterpruit, as tropas volantes de De la Rey haviam capturado tal quantidade de provisões dos depósitos britânicos que o pequeno exército bôer rejuvenesceu, o que lhes deu vontade e desejo de continuar lutando por mais um ano.

— Ja, eu me lembro. Foi o senhor que nos guiou quando cruzamos o rio depois da luta em Langlaate, quando estávamos cercados pelos soldados. Nessa noite, o senhor salvou o comando. O que está fazendo aqui, homem?

— Vim lhe apertar a mão, general.

— Será um prazer para mim — respondeu De la Rey enquanto ele e Hennie se cumprimentavam. Era evidente a razão por que seus homens o admiravam e o

reverenciavam tanto. — Por que você abandonou a República Livre de Orange, Hennie?

— Porque já não era uma república e já não era livre. Transformaram-na em parte de um Estado estrangeiro chamado Império Britânico — respondeu Hennie.

— Vai ser de novo uma república. Então, vai voltar comigo? Preciso de bons combatentes como você.

Antes que Hennie pudesse responder, o Graf Otto se adiantou:

— Por favor, diga ao general que me sinto profundamente honrado de conhecer um soldado valente e patriota. — Hennie assumiu o papel de intérprete rápida e facilmente, fazendo primeiro as apresentações e depois sentando-se ao lado de De la Rey sob a sombra do toldo.

No início, tanto Von Lettow Verback quanto o general se sentiram tensos e incomodados com Eva na mesa de reunião, e o Graf Otto se desculpou com eles, dizendo:

— Espero que não se incomodem que Fräulein von Wellberg esteja presente em nossas deliberações. Eu respondo por ela. Nada do que se diga aqui hoje sairá com ela, quando se for. Fräulein é uma artista importante. Com sua permissão, cavalheiros, e como lembrança de tão histórico conclave, eu lhe pedi que, enquanto conversamos, ela faça o registro em seus desenhos.

Von Lettow e De la Rey assentiram com a cabeça. Eva lhes agradeceu com um sorriso; em seguida, colocou na mesa seu bloco de desenho e o lápis e começou a trabalhar.

O Graf Otto se voltou para De la Rey e disse:

— O senhor conta com Hennie du Rand para traduzir o que disser, general. O coronel Von Lettow Vorbeck e eu não temos problemas com o inglês, de modo que usaremos essa língua. Espero que o senhor esteja de acordo. — Depois que Hennie fez a tradução, De la Rey inclinou a cabeça, e o Graf Otto continuou: — Primeiro quero lhes mostrar uma carta de apresentação e a autorização do ministro das Relações Exteriores em Berlim. — Colocou-a na mesa.

Hennie a leu em voz alta enquanto De la Rey ouvia atentamente. Então disse:

— Não teria feito uma viagem tão terrível sob o mar se não soubesse quem é o senhor, Graf Otto. A Alemanha foi um aliado incondicional e um bom amigo de meu povo durante a guerra contra os britânicos. Jamais esquecerei isso. Continuo a considerá-los amigos e aliados.

— Obrigado, general. O senhor concede a mim e a meu país uma grande honra.

— Sou um homem simples, Graf. Aprecio as conversações diretas e francas. Diga-me, por que me convidou para vir aqui?

— Apesar da grande coragem e determinação com que lutou, o povo africânder sofreu uma derrota e uma humilhação terríveis. — De la Rey nada disse, mas seus

olhos estavam sombrios e trágicos. O Graf Otto permaneceu em silêncio por um momento. Depois prosseguiu: — Os britânicos são uma nação beligerante e cobiçosa. Apoderaram-se da maior parte do mundo e a dominam, e sua sede de conquista continua insaciável. Embora nós, alemães, sejamos um povo pacífico, também somos orgulhosos e estamos preparados para defender-nos de agressões.

De la Rey ouviu a tradução.

— Temos muita coisa em comum — concordou. — Estávamos dispostos a enfrentar a tirania. Custou-nos muitíssimo, mas eu e muitos como eu não o lamentamos.

— Vêm aí tempos nos quais o senhor talvez seja forçado a tomar essa decisão de novo. Lutar com honra ou capitular com vergonha e desgraça. A Alemanha vai ter de enfrentar a mesma tremenda decisão.

— Parece que o destino de nossos povos está ligado. Mas a Grã-Bretanha é um inimigo temível. Sua marinha é a mais poderosa de todos os mares. Se a Alemanha for obrigada a se opor a ela, qual seria nosso plano de luta? O cáiser enviaria um exército para defender suas colônias na África? — perguntou De la Rey.

— Há visões diferentes sobre isso. A opinião predominante na Alemanha é que nossas colônias devem ser defendidas no mar do Norte e não em seu próprio solo.

— O senhor endossa essa decisão, Graf? O senhor abandonaria suas colônias africanas e seus velhos aliados?

— Antes de responder a essa pergunta, examinemos os fatos. A Alemanha tem duas colônias na África subsaariana ao sul do equador, uma na costa sudoeste e a outra aqui, na costa leste. Ambas estão a milhares de quilômetros da Alemanha e muito distantes uma da outra. Atualmente, a força que as defende é mínima. No sudoeste alemão há cerca de três mil Schutztruppe regulares e sete mil colonos, a maioria dos quais está na reserva do exército ou recebeu treinamento militar. Aqui, na África Oriental Alemã, os números são parecidos — disse o Graf Otto, olhando para Von Lettow Vorbeck. — Tenho razão, coronel?

— Sim, são bem semelhantes. Tenho duzentos e sessenta oficiais brancos e dois mil e quinhentos ascaris sob meu comando. Além disso, há uma base policial de quarenta e cinco oficiais brancos e pouco mais de dois mil policiais ascaris, que ajudarão a defender a colônia se chegar a eclodir uma guerra.

— É uma força lamentavelmente pequena para defender um território tão vasto — assinalou o conde. — Com a marinha britânica dominando os mares ao redor do continente, a possibilidade de reforçar e abastecer esses dois pequenos exércitos seria insignificante.

— É uma perspectiva desalentadora — concordou Von Lettow Vorbeck. — Seríamos forçados a adotar as mesmas táticas de guerrilha que vocês, os bôeres, usaram com tanto sucesso contra eles na África do Sul.

— Tudo isso mudaria completamente se a África do Sul entrasse na guerra ao lado da Alemanha — disse o Graf Otto sem levantar a voz. Tanto ele quanto Von Lettow Vorbeck olhavam atentamente para De la Rey.

— Nada disso é novidade para mim. Também pensei muito sobre esses temas e consultei muitos de meus antigos companheiros de armas. — De la Rey acariciou a barba pensativamente, depois disse: — No entanto, Smuts e Botha se entregaram de corpo e alma aos britânicos. E eles têm grande domínio sobre as rédeas do poder. Um domínio firme, mas não inquebrantável. Grande parte da população sul-africana tem ascendência britânica, e seu coração e lealdade estão com a Grã-Bretanha.

— Qual é a situação do exército sul-africano? — perguntou o Graf Otto. — Quais são os números e quem está no comando?

— Sem exceção, todos os oficiais superiores são africânders e lutaram contra os britânicos — respondeu De la Rey. — Isso inclui Smuts e Botha, que passaram para o lado deles. No entanto, há muitos que não seguiram seu caminho.

— A guerra terminou há quase doze anos — disse Von Lettow Vorbeck. — Muitas coisas mudaram desde então. As quatro antigas repúblicas da África do Sul se fundiram na União SulAfricana. Os bôeres têm duas vezes mais poder do que tinham antes. Vão se conformar com isso ou arriscarão tudo ficando ao lado da Alemanha? Os bôeres não estão cansados da guerra? Agora fazem parte do Império Britânico. Smuts e Botha conseguirão afastar da Alemanha seus antigos companheiros? — Von Lettow e o Graf Otto ficaram esperando que o velho bôer respondesse.

— O senhor poderia ter razão — disse ele finalmente. — Talvez o tempo tenha curado algumas das feridas do Volk africânder, mas as cicatrizes ainda estão lá. No entanto, vou além. Consideremos o exército que existe na África do Sul, a Força de Defesa da União, como se chama agora. É temível, talvez chegue a sessenta mil homens e está bem equipado. É perfeitamente capaz de controlar todo o sul da África, de Nairóbi e Windhoek ao cabo da Boa Esperança. Qualquer governo que domine essa região terá o controle das rotas marítimas e dos portos do continente. Terá sob seu controle os enormes recursos das minas de ouro de Witwatersrand, as minas de diamante de Kimberley e as novas fábricas siderúrgicas e de armamentos do Transvaal. Se a África do Sul arriscasse seu destino unindo-se à Alemanha, a Grã-Bretanha ficaria submetida a um tremendo esforço. Teria de tirar um grande exército da Europa e enviá-lo para recuperar esse país, com o que a marinha do Reino Unido seria forçada ao máximo de sua capacidade para defender e abastecer esse exército. A África do Sul poderia muito bem ser o eixo em torno do qual giraria o resultado dessa guerra.

— Se o senhor decidisse lutar contra os britânicos outra vez, a quem seus antigos companheiros seguiriam? Sabemos que Botha e Smuts apoiariam a Grã-Bretanha, mas o que pode me dizer dos demais antigos chefes dos comandos? Para que lado se

inclinariam Wet, Maritz, Kemp, Beyers e os outros? Seguiriam o senhor ou Botha?

— Conheço esses homens — disse De la Rey em voz baixa. — Lutei com eles e conheço seu coração. Isso foi há muito tempo, mas eles certamente não esqueceram as coisas terríveis que os britânicos fizeram a eles, a suas mulheres, a seus filhos e à terra que amamos. Em meu coração, sei que voltarão a montar e a formar comigo contra o inimigo, e para mim o inimigo continua sendo a GrãBretanha.

— Era isso que eu esperava que dissesse, general. O cáiser e o governo me deram completa autoridade para garantir ao senhor tudo de que precisar em matéria de provisões, armas e dinheiro.

— Precisaremos de todas essas coisas — concordou De la Rey —, especialmente no início, antes de arrancarmos o controle de Botha e de nos apoderarmos dos arsenais do exército e das caixasfortes de segurança do Banco Central de Pretória, onde está o dinheiro.

— Diga-me do que vai precisar, general, que conseguirei para o senhor em Berlim.

— Não precisaremos de comida e uniformes. Somos agricultores e temos nossos cultivos, de modo que podemos nos alimentar. Lutaremos, como fizemos antes, vestidos com a roupa de trabalho. Não precisaremos de armas leves. Cada um de nós tem uma pistola.

— Do que vai precisar então? — insistiu o Graf.

— Para começar, precisarei de cinquenta metralhadoras pesadas e cinquenta morteiros de trincheira, com as respectivas bombas e munição. Digamos um milhão de balas e quinhentas bombas de morteiro. Depois precisaremos de suprimentos médicos... — O Graf Otto anotava rapidamente em seu caderno enquanto De la Rey listava o que pedia.

— Canhões pesados? — sugeriu Von Lettow Vorbeck.

— Não. Nossos primeiros ataques dependerão da velocidade e da surpresa. Se tivermos sucesso, vamos nos apoderar dos arsenais do governo, e a artilharia pesada cairá em nossas mãos.

— Do que mais vai precisar?

— De dinheiro.

— De quanto?

— Dois milhões de libras em soberanos de ouro.

Por um minuto todos ficaram em silêncio ante a enormidade da soma. Então o Graf Otto disse:

— Isso é muito dinheiro.

— Esse é o preço do país mais rico do hemisfério sul. É o preço de um exército de sessenta mil homens treinados e endurecidos pela luta. É o preço da vitória sobre os britânicos. O senhor acha que é realmente muito alto, Graf?

— Não! — disse o conde, sacudindo a cabeça enfaticamente. — Dito dessa

maneira, é um preço razoável. O senhor terá os dois milhões. Garantirei que seja assim.

— Todo o dinheiro e as armas só terão utilidade quando forem entregues em nossas bases na África do Sul.

— Diga-me como faremos que tudo chegue lá.

— Não seria possível passar de contrabando pelos portos principais, como Cidade do Cabo e Durban. O controle aduaneiro é muito rígido. No entanto, a África do Sul tem uma fronteira comum com sua colônia no sudoeste, e a ligação entre elas é feita por uma boa linha de estrada de ferro. Os diretores e empregados da estrada de ferro são quase todos africânders. Podemos confiar em que simpatizarão com nossa causa. Uma rota alternativa poderia ser daqui, da África Oriental Alemã, atravessando o lago Tanganica de barco, até a região de cobre da Rodésia, e daí, indo para o sul, de novo por estrada de ferro.

Von Lettow Vorbeck parecia preocupado ao dizer:

— Levaria semanas ou até meses fazer que os suprimentos chegassem por essas rotas. A cada passo existiria o perigo de que o carregamento fosse descoberto e interceptado pelo inimigo. Seria muito perigoso.

Ambos os homens olharam para o Graf Otto em busca de um plano alternativo.

— Como o senhor poderia fazer chegar até nós esses envios? — perguntou De la Rey. Ficaram todos à espera de uma resposta.

Eva continuava desenhando, imperturbável. Obviamente, não havia acompanhado uma única palavra da conversa, mas o Graf Otto a olhou, depois desviou o olhar para Hennie e franziu ligeiramente o cenho. Permaneceu alguns instantes em silêncio, tamborilando na mesa, mergulhado em profundos pensamentos. Então pareceu ter chegado a uma decisão.

— Isso pode ser feito. Nós o faremos. Dou-lhe minha palavra, general. Entregarei tudo de que precise onde for necessário. Mas, a partir de agora, nosso lema deve ser o segredo. Informarei apenas ao senhor e ao coronel Von Lettow qual o método de entrega que usaremos quando estivermos mais próximos do momento de fazer isso. Nesta etapa, devo lhe pedir que confie em mim.

De la Rey olhou-o com aqueles olhos ardentes de fanático, e o Graf Otto lhe devolveu o olhar com tranquilidade. Finalmente, De la Rey levantou o papel com o timbre da águia que ainda estava na mesa diante dele.

— Esta é a garantia de seu cáiser e seu governo. Não é um incentivo suficiente para me convencer a conduzir meu povo ao holocausto mais uma vez.

O Graf Otto e Von Lettow continuaram olhando para ele sem dizer nada. Todo o plano parecia estar a ponto de fracassar.

Então De la Rey continuou:

— O senhor me deu outra garantia, Graf. O senhor me deu sua palavra. Sei que o

senhor é um homem que moveu grandes montanhas. Suas conquistas são lendárias. Sei que é um homem que nem sequer admite a possibilidade de fracasso. — Interrompeu-se outra vez, talvez para organizar as ideias. — Sou um homem humilde, mas tenho um único orgulho. Sinto orgulho de minha capacidade de julgar os cavalos e os homens. O senhor me deu sua palavra, e agora lhe dou a minha. No dia em que o açoite da guerra se estender outra vez pela África, estarei pronto para o senhor com um exército de sessenta mil combatentes atrás de mim. Dê-me a mão, Graf. A partir deste momento, sou seu aliado até a morte.

Durante os quatro últimos dias, do amanhecer ao anoitecer Leon Courtney havia voado com o Besouro à altura da copa das árvores por toda a vasta savana. Manyoro e Loikot iam na parte da frente da cabine, alertas como abutres no ar, olhando e buscando. Haviam encontrado muitos leões, provavelmente mais de duzentos, fêmeas e filhotes, machos jovens e velhos solitários sem dentes. Mas Kichwa Muzuru lhes tinha dito: "Deve ser grande, com a juba tão preta como o cão do inferno". Até esse momento, não haviam encontrado nenhum animal que se aproximasse dessa descrição.

No quarto dia Manyoro sugeriu que se cancelasse a busca em terra massai para voar até o distrito da fronteira norte, aos territórios selvagens entre o lago Turkana e Marsabit.

— Lá encontraremos leões debaixo de cada acácia. Leões suficientemente grandes e ferozes para deixar contente até Kichwa Muzuru.

Loikot se opusera energicamente a essa sugestão. Ele havia falado a Leon da existência de dois leões legendários que dominavam um território imenso entre o lago Natron e a escarpa ocidental do vale da Grande Fenda.

— Conheço bem esses leões. Muitas vezes os vi, durante os anos em que cuidei dos rebanhos de meu pai. São gêmeos, irmãos nascidos da mesma leoa no mesmo dia. Isso foi na estação das pragas de gafanhotos, há onze anos, quando eu era apenas um garoto. Ano a ano os vi crescer em tamanho, força e audácia. Agora estão na flor da idade. Não há na região nenhum outro leão que se compare a eles. Mataram cem cabeças de gado, talvez mais — dissera Loikot. — Mataram dezoito moranis que saíram para caçá-los. Nenhum homem foi capaz de enfrentar sua ferocidade e astúcia. Alguns moranis acreditam que eles são leões fantasmas que se transformam em gazelas ou em pássaros quando percebem a aproximação de caçadores que os perseguem.

Manyoro havia zombado, revirando os olhos e levando o dedo à testa para dizer que Loikot estava maluco. Mas Leon o apoiara, por isso nos últimos dias haviam explorado a vasta pradaria marrom. Viram imensas manadas de búfalos e inúmeras presas menores das planícies, mas os leões ou eram muito jovens ou muito velhos, não serviam para a lança.

Naquela noite, sentado ao redor do fogo, Loikot tentava manter o entusiasmo.

— Garantolhe, M'bogo, esses dois são os chefes máximos de todos os leões do vale. Não há outro maior, mais feroz ou mais astuto. São eles os leões que Kichwa Muzuru nos mandou buscar.

Manyoro tossiu e cuspiu no fogo. Ficou olhando o montinho da cusparada que borbulhava nas chamas e então deu sua opinião:

— Durante muitos dias ouvi essa sua história, Loikot. Há uma parte dela em que cheguei a acreditar: que esses leões de que você fala podem mudar de forma e se transformar em pássaros. É isso que devem ter feito. Eles se transformaram em pequenos pardais e saíram voando. Acho que devíamos deixar esses leões pássaros de lado e ir para Marsabit para encontrar um de verdade.

Sentindo-se afrontado, Loikot cruzou os braços no peito e olhou com altivez para Manyoro, afirmando:

— Estou lhes dizendo que os vi com meus próprios olhos. Eles estão aqui. Se ficarmos, vamos encontrá-los.

Ambos olharam para Leon buscando uma decisão.

Enquanto coava o café em sua caneca e depois jogava a borra no fogo, Leon avaliou a situação. O combustível do Besouro já estava baixo, o que tinham só dava para mais um ou dois dias. Se continuassem indo para o norte, teriam de levar os suprimentos por terra. Isso ia requerer mais dias, e o Graf Otto não era um homem paciente.

— Só mais um dia, Loikot. — Havia tomado a decisão. — Veja se encontra essas bestas até amanhã, ou nós as deixaremos de lado e iremos para Marsabit.

Levantaram voo ao amanhecer e retomaram a busca do ponto em que haviam parado na tarde anterior. Uma hora depois, a trinta quilômetros da pista de pouso do Acampamento Percy, Leon descobriu uma grande manada de búfalos que voltavam pela savana da margem do lago onde estavam bebendo água. Devia haver mais de mil animais. Os grandes machos iam agrupados na frente, com as fêmeas, os novilhos e os outros animais jovens esparramados por quase dois quilômetros atrás deles. Leon se dirigiu para lá. Sabia que as manadas de leões seguiam esses grandes grupos de animais para escolher os mais fracos e errantes.

De repente, na parte da frente da cabine, Loikot começou a fazer sinais aflitos com as mãos, e Leon se inclinou para frente para ver o que o deixara excitado. Dois búfalos haviam se separado da manada principal e estavam a uns quatrocentos metros atrás dela. Estavam atravessando uma clareira de mato alto e dourado, caminhando juntos. Apenas se viam seus lombos acima do mato, e Leon calculou que se tratava de machos pesados e de corpo preto, mas eram jovens, e se perguntou por que Loikot estava fazendo aquele estardalhaço.

Então, observou-os melhor. Os dois saíam do mato alto para seguir pela pradaria,

mais baixa, aberta, e Leon sentiu que cada nervo de seu corpo se retesava. Não eram búfalos, mas leões. Nunca havia visto leões daquele tamanho ou cor. O sol da manhã estava atrás deles, o que destacava ainda mais seu passo majestoso e imponente. Sua juba era de um preto acentuado e tão basta que balançou quando levantaram a cabeça para ver o avião que se aproximava.

Leon desacelerou os motores e deixou que o Besouro descesse até que as rodas do trem de pouso passassem roçando o chão. Ao ir na direção dos leões, eles inflaram a juba e sacudiram o rabo de tufo preto na ponta, batendo com ele nos flancos, em crescente agitação. Um deles se achatou no chão para se esconder no mato baixo, enquanto o outro dava meia-volta e saía num trote pesado e rítmico em direção a uma área de densos arbustos à beira do campo aberto. Leon voou baixo sobre o animal que estava agachado e enfrentou seu olhar amarelo, implacável. Depois continuou, com os motores rugindo, na direção do segundo. Quando ouviu o avião se aproximar, ele se pôs a galope, mexendo os ombros cobertos pela juba e com a barriga balançando, cheia da carne de alguma presa. Outra vez girou a enorme cabeça coberta com a grande juba para grunhir para Leon, que passava veloz acima dele.

Leon pôs o avião numa subida tranquila e se dirigiu para a pista de aterrissagem do acampamento. Seriam vinte minutos de voo, e ele precisava aterrissar para preparar um plano de ação com os massais. Manyoro parecia ter esquecido sua oposição a continuar a busca; batia os pés no chão e ria com a mesma incontinência de Loikot.

— Esses leões são uma boa razão para toda essa alegria, Graf Otto von Meerbach. Melhor o senhor começar a afiar sua assegai. Vai precisar dela. — Leon ria. Ficou tentado a voltar para dar mais uma olhada naqueles magníficos animais, mas sabia que não seria prudente molestá-los de novo. Se eram tão astutos e cuidadosos como Loikot dissera, isso poderia fazê-los sair da savana coberta de mato e ir para os bosques dos declives, onde seria muito mais difícil encontrá-los.

"Vamos deixá-los em paz", pensou. "Que fiquem por aqui tranquilos, até que venha o louco do Von Meerbach para dar conta deles."

Quando Leon aterrissou e taxiou o Besouro pela pista de aterrissagem do Acampamento Percy, os dois massais ainda estavam comemorando a descoberta. Quando desligou os motores, Loikot gritou com alegria:

— Não lhe disse, Manyoro? — E continuou: — Sim, eu lhe disse. Mas você acreditou em mim, Manyoro? Não, não acreditou.

De nós dois, quem é estúpido e teimoso? Sou eu, Manyoro? Não! Não! Qual de nós é o grande caçador e o melhor rastreador de leões? É você, Manyoro? Não, é Loikot. — Fez uma pose nobre e heroica, enquanto Manyoro cobria o rosto com as mãos, fingindo desgosto.

— Você é o maior e mais bonito rastreador da África, Loikot — interrompeu-o Leon —, mas agora tenho trabalho para você. Você precisa voltar lá e ficar com seus leões até que eu possa levar Kichwa Muzuru para a caçada. Deve segui-los de perto, mas não muito, para não os assustar e não deixar que fujam.

— Conheço esses leões. Não vão escapar de mim — jurou Loikot. — Tenho os dois em meus olhos.

— Quando eu voltar e você ouvir o barulho dos motores, acenda um fogo com muita fumaça. Isso me ajudará a localizá-lo.

— Terei os leões em meus olhos e o barulho de seus motores em meus ouvidos — gabou-se Loikot.

Leon então se dirigiu a Manyoro.

— Quem é o chefe da área onde encontramos os leões hoje?

— Ele se chama Massana, e sua manyatta fica em Tembu Kikuu, o lugar do Grande Elefante.

— Você deve ir procurá-lo, Manyoro, e dizer-lhe que há uma recompensa de vinte cabeças de gado para cada um de seus leões. Mas diga-lhe que vamos levar um mzungu, que os caçará do modo tradicional. Massana deve reunir cinquenta de seus moranis para a caçada, mas quem o matará será Kichwa Muzuru, apenas ele.

— Eu entendo, M'bogo, mas não acho que Massana vá entender. Um mzungu, caçar um leão com uma assegai? Isso é algo que nunca se viu. Massana vai pensar que Kichwa Muzuru está louco.

— Manyoro, você e eu sabemos que Kichwa Muzuru está realmente tão louco quanto um antílope com vermes no cérebro. Mas diga a Massana que não se preocupe com o estado da cabeça de Kichwa Muzuru. Diga-lhe que pense mais nas vinte cabeças de gado. O que acha, Manyoro? Massana vai nos ajudar com a caçada?

— Por vinte cabeças de gado Massana venderia as quinze esposas e todas as filhas juntas, e quem sabe até a própria mãe. É claro que vai nos ajudar.

— Há algum lugar próximo a sua manyatta onde se possa aterrissar o avião? — perguntou Leon.

Manyoro coçou o nariz pensativamente antes de responder:

— Há uma bacia de sal seca perto da aldeia. É plana e não tem árvores.

— Mostre-a para mim — pediu Leon. Levantaram voo de novo, e Manyoro o guiou até o local.

Era uma grande extensão, bem plana e de um branco deslumbrante, claramente visível de muitos quilômetros de distância. Ao se aproximarem, viram uma pequena manada de antílopes ônix galopando por ela, e Leon ficou aliviado ao notar que suas patas não quebravam a crosta branca. Algumas dessas bacias eram armadilhas mortais. Quase sempre debaixo da crosta frágil se escondia um barro grosso e sem

fundo, mole como purê e pegajoso como cola. Com cuidado, fez o Besouro descer, deixando que as rodas tocassem a superfície, pronto para subir de novo se sentisse que o barro chegava ao trem de pouso. Sentindo que o chão suportava o peso do avião, ele o fez parar. Taxiou-o até a extremidade da bacia e manobrou, deixando-o na posição de decolar, mas não desligou os motores.

— A que distância daqui fica a manyatta? — gritou para Manyoro.

— É perto. — Manyoro apontou para frente. — Alguns moradores já vêm vindo.

— Um grupo de mulheres e crianças vinha correndo na direção deles através das árvores.

— E a que distância fica o lugar onde deixamos os leões, hein, grande caçador? — perguntou a Loikot. O massai desenhou com a lança uma linha no céu, indicando uma passagem do sol de duas horas. — Bem, então estamos perto da manyatta e dos leões. Vocês dois ficarão aqui, atentos a minha volta. Kichwa Muzuru virá comigo.

Leon deixou os dois massais na salina e decolou de novo. Deu mais uma volta pela bacia antes de voltar a Nairóbi. Os massais acenaram para ele com a mão e em seguida se separaram. Loikot se afastou trotando para descobrir as pegadas dos leões, e Manyoro foi ao encontro das mulheres da aldeia de Massana.

Enquanto Leon iniciava as manobras de aproximação do campo de polo de Nairóbi, procurava ansiosamente o Borboleta. Tinha receio de que o Graf Otto pudesse ter saído em outra de suas misteriosas e imprevisíveis excursões a algum território selvagem para só voltar vários dias depois, o que poderia fazer que Leon perdesse o contato com as presas.

— Graças ao Senhor por isso! — exclamou, ao descobrir a chamativa forma vermelha e preta do Borboleta estacionada no hangar, na extremidade mais distante do campo. Gustav e seus ajudantes estavam trabalhando nos motores. No entanto, não havia sinais do veículo de caça, e assim, em vez de pousar, Leon deu uma volta sobre o Acampamento Tandala e o descobriu estacionado diante do alojamento do Graf Otto. Leon deu outra passada sobre o acampamento, e o Graf Otto saiu de sua barraca de peito nu, vestindo uma camisa.

Leon sentiu uma pontada aguda de ciúme e ressentimento. "Com certeza, Eva está ali com ele", pensou. "Ela precisa ganhar a vida." A ideia lhe deu certo mal-estar. O Graf Otto acenou rapidamente para ele e depois se dirigiu ao veículo de caça. Leon levou o Besouro até o campo de polo, mas o sabor da raiva e do ciúme era forte e permaneceu em sua boca.

"Controle-se, Courtney! Você sabe que Eva von Wellberg não é uma vestal. Ela tem estado sob o mosquiteiro com ele todas as noites desde que chegaram", disse para si mesmo quando se preparava para aterrissar. Enquanto manobrava o avião por sobre o limite da pista, seu coração se sobressaltou ao vê-la sentada diante do cavalete à sombra da asa quadriculada do Borboleta. Até esse momento não

conseguira vê-la, porque a fuselagem a encobria. Parecia ridículo, mas ele se sentiu aliviado ao perceber que o Graf Otto estava sozinho em seus aposentos.

Quando pôs a aeronave em terra e taxiou até o hangar, Eva se levantou rapidamente do cavalete e se dirigiu impulsivamente na direção dele. Até conseguiu ver a distância a alegria de seu sorriso. Em seguida ela percebeu que Gustav a estava olhando, então se controlou e começou a andar de modo mais contido. Ficou atrás quando ele colocou a escadinha contra a fuselagem para que Leon descesse. Enquanto fazia isso, ele a olhou por cima da cabeça dos outros homens e viu que ela estava inquieta e nervosa. Estava acostumado com seu jeito sereno e tranquilo, mas nesse momento era como uma gazela sentindo o cheiro de um leopardo caçador no nariz. Sua agitação o deixou perturbado, mas ele conseguiu dissimular seus sentimentos o suficiente para inclinar a cabeça na direção dela com tranquilidade.

— Bom dia, Fräulein — disse Leon cortesmente e depois voltou-se para Gustav. — O motor número dois de estibordo está fazendo barulho e soltando uma fumaça azul pelo escapamento.

— Vou verificá-lo imediatamente — respondeu Gustav e chamou seus ajudantes.

Quando sua cabeça sumiu sob a tampa do motor, Leon e Eva ficaram sozinhos.

— Aconteceu algo com você... alguma coisa mudou — disse ele em voz baixa. — Você está diferente, Eva...

— E você é perspicaz. Tudo mudou.

— O que houve? Algum problema com o Graf Otto?

— Com ele, não. É uma coisa entre você e mim.

— Problema? — perguntou, olhando-a nos olhos.

— Não há problema. É exatamente o contrário. Tomei uma decisão — sussurrou, e séria, mas logo sorriu.

Seu sorriso era a coisa mais bonita que ele já vira.

— Não estou entendendo — confessou ele.

— Nem eu, Texugo.

O fato de ela ter usado esse apelido foi demais para ele. Deu um passo na direção dela e estendeu a mão. Ela recuou bruscamente.

— Não, não me toque. Não estou certa de que não farei algo estúpido — disse ela, apontando para o veículo de caça que vinha na direção deles. — Ah, aí vem Otto. Devemos ter cuidado.

— Não posso continuar assim por mais tempo.

— Nem eu — respondeu Eva. — Mas por ora devemos nos manter longe um do outro. Otto não é nenhum bobo. Vai perceber que houve algo entre nós. — Virou-se e foi até onde estava Gustav, equilibrando-se sobre uma asa, olhando com atenção para o lugar onde estava o motor.

Ao atravessar com o veículo o portão da cerca, o Graf Otto gritou:

— Então você voltou, Courtney. Esteve ausente por muito tempo. Onde esteve? Na Cidade do Cabo? No Cairo?

A breve troca de palavras com Eva havia deixado Leon com um humor efervescente e imprudente.

— Não, senhor. Estava buscando seu maldito leão.

O Graf Otto notou o ar alegre de Leon, e seu próprio rosto se iluminou. A cicatriz do duelo ficou rosada ante a expectativa. Desceu de um salto e fechou a porta com força.

— Você o encontrou?

— Não teria voltado se não tivesse encontrado.

— E ele é grande?

— É o maior leão que já vi, mas parece que o outro é ainda maior.

— Como assim? Quantos leões há?

— Dois – informou Leon. — Duas bestas enormes.

— Quando podemos ir atrás deles?

— Assim que Gustav terminar de revisar o motor do Besouro.

— Não vou conseguir esperar tanto. Os tanques do Borboleta estão cheios, todos os equipamentos estão a bordo, e ele está pronto para partir. Sairemos agora! Imediatamente!

O Graf Otto estava no comando do Borboleta quando decolaram da pista de aterrissagem do Acampamento Percy, onde haviam parado para reabastecer o avião de combustível depois do voo de Nairóbi. Iam rumo ao sudoeste, para a manyatta de Massana. Eva ia sentada ao lado dele, Ishmael estava acomodado no chão ao lado do inseparável volume dos trens de cozinha, enquanto Leon, Gustav e Hennie se amontoavam na parte da frente da cabine.

Fazia pouco mais de vinte e cinco minutos que estavam voando quando Leon divisou a bombordo uma coluna de fumaça que se elevava pelo calmo calor do meio-dia.

— Loikot! — Leon sabia que era ele, mesmo antes de ver a figura magra de pé ao lado da fogueira fumegante. Loikot agitava sua shuka para assegurar-se de que o haviam visto e então apontou a lança na direção do perfil irregular de uma pequena elevação não longe dali. Estava indicando a localização da presa.

Rapidamente, Leon avaliou a nova situação. Os deuses da caça haviam sido amáveis com eles. Durante sua ausência, os leões deviam ter-se deslocado, indo na direção da manyatta de Massana. Nesse momento, estavam muito mais perto dela do que quando eles os tinham visto da primeira vez. Leon olhou para a distante escharpa da Grande Fenda para se orientar e logo reconheceu a forma fantasmagórica da bacia de sal na qual havia deixado os dois massais fazia apenas três dias. Era um ponto quase equidistante entre a manyatta e a colina onde os leões estavam nesse

momento. "Não podia ser melhor!", pensou, contente, e recuou para onde pudesse falar com Graf Otto acima do ruído dos motores.

— Loikot fez sinais indicando que os leões estão entre as pedras daquela pequena elevação.

— Qual o lugar mais próximo onde eu posso pousar?

— Está vendo aquela salina? — Leon apontou. — Pouse ali embaixo, pois assim ficaremos perto da presa e da aldeia onde os moranis estão reunidos para a caçada.

A manyatta de Massana era maior que a maioria das outras do vale. Umas cem ou mais choças grandes estavam distribuídas num amplo círculo ao redor do curral do gado. O Graf Otto voou em volta da aldeia a baixa altura. Uma multidão de gente se reunira no curral central. Embora Leon não tivesse conseguido ver Manyoro entre o amontoado de figuras envoltas em shukas, era óbvio que fizera bem seu trabalho e convencera Massana a reunir seus moranis para a caçada. Certo de que estava tudo pronto para eles, Leon pediu ao Graf Otto que dirigisse o Borboleta para a salina. Aterrissou e taxiou até a linha de árvores da borda oeste antes de desligar os motores.

— Acamparemos aqui por algum tempo — informou Leon — pois assim ficaremos mais confortáveis até a chegada dos moranis.

Todo o equipamento necessário fora carregado no depósito do Borboleta. Leon não levou muito tempo para instalá-lo. Colocou as barracas na sombra, sob as asas do avião. Ishmael preparou sua cozinha e acendeu o fogo a uma distância segura da aeronave, e logo estava servindo café e biscoitos de gengibre.

Leon jogou fora a borra de café de sua caneca e olhou para o céu para calcular a hora.

— Loikot chegará aqui a qualquer momento — disse ao Graf Otto, e mal acabara de dizer isso Loikot apareceu trotando por entre as árvores.

Leon saiu da sombra e caminhou até a luz do sol para recebê-lo. Estava desesperadamente ansioso para ouvir as notícias de Loikot, mas sabia que não podia apressá-lo. Quanto mais importantes eram as notícias, mais tempo levava Loikot para relatá-las. Primeiro cheirou um pouco de rapé, de pé numa perna só e apoiado na lança. Logo concordaram em que três dias haviam se passado desde que tinham se visto da última vez, que fazia muito calor nessa época do ano e que talvez fosse chover antes de o sol se pôr, o que seria bom para as pastagens.

— Bem, Loikot, poderoso caçador e rastreador intrépido, onde estão seus leões? Ainda os tem nos olhos?

Loikot sacudiu a cabeça num gesto lúgubre.

— Você os perdeu? — perguntou Leon, zangado. — Deixou que escapassem?

— Não! É verdade que o leão menor desapareceu, mas ainda tenho o grande em meus olhos. Eu o vi não faz mais de duas horas. Está sozinho, continua lá na

elevação que lhes indiquei antes, colado no chão para fugir do calor.

— Não devemos lamentar o desaparecimento do outro — consolou-o Leon. — Será mais fácil lidarmos com um leão só. Dois poderiam ser demais.

— Onde está Manyoro? — perguntou Loikot.

— Depois que deixamos você, voamos sobre a manyatta de Massana. Os caçadores moranis se reuniram lá, mas já devem estar a caminho para juntar-se a nós. A manyatta não é longe. Devem chegar aqui logo.

— Vou continuar vigiando meu leão — disse Loikot. — Quando escurecer, pode ser que ele se afaste muito. Voltarei amanhã bem cedo.

Ainda faltavam duas horas para o pôr do sol quando ouviram o canto e viram gente que vinha da floresta aberta na direção em que estavam acampados, à beira da salina. Manyoro os guiava, seguido por uma longa fila de moranis vestidos com todas as galas da caça, carregando escudo e assegai.

Seguiam-nos centenas de homens, mulheres e crianças. Pessoas de todas as manyattas numa área de oitenta quilômetros haviam se juntado e estavam ali. Como um bando de lindos passarinhos, as moças solteiras rodeavam o regimento de moranis solteiros. Quando o sol se pôs, aquela aglomeração de seres humanos acampou ao redor do Borboleta, saturando o ar com a fumaça das fogueiras. O entusiasmo crescia, e as cantorias e risos de alegria dos jovens prosseguiram durante toda a noite.

Na manhã seguinte, antes do amanhecer, Loikot voltou de sua missão exploratória. Informou que, à luz da lua, o leão havia caçado uma jovem fêmea cudo e ainda estava comendo a carne do animal.

— Ele não vai abandonar a presa — disse Loikot com convicção.

Os caçadores esperaram o sol com uma expectativa cada vez maior. Estavam sentados ao redor das fogueiras, enfeitando-se e arrumando o cabelo, afiando as assegais e ajustando as alças dos escudos. Quando os primeiros raios de sol iluminaram os despenhadeiros da escharpa, o chefe da caçada fez soar um apito para avisar que ela ia começar. Deixaram de lado as mantas com que se cobriam e entraram em formação de acordo com sua hierarquia no chão de sal. Começaram a dançar e cantar, no início em voz baixa, mas, à medida que a emoção crescia, com um entusiasmo cada vez maior.

As jovens formaram uma roda em volta deles. Começaram a gritar, batendo com os pés no chão, requebrando, aplaudindo e sacudindo a cabeça. Sacudiam ligeiramente os peitos e balançavam o traseiro carnudo e redondo, provocando os homens. Osmoranis começaram a suar enquanto dançavam. Seus olhos adquiriram um brilho que era uma mistura de sangue com excitação sexual.

De repente, o Graf Otto apareceu, vindo da barraca que havia sido montada na sombra das asas do Borboleta, e se dirigiu à salina. Os moranis explodiram num

rugido ao vê-lo vestindo a shuka tribal vermelha. O saiote estava ajustado à cintura, com o rabo jogado sobre um ombro. Estava nu da cintura para cima, exibindo a pele branca como a asa de uma garça. Os pelos do peito e dos braços brilhavam como fios de cobre. Tinha os ombros e o peito largos, os membros musculosos e duros, mas o ventre, meio arredondado, começava a murchar com a idade e a boa vida.

As garotas gritavam, riam e se abraçavam em ataques de gargalhadas. Nunca haviam imaginado que um mzungu branco fosse usar vestimentas tribais. Correram para junto dele e se reuniram a seu redor, rindo. Tocavam sua pele leitosa e acariciavam, espantadas, seu pelo vermelho. Então o Graf Otto começou a dançar. As moças deram um passo atrás e logo deixaram de rir. Aplaudiam, marcando o ritmo para ele, e o incentivavam com gritos frenéticos, excitados.

O Graf Otto até que dançou com muita graça para um homem de seu porte. Saltava alto, girava, batia os pés no chão e investia contra o ar com sua assegai na mão direita. Fez floreios com o escudo de couro cru que levava no ombro esquerdo. As moças mais bonitas e atrevidas se revezavam para se adiantar e fazer par com ele para dançar. Esticavam o pescoço comprido como uma grua, fazendo soar as contas dos colares que o adornavam. Seus seios estavam lustrosos de graxa e ocre avermelhado, e a cada salto com as pernas esticadas davam pulinhos provocantes. O ar estava cheio de pó, que com as batidas de seus pés descalços se elevava do chão, denso com o cheiro de suor e carregado de lascívia e perspectiva de sangue e morte.

Leon, encostado na fuselagem do Borboleta, tinha a atenção concentrada naquela demonstração de entrega primitiva. No entanto, quase à distância de um braço de onde ele ficou parado, Eva estava sentada na asa do Borboleta, com as pernas penduradas. Do ângulo em que estava, podia observar seu rosto sem dar demonstração disso. Eva não exibia nele mais do que uma ligeira diversão com aquilo. Uma vez mais Leon admirou sua habilidade de esconder completamente seus verdadeiros sentimentos.

O Graf Otto era seu homem, e era evidente que ela era sua mulher; no entanto, ele estava participando de um ritual ostensivamente sexual com dúzias de jovens núbeis seminuas e em frenesi. Se ela se sentiu rebaixada ou insultada por seu comportamento grosseiro, não deixou que isso transparecesse, mas Leon estava furioso em nome dela.

Quase como se pudesse sentir seus olhos nela, Eva olhou para ele. Sua expressão estava serena, e os olhos, reticentes, não denunciavam nada. Depois, quando seus olhares se encontraram, ela deixou que ele enxergasse dentro dos lugares secretos e bem guardados de sua alma. Foi tão evidente o amor refletido no brilho de seus olhos violeta que ele ficou sem fôlego. De repente, Leon tomou consciência da mudança que tomara conta deles. Sem importar o que havia se passado antes, agora estavam comprometidos. Nada nem ninguém importava. Olhando-se nos olhos,

trocaram votos silenciosos e irrevogáveis.

O momento se rompeu pelo som de um apito e um tremendo grito dos moranis. Os caçadores entraram em formação, organizando-se em colunas. Loikot tomou seu lugar na frente para guiá-los até onde estava a presa. Sempre cantando a canção do leão, os moranis o seguiram, serpenteando através das árvores com o corpo branco do Graf Otto no meio deles. Os espectadores iam juntos atrás deles. Gustavo e Hennie foram tragados e arrastados pela multidão.

Leon e Eva ficaram sozinhos. Ele foi até onde ela estava sentada, na asa do avião.

— Se quisermos estar presentes no momento em que ele for matar a presa, devemos apressar-nos.

— Ajude-me — disse ela. Levantou os braços e se inclinou para ele, que a tomou pela cintura estreita; ao colocá-la no chão, ela apertou seu corpo contra o dele por um instante. Ele sentiu seu perfume e a calidez de seu ventre no dele. Eva leu em seus olhos e sentiu, através da roupa, a dureza entre suas pernas. — Eu sei, Texugo. Sei muito bem como se sente. Eu sinto o mesmo. Mas devemos ter paciência por mais um tempo. Logo! Logo! Eu lhe prometo.

— Oh, Deus meu! — gemeu ele. — Oxalá... Otto. O leão. Oxalá...

Os olhos dela se encheram de um medo real.

— Não, não diga isso. — Encostou um dedo nos lábios dele. — Não deseje isso, pois nos traria a pior sorte possível. — Ela retirou a mão de seu rosto, e ele viu que Manyoro havia se aproximado em silêncio e estava junto dele. Tinha o rifle Holland em uma das mãos e a bandoleira de munições na outra.

— Obrigado, meu irmão — disse Leon ao pegar a arma.

— O Graf Otto disse que não deveria haver armas de fogo nesta caçada — lembrou Eva.

— Você pode imaginar o que pode ocorrer se ele ferir esse leão e ele se lançar contra toda essa gente? — perguntou Leon com ar severo. — Uma coisa é fazer um pacto com o diabo, e outra bem diferente é incluir no trato um punhado de mulheres e crianças. — Abriu a culatra do rifle e, enquanto o carregava com dois pesados cartuchos de bronze, perguntou a Eva: — Você consegue correr com essa saia e as botas?

— Sim.

— Então, vamos ver como faz isso. — Ele a tomou pelo braço e os dois correram para trás da coluna de moranis que se afastava rapidamente da multidão de espectadores.

Leon ficou surpreso por ela ter conseguido manter o ritmo. Levantou a longa saia de gabardine até acima das botas, que iam até os joelhos, e correu como uma gazela fêmea excitada. Ele a segurava pelo braço para ajudá-la a enfrentar as dificuldades do terreno e a empurrou para cima na subida do barranco íngreme de um leito seco

de rio. Passaram pelos retardatários e alcançaram o grupo principal de caçadores; não estavam longe dos guerreiros mais adiantados quando o chefe da caçada soprou seu apito novamente. Os moranis se movimentaram calmamente para sua formação de batalha denominada chifres gêmeos.

— Eles viram o leão. — Leon estava arfante pelo esforço.

— Como sabe? Consegue vê-lo? — perguntou Eva quase sem fôlego.

— Daqui não, mas eles o estão vendo. A julgar pelo modo como estão se mexendo, ele deve estar deitado no matagal, ao pé da elevação. — Apontou para um amontoado de pedras misturadas com o mato de folhas prateadas.

— Onde está Otto? — Ela tentava recuperar o fôlego e se apoiou nele por um momento para descansar. Sua testa estava úmida e brilhante da transpiração, e ele estava encantado com seu cheiro cálido e feminino.

— Está no meio de tudo. Em que outro lugar poderíamos esperar que ele estivesse? — Leon apontou para a forma pálida que se destacava na primeira fila de guerreiros escuros que se fechava como um punho ao redor da elevação rochosa.

— Está conseguindo ver o leão? — O tom da voz de Eva era de angústia.

— Não. Teremos de aproximar-nos mais. — Segurou-a pelo braço, e puseram-se a correr outra vez. A primeira linha de moranis estava a não mais de cento e cinquenta passos à frente deles quando Leon se deteve repentinamente. — Oh, Deus meu! Ali está! Ali está o leão — disse, apontando-o com o dedo.

— Onde? Não consigo vê-lo.

— Ali, naquele terreno alto. — Pôs um braço em volta dos ombros dela e mudou-a de posição para ver o animal. — Aquela coisa preta grande em cima da pedra mais alta. É ele. Escute! Os moranis o estão desafiando.

— Não consigo ver... — Nesse momento o leão se levantou e sacudiu a juba. Ela ficou sem ar. — Eu o estava vendo. Não imaginei que fosse tão grande. Pensei que fosse uma pedra gigantesca.

O leão balançou a enorme cabeça de um lado para outro enquanto observava a multidão de inimigos que o rodeava. Grunhiu e mostrou os dentes. Mesmo àquela distância em que estavam, viam claramente o brilho de marfim de suas presas e ouviam os repetidos grunhidos. Então, ele abaixou a cabeça e encolheu as orelhas ao descobrir a mancha clara como a lua do corpo de Otto von Meerbach no meio das filas de guerreiros. Ele tinha sido afastado de sua própria presa e estava zangado. Não precisava de mais provocação além da visão daquele corpo estranho. Grunhiu outra vez e em seguida se lançou ao ataque, descendo aos saltos pelo lado da elevação, diretamente contra o Graf Otto. Um grito de desafio se elevou de entre as filas dos moranis, e eles se puseram a bater nos escudos como se fossem tambores, acossando o leão. Quando chegou ao pé da pendente, ele se achatou no chão por causa da velocidade e do ímpeto da corrida, arrastando-se lentamente pela terra,

levantando poeira com as enormes garras e grunhindo a cada passo.

Sem vacilar um momento, o Graf Otto levantou o escudo e o segurou no alto enquanto avançava para enfrentar a grande fera. Leon e Eva pararam de repente e, com a sensação de algo inevitável, viram o que estava ocorrendo. Eva agarrou a mão de Leon, e ele sentiu que suas unhas se enterravam em sua carne, fazendo-a sangrar.

— A besta vai matá-lo! — sussurrou ela, mas no último instante o Graf Otto se moveu com a precisão e a coordenação de um verdadeiro atleta. Caiu sobre um joelho e se cobriu com o escudo de guerra de couro cru. Ao mesmo tempo, levantou a assegai na mão direita e virou a ponta para o leão, que atacava. A fera a recebeu no meio do peito, e ela penetrou em todo o seu comprimento e tão profundamente que a mão direita do Graf Otto, que segurava a empunhadura, ficou mergulhada no montão de pelo preto e áspero da juba, e o coração do leão foi atravessado pelo aço afiado como navalha. Suas mandíbulas se escancararam quando ele rugiu, e de sua garganta saiu um jato de sangue brilhante que borrifou a cabeça e os ombros de Otto von Meerbach. O leão foi atirado para trás com a lança ainda cravada no coração e cambaleou em círculo, caindo sobre o mato com as quatro patas estremecendo no ar. Foi uma caçada perfeita.



O Graf Otto puxou o escudo para o lado e se levantou de um salto, urrando triunfalmente, girando numa dança de derviche, com o rosto contorcido sob o brilho da camada de sangue do leão. Uma dúzia de moranis se adiantou para atravessar com as lâminas das assegais o corpo morto. O conde os enfrentou, urrando de modo possessivo, para mantê-los longe de sua presa. Ele próprio arrancou a lança do corpo do leão e a agitou diante dos guerreiros que se amontoavam para se aproximar; ele os fez recuar, gritando em sua cara, enquanto batia no peito com os punhos, como uma fera, e os ameaçava, de lança levantada. Eles lhe devolviam os gritos furiosamente, batendo nos escudos com as lanças, como se fossem tambores. Estavam exigindo compartilhar sua glória, seu direito de lavar sua lança no sangue do leão. O Graf Otto arremeteu contra um deles, e o morani mal teve tempo de evitar o golpe com seu escudo. O Graf Otto gritou com raiva e atirou nele sua assegai, como se fosse um dardo. O guerreiro levantou o escudo, mas a lâmina atravessou o couro cru e lhe cortou as veias do pulso. Seus companheiros gritaram, furiosos.

— Santo Deus! Ficou louco — exclamou Eva quase sem fôlego. — Alguém vai morrer, ou ele ou o massai. Preciso detê-lo — disse e começou a se adiantar.

— Não, Eva. Estão todos loucos, furiosos por sangue. Não pode detê-los. Só vai conseguir que a machuquem. — Leon puxou-a pelo braço.

Ela tentou se libertar.

— Já o acalmei antes. Ele vai me ouvir. — Novamente tentou se soltar, mas nesse momento ele a agarrou pelos ombros com o braço esquerdo e levantou o rifle com a mão direita. Por mais forte que fosse e por mais que se esforçasse, ela ficou indefesa nas mãos de Leon.

— É muito tarde, Eva — sussurrou em seu ouvido e segurando o pesa-do rifle como se fosse uma pistola, apontou com o cano acima da cabeça do Graf Otto e do morani ferido. — Olhe lá, no alto da elevação.

Ela olhou para onde ele apontava e viu o segundo leão, o gêmeo perdido. Estava parado no alto do pequeno monte. Era uma criatura imensa, maior até que aquele que o Graf Otto havia matado; além disso, sua juba estava completamente erguida de raiva, o que o fazia parecer ter o dobro do tamanho. Ele curvou o lombo, abriu as enormes mandíbulas e as manteve perto do chão enquanto rugia a plenos pulmões. O tremendo ruído pareceu rasgar a terra. O barulho dos espectadores e o tumulto provocado pelo Graf Otto e os guerreiros em ação se apagaram num silêncio mortal.

Todas as cabeças se voltaram para o alto da elevação e a fera que estava ali parada.

Os dois leões haviam se separado três dias antes, quando o maior fora atraído por um cheiro irresistível na brisa fresca de antes do amanhecer. Era o cheiro de uma leoa madura, em pleno cio. Ele se afastou então do irmão e se apressou a responder ao convite levado pelo vento.

Encontrou a leoa uma hora depois do amanhecer, mas outro leão já estava se acasalando com ela, um pretendente mais jovem e forte, decidido. Os dois lutaram, rugindo, batendo-se e ferindo um ao outro com dentes e garras afiadas. O leão mais velho ficou ferido e se afastou com um corte profundo nas costelas e uma mordida no ombro que atingira o osso. Voltou para se juntar ao irmão, mancando com dificuldade e humilhado. Isso aconteceu pouco depois do surgimento da lua, e o ferido se alimentou dos restos do antílope caçado pelo irmão e depois se retirou para uma pequena elevação rochosa de um lado da colina, onde ficou estendido para descansar e lamber as feridas.

Estava muito dolorido e intumescido para participar do ataque dos caçadores moranis, mas os rugidos furiosos e a agonia de morte do irmão acabaram por tirá-lo do esconderijo. Nesse momento ele olhou para baixo, para o local da morte, onde o corpo do irmão jazia estendido. Não conhecia os sentimentos humanos de pesar, pena ou perda, mas sim a fúria terrível e devoradora contra o mundo e especialmente contra aquelas criaturas reles que estavam ali diante dele. A figura do Graf Otto era a mais próxima, e a cor pálida de seu corpo serviu como foco para a fúria da besta. O leão saltou para frente e se lançou ao ataque colina abaixo.

As mulheres deixaram escapar um terrível gemido e se dispersaram como um bando de galinhas atacadas por um falcão peregrino. Os moranis foram tomados totalmente de surpresa. Um momento antes estavam lutando com o Graf Otto, e de repente aparecia aquele leão, como se por obra de magia dele.

Quando conseguiram se reagrupar para enfrentar a nova ameaça, a fera já havia percorrido a maior parte da distância para atacar o Graf Otto. Leon empurrou Eva para trás dele e gritou:

— Não se aproxime mais!

Em seguida, correu para diante na tentativa de proteger seu cliente. No entanto, ele e os moranis chegaram muito tarde.

No último instante, o Graf Otto levantou os braços num esforço inútil para se proteger, mas o leão se lançou sobre ele e o derrubou, esmagando-o com toda a velocidade em que vinha e com seu enorme peso. Envolvendo-o num abraço mortal com as patas dianteiras, cravou fundo as garras como ganchos nas carnes de suas costas. Ao mesmo tempo, as patas traseiras arrancaram parte da porção inferior de seu corpo e das coxas, fazendo cortes profundos em suas carnes e abrindo-lhe o ventre. Nesse momento, estava debruçado sobre ele para atacar o rosto e o pescoço,

mas o Graf Otto empurrou as mandíbulas abertas com o antebraço, num esforço inútil para mantê-lo afastado. O leão o mordeu, e, enquanto Leon se aproximava correndo, ouviu o ruído de seus ossos fazendo-se em pedaços. O leão continuou mordendo, dessa vez o ombro direito. Como um gatinho brincando com um novelo de lã, com as garras das patas traseiras arrancava pedaços das coxas e do ventre.

Leon destravou o rifle e aproximou os canos da arma da orelha do leão. Apertou os dois gatilhos de uma só vez. As balas atravessaram o crânio e explodiram pela outra orelha, levando consigo quase todo o cérebro. O leão caiu para um lado e rodou para longe do Graf Otto.

Leon ficou parado ao lado do homem, com os ouvidos zumbindo por causa da explosão do tiro e olhando com horrorizada incredulidade o dano que o animal havia causado em poucos segundos. Por um instante, hesitou em tocar no corpo do Graf Otto. Ele estava coberto do sangue que jorrava dos terríveis ferimentos no braço e no ombro, na parte da frente das coxas e no ventre.

— Ainda está vivo? — Eva não conseguira ficar lá atrás. — Está vivo ou morto?

— Um pouco de cada coisa, creio — disse Leon, arrasado. A voz dela o havia tirado da inércia diante do horror que tomara conta dele. Entregou o rifle a Manyoro quando ele se aproximou correndo; depois ajoelhou-se junto ao corpo de seu cliente, tirou a faca de caça da bainha e começou a cortar a shuka empapada de sangue. — Deus meu! Ele está em pedaços. Você precisa me ajudar. Sabe alguma coisa sobre primeiros socorros? — perguntou a Eva.

— Sim — respondeu ela, ajoelhando-se a seu lado. — Tenho alguma prática. — Seu tom era sereno e profissional. — Primeiro devemos conter a hemorragia.

Leon tirou o que restava da shuka toda rasgada do Graf Otto e a cortou em tiras para usá-la como ataduras. Os dois fizeram alguns torniquetes no braço despedaçado e nas coxas destroçadas. Depois aplicaram ataduras nos outros ferimentos profundos deixados pelos dentes do animal. Leon olhava para as mãos de Eva enquanto ela trabalhava com rapidez e competência. Não demonstrava nenhuma repugnância, embora estivesse ensanguentada até os cotovelos.

— Você sabe o que está fazendo. Onde aprendeu a fazer isso?

— Poderia lhe fazer a mesma pergunta — disse Eva.

— Ensinaaram-me as coisas básicas no exército — informou ele.

— A mim também.

Ele a olhou, espantado.

— O exército alemão?

— Algum dia posso lhe contar a história de minha vida, mas no momento vamos continuar com esta tarefa. — Limpou as mãos ensanguentadas na saia enquanto avaliava o que haviam feito, depois balançou a cabeça. — Pode sobreviver aos ferimentos, ele é mais forte que a maioria das pessoas, mas a infecção e a vergonha

provavelmente vão matá-lo — disse ela.

— Tem razão. Os dentes e as garras de um leão são mais mortais que flechas envenenadas. São cobertos de carne podre e sangue seco, um verdadeiro criadouro de micróbios. Devemos levá-lo a Nairóbi agora mesmo para que o Dr. Thompson possa lhe dar um banho de iodo quente.

— Não podemos removê-lo até termos feito alguma coisa com os ferimentos do ventre. Se tentarmos levantá-lo agora, seus intestinos vão cair. Você consegue costurá-los? — perguntou.

— Não saberia por onde começar — respondeu Leon. — Esse é um trabalho para um cirurgião. Vamos só amarrá-lo e esperar o melhor. — Tamparam seu ventre com grandes pedaços de shuka. Leon observava Eva, à espera de que ela manifestasse alguma emoção. Não parecia estar sofrendo. Nutriria algum sentimento por ele? Dava mostras de estar trabalhando com distância profissional e evitava olhá-lo nos olhos, por isso não podia estar seguro.

Finalmente conseguiram levantar o Graf Otto. Puseram-no numa maca improvisada e o levaram até a cabine, onde Leon a amarrou nos ganchos do chão. Depois levantou a vista para Eva. Ela estava pálida e desalinhada, de cócoras diante dele. Sua saia estava toda suja de sangue e pó.

— Não creio que se salve, Eva. Perdeu sangue demais. Mas talvez o doutor Thompson possa fazer um de seus milagres se o levarmos para Nairóbi a tempo.

— Não vou com você — disse Eva em voz baixa.

Ele a olhou, surpreso. Não só pelo que dissera, mas pelo idioma que usou para dizê-lo.

— Você fala inglês! Conheço esse sotaque — disse. Tinha uma cadência lírica, muito agradável a seus ouvidos.

— Sou de Northumberland — revelou ela, sorrindo com tristeza.

— Não compreendo.

Empurrou o cabelo para trás, tirando-o dos olhos, e balançou a cabeça.

— Não, Texugo, você não pode entender. Oh, Deus! Há tantas coisas que você não sabe sobre mim e que não posso lhe contar... ainda.

— Diga-me alguma coisa. O que você sente realmente por Otto von Meerbach? Você o ama, Eva?

Ela arregalou os olhos, e eles estavam mais escuros, horrorizados.

— Amá-lo? — Riu, um riso leve e mordaz. — Não, não o amo. Eu o odeio de todo o meu coração e das profundezas de minha alma.

— Então, por que está aqui com ele? Por que se comporta com ele dessa maneira?

— Você é um soldado, Texugo, como eu. Conhece o significado do dever e do patriotismo. — Suspirou longa e profundamente. — Mas para mim chega. Não

posso continuar. Não vou com você para Nairóbi. Se fizer isso, não vou conseguir fugir.

— Está tentando fugir de quem?

— Daqueles que se apoderaram de minha alma.

— Para onde irá?

— Para algum lugar secreto onde não possam me encontrar. — Estendeu a mão e tomou a dele. — Esperava que você soubesse, Leon. Esperava que pudesse encontrar um lugar onde eu me escondesse. Um lugar para o qual pudéssemos fugir juntos.

— E o que fazemos com ele? — Apontou para o corpo todo empapado de sangue que jazia no chão entre eles. — Não podemos deixá-lo morrer, o que certamente ocorrerá se não fizermos algo logo.

— Não — concordou ela. — Apesar de meus sentimentos em relação a ele, não podemos fazer isso. Encontre um lugar onde eu possa me esconder e me deixe lá. Volte para me buscar assim que puder. É a única oportunidade que tenho para ganhar minha liberdade.

— Liberdade? Você não é livre?

— Não. Sou cativa das circunstâncias. Não vai acreditar que fui eu que escolhi me tornar o que sou hoje, não é?

— O que você é? Você se tornou o quê?

— Transformei-me numa prostituta impostora, mentirosa e vigarista. Estou presa nas mandíbulas de um monstro. Já fui como você: boa, honesta e inocente. Quero voltar a ser assim. Quero ser como você. Vai me aceitar? Degradada e suja como estou, vai me aceitar?

— Oh, Deus! Eva, não há nada que eu deseje mais. Gostei de você desde o primeiro momento em que a vi.

— Então, chega de perguntas. Eu lhe imploro. Esconda-me aqui nestas terras selvagens. Leve Otto para Nairóbi. Se alguém perguntar por mim, e me refiro a qualquer pessoa, sem exceção, não diga onde estou. Diga simplesmente que desapareci. Deixe Otto no hospital. Se ele sobreviver, será mandado para a Alemanha. E assim que puder volte para mim. Então lhe explicarei tudo. Fará isso? Deus sabe que não há razão para isso, mas vai confiar em mim?

— Você sabe que sim — sussurrou e depois gritou: — Manyoro! Loikot!

Eles estavam à espera ali perto.

— Vá com eles — disse. — Faça o que lhe disserem para fazer. Pode confiar neles.

— Sei que posso, mas aonde me levarão?

— Ao monte Lonsonyo, a Lusima — respondeu Leon.

Todas as sombras desapareceram dos olhos cor de violeta.

— A nossa montanha? — perguntou Eva. — Oh, Leon, desde o primeiro momento que o vi soube que Lonsonyo tinha um significado especial para nós.

Enquanto eles conversavam, Manyoro encontrou a bolsa de tecido em que Eva levava suas coisas pessoais. Tirou-a do depósito na parte de trás da cabine e a atirou para Loikot, que estava parado sob a fuselagem; depois saltou para um lado. Nesse momento, Leon e Eva estavam juntos, sozinhos. Olharam-se sem dizer nenhuma palavra. Ele estendeu a mão para tocá-la, e ela, ágil, foi para os braços dele com toda a sua graça. Abraçaram-se como se quisessem fundir um corpo no outro. Os lábios dele estremeceram ao tocar em sua face, quando ela sussurrou:

— Beije-me, meu amor. Esperei tanto tempo por isso! Beijeme agora.

Seus lábios se juntaram, de início tão de leve como duas borboletas se tocando ao voar, mas logo mais forte, mais profundamente, de modo que ele pôde sentir sua essência e saborear a calidez de sua língua e os recessos rosados e fragrantes de sua boca. Esse primeiro beijo pareceu durar um instante e ao mesmo tempo toda a eternidade. Quando se separaram com esforço, olharam-se emocionados.

— Eu sabia que a amava, mas até este momento não me tinha dado conta de quanto — disse ele em voz baixa.

— Eu sei, porque também sinto isso. Até este momento nunca soube o que era confiar totalmente em alguém e amá-lo.

— Você precisa ir. — Se ficar um minuto mais, acho que não vou poder deixar que se vá.

Desviou os olhos dos dela e olhou para a salina, de onde os moranis e as pessoas da aldeia estavam voltando, vindo em sua direção. Alguns deles traziam os corpos dos leões pendurados em paus de cabeça para baixo.

— Gustav e Hennie estão vindo — disse ela. — Não devem me ver partir nem saber para onde estou indo. — Beijou-o outra vez, rapidamente, e depois se foi. — Vou esperar que volte para mim, e cada segundo que estivermos separados será uma agonia e uma eternidade.

Então, arrepanhou a saia e desceu da cabine. Com Manyoro e Loikot, um de cada lado, correu na direção das árvores, sem ser vista por Gustav e Hennie, protegida pela fuselagem do avião. Quando chegaram às árvores, Eva parou e olhou para trás. Acenou com a mão e depois desapareceu no bosque. Leon se surpreendeu com a desolação que o envolveu depois que ela se foi, e não fez nenhum esforço para que essa sensação desaparecesse. Preparou-se para enfrentar Gustav, que já estava subindo à cabine.

Ele caiu de joelhos junto ao corpo do Graf Otto.

— Oh, meu Deus! Meu bom Deus! — gritou. — Está morto! — Lágrimas autênticas corriam por suas faces curtidas. — Por favor, senhor, salve-o! Era mais do que um pai para mim. — Aparentemente, Gustav se esquecera da existência de Eva

von Wellberg.

— Não está morto — disse Leon bruscamente —, mas vai estar se não ligar logo os motores. Temos de levá-lo a um médico.

Gustav e Hennie se puseram a trabalhar imediatamente, e em poucos minutos os quatro motores estavam rugindo e soltando fumaça azul perfumada com óleo de rícino enquanto esquentavam. Leon pôs o nariz do Borboleta contra o vento e esperou que os motores atingissem um ritmo uniforme. Depois gritou para Gustav e Hennie:

— Segurem-no bem.

Eles se agacharam junto à maca improvisada na qual estava estendido o Graf Otto e o seguraram firmemente. Leon acelerou ao máximo. A aeronave rugiu e se pôs em movimento. Enquanto subia acima das árvores, Leon olhou para baixo para ver se via Eva. Então a viu. Ela e os massais se haviam afastado e estavam a quinhentos metros além do perímetro da salina. Ela ia correndo atrás dos dois massais. Então parou, olhou para cima, tirou o chapéu e acenou. O cabelo caiu sobre seus ombros, e ela estava sorrindo; ele entendeu que ela sorria para animá-lo. Sentiu que seu coração se encolhia diante da coragem dela, mas não se atreveu a devolver-lhe o aceno, porque isso podia dirigir a atenção de Gustav para a pequena figura lá embaixo. O Borboleta continuou rugindo, elevando-se até os contrafortes da muralha do vale da Grande Fenda.

Era fim de tarde, e o sol estava se pondo quando Leon fez o Borboleta aterrissar no campo de polo de Nairóbi. Lá não havia ninguém, pois eles não eram esperados. Taxiou o avião até o hangar, onde o veículo de caça estava estacionado, desligou os motores, e os três deram um jeito de tirar a maca por um lado da cabine e levar o Graf Otto para baixo.

Leon o examinou rapidamente. Não conseguia perceber sua respiração, e a pele do conde tinha uma palidez de morte, úmida e fria ao tato. Não mostrava nenhum sinal de vida. Leon sentiu uma culpada onda de alívio de pensar que seu desejo de que esse homem morresse tivesse sido prontamente realizado. Mas então tocou o pescoço do conde, abaixo da orelha, e sentiu que a artéria carótida batia fraca e irregularmente. Logo pousou o ouvido nos lábios do moribundo e ouviu o débil ruído do ar entrando e saindo dos pulmões.

"Qualquer ser humano já teria morrido, mas esse bastardo é duro como a pele do lombo de um elefante", pensou com amargura.

— Traga o veículo de caça — ordenou a Gustav.

Puseram a maca no assento traseiro, e Gustav e Hennie a seguravam com firmeza enquanto Leon dirigia o carro com cuidado para o hospital, evitando as irregularidades do caminho.

O hospital era um edifício pequeno de adobe e palha, de frente para a nova igreja

anglicana. Tinha uma clínica, uma sala de cirurgia rudimentar e duas salas pequenas, vazias. Não havia ninguém ali, e Leon se dirigiu rapidamente à cabana no fundo.

O Dr. Thompson e a esposa já se haviam sentado para jantar, mas deixaram tudo na mesa e correram com Leon para o hospital. A Sra. Thompson era a única enfermeira profissional em toda a colônia, e imediatamente se encarregou da situação. Sob sua supervisão, Gustav e Hennie levaram o Graf Otto para a clínica, retiraram-no da maca improvisada e o passaram para a do consultório. Enquanto o médico cortava as bandagens de emergência, eles arrastaram uma banheira de ferro galvanizado e a encheram com água quente, na qual a Sra. Thompson esvaziou uma garrafa de um litro de iodo. Depois levantaram o corpo destroçado do Graf Otto da mesa e o mergulharam na banheira fumegante.

A dor deve ter sido tão violenta que o tirou da escura névoa do coma com um sobressalto, gritando e se retorcendo, tentando sair do cáustico antisséptico. Mantiveram-no sem piedade ali para que o iodo pudesse penetrar nos profundos e terríveis ferimentos. Apesar da antipatia que tinha por esse homem, Leon sentiu que o espetáculo de seu sofrimento era angustiante. Recuou até a porta e saiu em silêncio da clínica para o agradável ar da tarde.

Quando chegou ao campo de polo, o sol já se escondera. Paul e Ludwig, dois dos mecânicos da Meerbach, haviam chegado ali antes dele. Tinham ouvido o Borboleta pousar e se aproximaram para ver o que estava acontecendo. Leon lhes fez um breve relato de como o conde fora atacado e por fim disse:

— Preciso voltar. Não sei o que pode ter ocorrido com Fräulein von Wellberg. Ela está sozinha. Pode estar em perigo. Os tanques de combustível do Borboleta estão quase vazios. Onde está o Besouro?

— Nós o abastecemos quando o senhor o trouxe — informou Ludwig.

— Ajudem-me a pôr os motores para funcionar. — Leon foi para a aeronave, e os mecânicos correram atrás dele.

— O senhor não pode voar na escuridão — disse Ludwig.

— Faltam só duas noites para a lua cheia, e ela sairá em menos de uma hora. Logo haverá tanta luz quanto de dia.

— E se nublar?

— Não nesta época do ano — assegurou Leon. — Agora chega de discutir. Me ajudem a fazê-lo arrancar. — Subiu à cabine e começou a rotina, mas parou na metade e inclinou a cabeça para ouvir cascos que galopavam pela estrada que vinha da cidade. — Maldição! — praguejou. Esperava sair sem chamar a atenção de ninguém. — Quem será? — Agachou-se para baixo da borda da cabine e olhou para a forma escura de cavalo e cavaleiro que surgia na noite. Logo suspirou aliviado ao reconhecer a silhueta alta e corpulenta montada, embora ainda não pudesse ver seu rosto. — Tio Penrod! — gritou.

O cavaleiro freou.

— Leon? É você?

— Eu mesmo, senhor — Leon procurou manter um tom de resignação na voz.

— O que está acontecendo? — quis saber Penrod. — Estava jantando com Hugh Delamere no Muthaiga Country Club quando ouvimos o avião chegar. Quase imediatamente começou a circular todo tipo de rumor pelo bar. Alguém viu quando traziam Von Meerbach numa maca. Diziam que tinha havido um acidente, que fora mordido por um leão e que Fräulein von Wellberg estava morta ou havia desaparecido. Fui ao hospital, mas me disseram que o doutor estava em cirurgia e não podia falar comigo. Então me dei conta de que só há duas pessoas na colônia que podem pilotar um avião, e, como obviamente Von Meerbach não estava em condições de fazer isso, a única pessoa que podia tê-lo pilotado era você. Vim buscá-lo.

Leon sorriu. Era óbvio que uma coisa como aquela não escaparia ao general de brigada Ballantyne.

— Que diabo, tio, o senhor é um gênio.

— Todo mundo me diz a mesma coisa. Agora, meu rapaz, quero um relatório completo. O que, em nome de tudo o que é sagrado, você está fazendo? O que aconteceu realmente com Von Meerbach e onde está a encantadora Fräulein?

— Alguns dos rumores que ouviu estão corretos, senhor. Eu trouxe Von Meerbach do acampamento. Ele foi gravemente atacado por um leão, como lhe disseram. Deixei-o com o médico. Não creio que se salve. Está muito ferido.

— Como foi permitir isso, Leon? — O tom de Penrod deixava transparecer aborrecimento. — Santo Deus! Todo o enorme trabalho que tive desperdiçado!

— Ele insistiu em atacar o leão no estilo massai, com a assegai, e a fera o derrubou antes que eu tivesse tido tempo de evitar.

— O maldito sujeito é um estúpido — disse Penrod. — E você não é muito melhor. Nunca deveria ter permitido que ele se metesse numa situação semelhante. Você sabia como era importante tudo o que esperávamos saber por intermédio dele. Maldição! Devia tê-lo impedido. Devia ter cuidado dele como se fosse um bebê.

— Um bebê mau e grande com ideias próprias, senhor. Nada fácil de cuidar. — O tom de Leon soava agudo e denotava aborrecimento.

Penrod mudou de assunto delicadamente:

— Onde está Fräulein von Wellberg? Espero que não a tenha dado também como comida aos leões.

A piada irritou Leon, como Penrod desejava. A verdadeira resposta lhe veio subitamente aos lábios, mas com esforço ele a manteve ali. "Se alguém perguntar por mim, e me refiro a qualquer pessoa, sem exceção, não diga onde estou. Diga simplesmente que desapareci."

"... e me refiro a qualquer pessoa." Estaria Penrod incluído em sua advertência? Sua mente voava a toda a velocidade. Lembrou-se do incidente no jantar do regimento, quando os encontrara no jardim. Suas suspeitas naquele momento seguramente tinham fundamento. Eva nunca teria baixado a guarda daquele modo, a menos que houvesse algum entendimento especial entre eles. Então, lembrou a maneira como ela havia insinuado suas conexões com o exército. Penrod era o comandante das forças armadas na colônia. O significado daquilo tudo começava a tomar forma em sua mente.

"Estou presa nas mandíbulas de um monstro", dissera ela. Seria Penrod o monstro? Se fosse, Leon estivera a ponto de traí-la. Respirou fundo e disse com firmeza:

— Ela desapareceu, senhor.

— Que diabos quer dizer com "desapareceu"? — gritou Penrod.

Sua reação rápida e brusca confirmou as suspeitas de Leon. Penrod estava no centro do sombrio mistério.

"Você é um soldado, Texugo, como eu. Conhece o significado do dever e do patriotismo."

Sim, ele era um soldado, e ali estava, mentindo para seu oficial superior. Já havia sido acusado antes de desobedecer a um oficial superior, de negligência no cumprimento do dever. Nesse momento estava cometendo os mesmos delitos graves, só que dessa vez estava fazendo isso deliberada e conscientemente. Como Eva, estava preso nas mandíbulas do monstro.

— Vamos, rapaz, diga-me. O que quer dizer com "desapareceu"? As pessoas não desaparecem assim sem mais nem menos.

— No momento do ataque eu estava tentando proteger Von Meerbach. Era ele que estava realmente em perigo, não... — quase disse "Eva", mas se conteve — a senhora. Disse-lhe que ficasse bem atrás e corri na direção dos massais. Na confusão, eu a perdi de vista. Depois, quando o leão derrubou Von Meerbach e o esfaqueou, eu só tinha uma coisa em mente, que era remendá-lo e trazê-lo ao Dr. Thompson. Não voltei a pensar em Fräulein von Wellberg a não ser quando já estávamos voando, e então já era muito tarde para voltar e pegá-la. Confiei em que Manyoro e Loikot a encontrassem e cuidassem dela. Creio que devem tê-la levado para um lugar seguro. Mas agora mesmo vou me arriscar num voo noturno até o vale para me certificar de que esteja bem.

Penrod levou o cavalo para perto da fuselagem e lançou um olhar furioso para Leon, que tinha certeza de que a culpa estava claramente estampada em suas feições. Bendisse a escuridão que escondia seu rosto do severo exame de Penrod.

— Escute-me, Leon Courtney! Se ela sofrer qualquer dano, você responderá a mim por isso. Então, minhas ordens são estas. Preste atenção. Você vai voltar ao

local onde deixou Eva von Wellberg no acampamento e a tirará de lá. Vai trazê-la aqui para mim... diretamente a mim e a ninguém mais. Está claro?

— Muito claro, senhor.

— Se falhar, vou lhe ensinar o significado das palavras "dor" e "sofrimento". O que Freddie Snell lhe fez parecerá uma palmadinha na cabeça em comparação. Está avisado.

— Certamente, senhor. Agora, se tiver a gentileza de sair da corrente das hélices, vou me pôr a caminho para obedecer a suas ordens.

Ludwig levou o enorme caminhão de Von Meerbach para a extremidade mais afastada do campo de polo e o estacionou para que seus faróis iluminassem a pista de pouso. Enquanto Leon se movimentava por ela para decolar, com o avião fazendo muito barulho, ele viu a silhueta de Penrod recortada contra os faróis, reclinado sobre a montaria. Quase podia sentir o calor da cólera do tio.

Assim que se afastou das copas das árvores na extremidade do campo, virou o avião para se dirigir ao Acampamento Percy. Ao ganhar altura, pareceu-lhe que a lua se apressava ansiosa acima do negro horizonte para lhe iluminar o caminho. De uma distância de vinte quilômetros, a colina que dominava o acampamento estava banhada pela luz da lua, guiando-o na última etapa da viagem. Para chamar a atenção de Max Rosenthal, deu três voltas sobre o acampamento, acelerando e desacelerando os motores. Na última volta, viu os faróis se acendendo abaixo dele; depois notou que o caminhão avançava sobre o caminho acidentado até a pista de aterrissagem. Max sabia o que se esperava dele e alinhou o veículo para orientar Leon na descida.

Assim que Leon parou o Besouro, atirou sua mochila para o lado para logo pegar o rifle Holland e a bandoleira do lugar onde Manyoro os deixara. Desceu e correu para o caminhão.

— Max, quero quatro de nossos melhores cavalos e um dos cavaliários para vir comigo. Cada um irá num cavalo, e levaremos os outros dois conosco.

— Jawohl, chefe!. Aonde vai? Quando quer partir?

— Não importa aonde vou, e quero partir imediatamente. — Himmel¹³! São onze da noite. Não pode esperar até amanhã?

— Tenho pressa, Max.

— Ja, parece mesmo.

Leon correu até sua barraca e pôs algumas coisas essenciais na mochila; depois foi até onde ficavam amarrados os cavalos. Eles estavam ali, só que em vez de quatro animais, como ele ordenara, havia cinco. O cenho de Leon voltou ao normal, substituído por um sorriso, quando ele reconheceu a figura montada na mula preta.

— Que o Profeta o cumule de bênçãos! — disse Leon.

Os dentes brancos de Ishmael brilharam à luz da lua.

— Efêndi, sabia que o senhor morreria de fome sem mim.

Cavalgaram sem parar pelo resto da noite, trocando duas vezes de cavalo. Ao amanhecer, a silhueta azul-escura do monte Lonsonyo aparecia baixa sobre o horizonte ao longe. Ao meio-dia, já enchia a metade do céu a oeste. Leon nunca havia se aproximado do monte por essa direção — a vertente norte, mais acidentada, que ele e Eva haviam sobrevoado com o Graf Otto no comando do Borboleta.

Já estavam cavalgando havia quase treze horas desde que tinham saído do Acampamento Percy, forçando os cavalos ao máximo.

Apesar de sua impaciência para ir ao encontro de Eva, Leon não podia exigir mais dos animais nem dos homens. Tinha de deixar que estes descansassem e que os cavalos comessem e bebessem. Desmontaram e tiraram os arreios dos animais, deixandoos soltos para comer.

Enquanto se ocupavam dessas coisas, Ishmael preparou café e depois cortou umas fatias de carne de veado em conserva com cebola e um pedaço de pão sem levedura. Depois de comer, Leon dormiu até o anoitecer. Então selaram os cavalos e continuaram a cavalgar no escuro. A noite estava fresca, e os cavalos se movimentavam com entusiasmo; ao amanhecer, o monte se elevava diante deles. Leon admirou seus despenhadeiros. As altas paredes estavam decoradas com líquens de cores brilhantes. Descobriu o reflexo prateado da água que caía em uma das gargantas que dividiam as enormes muralhas. Embora, desse ângulo baixo, a bacia circular escura ficasse escondida, ele se deu conta de que essa devia ser a cascata que ele e Eva tinham visto do ar.

Loikot dissera a Leon que havia uma trilha junto à cascata que se elevava pelos despenhadeiros até o alto, e era por essa rota que ele pensava levar Eva até Lusima. Mas ainda estava muito longe para ver a trilha, mesmo com a ajuda de binóculo. Em vez disso, Leon se concentrou em calcular a distância e a direção da qual viriam, com a esperança de interceptá-los antes que comesçassem a subir. O mais provável, no entanto, era que eles já tivessem chegado à trilha antes dele.

Seja como for, sabia que Eva estava perto, e isso lhe elevou o ânimo. Ishmael e o cavaliário não conseguiam acompanhar o ritmo que Leon imprimia à montaria. Depois de uma hora ele freou bruscamente, saltou da sela e se pôs de cócoras ao lado de um dos vários caminhos de animais que se entrecruzavam na savana. Três pares de pegadas humanas haviam sido deixadas no pó fino. Manyoro ia na frente. Leon teria reconhecido essa coxeadura em qualquer lugar. O jeito de arrastar os dedos do pé era inconfundível. Loikot o seguia, com seus passos largos e flexíveis, e

Eva ia atrás deles.

— Oh, minha querida! — murmurou Leon, tocando uma de suas claras e estreitas pegadas. — Até seus pezinhos são bonitos.

As pegadas iam direto para a montanha, e ele voltou a montar para segui-las a meio galope. A trilha continuava pela primeira inclinação da ladeira, que a cada passo ficava mais íngreme. O despenhadeiro foi se elevando até que pareceu encher o céu, e as nuvens que se moviam lá no alto deram a Leon a impressão de que a montanha ia cair em cima dele.

De repente, a trilha ficou tão empinada que ele foi forçado a desmontar e caminhar adiante de seu cavalo. A cada trecho, descobria as pegadas que as botas de Eva iam deixando, o que o estimulava a continuar subindo o mais rápido que podia. O ângulo agudo da vertente impedia a visão da trilha à frente além de uma curta distância, mas ele continuou caminhando, enquanto o resto do grupo se esforçava para segui-lo, embora fosse ficando rapidamente para trás. Chegou a um degrau do aclave e quando subiu nele ficou maravilhado diante da vista, pela magnitude do despenhadeiro e do dilúvio branco e estrondoso da cascata. A queda-d'água era tão volumosa que produzia redemoinhos de ar fresco que ficavam circulando pelo caldeirão de pedra.

Então Leon ouviu uma voz fraca e quase encoberta pelo estrépito da água da cascata. Era a voz dela, e seu coração disparou de emoção. Ansioso, explorou com a vista os despenhadeiros de ambos os lados do pequeno lago, pois os ecos eram enganosos e ele não estava certo da direção de onde vinha a voz.

— Eva! — gritou para os despenhadeiros, e os ecos que desapareciam zombaram dele.

— Leon! Querido! — Dessa vez a direção era mais clara. Ele se virou para o lado esquerdo da queda-d'água e jogou a cabeça para trás. Teve um lampejo de movimento bem lá no alto e se deu conta de que ela estava parada em cima de uma saliência que fazia ângulo com a parede do despenhadeiro. Quando olhou para lá, Eva começou a voltar para baixo na direção dele, correndo pelo terreno traiçoeiro com a velocidade dos fragmentos de rocha.

— Eva! — gritou. — Estou indo, meu amor! — Leon deixou cair as rédeas do cavalo e começou a subir pela ladeira para se encontrar com Eva. Então viu os dois massais na trilha acima dela. Mesmo àquela distância dava para notar a admiração no rosto deles diante dessa extraordinária visão. Leon e Eva chegaram ao ponto onde começava a saliência quase ao mesmo tempo, mas ele estava abaixo da borda e ela quase dois metros acima de sua cabeça.

— Me agarre, Texugo! — gritou ela e, confiante na força dele, lançou-se por sobre a borda. Ele a segurou, mas seu peso e a velocidade da queda o fizeram cair de joelhos. Ajoelhado sobre ela, ele a aconchegou ao peito, num gesto protetor,

enquanto riam.

— Amo você, menina louca!

— Nunca mais me deixe ir embora! — disse ela, e seus lábios se uniram.

— Nunca! — prometeu ele, beijando sua boca.

Um bom tempo depois, quando se separaram para respirar, viram que Manyoro e Loikot haviam seguido Eva na descida e estavam de cócoras na saliência, bem acima deles, olhando-os com um sorriso de alegria.

— Vão incomodar longe daqui! — disse Leon. — Vocês não são bem-vindos aqui. Levem meu cavalo e vão descendo até encontrar Ishmael. Digam-lhe que prepare o acampamento ao pé da montanha. Esperem-nos. Vamos dormir lá esta noite.

— Ndio, buana — respondeu Manyoro.

— E parem de rir como bobos.

— Ndio, buana!

A voz de Manyoro foi encoberta pelas risadas enquanto ele começava a descer. Loikot ficou lá em cima na saliência. De repente, ele gritou para Manyoro numa voz de falsete imitando a de Eva:

— Magarre, Teixu! — E saltou da saliência como Eva havia feito, chocando-se contra Manyoro com tal força que o derrubou. Ambos rolaram pela vertente, um agarrado no outro, rindo, uivando e gritando: — Magarre, Teixu!

Nem Leon nem Eva conseguiram se conter e desataram a rir novamente. Afinal, recuperando a voz, Leon gritou:

— Vão embora, idiotas! Fora da minha vista! Não quero ver nenhum dos dois por muito tempo.

Os dois desceram a montanha rolando, abraçados, ainda se divertindo e dominados por ataques de riso.

— Magarre, Teixu! — gritava Manyoro.

— Amocê, minina loca! — bradou Loikot, dando tapas no próprio rosto e balançando a cabeça. — Amocê — repetiu e deu um salto de um metro no ar.

— Esse foi, sem nenhuma dúvida, o feito mais engraçado da história da terra dos massais. Você e eu faremos parte da mitologia tribal — disse Leon a Eva quando os dois desapareceram pela trilha. Ele a envolveu nos braços, e Eva pendurou os dela em seu pescoço. Leon a levou para uma saliência junto à água e se sentou com ela no colo. — Não sabe quanto ansiei ter você assim em meus braços — sussurrou.

— Eu, a vida toda — respondeu ela. — Esperei tanto tempo que isso acontecesse...

Ele acariciou seu rosto, seguindo o arco das sobrancelhas com as pontas dos dedos, fechando-os depois entre as mechas de seu cabelo, enchendo as mãos com seus cachos densos e brilhantes. Desfrutava cada aspecto de sua beleza como um avaro acaricia um tesouro escondido de moedas de ouro. Ele a via tão frágil e

delicada que tinha medo de machucá-la ou assustá-la. Sua beleza o maravilhava. Ela não se parecia em nada com outras mulheres que conhecera. Fazia que se sentisse inadequado, indigno.

Ela entendia seu dilema. A timidez dele voltou a despertar nela sentimentos de ternura que não experimentava havia muitíssimo tempo. Mas ela o queria desesperadamente e não podia esperar. Sabia que devia tomar a iniciativa.

Sentiu que ela desabotoava sua camisa e enfiava a mão pela abertura para começar a acariciar os músculos de seu peito. Ele tremeu de prazer.

— Você é tão rijo, tão forte! — murmurou ela.

— E você tão frágil e terna! — respondeu.

Ela se inclinou um pouco para trás para ver seus olhos.

— Não sou frágil, meu Texugo. Sou de carne e osso como você. Quero o mesmo que você quer. — Tomou o lóbulo da orelha dele entre os dentes e o mordiscou delicadamente. Ele sentiu que sua nuca se arrepiava. Quando ela empurrou a língua para dentro de sua orelha, ele estremeceu de prazer. — Tenho pontos sensíveis como você. — Pegou a mão dele e a pôs sobre seu seio. — Se me tocar aqui e aqui, assim, assim, vai perceber.

Ele procurou às tontas os botões da blusa dela e abriu o de cima. Fez isso timidamente. Esperava uma rejeição, mas ela jogou os ombros para trás, o que projetou seus seios para diante, ao encontro dos dedos dele, que os exploravam.

— Que rapaz inteligente! Já achou um de meus pontos sem minha ajuda.

Suas palavras e o tom em que as pronunciou provocaram nele uma impaciência febril. Deixou de lado todo o domínio de si e toda a cautela e abriu com um puxão sua blusa, deixando os seios à mostra. Eram sedosos e quentes, e a seu toque as pontas se endureciam e franziam. A respiração dela se acelerava ao mesmo tempo em que ela sussurrava:

— Eles são seus, meu amor. Tudo o que eu tenho é seu.

Ela se inclinou um pouco para trás e se movimentou para que os seios roçassem de leve o rosto dele. Ele arrancou sua blusa e a combinação de seda, deixando-a nua até a cintura. Outra vez ela deixou que os seios roçassem o rosto dele, e ele, por sua vez, tomou um de seus mamilos com a boca. Ela gemeu e se atirou para trás, envolvida pelos braços dele; depois lhe agarrou o cabelo da nuca e assim dirigiu sua boca ao outro mamilo.

— Desculpe, meu amor, mas não posso esperar mais — gritou ela. Seu tom era quase de desespero ao se afastar dos braços dele e se ajoelhar à sua frente, com os seios nus, pesados e cheios quase roçando o rosto dele no momento em que tirava o cinturão. Ao abrir a fivela e desabotoar a braguilha, ele se levantou um pouco para que ela pudesse abaixar sua calça até os joelhos. Eva levantou a saia até acima da cintura — ela nada usava por baixo — , e ele viu que ela era delgada como o

pescoço de uma ânfora grega. A pele de seu ventre era nacarada e perfeita. Suas coxas fortes eram benfeitas e aninhavam o bosque de sua feminilidade, escuro, crespo e exuberante em sua maravilhosa profusão. Ela passou um dos joelhos por cima dele, montando-o como a um cavalo, e, quando suas coxas se separaram ele vislumbrou, através da cortina de pelos, a abertura de seu sexo. Estava tensa e úmida com os sucos luxuriosos de sua excitação. Em seguida, com um único e hábil empurrão das cadeiras, ela o acolheu até o fundo, e os dois ao mesmo tempo deixaram escapar um grito como de dor.

Para ambos aquilo se deu de maneira tão rápida e intensa que lhes impediu qualquer outra forma de expressão – eram capazes apenas de se mover, agarrando-se um ao outro como sobreviventes de algum sismo ou tufão devastador. Levaram algum tempo para voltar flutuando das remotas fronteiras da mente e do corpo às quais haviam sido transportados.

Eva falou primeiro.

— Nunca imaginei que pudesse ser assim. — Apoiou a cabeça no peito dele para ouvir seu coração. Ele acariciou seu cabelo, e ela fechou os olhos.

Dormiram e só despertaram com os gritos de um grupo de mandris no alto do despenhadeiro, com seu desafio reverberando pelo desfiladeiro. Sem pressa, ela se sentou e jogou para trás o cabelo que lhe cobria o rosto, ainda úmido de suor. Tinha as faces rosadas.

— Por quanto tempo dormimos? — perguntou Eva.

— Isso é importante? — retrucou ele.

— É muito importante. Não quero desperdiçar um só momento do tempo que temos para ficar juntos.

— Temos o resto da vida.

— Peço a Deus que assim seja. Mas este mundo é muito cruel. — Ela estava triste, desolada. — Por favor, nunca me abandone.

— Nunca — afirmou ele energicamente, e quando ela sorriu as luzes cor de violeta brilharam em seus olhos.

— Tem razão, Texugo. Vamos ser felizes para sempre. Eu me nego a ficar triste neste dia maravilhoso. O mundo nunca vai poder nos aprisionar. — Levantou-se de um salto e fez piruetas ali na saliência. — Este dia vai durar para sempre — disse com voz cantante e, enquanto dançava, tirou a roupa, esparramando-se sobre a pedra.

— O que está fazendo, sua sapeca, não tem vergonha? — Leon ria, encantado, enquanto ela dançava para ele, nua à luz do sol. Seu corpo era muito bonito, jovem e bem proporcionado, e seus movimentos, leves e graciosos.

— Vou levá-lo para nadar em nossa piscina mágica. Tire toda essa roupa velha e empoeirada, senhor, e venha comigo. — Ela parou de dançar e ficou a observá-lo

com toda a atenção enquanto ele pulava numa perna só para tirar as botas.

— Todas as suas coisas balançam e tremem quando você faz isso — disse ela.

— As suas também.

— As minhas não são tão bonitas e úteis como as suas.

— Oh, sim, muito úteis! — Atirou as calças para um lado e correu para ela. — Deixe que lhe mostre, as suas é que são realmente úteis.

Ela gritou com espanto fingido, correu até a beira da saliência e parou ali só para se certificar de que ele ainda a perseguia. Então, juntou as mãos acima da cabeça e mergulhou. Caiu na água como uma flecha, com os membros perfeitamente alinhados com o corpo, de modo que quase não produziu nenhum respingo ao deslizar para dentro da água. Foi até o fundo, e podia-se ver sua figura vibrando sob as ondas; logo voltou para cima com tanta rapidez que seu corpo branco subiu acima da água até o umbigo antes de cair de novo, com o cabelo grudado nos ombros, parecendo a pele de uma lontra.

— Está fria! Aposto que você é muito delicado para se arriscar — gritou.

— Vai perder a aposta. E lá vou eu, para que você me pague.

— Primeiro tem de me agarrar — riu ela e foi para a borda mais distante da piscina natural, deixando para trás uma esteira de espuma ao bater os pés.

Ele saltou na água e nadou até onde ela estava com longas e enérgicas braçadas. Alcançou-a antes que ela chegasse à metade do caminho e a agarrou por trás.

— Pague-me! — exigiu ele, virando-a para que ficassem frente a frente.

Ela enlaçou seu pescoço com os braços e colou os lábios nos dele. Beijando-se, mergulharam fundo e logo vieram à tona, resfolegando, como que se afogando e rindo. As longas pernas de Eva estavam em volta da cintura dele. Ela se levantou na água e usou o peso do corpo para fazê-lo afundar, depois o soltou e girou sobre si mesma, afastando-se velozmente. Só olhou para trás quando chegou ao outro lado do poço. A cascata se precipitava ruidosamente em duas torrentes distintas, deixando uma zona de área tranquila entre eles. No centro desse refúgio, uma única rocha mostrava seu topo, escuro e suave, polido pelas águas acima da superfície. Eva subiu nela e se sentou com as pernas mergulhadas na água. Com ambas as mãos, tirou o cabelo molhado dos olhos, jogou para trás e começou a procurar Leon, olhando a sua volta. No início estava rindo, mas depois, não vendo sinal dele, ficou preocupada.

— Texugo! Leon, onde você está? — gritou.

Ele a seguira para o outro lado da piscina, mas quando ela se aproximou da rocha escura ele respirou fundo, prendeu a respiração e mergulhou. Achava que a piscina não tinha fundo, pois não vira nenhuma corrente de água na superfície. O enorme volume de água que caía pela cascata devia ter outra maneira de escoar. Mas, ao continuar nadando para baixo, descobriu que estava enganado. O fundo ali estava,

diante dele, e mesmo a essa profundidade a água era tão clara que permitia ver que ele estava forrado de rochas amontoadas que deviam ter caído dos despenhadeiros.

Os tímpanos de Leon já estavam começando a doer devido à pressão, e ele parou para desentupi-los, soprando ar com o nariz tampado. Seus ouvidos fizeram o ruído característico provocado pela pressão, a dor se acalmou e ele continuou nadando para baixo. Chegando ao fundo, encontrou entre as rochas uma estranha coleção de artefatos massais esparramados: antigas assegais e machados, montes de restos de cerâmica, colares e braceletes feitos de contas, pequenas esculturas de madeira e marfim, joias primitivas e outros artefatos tão velhos e deteriorados que era impossível identificá-los; todos eram oferendas feitas pelos massais a seus deuses tribais ao longo do tempo.

A essa altura já tinha consumido a maior parte do oxigênio, de modo que lançou um último olhar ao redor, e o mistério da falta de escoamento da água ficou solucionado. A parede sob a cascata tinha umas aberturas quase horizontais que provavelmente tinham origem muito antiga, produto da passagem de lava do vulcão existente sob a montanha. Eram essas escuras e sinistras passagens que drenavam o excesso de água do poço e mantinham constante seu nível. Seus pulmões já estavam exigindo ar imediatamente, e ele então nadou até a superfície. À medida que a claridade se tornava mais intensa, ele viu acima um par de pernas femininas bem torneadas brincando dentro da água. Nadou até lá, agarrou-as pelos tornozelos e arrastou sua dona para a água. Saíram então para a superfície outra vez, abraçados, em busca de ar.

Eva recuperou a voz antes dele.

— Criatura sem coração! Pensei que tivesse se afogado ou que um crocodilo o havia comido. Como é capaz de fazer uma brincadeira tão cruel?

Nadaram de volta ao local onde haviam deixado as roupas.

— Não queremos que morra de frio — disse Leon, fazendo-a ficar de pé, nua sobre a saliência, e a enxugou com sua camisa.

Ela levantou os braços e girou o corpo lentamente, para permitir que a secasse.

— Que olho grande você tem! Mais olha do que seca. O mesmo acontece com seu amigo aí embaixo. Vou ter de pôr venda nos olhos dos dois — brincou ela, voltando-se para olhá-lo.

— Quem é que não tem coração agora, hein? — perguntou ele.

— Eu não! — respondeu ela. — Deixem-me mostrar aos dois como tenho coração mole. — Estendeu a mão e agarrou o amigo dele com firmeza e ao mesmo tempo com ternura. Naquela primeira loucura de sua paixão, estavam insaciáveis.



Era quase noite quando, de mãos dadas, desceram pela trilha. Mal haviam passado por uma curva que escondia a piscina, viram a fogueira acesa no acampamento lá embaixo, não muito distante. Os massais haviam colocado um tronco de árvore para que os dois se sentassem. Acomodaram-se, e logo apareceu Ishmael com duas canecas de café preto com leite em pó.

Eva cheirou o ar e depois perguntou:

— Que cheiro bom é esse, Ishmael?

Não se surpreendeu com o fato de Ishmael ter falado com ela em inglês e não em alemão ou francês.

— É um guisado de pombo-verde, mensahib.

— A versão celestial de Ismael desse prato — acrescentou Leon. — Só se deveria comê-lo com um joelho em terra e a cabeça descoberta.

— Estou com tanta fome que até cairia sobre os dois joelhos. Deve ser a natação ou outra coisa que abre o apetite assim — afirmou ela.

— Viva essa outra coisa — disse Leon.

Assim que terminaram de comer, foram tomados por uma enorme sensação de cansaço. Manyoro e Loikot haviam construído para eles um abrigo coberto de palha, a boa distância de sua própria choça, e Ishmael fizera-lhes um colchão de mato fresco, que cobrira com mantas, dependurando sobre ele o mosquiteiro de Leon. Antes de se enfiarem sob ele, tiraram a roupa e Leon apagou a vela.

— Isto é tão acolhedor! Sinto-me tão segura, tão na intimidade! — sussurrou ela, e ele se aconchegou às costas dela e a envolveu num abraço. Ela empurrou as redondas e mornas nádegas contra o ventre dele, de modo que os corpos se acomodaram um ao outro como um par de colheres. O reflexo da fogueira fazia jogos de sombras no cortinado, e o dueto de corujas que piavam nos galhos da árvore acima deles era ao mesmo tempo um lamento e uma canção de ninar. — Nunca me senti tão agradavelmente exausta em toda a minha vida — murmurou ela.

— Muito exausta?

— Não foi o que eu quis dizer, seu bobo!

Eva despertou ao amanhecer. Leon estava sentado a seu lado, de pernas cruzadas.

— Você estava me olhando! — reclamou ela.

— Confesso minha culpa — disse ele. — Pensei que nunca mais fosse acordar. Vamos!

— É meia-noite, Texugo! — protestou.

— Está vendo essa coisa grande e brilhante espiando você através da palha do teto? Ela se chama sol.

— Aonde você quer ir a essa hora ridícula?

— Nadar em sua piscina mágica.

— Bem, por que não disse logo? — Animada, jogou a manta para o lado.

A água estava fresca e deslizava como seda sobre seu corpo. Depois, sentaram-se nus ao sol da manhã para se secar. Quando o calor acabou de envolvê-los e estimulou seu sangue, fizeram amor outra vez. Então ela disse solenemente:

— Achava que nada poderia ser melhor do que ontem, mas o dia de hoje superou minhas expectativas.

— Quero lhe dar algo que vai fazê-la se lembrar sempre de como fomos felizes neste dia. — Leon pôs-se de pé e saltou da saliência.

Ele se tornava cada vez menor e menos visível à medida que mergulhava, até que desapareceu nas profundezas da água. Ficou lá embaixo tanto tempo que ela começou a ficar nervosa, até que com um suspiro de alívio o viu subir. Atravessou o lago e, nadando até o ponto onde ela estava sentada, sacudiu a cabeça, tirou o cabelo molhado dos olhos, saiu da água e subiu à saliência. Então lhe mostrou um colar de contas de marfim passadas por uma tira de couro.

— É lindo! — disse ela, batendo palmas.

— Há dois mil anos, quando a rainha de Sabá passou por aqui, ela o ofereceu aos deuses do lago. Agora eu o dou a você — disse Leon, pondo o colar no pescoço dela.

Olhando para as contas que pendiam entre seus seios, Eva as acariciou como se fossem uma coisa viva.

— E a rainha de Sabá passou realmente por aqui? — perguntou.

— É quase certo que não — respondeu ele, rindo e olhando para ela. — Mas é uma bela história, não?

— São tão suaves, encantadoras, delicadas... — Pegou uma conta e a girou entre os dedos. — Ah, como eu gostaria de ter um espelho!

Leon a levou até a borda da saliência e ficou ali ao lado dela, com o braço em volta de sua cintura.

— Olhe para baixo — pediu. Em silêncio e sérios, olharam a imagem de ambos nus na superfície da água, que parecia um espelho. Finalmente, Leon lhe perguntou em voz baixa: — Quem é aquela menina na água? Seu nome não é Eva Wellberg, é? — Viu que a expressão dela mudava e seus olhos começavam a se encher de lágrimas. — Sinto muito. Prometi não fazer nada que a deixasse triste.

— Não! — disse, balançando a cabeça. — Você está certo. Tivemos nosso pequeno sonho juntos, mas agora já é hora de enfrentarmos a realidade. — Desviou os olhos do reflexo na água e olhou para ele. — Você tem razão, Leon. Não sou Eva

von Wellberg... Von Wellberg era o sobrenome de solteira de minha mãe. Meu nome é Eva Berry. — Pegou a mão dele. — Venha, sentese aqui comigo. Vou lhe contar o que quiser saber sobre Eva Berry.

Foi com ele novamente para a saliência, e sentaram-se de pernas cruzadas, um de frente para o outro.

— Devo preveni-lo de que é uma pequena história mundana e sórdida. Não há nela muita coisa de que possa me orgulhar, e há muito pouco para consolá-lo. Mas tentarei fazer que seja o menos dolorosa possível para ambos. — Respirou fundo e continuou: — Nasci há vinte e dois anos numa cidade de Northumberland. Meu pai era inglês e minha mãe, alemã. Aprendi alemão em seu colo. Aos doze anos, falava alemão quase tão bem quanto o inglês. Foi nessa época que minha mãe morreu de uma doença terrível, que os médicos chamavam de paralisia infantil ou poliomielite. A doença paralisou seus pulmões, e ela morreu asfixiada. Poucos dias depois de sua morte meu pai foi vitimado pela mesma doença, e suas pernas ficaram paralisadas. Ele passou o resto de seus dias numa cadeira de rodas.

Iniciou o relato falando pausadamente, mas logo as palavras já estavam jorrando em rajadas breves e agitadas. Não demorou muito, começou a chorar. Ele a tomou nos braços e a consolou. Ela apertou o rosto contra seu peito, e suas lágrimas caíam quentes sobre a pele dele.

— Não era minha intenção lhe causar essa angústia. Você não tinha obrigação de me contar nada. Fique tranquila agora. Está tudo bem, meu amor.

— Tenho de lhe contar, Texugo. Preciso lhe contar tudo, mas, por favor, me abrace forte.

Ele a levantou no colo e a levou para um lugar à sombra, longe da cascata, para que o barulho da queda-d'água não encobrisse sua voz. Colocou-a sentada em seus joelhos, como se ela fosse uma menininha.

— Se acha que deve fazê-lo, então me conte — disse.

— O nome de papai era Peter. Era o homem mais bonito do mundo, apesar das pernas inúteis e da careca. — Eva sorriu em meio às lágrimas. — Eu o amava muito e não deixava que ninguém cuidasse dele. Eu o atendia em tudo. Eu era uma menina inteligente, e ele queria que eu fosse para a universidade de Edimburgo, para desenvolver meus talentos inatos, embora eu não quisesse deixá-lo. Apesar do corpo arruinado, ele tinha uma mente extraordinária. Era um gênio da engenharia. Sentado numa cadeira de rodas, imaginou princípios mecânicos revolucionários. Montou uma pequena empresa e contratou dois mecânicos para que o ajudassem a construir os modelos criados por ele. Mas, depois de pagar o salário dos trabalhadores e os materiais, só nos sobrava dinheiro suficiente para comer. Sem dinheiro, as patentes de nada serviam. Com dinheiro, elas poderiam ter-se transformado em algo verdadeiramente valioso.

Interrompeu-se, engoliu as lágrimas e esfregou o nariz no peito dele. O gesto infantil o deixou profundamente comovido. Leon a beijou no alto da cabeça, e Eva se aconchegou a ele.

— Não precisa continuar — disse ele.

— Sim, preciso. Se existe a possibilidade de um dia eu vir a significar algo para você, tem o direito de saber disso. Nunca vou querer esconder nada de você — disse ela, respirando fundo. — Um dia um homem chegou em segredo à oficina de papai. Disse que era advogado e que representava um cliente riquíssimo, um financista, dono de uma fábrica na qual se produziam motores a vapor e material rodante para estrada de ferro, automóveis e aviões. O tal cliente havia visto os desenhos de papai no Escritório de Patentes em Londres. Reconhecera seu valor potencial. Propunha uma sociedade meio a meio. Papai ia participar com suas propriedades intelectuais, e o outro, com os recursos financeiros. Então, papai fechou negócio com ele. O financista era alemão, por isso o contrato estava nesse idioma. Embora sua esposa fosse alemã, meu pai entendeu apenas algumas palavras do contrato. Ele era um gênio amável e crédulo, não um homem de negócios. Eu era uma garota de quinze anos, e ele nada me falou do contrato antes de assiná-lo. Ele devia ter feito isso, porque eu conseguiria lê-lo. Eu controlava todos os nossos gastos e havia me tornado hábil para lidar com dinheiro. Talvez papai achasse que se eu soubesse do contrato certamente ia tentar dissuadi-lo, e ele detestava discussões. Ele sempre escolhia a alternativa mais fácil, e nesse caso sua decisão foi não me dizer nada sobre o assunto.

Interrompeu-se e suspirou. Logo, com visível esforço, tomou coragem e continuou:

— O novo sócio era o Graf Otto von Meerbach, só que ele não era sócio, mas sim o dono da empresa. Em pouco tempo, papai se deu conta de que ao assinar o contrato ele vendera a empresa e todas as patentes que possuía para a Meerbach Motor por uma soma lamentavelmente pequena. Uma das patentes levou diretamente à criação do motor rotativo Meerbach; outra, a um revolucionário sistema de diferencial para os veículos pesados Meerbach. Papai tentou achar um advogado que o ajudasse a recuperar o que lhe pertencia de direito, mas o contrato de Meerbach não dava margem a processo, e nenhum advogado quis pegar o caso.

"O dinheiro da venda da empresa não durou muito tempo". Embora tenhamos feito economia e poupança, os gastos com médicos nos levaram tudo. Nunca imaginei que médicos e remédios custassem tanto. Além disso, tínhamos de pagar o aluguel, o gás e a roupa especial de inverno para ele. A circulação de suas pernas era ruim e ele sentia muito frio, mas o aquecimento a gás era muito caro. No inverno ele sempre ficava doente. Trabalhou na fábrica por alguns meses, mas faltava tanto devido à doença que foi despedido. Não conseguiu arranjar nenhum outro trabalho. Só havia

contas, contas e mais contas.

"Dois dias depois de meu décimo sexto aniversário, papai sofreu um de seus ataques. Corri para buscar um médico. Já lhe devíamos mais de vinte libras, mas o Dr. Symmonds nunca se negou a atender papai cada vez que ele precisava. Quando chegamos a casa onde morávamos, descobrimos que ele havia se matado com sua velha espingarda. Muitas vezes tentei vender a arma para comprar comida, mas ele não queria se desfazer dela. Só quando estava ali, ao lado de seu cadáver, me dei conta do motivo pelo qual ele teimava em guardar a arma. Aquele seu cérebro maravilhoso havia salpicado toda a parede atrás de sua cadeira de rodas. Depois, quando o levaram dali, tive de limpar tudo."

O corpo dela se sacudia com os soluços silenciosos, e ele não conseguia achar palavras para consolá-la. Apertou os lábios no alto da cabeça dela e a estreitou nos braços até passar a tormenta.

— Já basta, Eva. Isso é muito doloroso para você.

— Não, Texugo. É uma catarse. Mantive isso guardado dentro de mim durante anos! Agora tenho alguém a quem posso contar tudo. Já posso sentir o benefício de finalmente deixar sair o veneno. — Inclinou-se para trás e viu a dor nos olhos dele. — Oh, sinto muito. Estou sendo egoísta. Não percebi o que isso estava fazendo com você. Não vou continuar.

— Não. Se isso a ajuda, desabafe. Continue. É difícil para nós dois, mas essa é uma forma de conhecer você e de compreendê-la.

— Você se tornou o meu porto seguro.

— Conte-me o resto.

— Não há muito mais a dizer. Eu fiquei só, e o funeral me levou todo o dinheiro que sobrara. Não tinha o suficiente nem para pagar o aluguel. Não sabia para onde ir. Comecei a trabalhar na fábrica por dois xelins ao dia. Papai tinha um amigo com quem jogava xadrez, e ele e a esposa me hospedaram. Pagava o que podia e ajudava sua esposa a cuidar das crianças.

"Um dia recebi a visita de uma desconhecida". Era uma senhora muito elegante e bonita. Ela disse que se chamava Sra. Ryan e que era amiga de infância de minha mãe, mas que elas haviam perdido o contato. Fazia pouco que tinha ficado sabendo de minha trágica história e decidira me procurar e tomar conta de mim em honra à memória de minha mãe. Era tão amável e amistosa que fui embora com ela sem questionar.

"A Sra. Ryan tinha uma casa magnífica em Londres". Arrumou um quarto só para mim e me deu roupa nova. Eu tinha um tutor e um professor de dança. Uma mulher vinha duas vezes por semana para me ensinar boas maneiras e etiqueta. Tinha um instrutor de equitação, assim como meu próprio cavalo, uma linda e pequena potranca chamada Hyperion. O mais estranho de tudo era que a Sra. Ryan me fazia

praticar meu alemão com muita frequência. Era bastante exigente. Além de uma sucessão de professores de alemão, eu tinha duas horas de aula por dia, seis dias na semana. Lia em voz alta todos os jornais alemães e os comentava com meus professores, assim como livros sobre a história da nação alemã, da época do Sacro Império Romano-Germânico até o presente. Fazia o mesmo com as obras de Sebastian Brant, Johann von Goethe e Nietzsche. Ao fim do primeiro ano de estudos intensivos, eu podia passar por uma alemã nativa.

"A Sra. Ryan era como uma mãe para mim". Sabia muito sobre mim e sobre minha família. Contou-me coisas a respeito deles que eu ignorava. Sabia que papai fora ludibriado para ficar sem sua empresa e me falou de Otto von Meerbach. Sempre falávamos dele. Dizia que com certeza ele havia assassinado papai como se ele próprio tivesse apertado o gatilho da espingarda. Embora nunca o tivesse visto, comecei a odiá-lo com todas as minhas forças, e a Sra.

Ryan habilmente alimentava as chamas do meu ódio. Ela ocupava um cargo importante no governo. Só muito tempo depois tive uma ideia do tipo de trabalho que podia ser, mas quase sempre falávamos do privilégio de sermos súditos de um monarca tão nobre e cidadãos do maior e mais poderoso império que o mundo já vira. Devíamos aproveitar qualquer oportunidade que se apresentasse para servir ao rei e ao império. Devíamos nos preparar para estar prontos no momento em que precisassem de nossos serviços. Devíamos estar prontos para fazer qualquer sacrifício que o dever e o patriotismo exigissem.

"Eu acatava suas palavras de todo o coração e trabalhava com mais dedicação do que ela exigia. Jamais se apresentava uma oportunidade de eu conhecer homens, a não ser os criados, meu tutor e os professores, de modo que nunca me dei conta de como era bonita, tampouco de que a maioria dos homens ia me achar irresistível."

Deixou de falar e balançou a cabeça, arrependida.

— Oh, meu amor, me perdoe, Texugo. Isso parece muito pretensioso.

— Não, é a pura verdade. Você é mais bonita do que se pode dizer com palavras. Por favor, continue, Eva.

— A beleza e a feiura são fenômenos aleatórios. A diferença está em que a beleza se desvanece e se transforma em outra forma de feiura. Não dou nenhum valor à minha beleza, mas outros já deram. Essa foi uma das razões pelas quais me escolheram. A segunda foi minha inteligência.

— E qual foi a terceira?

— Havia sofrido uma terrível injustiça e queria que se castigasse o culpado.

— Acho tudo isso fascinante, ainda que de maneira sinistra. Minha pele está começando a se arrepiar.

— Em meu décimo nono aniversário, a modista me fez um magnífico vestido de baile. A Sra. Ryan estava comigo quando o provei pela primeira vez. Juntas,

olhamos minha imagem no espelho de corpo inteiro. "Você é muito bonita, Eva", ela me disse.

"Transformou-se em tudo aquilo que esperávamos que fosse." Havia algo triste e lamentoso na maneira como disse isso. Não me detive nisso naquele momento porque, evidentemente, não tinha a menor ideia do que estavam planejando. Em seguida sorriu, e a tristeza desapareceu. "Amanhã à noite vamos fazer a festa do seu aniversário", ela me disse. — Eva riu. — Foi uma festa de aniversário muito estranha. A Sra. Ryan e eu fomos de táxi a uma casa em Whitehall, um desses magníficos edifícios públicos. Quatro homens nos esperavam lá. Eu havia imaginado que haveria dezenas de jovens, mas só havia esses quatro senhores (o mais jovem tinha pelo menos quarenta anos). Três vestiam esplêndidos uniformes militares. Deviam ser oficiais de nível muito elevado, já que exibiam condecorações brilhantes, estrelas e medalhas. O quarto era magro e de aspecto grave. A Sra. Ryan o apresentou como Sr. Brown. Era o único civil no grupo. Trajava uma túnica longa, preta e de pescoço alto.

"Sentamo-nos para jantar a uma mesa redonda no centro de um amplo salão, com grandes lustres suspensos no teto". As paredes recobertas de madeira exibiam enormes telas com cenas de batalhas. Lembro-me de que uma delas era uma pintura de Nelson à morte no deque do Victoria, em Trafalgar, e outra, de Wellington e seus oficiais em Quatre Bras, observando o ataque dos hussardos de Napoleão. Havia uma banda que tocava na galeria e, um após o outro, os oficiais dançavam comigo. Enquanto isso, me interrogavam como se eu estivesse no banco dos réus.

"Não consigo me lembrar do que comemos, porque estava tão nervosa que perdi o apetite". Um criado serviu champanhe em minha taça, mas a Sra. Ryan me havia prevenido, e não toquei nela. Ao final do jantar, os quatro homens puseram-se a falar entre si em voz baixa, e não consegui entender o que diziam. Logo pareceram chegar a algum acordo, porque assentiram com a cabeça e pareciam estar muito satisfeitos consigo mesmos. A noite terminou com um discurso do Sr. Brown sobre o dever e o sacrifício. Assim findou minha festa de aniversário.

"Dois dias depois voltei a me encontrar com o Sr. Brown, dessa vez em circunstâncias menos agradáveis. Estávamos em uma oficina com cheiro de umidade, cheia de arquivos de velhos jornais, em outro local de Whitehall. Ele estava amável e simpático. Disse-me que eu tinha o privilégio de ter sido escolhida para uma tarefa extremamente delicada, vital para os interesses e a segurança de nossa amada Grã-Bretanha. As nuvens de tormenta da guerra estavam se juntando sobre o continente, disse, e logo nosso país estaria envolto em chamas. Eu não conseguia compreender o que tudo isso tinha a ver comigo, e toda essa retórica teve o efeito de me aturdir, até que ele mencionou o nome de Otto von Meerbach. Minha atenção imediatamente ficou alerta. Ele sugeriu que eu estava numa situação que me

permitia prestar um serviço memorável ao rei e ao império, ao mesmo tempo em que compensaria as terríveis injustiças que meu pai e eu havíamos sofrido nas mãos do Graf Otto. A única coisa que teria de fazer era induzi-lo a dar-me informações que seriam vitais para os interesses militares da Grã-Bretanha."

Riu novamente, mas agora achando graça mesmo.

— Pode imaginar, Texugo? Eu era uma garota tão inocente, ingênua e tonta que não tinha a menor ideia de como se supunha que eu poderia fazer que ele me contasse seus segredos. Perguntei ao Sr. Brown diretamente, e ele se mostrou misterioso, para logo depois trocar um olhar com a Sra. Ryan. "Se você estiver de acordo em fazer o que lhe pedimos, já lhe ensinaremos", me disse ele. Lembro que minhas palavras exatas foram: "Certamente que o farei. Só não sei como".

Interrompeu-se, endireitou o corpo para se sentar e olhou com solenidade para o rosto de Leon com aqueles olhos violeta que ele adorava.

— Quase um ano depois de ter feito esse pacto com o diabo, eles consideraram que eu estava perfeita para desempenhar o papel que haviam escolhido para mim. Aprendi tudo o que havia para saber sobre o Graf Otto, salvo, é claro, os segredos que eu devia conseguir adulando-o. Àquela altura, já sabia que ele estava separado da esposa, com quem ficara casado por dez anos, mas, como ambos eram bons católicos, não podiam se divorciar. Não haveria nenhuma possibilidade de que me pressionasse para me casar com ele depois que tivesse sucumbido a meus encantos fatais. — Riu, sem achar graça nesse exagero. — O Sr. Brown e a Sra. Ryan me puseram no caminho do Graf Otto von Meerbach. Isso foi arranjado por intermédio de um dos adidos militares da embaixada britânica em Berlim. Eu ia ser convidada para ir a seu pavilhão de caça em Wieskirche. Haviam me ensinado qual seria minha tarefa, e eu a fiz. — Disse isso num tom neutro, mas, como uma gota de orvalho numa pétala de violeta, uma só lágrima rolou de seus cílios. — Eu era virgem quando conheci Otto von Meerbach, e em mente e espírito ainda era, até ontem. Meu Texugo querido, não quero entrar em mais detalhes, e, mesmo que o fizesse, você não ia querer ouvi-los.

Permaneceram em silêncio durante algum tempo; então Eva não conseguiu mais se conter.

— Agora que sabe tudo de mim, você me despreza?

Sua voz soou opaca, e sua expressão era de aflição. Ele estendeu as mãos para ela e tomou seu rosto, olhando-a nos olhos para que ela pudesse ver a autenticidade do que estava a ponto de lhe dizer.

— Nada do que tenha feito, ou alguma vez possa vir a fazer, poderia me levar a desprezá-la. Você permitiu que eu entrasse em sua alma, e nela só encontrei bondade e beleza. Deve se lembrar também de que, ao olhar para mim, não está olhando para nenhum santo. Foi você que disse que ambos somos soldados. Matei homens em

nome do dever e, como você, fiz muitas coisas das quais me envergonho. Nada disso importa. A única coisa que importa é que agora estamos juntos e nos amamos. — Com o polegar secou suavemente aquela lágrima.

Finalmente ela sorriu.

— Você tem razão. Nós nos amamos e temos um ao outro. Essa é a única coisa que importa.

O cortejo fúnebre se estendia por toda a avenida Unter den Linden. Quando as pessoas da frente chegaram ao Palácio de Brandemburgo, não se via no final da avenida as que estavam na outra extremidade. Era um dia chuvoso e cinza, e os enlutados se alinhavam de ambos os lados da via, em longas filas de pelo menos dez pessoas na largura, sob a chuva. Estavam em silêncio, exceto pelo choro das mulheres. Apenas um tamborileiro marcava o ritmo da marcha fúnebre. Um esquadrão de cavalaria completo ia adiante na procissão. Os cascos dos cavalos ressoavam no pavimento, e a luz pálida se refletia nos sabres desembainhados. Eva estava na primeira fila dos enlutados. Estava usando luvas longas de couro preto e um chapéu de plumas pretas de avestruz. Um véu preto lhe cobria os olhos e a parte superior do rosto.

O cáiser Guilherme II ia montado em seu cavalo preto de batalha à frente da carruagem que levava o caixão. Usava um brilhante elmo de ponta com uma corrente dourada sob o queixo, e a capa preta pendia a suas costas, dos ombros até a anca de sua montaria. Sua expressão era terrivelmente trágica. Uma junta de cavalos pretos puxava a carruagem.

O esquife era enorme, de cristal, de modo que o cadáver de Otto von Meerbach era perfeitamente visível. Estava vestido com uma túnica de imperador romano e tinha uma coroa de louro na cabeça. Segurava, em cada um dos grandes punhos peludos, uma assegai com as lâminas cruzadas sobre o peito. Incongruentemente, trazia apertado entre os dentes um charuto cubano.

Eva estava feliz e profundamente aliviada. Otto estava morto. O pesadelo terminara, e ela estava livre para ir embora com Leon. Estendido em seu ataúde de cristal, Otto abriu um olho, encarou-a diretamente e soltou um perfeito anel de fumaça. Ela se pôs a rir.

Não conseguia parar, e sua gargalhada ressoou como um sino por toda a avenida Unter den Linden.

O cáiser Guilherme se virou na sela e a olhou furioso. Depois esporeou seu cavalo para se aproximar dela e se abaixou para repreendê-la.

— Acorde, Eva! — disse em tom severo. — Acorde. Você está sonhando!

— Otto está morto — respondeu ela. — Tudo ficará bem agora. Agora terão de me deixar ir embora. Serei livre. Tudo terminou.

— Desperte, minha querida! — insistiu o cáiser, inclinando-se na sela para segurá-

la pelos ombros e sacudi-la com força. O fato de ele ser o imperador da Alemanha e de ela ter sido apresentada à corte em mais de uma ocasião não era desculpa para um comportamento tão familiar. Ela se sentiu muito ofendida. Como se atrevia ele de chamá-la de "minha querida"?

— Sou a amada de Leon, não sua! — disse ela energicamente e se sentou. Leon havia acendido a vela, de modo que havia claridade suficiente na choça para que ela pudesse ver o rosto dele junto ao seu e notar sua expressão de preocupação. — Otto está morto — repetiu ela.

— Você estava sonhando, Eva.

— Eu o vi, meu querido. Está morto mesmo. — Fez uma pausa para considerar essa afirmação. — Mesmo que meu sono fosse uma fantasia, mesmo que ele estivesse por aí, vivo e respirando, para mim está morto. Ele já não significa nada para mim. Já nem sequer o odeio. Agora que encontrei o amor com você, não há lugar em minha vida para emoções estéreis como o ódio e a vingança.

Estendeu a mão para Leon, e ele a envolveu em seus braços e a segurou com força.

— Juntos vamos transformar toda essa feiura em algo brilhante e lindo — prometeu ele.

— Quero que me leve para ver Lusima Mama — sussurrou. — Desde que me falou dela pela primeira vez, senti como se já a conhecesse. Tenho a estranha sensação de que estou espiritualmente ligada a ela. De algum modo, sei que ela tem a chave de nossa felicidade.

— Vamos visitá-la hoje, assim que houver luz suficiente para ver o caminho para cima.

Manyoro e Loikot preveniram Leon de que a última parte era muito íngreme e estreita para os cavalos, por isso ele mandou que Ishmael e o cavaleiro retornassem ao pé da montanha com a ordem de dar a volta pelo lado sul e levar os cavalos pela rota mais fácil e conhecida. Assim que se foram, Leon, Eva e os dois massais começaram a subir pelo caminho próximo à cascata. A cada passo ele ficava mais difícil. Em alguns lugares foram forçados a galgar a parede da montanha por saliências ao longo das quais só era possível passar um por vez, correndo um grande risco. Durante a maior parte do percurso, a cascata ficava escondida pelas rochas, mas em duas oportunidades, enquanto caminhavam à beira de um contraforte, foram surpreendidos por um espetáculo que lhes tirou o fôlego. A torrente parecia girar em volta deles na forma de lâminas prateadas, confundindo seus sentidos. As paredes rochosas e as saliências sob seus pés eram úmidas e lisas, com uma camada de algas viscosas. Seu avanço para o alto se tornava cada vez mais difícil.

O sol estava quase no alto do céu quando saíram da meseta do topo da montanha. Manyoro e Loikot procuraram uma sombra sob uma das árvores e se deixaram cair

para descansar e cheirar um pouco de rapé. Leon levou Eva pela mão até a borda do precipício. Sentaram-se ali, juntos, com os pés pendendo sobre o espaço vazio. Leon pegou uma pedra do tamanho de seu punho da saliência em que estavam sentados e a atirou sobre a borda. Observaram fascinados enquanto ela caía por uns cem metros sem tocar a parede da rocha. Mal conseguiram ver o pequeno borriço que provocou ao cair na água lá embaixo. Ninguém falava, pois as palavras pareciam supérfluas em meio a tanto esplendor. Finalmente, Manyoro os chamou e, de má vontade, levantaram-se e se afastaram dali.

— A manyatta de Lusima está muito longe? — perguntou Leon.

— Não está longe — respondeu Loikot. — Estaremos lá antes do pôr do sol.

— Um simples passeio de trinta quilômetros mais ou menos — disse Leon, sorrindo. — Vamos.

Sem vacilar, os dois massais escolheram o caminho abandonado e cheio de mato e começaram a caminhar tranquilamente. Dessa vez não havia nenhuma pressa, e eles puderam desfrutar o entorno que parecia tão afastado do fundo do vale da Grande Fenda. Era a primeira visita de Eva à montanha, e ela estava fascinada com a paisagem e a vegetação. Maravilhava-se com as orquídeas em flor que pendiam em guirlandas dos galhos altos das árvores da selva tropical e ria das graças dos macacos, que os desafiavam quando passavam perto. Chegaram a parar para ouvir uma manada de animais pesados que fugiam ruidosamente pelo matagal, assustados com sua presença.

— Búfalos — disse Leon, respondendo a uma pergunta não formulada por ela. — Há algumas bestas enormes aqui em cima na neblina.

Em certo ponto, desceram por um íngreme desfiladeiro e subiram pelo outro lado para chegar a uma meseta aberta, tão plana quanto um campo de polo e sem árvores. Em uma das extremidades, o despenhadeiro caía repentinamente em declive por dezenas de metros. Dois antílopes grandes, avermelhados, estavam parados à entrada do bosque do outro lado da clareira. Tinham os ombros listrados de creme e orelhas grandes em forma de corneta. Seus chifres eram enormes espirais pretas de afiadas pontas brancas.

— Que lindos! — exclamou Eva, e ao ouvir o som de sua voz os animais se enfiaram no bosque, sem que nenhum arbusto se mexesse. — O que eram?

— Bongos — respondeu Leon —, o mais raro e tímido de todos os nossos animais.

— Não sabia que era tão lindo este país de vocês!

— Quando descobriu isso? — Ele riu ao ver o entusiasmo dela.

— Mais ou menos no mesmo momento em que me dei conta de que estava apaixonada por você — respondeu ela, rindo também. — Nunca mais quero ir embora destas terras. Podemos viver aqui para sempre, Texugo?

— Que ideia maravilhosa! — disse ele, mas ela notou que ele respondia meio distraído.

— O que há? — perguntou.

— Isto! — Com um movimento amplo de um braço, apontou para a clareira à frente deles. Então, caminhou ao longo dela, contando os passos e examinando o chão sob seus pés. Ela se deu conta de que por toda aquela extensão o mato não subia além de seus joelhos. De repente, sentiu calor e cansaço. Encontrou um tronco de árvore e se deixou cair nele, agradecida, para enxugar o rosto com seu lenço de cabeça. Do outro lado da clareira, Leon e os dois massais mantinham animada conversa, e era evidente que estavam falando dessa incomum extensão de campo aberto. Depois de um tempo, ele voltou para junto dela.

— O que você encontrou? Ouro ou diamantes? — brincou Eva.

— Loikot disse que na época de seu avô, o Mikuba Mikuba, o grande deus dos massais se zangou e lançou um raio para avisar a tribo de sua cólera. Nenhuma árvore ou planta grande cresceu aqui desde esse dia.

— E você acredita nisso? — perguntou ela.

— É claro que não — respondeu Leon —, mas Loikot acredita, e é isso que importa.

— Por que está tão interessado nesta área?

— Porque isto é uma pista de pouso natural, Eva. Se eu voar com a aeronave inclinada para o lado por entre essas árvores altas no final da clareira, vou poder fazer o Besouro pousar aqui tão suavemente como se estivesse espalhando mel numa torrada com manteiga.

— E por que você ia querer fazer isso, meu querido?

— É só disso que não gosto quando tenho que voar. Cada vez que a gente decola, tem de pensar onde vai pousar. Adquiri o hábito de tomar nota de toda possível pista de aterrissagem que encontro no monte. Posso nunca vir a usá-la, mas, se alguma vez precisar dela, sei onde ela se localiza.

— Mas no alto desta montanha? Não está levando essa busca muito longe? Vou lhe dar um beijo se me der uma boa razão pela qual você ia querer pousar aqui.

— Um beijo? Isso, sim, me interessa. — Levantou o chapéu e coçou a cabeça pensativamente. — Eureka! Achei! Poderia querer trazer você aqui em cima para um piquenique com champanhe em nossa lua de mel.

— Venha cá ganhar seu beijo, garoto esperto!

Quando estavam deixando a clareira, começou a chover, mas os pingos eram mornos como sangue, e eles nem se incomodaram de procurar abrigo. Uma hora depois, de repente, tal como veio, a chuva parou, e o sol começou a brilhar de novo. Nesse momento, ouviram tambores ao longe.

— É um som comovente — disse Eva, inclinando a cabeça para ouvir. — É a

própria pulsação da África. Mas por que estão batendo tambores em pleno dia?

Leon falou rapidamente com Manyoro e depois disse:

— Estão nos dando as boas-vindas.

— Mas como alguém ia saber que estamos indo?

— Lusima sabe.

— Mais uma de suas brincadeiras? — perguntou ela.

— Desta vez não. Ela sempre sabe quando estamos vindo, às vezes até mesmo antes que nós próprios saibamos.

Os tambores os estimularam a se apressar, e eles aceleraram o passo. O sol estava baixo e vermelho enfumaçado quando saíram da floresta e sentiram o cheiro de fumaça de madeira e dos currais do gado. Logo ouviram vozes e o gado mugindo. Por fim surgiram os tetos redondos da manyatta. Uma multidão de figuras com shukas vermelhas caminhava na direção deles cantando canções de boas-vindas.

Foram acompanhados ao povoado pela gente da aldeia, que cantava e ria. Ao se aproximarem da grande choça central, as pessoas se mantiveram atrás, deixando Eva e Leon parados diante dela.

— É aqui que ela vive? — perguntou Eva num sussurro, com respeito e temor.

— Sim. — Leon tomou seu braço possessivamente. — Ela fará sua entrada depois de nos manter à espera por algum tempo. Lusima adora um pouco de teatralidade e cenografia.

Enquanto Leon falava com Eva, Lusima Mama saiu pela porta da grande choça e apareceu diante deles. Eva foi tomada de surpresa.

— É muito jovem e bonita. Achei que fosse uma feiticeira velha e feia.

— Eu vejo a senhora, Mama — cumprimentou-a Leon.

— Vejo você também, M'bogo, meu filho — respondeu Lusima, mas seus olhos estavam voltados para Eva. Então encaminhou-se para ela com a graça de uma rainha. Eva se manteve ereta quando Lusima parou diante dela. — Seus olhos são da cor de uma flor — disse. — Vou chamá-la de Maua, que quer dizer "flor". — Então olhou para Leon, dizendo, enquanto assentia com a cabeça: — Esta é aquela de quem você e eu falamos. Você a encontrou. Esta é sua mulher. Agora, repita para ela o que eu lhe disse.

A expressão de Eva se iluminou de alegria ao ouvir a tradução.

— Por favor, Texugo, diga-lhe que vim pedir sua bênção.

Foi a vez de ele traduzir para Lusima o que Eva dissera.

— Você a terá — prometeu Lusima. — Mas, filha, vejo que você não tem mãe. Uma doença terrível a levou.

O sorriso de Eva se desvaneceu.

— Ela sabia alguma coisa sobre minha mãe? — perguntou Eva a Leon. — Agora acredito em tudo o que me disse sobre ela.

Lusima estendeu os braços e tomou entre as suaves palmas rosadas o rosto de Eva.

— M'bogo é meu filho, e você será minha filha. Tomarei o lugar de sua mãe, que foi ao encontro de seus antepassados. Agora lhe dou a bênção de uma mãe. Que você encontre a felicidade que durante tanto tempo a iludiu.

— A senhora é minha mãe, Lusima Mama. Posso lhe dar um beijo de filha? — perguntou Eva.

O belo sorriso de Lusima iluminou a penumbra.

— Embora isso não seja costume de nossa tribo, sei que é dessa maneira que os mzungus demonstram respeito e carinho. Sim, minha filha, pode me beijar, que a beijarei também.

Um tanto tímida, Eva foi ao encontro de seu abraço.

— Você cheira como uma flor — disse Lusima.

— E a senhora, Mama, cheira como terra boa depois da chuva — respondeu Eva depois de uma pausa para ouvir a tradução de Leon.

— Sua alma está cheia de poesia — afirmou Lusima —, mas no fundo está ferida e cansada. Precisa descansar na choça que preparamos para você. Talvez aqui, no monte Lonsonyo, suas feridas se curem. Você ficará forte de novo.

A choça a que as criadas de Lusima os levaram fora recémlevantada. Sentia-se o cheiro da fumaça das ervas que haviam sido queimadas para purificá-la e da bosta fresca de vaca com que tinham coberto o piso. Ali, tigelas de frango guisado, verduras assadas e purê de mandioca os esperavam. Depois que comeram, as criadas os levaram ao leito de peles de animais com dois apoios para cabeça, de madeira, um ao lado do outro.

— Vocês serão os primeiros a dormir aqui. Que nossa alegria por sua chegada seja também a de vocês — disseram, ao se retirar para deixá-los a sós.

Pela manhã, as garotas foram buscar Eva para levá-la à piscina na parte da água corrente reservada às mulheres. Depois que tomou banho, trançaram seu cabelo com flores. Em seguida lhe deram uma shuka vermelha nova para substituir suas roupas rasgadas e cheias de pó. Rindo e acariciando-a como se fosse uma linda menininha, ensinaram-lhe a dobrar e arrumar a shuka como se fosse uma toga romana. Depois, descalças, levaram-na à grande árvore do conselho, sob a qual Lusima a esperava. Leon já estava ali, e os três compartilharam um desjejum de leite ácido e sopa de sorgo.

Depois de se alimentar, ficaram conversando durante toda a manhã. Eva e Lusima estavam sentadas perto uma da outra, olhando-se nos olhos e de vez em quando tomando as mãos uma da outra. Estavam tão de acordo que as traduções de Leon acabavam sendo um pouco supérfluas, já que elas pareciam se entender sem falar, num plano que ia muito além do discurso.

— Você ficou sozinha por muito tempo — disse Lusima em dado momento.

— Sim, fiquei só por muito tempo — concordou Eva. Em seguida, olhou para Leon e tocou sua mão. — Pois já não estou.

— A solidão faz mal à alma como a água desgasta as rochas — falou Lusima, acenando com a cabeça.

— Vou ficar sozinha novamente, Mama?

— Quer saber o que o futuro lhe reserva, Maua?

Eva fez que sim com a cabeça.

— Seu filho M'bogo diz que a senhora pode ver o que nos espera.

— Ele é homem, e os homens tentam fazer que todas as coisas sejam simples. O futuro não é simples. Olhe para cima! — Eva levantou a cabeça, obediente, e olhou fixamente para o céu. — O que está vendo, minha flor?

— Vejo nuvens.

— Qual sua forma e de que cor são?

— Há muitas formas e matizes que mudam, inclusive enquanto estou olhando.

— O mesmo se passa com o futuro. Ele adquire muitas formas, que vão mudando com o soprar dos ventos da vida.

— Então a senhora não pode prever o que acontecerá com M'bogo e comigo?

A desilusão de Eva era tão infantil que Lusima riu.

— Não foi isso que eu disse. Às vezes, as cortinas escuras se abrem e tenho um vislumbre do que virá, mas não posso ver tudo.

— Veja meu futuro, por favor, Mama. Diga-me se encontra algum vestígio de felicidade nele — pediu Eva ansiosamente.

— Tivemos pouco tempo para ficar juntas. Até agora, sei pouca coisa de você. Depois que olhar mais profundamente em sua alma, talvez possa adivinhar melhor seu futuro.

— Oh, Mama! Isso me faria tão feliz!

— Acredita nisso? Talvez eu chegue a gostar tanto de você que não vou querer dizer o que vejo.

— Não compreendo.

— O futuro nem sempre é agradável. Se eu vir coisas que a deixem triste e infeliz, você vai querer ouvi-las?

— A única coisa que quero que me diga é se M'bogo e eu ficaremos juntos para sempre.

— Se lhe dissesse que não vai ser assim, o que você faria?

— Eu morreria — respondeu Eva.

— Não quero que você morra. Você é linda e boa. Assim, se no futuro eu enxergar vocês dois separados, devo mentir para evitar que você morra?

— A senhora torna isso muito difícil para mim, Mama.

— A vida é difícil. Nada é seguro. Devemos nos apropriar dos dias que nos são destinados e fazer com eles o melhor que podemos. — Observou o rosto de Eva, viu sua dor e teve compaixão dela. — A única coisa que posso dizer é isto: enquanto vocês dois estiverem juntos, você e M'bogo conhecerão a verdadeira felicidade, pois seu coração e o dele estão unidos como estas duas plantas. — Pôs a mão numa antiga trepadeira que se enroscava como uma píton no tronco da árvore do conselho. — Observe como a trepadeira se tornou parte da árvore. Observe como uma se apoia na outra. Não é possível separá-las. É isso que ocorre com vocês dois.

— Se a senhora vê os perigos que nos aguardam, não vai nos prevenir? Eu lhe peço, Mama.

Lusima encolheu os ombros.

— Talvez, se acreditar que conhecê-los fará bem a vocês. Mas o sol já está lá no alto. Conversamos toda a manhã. Agora vão, meus filhos. Aproveitem o que resta do dia para serem felizes juntos. Conversaremos de novo amanhã.

Assim foram se passando os dias, e com a amável orientação e conselho de Lusima os medos e incertezas de Eva pouco a pouco foram desaparecendo, fazendo-a penetrar num mundo de felicidade e satisfação tão completas que ela jamais havia suspeitado que existisse.

— Sabia que tínhamos de vir aqui, mas até agora nunca soube por quê. Estes dias passados no monte Lonsonyo são mais valiosos que diamantes. Aconteça o que acontecer, estarão conosco para sempre — disse ela para Leon.

Cinco dias depois da chegada à aldeia, Ishmael chegou com os cavalos pela rota sul que subia da planície. Levava todo esse tempo para dar a volta na montanha. Ficou horrorizado ao encontrar Eva descalça e vestida com uma shuka.

— Uma grande e linda dama como a senhora não deveria se vestir como uma dessas selvagens infiéis — repreendeu-a severamente em francês.

— Esta shuka é muito cômoda, e, além disso, minha roupa velha virou farrapos — respondeu.

Ele se mostrou consternado.

— Pelo menos poderei alimentá-la com comida civilizada e não com essa lavagem que os massais comem.

Os dias se passaram como numa nuvem de sonhos, tanto assim que perderam a noção do tempo. Como duas crianças, passeavam de mãos dadas pelos bosques do monte Lonsonyo. A cada pequena delícia que encontravam — algum passarinho de plumagem brilhante ou um monstruoso escaravelho com chifres cuja carapaça blindada fazia barulho quando ele se mexia —, as preocupações do mundo lá de fora se afastavam cada vez mais de sua mente. Quando Leon a vira pela primeira vez, ela escondia sua verdadeira natureza atrás de uma máscara de solenidade. Raramente sorria e quase nunca ria. Mas, agora que estavam sós e a salvo na montanha, ela

havia tirado a máscara para deixar que sua verdadeira personalidade brilhasse. Para Leon, aqueles risos e sorrisos multiplicavam por cem sua beleza. Passavam juntos todo o tempo de que dispunham. Até a separação mais breve era penosa para ambos. O primeiro pensamento de Eva ao despertar a cada manhã era: "Otto está morto, e ninguém sabe onde estamos escondidos. Estamos a salvo, e ninguém pode se meter entre nós".

Mesmo quando Ishmael lhes deu a trágica notícia de que a reserva de café se esgotara, eles riram.

— Não é culpa sua, ó amado pelo Profeta. Esse pecado não será posto em sua conta no livro de ouro — consolou-o Leon, mas Ishmael se afastou resmungando, pesaroso.

As pessoas da aldeia os olhavam com carinho, sorrindo para eles quando passavam, levando a Eva pequenos presentes: roletes de cana-de-açúcar, ramos de orquídeas silvestres, leques de lindas plumas ou braceletes de contas que elas mesmas faziam. Lusima se deleitava com seu amor quase tanto quanto eles. Ela passava todos os dias em sua companhia, compartilhando sua sabedoria e seu conhecimento da vida.

Começaram as "pequenas chuvas", e eles ficavam estendidos um nos braços do outro durante a noite, ouvindo seu tamborilar no teto da cabana, cochichando e rindo, sem frio e seguros de seu amor. Logo as chuvas se foram, e Leon se deu conta de que haviam se passado quase dois meses desde que tinham subido o caminho junto à cascata até lá em cima. Quando disse isso a ela, Eva sorriu placidamente.

— Por que se dá ao trabalho de me dizer isso, Texugo? O tempo não significa nada, desde que estejamos juntos. O que vamos fazer hoje?

— Loikot sabe de um lugar onde as águias fazem seus ninhos, nas alturas lá do outro lado da montanha, não longe da cascata da Rainha de Sabá. Gerações e gerações dessas grandes aves se aninham ali desde que se tem lembrança. Nesta época, deve haver filhotes nos ninhos. Gostaria de ir lá para vê-los?

— Oh, sim, por favor, Texugo. — Batia palmas, entusiasmada como se fosse uma criança diante da promessa de uma festa de aniversário. — Então, na volta, podemos ir à cascata e nadar nas águas encantadas outra vez.

— Será uma longa caminhada. Ficaremos ausentes por vários dias.

— Temos todo o tempo do mundo.

Levaram três dias de viagem fácil para atravessar a montanha até o ponto mais largo, pois as gargantas eram profundas e acidentadas, a floresta era densa e havia atrações encantadoras a cada trecho do caminho. Mas acabaram se sentando na beira do precipício e ficaram observando um par de águias que deslizavam num elegante voo muito longe, abaixo deles, dando voltas no ninho, chamando uma à outra e a seus filhotes, levando animais caçados por elas para dar-lhes de comer, como lebres,

macacos e aves de caça, que traziam dependurados nas garras.

No entanto, o ninho estava escondido atrás de uma saliência do contraforte rochoso no qual estavam sentados. Eva estava desiludida.

— Queria ver os filhotes. Com certeza Loikot conhece algum lugar de onde possamos ver o ninho. Por que não pergunta a ele, Texugo?

Ficou sentada ali, impaciente, ouvindo a longa discussão em língua maa, da qual não entendia uma palavra.

Por fim, Leon voltou sacudindo a cabeça.

— Diz ele que há um caminho que desce pelo despenhadeiro, mas é difícil e perigoso.

— Peça-lhe que o mostre para nós. Ele nos trouxe aqui com a promessa de que veríamos os filhotes, e quero que ele cumpra a palavra.

Loikot os levou para a beira da área alcantilada até uma fenda na rocha. Pôs de lado a assegai e deslizou por ela. A abertura era suficientemente larga para a passagem do corpo de Leon. Ele deixou o Holland encostado no tronco de uma árvore e com algum esforço se enfiou na abertura. Eva arrepanhou a shuka, meteu-a entre as longas pernas e o seguiu.

Desceram na penumbra por um poço natural quase vertical, iluminado só por um fraco reflexo de luz que vinha da superfície, suficiente apenas para que vissem os apoios para as mãos e os pés. Logo, gradualmente, a luz começou a se filtrar de baixo, e afinal engatinharam por uma brecha estreita até uma saliência aberta. O poço os levava para fora, abaixo da saliência do contraforte, mas ainda não se via o ninho. No entanto, as águias os viram aparecer na saliência acima do ninho e grasnaram zangadas e assustadas, voando mais próximo para olhá-los com os olhos amarelos.

A saliência era estreita e precária, de modo que a atravessaram com as costas coladas na parede da escarpa, até que, de repente, ela ficou mais larga. Loikot se estendeu em todo o seu tamanho sobre a rocha e espiou pela borda; depois sorriu para Eva e fez sinal para que ela se aproximasse. Com cuidado, ela foi engatinhando para o lado dele e olhou para baixo.

— Lá estão! — exclamou, encantada. — Oh, Texugo, venha vê-los.

Ele se estendeu ao lado dela e pôs um braço em torno de seus ombros. O ninho estava a não mais de dez metros abaixo; era uma plataforma enorme de galhos secos encaixada numa fenda na rocha. A parte de cima tinha a forma de prato e estava atapetada de folhas verdes e junco. No centro da fenda havia duas águias pequeninas cambaleando sobre as patinhas, mal podendo manter a cabeça levantada. O bico era enorme e desproporcional ao emplumado corpo cinza, e seus pés, com os quais haviam quebrado a casca dura do ovo, ainda nem tinha garras.

— São adoravelmente feios! Olhe esses olhos grandes e leitosos! — Eva riu e

logo se abaixou, assustada, ao sentir movimentos no ar em volta de sua cabeça e um forte barulho de asas batendo. Guinchando furiosamente, primeiro a fêmea e depois o macho se lançaram sobre eles, com as garras abertas, prontos para defender o ninho e os filhotes.

— Mantenha a cabeça baixa — disse Leon —, ou essas garras a arrancarão. Fique quieta. Não se mova. — Ficaram estendidos e colados no chão da saliência. Pouco a pouco a fúria e a mortal agressividade das águias foram desaparecendo, quando perceberam que não havia nenhuma ameaça direta a sua cria. Finalmente, a fêmea voltou ao ninho e pousou nele, dobrando as asas e ficando de pé sobre os filhotes de modo protetor, antes de ajeitá-los embaixo de si. Leon e Eva continuavam estendidos acima, na saliência, esperando pacientemente, sem fazer nenhum movimento. As aves relaxaram mais, até que acabaram ignorando a presença humana e retomaram seu comportamento normal.



Foi uma experiência fascinante poder estar tão perto daquelas magníficas criaturas selvagens e observá-las enquanto se dedicavam a alimentar as crias. Leon e Eva passaram o resto do dia na saliência. Quando afinal a claridade foi desaparecendo e era hora de ir, partiram de má vontade. No abrigo rudimentar que Loikot e Manyoro haviam construído para que eles passassem a noite, deitaram-se sob a mesma manta.

— Nunca vou esquecer este dia — sussurrou Eva.

— Cada dia que passamos juntos é inesquecível.

— Nunca vai me tirar da África, não é?

— Aqui é nosso lar — concordou ele.

— Quando olhei para aquelas graciosas aguiazinhas, tive uma sensação muito estranha.

— É uma manifestação comum entre as mulheres, conhecida como instinto maternal — disse Leon.

— Teremos filhos, não, Texugo?

— Você quer dizer neste momento?

— Bem, não estou muito certa disso — respondeu ela —, mas talvez devêssemos começar a praticar. O que acha?

— Você é um gênio. Não vamos perder mais tempo com conversa fiada.

A volta à aldeia de Lusima foi um retorno feliz ao lar. Os meninos pastores os descobriram vindo ao longe e deram a notícia aos gritos a todo o povo, que saiu para lhes dar as boas-vindas, cantando e rindo. Lusima os esperava sob a árvore do conselho. Abraçou Eva e a fez sentar-se a seu lado, à direita. Leon ocupou o tamborete do outro lado para ajudar na tradução quando a intuição de ambas era insuficiente para que se entendessem. De repente, no meio de uma oração, ele levantou a cabeça e começou a cheirar o ar.

— Que maravilhoso aroma é esse? — perguntou sem se dirigir a ninguém em particular.

— Café — gritou Eva. — Divino e glorioso café! — Ishmael se aproximou deles com duas canecas em uma das mãos e uma cafeteira fumegante na outra. Seu sorriso largo era de triunfo. — Você é um fazedor de milagres! — cumprimentou-o Eva em francês. — Era a única coisa que faltava para que minha vida fosse perfeita.

— Também trouxe várias de suas lindas roupas e sapatos, para que a senhora não precise continuar usando os trajes das infieis. — Apontou para a shuka que ela estava usando com uma careta de profundo desprezo e desagrado.

— Ishmael! — A voz de Leon soou aguda de susto. — Enquanto estivemos fora você foi ao Acampamento Percy buscar o café e roupa para mensahib?

— Ndio, buana. — Ishmael exibiu um sorriso de orgulho. — Andei sem parar com minha mula e fui e voltei em apenas quatro dias.

— Alguém o viu? Quem mais estava no acampamento?

— Só buana Hennie.

— Você disse a ele onde estamos? — perguntou Leon.

— Sim, ele me perguntou — respondeu Ishmael. Seu rosto se transformou quando ele viu a expressão de Leon. — Fiz mal, efêndi?

Leon se virou enquanto lutava para esconder seu aborrecimento e o medo que o dominava. Quando voltou à posição anterior, seu rosto não exibia nenhuma expressão diferente.

— Você fez o que achou que era correto, Ishmael. O café está excelente, tão bom quanto o que você sempre preparou.

Mas Ishmael o conhecia bem demais para ser enganado por suas palavras. Não sabia o que havia feito de errado, mas estava abatido e sentindo culpa quando se retirou e foi para a choça que era sua cozinha.

Eva olhava para Leon. Havia ficado pálida e apertava as mãos no colo.

— Algo terrível aconteceu, não?

A voz dela era suave e tranquila, mas seus olhos estavam sombrios devido à preocupação.

— Já não podemos ficar aqui — anunciou Leon com voz severa. Ele se voltou para olhar para o oeste, com o sol já no horizonte. — Deveríamos partir imediatamente, mas já é muito tarde. É muito arriscado descer na escuridão pela trilha da montanha. Vamos partir ao amanhecer.

— O que houve, Texugo? — Eva estendeu o braço e lhe tomou a mão.

— Enquanto estávamos no ninho das águias, Ishmael foi ao Acampamento Percy em busca de provisões. Hennie du Rand estava lá. Ishmael lhe disse onde estávamos. Hennie não tem ideia das circunstâncias delicadas que nos envolvem. Não podemos correr riscos, Eva. Se o Graf Otto estiver vivo, ele virá atrás de você.

— Ele está morto, meu querido.

— Isso foi o que você sonhou, mas não podemos estar seguros. Além disso, há seus chefes em Whitehall. Se descobrirem onde você está, não a deixarão livre. Precisamos fugir.

— Para onde?

— Se conseguirmos chegar a um dos aviões, podemos voar para o outro lado da fronteira alemã, para Dar-es-Salaam, e de lá tomar um barco para a África do Sul ou para a Austrália. Lá chegando, podemos mudar de nome e desaparecer.

— Não temos dinheiro — disse ela.

— Percy me deixou o suficiente. Você virá comigo?

— É claro — respondeu ela, sem hesitar. — De agora em diante, aonde você for, eu irei também.

Leon sorriu e disse simplesmente:

— Meu coração, minha querida! — Então se virou para Lusima. — Mama, temos de partir.

— Sim — concordou ela imediatamente. — Eu já sabia disso, mas não podia dizer a vocês.

De algum modo, Eva compreendeu o que Lusima tinha dito.

— Conseguiu ver alguma coisa além da cortina, Mama? — perguntou Eva, ansiosa.

Lusima fez que sim com a cabeça, e Eva continuou:

— Vai nos dizer o que viu?

— Não é muita coisa, e pouco do que vou dizer é o que você gostaria de ouvir, minha flor.

— Vou ouvi-la de todo modo. Pode ter algo para nos dizer que signifique nossa salvação.

Lusima suspirou.

— Como quiser, mas eu a avisei.

Bateu palmas, e suas aias se aproximaram correndo para ajoelhar-se diante dela. Lusima lhes deu algumas ordens, e elas saíram correndo para a choça. Quando voltaram trazendo a parafernália que Lusima usava na adivinhação, o sol já se havia posto, e o breve crepúsculo estava virando noite. As jovens colocaram as coisas perto das mãos de Lusima e depois fizeram um pequeno fogo. Ela abriu uma das bolsinhas e tirou de dentro dela um punhado de ervas secas. Enquanto repetia entredentes um conjuro, atirou-as ao fogo e elas se queimaram numa ligeira explosão de fumaça acre. Uma das moças trouxe uma panela de barro e a pôs no fogo diante dela. Estava cheia até a borda com um líquido que refletia as chamas como um espelho.

— Sentem-se a meu lado — disse a Eva e a Leon.

Formaram com ela um círculo ao redor da panela. Lusima enfiou uma caneca de alça no líquido e a ofereceu a cada um por vez. Beberam um gole da amarga bebida, e Lusima, o resto.

— Olhem no espelho — pediu, e eles olharam na panela. Sua própria imagem tremia na superfície, mas eles não viram nada além disso. O líquido começou a borbulhar, fervendo. Lusima cantava em voz baixa e seus olhos ficaram vítreos enquanto ela fixava a vista nas nuvens de vapor que subiam. Quando por fim ela falou, sua voz estava áspera e tensa: — Há dois inimigos: um homem e uma mulher. Eles tentam romper os laços de amor que unem vocês dois.

Eva deixou escapar um grito de dor, mas logo ficou em silêncio.

— A mulher tem uma faixa branca na cabeça.

— É a Sra. Ryan, de Londres — sussurrou Eva quando Leon lhe traduziu a frase: "Tem uma mecha grande de cabelo branco na frente".

— O homem só tem uma das mãos — continuou Lusima.

Um olhou para o outro por cima da panela, mas Leon sacudiu a cabeça.

— Não sei quem possa ser. Diga-nos, Mama, esses dois inimigos terão êxito em seus planos?

Lusima gemeu como se tivesse sentido uma dor.

— Não consigo ver mais nada. O céu está cheio de fumaça e de chamas. O mundo inteiro está queimando. Está escuro, mas vejo um grande peixe de prata acima das chamas, e ele traz esperança de amor e sorte.

— O que é esse peixe, Mama? — perguntou Leon.

— Por favor, explique-nos a visão — pediu Eva, mas os olhos de Lusima clarearam e voltaram ao normal.

— Não há nada mais — lamentou ela. — Eu lhe disse que o pouco que havia não era o que você queria ouvir, minha flor. — Estendeu o braço e virou a panela de argila, derramando o conteúdo no fogo, que se apagou numa nuvem de vapor sibilante. — Agora vão descansar. Esta pode ser sua última noite no monte Lonsonyo por muito, muito tempo.

Antes de se recolher a sua choça, Leon deu instruções aos dois massais e a Ishmael para que deixassem os cavalos selados e fizessem todos os preparativos para partirem no dia seguinte ao amanhecer.

A noite estava silenciosa e serena, mas eles só dormiram por instantes. Cada vez que acordavam, procuravam instintivamente um ao outro com a mão, dominados por uma sensação indefinida de medo. Quando as aves do bosque circundante começaram seu sinfônico coro de boas-vindas ao amanhecer e a primeira claridade atravessou as paredes, fizeram amor com uma entrega desesperada, como nunca haviam experimentado; após o clímax, a tormenta de paixão os deixou um nos braços do outro, de corpo nu e empapado de suor, com o coração batendo desenfreadamente. Quando afinal se separaram, Leon sussurrou:

— Hora de ir, minha amada. Vista-se.

Ele se levantou, se vestiu e foi até a porta, abaixou-se e foi lá para fora. A floresta a sua volta estava escura. A estrela-d'alva ainda brilhava no céu de veludo preto. A luz estava pesada e opaca. Eva o seguiu e ele a enlaçou com o braço. Ela ia falar quando viu os homens. Por um momento achou que fossem gente sua, pois traziam cavalos.

Haviam ficado esperando na escuridão, à beira do bosque, mas nesse momento estavam indo na direção deles, e ao se aproximarem Leon viu que eram sete. Cinco

ascaris e dois oficiais. Todos usavam chapéu de aba flexível e uniforme de campanha cáqui. Os ascaris tinham rifle pendurado no ombro, e os oficiais, só arma de mão. O mais graduado parou diante deles, mas ignorou Leon e cumprimentou Eva.

— Como nos encontrou, tio Penrod? O senhor tinha alguém no Acampamento Percy que seguiu Ishmael até aqui?

Penrod fez que sim com a cabeça.

— É claro — respondeu e virou-se para Eva. — Bom dia, Eva, minha querida, tenho uma mensagem da Sra. Ryan e do Sr. Brown de Londres para você. — Eva recuou, dizendo:

— Não! Otto está morto, e tudo acabou.

— O Graf Otto não morreu. Reconheço que foi por pouco. O médico teve de lhe amputar o braço esquerdo, que estava podre de gangrena, e costurou o resto para voltar a armá-lo. O conde não esteve em seu juízo perfeito por muito tempo. Para dizer a verdade, até bem recentemente. Porém ele é duro como granito e resistente como couro de elefante. No entanto, ainda está muito fraco, mas tem perguntado por você, e tive de inventar uma história para explicar sua ausência. Creio que realmente ele a ama e vim buscá-la para levá-la de volta para junto dele. Você precisa terminar o trabalho do qual foi encarregada.

Leon deu um passo para se pôr entre eles.

— Ela não vai voltar. Nós nos amamos e vamos nos casar assim que pudermos voltar à civilização.

— Tenente Courtney, permita-me lembrar-lhe que sou seu oficial superior, e as formas corretas de se dirigir a mim são "senhor" ou "meu general". Agora, afaste-se imediatamente.

— Não posso fazer isso, senhor. Não posso deixar que a leve — insistiu Leon, irredutível.

— Capitão! — chamou Penrod por cima de seu ombro, e o oficial de menor graduação deu um passo à frente com precisão.

— Senhor? — disse. Leon reconheceu sua voz, mas só depois de um instante se deu conta de que se tratava de Eddy Roberts, o lacaios da Rã Snell.

— Prenda este homem. — A expressão de Penrod estava severa. — Se resistir, atire em seu joelho.

— Sim, senhor! — gritou Eddy com júbilo. Tirou o revólver Webley do coldre, e Leon avançou na direção dele. Eddy recuou, engatilhou e levantou a arma, mas antes que pudesse apontar Eva saltou entre eles e abriu os braços. Nesse momento a arma estava apontada para seu peito.

— Suspenda o fogo, homem! — gritou Penrod. — Pelo amor de Deus, não machuque esta mulher. — Hesitante, Eddy abaixou a arma.

Instantaneamente Eva desviou sua atenção de Eddy para Penrod.

— O que o senhor quer de mim, general? — Estava muito pálida, mas sua voz estava fria e serena.

— Só uns poucos minutos de seu tempo, minha querida. — Penrod a pegou pelo braço para afastá-la dali, mas Leon interveio novamente:

— Não vá com ele, Eva. Vai acabar convencendo você.

Eva se virou para olhá-lo, e ele viu que seus olhos estavam velados, seu brilho desaparecera. Ele se encolheu por dentro. Ela havia voltado para aquele lugar aonde ninguém podia segui-la, nem sequer o homem que a amava.

— Eva! — suplicou. — Fique comigo, minha querida.

Ela não deu sinal de que o ouvira e deixou que Penrod a levasse consigo. Foram até a borda do desfiladeiro para que Leon não ouvisse nenhuma palavra de sua conversa. Penrod era bem mais alto que ela, que nem chegava aos ombros dele, e era duas vezes mais corpulento. Eva parecia uma menina ao lado dele, com a vista levantada para seu rosto, enquanto ouvia com ar sério o que ele lhe dizia. Ele pôs ambas as mãos nos ombros dela e sacudiu-a de leve, com olhar grave. Leon mal podia se conter. Queria protegê-la, defendê-la. Queria envolvê-la em seus braços e mantê-la abrigada neles para sempre.

— Isso mesmo, Courtney, faça isso! — disse Eddy Roberts, tripudiando sobre ele. — Só me dê uma desculpa. Você se safou da vez passada, mas isso não vai acontecer de novo. — A arma estava pronta, o dedo no gatilho, e ele apontava para a perna direita de Leon. — Vá! Me dê uma desculpa para fazer voar essa maldita perna.

Leon sabia que ele estava falando sério. Apertava as mãos a ponto de as unhas se cravarem nas palmas e rangia os dentes. E ainda olhava para o rosto de Penrod, que continuava falando. A cada momento ela fazia que sim com a cabeça, sem esboçar nenhuma expressão especial, e Penrod seguia falando, em seu estilo mais charmoso e convincente. Finalmente, os ombros dela caíram, num gesto de capitulação, e ela fez que sim com a cabeça. Penrod pôs um braço em volta de seus ombros de maneira afável, preocupado; depois a levou até onde Leon permanecia sob a ameaça da pistola de Eddy. Ela não olhou para ele. Não havia nenhuma expressão em seu rosto.

— Capitão Roberts! — disse Penrod. Ele também não olhou para Leon.

— Senhor!

— Use as algemas para conter o preso.

Eddy desenganchou as argolas de aço do cinturão de couro e sem demora prendeu-as nos punhos de Leon e as fechou.

— Retenha-o aqui. Não lhe cause nenhum dano, a menos que mereça — ordenou Penrod. — Não permita que ele saia destas montanhas até que você receba ordens minhas. Então leve-o para Nairóbi sob custódia. Não deixe que ele fale com

ninguém lá. Leve-o diretamente até mim.

— Sim, senhor.

— Venha comigo, minha querida. — disse Penrod, virando-se para Eva. — Temos uma longa viagem pela frente. — Caminharam até onde estavam os cavalos, e Leon gritava com a voz entrecortada pelo desespero:

— Você não pode ir embora, Eva. Não pode me deixar agora. Por favor, meu amor!

Ela parou e olhou para ele com olhos opacos, sem esperança.

— Fomos duas crianças tolas, envolvidas numa brincadeira de faz de conta. Agora acabou. Tenho de ir. Adeus, Leon.

— Oh, meu Deus! — gemeu ele. — Você não me ama?

— Não, Leon, a única coisa que amo é meu dever. — Eva não o deixaria saber que seu coração se partia enquanto ela se afastava, com a mentira ainda lhe queimando os lábios.

Assim que Penrod e Eva começaram a descer a montanha, Eddy Roberts ordenou que seus ascaris arrastassem Leon de volta à choça e o fez sentar-se no chão com uma perna de cada lado do pau central que sustentava o teto. Depois tirou as algemas de seus pulsos e as pôs nos tornozelos.

— Não vou correr riscos com você, Courtney. Sei que você é uma fera bem escorregadia — disse Eddy com sádico prazer. Permitiu que Ishmael visitasse Leon na choça uma vez por dia para alimentá-lo, trocar o balde onde fazia suas necessidades e também para lavá-lo, como se fosse um bebê. Leon foi forçado a permanecer ali por doze longos e degradantes dias, até que o mensageiro de Penrod Ballantyne chegou ao caminho da montanha com uma nota escrita em papel oficial amarelo. Então Eddy Roberts o deixou sair da choça e os ascaris o levantaram para colocá-lo no cavalo. Tinha os tornozelos tão inchados e feridos onde as esporas os apertavam que mal podia andar. De todo modo, Eddy ordenou a seus homens que os amarrassem por baixo da barriga do cavalo.

Foi uma viagem horrível pelo vale da Grande Fenda até a estrada de ferro. Eddy a tornou ainda pior pondo-se atrás do cavalo de Leon, incitando-o a trotar sobre o terreno acidentado. Com os tornozelos amarrados, Leon não conseguia acompanhar o passo do animal, que saltava o tempo todo de modo selvagem.

Penrod estava furioso quando os dois ascaris levaram seu sobrinho quase arrastando-o a seu escritório no edifício do quartel-general dos RAR em Nairóbi. Saiu de trás de sua escrivaninha e o ajudou a se sentar.

— Não era minha intenção que o tratassem dessa forma — disse, o que era algo mais parecido com uma desculpa que Leon já o ouvira pronunciar.

— Está perfeitamente bem, senhor. Acho que consegui fazer que o senhor não tivesse outra opção senão manter-me de pés e mãos atados.

— Você estava procurando — concordou Penrod. — Você teve sorte, maldito. Teve sorte de não ter deixado que atirassem em você imediatamente. A ideia me passou pela cabeça.

— Onde está Eva, tio?

— Provavelmente já está em alguma parte do canal de Suez, voltando para Berlim. Só mandei que fossem buscá-lo depois que o barco saiu de Mombaça. — Sua expressão ficou mais suave. — Exceto por todo esse assunto lamentável, você está bem, meu rapaz. Acho que lhe prestei um grande serviço ao fazê-lo recuperar o juízo e ao separá-la de você.

— Talvez seja assim, mas não posso dizer que estou transbordando de gratidão pelo que fez.

— Talvez não agora, mas vai estar, mais adiante. Ela é uma espiã, sabia? É completamente intrigante e inescrupulosa.

— Não, senhor. É uma agente britânica. É uma mulher jovem e bonita e muito corajosa que foi além de seu dever pelo senhor e pela Grã-Bretanha.

— Há um nome para mulheres como ela.

— Senhor, se o pronunciar em voz alta, não me responsabilizarei por meus atos. Dessa vez o senhor terá de fazer que realmente atirem em mim.

— Você é um idiota, Leon Courtney, um rapaz doente de amor, incapaz de pensar racionalmente — disse, pegando a jaqueta do uniforme que se enganchara na parte de trás da cadeira.

Enquanto se abotoava, Leon viu três estrelas e espadas cruzadas sobre os ombros do tio.

— Se acabou de me insultar, senhor, talvez me permita felicitá-lo por sua meteórica ascensão ao elevado nível de general de divisão.

Leon rompera a tensão, e Penrod aceitou a proposta de paz.

— Bem, sem ressentimentos então. Todos fizemos o que tínhamos de fazer. Obrigado pelos cumprimentos, Leon. Você sabia que enquanto estava em lua de mel no monte Lonsonyo um sérvio louco assassinou o arquiduque Francisco Fernando, da Áustria-Hungria, e a estúpida reação desse país contra os sérvios iniciou uma reação de violência em cadeia? Metade da Europa já está em guerra, e o cáiser Guilherme está louco para entrar nela. Tudo está ocorrendo como previ. Guerra total dentro de alguns meses. — Enfiou a mão no bolsinho interno em busca de sua cigarreira e acendeu um Players. — Estive com o maldito bruto do Allenby na Guerra dos Bôeres, e agora ele está à frente do exército egípcio. Estão prontos para entrar na Mesopotâmia e querem que eu assumo o comando de sua cavalaria. Zarpo rumo ao Cairo na próxima semana. Sua tia vai ficar feliz de me ter em casa durante vários dias.

— Por favor, dê-lhe lembranças minhas, senhor. Quem ocupará seu lugar aqui em

Nairóbi?

— Boas notícias para você. Seu velho amigo e admirador, a Rã Snell, foi promovido a coronel, e lhe deram meu cargo. — Viu que o rosto de Leon se transformava. — Sim, já sei o que está pensando. No entanto, posso lhe fazer um último favor antes de partir. Hugh Delamere está formando uma unidade de voluntários de cavalaria ligeira sem ligação com os RAR. Transferi você da reserva para atuar como oficial de inteligência e coordenação ao lado dele. Está ansioso por sua chegada para que você faça voos de reconhecimento em sua unidade. Ele sabe de seu péssimo relacionamento com Snell e o protegerá dele.

— Muita generosidade de sua parte, mas há um pequeno problema: não tenho avião para fazer esses voos de reconhecimento.

— No momento em que o cáiser Guilherme declarar a guerra, vai ter seu avião... e, não bastando um, terá dois. Hugh Delamere pediu emprestado um piloto de hidroaviões da marinha do Reino Unido em Mombaça e o enviou ao Acampamento Percy para trazer o Besouro para cá. Os dois aviões de Von Meerbach estão estacionados e a salvo no hangar do campo de polo.

— Não estou certo se estou entendendo. Não os levou consigo quando se foi?

— Não, deixou-os com seu mecânico, Gustav Kilmer, para cuidar deles. Assim que for decretada a guerra, eles se tornarão propriedade de um inimigo estrangeiro. Trancaremos Kilmer num campo de concentração e requisitaremos os aviões.

— São realmente boas notícias. Tornei-me viciado em voar e não estava gostando da ideia de não fazer mais isso. Tão logo o senhor me permita ir, senhor, estou pensando em voltar ao Acampamento Tandala para controlar o que Max Rosenthal e Hennie du Rand estão fazendo em minha ausência. Depois disso, irei ao campo de polo para me certificar de que Gustav mantém a aeronave guardada sem perigo.

— Oh, não vai encontrar Du Rand em Tandala. Ele foi para a Alemanha com Von Meerbach.

— Santo Deus! — Leon estava realmente surpreso. — Como foi isso?

— Deve ter caído nas graças do conde. De todo modo, ele se foi. Eu também me vou na próxima sexta-feira. Espero que esteja na estação para me proporcionar uma carinhosa despedida.

— Não perderia isso por nada neste mundo, general.

— Desconfio que haja certo duplo sentido nisso. — Penrod se pôs de pé. — Pode se retirar.

— Uma última pergunta, se me permite, senhor.

— Vá em frente e faça-a, mas, como suspeito que já sei a que se refere sua pergunta, não prometo responder.

— O senhor tem alguma forma de trocar mensagens com Eva Barry enquanto ela estiver na Alemanha?

— Ah! Então é esse o nome verdadeiro da juvenzinha! Sabia que Von Wellberg era um nom de guerre. Parece que você sabe muito mais do que eu sobre ela. Peço desculpas se esta é outra frase de duplo sentido.

— Nada disso responde à minha pergunta, general.

— Certamente que não — disse Penrod. — Deixamos assim?

Leon foi para o Acampamento Tandala e, ao entrar em sua barraca, encontrou Max Rosenthal arrumando sua bagagem.

— Vai nos deixar, Max?

— O pessoal daqui está começando a nos perseguir. Não quero passar esta guerra num campo de concentração britânico como os de Kitchener na África do Sul; portanto, vou para a fronteira alemã.

— Muito prudente — disse Leon. — As coisas vão mudar por aqui. Vou ao campo de polo para falar com Gustav sobre os aviões. Se estiver aqui ao amanhecer, posso levar os dois para o sul, rumo a Arusha e à segurança.

Já havia escurecido quando Leon percorria a rua principal de Nairóbi. A atividade era intensa em toda a cidade. Teve de abrir caminho por entre a enorme quantidade de carros e furgonetas de escoceses, todos cheios de famílias de colonos que chegavam das fazendas distantes. Havia circulado o rumor de que Von Lettow Vorbeck havia concentrado suas tropas na fronteira e estava pronto para avançar sobre Nairóbi, disposto a queimar e saquear as fazendas a sua passagem. Os homens do general de divisão Ballantyne estavam armando barracas do exército na praça de armas dos RAR para abrigar os refugiados. As mulheres e crianças se acomodavam enquanto os homens se dirigiam ao escritório de recrutamento no edifício do Banco Barclays, onde lorde Delamere recrutava homens para seu regimento irregular de cavalaria ligeira.

Quando Leon passou diante do banco, os voluntários, entusiasmados, formavam grupos na rua empoeirada, falando da perspectiva de uma guerra e de como ela afetaria a colônia. Seus cavalos estavam selados, e eles vestiam roupa de caça. Quase todos estavam armados com rifles esportivos, prontos para ir enfrentar Von Lettow Vorbeck e seus ascaris assassinos. Leon sabia que poucos deles haviam recebido algum tipo de treinamento militar. Sorriu penalizado. "Pobres criaturas. Acham que vai ser como caçar galinhas-d'angola. Nem sequer pensaram na possibilidade de que os alemães lhes devolvam os disparos."

Nesse momento, um homem saiu da agência do correio, do outro lado da rua, em frente ao banco, agitando um formulário de papel marrom-escuro acima da cabeça.

— Mensagem de Londres! Já começou! — gritou. — O cáiser Guilherme declarou guerra à Grã-Bretanha e ao império! Vamos, rapazes, todos em busca da glória!

Um coro de aclamação ecoou no local. Garrafas de cerveja foram lançadas para o alto, ao som de gritos de: "Que morra o bastardo!".

Bobby Sampson fazia parte de um grupo de homens, na maioria conhecidos de Leon. Estava quase desmontando para se juntar a eles quando pensou: "Como Gustav vai reagir a essa declaração de guerra? Que ordens o Graf Otto lhe teria deixado caso isso viesse a ocorrer?".

Fustigou seu cavalo e virou-o na direção do campo de polo. Já estava escuro quando chegou lá.

Aproximou-se do hangar com o cavalo andando a passo lento. Chovera pouco tempo antes, e o solo estava mole. A terra úmida abafava o ruído dos cascos. Através da parede de lona impermeável, viu que havia luz no hangar. Num primeiro momento, achou que alguém andava lá dentro com uma lâmpada. Então se deu conta de que a luz era muito avermelhada e tremeluzia.

Fogo!

Como pressentira, os problemas haviam se tornado realidade. Em silêncio, correu até a porta e parou para avaliar a situação. A chama que vira era uma tocha acesa que Gustav segurava no alto. Leon então viu que os dois aviões estavam estacionados, cauda com cauda, no lugar habitual, nas extremidades opostas do hangar. Cada um tinha sua própria entrada, um dispositivo que permitia a movimentação independente de cada uma.

Gustav havia cortado em pedaços a maior parte dos caixotes de embalagem nos quais as aeronaves haviam sido embarcadas na Alemanha e empilhara a madeira numa pirâmide debaixo da fuselagem do Borboleta. De costas, estava tão ocupado com os preparativos para queimar os aviões que não percebeu a presença de Leon na entrada, atrás dele. Tinha a tocha acesa na mão direita e uma garrafa de bebida na outra. Estava bêbado e fazia um discurso de despedida das duas máquinas voadoras.

— Esta é a coisa mais difícil que já me pediram para fazer. Vocês são fruto de minha mente. São criação de minhas mãos. Sonhei cada linha de seu belo corpo e os construí com minhas próprias mãos. Trabalhei com vocês durante longos dias e noites. Vocês são um monumento a minha habilidade e a meu gênio. — Fez uma pausa, soluçou, bebeu mais um gole e arrotou ao abaixar a garrafa. — Agora tenho de destruí-los. Parte de mim morrerá com vocês. Oxalá tivesse coragem para me lançar na pira que os consumirá, pois quando tiverem desaparecido minha vida será só cinzas. — Então atirou a tocha na pilha de madeira, mas a bebida o fez errar o cálculo. A tocha subiu, fazendo um arco e deixando uma esteira de chispas, e foi se chocar contra a hélice do motor de bombordo mais próximo, caindo no chão do hangar e rolando até os pés de Gustav. Ele disse um palavrão e se agachou para pegá-la.

Leon correu até ele. Chocou-se com Gustav de costas, quando ele já estava com a mão em volta da tocha, o que fez que o alemão caísse. A garrafa de bebida se transformou em cacos ao se chocar contra o chão, mas Gustav deu um jeito de

continuar segurando a tocha.

Com uma agilidade surpreendente para um homem de seu tamanho, girou até ficar de joelhos e olhou furioso para Leon.

— Se tentar me deter, vou matá-lo!

Lançou de novo a tocha, e dessa vez ela caiu sobre a madeira. Leon perguntou se Gustav a havia empapado com gasolina, mas, embora a chama ainda estivesse acesa, não houve explosão. Correu até ela para evitar que o fogo se estendesse.

Gustav se levantou, cambaleando, e bloqueou sua passagem. Estava inclinado para frente, com os braços estendidos para impedir que Leon alcançasse a tocha que soltava chispas. Leon correu diretamente para ele e, antes que Gustav conseguisse agarrá-lo, aproveitou o impulso da corrida e o chutou no meio das pernas. As pontas aguçadas da espora atravessaram a carne mole entre suas coxas, fazendo-o gritar. Ele então recuou, segurando os genitais feridos com ambas as mãos.

Leon lhe deu um empurrão para o lado com o ombro e conseguiu chegar até a madeira empilhada. Pegou a tocha e a jogou porta afora. Uma das tábuas dos caixotes já estava queimando. Ele a separou, jogou no chão e começou a pisar em cima dela para apagar o fogo.

Gustav saltou sobre suas costas e envolveu o pescoço de Leon com seu braço musculoso, numa mortal chave de braço estranguladora. Travou as pernas em volta do corpo de Leon, montando-o como se fosse um cavalo. Apertou a gravata que aplicava em seu pescoço, e Leon começou a asfixiar.

Com os olhos cheios de lágrimas, viu uma das pás da hélice do enorme motor rotativo de Meerbach diante dele na altura da cabeça. Era feita de madeira laminada, mas a ponta era revestida de metal, como uma lâmina de faca. Fez vários movimentos rápidos, levando Gustav a ficar alinhado com a pá, e então o empurrou para trás. A pá o golpeou na parte de trás da cabeça, atingindo-lhe o crânio, e ele perdeu os sentidos, soltando o pescoço de Leon. Gustav cambaleava no mesmo lugar, perdendo muito sangue por causa do ferimento. Leon cerrou o punho e lhe deu um soco de um lado do queixo. Gustav caiu de costas e ficou ali estendido em toda a sua altura.

Ao mesmo tempo que tentava recuperar o fôlego, Leon olhou desesperadamente ao redor. A tocha continuava lá na entrada, onde ele a havia atirado. Ainda estava acesa, mas já não havia risco de queimar alguma coisa. O perigo, no entanto, era a tábua cujo fogo ele não conseguira apagar quando Gustav saltara sobre ele. A essa altura as chamas estavam vivas e ardiam na tábua. Leon a pegou e correu com ela para a entrada. Atirou-a para fora e depois voltou a atenção para a tocha. Ao se abaixar para pegá-la, ouviu um barulho a suas costas e saltou para um lado. Algo zumbiu próximo de sua orelha direita, e ele girou o corpo.

Gustav estava armado com um martelo de quatro quilos que pegara na mesa de

trabalho encostada a uma parede. Lançou-se contra Leon e, agarrando o longo cabo com ambas as mãos, tentou golpeá-lo. Se Leon não tivesse se agachado, ele teria lhe arrebatado o crânio. A força do movimento fez Gustav perder o equilíbrio, e, antes que ele pudesse se recuperar, Leon o prendeu num abraço de urso, deixando o martelo preso entre os dois. Deram voltas, numa valsa mortal, passando o peso e o equilíbrio de um para o outro, enquanto cada um tentava fazer que o adversário tropeçasse ou perdesse o contato com o chão.

Leon era dez centímetros mais alto, mas Gustav levava vantagem no peso e era puro músculo, temperado e endurecido no esforço físico. O castigo que Leon lhe infligira teria eliminado um lutador menos forte, mas a resistência de Gustav era impressionante. Sua força parecia aumentar enquanto a adrenalina que lhe percorria o corpo compensava a dor de suas lesões.

Empurrou Leon de volta à entrada, onde estava a tocha acesa. Leon sentiu o calor dela na parte de trás das pernas. Então, Gustav girou o corpo e com o quadril empurrou o adversário. Por um segundo, Leon perdeu o equilíbrio, e o alemão deu um forte chute na tocha, que foi rodando pelo chão até bater na base da pirâmide de madeira. O hangar se encheu de fumaça e cheiro de queimado.

Como um leopardo louco em fúria, Leon achou escondida uma reserva de força. Mexendo-se nos braços de Gustav, enganchou um dos saltos do homem com a ponta de sua bota e o fez cambalear para trás. Gustav bateu no chão com todo o peso de Leon em cima dele. O ar foi expulso de seus pulmões com grande barulho. Leon se afastou dele, levantou-se de um salto como um ginasta e correu para tirar a tocha de perto da madeira. Dois pedaços já estavam ardendo, mas ele teve tempo suficiente para afastá-los da pilha e jogá-los longe antes que o outro estivesse em cima dele de novo.

Gustav fazia o martelo girar em grandes círculos à altura do rosto de Leon, obrigando-o a recuar. O alemão respirava com força, procurando levar ar para os pulmões. A parte de trás de sua camisa estava preta de sangue do ferimento no couro cabeludo, assim como a frente de suas calças, onde a espada de Leon o havia atingido, mas ele estava além da dor. O martelo se movia como se fosse um metrônomo, de um lado a outro, e Leon era obrigado a ceder terreno diante da ameaça da pesada cabeça de ferro.

Quase chegou a tocar com as costas o canto da parede do hangar. O ângulo o impedia de fugir, e ele se deu conta de que Gustav o prendera numa armadilha. Com ambas as mãos, Gustav levantou o martelo bem no alto e parou, apontando com ele a cabeça de Leon. Ele sabia que, quando o golpe viesse, não ia conseguir evitá-lo. Simplesmente não havia espaço suficiente para se esquivar dele. Olhou fixo para Gustav nos olhos, procurando adivinhar sua intenção, tentando controlá-lo com a força do olhar, mas a bebida e a dor haviam transformado o homem num animal. Em

seus olhos não havia sinal de reconhecimento nem de piedade.

Então a expressão de Gustav sofreu uma mudança sutil. A fúria enlouquecida desapareceu de seus olhos e foi substituída pela perplexidade. Abriu a boca, mas, antes que pudesse falar, uma grossa gota de sangue brilhante apareceu em seus lábios. O martelo caiu e saltou no chão do hangar. Leon olhava para aquilo, estarecido.

A lâmina de uma assegai massai saiu três palmos de dentro do peito de Gustav. Leon balançou a cabeça como se não pudesse crer no que estava vendo. Em seguida viu que as pernas dele se dobravam. Manyoro estava ali perto, atrás dele, e quando o alemão caiu ele arrancou a lâmina de onde a havia cravado. Seu coração ainda devia estar batendo, pois uma fonte de sangue brotava do ferimento aberto, parando de manar quando Gustav morreu.

Leon olhou para Manyoro. Sua mente fervia com loucas conjecturas. Fazia quase uma semana que havia visto Manyoro pela última vez, no monte Lonsonyo. Como chegara ali de modo tão casual? Então viu que Loikot estava com ele. Antes que pudesse detê-lo, ele cravou sua assegai no corpo inerte.

Leon se sentiu dominado pelo horror e pelo medo. Independentemente das circunstâncias, eles haviam matado um homem branco. O castigo viria na forma de nó de uma forca. A administração da colônia não podia se permitir tolerar um delito tão atroz em um país no qual os brancos eram superados em cinquenta para um pelos membros das tribos. Ia estabelecer um precedente perigoso demais. Com a mente trabalhando a toda a velocidade, Leon perguntou aos dois massais:

— Como vocês chegaram aqui?

— Quando o soldado o levou de Lonsonyo, nós o seguimos.

— Eu lhes devo a vida. O bula matari me teria matado, mas vocês sabem o que acontecerá se a polícia os apanhar.

— Isso não importa — respondeu Manyoro com dignidade. — Podem fazer comigo o que quiserem. Você é meu irmão. Não podia ficar ali vendo que ia matá-lo.

— Alguém mais sabe que vocês estão em Nairóbi? — perguntou Leon, e eles sacudiram negativamente a cabeça. — Bem, devemos agir com rapidez.

Os três envolveram o cadáver de Gustav em uma lona impermeável do depósito, com um eixo de carreta de mais de vinte quilos amarrado a seus pés. Amarraram-no com longos pedaços de cipó de cânhamo e depois o levaram para o Borboleta, para colocá-lo no dispositivo principal da fuselagem destinado ao lançamento de bombas. Sempre trabalhando com muita rapidez, puseram em ordem todo o hangar e eliminaram qualquer vestígio da luta e do fogo. Tiraram os restos dos caixões da embalagem e os amontoaram numa pilha atrás do Clube de Polo. Depois espalharam terra nova sobre as manchas de sangue, pisotearam-na e derramaram óleo de motor

no lugar para esconder a natureza das manchas.

Se alguém fizesse perguntas sobre o desaparecimento de Gustav, certamente pensaria que ele fugira para não ser apanhado e encarcerado num campo de concentração.

Quando Leon se deu por satisfeito com suas providências para esconder até onde era possível todas as provas do que se passara ali, tiraram o Borboleta do hangar e ele subiu para a cabine para iniciar os procedimentos de ligar os motores. Os dois massais estavam parados, prontos para fazer girar as hélices. Então, ficaram imóveis, olhando para a escuridão, de onde vinha o som de um cavalo a todo o galope.

— A polícia? — disse Leon entre dentes. — Tenho o cadáver de um homem assassinado a bordo, e isso certamente significava problema.

Prendeu a respiração e em seguida a soltou, quando Max Rosenthal saiu da noite e desmontou. Trazia consigo uma mochila grande pendurada nas costas e se aproximou correndo de um lado do Borboleta.

— O senhor prometeu que ia me ajudar — disse ele, aterrorizado. — Na praça de armas acabam de fuzilar três alemães acusados de espionagem.

— Não se preocupe, Max. Vou tirar você daqui — tranquilizou-o Leon. — Suba a bordo!

Mal ativaram os motores, os dois massais subiram para se juntar a Max na cabine, e com a lua em quarto crescente para iluminar o caminho Leon decolou e se dirigiu para o sul, com destino à fronteira com a África Oriental Alemã. Três horas depois, a superfície prateada do lago Natron apareceu à frente, brilhando como um espelho à luz da lua.

Leon deixou que o Borboleta baixasse até quase tocar a água. Voou até o meio do lago e acionou a alavanca do dispositivo de bombas, depois pôs a cabeça fora da cabine para ver o corpo embrulhado na lona cair direto nas cáusticas águas salgadas, levantando uma chuva de espuma branca. Deu uma volta baixa sobre a superfície, para se certificar de que não estava flutuando, mas o lastro de metal o arrastara para o fundo, deixando apenas algumas ondas à vista.

Leon voltou para a margem oriental. O lago Natron era atravessado pela fronteira entre os territórios alemão e britânico. Nessa temporada seca do ano, as praias ficavam à vista, e, como a água era rica em sais cáusticos, elas surgiam brancas e brilhantes, com sal duro e compacto. Leon conseguiu aterrissar sem perigo em uma delas. A dificuldade estava em decidir qual delas era mais resistente. Deu uma passada por uma faixa que parecia firme e dura, deu outra volta e aterrissou suavemente. Então seu coração disparou quando viu que as rodas atravessavam a crosta de sal e afundavam no barro mole abaixo dela. O avião parou de modo tão repentino que todos foram lançados de encontro aos cintos de segurança.

Leon desligou os motores e eles desceram à praia. Uma rápida inspeção revelou

que não havia danos evidentes no trem de pouso nem na fuselagem, mas as rodas estavam submersas na lama até o eixo. Leon caminhou em volta do avião para experimentar a superfície do terreno. Havia tido o azar de tropeçar num pequeno poço de lama. Quinze metros adiante a terra era firme, mas não havia como os quatro homens pudessem levar a pesada máquina tão longe.

— Onde estamos, Manyoro?

Os dois massais se consultaram antes de responder.

— Estamos na terra dos bula mataris. A meio dia de caminhada para voltar à fronteira.

— Há alemães por perto?

Manyoro sacudiu a cabeça.

— O posto mais próximo fica em Longido. — Apontou para o sudoeste. — Os soldados levariam mais de um dia para chegar até aqui.

— Há alguma aldeia perto daqui onde possamos encontrar alguns homens para nos ajudar?

— Ndio, M'bogo. A menos de uma hora de caminhada pela margem a partir daqui há uma grande aldeia de pescadores.

— Será que têm bois de tração?

Manyoro e Loikot conversaram e finalmente ambos assentiram com a cabeça.

— Sim, é uma grande aldeia, e o chefe é um homem rico. Tem muitos bois.

— Vão buscá-lo, meus irmãos, o mais rápido que puderem correr. Diga-lhe que traga alguns de seus bois para tirar-nos do barro, que farei dele um homem ainda mais rico. Também devem trazer cordas.

Leon e Max ficaram sentados na cabine para descansar e esperar, mas densas nuvens de mosquitos zumbiam em volta deles, fazendo que ficassem acordados até o amanhecer. Por fim ouviram as vozes e o mugir dos bois vindo da direção em que Manyoro e Loikot haviam desaparecido. Logo uma multidão de pessoas acompanhadas de animais se aproximou deles pela margem. Manyoro vinha rápido à frente.

Leon saltou da cabine e correu para ir se encontrar com ele.

— Trouxe muitos bois. — Manyoro sorria por aquilo que haviam conseguido fazer juntos.

— Muito bem, Manyoro. Você fez um trabalho muito valioso. Trouxeram cordas? — perguntou Leon.

O sorriso de Manyoro desapareceu.

— Só pedaços pequenos de couro, que não vão além do poço de barro até nosso indege — respondeu. Tentava parecer pesaroso, mas Leon havia percebido um brilho em seus olhos.

— Um homem sábio como você deve ter pensado em outro plano — disse Leon.

Manyoro exibiu o mais deslumbrante de seus sorrisos.

— O que você me trouxe, irmão?

— Redes de pescadores! — gritou e desatou numa sequência de risos divertidos.

— Essa piada é bem engraçada — comentou Leon —, mas me diga a verdade agora.

— Essa é a verdade — disse Manyoro, mal contendo sua alegria. — Já vai ver, M'bogo, já vai ver, e logo vai me cumprimentar ainda mais.

Os trinta e seis bois vinham sendo conduzidos pela margem do lago por centenas de pescadores, com suas mulheres e filhos. No lombo de cada boi havia um enorme volume de alguma coisa amarrado com correias. Sob a supervisão severa de Manyoro e Loikot, os volumes foram descarregados na praia e desenrolados. Tratava-se de redes tecidas à mão, de uns sessenta metros de comprimento. As malhas tinham pouco mais de três centímetros de largura, e os nós eram benfeitos e firmes. Leon esticou uma parte sobre os ombros e tentou rasgá-la com toda a força. Os aldeões dançaram e gritaram quando ele ficou todo vermelho de tanto esforço para nada.

— Olhem sua cara! — diziam um para o outro. — Está da cor do papo do peru. Nossas redes são as mais finas e fortes do país. Nem os maiores crocodilos podem rasgá-las.

Juntaram várias redes numa só e depois foram unindo com cuidado uma à outra, formando um cabo grosso e volumoso de uns sessenta a setenta centímetros de diâmetro, mais grosso e pesado que os cabos de amarração de um navio de grande porte. Grupos de moradores locais levaram uma ponta até onde estava o Borboleta, com as asas inclinadas e uma aparência de desolação e abandono. Leon a enrolou no trem de pouso e a amarrou com correias de couro que os aldeões haviam trazido com as redes. Os grupos de bois foram levados até a beira do barro e amarrados à ponta do grosso cabo. Leon, Max e os dois massais ocuparam seus lugares em cada uma das extremidades das asas do Borboleta, para impedi-lo de balançar ou afundar no barro. Logo, com os gritos de estímulo dos presentes e os estalos dos chicotes dos boiadeiros, os bois puxaram. O cabo se levantou do barro e saiu esticado, firme. Durante um minuto nada mais aconteceu, mas logo, pouco a pouco, as rodas do trem de pouso saíram do barro, e o Borboleta foi puxado para terreno seco.

Quando a histeria das comemorações e cumprimentos mútuos se aplacou, Leon deu ao chefe da aldeia um presente generoso, suficiente para comprar vários bois mais. Depois se despediu de Max e o viu sair alegremente de viagem até o posto alemão de Longido, com a mochila às costas. Assim que ele desapareceu no matagal, Leon e os massais ligaram os motores do Borboleta e subiram para a cabine. Lá no alto, Leon virou para o norte, rumo a Nairóbi.

Os dias seguintes foram de atividade febril para Leon, que teve de se apresentar a

lorde Delamere para assumir seu novo cargo de oficial de inteligência e coordenação. Apesar de toda essa agitação, Eva não saía de sua cabeça. Sua imagem lhe surgia na mente de maneira inesperada a qualquer momento do dia.

Quando Penrod partiu rumo a seu novo posto no Egito, Leon estava na estação da estrada de ferro para se despedir dele. Seu relacionamento com o tio havia esfriado muito desde que Eva se havia interposto entre eles. No último momento, enquanto estavam parados na plataforma da estação e o maquinista fazia soar o apito, Leon não conseguiu se conter e de novo perguntou ao tio se havia alguma forma de ele entrar em contato com Eva, agora que a Alemanha e a Grã-Bretanha estavam em guerra e todos os canais normais de comunicação haviam se fechado.

— Você deve se esquecer dessa jovem. Já tirei as batatas do fogo por você uma vez e não quero ser forçado a fazer isso de novo. Ela só vai lhe trazer problemas e aborrecimentos — respondeu Penrod e subiu para seu vagão. — Darei lembranças a sua tia. Ela vai gostar.

Quase uma semana depois, Leon saía dos escritórios de lorde Delamere no edifício do Banco Barclays quando, ao passar pela porta principal para chegar à rua, sentiu uma suave mãozinha apertar a sua. Assustado, olhou para baixo e viu os imensos olhos de um dos querubins de Vilabjhi.

— Latika! Meu docinho! — disse Leon.

— O senhor se lembra de meu nome! — exclamou ela, encantada.

— É claro que me lembro. Somos amigos, não?

Só então ela se lembrou do recado. Pôs um pequeno papel dobrado em sua mão, dizendo:

— Papai me disse que lhe entregasse isto.

Leon o desdobrou e leu rapidamente: "Preciso falar com o senhor. Latika pode trazê-lo a minha loja assim que se dispuser a vir". Estava assinado por Goolam Vilabjhi.

Latika o puxava pela mão, e ele deixou que ela o levasse até onde estava seu cavalo, amarrado a um poste na rua. Montou e depois se abaixou na sela para pegar a menina por baixo dos braços e colocá-la atrás dele. Ela se agarrou a sua cintura, e percorreram toda a rua, enquanto ela dava gritinhos e se sacudia, fascinada.



Quando entraram na loja do Sr. Vilabjhi, Leon viu que o pequeno relicário dedicado a ele fora mantido cuidadosamente, só que haviam acrescentado mais lembranças de sua vida: fotografias dele com roupa de voar e artigos de jornais sobre o "dia ao ar livre no campo de polo".

O Sr. Vilabjhi veio correndo do fundo da loja para cumprimentá-lo, e sua esposa trouxe uma bandeja com café árabe bem forte e frutas confeitadas. Atrás dela vinham todas as filhas, mas antes que elas pudessem entrar o pai as espantou dali, dizendo carinhosamente:

— Saiam, saiam daqui, seus diabinhos barulhentos do sexo feminino! — Então fechou a porta atrás delas e se virou para Leon: — Tenho um assunto muito urgente e aflitivo sobre o qual necessito que me dê seu sábio conselho.

Leon bebeu o café e ficou esperando que ele continuasse.

— Sem nenhuma dúvida o senhor deve saber que seu tio, o eminente general de divisão Ballantyne, me pediu que recebesse mensagens da encantadora mensahib Von Wellberg e as encaminhasse à autoridade correspondente. — Olhou para Leon com expressão indagadora.

Leon estava prestes a negar qualquer conhecimento sobre esse arranjo, mas logo se deu conta de que isso seria um erro, de modo que assentiu com a cabeça.

— Naturalmente — concordou.

O Sr. Vilabjhi ficou aliviado.

— O general me escolheu porque tenho uma sobrinha que vive com o marido em Altnau, uma pequena cidade suíça à margem do lago Boden. Do outro lado do lago se situa a cidade de Wieskirche, na Bavária. É lá que ficam o castelo do conde alemão e a fábrica principal da Meerbach Motor. Também é lá que vive a mensahib Von Wellberg — disse o senhor Vilabjhi com delicadeza. — Minha sobrinha trabalha na empresa suíça de telegramas. Seu marido tem um pequeno barco de pesca no lago. Como a área não está sob total controle dos alemães, é fácil fazer a travessia à noite até Wieskirche para recolher alguma mensagem e voltar em seguida para casa e me mandar um telegrama. Eu o levo ao general Ballantyne. Mas agora o querido general se foi. Antes de partir me disse que devia entregar qualquer mensagem que chegasse ao homem que agora ocupa seu lugar no quartel-general dos RAR.

— Sim, o coronel Snell — confirmou Leon com toda a tranquilidade, mesmo com o coração disparado no peito diante da possibilidade de ter mensagens vindas diretamente de Eva.

— Ah, é claro que estou lhe dizendo algo que já é de seu conhecimento. No entanto, algo terrível aconteceu — disse o senhor Vilabjhi, fazendo uma pausa e revirando os olhos tragicamente.

O medo fez gelar o coração de Leon.

— Aconteceu alguma coisa com a mensahib Von Wellberg? — perguntou.

— Não, não, de modo algum. Nada se passou com a mensahib, mas comigo, sim. Depois da partida do general, peguei o primeiro envio de minha sobrinha e o levei ao escritório do coronel Snell. Lá fiquei sabendo que esse homem é inimigo do general. Agora que foi para o Egito, Snell não vai continuar nem promover nada que tenha sido iniciado por seu amável e honrado tio. Isso porque qualquer êxito ou elogio resultante só vai contribuir para favorecer mais o general do que o próprio Snell. Também parece que ele sabe que nós dois somos amigos, e ele o considera um inimigo. Ele sabia que insultando-me e questionando minha credibilidade estaria atacando o senhor. Pôs-me para fora com palavras severas. — O Sr. Vilabjhi fez uma pausa. Obviamente, fora profundamente ofendido em seu encontro com Snell. Em seguida, prosseguiu com amargura: — Chamou-me de "negro adorador do demônio" e me disse que não voltasse a procurá-lo com minhas bobagens sobre mensagens secretas. — Dos olhos escuros brotaram lágrimas. — Estou no limite de minha resistência e tolerância. Não sei o que fazer, por isso o estou consultando.

Leon coçou o queixo pensativamente. Sua mente girava a grande velocidade. Sabia que, se quisesse ver Eva de novo, precisava ter o Sr. Vilabjhi como aliado. Escolheu com muito cuidado o que disse a seguir:

— O senhor e eu somos súditos leais do rei Jorge V, não é mesmo?

— De fato, sahib, somos.

— Se esse homem detestável, o Snell, é um traidor, o senhor e eu não somos.

— Não, jamais! Somos ingleses verdadeiros e decididos.

— Em nome de nosso soberano, temos de tomar sob nossa responsabilidade esse encargo, tirando-o das mãos de Snell, e levá-lo a um final vitorioso. — Leon imitava o estilo de frases floridas do Sr. Vilabjhi.

— Fico satisfeito ao ouvir palavras tão sábias, sahib. Era isso que eu esperava que dissesse.

— Primeiro, o senhor e eu devemos ler a mensagem que Snell rejeitou. Guardou-a em sua caixa de segurança?

O Sr. Vilabjhi se levantou rápido de sua escrivaninha e foi até o cofre de ferro incrustado na parede. Tirou dele um enorme livro de contabilidade de capa de couro vermelha. Sob a capa de trás havia um desses característicos envelopes do correio. Passou-o para Leon. Estava fechado.

— O senhor não o abriu?

— É claro que não. Isso nada tem a ver comigo.

— Pois bem, agora tem — disse Leon, abrindo o envelope com a unha do polegar. Tirou de dentro dele uma folha de papel marrom dobrada. Suas mãos tremiam de emoção quando a desdobrou e estendeu na escrivaninha. Então ficou consternado. Estava coberta de fileiras e colunas de números, nenhuma letra. — Maldição! Está em código — lamentou Leon. — O senhor tem o código?

O Sr. Vilabjhi fez que não com a cabeça.

— Mas, evidentemente, o senhor sabe como enviar uma resposta, não?

— É claro. Estabeleci uma conexão com mensahib por intermédio de minha sobrinha.

Correndo ligeiramente, Eva desceu a magnífica escada de mármore do Schloss¹⁴, e mesmo usando botas de equitação não fez nenhum barulho, já que os degraus eram atapetados. Nas paredes de painéis de madeira estavam dependurados os retratos dos antepassados de Otto ao longo dos séculos, e havia armaduras nos patamares entre um lance e outro da escada. No início, achava que aquele estilo arquitetônico e os móveis pesados eram deprimentes, mas já não prestava atenção neles. Ao chegar ao patamar inferior, ouviu vozes que vinham do buraco da escada e parou para escutar.

Otto estava conversando com pelo menos dois outros homens, e ela conseguiu reconhecer a voz de Alfred Lutz, o comodoro de sua frota de dirigíveis, e a de Hans Ritter, o navegador sênior, que parecia estar discutindo com o conde.

O tom de Otto era forte e intimidante. Desde que fora atacado pelo leão, seu estilo, que já era dominador, havia se tornado cada vez mais autoritário. Eva achava que Ritter, já sabendo disso, devia ter mais cuidado para não provocá-lo.

— Partiremos de Wieskirche e voaremos sobre a Bulgária e a Turquia; depois iremos para a Mesopotâmia, onde nosso exército já está ocupando a parte norte do país. Aterrissaremos ali para encher os tanques de combustível, óleo e água. De lá iremos para Damasco, depois para o outro lado do mar Vermelho, até o vale do Nilo, Cartum e o Sudão.

⁽¹⁴⁾Castelo. (Em alemão no original.) (N. E.)

Parecia que Otto estava ilustrando sua palestra para Lutz e Ritter com o mapa em escala grande colocado na parede do fundo da biblioteca.

E ele continuou:

— Do Sudão cruzaremos os grandes lagos africanos e voaremos sobre o vale da Grande Fenda até Arusha, onde Schnee e Von Lettow Vorbeck mantêm depósitos de combustível e óleo para nós. De lá, vamos para o lago Nyasa e a Rodésia.

Manteremos o rádio absolutamente mudo até que estejamos sobre o Kalahari central. Só então entraremos em contato com Koos de la Rey pelo rádio de nossa repetidora em Walvis Bay, na costa ocidental da África.

Eva teve a impressão de afinal ter conseguido algo. Essa era a informação mais importante e fundamental que até esse momento pudera descobrir. Foi nesse instante que soube exatamente como Otto pretendia enviar o carregamento de armas e moedas de ouro para os rebeldes sul-africanos. Penrod havia sugerido que ele ia ser mandado por submarino para alguma praia não habitada da costa ocidental da África do Sul. Ninguém havia pensado num dirigível. Mas nesse momento ela acabava de se inteirar do plano completo e tinha até uma descrição precisa da rota que Otto ia seguir no continente sul-africano. Com essa informação, daria a Penrod tudo de que ele precisava, exceto a data em que a viagem se iniciaria.

Assustou-se quando ouviu as portas da biblioteca se abrindo e as vozes se aproximando cada vez mais fortes e claras. Ruídos de passos a alertaram de que Otto e seus aviadores estavam saindo para o salão. Ela não podia ser encontrada ouvindo às escondidas. Desceu correndo o último lance, sem se preocupar em abafar ruídos de seus passos. Os homens estavam agrupados no centro do salão. Os pilotos a cumprimentaram respeitosamente, e o rosto de Otto se iluminou de prazer.

— Vai dar um passeio a cavalo? — perguntou.

— Disse ao cozinheiro que ia a Friedrichshafen para ver se a velha do mercado tem algumas trufas negras para seu jantar. Sei que você as aprecia muito. Não se incomoda se o deixar sozinho por algumas horas, Otto? Quando voltar, poderia parar e desenhar uma vista do lago.

— De modo algum, minha querida. De qualquer maneira, vou para a fábrica com Lutz e Ritter para controlar a montagem final do dirigível. Pode ficar fora por bastante tempo. Provavelmente almoçarei com o comodoro Lutz no refeitório dos gerentes. Mas não faça planos para a semana que vem.

— Você já está pronto para fazer o dirigível voar? — perguntou, batendo palmas com entusiasmo fingido.

— Talvez sim, talvez não — brincou, com humor pesado. — Mas gostaria que você estivesse lá quando o tirarmos do hangar para seu voo de batismo. Creio que vai achar muito excitante. — Levantou o braço esquerdo e abriu com um clique os dedos de metal da prótese que tinha sobre a parte amputada do outro braço. Pôs um charuto cubano nas garras do apêndice de metal e o segurou no lugar com uma torção lateral da munheca. Depois o levantou e colocou a ponta entre os lábios. Lutz acendeu um fósforo e o segurou até Otto começar a soltar nuvens de fumaça.

Eva conteve um calafrio de inquietação. A mão artificial a assustava. Fora feita pelos engenheiros da fábrica de Otto de acordo com desenhos criados por ele. Era um aparelho extraordinário, com o qual ele já lidava com uma destreza

impressionante. Podia pegar a garrafa de vinho entre os dedos de aço e servir seus convidados sem derramar uma só gota, podia abotoar o casaco, escovar os dentes, distribuir cartas e amarrar os cordões dos sapatos.

Havia criado também vários outros acessórios para substituir o polegar e o indicador, entre os quais havia uma seleção de facas de luta, uma garra para o taco de polo e um apoio para manter firme o dedo no gatilho do rifle ao apontar a arma com sua costumeira precisão. No entanto, o mais espetacular de todos era uma clava de combate com pontas. Com essa terrível peça no lugar de sua mão, Otto podia golpear uma pesada viga de carvalho e transformá-la em lascas. Ela o vira pôr fim ao sofrimento de um cavalo que estava com uma pata quebrada dando nele um golpe que lhe destruiu o crânio.

Otto beijou-a e depois levou seus convidados até a porta de entrada do Schloss. Entraram num automóvel Meerbach pretobrilhante. Otto dispensou o motorista, pegou o volante com o punho de aço e saíram rugindo em direção à fábrica. Eva ficou acenando com a mão até perdê-lo de vista. Depois, com um suspiro de alívio, correu até a área de serviço, onde um cavalição segurava sua égua favorita. Mal perdeu de vista o Schloss, fustigou a égua e disparou num galope veloz pelo caminho da floresta em direção ao lago. Esses passeios solitários eram a única forma de fugir do velho e sombrio castelo e de Otto.

Desde que conhecera Leon, ficara quase impossível não só manter seu papel cuidadosamente ensaiado de dedicada e amorosa amante do conde, como também satisfazer suas intermináveis exigências físicas. Havia noites em que, com o musculoso corpo nu pesando sobre o dela – a carne marcada por todas aquelas cicatrizes vermelhas e vívidas infligidas pelas garras do leão, o rosto inchado e afogueado pela paixão, o suor pingando sobre o rosto dela –, Eva mal conseguia evitar cravar as unhas em seus olhos nublados de desejo para lançar-se fora daquela cama imperial. Não podia continuar por muito mais tempo sem cometer um erro e temia que ele descobrisse que havia sido enganado. Se descobrisse, sua vingança seria impiedosa. Ela ansiava estar a salvo nos braços de Leon, protegida por seu amor. Não havia um momento de sua existência em que não sentisse falta dele.

"Eu o amo, mas sei que nunca mais voltarei a vê-lo", disse a si mesma, enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto e voavam para trás com a velocidade do galope da égua. Finalmente chegou ao lugar de sua paisagem favorita, o lago Boden, com o topo coberto de neve dos Alpes suíços do outro lado. Parou no alto do terreno, secou as lágrimas e olhou por sobre as águas azuis. Havia muitas velas à vista, mas ela fixou a atenção num pequeno barco pesqueiro que navegava com o vento a favor e a vela mestra e a bujarrona recolhidas. Um homem estava preguiçosamente apoiado na cana do leme na popa, e uma jovem de pele morena, com um vestido muito colorido, sentava-se de pernas cruzadas na coberta da proa. Com uma

expressão inescrutável, olhava por cima da água para o ponto onde estava Eva. Embora se conhecessem bem, nunca haviam conversado, e isso era o mais perto que tinham estado de um verdadeiro encontro. Eva não sabia seu nome. Seu relacionamento fora arranjado por Penrod Ballantyne e pelo Sr. Goolam Vilabjhi.

A jovem virou a cabeça e disse alguma coisa para o homem da popa. Ele puxou a cana do timão para baixo e começou a mudar o rumo do barco pesqueiro. Ao virar, com o vento a bandeirinha azul do topo do mastro se abriu e começou a se agitar. Esse era o sinal de que havia uma mensagem para Eva. O barco virou então para estibordo, com a proa na margem suíça do lago.

Eva ficou aliviada. Durante as semanas anteriores estivera esperando uma resposta para sua última mensagem a Penrod em Nairóbi. Seu silêncio a deixara ainda mais vulnerável. Embora ainda estivesse ressentida por ter-se separado de Leon, Penrod era seu único aliado em seu mundo solitário. Recolheu as rédeas e trotou com a égua ao longo da margem do lago em direção a Friedrichshafen. A propriedade de Meerbach se estendia por mais de trinta quilômetros.

Logo chegou a um bosquezinho que ia até a beira d'água. As árvores marcavam a união do lago com o muro que servia de limite. Então desmontou e abriu uma porta que havia ali. O muro era uma construção sólida de blocos de pedra sem argamassa. Otto se vangloriava de que ele fora construído pelos legionários romanos de Tibério. Amarrou a égua na porta, subiu pelos blocos de pedra e, com o bloco de desenho aberto no colo, olhou ao redor como se estivesse admirando a paisagem.

Quando se assegurou de que ninguém a observava, esticou o braço para baixo e tirou do lugar uma pedra coberta de musgo. Ali dentro havia uma folha dobrada de papel-arroz que a moça de pele morena tinha deixado para ela.

Eva voltou a pôr a pedra cuidadosamente no lugar antes de começar a ler. Estranhou o fato de a mensagem ter sido escrita em linguagem corrente, não cifrada. Seu primeiro pensamento foi que haviam lhe preparado uma cilada. Rapidamente leu os dois parágrafos do texto, depois ficou boquiaberta de espanto. "Tio se foi pt Que código está usando? Pergunta Texugo."

A alegria a invadiu.

— Texugo! — exclamou. — Meu querido Texugo, você me encontrou!

Embora meio mundo os separasse, ela sabia que já não estava completamente só. Isso a fortaleceu e consolou seu coração ferido.

Pôs o pedaço de papel na boca, mastigou-o e engoliu-o. Então, lutando para controlar as emoções cada vez mais intensas, começou um esboço da costa do lago com o capitel de Wierskirche no fundo. Finalmente, segura de que Otto não mandara nenhum de seus homens espioná-la, arrancou uma pequena tira do pé do bloco e escreveu em claras letras maiúsculas:

Parou, tentando encontrar palavras que expressassem seus sentimentos de forma adequada. Finalmente escreveu: "Você estará sempre em meu coração". Não assinou.

Dobrou o papel e o colocou com cuidado no buraco, sob a pedra do muro. A jovem do outro lado do lago viria buscá-lo depois do anoitecer. Ela o transmitiria ao Sr. Goolam Vilabjhi, e no dia seguinte à noite Leon já o estaria lendo em Nairóbi. Ficou ali sentada durante um longo tempo mais, inclinada sobre o bloco, fingindo que estava desenhando, mas seu espírito borbulhava como uma garrafa de champanhe Dom Pérignon recém-aberta.

— Voltar para a África e para o homem que amo. Isso é a única coisa que desejo. Por favor, querido Deus, tende piedade de mim — pediu em voz alta.

Leon passou a manhã em reunião com Hugh Delamere e seus outros oficiais. O homenzinho se dedicara completamente à formação e ao treinamento de sua pequena força. Já havia recrutado mais de duzentos homens e lhes fornecera equipamento e cavalos com seu próprio dinheiro. Delamere era famoso em toda a colônia por sua energia e entusiasmo, e não era fácil acompanhar seu ritmo. Levou menos de duas semanas para pressionar e conquistar o regimento, até deixá-lo pronto para uma campanha. Já queria enfrentar um inimigo e recorreu a Leon para lhe conseguir um.

— Você é o único piloto que temos, Courtney. Nossa fronteira com os hunos é longa e a selva, densa. Concordo com você que a melhor maneira de manter um olho aberto para os movimentos de Von Lettow e seus ascaris é fazer isso do ar. Esse trabalho é seu. Meu palpite é que ele tentará chegar a Nairóbi por meio de marchas forçadas pelo vale da Grande Fenda, a partir da principal base alemã, em Arusha. Quero que você faça voos de patrulhamento e reconhecimento regulares a partir do Acampamento Percy. Também sei que tem uma rede de chungajis massais para vigiar os elefantes que entrem em sua área. Você deve fazer esses rapazes saberem que, no momento, estamos mais interessados nos hunos do que em marfim.

Ao meio-dia, o livrete de anotações de Leon já estava pela metade com as ordens e instruções de milorde. Delamere dispensou os oficiais para o almoço, com a ordem de que estivessem de volta às duas horas da tarde. Milorde almoçava e fazia sua sesta, e duas horas eram suficientes para que Leon fizesse uma refeição leve no clube e estivesse de volta a tempo, antes que Delamere mandasse açoitá-lo. Mas, assim que saiu à rua, Latika já o esperava junto ao poste de amarrar cavalos diante do banco. Ela estava dando ao animal torrões de açúcar, e ambos estavam se

divertindo muito com isso.

— Olá, queridinha. Veio visitar a mim ou a meu cavalo?

— Papai mandou que lhe trouxesse isto. — Tirou um envelope fechado de papel escuro do bolsinho do avental, deu-o a ele e ficou observando seu rosto enquanto ele abria e lia o telegrama. — É uma carta de alguém que o ama? — perguntou, nostálgica.

— E como você sabe?

— Você também a ama?

— Sim, muito.

— Não se esqueça de que também o amo — sussurrou ela, e ele percebeu que estava quase chorando.

— Então não vai se incomodar que a leve para casa em meu cavalo, vai?

Latika engoliu as lágrimas e esqueceu sua potencial rival. Montada atrás dele, tagarelou alegremente por todo o caminho até a loja do pai.

O Sr. Vilabjhi saiu para recebê-los.

— Bem-vindo! Bem-vindo! A Sra. Vilabjhi está servindo seu famoso frango ao curry com arroz de açafrão. Vai ficar aborrecida se o senhor não vier comê-lo conosco.

Enquanto a Sra. Vilabjhi e as filhas davam os últimos toques na mesa para o almoço, Leon parou diante da estante de livros para passar os olhos pelos volumes. Logo deixou escapar um suspiro de satisfação e pegou o exemplar do dicionário de inglês Macmillan da estante superior.

— Pode me emprestar este livro por algum tempo?

O Sr. Vilabjhi levou um dedo à lateral do nariz e dirigiu a ele um olhar cúmplice.

— O general Ballantyne tinha um exemplar desse livro em sua escrivaninha. Era a primeira coisa que pegava cada vez que recebia um telegrama da Suíça. Talvez mensahib Von Wellberg tenha lhe mandado o código. — Nesse momento, com ambas as mãos, cobriu as orelhas e disse: — Mas não me diga qual é. Sou como o macaco que não ouve o que é ruim. Nós, os agentes secretos, devemos ser sempre discretos.

O frango com curry estava delicioso, mas Leon, ansioso para escrever sua resposta para Eva, mal o saboreou. Enquanto as meninas retiravam os pratos da mesa, ele se fechou no escritório do Sr. Vilabjhi e em vinte minutos escreveu uma mensagem em código para enviar a Eva.

Começava com uma calorosa manifestação de seu amor, depois explicava a ausência de Penrod e prosseguia: "Com meu tio transferido para o Cairo, fiquei às escuras pt preciso de toda informação que tenha pt meu amor eterno pt Texugo".

Quatro dias depois recebeu a resposta de Eva. Sentou-se no escritório do Sr. Vilabjhi e usou o dicionário para decifrá-la. Contava-lhe de modo breve a informação que recolhera durante a rápida visita com Otto e Hennie ao território

alemão na África para se encontrar com Von Lettow Vorbeck e Koos de la Rey. Explicou o plano para levantar uma rebelião na África do Sul quando começasse a guerra, acrescentando uma lista dos materiais e depósitos que De la Rey havia solicitado e que o Graf Otto prometera entregar.

Quando leu tudo, Leon assoviou baixinho.

— Cinco milhões de marcos alemães em moedas de ouro! Isso equivale a quase dois milhões de libras esterlinas, soma suficiente para comprar todo o maldito continente africano e não só a ponta.

Atirou-se para trás na cadeira do Sr. Vilabjhi e refletiu sobre a possibilidade de que um plano tão audacioso como aquele desse certo. Lembrou-se do aborrecimento e da amargura de Hennie du Rand e pensou: "Há cem mil outros bôeres exatamente como ele, soldados treinados e endurecidos na luta. Se dispusessem dos meios necessários, poderiam apoderar-se de todo o país em poucos dias. Maldição, o plano poderia muito bem dar resultado. Mas há alguma forma de podermos impedir isso?".

O Sr. Vilabjhi apareceu à porta.

— Acaba de chegar outra mensagem. — Aproximou-se da escrivaninha e colocou-a diante de Leon.

Ele trabalhou rápido com o dicionário e logo se recostou na cadeira. "Dirigível! Não por barco, mas sim por um maldito dirigível enorme. E minha adorada garota descobriu a rota exata que seguirão. Só falta ela nos dizer quando planejam vir."

Quando o grupo de hóspedes terminou o café da manhã, o Graf Otto o levou para fora do Schloss pela escadinha onde aguardavam cinco enormes limusines pretas Meerbach. Havia cinco oficiais do Escritório de Guerra de Berlim, todos acompanhados da esposa. As mulheres estavam vestidas como se fossem às corridas, com sombrinhas e chapéus cheios de plumas; os homens, de uniforme de gala, com espada no cinturão, o peito brilhando cheio de medalhas e ordens de cavalaria cobertas de diamantes. O protocolo era observado de modo tão estrito que levou algum tempo até que todos entrassem nos veículos sem desrespeitar a ordem militar de precedência. Finalmente Eva se acomodou no terceiro automóvel. Seus companheiros eram um almirante da frota e sua enorme esposa, que mais parecia um cavalo.

A viagem de carro até a fábrica principal de Meerbach levou vinte minutos, e quando se aproximavam da entrada principal, no meio da alta cerca de arame farpado que a cercava, o Graf Otto, ao volante da primeira limusine, tocou a buzina. As portas se abriram, e os guardas apresentaram armas e ficaram rigidamente em posição de sentido até que todo o comboio passasse.

Essa era a primeira visita de Eva à cidadela do império de engenharia de Meerbach, que se estendia por uma área de quase doze quilômetros quadrados. O pavimento das ruas era de paralelepípedo, e na praça em frente aos escritórios

centrais da administração uma esplêndida fonte de mármore lançava água a quinze metros de altura. Os três barracões que abrigavam a frota de dirigíveis ficavam do lado mais afastado do complexo, altos e espaçosos como catedrais góticas.

O tempo estava excelente, ensolarado e morno, quando o grupo desceu diante das altas portas corrediças do edifício central. Dirigiram-se todos para a fileira de poltronas preparadas para eles sob amplos guarda-sóis com o escudo de armas da família Meerbach. Quando se sentaram, três camareiros de jaqueta branca se aproximaram deles com bandejas de prata nas quais levavam taças de cristal cheias de champanhe. Quando estavam todos de taça na mão, o Graf Otto subiu ao estrado e proferiu um breve mas significativo discurso de boas-vindas. Logo passou a expor sua própria visão do papel que seus dirigíveis estavam destinados a desempenhar nos fatídicos anos por vir.

— A capacidade de permanecer no ar por longos períodos é seu principal atributo. Os voos sem escalas sobre o oceano Atlântico já estão facilmente ao alcance de nossas mãos. Um de meus dirigíveis carregado com passageiros ou mesmo com uma carga de cento e vinte toneladas de bombas poderia sair da Alemanha e estar sobre a cidade de Nova York em menos de três dias. Poderia voltar sem reabastecer o combustível. As possibilidades são surpreendentes. Os observadores poderiam permanecer sobre o canal da Mancha durante semanas inteiras, vigiando a frota inimiga e informando a Berlim, por rádio, sua posição.

Ele era um vendedor muito astuto para aborrecer sua audiência — metade da qual composta por mulheres — com muitos detalhes técnicos. Suas descrições eram feitas em traços grossos; as pinceladas eram vivas e coloridas. Eva sabia que seu discurso ia durar sete minutos — segundo os cálculos do conde, o máximo de tempo durante o qual se podia manter a atenção de um ouvinte comum. Sem que ninguém percebesse, ela controlou o tempo em seu relógio de pulseira de ouro e diamantes. Errou só por quarenta segundos.

— Meus amigos e distintos convidados — disse o conde, virando-se para a porta gigantesca do barracão e abrindo os braços como faz um maestro para concentrar a atenção dos músicos —, apresento-lhes o Assegai!

Pesadamente mas devagar, as portas foram se abrindo para revelar uma vista magnífica. Os convidados se levantaram e puseram-se a aplaudir espontaneamente, de cabeça deitada para trás para admirar o monstro de trinta e três metros de altura que enchia o barracão de parede a parede e do piso até menos de sessenta centímetros do teto alto. Pintado sobre o nariz em letras vermelhas de três metros de altura, lia-se "ASSEGAI", nome que o Graf Otto escolhera para comemorar sua caçada ao leão na África. O dirigível havia sido cuidadosamente balanceado para que o impulso de suas câmaras de gás cheias de hidrogênio equilibrasse exatamente os setenta e cinco mil quilos de peso morto do casco. Os espectadores ficaram

surpresos e de boca aberta quando dez homens o arrastaram com o suporte ao longo da quilha, sobre a qual ficava assentado quando estava em terra. Eles pareciam pequenos ao lado daquela coisa enorme e minúsculos como formigas carregando o corpo de uma gigantesca medusa.

Lentamente ele foi tirado pelas altas portas e levado para a luz do sol, que se refletiu em sua cobertura, gerando um deslumbrante resplendor. Pouco a pouco, todo o seu casco ficou à vista. Era duas vezes mais longo que um campo de futebol: duzentos e quarenta metros de comprimento de proa a popa. Seus quatro enormes motores rotativos Meerbach estavam alojados em gôndolas em forma de bote que pendiam de braços de aço por baixo da quilha. Podia-se chegar a eles da cabine principal pela escadinha central que corria ao longo de todo o dirigível. Dois ficavam sob a proa e os outros dois na popa, de onde podiam ajudar a levar a embarcação em voo. Havia uma escadinha sob cada braço de suspensão, pela qual o mecânico do turno podia descer da escadinha central para ocupar seu posto junto ao motor, fosse para fazer a manutenção, fosse para responder aos sinais telegráficos vindos da ponte e fazer mudanças nos ajustes de potência. As hélices eram de madeira laminada, e as extremidades dianteiras das seis pesadas pás, recobertas de cobre.

A quilha funcionava como conduto ao longo do casco para a passagem da tripulação ou para que o combustível, o óleo de lubrificação, o hidrogênio e a água fossem levados por tubulações para onde fossem necessários. Em voo, a estabilidade do dirigível podia ser ajustada por meio do bombeamento da carga líquida para a proa ou para a popa.

A cabine de controle ficava bem na frente, sob o nariz, e dela o dirigível era dirigido pelo capitão ou pelo navegador. O longo compartimento para passageiros e os depósitos de carga ficavam no centro, embaixo, onde seu peso era distribuído de maneira uniforme.

Depois de ter-lhes dado tempo para admirar sua criação, o Graf Otto os convidou para subir a bordo, e eles se reuniram no luxuoso salão. Janelas de observação de vidro percorriam todas as paredes externas. Os convidados estavam acomodados em poltronas de couro, e os auxiliares de voo, divididos em três grupos, serviam champanhe. Logo o Graf Otto, Lutz e Ritter os acompanharam em uma visita guiada, indicando as características principais e respondendo às perguntas. Voltaram ao salão principal para um almoço em que foram servidos ostras, caviar e salmão defumado, acompanhados de mais champanhe.

Terminado o almoço, o Graf Otto perguntou jovialmente:

— Quem dos senhores já voou?

Eva foi a única a levantar a mão.

— Ah, bem! — riu ele. — Hoje vamos mudar isso. — Olhou para Lutz e disse: —

Capitão, por favor, leve nossos prezados convidados para fazer um pequeno voo sobre o lago Boden.

Quando Lutz ligou os motores, todos se amontoaram nas janelas de observação, tagarelando e rindo como crianças. O Assegai pareceu adquirir vida e estremeceu ansioso em suas amarras. Logo subiu suavemente para o ar, e seu engate com a torre de amarração se soltou.

Lutz os levou até Friedrichshafen e depois de volta para o centro do lago. A água tinha um mágico tom de azul, e a neve e os glaciares dos Alpes suíços brilhavam à luz do sol.

Em seguida o dirigível voltou para a fábrica de Wieskirche e se manteve no ar a mil metros acima do campo. De maneira totalmente inesperada, o Graf Otto voltou para a cabine de controle da sala, e seus convidados o olharam, perplexos. Levava nas costas uma enorme mochila, presa por correias, como um arreio.

— Senhoras e cavalheiros, como já devem ter notado, o Assegai é um dirigível cheio de surpresas e maravilhas. Tenho mais uma para lhes mostrar. O dispositivo em minhas costas foi sonhado por Leonardo da Vinci há mais de quatrocentos anos. Tomei sua ideia e a tornei realidade, enfiando-a numa mochila de lona.

— O que é? — perguntou uma mulher. — Parece algo muito pesado e incômodo.

— Nós o chamamos de Fallschirm, mas os franceses e os britânicos o conhecem como paraquedas.

— Para que serve?

— Exatamente para o que o nome indica. Detém a queda.

Voltou-se para dois tripulantes e fez um gesto com a cabeça. Eles fizeram deslizar a porta de embarque. Os convidados que estavam próximos se afastaram nervosamente da abertura.

— Adeus, queridos amigos! Pensem em mim depois que eu me for.

Otto atravessou correndo a cabine e se lançou de cabeça pela porta aberta. As mulheres gritaram e levaram a mão à boca. Então, todos correram até as janelas e olharam horrorizados para baixo, enquanto o corpo do Graf Otto rapidamente diminuía de tamanho ao passo que ele caía em direção a terra. Logo, abruptamente, uma flâmula grande e branca se desenrolou da volumosa mochila presa a suas costas, depois se abriu e adotou a forma de um cogumelo monstruoso. O mergulho mortal do Graf Otto repentinamente foi suspenso, e ele, milagrosamente, ficou flutuando no ar, desafiando as leis da natureza. O horror dos espectadores se transformou em assombro, e o coro de desespero, em aclamações e aplausos. A figura que submergia chegou ao solo e caiu num montão desordenado, envolto naquele lençol branco. Rapidamente o Graf Otto se pôs de pé e acenou com a mão para eles.

Lutz abriu as válvulas dos tanques principais de hidrogênio do dirigível, e ele

desceu suavemente, como a pluma do peito de um ganso voando alto. Depois que se apoiou nos para-choques ao longo da quilha, o pessoal de terra se precipitou para prender o cabo de amarração ao mastro.

Quando as portas principais da cabine se abriram, o Graf Otto estava lá para dar a seus convidados as boas-vindas em terra. Todos se amontoaram em volta dele para cumprimentá-lo e cobri-lo de elogios. Depois voltaram para os carros e seguiram de volta para

o Schloss, enquanto os risos entusiasmados e os gritos de felicitação pelo extraordinário feito do Graf Otto ressoavam pelo bosque.

O jantar formal foi servido no salão principal, na longa mesa de nogueira que podia acomodar duzentas e cinquenta comensais. Na galeria superior, uma orquestra executava suaves melodias. Das paredes de painéis de carvalho já patinado pelo tempo pendiam retratos dos antepassados de Von Meerbach, cenas de caça e troféus, chifres de veados e presas de javalis selvagens engastados em madeira.

Os homens estavam vestidos com seu uniforme de grande gala, com espada e condecorações. As senhoras se apresentavam gloriosas em suas sedas e cetins, com uma deslumbrante coleção de joias. Eva von Wellberg superava as demais em beleza e elegância, e Otto a tratava com uma atenção inusitada. Em várias ocasiões, dirigiu-se a ela através da mesa para incluí-la em algum relato ou para pedir sua opinião ou confirmação sobre algum tema de conversa. Quando a orquestra iniciou uma sequência de Strauss, ele a conservou todo o tempo como seu par. Para um homem tão corpulento, Otto era notavelmente ligeiro com os pés e tinha uma presença tão marcante como a do grande búfalo-africano. Em seus braços, Eva era tão delicada e cheia de graça como o junco que se inclina e balança na beira do lago. Ele tinha perfeita consciência do surpreendente par que formavam e desfrutava plenamente a comoção que geravam na pista de dança.

Quando a noite estava chegando ao fim, uma trombeta soou, atraindo a atenção dos presentes. A seguir, a orquestra e os criados se retiraram do salão. O mordomo fechou as janelas e portas atrás de si e por fim abandonou também o salão. Os sentinelas armados permaneceram de pé do outro lado das portas à prova de som, e o seleto grupo ficou só. Otto não conseguira resistir a essa oportunidade de comemorar seu triunfo. Queria que eles conhecessem todos os seus feitos, queria deleitar-se com sua adulação.

Por fim, o oficial superior ali presente, o vice-almirante Ernst von Gallwitz, levantou-se para fazer um discurso de agradecimento ao anfitrião pela hospitalidade, não economizando nos detalhes sobre os prodígios tecnológicos que tinham visto em Wieskirche. Escolhendo com habilidade o momento, disse:

— O mundo e nossos inimigos logo terão uma demonstração do poder e do potencial da maravilhosa criação do Graf Otto. Como estamos entre amigos, posso

lhes dizer que o cáiser Guilherme II, nosso reverenciado líder, desde o início demonstrou um profundo interesse no desenvolvimento dessa extraordinária máquina. Enquanto estávamos nos vestindo para o jantar, comuniquei-me com ele por telefone e o informei sobre tudo o que vimos aqui hoje. Tenho o enorme prazer de lhes dizer que ele deu sua autorização incondicional para que o Graf Otto se dedique imediatamente a um audacioso plano que deixará atônito o inimigo por sua genialidade.

Virou-se para o Graf Otto, que ocupava a cabeceira da mesa.

— Damas e cavalheiros, não é um exagero grosseiro afirmar que este homem sentado entre nós tem literalmente o resultado desta guerra nas mãos. Ele está a ponto de iniciar uma viagem épica que, se culminar em sucesso, deixará um continente inteiro em nossas mãos, para total confusão de nosso inimigo.

O Graf Otto se levantou para agradecer os aplausos. Estava radiante de orgulho, mas minimizou a própria importância no breve discurso de agradecimento que dirigiu ao almirante, o que os fez admirá-lo ainda mais.

Muito mais tarde, quando estavam na ala particular de Otto no Schloss, preparando-se para se deitar, Eva o ouviu rir e cantarolar no banho.

Para se harmonizar com o humor dele, vestiu uma de suas mais atraentes camisolas de cetim. Escovou o cabelo e o deixou solto nos ombros, como ele gostava, e com habilidade usou o rímel nos cílios para dar ao rosto um aspecto angustiado e triste. Enquanto se preparava, sussurrou para sua imagem no espelho:

— Você ainda não tem o menor indício disso, meu caro Otto, mas eu sei aonde você vai, e vou voltar para a África com você... Para a África e para meu Texugo.

Quando Otto voltou para o dormitório, usava uma bata longa que ela nunca vira. Isso não a surpreendeu, uma vez que a quantidade de roupa que ele tinha no closet era tal que mantê-la em ordem demandava o trabalho integral de quatro valetes. Otto nunca usara nem metade daquilo. Essa bata era dourada e púrpuraimperial, com forro vermelho-vivo. Apesar de toda essa ostentação, ele a exibia com natural elegância. Ainda estava animado pelo sucesso do dia, excitado pelas honras e pela aclamação com que o haviam coberto. Isso inevitavelmente o levava a um elevado nível de excitação sexual, e o vulto de sua virilidade era visível sob a bata de seda quando ele se aproximou de Eva.

Ela estava parada no centro do dormitório, tragicamente abatida.

Por alguns instantes ele nem pareceu notar sua angústia, mas, ao tomá-la nos braços e começar a acariciar seus seios, notou a frieza de sua reação e se afastou para observar seu rosto.

— O que a está preocupando, meu amor?

— Você se vai de novo, e dessa vez sei que o perderei para sempre. Da última vez quase perdi você para o leão, e depois fui levada por aqueles selvagens da tribo

nandi. Agora outra coisa horrível assim vai acontecer. — Deixou que as lágrimas lhe inundassem os olhos violeta. — Não pode me deixar de novo — disse, soluçando. — Por favor, por favor, não vá!

— Preciso ir. — Ele parecia perplexo, inseguro. — Você sabe que não posso ficar. É meu dever, e dei minha palavra.

— Então tem de me levar com você. Não pode me deixar aqui.

— Levá-la comigo? — Ele parecia totalmente confuso. Essa ideia jamais lhe passara pela cabeça.

— Oh, sim, por favor, Otto! Não há razão para não me levar.

— Você não entende. Será perigoso, muito perigoso.

— Já estive antes em perigo com você a meu lado. — Vou estar segura se estiver com você, Otto. Estarei num perigo muito maior aqui. Logo os britânicos podem enviar aviões para nos bombardear.

— Que bobagem! — disse ele. — Só um dirigível pode voar para tão longe, e os ingleses não têm dirigíveis. — Deu um passo atrás, separando-se dela para recuperar a sensatez.

Coisa rara nele, dessa vez estava indeciso. Em todos esses anos nunca se atrevera a ficar se indagando muito sobre as razões pelas quais ela havia permanecido com ele durante tanto tempo, além dos benefícios materiais que recebia. Mas com certeza a essa altura nem esses benefícios seriam importantes. Devia haver outro incentivo mais poderoso. Nunca quisera conhecer essas razões mais profundas porque elas poderiam devastar sua virilidade. Nesse momento, olhou profundamente dentro dos olhos de Eva, antes de lhe fazer a pergunta que lhe queimara a língua durante tanto tempo.

— Você nunca me disse e nunca me atrevi a perguntar: o que você sente realmente por mim em seu coração, Eva? Por que ainda está aqui?

Ela sempre soubera que, com o tempo, um dia ia ter de enfrentar essa pergunta. Havia se preparado para a resposta que devia dar e a ensaiara durante tanto tempo que ela soava com sinceridade e convicção:

— Estou aqui porque o amo e quero estar com você enquanto quiser que eu esteja a seu lado. — Pela primeira vez ele parecia vulnerável de um modo até infantil.

Ele ficou em silêncio e suspirou profundamente.

— Obrigado, Eva. Você nunca saberá quanto significam para mim essas palavras.

— Então vai me levar com você?

— Sim — respondeu e confirmou com a cabeça. — Não há razão pela qual devamos nos separar de novo enquanto estivermos vivos. Eu me casaria com você se isso estivesse em meu poder. Você sabe.

— Sim, Otto, mas combinamos não voltar a falar disso — lembrou-lhe Eva.

Athala, sua esposa de quase vinte anos e mãe de seus dois filhos homens, ainda se

negava a liberá-lo dos votos do casamento, e Deus sabia quantas vezes ele havia tentado convencê-la a fazer isso. Ele sorriu e endireitou os ombros. Visivelmente, o entusiasmo e a segurança habituais voltavam a contagiá-lo.

— Então, prepare a bagagem e leve um lindo vestido para o dia da vitória — disse. — Vamos voltar para a África.

Ela correu para ele e se pôs na ponta dos pés para beijá-lo na boca. Dessa vez, nem mesmo o sabor de seu charuto a desgostou.

— Para a África? Oh, Otto, quando vamos partir?

— Em breve, muito breve. Como você viu hoje, o dirigível está pronto para a batalha, e a tripulação, perfeitamente treinada e consciente do que se exige dela. Agora tudo depende das fases da Lua e dos prognósticos em relação ao vento e clima. Ritter navegará dia e noite, de modo que vai precisar da lua cheia. Isso será dia 9 de setembro, e nossa partida deve se dar três dias antes ou depois dessa data.

Durante quase toda aquela noite, Eva ficou acordada na cama, ouvindo Otto roncar. De vez em quando ele despertava sobressaltado com o vigor e a fúria dos próprios roncos, mas logo soltava um grunhido e voltava a dormir. Eva estava agradecida por essa última oportunidade de pensar no que tinha de fazer antes de viajar. Devia enviar uma última mensagem a Leon confirmando que Otto ia levar para a África o Assegai carregado de armas e moedas de ouro para os bôeres rebeldes e que com quase toda a certeza ia voar pelo Nilo e pelo vale da Grande Fenda em sua viagem para o sul. Quando lhe dissesse a data em que o Assegai ia chegar, o dever de Leon seria encontrar um modo de impedir que o dirigível chegasse a seu destino. Como último recurso, devia atacá-lo e destruí-lo. No entanto, seu dilema imediato era se devia ou não dizer a ele que ela própria estaria a bordo. Se ele soubesse disso, sua preocupação com a segurança dela poderia enfraquecer a resolução que precisava tomar. No mínimo, isso seria nocivo para a realização de sua missão. Decidiu nada dizer. Ambos teriam de arcar com os riscos que lhes cabiam quando se encontrassem outra vez no céu azul da África.

A eclosão da Grande Guerra não havia sido autorizada nem pelo traço de uma pena nem por qualquer pronunciamento. Havia se dado como o choque de um trem em que os vagões, um após o outro, haviam deslanchado sem freio em direção a uma enorme pilha de escombros. Impulsionada pela força de seus tratados de ajuda mútua, a Áustria havia decretado guerra à Sérvia, a Alemanha declarara guerra à Rússia e à França, e finalmente, no dia 4 de agosto de 1914, a Grã-Bretanha havia declarado guerra à Alemanha. O fogo e a fumaça que Lusima previra haviam se espalhado, envolvendo o mundo todo.

Uma vez mais, a população da recém-unida África do Sul estava dividida. Louis Botha era o ex-comandante do velho exército bôer, e seu camarada, o general Jannie Smuts, havia lutado a seu lado contra as forças combinadas do Império Britânico. A

maioria dos outros líderes bôeres odiava os ingleses e era totalmente favorável a aderir ao conflito ao lado da Alemanha do cáiser. Foi só por uma estreita margem que Louis Botha conseguiu fazer que o Parlamento o seguisse. Enviou então um telegrama a Londres para informar ao governo britânico que podia retirar todas as forças imperiais da África do Sul, porque ele e seu exército se encarregariam da defesa da metade sul do continente contra a Alemanha. Agradecida, Londres aceitou a proposta. Depois perguntou se Botha e seu exército podiam invadir a vizinha África Ocidental Alemã e silenciar as estações de rádio de Luderitzbucht e Swakopmund, que estavam enviando um fluxo contínuo de informação essencial a Berlim, para fornecer detalhes de todos os movimentos da marinha do Reino Unido no sul do oceano Atlântico. Botha concordou imediatamente, mas enquanto isso iniciava-se uma sangrenta revolta entre seus homens.

Botha era apenas um dos três líderes e heróis bôeres conhecidos como Triunvirato. Os outros dois eram Christian de Wet e Herculaas "Koos" de la Rey. De Wet já havia se manifestado em favor da Alemanha, e todos os seus homens o seguiram. Estavam refugiados em seu acampamento fortificado à beira do deserto de Kalahari, e Botha ainda não havia enviado uma força para trazê-los de lá. Quando fizesse isso, a rebelião ia explodir com toda a força, e as vorazes bestas da guerra civil sairiam furiosas de suas jaulas.

Embora De la Rey ainda não se tivesse declarado abertamente contra Botha e a Grã-Bretanha, ninguém duvidava que isso era só uma questão de tempo. Não suspeitavam que ele estava aguardando notícias da Alemanha sobre o voo do Assegai, que viria de Wieskirche em seu auxílio. Essa notícia seria enviada de Berlim pela poderosa rádio instalada em Swakopmund, na África Oriental Alemã, junto à fronteira com a África do Sul.

Em Wieskirche, o Assegai estava recebendo sua última carga. O Graf Otto von Meerbach e o comodoro Alfred Lutz haviam passado a noite toda trabalhando na análise dessas quantidades. Grande parte do cálculo se baseava em conjecturas e no instinto:

nenhum homem até então havia feito um voo em dirigível sobre o deserto de Saara nos meses de verão, quando a temperatura podia chegar a cinquenta graus centígrados ao meio-dia e ir a zero à meianoite.

O volume total de gás do Assegai era de 70 mil metros cúbicos de hidrogênio, mas diariamente ele seria obrigado a deixar escapar grandes volumes para compensar o peso do combustível que estava queimando. De outra maneira, ficaria tão leve que iria sem controle para o espaço superior, fazendo que a tripulação morresse de frio e de falta de oxigênio. Os tanques principais estavam cheios até a borda, com 249.408 quilos de combustível, 2.122 quilos de óleo e 11.339 quilos de lastro. A tripulação, de 22 homens e uma mulher, e a bagagem pessoal, muito

restrita, pesavam 1.762 quilos. Em teoria, isso permitia levar a bordo uma carga útil de 16.238 quilos. Afinal, o Graf Otto decidiu abandonar 3.175 quilos de bombas de morteiro, para dar lugar a moedas de ouro adicionais. Seria esse o peso que faria a balança se inclinar a seu favor.

Todas as moedas haviam sido cunhadas em ouro dezoito quilates. Havia quantidades quase iguais de soberanos britânicos autênticos e moedas de dez marcos do Deutsches Reich. O dinheiro estava embalado em pequenas bolsas de lona acondicionadas em fortes caixas de munição, bem fechadas. A contagem final foi de duzentas e vinte caixas, cada uma pesando quarenta e um quilos, peso que um carregador africano costuma carregar num safári. Historicamente, o ouro sempre foi avaliado em dólares norteamericanos e durante décadas foi fixado em vinte e um dólares a onça. O Graf Otto era ágil com números. O valor de sua carga, em cifras redondas, era de nove milhões de dólares, importância que, apesar do caos dos mercados de câmbio por causa da eclosão da guerra, equivalia a dois milhões de libras esterlinas.

"Isso deveria ser suficiente para manter os bôeres sorrindo amavelmente por um bom tempo", acreditava.

Ele supervisionou pessoalmente o pessoal encarregado de despachar o material e a colocação dos caixões em ordem no chão do Assegai, cada um deles preso com argolas. Em cima deles pôs as caixas de munição e os caixotes repletos de metralhadoras Maxim.

Quando o último caixote foi preso, havia pouco espaço para que a tripulação se movimentasse dentro do dirigível e fizesse seu trabalho. Numa tentativa de aliviar o problema, o Graf Otto mandou que as divisórias entre as cabines e beliches fossem retiradas. A tripulação ia ser obrigada a dormir no chão de madeira. Mandou derrubar a sala de mapas e a de rádio e os transferiu para frente, debaixo da gôndola de controle, sob a proa. Desmantelaram três toaletes para ganhar mais espaço; só ficou um para atender às necessidades de vinte e três pessoas. Não havia distinção entre homens e mulheres, nem entre oficiais superiores e o cozinheiro indiano. Não havia lavadora de roupa, e o tamanho da cozinha foi reduzido à metade. Um pequeno aquecedor elétrico seria suficiente para esquentar sopa e café e preparar uma panela de aveia com leite todas as manhãs; não havia nenhuma outra comida quente. O leite era em pó; salsichas, carne fria e biscoitos compensariam o que faltasse. Não seria permitido álcool a bordo. A embarcação viajaria com o mínimo indispensável, despojada de tudo, exceto o mais essencial.

O último jantar antes da partida foi um banquete oferecido no barracão do Assegai, sob o enorme volume prateado do dirigível. No último momento, uma das limusines Meerbach, dirigida por um motorista uniformizado, levou Eva do Schloss para lá. Estava vestida com sua roupa de voar, botas, luvas e um capacete provido

de óculos. O motorista carregava apenas uma valise, que era toda a sua bagagem.

Até o momento em que ela chegou, a tripulação não sabia que Eva ia viajar com eles. Sua beleza e encanto já haviam conquistado a todos, por isso teve uma recepção muito calorosa. Hennie du Rand não a havia visto desde a viagem de volta a Mombaça a bordo do Admiral. Embora fosse um simples camponês, fez uma reverência e beijou-lhe a mão. Seus companheiros gritaram, meio que caçoando, e ele enrubescceu como um colegial.

Eva ficou comovida e sentiu uma pontada de culpa por tê-lo enganado ao fingir que não havia entendido o que se passara durante o encontro com o general bôer.

Quando o Graf Otto a chamou, ela foi juntar-se a ele na cabeceira da mesa de banquete. Apresentou-a como a mascote da expedição. Os comensais a aplaudiram e aclamaram. Estavam felizes e entusiasmados, desejosos de começar uma viagem que seria considerada uma epopeia das viagens de dirigível.

As travessas estavam repletas de delícias bávaras. Só havia restrição às bebidas alcoólicas. O Graf Otto queria cabeças desanuviadas e olhos alertas a bordo quando subissem ao céu. Os brindes foram feitos com uma cerveja leve em que mal se notava a presença de álcool.

Às nove da noite em ponto, o Graf Otto se levantou e disse:

— Muito bem, meus amigos, é hora de começarmos nossa viagem à África. — Houve nova explosão de aclamações, e em seguida a tripulação subiu a bordo rapidamente para ocupar seus postos. O dirigível foi cuidadosamente equilibrado, para em seguida ser liberado do mastro de amarração. De pé em sua improvisada sala de rádio, o Graf Otto fez o último contato com a central de Berlim. Recebeu bons augúrios pessoalmente do cáiser, que disse:

— Boa sorte!

Desligou o transmissor e deu a ordem de partir ao comodoro Lutz.

O Assegai, com a amarra da tromba solta, elevou-se suavemente no dourado crepúsculo de verão e deu um giro de cento e cinquenta e cinco graus.

Durante as semanas precedentes, haviam planejado detalhadamente o voo, de modo que não havia muita necessidade de explicações nesse momento. Lutz sabia precisamente o que o Graf Otto esperava dele e de sua tripulação. Sem emitir nenhuma luz, subiram à altitude máxima segura de cruzeiro, de três mil metros, enquanto flutuavam sobre o lago Boden e se dirigiam para o sul a fim de cruzar a costa do Mediterrâneo um pouco depois da meia-noite, alguns quilômetros a oeste de Savona. Continuaram indo para o sul, mantendo as luzes das cidades da costa italiana à vista a bombordo.

Tiveram um forte vento a favor ao cruzar a ilha da Sicília, que os levou subitamente para um lugar desconhecido e inóspito do deserto líbio, a oeste de Bengasi. Enquanto o sol subia, Eva olhava, numa das janelas de observação da parte

dianteira do salão, a sombra gigantesca que o dirigível projetava sobre as cordilheiras e dunas do acidentado terreno abaixo. "África!", alegrou-se em silêncio. "Espere-me, meu amor. Estou voltando para você!"

O calor chegava até eles com a luz do sol refletida pelas rochas, e fortes redemoinhos giravam em torno da nave, como correntes de algum imenso oceano. O dirigível estava mais leve depois que seus quatro grandes motores Meerbach haviam consumido três mil quilos de combustível e óleo, mas o sol aquecia o hidrogênio em suas câmaras, aumentando seu impulso.

Inexoravelmente, o dirigível começou a subir, e Lutz foi forçado a deixar sair 6.500 metros cúbicos de gás, mas mesmo assim ele continuou subindo, até que, a 4.500 metros de altura, a tripulação começou a sentir os incômodos efeitos da falta de oxigênio. Ao mesmo tempo, a temperatura subiu bruscamente, e logo os aparelhos da sala de controle marcavam cinquenta e dois graus centígrados. Os motores tiveram de ser desligados por turnos para esfriar e para que se pudesse bombear óleo novo pelas tubulações.

Estavam voando levemente, com um ângulo descendente de seis graus no controle. A velocidade relativa de voo passou de cem nós a cinquenta e cinco; o Assegai começava a não responder adequadamente ao leme. Então o motor dianteiro de bombordo se acelerou e parou. Com essa perda repentina de potência, o dirigível parou e caiu de quatro mil para dois mil metros antes de voltar a responder ao leme e recuperar a posição da quilha. Havia sido um mergulho assustador, e parte da carga principal havia se soltado.

Até o Graf Otto estava impressionado com o comportamento irregular do Assegai no ar tão reaquecido e concordou sem discutir com a sugestão de Lutz de que deviam aterrissar e fixar a nave pelo resto do dia, para prosseguir viagem à noite. Lutz escolheu um afloramento de rocha preta, no solo do deserto mais à frente, que pudesse proporcionar um ponto de ancoragem para o cabo de amarração, e fez a nave descer deixando sair grande quantidade de hidrogênio.

Estavam a apenas quinze metros do solo do deserto quando um grupo de homens a cavalo, de capuz branco esvoaçante, saiu de entre as rochas e galopou por um barranco na direção deles, brandindo espadas curtas e curvas e disparando no Assegai com mosquetes Jezail de cano longo. Uma bala atravessou a janela de observação junto ao Graf Otto, e ele foi atingido por uma chuva de caquinhos de vidro. Ele praguejou e foi até a metralhadora Maxim montada na parte dianteira da gôndola.

Pôs uma carga na culatra e girou a arma para baixo no suporte. Disparou uma breve rajada, e a fila principal de árabes se desintegrou. Três cavalos tombaram, arrastando os cavaleiros com eles. Então moveu a arma para a direita e disparou de novo. Caíram mais quatro cavalos, patinando na areia, e os sobreviventes fugiram.

Eva contou as baixas. Havia caído sete homens, mas dois cavalos voltaram a se levantar e galoparam atrás dos que fugiam.

— Não creio que voltem — disse o Graf Otto, sem se alterar. — Pode começar a guarda até as dezoito horas, Lutz. Então poremos os motores para funcionar de novo para voar no frescor da noite.

O último telegrama que o Sr. Goolam Vilabjhi recebera de sua sobrinha em Altnau tinha apenas um grupo de números. Quando Leon o decifrou, descobriu que era a data que Eva havia prometido lhe enviar. O dia em que o Assegai iniciaria a viagem, partindo de Wieskirche.

Em suas mensagens anteriores, ela lhe tinha dado o nome que o Graf Otto escolhera para sua máquina, com seu número de projeto. O Assegai era um Mark ZL71. Já o havia informado da rota que pensava seguir em seu voo à África do Sul. Com esses dados, Leon havia calculado quando o dirigível poderia chegar ao vale da Grande Fenda.

Nesse momento, a única coisa de que precisava era de um plano de ação que oferecesse ao menos uma remota possibilidade de sucesso para fazer descer a terra a enorme nave aérea e depois capturar sua tripulação e sua carga. Com Penrod longe e Frederick Snell capaz de bloquear seus esforços, Leon estava sozinho.

Tinha visto desenhos do tipo do dirigível que ia enfrentar. Quando o Graf Otto fora levado de Nairóbi para a Alemanha depois de ter sido ferido, havia deixado montões de livros e revistas em suas acomodações particulares no Acampamento Tandala. Eram principalmente publicações técnicas de engenharia, e uma delas continha um longo artigo ilustrado sobre a construção e a operação de um grande dirigível. Incluía vários desenhos de diversos tipos, entre eles o Mark ZL71. Leon foi buscá-los e os estudou com atenção.

Longe de lhes servir de ajuda ou inspiração, viu que as ilustrações e descrições eram totalmente desalentadoras. O dirigível era tão grande e estava tão bem protegido, voava tão rápido e a tal altura que não parecia haver maneira de impedir sua passagem. Tentou imaginar uma comparação entre o pequeno Borboleta e esse monstro dos céus. Um rato-do-mato perto de um leão de juba preta ou, quem sabe, uma formiguinha ao lado de um pinguim.

Lembrou-se da profecia de Lusima quando levara Eva pela primeira vez ao monte Lonsonyo para conhecê-la. Ela invocara a imagem de um grande peixe de prata, escuro devido à fumaça e ao fogo. Quando viu no livro do Graf Otto a ilustração do dirigível com o leme em forma de rabo de peixe, não teve dúvida de que era aquilo que ela enxergara no futuro. Perguntou-se se haveria algo mais que ela pudesse lhe dizer, mas isso era pouco provável. Lusima nunca acrescentava nada a sua previsão original. Ela oferecia a essência de sua visão, e ficava a critério de cada um fazer o que quisesse com ela.

Leon estava isolado e abandonado. Perdera Eva e sabia que havia apenas uma remota possibilidade de vê-la outra vez. Era como se uma parte essencial de seu corpo tivesse sido amputada. Penrod também se fora. Nunca pensou que fosse sentir falta do tio, mas estava sentindo muito sua ausência. Precisava de ajuda e conselho, e havia só uma pessoa que podia lhe dar isso.

Chamou Manyoro, Loikot e Ishmael e disse:

— Vamos para o monte Lonsonyo.



Em meia hora estavam voando para o vale da Grande Fenda, rumo ao Acampamento Percy. Quando pousaram, encontraram tudo em completa desordem. Tanto Hennie du Rand quanto Max Rosenthal tinham deixado o local havia algum tempo, e Leon estivera tão preocupado com Eva que deixara de lado o dia a dia do acampamento. Tudo ficara nas mãos de seu pessoal pouco treinado e sem direção.

Essa situação não o preocupava muito. O futuro era incerto, e era muito pouco provável que houvesse hóspedes caçadores para atender até que cessassem as hostilidades, ou mesmo até vários anos depois de alcançada a paz. Permaneceu no acampamento tempo suficiente apenas para escolher a montaria e preparar o que fosse necessário para seguir em direção à grande silhueta azul do monte acima do horizonte ocidental. Seu ânimo melhorava conforme se aproximava desse lugar.

Naquela noite acamparam na base do Lonsonyo. Leon permaneceu até tarde sentado ao lado das brasas quase apagadas da fogueira, olhando para o maciço escuro contra o brilho das estrelas do céu da noite africana. Surpreendeu-se a observar aquela montanha como nunca o fizera. Pela primeira vez a via como um campo de batalha no qual o pequeno Borboleta logo poderia estar enfrentando a ameaça do poderoso Assegai do Graf Otto.

Estava preocupado com o fato de ter de esperar que os exploradores chungajis de Loikot descobrissem o dirigível, antes de poder levantar voo para interceptá-lo. Sua desvantagem seria grande. Para enfrentar o Assegai, que viria numa altitude de cruzeiro de três mil metros, teria de voar acima do monte Lonsonyo com toda a potência dos motores, o que significava queimar a maior parte das reservas de combustível para levar o Borboleta ao limite de sua capacidade de operação. E, se os ventos, a umidade e a temperatura do ar trabalhassem a seu favor, o Assegai poderia passar sobre sua cabeça e desaparecer antes que Leon pudesse convencer o Borboleta a subir o suficiente.

Sentia-se desanimado e deprimido diante da possibilidade de semelhante derrota, e olhou com raiva para a montanha. Nesse momento, um relâmpago distante no vale da Grande Fenda, perto do lago Natron, iluminou acintosamente o lugar lá das alturas. O maciço parecia a muralha de um castelo inimigo, um grande obstáculo a superar.

Então, algum estranho truque da claridade e o efeito do relâmpago mudaram sua perspectiva. Ele se levantou de um salto, fazendo voar sua caneca de café.

— Por Deus! O que está acontecendo comigo? — gritou para o alto. — A solução

esteve debaixo de meu nariz o tempo todo. Lonsonyo não é um obstáculo para mim, mas sim meu trampolim!

Nesse momento, as ideias o inundaram como água transbordando de um dique aberto.

"Aquela meseta aberta na selva tropical que Eva e eu descobrimos! Eu sabia que ela era importante assim que a vi. É uma pista de pouso natural no ponto mais alto do Lonsonyo. Com cinquenta homens fortes para me ajudar, em dois dias se poderia cortar o mato baixo, o suficiente para poder aterrissar ali e levantar voo de novo. Não vou precisar perseguir o Assegai. Só terei de esperar na montanha que ele venha até mim. E o mais importante é que poderei abrir o jogo com a vantagem da altura. Poderei cair sobre ele em vez de ter o trabalho de subir para interceptá-lo."

Estava tão excitado que mal dormiu algumas horas e já estava no caminho que levava para cima muito antes do amanhecer da manhã seguinte.

Lusima Mama o estava esperando debaixo de uma árvore à beira do caminho. Deu as boas-vindas a seus filhos e fez que se sentassem um de cada lado dela.

— Sua flor não está comigo, M'bogo. — Era uma afirmação, não uma pergunta. — Foi embora para aquela terra muito longe, lá para o norte.

— Quando ela voltará, Mama? — quis saber Leon.

Ela sorriu.

— Não tente saber aquilo que não nos é dado saber. Ela virá quando os dias tiverem transcorrido.

Leon encolheu os ombros num gesto de impotência.

— Então vamos falar daquilo que nos é dado saber. Tenho um favor a lhe pedir, Mama.

— Tenho cinquenta homens esperando por você perto de minha choça. É uma sorte que Mikuba Mikuba tenha limpado grande parte do terreno para você com seu raio. — Sorriu para ele astutamente. — Mas você não acredita nisso, não é mesmo, meu filho?

Lusima acompanhou a expedição até a meseta aberta acima da cascata. Sentou-se à sombra e olhou para seus homens enquanto eles trabalhavam.

Leon logo compreendeu por que ela os havia acompanhado. Sob sua vigilância, a equipe trabalhava como uma manada de demônios, e lá pelo meio do segundo dia pôde percorrer toda a extensão do terreno que haviam limpado. A uma altitude tão elevada, o ar tinha menos oxigênio, e ele teria de manter uma velocidade de aproximação alta para evitar que os motores parassem. Seria uma verdadeira proeza fazer o Borboleta aterrissar em uma pista tão curta. Além do mais, isso seria impossível, não fosse pela vertente e pelo aspecto do solo. A pista de pouso estava bem na borda do despenhadeiro. Se aproximasse dela pelo lado do vale, a pista estaria num ângulo ascendente, e, uma vez que tocasse em terra, a inclinação o

deteria rapidamente. Por outro lado, se decolasse seguindo a descida da inclinação, o Borboleta aceleraria e chegaria à velocidade de voo com a mesma rapidez. Depois, quando saísse do despenhadeiro, poderia abaixar o nariz numa picada pouco profunda, e sua velocidade de voo aumentaria.

— Tempos interessantes nos aguardam — disse. No entanto, ainda não havia pensado no cerne do problema. Se tudo saísse como esperado, o Assegai chegaria ao vale da Grande Fenda vindo do norte. Não estaria voando a mais de três mil metros sobre o nível do mar, pois a tripulação estaria exposta aos perigos da falta de oxigênio se voasse acima dessa altura durante um tempo muito longo.

Não havia nenhuma possibilidade de que o Graf Otto pudesse trazer o monstro pelo centro do vale sem ser descoberto pela rede de olhos atentos dos chungajis. Leon receberia a informação de sua aproximação com bastante antecedência, sem dúvida com tempo suficiente para fazer que o Borboleta estivesse no ar e em seu lugar de patrulhamento.

"Mas... e depois?", perguntou-se ele. "Um tiroteio entre nós dois?"

Riu diante de uma ideia tão ridícula. Pelas ilustrações que vira do dirigível, o Assegai estaria armado com pelo menos três ou quatro metralhadoras Maxim, que seriam manejadas por homens bem treinados da força aérea alemã, disparando de uma plataforma estável. Atacá-los do Borboleta, com seus dois massais armados com rifles de trabalho, seria um inusitado modo de se matar.

Havia conseguido que Hugh Delamere lhe desse duas granadas de mão, e tinha a vaga ideia de voar por cima do Assegai e deixá-las cair na parte superior de seu grande casco arredondado. Haveria cerca de setenta mil metros cúbicos de hidrogênio explosivo em seu casco, e a bola de fogo resultante seria espetacular. Mas, como as granadas demorariam só seis segundos para atingir o alvo, o Borboleta estaria perto demais dele.

— Deve haver um plano melhor do que esse para eu me assar — murmurou para si mesmo, pesaroso. — Só tenho de descobri-lo antes que o tempo se esgote. — Segundo o último telegrama que Eva lhe mandara da Suíça, faltavam só cinco dias para que o Assegai partisse de Wieskirche. — Nem sequer tive oportunidade de experimentar a viabilidade da nova pista de aterrissagem. Devemos ir ao Acampamento Percy amanhã para buscar o Borboleta e trazê-lo para cá.

Leon decidiu dormir essa noite na choça de Lusima e descer a montanha à primeira claridade do dia seguinte. Ele e Lusima estavam sentados juntos perto do fogo, dividindo no jantar uma tigela de mandioca com leite. Ela estava expansiva, e Leon se sentiu animado a falar de Eva. Tentava arrancar de Lusima qualquer detalhe ou sugestão que pudesse ser de valia na tarefa que o aguardava. Conseguiu perceber, pelo brilho perverso de seus olhos escuros, que ela sabia exatamente o que tinha em mente, mas ele persistiu e fez suas perguntas com a maior sutileza que

pôde. Falaram de Eva, e ele reiterou seu amor por ela.

— A pequena flor é digna desse amor — admitiu Lusima.

— Mas ela se afastou de mim. E não tenho esperança de voltar a vê-la.

— Nunca perca a esperança, M'bogo. Sem esperança não somos nada.

— Mama, a senhora nos falou uma vez de um grande peixe de prata no céu que traz sorte e amor.

— Estou ficando velha, meu filho, e com muita frequência ultimamente tenho dito muitas tolices.

— Mama, essa é a primeira e única tolice que a ouvi pronunciar — disse Leon, sorrindo para ela. Lusima lhe retribuiu. — Parece que logo o peixe de que não se lembra vai estar aí pelo céu.

— Todas as coisas são possíveis, mas o que sei eu de peixe?

— Pensei, em minha própria tolice, que, como minha mãe, talvez pudesse me dizer como apanhar esse peixe da sorte e do amor.

Ela ficou em silêncio por um bom tempo e depois balançou a cabeça.

— Não sei nada sobre como apanhar peixes. Você deveria perguntar isso a um pescador. Talvez um dos pescadores do lago Natron pudesse lhe ensinar.

Ele a olhou com espanto e depois bateu na testa.

— Tonto! — exclamou. — Oh, Mama, seu filho é um tonto! O lago Natron! Claro! As redes de pesca! Era isso que tentava me dizer!

Leon deixou Loikot e Ishmael na montanha e partiu rapidamente com Manyoro para o Acampamento Percy. Queria manter a carga do avião leve para aterrissar na montanha com o mínimo de peso.

Do Acampamento Percy foram quase imediatamente para o lago Natron. Dessa vez Leon não se arriscou a outra aterrissagem sobre terreno mole. Pousou o Borboleta sem perigo sobre a superfície firme da salina seca. Com a ajuda de Manyoro, negociou com o chefe da aldeia de pescadores e finalmente comprou dele quatro redes velhas e danificadas, cada uma com cerca de duzentos passos de comprimento. Como não haviam sido usadas ultimamente, estavam secas e cheias de pó, o que pôs à prova a potência dos motores Meerbach do Borboleta. Leon precisou fazer quatro voos para levar uma rede de cada vez. Cada pouso foi uma prova de sua destreza como piloto. Teve de aproximar o Borboleta rápido para mantê-lo exatamente acima da velocidade de voo e fazer uma descida que levou ao limite a resistência do trem de aterrissagem.

Na tarde do segundo dia, as quatro redes já estavam estendidas em terreno aberto. Juntaram e costuraram duas a duas, de modo que formaram um par de redes, cada conjunto de duas com uns quatrocentos passos de comprimento.

Não havia oportunidade para praticar ou experimentar decolar com o uso das redes. Iam entrar diretamente em ação contra o Assegai e só teriam uma chance de

desprendê-las com sucesso. Leon esperava poder, no primeiro ataque, enroscar as hélices dos dois motores de trás do dirigível e fazê-lo diminuir a velocidade, para poder voltar à pista de pouso do Lonsonyo e carregar a segunda rede para outro ataque.

Um dos muitos aspectos críticos do plano era envolver as redes de tal maneira que pudessem soltá-las para trás a partir do dispositivo para bombas do Borboleta de modo ordenado. Depois, uma vez que Leon tivesse enroscado as hélices do dirigível na malha, devia poder soltar a rede de seus ganchos antes que o Borboleta fosse arrastado por ela. Tinha de escapar sem problemas. Se não pudesse se afastar, seu avião seria arrastado pelo rabo atrás do dirigível danificado. Suas asas e a fuselagem se romperiam sob o efeito das forças antinaturais que se abateriam sobre eles. Havia tantas imponderáveis que tudo ia depender de conjecturas, trabalho em equipe, reações rápidas diante de qualquer imprevisto e uma incalculável quantidade da tradicional boa sorte.

Ao entardecer do quarto dia, o Borboleta estava na cabeceira da curta pista de terreno limpo com o nariz apontando para a vertente abaixo, que terminava na parede do despenhadeiro que caía abruptamente no final da pista de aterrissagem.

Vinte carregadores estavam a postos, prontos para atirar seu peso atrás do avião e dar-lhe um empurrão de arranque para descer a vertente.

Ao amanhecer e ao anoitecer, todos os dias, Loikot, de pé nas alturas do Lonsonyo, intercambiava gritos com seus companheiros chungajis ao largo e ao longo do país dos massais. Parecia que os olhos de cada morani do território estavam fixos no céu do norte, cada um com esperança de ser o primeiro a descobrir a aproximação do monstruoso peixe prateado.

Leon e sua tripulação estavam sentados sob um abrigo rudimentar de palha para se proteger do sol, ao lado da fuselagem do Borboleta. Quando chegasse o momento, poderiam estar em suas posições na cabine em questão de segundos. Naquele momento, não havia outra coisa a fazer senão esperar.

Parecia uma parede contínua e sólida no céu que se estendia pelo horizonte oriental e se elevava do solo pardo do deserto ao azul leitoso do céu. Eva estava sozinha na cabine de comando do Assegai. O dirigível permanecia em terra, ancorado durante o dia, e ela fazia seu turno de guarda como qualquer um dos oficiais. Todos os demais membros da tripulação descansavam ou dormiam depois do voo noturno, ou se ocupavam de cuidar dos motores principais. O Graf Otto estava em seu gabinete, que abrigava o motor dianteiro de bombordo. Apesar das quatro horas de esforços denodados, ele e seus homens ainda não conseguiam fazê-lo arrancar e haviam se dado conta da dimensão do dano. Tinham tirado a caixa da manivela para chegar à raiz do problema.

Eva sabia que dar o alarma não era uma decisão que se podia tomar às pressas.

Vacilou alguns minutos mais, porém, no curto tempo que o horizonte oriental ficara oculto pela parede amarela que se aproximava, a velocidade de seu avanço era surpreendente. Conseguiu ver que ela já não era sólida, mas que girava sobre si mesma, como uma densa nuvem de fumaça amarela. De repente, soube do que se tratava. Havia lido algo sobre ele em livros escritos por viajantes do deserto. Era um dos fenômenos naturais mais perigosos.

— Khamsin! — sussurrou e lançou-se para o outro lado da ponte, até o telégrafo principal da nave. Apertou a manivela, e o chamado das sirenes de emergência encobriu qualquer outro ruído.

Na cabine principal, os membros da tripulação saltaram de seus colchões, ainda meio dormindo, e puseram-se a observar a tormenta de areia que se aproximava. Alguns ficaram atônitos e em silêncio diante de seu tamanho e ferocidade, enquanto outros falavam confusamente entre si, dominados pelo pânico e pela confusão.

O Graf Otto subiu correndo pela escadinha do gabinete do motor danificado. Olhou para a tormenta só por um segundo antes de assumir o controle. Em alguns minutos, dois ou três motores úteis estavam funcionando, e ele fez um sinal para a equipe de ancoragem para que soltassem o cabo de amarração de proa.

O terceiro motor da cabine dianteira de bombordo permaneceu em silêncio. O engenheiro ainda não conseguira fazê-lo funcionar.

— Assuma o comando, Lutz! — gritou. — Preciso descer e fazer esse motor arrancar. — Saiu correndo para a passarela aberta e desapareceu pela escadinha até o gabinete onde estava o motor.

Lutz correu para o painel de controle e abriu as oito válvulas de gás. O hidrogênio começou a encher as câmaras de gás do Assegai, e ele levantou o nariz com tal violência que Eva e os homens que não estavam segurando em nada foram lançados ao chão enquanto o dirigível entrava numa subida com o nariz para o alto, com catorze mil metros cúbicos do leve gás que o empurrava para cima.

A pressão atmosférica caiu tão rapidamente que a agulha do barômetro girou loucamente sobre o mostrador do instrumento. Lutz, o comandante da embarcação, que sofria de uma infecção de ouvido, gritou de dor e levou as mãos às orelhas. Um fino fio de sangue desceu por seu rosto, pois um tímpano se rompera. Ele dobrou as pernas e caiu de joelhos. Não havia nenhum oficial na ponte que pudesse substituí-lo, por isso Eva fez um esforço para se pôr de pé e, arrastando-se pelo corrimão, chegou até onde Lutz estava antes que ele perdesse os sentidos por causa da dor.

— O que devo fazer? — gritou ela.

— Descarregar! — gemeu o homem. — Solte o gás de todas as câmaras. Manivelas vermelhas!

Ela estendeu a mão e com toda a sua força abaixou todas. Ouviu o barulho do gás escapando pelas aberturas principais mais acima. O dirigível vibrou e corcoveou,

mas sua subida sem controle se estabilizou, e a agulha do barômetro diminuiu a velocidade de seu giro desenfreado.

O Graf Otto, que já descera, estava nesse momento na passarela aberta, pendurado no corrimão lateral, enquanto as manobras violentas do Assegai ameaçavam lançá-lo ao espaço como se ele fosse uma pedra atirada por uma funda. Estava a quinze metros de Eva e gritou para ela com urgência:

— Os dois aceleradores de estibordo, ao máximo!

Ela obedeceu instintivamente, e os motores retumbaram, fazendo que o nariz do dirigível girasse em sentido contrário. Por alguns momentos ele se estabilizou o suficiente para que o Graf Otto saísse de sua posição mortal; ele soltou o corrimão e correu rapidamente pela passarela. Atravessou como um raio a porta principal, enquanto o Assegai começava a girar no sentido horário. Chegou ao lado de Eva e se apoderou dos controles. Seus movimentos eram rápidos e coordenados com os do Assegai. Acalmou o grande dirigível como se fosse um cavalo desembestado, mas antes de conseguir estabilizá-lo ele já subira a quatro mil e duzentos metros e estava sendo terrivelmente açoitado pelas rajadas do khamsin. No entanto, a força máxima da tormenta passou por baixo do casco e o deixou a dois mil e setecentos metros, deslocando-se para o sul em equilíbrio estável. Fora castigado pelo vento. O motor dianteiro de bombordo estava danificado além de qualquer esperança de conserto, e várias barras transversais na estrutura das câmaras de gás se haviam quebrado. A cobertura estava inchada nesses lugares frágeis, mas continuava avançando a oitenta nós, e a carga ficara presa em seu lugar.

Mais adiante, começava-se a ver a linha do Nilo, que serpenteava pelo deserto. Repentinamente, o rádio fez alguns ruídos, e o Graf Otto se sobressaltou, surpreso. Aquela era a primeira comunicação que faziam desde que haviam cruzado a costa do Mediterrâneo.

— É a rádio naval da baía Walvis, na costa sudoeste. — O operador levantou a vista do equipamento. — Estão solicitando um contato seguro com o Graf Von Meerbach. Têm uma mensagem ultrassecreta e urgente para o senhor.

O Graf Otto passou o leme para Thomas Bueler, o primeiro oficial, e pôs os fones de ouvido. Mexeu no controle para que só ele pudesse ouvir a transmissão. Escutou atentamente. Sua expressão se anuviou, e ele ficou vermelho de raiva. Quando terminou a comunicação, foi para junto da janela da frente e olhou para o portentoso rio que corria lá embaixo, até que por fim pareceu ter chegado a uma difícil decisão, grunhindo bruscamente para Bueler:

— Em dez minutos, reúna toda a tripulação da nave na sala de controle. Quero todos sentados em duas fileiras no centro do convés, olhando para frente. Vou fazer um anúncio importante. — Saiu ruidosamente e se dirigiu à diminuta cabine que dividia com Eva.

Quando apareceu, Eva estava dominada pelo medo. Ele havia trocado a mão artificial. Em vez do indicador e do polegar de aço, estava usando a ameaçadora clava de pontas. A tripulação também ficou olhando para a estranha arma, que ele em nenhum momento tentou esconder, enquanto ocupava seu lugar diante das duas fileiras de homens sentados. Olhou para eles furioso e em silêncio até que todos começaram a transpirar e a se mexer, inquietos. Então disse, num tom duro e gelado:

— Cavalheiros, temos um traidor a bordo.

Deixou que pensassem por um momento nisso e depois continuou:

— O inimigo foi alertado sobre nossa missão. Foi informado sobre nosso curso e nossos movimentos. Berlim nos ordenou que cancelemos a operação.

Repentinamente, levantou o punho armado e golpeou a mesa de mapas. O painel se fez em pedaços.

— Não vou voltar! — gritou. — Sei quem é esse traidor. — Caminhou pela primeira fileira de pessoas sentadas e parou atrás de Eva. Ela sentiu que se encolhia por dentro e se armou de coragem. — Não sou um homem que perdoe facilmente uma traição. O traidor está prestes a saber disso. — Ela queria gritar, correr até a passarela e lançar-se pela lateral do dirigível a uma morte rápida e limpa, antes de ser mutilada e esmagada por aquele punho de aço.

Ele tocou suavemente sua cabeça. — Quem é? Vocês devem estar se perguntando — sussurrou.

Ela abriu a boca para desafiá-lo, incitá-lo a mostrar o pior de si. Então, ele tirou a mão de sua cabeça e avançou, caminhando ao longo da fileira. Eva sentiu a bÍlis quente e amarga subir-lhe à garganta e precisou de todas as forças para não vomitar, aterrorizada.

No final da fileira, o Graf Otto deu a volta e retornou para o lado dela. Eva sentiu que suas entranhas se enchiam de água quente e ela tinha de expulsá-la. Ele interrompeu os passos, e ela respirou com um estremecimento. Parecia que estava bem atrás dela outra vez. Ouviu o golpe e quase gritou. O som não foi tão forte quanto o que despedaçara a mesa de mapas. Foi um ruído abafado, surdo, úmido, e ela claramente ouviu o barulho de ossos se quebrando. Virou-se de repente, no momento em que Hennie du Rand caía de bruços. O Graf Otto estava de pé acima dele e o golpeava com o punho de ferro várias vezes, levantando a clava bem alto e pondo nela toda a sua força a cada golpe. Quando voltou a se erguer, respirava agitado, e seu rosto estava salpicado de sangue.

— Joguem o cão imundo pela borda — ordenou em tom mais suave. Estava sorrindo. — São sempre aqueles em quem mais se confia que nos traem. Repito, cavalheiros, não vamos voltar. Mas não podemos permitir que nossa carga caia nas mãos dos ingleses. Se mantivermos a velocidade, amanhã por volta do meio-dia chegaremos a Arusha, em território alemão, e estaremos a salvo do pior.

Retirou-se lentamente da cabine, e Eva cobriu os olhos com as mãos quando dois tripulantes pegaram nos tornozelos de Hennie e arrastaram seu cadáver até a passarela. Os dois o levantaram sobre o corrimão e o deixaram cair no vale do Nilo, bem abaixo. Eva se pegou chorando em silêncio, e cada lágrima parecia queimar-lhe os olhos como a picada de uma abelha.

A lua estava cheia, e, quando Eva acordou e foi para o local de observação, ela brilhava como uma moeda de ouro sobre a parede mais alta da escarpa. Ela a viu mergulhar abaixo do horizonte escuro, envolta numa guirlanda de nuvens que vinham do oceano Índico empurradas pelo vento de monção. Antes que desaparecesse totalmente, os primeiros raios do sol nascente se refletiram na superfície curva e prateada do dirigível, e pouco a pouco os detalhes da paisagem foram reaparecendo da escuridão. Então seu coração começou a bater contra as costelas ao ver a imagem familiar do monte Lonsonyo, que começava a tomar forma diante de seus olhos. Tinha cada detalhe gravado na memória. Reconheceu os despenhadeiros avermelhados acima da piscina da rainha de Sabá e viu que as águas espumantes brilhavam ao toque dos primeiros raios de sol. Era como se Texugo estivesse ali com ela outra vez. Em sua lembrança, via cada ângulo e saliência de seu peito nu enquanto ele, de pé sob a água que caía da cascata, a desafiava a ir até ali.

"Oh, meu querido, onde você estará agora? Será que voltarei a vê-lo?", lamentou-se consigo mesma.

Então, como por milagre, ele estava ali diante dela, tão perto que se ela estendesse a mão poderia tocar seu belo rosto bronzeado de sol. Ele tinha os olhos fixos nos dela. Foi apenas um instante fugaz, mas ela teve certeza de que ele a reconheceria. E então se foi, tão subitamente como tinha vindo.

Leon ainda dormia, enfiado sob as cobertas. Ouviu vozes distantes através dos últimos fragmentos do sonho: era o chamado dos chungajis no silêncio do amanhecer. Algo em seu tom o deixou alerta. Estava se esforçando para despertar quando Loikot começou a sacudir-lhe os ombros.

– M'bogo! – Sua voz soava emocionada. – O peixe de prata vem vindo! Os chungajis o viram. Vai estar aqui antes que o sol se separe do horizonte.

Leon se levantou de um salto e num instante estava completamente acordado.

— Arranque! — gritou para Manyoro. — Número um de bombordo. — Levantou a asa baixa do Borboleta e depois se enfiou na cabine, pulando pela borda. — Deixe sugar! — gritou e preparou o carburador.

A máquina parecia tão ansiosa pela caçada quanto ele. Os motores pegaram e entraram em funcionamento ao primeiro movimento da hélice. Enquanto esperava que esquentassem e atingissem a temperatura ideal, Leon olhou para o céu. Pelas nuvens, percebeu que vinha do oceano uma forte brisa, soprando diretamente pela pequena e estreita pista de pouso. Era o vento perfeito para decolar. Parecia que os

deuses da caça já estavam sorrindo para ele.

Loikot e Ishmael subiram à cabine, e, quando Manyoro subiu atrás deles, parecia não haver espaço para todo mundo. Leon acelerou, e o Borboleta avançou. Os carregadores massais, que estavam nas extremidades das asas, o fizeram girar para alinhá-lo com a pista de pouso e, logo que chegou ao máximo da aceleração, empurraram com toda a sua força as bordas traseiras das asas. O Borboleta acelerou rápido, mas não o suficiente, porque estavam abaixo da velocidade de voo quando chegaram ao final da pista de aterrissagem, onde a parede do despenhadeiro caía reta. O instinto de sobrevivência de Leon lhe indicava que apertasse fortemente os freios das rodas para salvá-los da queda, mas ele o ignorou e manteve o avião no máximo da aceleração. Os motores roncavam no mais alto volume, e nesse momento ele sentiu uma corrente de ar mais forte bater em seu rosto. Era uma rajada isolada, inesperada. Sentiu que ela soprava por baixo das asas do Borboleta e lhe dava um suave impulso. Por um instante pensou até que isso não seria suficiente. Sentiu que uma asa pendia quando o avião cambaleou, chegando a parar e fazendo o nariz ir para baixo sem piedade. Percebeu que o aparelho mordida o vento, e de repente estavam voando. Manteve o nariz para baixo enquanto sua velocidade de voo disparava a cem nós; então puxou para trás a alavanca de controle. O Borboleta subiu valentemente, mas Leon estava sem fôlego de medo. Por um momento haviam estado à beira da morte.

Deixou para trás o medo e olhou para frente. Todos viram ao mesmo tempo o enorme peixe prateado, que brilhava com a primeira luz do sol. Achava que estava preparado para essa primeira visão, mas não foi assim. Só o tamanho do Assegais surpreendeu Leon. Ele estava dezenas de metros abaixo do Borboleta e quase passara pelo lugar onde eles estavam. "Mais alguns minutos e os teríamos perdido para sempre", pensou. Mas o Borboleta estava numa posição perfeita para enfrentar o dirigível. Estava em cima e atrás dele, localizado exatamente em seu ponto cego. Então, Leon inclinou o nariz do avião para baixo e se lançou ao ataque. Ao se aproximar dele rapidamente, parecia que tinha aumentado de tamanho, até que encheu por completo seu campo de visão. Leon percebeu que um dos motores dianteiros já estava fora de serviço, com a hélice imóvel e na vertical, rígida como um sentinela em guarda. Os dois motores de trás estavam em suas gôndolas precisamente abaixo e à popa da cabine de passageiros e de carga. Leon estava tão absorto que quase se esqueceu de dar a ordem para que a tripulação lançasse a rede para prendê-lo.

Sabia que esse era um dos momentos mais críticos do plano. Era muito fácil enredar o patim antiderrapante da cauda ou o trem de pouso quando a rede fosse para trás para se estender. Mas o vento de monção que vinha do leste empurrava suas pesadas dobras suavemente para um lado, de modo que ela se estendia

perfeitamente por cento e vinte metros atrás do Borboleta. Deixou que ele deslizasse por um lado da câmara de gás do dirigível, adiantando-se lentamente, até que ficou voando no mesmo nível da cabine de observação e da ponte de comando.

Surpreendeu-se ao ver seres humanos vivos atrás das janelas de vidro. De algum modo, o dirigível parecia ter uma monstruosa vida própria, totalmente divorciada de qualquer coisa humana. No entanto, ali estava o Graf Otto von Meerbach, a apenas quinze metros de distância, olhando-o com uma expressão de indignação, com a boca movendo-se em silêncio enquanto gritava obscenidades que se perdiam sob o rugido dos motores. Então deu meia-volta e correu para pegar a metralhadora montada no ângulo da ponte.

Leon ficou paralisado pela comoção ao ver Eva parada atrás do alemão. Por um instante fitou seus olhos cor de violeta, que por sua vez lhe devolviam um olhar perplexo. O Graf Otto estava retirando a trava da carga e fazendo girar o dispositivo de refrigeração da arma para ele, mas Leon virou bruscamente e conseguiu erguer a asa do Borboleta no momento exato em que o Graf Otto disparava a primeira rajada. Os dois motores traseiros do Assegai pendiam vulneráveis sob a quilha. Leon olhou para trás, para a longa rede que ondulava arrastada pelo Borboleta, e depois, calculando com cuidado os ângulos relativos e a velocidade das aeronaves, arrastou a rede sobre as paletas da hélice dos motores do dirigível. Elas se engancharam neles e os envolveram em um instante, formando umas bolas apertadas que os afogaram. Isso se passou tão rapidamente que quase o pegou desprevenido.

— Solte-a! — gritou Leon para Manyoro, que reagiu rapidamente, movendo com ambas as mãos a alavanca de lançamento. Os ganchos se abriram, deixando que a pesada corda caísse perfeitamente, um instante antes de poder arrastar o Borboleta. O enorme leme em forma de rabo de peixe do dirigível roçou a asa superior quando passou sobre eles. E logo o Borboleta estava livre. Leon manobrou e voltou a subir à posição acima e atrás do Assegai, mantendo-se no ponto cego. As rajadas de balas da metralhadora Maxim haviam passado muito perto. Não ia cometer esse erro de novo.

Viu que saía fumaça dos motores traseiros do dirigível. A rede e as pesadas linhas de arrastão estavam tão enredadas na ponta dos eixos das hélices e das outras peças móveis que ambos haviam travado até parar. O Assegai já não respondia a seu leme.

O único motor dianteiro que funcionava não tinha potência suficiente para suportá-lo contra o vento lateral de monção e começou a virar com brusquidão, apontando diretamente para a parede da escarpa rochosa do monte Lonsonyo. O piloto estava dirigindo com o acelerador ao máximo, e a tensão era excessiva. Nesse momento, o motor sobrevivente, ao ir se reaquecendo, começou a soltar uma fumaça azul sob a capa que o cobria.

O Graf Otto atravessou correndo a sala de controle, pegou o piloto pelos ombros

e o atirou para um lado. Ele se estatelou contra a janela da frente antes de cair no chão. O sangue saía aos borbotões de seu nariz quebrado. O Graf Otto pegou o leme e olhou para os despenhadeiros. Estavam a apenas oitocentos metros de distância, pelo menos trezentos metros abaixo do topo, e a única maneira de evitar chocar-se contra eles era inflar as câmaras de gás ao máximo e fazê-lo subir o mais rápido possível para tentar passar por cima. Ele procurou a válvula de controle e a abriu completamente.

Em vez do ruído do jato de hidrogênio passando pelos tubos de injeção, ouviu-se um fraco assovio pouco consistente, e, embora o dirigível estremecesse, mal subiu.

— Os tanques de hidrogênio estão sem pressão! — gritou, frustrado. — Usamos todo o gás no deserto para nos proteger do khamsin. Jamais conseguiremos nos salvar. Vamos nos chocar diretamente com o barranco. Teremos de saltar. Ritter, traga os paraquedas. Há suficientes para todos.

Ritter encabeçou uma corrida até o depósito atrás da ponte e eles começaram a jogar os paraquedas por uma porta, fazendo uma pilha no chão. Instalou-se um tumulto ocasionado pelo pânico, enquanto os homens brigavam para se apoderar deles. O Graf Otto abriu passagem aos empurrões e pegou um em cada mão. Voltou correndo para junto de Eva.

— Ponha isto!

— Não sei como fazer isso – protestou ela.

— Bem, você tem aproximadamente dois minutos para aprender — disse ele de modo ríspido e pôs o paraquedas em seus ombros. — Assim que estiver fora do dirigível, conte até sete e puxe este cordão. O paraquedas fará o resto. — Ajustou as correias sobre o peito. — Assim que chegar ao solo, abra estas fivelas e livre-se do tecido.

Abotoou seu próprio paraquedas e a mochila de provisões e arrastou Eva até a porta, que já estava bloqueada pelos homens que tentavam sair.

— Otto, não consigo fazer isso – gritou Eva, mas ele não discutiu com ela. Pegou-a pela cintura e a arrastou, lutando corpo a corpo para chegar à porta.

Afastou a pontapés os dois homens que estavam diante dele e, mal abriu a porta, lançou Eva para fora. Enquanto ela caía, ele gritou:

— Conte até sete, depois puxe o cordão.

Ele a viu cair nas copas altas da selva tropical. No momento em que parecia que ia se chocar contra os galhos, seu paraquedas se abriu de repente e a puxou com tanta força que ela ficou balançando pendurada nas correias como uma marionete. Ele não esperou para vê-la tocar o chão. Saltou para o espaço e se lançou na direção das árvores.

Leon levou o Borboleta a uma manobra ajustada por cima do despenhadeiro e olhou para baixo, para os corpos que saíam amontoados pela escotilha da cabine de

controle do dirigível. Viu pelo menos três paraquedas que não se abriram e os homens caindo de braços e pernas em movimento, até se chocar contra as copas das árvores.

Outros com mais sorte foram levados pelo vento de monção e espalhados por toda a escarpa. Então, viu Eva em queda livre, menor e mais magra que qualquer dos outros tripulantes. Mordeu o lábio com força enquanto esperava que seu paraquedas se abrisse, gritando aliviado quando a seda branca se abriu sobre ela. Estava já tão baixo que em poucos segundos se perdeu na densa floresta verde.

O Assegai continuava flutuando de nariz para o alto e movendo-se sem rumo ao vento. Embora subisse lentamente, Leon se deu conta de que ele nunca ia chegar acima do despenhadeiro. Sua cauda tocou as árvores e girou abruptamente. Como uma medusa, rodou para um lado, e suas câmaras de gás, grandes como cavernas, se enroscaram nos galhos superiores das árvores, arrebatando-se e fazendo o dirigível se desinflar como um balão furado. Leon se preparou para a explosão de hidrogênio que ocorreria a seguir – só faltava uma chispa dos geradores avariados –, mas nada aconteceu. Enquanto o gás saía jorrando e era disperso pelo vento, o Assegai se transformava numa montanha disforme de tecido e outros restos de material nas copas das árvores da selva, quebrando até os galhos maiores sob seu enorme peso.

Leon fez o Borboleta dar uma volta num ângulo fechado, para voar poucos metros acima do ponto onde o dirigível caía. Tentou ver algo na selva, esperando ansiosamente poder descobrir onde estava Eva, mas não conseguiu ver nada. Deu outra volta e passou por ali novamente. Dessa vez viu um corpo pendendo sem vida das correias de um paraquedas cuja seda estava enredada nos galhos altos de uma árvore. Estava voando tão baixo nesse momento que conseguiu reconhecer o Graf Otto.

"Está morto", pensou Leon. "Finalmente, quebrou o maldito pescoço."

Depois o Borboleta ficou diretamente em cima dele, e sua asa mais baixa lhe bloqueou a visão, impedindo-o de ver que o Graf Otto levantava a cabeça para olhar o avião.

Leon voltou e pôs o avião em posição de subida até a pista de pouso, mantendo-se em voo baixo pela parede do despenhadeiro para não perder um momento. Queria voltar e encontrar Eva. Ao voar junto à cascata branca e olhar para baixo, para a piscina da rainha de Sabá, verificou seus pontos de referência cuidadosamente. Estava a poucos minutos de voo dos restos do Assegai, mas sabia que cobrir a mesma distância a pé seria uma caminhada pesada. Mal aterrisou e desligou os motores, enfiou a mão sob o assento e tirou a caixa da arma. Com três rápidos movimentos, armou a culatra e os canos e carregou as recamaras de seu enorme Holland. Depois estirou as pernas de um lado da cabine e saltou para terra, gritando ordens para os moranis que esperavam e corriam para se encontrar com ele.

— Rápido! Peguem as lanças. A mensahib está por aí, sozinha na selva. Pode estar ferida. Temos de encontrá-la rápido. — Correu ladeira abaixo, saltando por entre os arbustos.

Os guerreiros que o seguiam tiveram dificuldade para não perdê-lo de vista por entre as árvores.

Eva balançava loucamente, pendurada nas correias do paraquedas, enquanto as copas das árvores da selva se aproximavam para recebê-la. Chocou-se contra os galhos mais altos, e os menores foram se quebrando ruidosamente em torno de sua cabeça. Cada vez que se chocava com outro galho sua velocidade diminuía um pouco mais, até que chegou ao chão numa pequena clareira na descida.

A vertente era inclinada, de modo que ela começou a rolar, batendo a cabeça e os calcanhares, até parar numa área pantanosa. Lembrou-se do conselho do Graf Otto e abriu desesperadamente as fivelas do paraquedas, até que conseguiu se soltar. Pôs-se de pé com cuidado e examinou o corpo em busca de lesões. Tinha alguns arranhões nos braços e nas pernas, assim como algumas contusões na nádega esquerda, mas lembrou-se do terror de ser lançada fora do dirigível e se deu conta da sorte que tivera.

Ajeitou os ombros e levantou o queixo.

"E agora? Como encontrarei Texugo? Se pelo menos tivesse alguma ideia de onde veio, mas ele apareceu de repente!", pensou e em seguida atinou com a resposta: "A piscina da rainha de Sabá, é claro! É o primeiro lugar onde ele vai me procurar".

Conhecia bem o terreno porque ela e Leon haviam caminhado por ali em suas excursões pelos penhascos durante os meses encantados que haviam passado na manyatta de Lusima. Nesse momento, uma súbita visão da parede do despenhadeiro através da floresta a ajudou a se orientar e localizar onde estava.

"A cascata deve estar a poucos quilômetros ao sul", pensou.

Pôs-se então a caminho, usando a direção da vertente para se guiar e mantendo a linha do despenhadeiro à direita. Mas parou de repente. Os arbustos a sua frente se agitaram, e uma horrível hiena saiu do mato com um pedaço de carne pendurado nas mandíbulas.

Eva avançou com cuidado e encontrou o cadáver de Thomas Bueler, o primeiro oficial, estendido sobre os arbustos. Ele era um dos homens cujo paraquedas não se abrira. Reconheceu-o pelo uniforme. Seu rosto estava desfigurado. A hiena o havia despedaçado quase por completo. A pequena mochila ajustada na parte da frente do paraquedas de Bueler devia ter enredado os cordões, razão pela qual ele falhara ao se abrir. Talvez ela contivesse algo que a ajudasse a sobreviver, só e desarmada, na montanha.

Ajoelhou-se ao lado do cadáver, esforçando-se para não olhar para seu rosto mutilado enquanto abria a mochila. Encontrou nela um pequeno estojo de primeiros

socorros, vários pacotes de fruta desidratada e carne defumada, uma caixa de fósforos e uma pistola Mauser 9 mm em sua caixa de madeira, com dois carregadores de munição de reposição – coisas de um valor inestimável. Desenredou a correia da mochila do arnês do paraquedas e a pendurou no ombro, levantou-se e seguiu pela trilha dos animais. Então ouviu a voz de Otto uns setecentos metros à frente, pedindo ajuda. Os gritos de dor vinham de um ponto logo acima da vertente.

— Ninguém está me ouvindo? Ritter! Bueler! Venham! Estou precisando de ajuda.

Ela saiu da trilha e dirigiu-se cuidadosamente para o lugar de onde vinha a som. Quando ele gritou de novo, ela olhou para cima e o descobriu. Estava dependurado a grande altura nas copas das árvores. Os cordões do paraquedas haviam se enredado em um galho grande, e ele estava dependurado a mais de vinte metros de altura, balançando de um lado para outro. Tentava se agarrar no galho em que estava suspenso, mas não conseguia dar o impulso necessário para isso.

Eva olhou cuidadosamente a sua volta. Não se via ninguém da tripulação do Assegai. Estava a ponto de prosseguir e continuar em sua fuga quando ele a descobriu.

— Eva! Graças a Deus você chegou! — Ela parou. — Venha, Eva, precisa me ajudar a descer. Se eu abrir o arnês, vou me matar na queda. Mas tenho uma corda leve na mochila. — Enfiou a mão nela e tirou um pedaço de corda de juta. — Vou deixar cair uma ponta para que você a segure. Você precisa me aproximar do galho para que eu possa amarrá-la.

Ela permaneceu ali imóvel, fitando-o. Agora que ele sabia que ela sobrevivera, não podia abandoná-lo. Ele a seguiria. Não permitiria jamais que ela escapasse.

— Rápido, mulher! Não fique aí parada. Pegue a ponta da corda — gritou, impaciente.

Pela primeira vez em seu longo relacionamento, ele estava totalmente em seu poder — o homem que havia assassinado seu pai, que a havia humilhado e torturado física e mentalmente. Esse era o momento do castigo. Se o matasse, poderia apagar todas as suas lembranças. Ficaria limpa e íntegra.

Moveu-se com a lentidão de um sonâmbulo e se aproximou dele, enquanto enfiava a mão na mochila de Bueler.

— Isso, Eva, muito bem. Sei que sempre posso confiar em você. Pegue a corda.

Havia um tom de persuasão em sua voz que ela nunca ouvira. Todo o seu corpo foi tomado pela força da decisão. A culatra da pistola Mauser cabia perfeitamente em sua mão.

— Sou o anjo negro — sussurrou ao olhar para o homem que pendia indefeso acima dela. — Sou a vingadora. — Pegou a pistola e puxou a culatra para trás. Houve um agudo clique metálico quando ela a fez voltar ao lugar, introduzindo um projétil na câmara.

— O que está fazendo? — gritou o Graf Otto, consternado. — Largue essa arma! Alguém pode se ferir!

Lentamente, ela levantou a pistola e apontou.

— Pare, Eva! Em nome de Deus, o que está fazendo? — Nesse momento ela percebeu medo em sua voz.

— Vou matar você — respondeu ela em voz baixa.

— Está louca? Perdeu a razão?

— Perdi mais que a razão. Você me tirou tudo. Agora estou recuperando.

Disparou.

Não esperava que o ruído fosse tão forte, nem que o coice da pistola fosse tão doloroso. Havia apontado para seu negro coração, mas a bala o ferira no braço esquerdo, acima do cotovelo. O sangue lhe escorria pelo antebraço, gotejando pelas pontas dos dedos.

— Não faça isso, Eva! Por favor! Farei o que você quiser.

Ela disparou de novo, mas o tiro se desviou mais que o primeiro. Nem o tocou.

Não sabia como era difícil disparar com precisão com uma pistola àquela distância. O Graf Otto tentava se desviar, retorcendo-se e balançando de um lado para outro. Ela disparou uma, duas vezes. Ele gritava, aterrorizado.

— Pare! Basta! Eu a recompensarei, prometo. Você terá tudo o que quiser de mim.

Ela respirou fundo e procurou serenar as batidas de seu coração antes de apontar a pistola pela última vez... mas, antes que pudesse disparar, um braço forte a envolveu por trás e uma mão a agarrou pela munheca, fazendo-a abaixar a arma.

— Que bom vê-lo aqui, Ritter! — berrou o Graf Otto. — Segure-a com força. Espere que eu ponha as mãos nessa bruxa traiçoeira.

Ritter arrancou a pistola da mão de Eva, jogando-a no chão e pondo um joelho nas suas costas. Segurou as mãos dela por trás, enquanto um homem da tripulação a amarrava com meia dúzia de nós profissionais. Ritter lhe deu a pistola e ordenou:

— Dispare nela se lhe der motivo para fazê-lo. — Então correu para baixar o Graf Otto da árvore. Pegou a ponta da corda e puxou-a para um lado. O conde se agarrou num galho, depois se balançou até ficar sobre ele. Ali, desabotoou o arnês e o deixou cair. Ágil como um imenso macaco cor de gengibre, desceu ao chão pelo tronco. Parou por um minuto para recuperar o fôlego e logo caminhou lentamente até o lugar onde Eva jazia amarrada.

— Levante-a — ordenou ao tripulante — e segure-a firme. — Sorriu para ela e lhe mostrou o punho de metal. — Isto é para você, minha querida! — disse ele, atingindo-a. Calculou a força do golpe com cuidado. Não queria que ela morresse muito rápido. — Cadela! — exclamou, agarrando-a pelos cabelos e fazendo-a cair de joelhos. — Bruxa! Traidora! Agora me dou conta de que o tempo todo foi você e não o bôer, aquela patética criatura. — Empurrou seu rosto contra a terra molhada

pela chuva e lhe pôs uma bota na nuca. — Qual será a melhor maneira de matar você? Afogá-la no barro? Estrangulo-a lentamente? Ou martelo sua cabeça até transformá-la num purê? Decisão difícil. — Levantou seu rosto e olhou-a nos olhos. O sangue que saía de seu nariz se misturava com o barro, escorria por seu rosto e gotejava no queixo. — Já não parece tão bonita. Parece mais a putinha suja que você é.

Eva jogou a cabeça para trás e cuspiu nele.

Ele se limpou e riu dela.

— Isto vai ser muito divertido. Vou desfrutar cada momento.

Ritter deu um passo à frente e tentou intervir.

— Não, senhor. O senhor não pode fazer isso. Ela é uma mulher.

— Vou lhe mostrar que posso, comodoro. Olhe isto. — Levantou a mão metálica outra vez, mas, quando se inclinou sobre Eva, uma explosão ensurdecedora lhe atingiu os tímpanos: o característico ruído de um rifle Nitro Express .470. O Graf Otto foi jogado para trás, agitando os braços, quando uma pesada bala abriu passagem no centro de seu peito para sair como uma erupção por entre as omoplatas, numa fonte brilhante de sangue e tecido destroçado.

— Há outra bala para qualquer um que queira continuar discutindo o assunto. Mãos para cima, cavalheiros, por favor! — exclamou Leon em alemão, ao sair de entre os arbustos com Manyoro, Loikot e vinte moranis massais armados de afiadas assegais por trás deles. — Manyoro, amarre essas pessoas como frangos que vão para o mercado. Diga aos moranis que os levem ao forte do exército no lago Magali e os entreguem aos soldados — disse.

Então correu para onde Eva estava ajoelhada no barro. Tirou a faca de caça da bainha e cortou a corda. Depois levantou seu rosto.

— Meu nariz — sussurrou ela.

Ele beijou seus lábios ensanguentados e cheios de barro.

— Está quebrado, e você ficará com um encantador par de olhos arroxeados, mas nada que o Dr. Thompson não possa consertar assim que eu puder levá-la para Nairóbi. — Levantou-a e segurou-a com força contra o peito, enquanto começavam a seguir ladeira acima até chegarem ao lugar onde estava o Borboleta, na pista de pouso. Ali, colocou-a suavemente no chão. Ela tremia de comoção, e ele a cobriu com um pedaço de lona impermeável.

Quando se levantou, Lusima estava junto à fuselagem.

— Vou levá-la a Nairóbi — disse a Lusima. — Vou lhe pedir que faça um grande serviço por nós.

— Eu o farei, meu filho.

— O monstro prateado jaz avariado na vertente. Manyoro vai levar a senhora e seus moranis até lá.

— Eu te ouço, M'bogo, meu filho. — Ele falou rapidamente. Quando terminou, ela assentiu com a cabeça. — Farei o que me pede. Agora leve sua encantadora flor ferida a um bom lugar e cuide dela até que fique curada.

Passaram-se quatro anos quase exatos até voltarem à piscina da rainha de Sabá. Deixaram Lusima, Manyoro, Ishmael e Loikot no velho acampamento e chegaram sozinhos, a cavalo, à piscina. Leon se aproximou para ajudá-la a desmontar e a beijou antes de pô-la no chão.

— Viajante desconhecida — disse ele — como faz para ficar cada vez mais jovem e bonita a cada dia que passa?

Ela riu e levou um dedo à lateral do nariz.

— Salvo por uma marca ou protuberância aqui e ali.

Nem a medicina mágica do doutor Thompson havia podido devolver-lhe completamente a forma do nariz.

— Chama isso de pequena protuberância? — perguntou Leon, passando a mão por sua barriga. — E isto?

Ela olhou o próprio corpo com orgulho.

— Veja como cresce!

— Morro de ansiedade de vê-lo, Sra. Courtney. — Pegou-a pela mão e a levou ao lugar onde costumavam descansar na saliência de pedra. Sentaram-se um ao lado do outro e olharam para baixo, para as águas escuras.

— Aposto que você nunca ouviu o relato dos milhões perdidos de Meerbach — disse Eva.

— É claro que sim. — Seu rosto permaneceu inalterado. — É um dos grandes mistérios da África. Junto com as minas perdidas do rei Salomão e os milhões de Kruger que o velho presidente bôer fez desaparecer, adiantando-se ao exército de Kirchener quando entrou em Pretória.

— Você acredita que alguém resolverá o mistério logo?

— Talvez hoje — respondeu ele. Levantou-se e começou a desabotoar a camisa.

— Ficou aqui durante quase quatro anos. E se alguém já o encontrou? — perguntou ela, e seu humor leve começou a desvanecer.

— Isso nunca poderia ter ocorrido — tranquilizou-a ele. — Lusima Mama lançou uma maldição sobre a piscina. Ninguém se atreveria a entrar nela.

— Mas você não tem medo? — perguntou ela.

Ele sorriu e tocou o pequeno amuleto entalhado que trazia pendurado ao pescoço num fio de couro.

— Lusima me deu isto. Vai me proteger da maldição.

— Você está inventando isso, Texugo — disse ela.

— Só há uma forma de demonstrar isso. — Ficou numa perna só para tirar a calça

e saltou da pedra para a água.

Ela se pôs de pé e gritou:

— Volte! Tenho medo de saber a resposta. E se tudo tiver desaparecido, Texugo?

Ele ficou flutuando na água e lhe sorriu do centro da piscina.

— Você é mesmo pessimista, meu amor. Em poucos minutos saberemos o pior ou o melhor.

Respirou fundo por quatro vezes e entrou de cabeça na água. Durante alguns segundos seus pés descalços patinaram na superfície da água, e ele logo desapareceu. Ia levar algum tempo para voltar à superfície.

Eva deixou que a mente devaneasse, lembrando os acontecimentos dos últimos quatro anos. Havia sido um tempo cheio de emoções e perigo, mas também de amor e risos. Ela havia ficado com ele a maior parte do tempo que ele permanecera com a cavalaria ligeira de Delamere na selva, em campanha contra Von Lettow Vorbeck, aquele velhaco astuto. Leon a ensinara a pilotar o Besouro e a ocupar as funções de observadora e piloto. A equipe formada por ambos ficou famosa.

Uma vez, quando Leon não estava a seu lado, ela havia aterrissado com seu avião sob intenso fogo dos alemães para resgatar quatro ascaris feridos. Lorde Delamere movera todas as instâncias possíveis para garantir que lhe concedessem a Medalha Militar.

"Mas agora a guerra terminou, e nós a vencemos. Vai me fazer bem ter um pouco menos de emoções e perigos e muito mais amor e risos", disse a si mesma.

Levantou-se de um salto quando Leon saiu da água e a borrifou.

— Dê-me as más notícias! — gritou.

Ele não respondeu. Nadou até a pedra abaixo dela, tirou a mão direita para fora d'água e lançou um objeto a seus pés. A pesada bolsinha de lona se abriu ao bater na rocha, deixando escapar moedas de ouro, que brilhavam à luz do sol. Eva deixou escapar um gritinho de emoção antes de cair de joelhos. Recolheu-as com as mãos em concha e olhou para Leon com uma dúvida silenciosa nos olhos.

— Algumas das caixas arrebentaram e se abriram, talvez quando os moranis de Lusima as deixaram cair na piscina do alto da cascata, mas parece que não falta nada ou quase nada. — Saiu da água deslizando como uma lontra, e ela deixou cair um punhado de soberanos de ouro para abraçar seu corpo frio e molhado.

— Não temos de devolvê-lo? — sussurrou ela em seu ouvido.

— Devolvê-lo a quem? Ao cáiser Guilherme? Creio que encerrou seu negócio há pouco tempo.

— Sinto tanta culpa! Ele não nos pertence.

— Por que não o considera o pagamento total e final de Otto von Meerbach pelas patentes que roubou de seu pai? — sugeriu Leon.

Ela recuou um pouco, mantendo-o à distância de um braço e fitando-o com ar

divertido. Então começou a sorrir.

— Evidentemente! Quando encaradas sob esse ângulo, as coisas são realmente diferentes — disse, rindo. — Não consigo encontrar nenhuma falha em seu raciocínio, meu querido Texugo!